Revista Lusitana

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

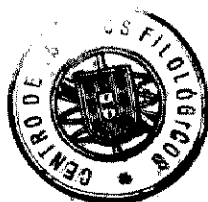
PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de algúns estrangeiros

POR

J. Leite de Vasconcellos

Medico pela Eschola do Porto, Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
e Conservador da mesma Bibliotheca



VOL. II

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª
SUCCESSORES DE CLAVEL & C.ª

1890-1892

Porto: Typ. de A. F. Vasconcellos — Sá Noronha, 51

CANCIONEIRO POPULAR DAS ILHAS DOS AÇORES

I. S. Jorge

1[*]

Eu devia de estar tola,
Quando para ti olhei;
Arvor' de tam pouca rama,
O amor que lhe tomei!

2

O' minha bella menina,
Quanto és, quanto me dóes;
Deita-te na minha cama,
Cobre-te co's meus lençoes.

3

Se eu fosse ave que voasse,
O's teus olhos ia ter,
Eu não sou ave que vôe
Nem azas posso fazer.

4

Já não quero mais amar
Nem a ti, nem a ninguem;
Já lhe botei minhas contas,
O amar nunca deu ganho.

5

Mais vale uma sáia velha
Feita de boa fazenda,
Que uma nova de baeta...
Nosso Senhor nos entenda.

6

E' de noite, faz escuro,
Rosa, chegae á janella;
E' estylo de quem ama,
Amar, fazer sentinella.

7

A castanha é boa fructa,
Come-se sem ir ao lume,
A menina da canada
Está morta de ciume.

8

Melro preto quando canta,
Põe o pé no alecrim,
Encosta-se á madre-silva
Dá combates ao jardim.

9

A você não heide amar,
Porque é homem casado,
Tem o seu corpo vendido,
Seu coração arrendado.

10

A viola quer que eu cant
As cordas que eu padeça,
O mancebo que a toca
Quer que por elle endoudeça.

11

Que festa fazem os mouros
Em dia de Sam João!
Correm todos a cavallo
Com cannas verdes na mão.

12

Todas as hervas são bentas
Na noite de Sam João,
Todas as ervas são bentas
Só a serpentina não.

13

Os meus olhos de pequenos
Perderam a venda agora;
Vae d'aqui um mercador,
Inda não ha meia hora.

14

A raiz da faia é forte,
Arrebenta pelas juntas;
A casa do Ouvidor
E' que se vae ás perguntas.

15

Não digas mal de Maria,
Que é menina como vós,
Se hoje dizes mal d'ella,
A'manhã dizem de vós.

16

Eu heide ir e heide vir,
A' porta me heide assentar;
Onde vir desconfiança
Alli é que heide porfiar.

17

De correr venho cansado,
De cansado me assentei;
Achei o que procurava,
Agora descansarei.

18

Passei pela manjerona,
Quatro ramos lhe apanhei,
Quatro sentidos que eu tinha,
Todos em ti empreguei.

19

Quero morrer, que é meu gosto,
Acabar, que é meu regalo;
Quero ser como a pombinha
Que morre ao desamparo.

20

Defronte de mim estão olhos,
Olhos que me maltratam
Stão-me atirando com setas
Que por Deus qu'rer me não matam.

21

Quem tem janellas de vidro
Não pode atirar pedradas;
Eu fui atirar ás vossas,
Achei as minhas quebradas.

22

O' meu amor, falla pouco,
Falla pouco, falla bem;
As paredes tem ouvidos,
Os [illegible] olhos [illegible] vêem.

23

Saudades te persigam,
Que venhas por hi além,
Que venhas dar um alivio
A quem tantas penas tem.

24

Mandaste-me vir á uma,
Ha duas que eu aqui estou;
Nunca soubeste dizer:
— Espera amor que eu já vou.

25

O amor do estudante
E' como a pomba ferida;
Pelo ar derrama o sangue,
Chega á terra, acaba a vida.

26

No tempo das favas verdes,
Todos tem umas favinhas,
Todos tem os seus amores;
Só eu stou torcendo linhas.

27

Zombando tomei amores,
Sem saber o que fazia;
Zombando fiquei com elles,
Stá galante a zombaria!

28

Coitado, o homem casado,
Que tem a familia junta;
A agua que tem em casa,
Para beber nunca é muita.

29

A oliveira na serra
Do vento é combatida;
Nunca pensei que estivesse
Comtigo o resto da vida.

30

Embarque, senhor, embarque,
Bote o pé, não molhe a meia,
Vá casar á sua terra,
Não case na terra alheia.

31

Quem vae para a terra alheia
Perde o brio, perde a graça;
Eu fui a que perdi tudo,
Que queres amor que te faça?

32

Eu hei-te amar até á morte,
Até depois de morrer;
Até lá, na outra vida,
Te heide amar podendo ser.

33

Não te faças mais do que eu,
Que não és menos nem mais;
Debaixo da terra fria,
Todos nós somos iguaes.

34

Eu heide fugir a meu pae,
Por aquella serra além;
Heide ir casar a meu gosto,
Nanja ao gosto de ninguem.

35

Ramalhete, fio d'ouro,
Aquelle que hoje vi,
Bocca pequena, bem feita,
Olhar porque me perdi.

36

Máriquinhas se gabou
Que eu lhe dei um cruzado;
Tambem m'ella deu um lenço
Em seda, todo bordado.

37

Numa ponta leva a lua,
Na outra o sol dourado,
No meio tem uma cruz
De Jesus crucificado.

38

Se fores domingo á missa,
Espera por mim no adro;
Quero deitar agua benta
Nesse corpo delicado.

39

Olha bem se te alembras
D'aquella noite na eira;
A lua por testemunha
Mais a estrella boeira.

40

O trevo diz que se atreve
A comer a folha ao trigo;
Tambem eu, meu bem, me atrevo
A tomar amores comtigo.

41

Atirei e não matei,
Oh mal empregado tiro!
Em tu teres outros amores
Eu d'isso não me admiro.

42

Os vossos olhos, Maricas,
Quando olham de repente,
Parecem chammas de fogo,
Que querem queimar a gente.

43

Eu não sei que ouvi agora,
Tão bem canta a bocca santa;
Quem me dera ser assucar
Que lhe adoçára a garganta!

44

Já te disse, larangeira,
Que não deitasses mais flores;
Podes passar sem laranjas,
Como eu passo sem amores.

45

Não ha cousa que mais custe
Que é amar uma mulher,
Em a vêr de nariz torto
Sem saber o que ella quer.

46

Os teus olhos, Mariquinhas,
Me estão commettendo guerra:
Eu adoro a Deus no céo,
E a Mariquinhas na terra.

47
Minha mãe está-me chamando,
Tal juizo de mulher!
Eu estou cá com Mariquinhas,
Eu heide ir quando quiser.

48
Eu subi á oliveira,
Nunca tão alto subi;
Se a oliveira é a morte,
Eu para morrer nasci.

49
Oliveira, minha amiga,
Eu serei teu companheiro,
Não me disponho a amar,
Sem ser amado primeiro.

50
Cada vez que me inclino
A' tua *rebal* cintura,
Entrego a alma a Deus
E o corpo á sepultura.

51
Os vossos olhos, menina,
Valem duzentos milhões:
O direito rouba amores,
O esquerdo, corações.

52
Se os meus olhos te namoram,
Vae-os pedir a meu pae;
Se elle te disser — ao longe...
Ao longe tambem se vae.

53
Quem casa na terra alheia,
Na sua tendo com quem,
Ou vae saír enganado,
Ou vae enganar alguem.

54
Tudo que é verde se séca
Lá para o fim do verão;
Tudo torna a enverdecer,
Só a mocidade não.

55
Quizera rasgar meu peito,
Mas não tenho canivete;
Para metter dentro d'elle
Quem dentro d'alma me mette.

56
Lindo passaro que cantaes
Em cima do pessegueiro,
Cantaes a vossa alegria
Eu canto o meu cativeiro.

57
Os meus olhos com chorar
Trazem a vista perdida;
Elles cuidam que em chorar
Que arremedeiam a vida.

58
Oh falsa, tres vezes falsa,
Que assim te quero dizer;
Quanto te deram por mim,
Quando me foste vender?

59
Eu sou cravo, tu és rosa,
Qual de nós valerá mais?
Eu sou cravo das varandas,
Tu és rosa dos quintaes.

60
João quero, João tenho,
João trago no sentido;
Por amor de ti, João,
Trago o meu somno perdido.

61
João, tres vezes João,
João tu és meu amor,
Nunca te heide despresar,
Prenda de tanto valor.

62
O meu amor é João,
Que uma 'çucena m'o disse
Passou pela minha porta
Olhou para mim e riu-se.

63

Manoel adormeceu
Entre canas e abrolhos;
Fui-o buscar em meus braços,
Era a vista dos meus olhos.

64

Vem, amor, para o meu peito,
Cae aqui nestes meus braços;
O amor, para ser firme,
Ao coração deita laços.

65

Quem perdeu o que eu perdi
Já não tem mais que perder;
Foi a vista dos meus olhos,
Nunca mais tornei a vêr.

66

Dois amantes que se amam,
Quando chegam a unir seu rosto,
Morrem de consolação
Não póde haver melhor gosto.

67

Já não quero mais amar,
Que eu do amar tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

68

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiram
São grilhões com que me prendem.

69

Adeus, adeus, vou-me embora,
Já perco de vista a terra;
Já não vejo senão mar,
Mais este pão que me leva.

70

O sol derreteu a neve
Que estava entre o tremoço;
Tambem derreteu a alvura
Que estava nesse teu corpo.

71

O meu bem ficou de vir,
Ou mandar o seu retrato;
Não veiu, nem o mandou,
Foi-me falso ao contracto.

72

Viva quem toca viola,
Viva quem a traz ao peito;
Viva quem te póde lograr,
Linda cara, amor perfeito.

73

Como juntos e unidos
Os teus cabellos estão!
Permitta o céo que se una
O meu ao teu coração.

74

Assentae-vos, descansae,
Que deveis de vir cansado,
Numa cadeirinha nova,
Feita da raiz do cravo.

75

Por aqui daremos volta
A' roda d'esta igreja;
Vamos vêr Nossa Senhora,
Nossa Senhora nos veja.

76

José, vosso pae não quer
Que vós meu amor sejaes;
Fazei-lhe as vontades todas,
Só essa não lh'a façaes.

77

Coitado, o pobre soldado,
Quando está de sentinella,
Vê passar a sua dama
Não póde fallar com ella.

78

Manoel, cachinho d'uvas,
Apanhado na parreira,
Não sei se te coma agora,
Se te guarde para a cêa.

79

Tenho fome, não de pão,
Tenho sêde, não de vinho;
Tenho fome de um abraço,
Tenho sêde de um beijinho.

80

O sol é o rei dos astros,
Principio do bem-querer;
Se t'eu não quisera bem,
Não gostava de te vêr.

81

Menina, se queres saber
Quem é o Espirito Santo:
Tem pés e bico vermelho,
O mais corpo é todo branco.

82

Maria, bonito nome,
Espelho da formosura,
Dá-me licença que eu abra
No teu peito a sepultura.

83

Laranjeira ao pé da neve
Tanta laranja que tem;
Debaixo ninguem lhe chega,
Acima não vae ninguem.

84

O sol cuida que me engana,
Eu sempre lhe ando a geito;
Quando sáe, eu estou na cama,
Quando se põe, já m'eu deito.

85

O meu amor me deixou,
Para amar outra mais rica;
Menos honra, mais fazenda...
Tudo em casa lhe fica.

86

O sol anda e desanda,
Dá voltas para se pôr;
Eu não ando nem desando,
Estou firme c'o meu amor.

87

Os lindos olhos que tendes
Se m'os podias vender,
Para fazer duas joias
Para ao meu peito trazer.

88

Pediste-me a mão direita...
Nem a esquerda te dou;
A direita já está dada
A quem primeiro fallou.

89

Minha mãe não quer que use
Esta moda que anda agora,
Um lencinho na algibeira
Com a pontinha de fóra.

90

Eu fui ao jardim dos cravos,
No primeiro dei um golpe;
Mais me custa a tua ausencia
Do que a minha propria morte.

91

Os cravos do meu craveiro
De bastos não engrandecem;
Não os dou a quem m'os pede,
Dou-os a quem os merece.

92

Tudo o que é verde se sécca
Com a quentura do verão;
Só o amor enverdece
Dentro do meu coração.

93

Desenrola o teu cabello,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

94

Olhae para o céo, vereis
A lua com seus signaes;
Palavras que daes a outro
São facadas que me daes.

95

Quando o silvado der uvas,
E a vinha der amoras,
Então te amarei, meu bem,
Que agora já não são horas.

96

Diga-me quem sabe amar
Qual custa mais a sentir:
Se é penar, viver ausente,
Se á vista não possuir?

97

Se me quiseres amar,
Hasde-me dar segurança,
Que não estou para estar no ar,
Como o ouro na balança.

98

Não posso deixar de amar-te,
Não ha fado mais tyranno;
Conhecer o proprio erro,
Viver no maior engano.

99

Tu dizes que não, que não,
Que não, que não póde ser,
A tua bocca ser fonte
Onde a minha vá beber.

100

A morte não é desgraça,
Que ella penas allivia;
A desgraça é viver
Sem a tua companhia.

101

Das filhas de minha mãe
Eu fui a mais infeliz;
Nada se faz pelo mundo,
Que não digam que eu que fiz.

102

Dae-me o sim e dae-me o não,
Tudo quero que me deis;
O sim... que amais a outro,
O não... que me não quereis.

103

Eu heide amar uma pedra
Por te não amar a ti,
Que a pedra não se demove,
Tu vaes-te, deixas-me aqui.

104

Quem era como eu era,
E se vê como eu me vejo!
Da vida não faço caso,
A morte já a desejo.

105

Encontrei-me c'um suspiro,
Logo disse que era vosso;
Recolhi-o no meu peito
Guarda-lo melhor não posso.

106

O tourilho é uma flôr
Que se dá sem maldade;
Em ti pus o meu sentido
Sem saber tua vontade.

107

Hei-te amar, se me amares,
Querer-te, se me quiseres;
Deixar-te, se me deixares...
Farei como tu fizeres.

108

Meu botãozinho de rosa,
Mimosinho no abrir;
Os olhos que tens no rosto
Deus m'os dera possuir.

109

O pico alto de neve
Ainda se não derreteu;
A palavra que me déste
Ainda nunca se esqueceu.

110

O pico alto de neve
Mais abaixo neve tem;
O amor por quem espero
Já hoje por cá não vem.

111
Eu hei-te amar, meu amor,
Corra a fama que correr,
Que eu tenho só uma vida,
Por ti a quero perder.

112

Morte, que andas pelo mundo,
Que fazes, que me não levas?
Levas as que são casadas,
Deixas as orfãs donzellas.

113

Dei um ai, tu não ouviste,
Dei outro, caíu-te ao pé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

114

Dae-me novas, dae-me novas
Do meu bem, se é que o vistes;
Dae-me novas mais alegres,
Que as que tenho são tristes.

115

Nem tudo que luz é ouro,
Nem prata o que o parece;
As falas de um lisongeiro
Cativam a quem não conhece.

116

Quem me dera ser faieira,
D'aquella mais pampelosa,
Que te fôra fazer sombra
Meu botãozinho de rosa.

117

Oh saudades tyrannas,
Não me mateis, esperae!
Quero chorar uma ausencia
Do meu amor que se vae.

118

Os olhos não sei de quem
Andam lá não sei por onde;
Mataram não sei a quem,
Feriram não sei aonde.

119
Suspiros e saudades,
O meu lenço tudo tem;
Anda lenço, vae jurar,
Se eu amei a mais alguem.

120

Eu pus-me a chorar, chorei,
Este rio fiz correr,
Em me pôr a imaginar
Onde o meu brio foi ter.

121

Trabalhae, dobrae o corpo,
Se quereis ter algum bem;
Olhae que nas eras d'hoje
Quem não trabalha, não tem.

122

Não quero, não é meu gôsto,
Uma dama que outro ama;
Quem da arvore apanha o fructo
Torne atrás, leve-lhe a rama.

123

Cantae-me uma cantiguinha
D'essa vossa linda bôca,
Que eu vos dou minha palavra
De logo vos cantar outra.

124

Trabalho não é trabalho
Em terra de costaneira;
Trabalho é ter amores
Entre gente chocalheira.

125

Quando eu fôr d'esta terra,
Das pedras me espedirei;
Tanta passada mal dada,
Que por cima d'ellas dei!

126

Vós pediste-me um beijinho,
Um abraço, porque não?
O beijo fica na bôca,
O abraço no cotão.

127

Estou mal co'o meu amor,
Não o saiba mais ninguem;
Quando o arrufo passar,
Ou eu vou, ou elle vem.

128

Canarinho preso canta,
Preso deve de cantar;
E' como o preso sem culpa,
Canta para alliviar.

129

O mar, quer manso quer bravo,
Deita ondas de revesso:
Quando vou para os teus braços,
Sem ter somno adormeço.

130

Castanheiro sem ouriços
Que castanhas póde dar?
Homem pobre, sem dinheiro,
Que amores póde tomar?

131

Os olhos do meu amor
São olhos de maldição:
Quantas mais pragas lhe rogo,
Quanto mais bonitos são.

132

Coração, alma e vida,
Tudo está na tua mão:
Nunca vi alma sem vida,
Nem vida sem coração.

133

Vossa bocca cheira a beijos,
Hoje beijastes alguem?
Eu beijei o meu amor,
Beijae o vosso tambem.

134

Oh meu amor, tu não contes
O que entre nós é passado;
Se a terra o não disser,
Entre nós fica sagrado.

135

Oh José, oh Josézinho,
Corpo d'homem afidalgado,
Entre as casas da camisa
Tendes o amor marcado.

136

Coitadinho do meu bem,
Que anda por terras alheias;
O amor é como o sangue
Corre por todas as veias.

137

Botei o limão no vinho,
A laranja na aguardente;
Não se faça você grave,
Que não vem de melhor gente.

138

Adorada das estrellas,
Porque me não vens fallar?
Se as estrellas te adoram
Tambem t'eu heide adorar.

139

Não me faças carranquinhas,
Parecidas com a noite;
Eu tenho carrancas minhas,
Escuso carrancas d'outrem.

140

Meu amor, qual de nós ambos
Stará mais posto no fim?
Serei eu, por amor de vós,
Ou vós por amor de mim?

141

A pomba fez juramento
De não beber agua clara;
Está com o bico a bebê-la
C'o as azas a toldá-la.

142

O picão nasce da silva,
A silva nasce do chão,
O amor nasce dos olhos,
A pena do coração.

143
Cantae uma cantiguinha
D'essas tantas que sabeis;
Espalhae folhas de rosa,
Que nessa bocca trazeis.

144
A maré vae para baixo,
Deus me dera ir com ella;
Se ella fôra cousa boa,
Me não dá perder a terra.

145
Amor, se quereis amar,
Não repareis na feição,
Que eu tambem não reparei
Nessa tua ingratidão.

146
Oh meu pensamento vario,
Oh meu vario pensamento,
E's como a folha do alamo
Que bole se lhe der vento.

147
O limão, verde apanhado,
O pé lhe fica chorando;
Assim são os meus amores,
Quando por mim vão passando.

148
A minha mãe, mais a vossa
Vão ambas lavar ao rio;
Uma lava, outra torce,
Ambas stão ao desafio.

149
Mal-haja quem augmentou
Alvaiade nas boticas!
Já se querem comparar
As feias com as bonitas.

150
Eu jurei e tu juraste,
Eu jurei na boa lei,
Eu jurei de te ser firme,
Se juraste assim não sei.

151
Dentro do meu coração
Tenho feridas mortaes;
Não ha cirurgião a ellas,
Senão vós, quando chegaes.

152
As ondas do mar lá fóra,
São pretas côr de lemiste:
Dize-me como passaste
O tempo que me não viste.

153
Quem se vae, nunca lhe falta
Amor com que se divirta;
Quem se vae, deixa um golpe
No coração do que fica.

154
Quem se vae, deixa um golpe
No peito de quem cá fica;
Quem se vae, por lá procura
Amor com que se divirta.

155
Vós chamaes-me canna verde,
Canna do cannavial;
Quem me chama canna verde
Quer-me bem, não me quer mal.

156
Vem cá, minha pequenina,
Que o vento quer-te levar...
Pela manhã vento norte,
A' noite vento do mar.

157
O meu amor é tão bom,
Dá-me quanto eu desejo;
Peço-lhe agua, dá-me vinho,
Peço-lhe pão, dá-me queijo.

158
Ai Jesus, quem botaria
Herva cidreira na fônte?
Devia de ser Maria,
Que ella vinha de lá hontem.

159
Penteei o meu cabello
De diante para tras;
Amarrei-o com uma fita
Para vêr o meu rapaz.

160
Sécia, corta o teu cabello,
Põe teu cabello á moda,
Que digam as outras sécias:
—Esta sécia vem de fóra!

161
Oh faca de diamante,
Tão sutil que déste o golpe
No peito da minha amada,
Que está em perigo de morte.

162
O' José, muda teu nome,
Que o teu nome é bem mel;
José, se queres ser amado
Põe teu nome—Manoel.

163
Oh meu Deus, acompanhae-me,
Que eu vou pela serra só;
Não vejo senão tamujo,
Mais a folha de queiró.

164
Se fores ao mato,
Se ao mato fores,
Trazei-me um ramo
De todas as côres.

165
Oh conchinha do mar largo,
Aljofres que dão na pedra;
E's o mar do meu sentido,
Onde o meu amor navega.

166
Meu bem, emprega os teus olhos
Em quem bem te parecer;
Nanja em mim, que sou feia,
Não te botes a perder.

167
Heide escrever uma carta
Ao mandante da Bahia,
Que me mande o meu amor
Para minha companhia.

168
Oh sol, para que te escondes
Debaixo da verde rama?
Para que negas teus raios
A quem deveras te ama?

169
Triste durmo, triste acordo,
Triste torno a adormecer;
Com ausencias do meu bem
Vivo triste até morrer.

170
Quero agora cantar,
Que agora é que é o meu tempo:
Quem me não quizer ouvir
Ponha os ouvidos ao vento.

171
Ha tres dias que não janto,
Ha quatro que não almôço;
Alembram-me esses teus olhos,
Vou para comer, não posso.

172
Rapariga, jura falso,
Jura falso, jura bem,
Jura que nunca me viste
Em casa de tua mãe.

173
Não entendo o teu amor,
Não entendo o teu querer;
Não entendo o teu amor
Nunca te soube entender.

174
Quem morre e acaba a vida,
Seu corpo fica defunto;
Amar, morrer, padecer...
Não póde ser tudo junto.

175

Quem casa com mulher velha,
Tem a morte á cabeceira;
Passa-lhe a mão pela cara,
Não acha senão caveira.

176

A'manhã é terça feira,
Os meus olhos vão á praça;
Já não ha quem lance nelles...
Olhar de tão pouca graça.

177

Vós dizeis que nunca vistes
Cravo branco no inverno;
Eu ainda hoje vi um
No peito de quem venero.

178

Oh minha mãe, quem me dera,
Oh meu pae, quem me daria,
Um logarzinho no céo
Ao pé da Virgem Maria!

179

A carta que me mandaste,
Era de papel, molhou-se;
O que vinha dentro d'ella
Era de vidro, quebrou-se.

180

De que te servem conselhos
Depois de estares perdida?
Na cegueira de amar
Se perde a mais entendida!

181

Impossivel, sem ser Deus,
Haver quem de ti me aparte...
Se elle é quem tem tal poder,
Antes venha a mim, me mate.

182

Trabalhos te persigam
Que te não possam valer,
Que caias d'aí abaixo,
Que aos meus braços venhas ter.

183

Se os meus olhos te dão pena,
Tira-os e bota-os no chão;
Não quero ter no meu corpo
Cousa que te dê paixão.

184

O meu coração é vosso,
O vosso, já vo-lo dei;
Agora, se o vosso é meu,
Isso é o que eu não sei.

185

Quem tiver dois corações,
Dê-me um, que bem o emprega;
Eu tinha um, fui-o dar
A quem agora m'o nega.

186

Já o deserto está cheio,
Já não cabe lá ninguem;
Está cheio d'amantes firmes,
Em amar e querer bem.

187

Oh ares, que trazeis ares,
Oh ares, que ares trazeis,
Oh ares, trazei-me novas
De um amor que bem sabeis.

188

Oh ares da minha terra,
Vinde por aqui levar-me,
Que os ares da terra alheia
Não fazem senão matar-me.

189

Por aquelle mar abaixo
Vae um atalho seguido;
Adiante vão meus olhos,
Atrás fica o meu sentido.

190

Por aquelle mar abaixo
Navios á vela vão,
Naquelle mais dianteiro
Navega o meu coração.

191

Não se me dá que outro ame
Amores que eu já gastei;
Nem me dá que outro vindime
Vinha que já vindimei.

192

O alecrim é paixão,
Eu não sou apaixonada;
Para que heide mostrar paixão
Por quem me não deve nada?

193

Vae, amor, por esse mundo
Vêr se achas mais riqueza;
Se não achares, vem gosar
Restos da minha pobreza.

194

Manoel é um ladrão,
Não furta ouro nem prata,
Furtou-me o meu coração,
Leva-o debaixo da capa.

195

O limão é providencia,
No teu peito é rigor;
Quem te quiz bem noutro tempo
Inda te hade ter amor.

196

Meu amor, na tua ausencia
Com ninguem heide fallar;
A má nova corre ao longe,
E passa além do mar.

197

Vinde, vinde, meu amor,
Vinde, não venhaes temendo;
Que até os criminosos
Tem liberdade, querendo.

198

Embarquei no sol dourado,
Por ser navio seguro;
Embarquei, desembarquei
A' vista de todo o mundo.

199

Se queres ser o meu amor,
Dá-me á cabeça que sim,
Porque eu não posso morrer
Por quem não morre por mim.

200

Eu não quero da fortuna
Os bens que o seu cofre tem,
Porque elles todos não valem
A metade do meu bem.

201

Ouço o raio, ouço o trovão,
Nunca tanto me assustei;
Mais me assusta a lembrança
Que nunca mais te verei.

202

Dos teus braços para dentro
E' que eu me queria vêr!
Então é que eu teria
Glorias até morrer.

203

No tronco da verde faia
O teu nome fui gravar;
A mesma faia chorou
Só de me vêr suspirar.

204

Esta foi a vez primeira
Que entrei neste jardim;
Veiu o sol, desceu á terra,
Pôs-se defronte de mim.

205

Eu não amo como os mais,
Que eu no amar sou differente;
Todos amam por emquanto,
Eu amo eternamente.

206

Quando eu aqui cheguei
Meu coração deu um pulo;
Meus olhos feriram lume
—Aqui está quem eu procuro!

207

Quem quizer comprar, que eu vendo
Amores que eu engeitei;
Não são caros, nem baratos,
A vida por elles dei.

208

Já que és ingrata commigo,
Contra ti o tempo vejas;
A fortuna de ti fuja,
Não logres o que desejas.

209

O meu amor já não tem,
Nem alma nem consciencia;
Mostra carinhos a todos,
Quer que eu tenha paciencia.

210

Ainda não tenho amores,
Nem os quero de ninguem,
Sem primeiro vêr a fim
Que esse teu corpinho tem.

211

Esquecido do passado,
Vivia no meu socego;
Tornei-me a encontrar comtigo
Augmentou-se o meu segredo.

212

Não tenho dó de quem pede,
Nem do pobre que não tem;
Tenho dó de quem começa
No mundo a querer bem.

213

Acompanhar-te não heide,
Seguir-te não posso, não;
Lá irão onde tu fores
Suspiros do coração.

Theophilo Braga.

DIALECTOS ALEMTEJANOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

«... os da Beira tem hũas falas, e os Dalentejo outras»,

Fernão de Oliveira, — *Grammatica de linguagem port.*, 2.ª ed., pag. 85.

Tomo aqui a palavra *dialectos* na accepção geral de *linguagens* ou *fallas locaes*, como já fiz noutros estudos semelhantes.

A linguagem usada popularmente na provincia do Alemtejo entra muito bem no systema que denominei *dialecto do Sul do Mondego*: cfr. *Rev. Lusit.*, I, 192-193. Foi ésta ordem de ideas que me levou a dar o titulo de *Sub-dialecto alemtejano* a um pequeno opusculo publicado em Elvas em 1884, — como lá digo a pag. 2. Tambem Contador de Argote tinha dito nas *Regras da ling. portug.*: « — E porque não pondes o dialecto da provincia do Alemtejo entre os demais? — Porque differe pouco do da Extremadura: ao *consertar* chama *amanhar*, aos *casaes* chama *monte*, etc., e dizem ter alguns defeytos da pronuncia do Algarve»; ed. de 1725, pag. 295. As affirmações de Argote são exactas; só por *defeytos* deve entender-se *modismos populares*, porque em muitas grammaticas é costume chamar *vicios*, e quejandos nomes, á linguagem vulgar, o que em verdade não é o melhor meio de inculcar doutrina, porque tanto a lingua do povo, como a lingua litteraria, tem cada uma o seu logar: não obstante, Argote, á semelhança do que via fazer na grammatica grega, trata de modo especial, e com certo affecto, dos dialectos portugueses. [1]

Se no presente estudo não mantenho a primitiva designação de *Sub-dialecto alemtejano*, e emprégo antes, como já disse, a de *Dialectos alemtejanos*, é porque desejo dar a estes capitulos o caracter puramente de notas, que só mais tarde serão aproveitadas num trabalho geral e synthetico: não me convéem pois titulos definitivos por ora.

Alem de Contador de Argote (sec. XVIII), ha pouco referido, e de Fernão de Oliveira (sec. XVI), citado na epigraphe, já outros AA. tem alludido a certas particularidades do fallar alemtejano, como adeante terei de dizer; mas o trabalho mais extenso de todos é o meu *Sub-dialecto alemtejano*, que se baseia principalmente na linguagem antiga e moderna da cidade de Elvas. O snr. Soeiro de Brito começou ha annos a publicar uns *Apontamentos sobre a linguagem alemtejana*, que deviam

[1] Cfr. o meu opusculo *A philologia portug.*, 1888, pag. 30.

ser abundantes em factos; infelizmente o trabalho ficou incompleto, só sairam algumas poucas páginas.

Segundo o que succede com os mais dialectos, a linguagem popular do Alemtejo não tem litteratura propriamente dita, no sentido rigoroso da expressão: existem apenas as cacographias,—e as transcripções feitas com intuito scientifico, o que se vê por exemplo em algumas das collecções ethnographicas do snr. A. Thomás Pires (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 60-62 e 132-133).

Muitas vezes certos AA., querendo dar ás suas composições litterarias côr local, põem os personagens d'ellas a fallar dialecto, como tambem succede na *litteratura de cordel*; tenho exemplos d'isto a respeito da linguagem da Extremadura, do Entre-Douro-e-Minho e da Beira. Outras vezes ha mesmo AA. que escrevem, por satira ou com outros fins, artigos e poesias completamente em lingua popular, mais ou menos estropiada: em Lisboa publica-se um jornal chamado *O mal amanhado*, que insere sempre ou quasi sempre uma carta satirica em *lingua saloia*; igualmente no *Charivari* do Porto ha cartas tambem por zombaria em dialecto interamnense; eu conservo ineditos uns sonetos em transmontano, feitos por um cavalheiro da provincia.

Só por necessidade e generalidade de expressão poderemos chamar a taes composições *litteratura*. O facto é porém curioso, e desde a antiguidade succede o mesmo em todos os paises. Com relação á provincia do Alemtejo não conheço nada no genero.

Farei ainda uma pequena nota sobre as cacographias.

A's pessoas alheias á Linguistica póde talvez parecer estranho que eu escolhesse *textos errados* para nelles assentar as minhas theorias, e d'elles tirar deducções scientificas. Mas notem que eu não escolhi senão certos textos, aquelles em que se revelam os factos vivos da linguagem, porque os erros propriamente de orthographia não tem para o meu fim valor nenhum. Quem possue pouca cultura litteraria escreve muitas vezes como falla, não só por ignorar frequentemente as regras grammaticaes, como porque nessas pessoas tem mais fôrça o habito da pronúncia do que o da escrita; ora os erros então commettidos, erros, já se vê, em relação ás normas preestabelecidas, servem para o linguista, porque lhe revelam exactamente o que elle procura. Se eu por exemplo encontro um manuscrito onde [illegible] *note* (= noute), *andi* (= andei), *primero* (= primeiro), etc., concluo immediatamente que elle pertence ao Sul, ou pelo menos a alguns dos pontos em que a linguagem do Centro, ou Beira, confina com a d'aquella região, — o que só se póde decidir por mais miuda analyse: em todo o caso excluo com absoluta certeza Tras-os-Montes e o Entre-Douro-e-Minho. A publicação das cacographias tem alem d'isso a importancia de mostrar ás vezes a intensidade e generalidade dos phenomenos.

A noção de lingua é diversa para o glottologo e para o purista: este vae atrás da elegancia das expressões, do classicismo dos vocabulos e da immobilidade grammatical; aquelle deseja unicamente surpre-

hender a vida da linguagem, tanto quanto possivel entregue a si mesma. Toda a lingua propriamente dita, quer seja popular, quer culta; quer pertença a uma nação rica e civilizada, quer a um grupo de selvagens miseraveis; quer nella estejam esculpidas as epopeias homericas, quer sirva só para as limitadas relações sociaes de um canto de provincia, — é uma lingua perfeita, uma lingua que merece as attenções da sciencia, porque representa a verdade. Por outro lado as linguas populares, como terei occasião de mostrar adeante, ajudam não raro a explicar as linguas litterarias, porque conservam fórmas anteriores de expressões que aqui se acham num estado mais afastado da origem. Ninguem dirá que um mato silvestre é mais bello do que um jardim rico em flores preciosas e adornado com todos os encantos da arte; e apesar d'isso o botanico preferirá o primeiro para os seus estudos. E' certo que todos detestam as doenças, e que existem certos casos pathologicos que, pelo que teem de repellente e medonho, mortificam os olhos das pessoas mais insensiveis que haja; e comtudo o clinico, o anatomo-pathologista, a despeito dos seus sentimentos humanitarios, fólga de os encontrar, porque elles o ajudam na resolução de um problema, lhe estabelecem um elo que lhe faltava num systema. O mesmo acontece na Linguistica: o que não quer dizer que todos entremos a fallar dialecto; mas ponhamos as cousas nos respectivos logares. Para os livros, para a tribuna, para as salas, para a sociedade culta, em fim,—a lingua litteraria; para os campos, para a cozinha, numa palavra, para o povo,—a lingua popular. E assim como ao botanico não fica mal estudar as humildes hervas que jazem esquecidas ao sopé das grandes arvores; assim como o medico tem obrigação restricta de investigar tudo o que na regra geral se desvia do que se considera como bello e agradavel: assim tambem ao linguista compete analysar e classificar a linguagem do vulgo, os dialectos provincianos, os idiomas dos selvagens, — todas essas multiplas fórmas em que, pelo que respeita á manifestação vocalica do pensamento, se revela o espirito individual e social [1].

I

LINGUAGEM POPULAR DE EVORA

Os factos seguintes forão colhidos por mim no S. João de 1888 e no Entrudo de 1889 e 1890.

[1] Sobre a importancia da *Dialectologia portuguesa* cfr. ainda: *Dialectos minhotos*, pag. 6-7; *Dialectos interamnenses*, III, pag. 27-29.

A) Phonologia

1. O ditongo *ou* é reduzido a *ô*, por ex.: *ôtra, sô, rôpa, adregô* (= adregou), *rôco, pôco, ôvir, ê vô alli*. Já numa sepultura do séc. XVIII, no claustro dos Loyos, se lê *Soto* (= Souto).

Ao contrário do que succede em geral no Norte, diz-se *bôa, Lesbôa*, e não com ditongo.

O ditongo *ôi* existe porém em *loiça*, etc.

Todos estes phenomenos se dão tambem na gente culta.

2. O ditongo *ei* reduz-se a *ê*, antes de consoante: *fêra, rebêra, brabêro, lête*, onde o *ê* soa como em *pêra* e *vêjo*. Diz-se porém *àldêia, cadêia, mêio, fêia*, etc.

3. A's palavras que na lingua litteraria acabam em *ê* e *é*, junta-se um *i*, que porém não fórma ditongo: *vê-i, dê-i, é-i, sé-i, pé-i*. Não raro se observam estes phenomenos tambem nas pessoas cultas, quando fallam distrahidamente.

4. Ao contrário do que succede em dialectos do Norte, não se desenvolve *i* antes de palatal nos seguintes casos: *vêjo, dêxo, caxêro, baxo, côxo, muntujo*. No Norte diz-se *veijo, baixo, coixo*, etc.

5. Nos pronomes procliticos *meu, teu, seu* e *eu*, antes de consoante, o ditongo é reduzido a *ê*, ex.: *mê coração sempri é teu, mê pai, ê sô bôa, sê primo, tê filho, ê já perdi.*

6. Tanto o *e* final de palavra, como antes de *s* em syllaba final, sôa *i* attenuado: *fálĭ* (= falle), *márĭ, cantárĭ*, (= cantare = cantar), *solĭ* (= sole = sol) *atrépĭ* (= atrepe), *comĭ; côvĭs* (= couves), *ráspĭs, pártĭs* (= partes).

7. O *u* nasal, quando atono, sôa *ô* nasal: *fôndura* (= fundura), *ôntar* (= untar). Igualmente o *i* nasal atono sôa *ê* nasal: *êntênder, rênger* (= ringêr), *êntrudo*. Cfr. *Sub-dialecto alemtejano*, pag. 10.

8. A' syllaba final tonica *em* da lingua litteraria corresponde *êm*, e na emphase *êim* (i. é, *êi* nasal), ex.: *bêm, têm*, e tambem *vêim, nêiguêim, têĩ amores.*

9. A' syllaba final atona *em* da lingua litteraria corresponde *êm*, ex.: *vístêm, dizêm, fázêm, cômprêm, quérêm*. Igualmente se diz: *ándôm* (= andam), *apártôm* (= apartão), *cômprom* (= compram), *lávôm* (= lavão), *ándôm* (= andão), — onde *ôm* é atono. Vid. *Dial. alemt.*, II, 4.

10. Na proclise o ditongo litterario *ão* reduz-se a *ã*: *sã nas terras, nã quero, nã nos pódĭ, hã d'ir, nã quérêm, nã mi podĭ*. Sobre este phenomeno cfr. já Neves Pereira in *Memor. de litterat. da Acad. das sc.* Em pronúncia rapida a nasal póde perder-se, por ex.: *nâ sĭ pódĭ aturar*. Antes de vogal ouvi *não é*. Cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 15.

11. Em certos monosyllabos procliticos o *e* final sôa *ĭ*, ex.: *é qui paga, si tu queres ver, nômi di Jezus, nâ si pódĭ aturar, nâ mi pódi, só si fôr.*

12. Ha em Evora uma rua denominada *Rua ancha* (= ampla), que o povo pronuncía *Ruancha*, formando crase; já num doc. de 1576 se lê tambem *Ruancha*, como se póde ver no opusculo *Luis de Camões em Evora*, de A. F. Barata, Evora 1882, pag. 7.

13. E' mui frequente que a syllaba inicial *es* da linguagem litteraria esteja reduzida a *s*, ex.: *stender*, *star*, *speti* (= espetei). Cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 12.

B) Morphologia

14. O verbo *haver* tem as seguintes fórmas: *havéra*, *havérade* (m. q. perf. *houvera* por infl. de *haver*). O verbo *trazer* tem a fórma *truce*. Ouvem-se ás vezes preteritos em *-i*, ex.: *speti* (= espetei); cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 15. Em virtude do que se disse no § 9, temos *apártôm*, *fázêm*, etc. O verbo *é* tem a fórma *á* em phrases de realce como «o senhor *á* que screve»; cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 14.

15. O vocabulo *orto* tem o diminutivo *ôrtéjo*, que significa «horta pequena.»

C) Cacographias e textos populares

16. De um ms. de 1823 (em verso), proveniente do convento de S. Bento, de Evora, e que contém um auto pastoril que foi representado naquelle convento, extráio o seguinte, que se deve attribuir á linguagem eborense:

a) **Phonologia**: *lovor*, *lovores*, *lore*, *trose* (= trouxe), *poco* (repetido), *locaremos* (cfr. supr. § 1); *lembrême* (cfr. § 2); *para o mê Jesus vestir* (cfr. § 5); *em maculado* (= imaculado), *em clinar* (= inclinar), *em ter sessores* (= intercessores: cfr. supr. § 7 e *Dial. beir.*, I, 5; mas nesta orthographia vê-se ao mesmo tempo influencia da etymologia popular em separar as palavras nos elementos de que se suppoem compostas); *pèizinhos* (cfr. § 3); *libardade* (que é muito geral no país; cfr. *Dial. interamn.*, III, 19); *piadade* (cfr. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 9 *f)*; *forvorosos*, *pondura*, *ponduras* (= penduras, subst.), *sopultura* (phenomenos devidos á influencia das labiaes, e communs a outros dialectos; cfr. *Dial. interamn.*, III, § 18); *vatecinios*, *devino*, *vezinho*, *esperitual*, *comedo* (= commodo), *trevoens*, *rezão* (que são phenomenos de dissimilação, respectivamente: $e - i = i - i$, $o - e$ e $e - o = o - o$, $e - a = a - a$; cfr. *Dial. interamn.*, VII, § 8. Mas estes phenomenos nada tem de especial ao Alemtejo); *affelição*, *ademires* (com suarabacti de *e*; cfr. *Dial. brazil.*, § 11); *chigar*, *milhor*, *fichado*, *tinhãis* ($e < i$, por influencia das palataes; cfr. *Dial. interamn.*, VII, 9); *embaxadores*, *abaxo*, *debaxo*, *baxo*, *emfaxada*, *mexas* em rima com *amexas*, *dexou* (por *dexô*; repet.), *compaxão* (cfr. § 4); *perciso*, *por longado* (= prolonga-

do), *porfundo* (pela confusão vulgar entre *pre* e *per*, *por* e *pro)*; *parcia* (= parecia. Facto vulgar noutros dialectos).

b) **Morphologia**. Apenas tenho que notar aqui *percebestes* (= percebeste), facto vulgar, onde o *s* está por analogia com o *s* que se encontra nas segundas-pessoas dos outros tempos. Tambem é para notar *pobrinha*, embora nada tenha de especial.

c) **Syntaxe**. Aqui tenho só que mencionar *avia ter* em vez de *havia de ter*.

No fim do auto lê-se: «Fim. 1823 e *atão* representado». Vê-se claramente que quem copiou o auto, que, exceptuando os vocabulos transcriptos, está em português corrente, foi trahido pela sua pronúncia local; de facto, ao lado da orthographia usual, apparecem cacographias que revelam essa pronúncia, pois se lê ahi *louvem* e *love*, *mé* e *meu*, *lovor* e *louvor*, etc. Tambem ha neste auto varios versos errados, que mostram a mesma não absoluta competencia e attenção do copista.

17. *a)* De outro auto pastoril, nas mesmas condições que o antecedente, só de lettra mais moderna, extrahi: *mercer* (cfr. § 16), *jnemigo* (ib.), *mas comtudo*, *di pressa* (cfr. § 11), *d'vista* (facto que se repete).

b) De outro ms. intitulado *Auto dos tres Reis*, nas mesmas condições, e da mesma proveniencia, só com lettra mais moderna que o primeiro, mas mais antiga que o segundo (parte em prosa, parte em verso), extrahi tambem o seguinte:

oulha e *oulhando* (= ólha e olhando. Estes vocabulos, á primeira vista, parece contradizerem o § 1, mas é que o povo, estando habituado a pronunciar *ô* o que vê escrito *ou*, estabelece equação entre as duas graphicas, e representa *o* como *ou*, embora pronuncie *ólhar*, *ólhando)*; *pordigios* (cfr. § 16-*a)*; *perfunda* (dissimilação, e equivalencia de *per* a *pre)*; *Baltezar* (dissim.); *afectivamente* (vulgar no país); *cometiva* (dissim.); *oclo* (syncópe, por ser esdruxulo); *debaxo* (cfr. § 4); *criuzidade* (dissim.); *dormidarios* (= dromedarios; infl. de etym. pop.); *proguntar* (Esta fórma é frequente no país, pronunciada *pròguntar*; mas em Evora o frequente hoje é *prèguntar)*; *baxeza*, *trosse* (cfr. supra); *poco* (id.); *sarei* (= serei. Infl. do *r)*; *menza* (nasal do *e* devida ao *m)*.

Na morphologia ha que notar: *innumeraves* (pl. de *innumeravel)*; *caratéis*, em rima com *axareis* (o que é o pl. de *caratél* < arc. *caractér)*; *falto-me* (= faltom-me, — onde a nasalidade do *o* foi absorvida no *m* seguinte); *vistens* (2.ª pess. do pl., = vistes; cf. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 12).

18. Como textos de linguagem popular offereço os versos seguintes, colhidos por mim:

S. João, vós sôis ôrives,
Porque é que nã trabalhais?
Quem me dera ser tesôro
Do dinhêro que ganhais!

Bêm pudi' à piurnêra
Ser doce no amargâri̮;
Bêm pudi' ò meu amôri̮
Ser firme, nã me dêxâri̮.

No altar de S. António
Stá um vaso de sucênas,
Dônde vão-nos namorados
Leviar as suas pênas.

Tênh'um lênço na cabeça,
Lavadinho, lavadinho:
O primêro amor qui ê tive
Mandêi-o ó resmaninho;
Mandêi-o ó resmaninho,
Ai! Jazus, q'hê-d'ê fazer?
And'agora munt'im-moda...
Assim nã' me vênhas ver.

Quinta-fêra d'assênção
As flores têm vertudĭ:
Quiz amar tê coração,
Fiz empênho, mas nã púdĭ.

Alcachofa [1], dã-mi um bêjo,
Mê dezêjo é sêmpri assim;
Vô-m'imbora p'r'á minha terra,
Qui ê pedida stô p'ra ti.
Nã me faças éssas côzas,
Tu bêm sabes quêm êu sô,
Et caetera bêm m'ëntêndes:
Tu pedes-mi um bêjo,
E ê cá nã ti o dô.

D) Vocabulario

Neste pequeno vocabulario incluo não só os termos que ouvi ao povo, como alguns que achei em mss.; estes ultimos vão notados.

Abalada. «Stava d'*abalada*», i. é, «estava para partir».

Adôbo. Variedade de tijolo.

Adregar, acontecer, calhar. Ex.: «*adregô* a passar». Cfr. *Dial. interamn.*, VIII, pag. 7.

Adrêgo, acaso. Ex.: «por um *adrêgo*» (= por um acaso). Deriv. de adregar.

Adubinho. Outra variedade de tijolo; metade do *adôbo*.

Alfôrges. No Norte diz-se *alfórges*. Tambem se diz *alfôrges* na Extremadura.

Aljubeiraça, algibeira grande. No ms. n.º 1 encontra-se *aljubeirasas* em rima com *passas*.

Aonde, onde. Ex.: *d'aonde*, etc.

Balhar, bailar. Cfr. *Dial. extremenh.*, I, pag. 9. No citado ms. lê-se:

Esta noute não se *balha*.
Eu *bailhar?* O ceu me valha.

Bolêta, bolota do azinho. Assim tambem encontrei escrito no annuncio de uma loja em Lisboa.

Carretêra, caminho de carro. I. é: *carr-et-eira* (carrêta).

Côrto, cortado. E' um dos muitos participios truncados, como:

[1] *I. é ó cachopa.*

pago ao lado de *pagado*, *ganho* ao lado de *ganhado*, *farto* ao lado de *fartado*. Alguns d'estes participios, que por brevidade chamei truncados, são realmente os primitivos, ao passo que os completos são derivados; outros truncados porém são formados por analogia. Assim, por ex., *farto* é o lat. *fartus*, de *farcio*, e *fartado* é um deriv. de *fartar*, que por sua vez provém de *farto*; mas pór exemplo *ganho* é um resumo analogico de *ganhado*, participio regular de *ganhar*, que é de origem germanica (cfr. it. *guadagnare*, fr. *gagner*, etc.). O ebor. *côrto* é o lat. *curtus*, de que proveiu *curtare*, d'onde o port. *cortar*.

Cóxo, escudella de cortiça, tendo ás vezes um signo-saimão esculpido. — Esta palavra parece-me ser simples fórma divergente de *copo*, isto é, provir do lat. *pŏculum*, na fórma *poclum* (que apparece em Prudencio), — por metathese * *coplu-m*, cujo *pl* deu *ch* (como em *ancho* = *amplus*), reduzido a *x*, segundo a tendencia dos dialectos meridionaes. A fórma *copo* assenta em * *copulum*. Não deve causar estranhesa esta divergencia de fórmas, pois, assim como d'um lado houve aqui syncope do *u* postonico, do que resultou o grupo *pl*, e do outro houve syncope do *l* intervocalico (*copo* = * *copoo*; cfr. *povo* = arc. *poboo* = l. *populus*), tambem por ex. no l. *macula* houve uma vez syncope do *u* para dar *malha* (= mac'la), e outra vez syncope do *l* para dar *mágoa*. Estas differenças são devidas á diversidade de epochas ou de territorios em que os phenomenos se dão. Tambem não se estranhe o achar-se em *cópo* o *o* aberto e em *côxo* o *o* fechado, pois o phenomeno não é isolado: temos por ex. *lôto* e *lóto*, fórmas da mesma palavra, *alfôrge* e *alfórge*, *bôrras* e *bórras*. — Igualmente se podia pensar no l. *cūpula* para explicar *côxo*; ainda que *ū* antes de labial, podia dar *ô* (cfr. J. Cornu, — *Die portugiesische Sprache*, § 27), todavia era preciso admittir mudança de terminação, e por isso a primeira hypothese julgo-a mais acceitavel. Pelo mesmo motivo regeito o l. *cochlea* (que poderia apresentar-se), apesar de ser tambem «*vas quo bibitur, in formam cochleae confectum*» (Du Cange, *s. v.*), como de facto é o *côxo*.

Cudião, terra endurecida pela geada. Cfr. o termo da Beira *códo*, que tem a mesma significação. — Liga-se ao l. *cos, -otis*?

Fráita, flauta. Encontra-se no 1.º ms. em rima com *gaita*. Hoje em Evora diz-se tambem *fulaita*. Todas estas fórmas assentam no provençal *flauta*, sobre cuja etym. vid. Scheler. *Dict. d'étym. française*, 3.ª ed.

Friméza, firmeza. Cfr. § 16-*a*.

Fscóço, pescoço. A fórma intermédia é *bescoço*, que se ouve tambem no Sul (vid. adeante); de *bescôço* fez-se certamente * *vescoço*, em que o *v* foi assimilado á surda seguinte, dando *f*.

Labizhomes, lobishomens. Assim achei no ms. 1.º Cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 346.

Lambaz, certa variedade de tijolo.

Lecença, licença.

Moiral, principal pastor do gado. No ms. 1.º acha-se escrito *mou-*

ral. Num doc. do sec. XIII, publicado pelo snr. Gabriel Pereira nos seus *Doc. da cidade de Evora*, lê-se já *mayoral de gaados* (pag. 28).

Mazarís, nome de outra variedade de tijolo, já porém desusada.

Méda, mêda.

Méia, outra variedade de tijolo.

Môntujo, terra que se tira em volta das cepas, e se vae accumulando em monticulo. Do $\sqrt{\text{monte}}$.

Munto, muito.

Nâ! nâa! nada! em exclamação. Syncope do *d* entre as duas vogaes: cfr. *nó* = arc. *noo* = lat. *nodus*, etc.

Nêja, não já.

Nha, minha (em proclise apenas).

Ninhures, em nenhum logar.

Notrisio. Assim vem no ms. 1.º:

Pay do menino nascido,
Notrisio do bello emfante.

Do lat. *nutricius*. Cfr. hisp. *nutricio, -a*.

Páteo, espaço descoberto, mas murado, junto á casa, — para lenhas, animaes, etc. E' o que na Beira se chama *quintã*.

Pelingrina, perigrina.

Quáso, caso. «Nã faz *quaso*».

Quêdo, quieto.

Quitar, deixar, escusar. Ex.: «*quita* de dizer, de cá vir, de se incommodar».

Resgar, rasgar. — O prof. Cornu explica bem este verbo por *re-secare*.

Sítula, ? . Ex.: «é uma *sítula!*»

Surrão, casaco de pelle. No ms. 1.º lêem-se estes versos:

He nascido o Salvador,
Dexei logo a malhada,
Agarrei o meu *surrão*,
Carapusa e bordão
E viola destemperada.

Tapar-se, cobrir-se de roupa, agasalhar-se.

Tarro, vaso de cortiça para leite, azeitonas, etc. — E' d'este nome (que provavelmente teve outr'ora significação mais generica) que vém a phrase beirã *uma tarraçada de vinho*, etc. (i. é, grande porção).

Tijolo. A serie dos tijolos é: *adobo, adubinho, méia, lambaz* e *mazarís*.

Varjador, o homem que vareja a azeitona.

Varjão, vara de varejar. O *e* syncopou-se como em *parcia* (vide supra).

Vertudes, virtudes. E' o nome que se dá a um amuleto que consta das figuras da fé, esperança e caridade. — E' fórma archaica: apparece por ex. nos *Doc. da cidade de Evora* do snr. G. Pereira, fasc. 13, pag. 84 (sec. XV).

Vrêda, vereda.

Zenid, zenith. Nestes versos do 1.º ms. (onde ha rima):

Vereis hoje o sol devino
No mais ardente *zenid;*
Na corte do rey David
Vereis o senhor Menino.

Espero voltar ainda a occupar-me da linguagem popular d'esta cidade com maior extensão, para o que aproveitarei tambem mais documentos antigos.



II

LINGUAGEM POPULAR DO ALANDROAL

(1.º Artigo)

Tendo passado na villa do Alandroal as ferias do Entrudo de 1890, pude fallar com muitas pessoas, de quem colhi os factos estudados neste capitulo.

A) Phonologia

1. **Pronúncia.**

a) O *s* e *z* quando iniciaes, entre vogaes, finaes e antes de consoante que não seja *x* ou *j* tem o mesmo valor dos de Lisboa: sobre estes, cfr. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique,* pag. 24-25. Antes de *x* o *s* ou o *z* teem o valor do *s* inicial; antes de *j* teem o valor do *z* inicial: represento-os para mais clareza por *ss* e *zz*, — e temos: *âss xaves* (= as chaves), *âzz jarras* (= as jarras). — Ao passo que na linguagem de alguns pontos do Norte do pais, por ex. da Beira-Alta, o *s* e o *z* finaes (que teem o mesmo valor) são assimilados ao *s* e *z* seguintes, no Sul do pais essa assimilação não se dá: assim na Beira diz-se *a' salas* (= as salas), *o' zelos* (= os zelos); no Sul *ax salas*, *oj zelos*. Em Lisboa a gente culta, por influencia da orthographia, diz *dexcer* (= descer), *naxcer* (= nascer), *axcensor* (= ascensor); no Alemtejo o povo diz *nacêr, decêr,* etc. — E' tambem para evitar a assimi-

lação completa que no Alandroal se diz: *ass xaves*, *azz jarras* (em *azz jarras* ha assimilação incompleta do *ss* á consoante sonora seguinte); esta assimilação dá-se em Lisboa, ou, por outra, aqui o *s* ou *z* finaes, antes de *x* e *j* não soam: cfr. G. Vianna, *ib.*, pág. 19. — Sobre outra variedade do *s* e o valor do *x* fallarei no 2.º artigo, que será publicado noutro fasciculo d'esta *Revista*.

b) E' um facto curioso que as vogaes atonaes finaes sejam ordinariamente nasaladas quando se falla com emphase, e o discurso termina nessas vogaes: *cárrũ*... (= carro), *aquéllã*... (= aquella), *nhôrã*... (em pergunta, admiração, etc. = senhora ou senhor). Essas vogaes devem mesmo ás vezes ser prolongadas. Quando o discurso não fôr emphatico, tal nasalidade não se dá. Observei agora particularmente o phenomeno em Alandroal, Villa-Viçosa, Estrêmôs, etc., mas elle dá-se noutras regiões do Sul, e foi até um dos primeiros factos que me impressionaram na pronúncia de algumas pessoas de Lisboa, quando aqui vim pela primeira vez em 1882.

2. Dá-se a condensação do *ou* em *ô*, e do *ei* em *ê* em meio de palavras, ex.: *môral* (= maoral = maioral), *pôco*, *sô*, etc., — e *ciarêro* (= ceareiro), *Janeiro*, etc. Ouvi porém dizer em final: *jantêi* (ao lado de *janti*, que se explica adeante), *nã sêi*, *rêis* (pl. de *rei*), — e *réis* (pl. de *real*). Cfr. *Dial. alemtej.*, I, 2. A gente culta diz porém *êi* e não *ê*; sómente diz *ô* = *ou* como a inculta. — O *eu* de *meu*, *teu*, *seu* e o proprio pronome *eu* condensam-se em *ê* antes de outra palavra que comece por consoante, por ex.: *ê quero*, *mê primô*, *mê bom amigo*. Antes de vogal é mais geral conservar-se o ditongo, por ex.: *eu ando*, *meu amigo*, excepto em *mê êrmão* (ou antes *m'êrmão*), que, por isso que é muito usual, motivou a condensação; antes de *a* tonico ouvi dizer *mê-i-amo*, etc., com um *i* para evitar o hiato. — Em *cêia*, *mêio*, *chêio*, etc., desenvolve-se *i*, como na lingua litteraria, mas a base do ditongo é um *e* fechado (*ê*).

3. Antes das palataes não se desenvolve *i*: *baxo*, *quêjo*, *curralêjo*. Cfr. *Dial. alemtej.*, I, 4.

4. O *em* atono final e o *om* nas mesmas condições soam *êm* e *ôm* como em Evora: *quérêm*, *dizêm*, *têrêm*, *fázêm*, *atêmôm* (= teimam), *cântôm*, *fôrôm*, etc. Cfr. *Dial. alemtej.*, I, 9. Este modo de pronunciar é archaico na lingua: na *Chronica de D. Fernando* por Fernão Lopes, acha-se por ex. *forom*, *tomarom*, *poserom*, *pagavom*, *davom*, *estavom*, etc.; no *Leal Conselheiro* de D. Duarte (apud Adolpho Coelho, *Theoria da Conjugação*, pag. 135) ha *começom*, *chamom*, *façom*, *erom*, etc. Mas ao lado d'estas fórmas ha já fórmas em *-am*, como *culpavamno*, *falleçiam* e *tragiam* em F. Lopes, e *husam* e *tragam* em D. Duarte, o que parece mostrar incerteza na pronúncia. Se nuns casos, como em *forom*, o *-om* é etymologico, por corresponder ao lat. *-unt*, noutros, como em *cantom*, *erom*, etc., é puramente analogico, pois em lat. é *-ant*. — No Alandroal diz-se tambem: *êm* (conjuncção), *êntrar*, *êntremês*, *têm*, *cemêntéro*. Cfr. *Dial. alemtej.*, I, 7. Na tonica diz-se tambem *-êm*: *vintêm*, *têm*, etc., e na emphase *bêim*, *têim*, etc. Geralmente o som

do *ẽ* de *ẽm* é um pouco mais aberto que o de *pêra*, etc. O mesmo para todas as vogaes nasaes ou nasaladas a respeito das vogaes fechadas.

5. E' mui usual a prosthese de *a*, ex.: *atêmar, arrelícas, assabão, agarrafa, abomba, achumaço.*

6. Diz-se: *é-i, pé-i, Jzé-i, vé-i.* Cfr. *Dial. alemtej.*, I, 3.

7. Diz-se como em Lisboa *óito* e *dezóito*, ao contrario do que succede no Norte do país, onde se diz *óito*. No Sul parece que se devia esperar *dezôito*, mas é que a palavra é composta de *dez a oito* (cfr. *dezanove, dezasete, dezaseis*), e então temos **dezaoito*, formando *ao* crase em *ó*. Sobre este *a* cfr. Epiphanio Dias, *Gramm. elementar da ling. port.*, 1889, § 48, *not.*

8. O *o* inicial sôa *ô*, ex.: *Órada, ôrdinariamente.* Tambem ouvi *Émilia.* O *e* surdo final ouvi-o pronunciar *ĭ* abafado em *comĭ* (= come), *homĭ* (= home = homem); cfr. *Dial. alemtej.*, I, 6.

9. Entre *e* tonico nasal e *r* = *(rr)* introduz-se um *l* gutturalisado: *tẽlrro* e *gẽlrro (e* nasal fechado). Cfr. *Dial. extrem.*, I, § v. Mas diz-se *hônra.*

B) Morphologia

10. **Verbos.**

a) O verbo *haver*, quando impessoalmente (excepto em *ha migalha* por *ha pouco)*, toma a fórma *hai* na 3.ª pess. sing. (= litter. mod. *ha)*; este facto parece, á primeira vista, de origem hispanhola, mas não é, pois se encontra constantemente no português antigo, onde tem origem da fusão de *ha* com o adverbio *hi*, tambem escrito *hy*, *i* e *y*: em doc. do sec. XIII, analogamente ao francês moderno *il y a*, achei por exemplo: *auya hy hum figueyredo, ha hy hum poço, ha hy huma tenda, ha hy huma casa* (vid. *Doc. da cid. de Evora* de G. Pereira, I, 31). Como o *hi* se tornou proclitico, facilmente se soldou ao corpo da palavra; igualmente dizemos hoje *hade* como se fosse uma só palavra. Em geral nos povos da fronteira ha tendencia para chamar hispanhoes aos phenomenos portugueses que se parecem com os da lingua do país vizinho, — assim já ouvi dizer que havia em *ô* = *ou* e *ê* = *ei* influencias hispanholas; mas isso é um erro, pois taes phenomenos são proprios do português. Se o *ô* = *ou* e o *ê* = *ei* fossem de origem raiana, como se explicaria o existirem elles no extremo occidental da Extremadura portuguesa e existir o *ô* = *ou* na Beira-Alta? O português e o hispanhol são duas linguas romanicas e duas linguas vizinhas: por tanto nada de admirar que offereçam á observação factos semelhantes; mas desde que o português se póde reconhecer nos ant. documentos escritos, sempre elle se revela fundamentalmente distincto do hispanhol, e apenas nas fronteiras ha ás vezes phenomenos de transição, como em todas as linguas em condições semelhantes. Em relação a *hai*, a comparação com o português archaico e o francês é bem eloquente para mostrar a independencia do pheno-

meno. Tanto quanto tenho observado, a influencia do hispanhol na linguagem das raias limita-se ao vocabulario, e em escassissimo número; na linguagem de lá deve dar-se o mesmo. Quando na Hispanha houver philologos que se occupem desenvolvidamente e a serio das linguas romanicas, seria bom que estudassem ésta questão.

b) O verbo *andar* tem no preterito perfeito éstas fórmas, por analogia com o verbo *estar*: eu *andive*, tu *andiveste*, elle *andêve*, nós *andivémos*, elles *andivérôm* (a 2.ª pess. do pl. é substituida pela 3.ª; cfr. *Gramm. port.* de Epiphanio Dias, § 116 — *obs.*). Estas fórmas porém tem pouco uso na villa do Alandroal: são mais usadas nos arredores. — Estas fórmas tambem occorrem em Marvão e em varios pontos da raia beirôa e transmontana: cfr. *Dial. beirões*, IV, § 5-*a*.

c) A 1.ª pess. do preterito perfeito da 1.ª conj. acaba em *-i* em vez de *-ei*, ex.: *axi* (= achei); cita-se até por graça a phrase — *andive tod'ò dia, e nã parí*, em virtude do trocadilho *parí* = parei. O verbo *dar* tem assim éstas fórmas: *di, déstes, deu, démos, dérôm*. — Este phenomeno dialectal é já antigo, pois na sua *Ortographia da ling. portug.*, Lisboa 1671, diz Franco Barreto, ao fallar dos preteritos em *-ei*: «Ainda que por efte Ribatejo todos os mudam em *i* agudo, dizendo ami, falli, janti, &» (Pag. 54). Como eu já notei no *Subdial. alemtej.*, pag. 16, tal preterito póde explicar-se por analogia com os preteritos da 2.ª e 3.ª conjugação. O preterito em *-i* parece começar a manifestar se na Beira-Baixa (vid. *Dial. beir.*, II, 9-*d)*; depois extende-se mais ou menos pela Extremadura (*Dial. extrem.*, I, pag. 15; cfr. a cit. passagem de Barreto), augmentando de intensidade para o Sul (cfr. *Dial. argarv.*, I, 12). No Norte do país nunca o observei.

d) São para notar éstas fórmas: *sémos* (= somos), aliás muito frequente no Norte, *têm* (com o primeiro *e* fechado, cfr. § 4) e *vèvêm* (= vivem). — Para outras fórmas, vid. § 4. Temos ainda *dêia* (= dê).

11. O plural de *val* fórma-se regularmente em *váis*: cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 17. — São frequentes os nomes-de-agente em *-êro* (= eiro), como: *ciarêro, ôvelhêro, boiêro, cabrêro, ganadêro* (pastor de gado; cfr. hispanhol *ganado*, que tambem devia ser port. arc.). — A palavra *cão* tem o deminutivo *canito*, e outro deminutivo depreciativo *canicalho* (i. é, *can-ic-alho)*, cujo segundo suffixo tambem apparece em *cangalho*. Tanto em *canicalho* como em *canito* reapparece o *n* do primitivo radical (*cão* = lat. *canem*), analogamente ao que se dá no Algarve (cfr. *Dial. algarv.*, I, 14); dão-se factos semelhantes noutras linguas, de reapparecer num derivado um som perdido no radical ou na palavra primitiva, como por ex. em catalão, onde se diz *catalans* (sing. *catalá*), *seréna* (masc. *seré*), *pagána* (masc. *pagá*), etc.

12. **Particulas.**

a) Diz-se indifferentemente *aonde* e *adonde* em vez do litter. *onde*. Os compostos são: *pràônde, pràdônde, d'aônde.*

b) Usa-se a locução *ônd'àgora* e [illegible]*d'àgora* em sentido de *ainda*

agora. Parece composta de *ante*, ou mesmo de *onde*. — Tambem se usa *bêntèqui* e *abêntèqui*, por exemplo: *desd'aqui bêntèqui* (i. é, *desde aqui até aqui*). Parece composta de *bem 'té qui*.

c) E' curioso o adv. *pèrtoxinho* equivalente a *pèrtinho*. Póde comparar-se com *poucochinho*, tão frequente no país todo, ainda que tambem no Norte se usa de *pouquinho*, e na região minhota *pouchinho* (com *ch* explosivo). Tambem se diz no Alandroal *pèrchinho* (com *ch* explosivo resultante de $t + x$).

d) Tambem é frequente: *aindas que, sómentes*, — como em geral no país todo.

D) Syntaxe

Na syntaxe popular ha ordinariamente pouco que notar, que diffira da litteraria; todavia alguma couza ha ás vezes.

13. No Alandroal usa-se bastante do pleonasmo em phrases taes como: *o sê filho d'elle, a sua casa d'ella*. O pleonasmo resulta aqui da incerteza de significação que ás vezes se nota no pronome possessivo, que tanto póde referir-se a um possuidor no sing., como a um no plur., a um masculino como a um feminino, contrariamente ao que succede noutras linguas, por exemplo em inglês, onde se diz respectivamente *his, her, its* e *their*. Este modo de construir encontra-se tambem nos AA.; ainda que, como expressão popular, só o tenho observado no Sul (Extremadura, Alemtejo e Algarve); em André de Rezende, que era de Evora, lê-se: «com o duque Dom Theodozio, *ſeu irmaõ della*» (*Vida do inf. D. Duarte*, 1789, pag. 43).

14. Como já notei no *Sub-dial. alemtej.*, pag. 18, é tambem aqui usada a construcção *á de F.* (= á casa de F.). Já tambem em latim se usava ellipse analoga, por ex. *ad Vestae* (scill. *templum*): cfr. Madvig, *Gramm. latina* (trad. port.), § 280 — obs. 3.

15. O collectivo *gente* toma-se na accepção de *nós*, do que resultam phrases como: «a gente *vamos* êmbora», «a gente *passêmos* (= passamos»), e analogas. Cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 18. — Estas phrases no Norte não as tenho notado, a não ser esporadicamente.

E) Textos populares e cacographias

Os textos e cacographias que pude recolher são infelizmente muito pouco numerosos.

16. **Cantigas populares:**

S. João à minha porta,
Eu hê-de-lhe dar cadêra,
Qui elle vêm salvar as almas,
E a minha sêj'à primêra.

Favas verdes com tôicinho
Quê[1] na' nas têm na' nas comĩ:
D'uma saia velha qu'ê tinha
Fiz uns calções ó mêu homĩ.

A ribêra da Órada
Vai passar a Samiguéle:
A môça qui é socegada
Têm rapazes quantos quére.

Os homes são com'òs burros,
Só lhe falta têrêm rabo:
Êim . . . começando c'uma têma
Atêmôm qui os lev'ò Diabo.

17. No nosso país é costume haver em certos santuários de mais devoção popular paineis ou quadros que representam milagres e são offerecidos *ex voto*, como no paganismo, aos santos e à Virgem. No Norte estes quadros chamam-se mesmo *milagres*; no Alandroal chamam-se *retábalos* (= retabulos). Ora em alguns *retábalos* da igreja da Senhora da Boa-Nova, junto a Terenna, e perto do Alandroal [1], feitas evidentemente por gente pouco cúlta, notei as seguintes cacographias reveladoras da pronúncia vulgar: *adoieceu*, anno de 1878; *Monte do Xêxo* (= Seixo [2], a. de 1871; *milhorou*, a. de 1851; *pordijo*, *poco* (= pouco), *monte ouito* (= Montôuto) [3] e *Prazeires* (= prazeres), a. de 1852. Estes dois ultimos vocabulos offerecem um phenomeno graphico analogo ao que observei nos *Dial. alemtej.*, I, 17-*b*, pois o povo, estando habituado a lêr *ei* como *ê*, e *ou* como *ô*, inverte a orthographia, escrevendo *ou* por *ô* e *ei* por *ê*.

F) Vocabulario

18. Reuno aqui principalmente os termos que não andam nos diccionarios, ou que, andando, não teem indicado o *habitat*, — e tambem aquelles que se afastam muito da pronúncia usual. Excluo porém os que entram em categorias extensas, como *ôtro*, *fêra*, etc.

Abêntèqui, até aqui. Vid. supra, § 12-*b*.
Abomba, bomba. — Etym.: cfr. it. *bomba*, fr. *bombe*, cujo $\sqrt{\ }$ é o lat. *bombus*.
Achumaço, chumaço. — Etym.: cfr. lat. *plumacium* (de *pluma*). Para a prothese do *a*, vid. supra, § 5.
Adonde, onde. — De *a* + *de* + lat. *unde*.

[1] De passagem noto que a linguagem de Terenna não me pareceu differir da do Alandroal senão na pronúncia do *x*. Sobre ésta e a do *s* fallarei no 2.º artigo.
[2] O primeiro *x* é engano, ou representa realmente assimilação do *s* ao *x* seguinte? Creio ser engano de quem escreveu.
[3] A etym. d'este nome creio ser *Monte alto*; cfr. *souto* = lat. *saltus*.

Afilhar. E' o acto de ir ao *bardo* buscar os cordeiros, cabritos, etc.,— para os chegar ás mães.—Etym.: *a-filh-ar.*

Agarrafa, garrafa.— A palavra *garrafa,* que tem em hisp. a mesma fórma, e a que em fr. corresponde *carafe,* do ital. *caraffa,* vem do verbo arabe *garafa.*

Ajuda (masc.), rapazinho que acompanha o *ganadêro* e o auxilia na guarda do gado.—Etym.: subst. tirado do verbo *ajudar* (=lat. *adjutare).*

Alandia, lande, segundo fructo da sobreira.—Etym.: lat. *glandem* (glans), a que se deu a terminação *-ia* como em *lêndea,* do lat. *lendem* (lens), pop. *facia* (=face), etc. O *gl* foi reduzido a *l* (assimilação), como em *leiva,* do lat. *glaeba:* cf. Cornu, *Die Portug. Sprache,* § 137-a. O *a* é prosthetico: vid. supra, § 5.

Alveneu, pedreiro.—Do arc. *alvanel,* como em arc. *vergeu* (=vergel, que tem o mesmo radical que o lat. *viridiarium* e *virdiarium);* cfr. *alvenaria.* A fórma *alvanel* liga-se com o arabe *al-banné,* etc.: vid. Engelmann & Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portug. dérivés de l'arabe,* 1869, 1 v. *albañi.* E' curioso dar Dozy *albanez* como fórma alemtejana (ib. ib.); mas não haverá êrro nella? Essa fórma talvez seja tomada do plural de *alvaneu* (alveneu).

Amanhar. Tem a significação geral de *consertar, arranjar,* por ex.: «*amanhar* umas botas», «*amanhar* uma roupa».—Este termo usa-se tambem na Extremadura: no Cadaval porém só lhe ouvi dar a significação de «cultivar as terras», d'onde até se faz o subst. *amânho.*—Etym.: a base d'esta palavra creio ser o l. *manus,* num derivado naturalissimo *manear,* que tambem existe na nossa lingua como palavra de origem litteraria equivalente a *manejar;* a palavra *manear,* ou antes *maniar,* deu *amanhar* pela palatisação normal de *n* + *e (i),* e prothese mui frequente de *a.*

Aonde, adonde, onde.—Vid. *adonde.*

Apêrador, o que governa nos ganhões quando andam no serviço.—Parece ligar-se com o verbo da lingua commum *apeirar.*

Apêro, correia de couro que prende a canga á prítica.—Etym.: do verbo da lingua commum *apeirar,* que creio vir do lat. *pariare.*

Arrasta (f.), cadeado de ferro em que se firma a prítica.—De *arrastar* (que vem do lat. *rastrum)?*

Arrelicas, nome geral de certo amuleto infantil mixto.—De *reliquias.* A palavra tambem existe no Cadaval; na Beira diz-se *arreliquias* (noutro sentido).

Arriata, cordas para segurar e guiar os animaes (arreata).—De *reatar?* (re-ata, arre-ata). Cfr. hisp. *reata.*

Assabão, sabão.—Do lat. *sapo.* Cfr. § 5.

Baralha, prateleiro de cortiça com cannas, para pôr os queijos.

Bardo, curral de estevas onde se ordenham as cabras.—Creio vir de *barathrum;* cfr. em Du Cange *baratum* (por *vallum).*

Barriguêra, peça de linho que atraca a besta aos cangalhos.

Barruquêrada, pedrada.—De *barruquêro.*

Barruquêro, pedra grande. — De *barroca*, que por seu turno parece se liga a *barro*.

Bastão, o primeiro fructo da sobreira.

Bazaruco, nome que por troça se dá aos patacos. — E' este o nome de uma moeda indiana, que teve diversos valores, e foi em diversos metaes. Já é conhecida na nossa lingua desde o sec. XVI. Cfr. Teixeira de Aragão, *Moedas.... de Portugal*, III, 100 etc.

Bêntêquí, atéqui. Vid. § 12-*b*.

Bolêta, bolota da azinheira. O termo *bolota* tambem se usa, mas menos. — Cfr. o hisp. *bellota*.

Bordão, pau *parelho*, i. é, liso, igual. — Etym.: l. *burdo- onis*, (por metaphora).

Burnil e *suador* são duas peças almofadadas que assentam no pescoço dos muares para segurarem a *cãïga* e os *cangalhos*: o burnil fica de cima do suador.

Butinos, especie de *plaima* que usa o *ganadêro*.

Burzeguins, borzeguins. Faz tambem parte do trajo do *ganadêro*.

Cachêra, pau de trazer na mão, tendo uma saliencia na parte inferior. Corresponde ao que na Beira-Alta se denomina *moca*. Tambem se chama *cachêro* á saliencia. — Etym.: lat. **capularius*, de *capulus* (cfr. *capulus sceptri*, etc.).

Cãïga (nesta palavra *ãi* é um ditongo nasal), canga para ligar os muares que vão ao carro. — Etym.: *Cãïga* é a mesma palavra que *canga* (cfr. *sãïgue* = *sangue*, noutros dialectos): *canga* é um subst. de *cangar* = l. *conjugare*.

Càivêra, caveira. — Etym.: l. *calvaria*, pela dissolução do *l* em *i*, como em *muito* de *multo*, etc. A fórma litteraria é *càvéira*, cujo *a* accentuado accusa a fórma arcaica *caaveira*, a que corresponde outra mais arcaica **calavaria*, representada ainda pelo hispanhol *calavera*. O lat. *calvaria* deu **calavaria* pelo suarabacti do *a*: cfr. *Dial. alemtej.*, I, § 16-*a*. São pois *càveira* e *càivêra* duas fórmas da mesma palavra, pertencentes originariamente a dialectos differentes, porque uma não póde ter provído da outra.

Calhamaço, o mesmo que canhamaço. — Etym.: *calhamaço* provém de *canhamaço* por dissimilação, como arc. e pop. *lomear* de *nomear*, *alma* do l. *anima*, etc. Creio que *canhamo* não é de origem port., mas sim hispanhola, onde o grupo *nn* dá *ñ*, por ex.: *año*, *caña*, *paño*, mesmo sem ser ao contacto de vogaes palataes, — ao contrario do português. O sr. Ad. Coelho, *Quest. da l. port.*, I, 369, indica, como confirmação de *canhamo* (= cannabis), *grunhir*, *estanho* e *pinha*; mas em *grunhir*, de *grunnire*, o grupo *nn* é seguido de *i*, e *pinha* deve explicar-se por *pinea*, e *estanho* por *estagnum* (cfr. fr. *étain*, it. *stagno*), fórma accessoria de *stannum*, ou por um dos derivados *stanneus* ou *stagneus*. O hisp. *cáñamo* não vém de *cannabis*, e sim de *cannabum* (por assimilação da labial á nasal precedente); o hispanhol *cañamazo* assenta em **cannabaceus* (que explica o ital. *canavaccio*), sob a influencia de *cáñamo*.

Cangalho, haste curva de ferro embutida na canga, para prender a *arrasta.*— Do mesmo √ de *canga.*

Canicalho, duplo deminutivo de *cão*, cfr. supra, § 11.

Caniço, armação de madeira suspensa por cordas, para ter os queijos.— Primitivamente deve ter entrado a canna no fabrico d'este objecto: por tanto o lat. **cannicius* (cfr. lat. *canniciae)* explica a palavra.

Canniço, chumaço de *calhamaço*, envolto em panno, para amparar o toldo do carro nos extremos. — A etym. é tambem **cannicius*, mas noutro sentido, porque aqui o que deu origem á applicação do nome foi certamente o terem-se escolhido a principio as folhas da canna para o chumaço.

Canito, deminutivo de *cão.*

Carro alemtejano. O *carro alemtejano* que é caracteristico da provincia, tem duas rodas, e é puxado a muares; tanto serve para transporte de objectos, como para viagem. Para a sua descripção vid. neste glossario as seguintes palavras: *toldo*, *tendaes*, *spartões*, *pônte*, *castellos*, *chavelha*, *talêra*, *canniço*, *prítica*, *cãiga*, *apêro*, *chavilhão*, *arrasta*, *burnil*, *suador*, *cangalho*, *barriguêra*, *arriata* e *tiradêra*. Quem guia o carro vae sentado, umas vezes dentro, outras vezes a cavalleiras na prítiga. — Parece-me que o modelo d'este carro está no *covinus* romano: vid. uma estampa em Trawinski, *La vie antique*, 1885 (trad. fr.), pag. 365. O *covinus* era de origem belga: vid. Rich., *Dict. des antiq.*, etc., s. v.

Castéllos da pônte, pequenas hastes insertas na *ponte* (vid. este vocabulo) do carro, para segurar cordas, etc.

Cementério, cemiterio. — Em Elvas *cemêntéro* (vid. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 8); em hisp. *cimenterio* (l. *coemeterium).* A nasal d'estas fórmas póde explicar-se por influencia do *m* inicial: cfr. pop. *mẽza*, hisp. *manzana* (< > port. *maçã*).

Chavêlha, o que prende a *ponte* do carro aos *tendaes.*— Etym.: lat. *clavicula.*

Chavilhão, o que prende o *apêro* á *prítica* (vid. este vocab.).— Deriv. de *chavêlha;* o *e*, tornado atono, passou a *i* por influencia da palatal seguinte: cfr. pop. *tilhado.*

Chinço por *cincho* (vid. este vocab.), mas creio não ser muito usado.

Cincho, aro de lata para apertar a massa fresca do queijo.— Etym.: Esta palavra tem evidentemente o mesmo radical que o l. *cingere;* mas qual foi a fórma que lhe deu origem? *cingulum* da-la-ia com *lh* (cfr. port. *cilha* = *cingula, unha* = *ũnha* = **ũlha* = *ungula* [1]) e não explica tambem o hisp. *cincho*, que aliás se póde explicar, como fez Diez, *Gr. des l. r.*, I, 239, por *cinctus*, pois que *ct* dá nessa lingua

[1] **ũlha* deu *ũnha* por assimilação regressiva de *lh* á nasal; cfr. *Sanhoanne* = Sã Joanne, *senhos* = **sẽlhos*, = *singulos*, etc.

(mas não na nossa) *ch*; por isso parece-me que a palavra foi importada da Hispanha para a raia, e d'ahi para a Extremadura, onde ella tambem se conhece entre os Saloios (no Norte nunca a ouvi). A importação não é recente, porque já Bluteaû a cita, *Vocabulario*, s. v. — O termo usado na Beira-Alta, Minho, etc., é *aro*.

Cinta, faixa com que se cinge o corpo exteriormente na cintura. — Este nome é commum à Extremadura. Do lat. *cincta*.

Clava, pau que tem na extremidade inferior uma saliencia, mas maior que a da *cacheira*. E' o que na Beira-Alta se chama *porra* ou *móca* (d'onde o subst. *mòcada*). — Lat. *clava*. Não tem fórma pop. portuguesa. Em hisp. é tambem *clava*, que é talvez a origem do termo do Alandroal.

Cômbrão (com accento tonico no *ão*), cômoro pequeno. — Etym.: deriv. de *combro* (ainda usado na Beira-Alta no sentido de «parede baixa, arruinada»; em Lisboa ha tambem uma *Calçada do Cômbro*), = *comoro* = l. *cumulus*. A formação é analoga à de *cambra* = *camera* (camara); cfr. ainda pop. mod. *tumblo* = *tumulo*, *numbro* = *numero*.

Cômpânha, companhia. — E' termo commum a outros pontos do Alemtejo. No Norte usa-se apenas como termo maritimo, «companha de pescadores» (Porto, etc.). No Alandroal, etc., diz-se frequentemente a um sujeito que vae acompanhado: «como passô, e a *companha?*». Derivado do verbo [*a*]*companhar*, que provém do l. **companiare*, na lei salica *companium* (Du Cange, ed. 1883, s. v.); de *companium*, formado de *cum* + *panis*, veiu o fr. *compagne*, o it. *compagno*, etc. (cfr. Scheler, *Dict. d'étym. fr.*, s. v.).

Córna, vaso de corno para receber o leite quando se ordenham as vaccas. Ha *córnas* muito bem lavradas (trabalho dos pastores). A's vezes porém o vaso é constituido por um chifre sem lavor algum. — Etym.: ésta palavra é simples feminino de *corno* (l. *cornu*).

Coturníz, codorniz. — Em lat. é *coturnicem* (coturnix), cujo *t* intervocalico abrandou normalmente em *d* para dar *codorníz*; a fórma androalênse é muito curiosa, mas certamente o *t* não é o primitivo latino, e tem de se explicar por **cortuníz*, pois que neste caso o *t* não abrandava em *d*; a fórma *coturníz* desenvolveu-se pois numa epocha em que o *t* intervocalico já normalmente se não abrandava.

Cuxarro, o mesmo, ou quasi o mesmo, que *côxo*: vid. *Dial. alemtej.*, I, *Vocabulario*, s. v. — Ésta palavra decompõe-se em *cox-arro*; o suffixo apparece tambem em *homen-z-arr-ão*, etc.

Cóxo: vid. *Dial. alemtej.*, I, *Vocabulario*, s. v.

Curvêro, especie de pyramide, de estevas, etc., com uma pequena porta em baixo; nelle se recolhem os cabritos em quanto novos. — De *cuervo*?

Dezivle, instante. Ex.: «foi lá num *dezivle*» (= foi lá num instante, num momento). — Etym.: = *adizivel*, que póde provir, como me lembra o sr. Gonçalves Vianna, de *indivizivel* (dissimilação do *v*).

Êcalitro, eucalypto. Por etymologia popular.

Fangoêro, varapau *parêlho*, isto é, liso, igual. — Etym.: *fan-*

gueiro, que no *Dicc. contemporaneo da ling. port.*, Lisboa 1881, é dado como termo da Beira, no sentido de *fueiro*, *estadulho*. Parece-me que ésta palavra estará por **fungoeiro*, que se póde explicar pelo l. **funicularius*, do l. *funiculus*, como a fórma minhota e alemtejana *fueiro* se explica por *funarius*. A base de todas estas palavras é o lat. *funis* (corda). Como os fueiros ou estadulhos servem para atar a corda que segura os objectos que vão no carro, tomaram como adjectivos, o nome d'ella; assim, *funarius* e **funicularius* eram «o pau a que se ata um *funis*, um *funiculus*»; d'aqui passou **funicularius*, na sua fórma posterior, a ter a significação metaphorica de *varapau*; da mesma maneira, na lingua actual, a palavra *estadulho*, que propriamente é do carro, significa tambem «pau com que se bate». — Quanto ao som, **funicularius* deu **fungoeiro*, pela syncope normal do *l* intervocalico, e do *i*, como em *farneiro* (vid. *Rev. Lusit.*, I, 211, not. 1), do l. *farinarium*, com abrandamento tambem normal do *c* em *g*, e reducção igualmente normal de *-ariu-* a *-eiro*, dial. *-êro*; **fungoeiro* deu *fangoêro*, como *conjugar* deu *cangar*.

Ferrado, vaso de barro para receber o leite das cabras e ovelhas, quando estas se ordenham.

Ganadêro, pastor do gado. — Esta palavra corresponde morphologicamente ao hisp. *ganadero* (de *ganado*). No Norte é desconhecida, e creio que tambem o é na Extremadura. No Alemtejo porém não se usa de *ganado*, mas sim de *gado*.

Gázio, *-a*, individuo a quem falta um dos olhos. — Na fórma, é a mesma palavra que a litter. *gazeo*, *-a*.

Gôlpêlha e **gôrpêlha**, especie de alcofa de palma. — Etym.: são a mesma palavra que o fr. *corbeille*, do lat. *corbicula*. A fórma que se poderia esperar seria **corbelha*; houve pois troca de surdas e sonoras, passando a surda inicial a sonora, e a sonora medial a surda. A fórma mais frequente no Alandroal é *gôrpêlha*.

Lajinha, especie de lousa.

Landro e **alandro**, nomes da planta que nos diccionarios se chama *eloendro*, *loendro*, etc. — Etym.: de *lorandrum*, que vem em S. Isidoro (XVII, 7), d'onde a transcreveu Diez para a *Gr. des l. rom.*, I, 35, fórma que tambem explica o ital. *oleandro* e o fr. *oléandre*. J. Cornu explica *oloendro*, *aloendro*, *eloendro* e *loendro* directamente por *(rh)ododendron*: vid. *Die Portug. Sprache*, § 200. — O nome de *Alandroal* pertence evidentemente a ésta familia, tanto mais que na localidade abundam os *alandros*; mas a fórma *alandro* daria **Alandral*: tenho pois de admittir um **alândrão*, fórma nada extraordinaria, pois que do lat. *lotus* sahiu tambem *lódão*, através de **lódo*. De **alândrão* sahiu *Alandroal*, como de *sardão* sahiu *Sardoal*, de *melão*, *meloal*, etc.: tomo aqui as fórmas com a sua terminação actual *-ão*, sem recorrer á primitiva *-on*. — Ao lado de *Alandroal* ha tambem *Landroal*, que apparece em doc. ant. e na poesia popular.

Limpa, f., espaço de charneca onde não ha matto. — Do adj. *limpo*, *-a* (= l. *limpidus*).

Linda, f., limite de um campo; consiste numa pequena paredinha de terra, sobre a qual mesmo se póde andar. — Etym.: subst. tirado do verbo *lindar* = l. *limitare*; cfr. quanto ao sentido *canga*, de *cangar*. Em port. ant. havia tambem *linde* (= l. *limitem*), ainda hoje em uso num ou noutro trabalho litterario, embora limitadamente; não creio que *linda* venha de *linde*, ainda que o facto era possivel. — Ao pé de Lisboa ha duas povoações proximas, cujos nomes se pronunciam *Lindàpastora* e *Lindàvelha*, e se escrevem *Linda-a-pastora* e *Linda-a-velha*, na hypothese de que entra nelles o adj. *linda*; mas como, a ser *linda* um adjectivo, a construcção syntaxica fica absurda, eu imagino que aqui *linda* não é mais do que o subst. verbal de *lindar*, como fica explicado. Em Lisboa é costume indicar pela preposição *a* a posição de qualquer rua, etc. num sitio mais geral, dizendo-se por ex.: *Rua de Santo Antonio da Gloria, á Graça,* — *Travéssa de S. José, á Praça das Flôres,* — *Rua do Sol, ao Rato,* — *Rua de Santo Antonio, á Estrella,* — *Casal dos Ossos, á Ajuda;* por isso, um local denominado *Linda*, situado noutro mais geral denominado *A Pastora*, chamava-se naturalmente *Linda, á Pastora*. Com relação a *Lindàvelha* póde explicar-se por um d'estes modos: ou *Velha* é tambem o nome de um local mais extenso a que *Linda* pertenceu (nem este nome nada tem de estranho, pois na *Chorographia* de Baptista vem citados muitos locaes com elle), ou simples qualificação de *Linda*, considerado este como mais antigo do que *Lindàpastora*, o que succedeu com *Monte-mór-o-Velho*, *Condeixa-a-Velha*, *Torres Vedras* (= *vel'las*); mas isso para o meu caso pouco importa, porque o que eu quis esclarecer foi a significação de *Linda*.

Lindar, confinar. Vid. o vocabulo precedente.

Livra, libra. — Assim se acha tambem frequentemente nos livros e escrituras antigas. Lat. *libra*.

Lua, amuleto que representa a lua, e que tem por fim livrar de certas molestias as creanças.

Maiórro, marroio. — Metathese curiosa: lat. *marrubium*.

Malhada, barraca para o gado, porcos [1], etc. — Parece que se liga com *malha*, que, segundo o *Dicc. contempor. da ling. port.*, significa tambem *choça*.

Marrucate, ração de pão para os *ganadêros*.

Mênza, meza. — Termo commum tambem a Lisboa. Vid. supra, *cemênterio*.

Móral, o que governa nos *ganadêros*. — De *maioral*, que é a fórma litteraria.

Nhóra! senhora! — Em perguntas, exclamações, etc.

Obra (fazer). Chama-se *fazer obra* ao fabrico da telha, tejolo, etc.

Óntágora. Vid. § 12-*b*.

1 Na *Outra-Banda* (Cezimbra, etc.) *malhada* significa «curral redondo aberto, de paredes inclinadas para o interior».

Palaia (f.), salpicão.—Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 214 (G. Vianna, que dá *palaio* como transmontano).

Panadrázio, acção de atirar uma pedrada.—Deriva de *panêdro*, com o suffixo *-ázio*, que se encontra tambem em *copázio* (de *copo*), *gatázio*, *amázia*,—do lat. *-aceus*.

Panêdro, penedo.—O *e* mudou-se em *a*, como em Lianor = **Lienor* = *Leonor*. Em muitas palavras portuguesas, entre dental e vogal atona, introduz-se um *r*, que parece corresponder ao *l* de um deminutivo em *-ulu-*, ex. *listra* (= **listula*), etc. Cfr. *Dial. interamn.*, III, Vòcab., s. v. *Albèrtulo*.

Parêlho, liso, igual. Ex. «pau parelho».—Do lat. *pariculus* (demin. de *par*); cfr. fr. *pareil*.

Pàzinho, pauzinho.

Pellíco. Vid. *Dial. alemtej.*, IV, 2-*b*, *Vocab.*, s. v.

Perruma, pão feito de farello sem fintar, de bagaço, etc.,—para os cães de gado.—Etym.: do hisp. *perruna* (de *perro*). Ao passar a palavra para o port., experimentou substituição de terminação por outra mais frequente (*-una* = *-uma*).

Pêrtoxinho. Vid. § 12 *c*.

Plàina, polaina de saragoça, usada pelos homens do campo.—Parece que a etym. está no fr. arc. *poulanne*, pelle da Polonia. Cfr. Scheler, *Dict. d'étym. fr.*, s. v. *poulaine*.

Pônte, arco ao fundo do *carro alemtejano*, para segurar a armação, etc.—Metaphora de *ponte do rio*.

Porrête, pau curto e *parêlho*, geralmente com uma correia para ir enfiado no braço.—Etym.: deminutivo masculino de *porra*, cuja origem, por metaphora, está no lat. *porrum*.

Preces. Esta palavra, que é aqui de origem ecclesiastica, usa-se no masculino: *os prêces*.

Preguêta, brôcha para pregar.—Deminutivo feminino de *prego*.—Do lat. *(e)pigrus* (nos AA. *epigri*).

Prítica, extremidade comprida do carro, onde prende a *cãīga*.—Etym.: nos Diccionarios ha *pretiga* e *pritiga* (Fonseca e Roquete). Do lat. *pĕrtĭga*.

Quêjêra, gamela para fazer os *queijos*.

Quinxoso, quinchoso,—parte do campo, *lindada*, para hortaliças. A verdura do quinchoso destaca-se ordinariamente do meio da aridez do resto do campo.

Rabadão. Chama-se assim ao *môral d'ôrêlhas*. E' o unico dos maioraes que tem nome especial.—Etym.: «o que vae na *rabada*, o que vae atrás». Por consequencia √*rabo*.

Rexina, fressura do porco, sarrabulho.

Retábalo, quadro que se põe nas igrejas como *ex-voto* em honra de algum santo.—De *retabulo* = fr. *retable*, a que Scheler, *Dict. d'étym.*, s. v., attribue como etymon um adj. *re-stabilis*.

Ròbar, roubar.

Saclário ou *relicário*, amuleto infantil que consta de um coração, uma imagem, etc. — De *sacrario* (dissimilação).

Scamél (pronúncia *xcamel*, com *x* attenuado), rapaz ou velho que faz *mandados* de pouca importancia, como partir lenha, ir á agua, a um recado. Em Moura usa-se neste sentido do termo *rápa*. — Na lingua commum ha a palavra *escamel*, no sentido de «banco de espadeiro», que vem, não do provençal, como diz o *Dicc. contempor.*, mas do lat. *scamnellum*, **scammel*. Essa fórma porém não vejo por qual evolução de sentido possa explicar a antroalense. — Ha tambem em lat., ao lado de *camillus* (que significa «certo rapaz empregado nos actos religiosos»), a fórma *casmillus*; será ésta a origem da nossa, em virtude do alargamento da significação? Teriamos porém de suppor **scamillus*. Cf. *scupir*, se é que vem de *cuspir*.

Samanco. Etymologia popular por *saimão*. Assim se diz *sam-samanco* (sa-manco). A fórma *saimão* tem muitas parallelas: *samão*, *sàmão* (= *saamão*), *selimão*, etc. O etymon de todas é *Salomão* e *Salamão*.

Sèquessèquando (?)

Siarêro, o que cultiva searas em pequena escala. — De *seareiro*.

Sócha, choça. — Perto do Alandroal e em Moura chama-se *choça* a uma choça pequena. — Etym.: *sócha*, vem de *choça* por metathese, mas qual é a etym. de *choça*? Diez suppõe *plutea*, de *pluteum*, in *Etym. Wört.*, II-*b*. Dozy, no *Glossaire des mots esp. et portug. dérivés de l'arabe*, 2.ª ed., combate nestes termos a etymologia proposta pelo mestre dos romanistas: «il faudrait prouver l'existence de cette forme *plutea*, et en outre ni les Romains ni les peuples néo-latins, n'ont jamais employé *pluteum* dans le sens de cabane faite de bâtons fichés dans la terre et couverte de broussailles ou de paille; tout le monde sait qu'il a une autre signification». Depois propõe como etymon o arabe *khoçç*, que significa *choça*; e accrescenta: «le *kh* devient *c* en esp., et les peuples néo-latins changent souvent le *c* en *ch*». Ha pois nesta réplica duas partes: não se conhecer *plutea*, e não ter *pluteum* o mesmo significado que em romanico. Mas, se existe, como de facto, *pluteum*, que dúvida póde haver em acceitar *plutea*, que é o plural neutro, que podia ser assimilado á 1.ª declinação, como tantas vezes succede (cfr. *debita*, *fata*, *pigmenta*, etc.)? Com relação á mudança de sentido, realisaram-se nas linguas romanicas muitas mudanças semelhantes. Agora o dizer Dozy que *c* dá muitas vezes *ch* é demasiado vago, porque nem em hispanhol nem em português *c* latino dá normalmente *ch*, embora essa mudança seja normal noutras linguas em certos casos (fr. *chez* = *casa*, it. *cielo* = *coelum*, etc.), e mesmo se possa talvez apontar um ou outro exemplo hispano-português de *ch* = *c* (+ *e* ou *i*), como faz Diez in *Gr. d. l. r.*, II, 342, e Cornu in *Grundriss der Rom. Spr.*, I, 767, — o que é, como se vê, um phenomeno diverso do que se suppõe ter-se dado em *choça*. Dozy, *obr. cit.*, pag. 15, pertende tambem justificar a palatização de *ca* com a palavra portuguesa *charabe* (= ambar) que vem do ar. *cahrabé*; mas se

no *Vocabul. Port.* de Bluteau está em verdade escrito *charabe*, vê-se pelo proprio artigo d'esse *Vocabul.*, e pelos Diccionarios posteriores, que *ch* é mera orthographia de *c*, e que por tanto a pronúncia não é palatal, mas guttural. A etymologia arabe *khoçç* para *choça*, com quanto seductora, como outras muitas, que porém são incertas ou falsas, parece pois muito duvidosa, e prefiro a de Diez, — *plutea*, que explica perfeitamente o hisp. *choza* e o port. *choça*. A palavra alemtejana *chôço*, póde ser simples masculinização de *choça*, e não corresponder directamente ao lat. *pluteum*.

Suador. Vid. *burnil*. — Etym.: $\sqrt{}$*suar*.

Spartões, esteira de *esparto*, que cobre o fundo e os lados do carro alemtejano. — $\sqrt{}$*esparto*.

Talêra, taboa sahida, no carro alemtejano, para dar firmeza a este. — Etym.: de um adj. lat. *tabularius*: **tablaria*, **talleira* (por assimilação do *b* ao *l*, cfr. *fallar* = *fab'lare*). Na lingua commum ha como termo nautico *taleira* (a que o *Dicc. contempor.* dá como etymon *talarius*!), que tem a mesma origem; deve escrever-se *talleira*, se se quiser adoptar a orth. etymologica.

Tendaes, váras compridas, onde se prendem os *fuêros*. — Etym.: *tendal* está para o lat. *tendere*, como *estendal* para o lat. *extendere*.

Tiradêra, correia que segura a carga ao burnil. — Etym.: deriv. de *tirar*, palavra de origem germanica, a que corresponde em gotico *ga-tairan*, em anglo-saxão *teran*, medio-inglês *teren*, ingl. mod. *tear*, e nas linguas romanicas *tirare* (it.), *tirer*, (fr.), etc.

Tôldo, abobada do carro alemtejano, constituida por panno. — Etym.: Diez deriva *toldo* do lat. *tholus*, dizendo que o *d* se introduziu como em *humilde* = *humilis*; mas esta etymologia não se póde acceitar, porque os casos não são comparaveis, e além d'isso o natural sería cahir o *l* inter-vocalico[1]. Dozy, *Glossaire* já cit., s. v., suppõe *toldo* tirado de *tolda* e esta proveniente do ar. *dholla*, — explicando tambem o *d* como Diez explicou *humilde*, i. é, por epenthese; mas não será o *d* resultante da dissimilação de *ll*?

Troite, trote. Na phrase «ir a *troite*» (sobre **troitar* = **trotear*?), mas só ouvi isto a um homem; não sei pois se é geral. — Etym.: a palavra *trote* tem origem francesa (*trot*), pois sendo *trotter*, d'onde vem *trot*, o equivalente phonetico do lat. **tlutare* (Scheler, *Dict. d'étym. fr.*), tal verbo latino dava em português **trodare*, abrandamento facilitado ainda pela existencia de outra dental surda na mesma palavra.

Vrido, vidro. — E' usual noutras localidades do país. Lat. *vitrum* ou do adj. *vitreus*.

[1] Supponho que o *d* de *humilde* resulta de influencia de *humildade* = l. *humilitas*. E' verdade que tambem temos *rebelde* = l. *rebellis*, mas a fórma arc. é *revél*; além d'isso, assim como em *humilde* o *d* corresponde, segundo me parece, ao *l* de *humilitas*, assim tambem creio que em *rebelde* corresponde ao de *rebellitas* em vez de *rebellis*, offerecido por Du Cange, *Glossarium*, s. v. (ed. 1886), que o transcrevo de mss. medievaes.

Vutrino, Victorino. — A fórma intermédia deve ter sido *Vutorino*, por influencia da labial inicial.

Xambixuga, sangue-suga.

Xiscada, retalhos de um rebanho de gado.

Zorra, rapoza, e por extensão de significação «mulher de má vida». — Em hisp. tambem ha *zorra*.

Rectificação

No cap. da *Morphologia* d'este artigo (10-*a*) empreguei a seguinte phrase: «Quando na Hispanha houver philologos que se occupem desenvolvidamente e a sério das linguas romanicas, etc.». Para a escrever regulei-me pelo que tenho visto ultimamente publicado na Hispanha. Numa viagem porém que, depois de impressa a página em que está aquella passagem, fiz a Madrid, convenci-me de que a philologia romanica tem na Universidade da capital do vizinho reino um representante sério na pessoa do prof. Sanchez Moguel, que, comquanto não haja por ora publicado senão alguns pequenos trabalhos de crítica historica no dominio das linguas neo-latinas, dá, no seu curso universitario, desenvolvimento á sciencia philologica, em especial com relação ao hispanhol, português e catalão, e tem para publicar em breve vários estudos mais. E' mesmo de esperar que a philologia prosiga com fervor na Hispanha, onde aquelle snr. conta já alguns discipulos intelligentes e applicados, entre elles D. Ramon Menendez Pidal, joven asturiano, que se vae consagrar ao estudo do dialecto da sua provincia. — Fique assim desvanecida a má impressão que as minhas citadas palavras poderiam deixar no animo dos leitores que conhecessem o sympathico movimento de Madrid.

III

LINGUAGEM POPULAR DE BEJA

Em junho de 1889 (pelo S. Pedro), passei em Beja parte de tres dias, e pude recolher os factos seguintes, observados, como de ordinario costumo fazer, em analphabetos, para assim evitar qualquer influencia litteraria que alterasse o natural fallar do povo.

A) Phonetica

1. Pronúncia.

a) O *e* tonico e aberto antes de consoante tende um pouco para *a*; representa-lo-hei provisoriamente por eͣ. Assim: *eͣsta*, *teͣrra*, *seͣrra*,

quêro, vêlo. Differe pois do *é* que se ouve por exemplo em *até-i, pé-i*, etc., o qual é igual ao de Lisboa.

b) Não existe o *t* palatisado que se ouve no Cadaval em *recêita*, etc.

c) O *b*, *d*, *g*, entre vogaes, tem o mesmo som que quando iniciaes; isto é, são sempre explosivos. O contrario succede em alguns fallares do Norte e Centro do país.

2. **Condensação.**

a) Diz-se, como em todo o Sul, *ô* = *ou*, ex.: *ê vô, Môra, ôtro, nôte, pôco*, etc. No Foral de D. Affonso III (sec. XIII) dado a Beja encontra-se já várias vezes *ôtro* (= outro), ao lado de *outro*.

b) Igualmente o ditongo *ei* se condensa em *ê*, ex.: *xêra* (= cheiro), *Janêro* (= Janeiro), *azête* (= azeite), *ê sê cá* (= eu sei cá), *pêto* (= peito).

c) O dit. *eu* nas seguintes expressões condensa-se em *ê*: *ê sê cá*, *mê mãe*, *mê coração* [1], *ê vô, ê fui*. Como se vê, a condensação é em syllaba coberta; em syllaba descoberta o ditongo mantem-se, ex.: *adês adêus* (= adeus! adeus!), *amores mêus*. O *eu* inicial dá *ô* em: *Ôfrázia* (= Euphrasia); cf. noutros pontos do país *Uropa* (= Europa), *Ufémia* (= Eufemia, — na Beira Alta).

3. Ao ditongo litterario *ei* antes de vogal corresponde aqui *êi* e parece que tambem *ê*: *mêia nôte; chêa, cêa.*

4. O dissyllabo *-oa* que no Norte se pronuncía com o *o* ditongado, pronuncia-se aqui sem ditongo: *Lisbôa, bôa.*

5. O *o* inicial atono sôa *ô*: ex.: *ôrêlha, ôvêlha, ôvir, Ôfrazia.* — — Igualmente o *e* inicial atono, ainda que corresponde a *i* litterario, sôa *ê*: *Êmila, êrmão, êdêa, Ênácio.*

6. Nas terminações *-elh-, -enh-, -ej-*, o *e* é fechado, por ex.: *ôrêlha, ôvêlha; lênha, tênho; bêjo, sêja; burmêlho.* Igualmente *alêjado*, onde o *e* se não ditonga, como se ditonga no Norte. Excepto *Lêmtejo* (= Alemtejo), com *e* aberto.

7. Ao *es-* da lingua litteraria corresponde simplesmente *s*, como no Minho, na Extremadura, etc.: *stive, strêlla, spirito-santo.* Em emphase póde porém ouvir-se *é*: *éstimo.* O verbo *estar*, em linguagem rapida, pronuncia-se *târ*, como é vulgar noutros pontos do Sul.

8. *E* nasal.

a) Ao *en (em, in, im)* atono da lingua litteraria, em syllaba inicial, corresponde *ê* nasal: *êntrar, êmbora, êntênder, ênverno.* Como ao *i-* atono da lingua litteraria corresponde geralmente nos dialectos uma vogal nasal, aqui esse *i* é substituido tambem por *ê* nasal: *ênlustrissimo, ênluminação;* igualmente a *in-* corresponde *ê* nasal: *êntornar.*

b) Ao *in (im)* atono da lingua litteraria em meio de palavra corresponde *ê* nasal: *brêncár* (= brincar), *pêntar* (= pintar), *vêntêim, têm-*

[1] Ouvi esta phrase em canto; por isso o ditongo final dividia-se emphaticamente em *ã-o* (coraçã-o).

têro (apesar de se dizer *tinta)*. Apenas ouvi *cincoênta*, porque a influencia de *cinco* foi mais fôrte do que a tendencia phonetica. Cf. *Subdialecto alemtej.*, pag. 10 (§ XI-*a*).

c) Ao *em* atono final da lingua escrita corresponde tambem ê fechado, excepto depois de *j* e *x*: *sérvêm*, *ándêm*, *válêm*, *homêm*, *prándêm*. Depois de *j* e *x* corresponde *á* nasal: *vírjã*, *ẽmájã* (= [illegible]), *fójã* (= fogem), *ráxã* (= rachem); o que é uma peculiaridade [illegible].

d) Ao *em* tonico final da lingua escrita corresponde *êim*. [illegible], *têim*, *vêntêim*, *vêiêm*, *tĩiêm*, *bêim*. No emtanto creio que tambem se diz *êm*. Provavelmente a regra é: *êim* na emphase, *êm* nos outros casos. — Ao *em (en)* tonico inicial corresponde sempre *ê* nasal.

9. *O* nasal.

a) Ao *un (um)* atono da lingua litteraria em syllaba inicial corresponde *ô* nasal: *ôntar* (= untar).

b) Ao *un (um)* e *on (om)* da lingua litteraria em meio de palavra corresponde *ô* nasal: *jôntar* (= juntar), *abôndante*, *cômprar*.

c) Ao *ão* atono final da lingua litteraria (arc. *-om)* corresponde *ô* nasal: *fôrôm*, *andárôm*, *stivérôm*.

10. Não se desenvolve ditongo antes de palatal: *dêxar*, *cáxa*. Cf. § 6. Igualmente *pálha*.

11. Na terminação *-es* o *e* sôa surdo e não *i*: *pódés*, *aves*, *árves* (= arvores).

12. Pareceu-me que as vogaes antes de consoante nasal são nasaladas; assim distingui as vogaes em *Rõma* e *rôto*, *pĩno* e *pia*; igualmente *cãma pẽna* (*e* fechado), cfr. *plãno*. Sempre o *a*, *e*, e *o* fechados. No Alandroal (Alemtejo) as vogaes são realmente nasaladas nessa condição: *pãnno*, *pĩno*, *cõmo*, etc.

13. Ao *e* tonico final junta-se um *i* attenuado, que fórma com o *é* um dissyllabo: *é-ĭ*, *pé-ĭ*, *Juzé-ĭ*, *até-ĭ* (= até). Igualmente *é-i alto* e *é-i-um*, onde este *i* evita o hiato.

14. O adv. *não*, quando proclitico, torna-se *nã*, pelo menos antes de consoante: *nã quero*.

15. O *o* aberto de *còpo*, torna-se *u* no deminutivo, onde fica atono: *cupinho*.

B) Morphologia

16. **Verbos.**

a) O preterito perf. indic. da 1.ª conj. acaba na 1.ª pessoa do sing. em *-i*: *abalí* (= abalei), *andí* (= andei). Na 2.ª pessoa do sing. em *s*: *andástes*. No presente a 1.ª pessoa do pl. acaba em *-âmos* e no pret. em *-ámos*: *andámos* (pret.), *andâmos* (presente).

b) O verbo *ser* no pres. do indic. conjuga se assim: *sô*, *ês*, *é i*, *sâmos*, vocês *são*, elles *são*; no preterito: ê *fui*, elle *fôi*, etc.

c) A phonetica imprime aos verbos fórmas especiaes: *andô* (§ 2-a), *fôrôm* (§ 9-c), *prêndêm* (§ 8-c), [illegible] (ib.), *têim* e [illegible] (§ 8-d).

17. Usa-se a locução adverbial *a fôra* na phrase: *ruáfôra* (= rua

a fóra: «por essa rua a fóra»). — Sobre *nã* vid. § 14. — Sobre *cupinho*, § 15. — Tambem *munto* (= muito).

C) Textos populares

Arvre cidrêra,
Q'aqui tá no alpêndre,
Q'anto mais se réga,
Mais a silv'à prênde.

As sâias à câmponêza
Stã béim a tod'à pessôa:
Vâlêm mais as nossas sâias
Q'ò *ternur* [1] cá das cidadôas.

Aqui se cânta, aqui se bâlha,
Aqui se jog'à larânjinha:
Conhêço o mê amor
Pelo modo da gravatinha.

Pasturinha, vêim cômigo,
Amores meus,
Déx'ó gado, dêx'à serra
Pasturinh' àdês, adeus.

Êstiânno ha munto linho,
E' sinal d'haver-linhaça:
Ha munta môça pedida,
Por causa da desgraça.

Abali de Sânt' Antão,
Fui dar ó Cônvênto-Novo;
Nã vi cidade e nã povo
Côm maior sparação:
Olh'ò altar de Sã-João,
Côm ôitênti [2] uma luz,
Co'a Sinhora d'ò pé da cruz
P'ra sêmpri [3] amêim Jazus.

Uma castanhit' àssada
Um cupinho d'água ardênte,
Um béjinho d'uma menina
Fázêm a gênt' andar quênte.

Certamente que, se tivessemos de julgar por êste curto espécime o talento poetico dos bejenses, o juizo não lhes seria muito favoravel; mas foi só isto o que pude colhêr.

D) Vocabulario

Este vocabulario é realmente pequeno, mas, no pouco tempo que estive em Beja, não pude recolher mais vocabulos.

Adevinhação, adivinha popular.

Afòra ou **a fóra**. Vid. § 17.

Água. Assim se diz e não *áuga* ou *áugua*.

Alferce, especie de saxola estreita, com uns dois palmos de comprido, e curva. E' para fazer a *plânca*.

Aplancar, arrancar a terra com matto, etc.

Arve, arvore. — De *arvre* (dissimilação).

[1] = fr. *tournure*, por dissimilação das vogaes.

[2] Aqui *e* deu *i* segundo a regra geral: i. é, *e* atono antes de vogal muda-se em *i*.

[3] Vid. a nota precedente.

Arvre, outra fórma de *arvore*, em virtude da tendencia que o povo tem para reduzir os esduxulos a graves.

Bálhar, bailar.

Bescôço, pescoço.

Cômigo, comigo. Esta fórma, assim com *ô* fechado, resto evidente de *côm*, é muito usada no Sul. Talvez mesmo se diga *côm migo*.

Cuxârro, coxo. — Vid. *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Drumir, dormir. No pres. *dróme*.— Fórma muito usada tambem noutros pontos, mesmo no Norte.

Faím, arma antiga. — Nos dicc. vem como significando *espadim*.

Fólga, sésta. Ex. «drumir a *fólga*». — Do verbo *folgar* = lat. *follicare*.

Gudiána, Guadiana. Diz-se *a Guadiana* e *rio da Gudiana*. Tambem assim ouvi no Alandroal, etc. — Foi a terminação que fez com que o nome do rio se tornasse feminino.

Jancro, seixo ou pedra rolada pelas aguas, mas pequeno. Na Beira-Alta diz-se *jóga* e *jòguinha*.

Légua. Assim se diz, e não *léuga*.

Lêmtéjo, Alemtejo. — Cfr. § 6.

Mênza, meza. Muito usual no Sul.

Mulêto, especie de bengala com bastão que fórma angulo recto com o resto da bengala. — Cfr. *molêta*.

Munto, muito. — Usual noutros pontos.

Plânca, arrancamento da terra com matto, etc.

Q'ânto, quanto. — Vulgarissimo no Norte, etc.

Ressio, campo grande e inculto, em volta das povoações.

Rozaira, Rosaria. — Frequente noutros pontos.

Sânja, vallêta no campo.

Tóino, Antonio. — Tambem usual na Extremadura, etc.

Vurmêlho, vermelho. — Influencia da labial inicial.

IV

LINGUAGEM POPULAR DE SERPA

1. Na *Memoria historico-economica do concelho de Serpa*, por Graça Affreixo, Coimbra 1884, pag. 135, acha-se a seguinte lista de vocabulos usados em Serpa, a qual eu copio, addicionando-lhe algumas notas entre colchetes:

Amanhar, consertar. Ex.: «mandar amanhar as botas, as calças, os collêtes, etc.» — [Cfr. *Dial. alemtej.*, II, *Voc.*]

Assabão, sabão — [Cfr. *ib.*, *ib.*, § 5].

Atuado, sem acção. Ex.: «As sanguesugas ficaram atuadas» quer dizer que não tiraram sangue. — [Do lat. *attenuatus*].

Avacuar, prostrar. «Está *avacuado*».

Avondo, bastante. «Tem *avondo*».
Barda *(em)*, muito. «Teve milho em *barda*».
Borco *(de)*, em prostração. «Cahiu de borco».
Consertar, ajustar. «Consertou-se por criado ou criada.»
Endróminas, palavras enganosas. «Isso são endróminas tuas».
Engrimanços, graças impertinentes. «Não me estejas com *engrimanços*. [Parece pertencer á mesma familia de palavras que o fr. *grimace*, sobre que se veja Littré e Scheler].
Entregôsto, costélla. «Frigir *entregôsto* de porco». [Do lat. *inter-costa(m)*, que deu *entrecôsto*, em que houve mudança de terminação para indicar o masc.]
Esbrucinar, debruçar. «Esbrucinou-se no poço».
Estamarrado, casual. «Teve uma febre *estamarrada*».
Estribuir, estragar. «Estribuiu logo o dinheiro». [De *(d)istribuir*].
Étigo, tisico. «Esta mulher está *étiga*». [De *hectico*].
Fema, femea.
Fofes, phosphoros. [Na Beira-Alta *fófres*].
Grossina, saburridade. «Tem grossina na lingua» quer dizer que tem a lingua saburrosa.
Incerne, cuidadoso. «E' muito *incerne* no trabalho». [De *acerrimo?*].
Incólito, incognito. «Filho de paes *incolitos*».
Poliquitento, difficil de contentar em comidas, que não gosta de comidas, ou come pouco. [De *politiquento*].
Supremo *(pôr)*, cobrir. «Por suprêmo a teu filho».
Tenico, brando. «E' uma doença *tenica*».

O A. diz que teve em vista uma collecção de *barbarismos serpenses*, mas não indica se era manuscrita, se era impressa. Pela informação particular de um meu amigo, sei que essa collecção era ms. e fôra feita por um medico; effectivamente a natureza dos termos transcritos confirma o facto.

2. Tendo só passado em Serpa uma noite (no S. Pedro de 1889), apenas pude notar o seguinte:

a) **Phonetica**. Ouvi tres especies de *e*: um aberto, correspondente ao de Lisboa, ex.: *pé-i, até-i*; outro como o *e* hispanhol, correspondente ao nosso *é*, ex.: *S. Pèdro, èsta, lèsma*; outro representado por *ê* e correspondente á syllaba *ei*, ex.: *séfar* (= ceifar). Não existe *ö* nem *ü*.

b) **Vocabulario**:

Acêfar, ceifar.

Calêra, couro que se põe no *calo* da mão para agarrar o cabo do instrumento com que se séga o trigo, etc.

Dedêra, coiro que envolve o dedo indicador ao fazer-se o serviço da ceifa.

Fuzilêra, bolsa de coiro onde se guardam os petrechos para accender o cigarro, — pederneira, isca e *fuzil*.

Ganadêro, pastor em geral. Ha em especial *óvelhéro, cabréro, porquêro*, etc.

Granal, campo de milho. — Do lat. *granum*. Ha casos em que um som, que desapparece na palavra primitiva, reapparece na derivada: parece ser aqui um d'esses, em relação ao *n* (grão, granal).

Manajêra, manajêro. Mulher e homem que dirigem respectivamente as outras mulheres e homens que trabalham no campo.

Manguêra, especie de *manga* de coiro para o braço direito, no trabalho da ceifa.

Pellíco, especie de casaco (mas sem mangas), feito de pelle que conserva junta a lã.

Rabadilha, osso coccyx (extremo da columna vertebral).

Samarra, jaqueta sem mangas, feita de pelle de ovelha ou carneiro.

Samarro, bolsa de coiro para os pastores guardarem os utensilios com que executam os seus trabalhos de mão, por ex. colhéres, tarros, etc.

Sêfões, çafões. Tambem em lingua mais culta se diz *seifões*. Vê-se aqui a influencia phonetica do verbo *ceifar*.—Os *safões* são guardas de pelle para as pernas e cintura; usão-se em todas as estações.—Este vestuario tambem o observei na provincia de Cáceres (Hispanha), onde lhe ouvi dar o nome de *zajones* (com *z* e *j*, segundo a pronúncia hispanhola); como em alguns dialectos hispanhoes, corresponde *j* a *h* (cfr. o meu *Dial. hispano-estremeño*, 2.ª ed., pag. 4), póde ser que aquella fórma esteja por **zahones* = **zafones* (pois que, na phonetica hisp., temos $h < f$), que se avizinha da portuguesa e lhe dá alguma luz para a etymologia, por causa do *z* inicial, que no nosso dialecto se acha representado por *s(ç)*.

Nota á pag. 22, sobre «copo»

Por inadvertencia disse eu a pag. 22 que a fórma *copo* assenta em **copulum*; mas tal não é, porque o *p* intervocalico abrandaria normalmente em *b*, o que se deu no arc. *poboo*, de *populus*, exemplo que eu citei ao pé d'aquelle. Por tanto o lat. *poculum* fica representado em port. só por *côcho* (côxo).

J. Leite de Vasconcellos.

TRADIÇÕES POPULARES AÇOREANAS

I. Cantigas populares

1 Cand 'ê [1] quis, tu nã quijeste [2],
cudavas [3] qu'eras más qu'eu.
Agora que tu me queres,
agora nã quero eu.

2 Eu quijera d'ir [4] comtigo,
que eu comtigo d'ia bem.
Se não fosse, pola falta
que eu faço á nha mãe.

3 As tuas bózias [5], menina,
são uma flauta afinada.
Cada fala que purferes
é uma áuria bem cantada.

4 Oh minha bella menina,
meu grão de trigo na ieira [6],
sameado no domingo,
nado [7] na segunda feira.

5 Em nome de Deus. Amen.
Eu já vou principiando:
quem me quizer ajudar,
já se póde ir pupurando [8].

6 O sol perguntou á lua
pela vida dos casados.
A lua lhe respondeu:
não te importe(m) os meus cuidados.

7 Já não tenho a quem conte
máuas [9] do meu coração.
Hei-de fazer uma cóva,
hei-de enterra-las no chão.

8 O meu regalo é cantar,
onde estão tres raparigas.
Uma lê, outra escreve,
outra soletra as cantigas.

9 Tenho catarrho nas unhas,
defluxo nas orelhas;
anda-me a cabeça á roda,
amarga-me as sobrancelhas.

10 Todas as moças me querem,
porque eu sou bom calafate;
mas eu não quero a ellas,
porque ellas não tem remate.

11 P'ra te amar deixei a Deus,
por teu amor me perdi;
agora me vejo só,
sem Deus, sem amor de ti.

12 Eu namorei uma velha,
só pelas tranças que tinha;
veiu o vento, veiu a neve,
levou-lhe toda a carpinha.

[1] *Ê* = *eu*. Cfr. J. Leite de Vasconcellos, *Sub-dialecto alemtejano*, p. 5.

[2] *Quijeste* em vez de *quiseste* é devido á influencia da vogal palatal como em *quis* por *quigi*, *quisi*, lat. *quaesi*, etc. Cfr. Cornu, *Grundriss*, I, 771.

[3] *Cudar* por *cuidar* acha-se já na lingua antiga.

[4] *Ir* acompanhado de *de* é commum na linguagem dos Açôres.

[5] *Bózias* = vozes.

[6] *Ieira* por *eira*, como *a-iagua*, *a-ialma* etc., para evitar o hiato.

[7] *Nado*, fórma antiga que se usa ainda hoje na phrase *sol nado*.

[8] *Preparando*.

[9] *Máua* por *mágoa* não é raro no povo açoreano.

13 Amor perfeito plantado
em qualquer parte, enverdece;
só em peito d'homem vil
amor perfeito fenece.

14 Quatro cousas quer meu amo
d'um criado que o serve:
deitar tarde, levantar cedo,
comer pouco, andar alegre.

15 Marafona tem uma saia,
com cem varas de cambraia;
depois d'ella feita
inda disse que era estreita.

16 Este mundo é uma bolla,
quem governa é o Paróla.
O Paróla já morreu.
Quem governa agora? Sou eu.

17 Quando entrei nesta casa,
não ousei de cortuzia [1];
agora que estou cá dentro
guarde Deus a bizarria.

18 Quando eu saí de casa,
'stava em ir, não irei;
a lambrar-me os teus olhos,
mais depressa caminhei.

19 Agora vamos entrando [2],
no rancho da formusura:
aqui não ha que escolher,
cada um pegue na sua.

20 Saltei domingo em terra,
meu dinheiro era um pataco;
dei um bordo por d'avante,
fui gasta-lo ao Bairro-Alto.

II. Fados

1 Engracia, minha Engracia,
se queres viver contente,
foge, vem ser companheira
d'este fadista decente.

2 Se o padre santo soubesse
o gosto que o fado tem,
viria de Roma aqui
dançar o fado tambem.

3 Se os meus olhos te não vissem,
meu juizo não pensava,
meu peito não se abria,
meu coração não te amava.

III. Rimas infantis

1 Besouro, besouro [3],
cala-te, moço;
senão, eu vou-te
ao couro.

2 Meio dia:
panella ao lume,
barriga vazia.
Uma hora:
côcos [4] ao lume
p'ra gente de fóra.

1 *Cortuzia* por cortezia.
2 Canta-se ás vezes ao começar a folga.
3 *Olho de besouro* na linguagem do povo fayalense significa *olho feio*.
4 *Côcos* é termo popular por *inhames*.

IV. Jogo infantil

— Um e dois e angelina,
finca o pé na pampolina.
Oh rapaz, que jogo faz?
— Faço o jogo do capão,
o capão sobre capão.
Conta bem, Manoel João.

Se contares e não errares,
vinte quatro achares.
Cevada madura,
trigo loiro.
Cala-te, moço,
senão eu vou-te
ao couro.

V. Ave Maria [1]

1 Ave Maria,
que neste dia
de pranto e dor
vistes o martyrio
do Salvador.

2 Cheia de graça
viste-la a taça
beber de fel.
Mãi sem conforto,
do filho morto
viste o painel.

3 O Senhor é comtigo
no eterno abrigo
da salvação,
Virgem celeste
que aqui sofrestes
cruel paixão.

VI. Oração de S. Silvestre [2]

Eu te benzo F..., em cruz,
em nome de Jesus.
F... foi o nome que te puseram na pia
em nome de Deus e da Virgem Maria.
Eu te benzo empecino [3]
com o sangue justo e dino
de meu Senhor Jesus Christo.
Se isso é cubranto [4] ou olho mão,
ou ramo de inveja, ou ramo de excommunhão
ou de outra qualquer doença,
ou de vivo ou de morto,

1 [Esta poesia vê-se que não é de origem popular. Como as estrophes 2.ª e 3.ª são sextilhas de fórmula *aabccb*, é claro que na 1.ª falta um verso.— J. L. DE V.]

2 Esta oração, que segundo me observou o snr. Leite de Vasconcellos, devia antes ser chamada *ensalmo*, reza-se contra os lobis-homens. Foi-me communicada pelo meu amigo o snr. Manoel da Silva Greaves, do Fayal.

3 [*empecilho* ou *e persigno?* — J. L. DE V.]

4 Por *quebranto*. Cfr. o snr. G. Vianna, in *Études de gram. port.*, 1884, pag. 8, — *cubrados* = *quebrados*.

d'esse corpo se queira tirar
e áquelle mar se vá botar.
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo,
eu não te pari nem te criei,
esse mal te tirarei.
Santa Anna pariu Maria,
Maria pariu Jesus,
Santa Isabel a S. João Baptista.
Assim como isto é verdadeira verdade,
assim tu te queiras tirar.
Lá no rio Jordão perguntou
Christo ao snr. S. João:
qual de nós foi mais bem baptisado?
—Senhor, fui eu das vossas divinas mãos.
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Amen.

VII. Fórmulas e dictados populares

1 Perguntei ao S. Bartholomeu
Se mente mais do que eu.

2 Barriga lisa, não quer camisa.

3 Ver S. Jorge a cavallo.

4 Ver o diabo em fralda.

5 Da mana da minha comadre fiz uma papia ao meu afilhado.

6 Quer que sim, quer que não, está o macaco no caldeirão.

Este dictado refere-se nos Açores as mais das vezes ao povo da ilha das Flores que é considerado como muito simples. Conta-se, com respeito a isso, o que se segue:

Uma pessoa das Flores comprou uma lagosta, e pela sua muita simplicidade e ignorancia não soube amarrar-lhe as pernas bem amarradas antes de a pôr a cozinhar. Quando a agua começou a aquecer bastante, a lagosta começou a dar grandes saltos no caldeirão. Começou a familia a discutir que era cousa má que estava no caldeirão. Um dos membros da familia, que teve mais coragem de se aproximar do lume, voltou dizendo: Ai querida! [1] pelo que sim, pelo que não, o macaco [2] está (metido) no caldeirão.

7 Muito bem se canta na sé, uns sentados e outros em pé.

[1] *Ai, querida!* locução exclamatoria que a gente açoreana usa frequentissimamente para com todos, até para com os seus inimigos. Talvez que esta phrase tenha relação com a expressão *bemqueria* em Sá de Miranda (103, 63 da ed. de D. Carolina Michaëlis de V.).

[2] A gente açoreana diz *macaco* para não dizer *diabo*.

VIII. Crenças populares

1. A LENDA DA CODORNIZ E DA LABANDEIRA [1]

Quando, na Judea, nossa Senhora, fugindo á sanguinaria sanha de Herodes, foi procurar seguro abrigo para o seu bemdito filho nas terras do Egypto, para ali se dirigiu montada num jumento, com o menino Jesus nos braços e accompanhada de São José, seu esposo. Temendo algum arriscado encontro com os emissarios de Herodes, procurava este casal os caminhos mais desviados, e ainda assim com o maior resguardo. Tinham por vezes os fugitivos de atravessar grandes restevas, campos descobertos, e nessas occasiões é que o perigo de serem retidos era mais imminente.

Augmentou ainda, porém, esta pessima situação a codorniz que, erguendo-se das restevas espavorida, soltando a voz e voando rasteira, ia na frente, denunciando assim que alguem por ali passava. Ao contrario d'isto, a labandeira, sempre airosa e saltitante, vinha, com as suas lindas azinhas e comprida cauda, apagar as pegadas do jumento para que ninguem pudesse dar pelo rumo que os fugitivos levavam.

D'ahi provém o prestigio que esta avezinha goza entre o povo, sendo prenuncio de ventura ou de algum favoravel acontecimento quando vem pousar junto de qualquer pessoa, ao passo que a codorniz é mal vista, passando por muito mexeriqueira. Para as labandeiras olham sempre superstíciosamente os camponezes; e quando estão a chilrar, o que é raro, tomam aquillo como aviso, que ellas lhes vem dar, de algum extraordinario acontecimento.

2. UM CONTO POPULAR [2]

No «Correio Michaelense» de 25 de Agosto de 1889 acha-se uma versão do conto faialense de «E' a fé que nos salva e não o páo da barca» publicado por mim na *Zeitschrift für romanische Philologie*, XIII, pag. 11, que creio digna de ser transcripta na *Revista Lusitana*. Ei-la aqui:

«Uma rapariga que estava muito doente, e já desenganada dos medicos, pediu ao noivo, que ia a Jerusalem, que lhe trouxesse da cidade santa um pedaço da madeira da cruz em que Christo foi pregado, para tomar em vinho, a ver se assim melhorava. O namorado esqueceu-se do pedido da moribunda, e, na volta, cortou um bocado

1 Esta lenda, devo-a á amabilidade do snr. Ernesto de Lacerda de Lavallière Rebello, da Horta (Faial).

2 [Este conto era ha trinta anos muito popular em Lisboa, e é dele memoria o ditado: «a fé nos salva». — G. V.]

da madeira do navio em que vinha, para enganar a rapariga; e como esta se achasse curada completamente depois de o tomar, dissolvido em vinho, elle então commentava: «A fé é que nos salva, seja o páo da barca.»

3. OS LABREGOS

Com respeito a esta crença conta-se o seguinte:

Uma mulher velha, muito religiosa, moradora nas proximidades de uma ribeira na freguesia de Castello Branco d'esta ilha [1], pedia sempre a Deus em suas orações que lhe permittisse ver ou conhecer os labregos. Numa noite, estando sentada na soleira da sua porta a rezar, em horas já adeantadas, á meia noite, segundo calculava, appareceu-lhe um homem trazendo um bastão e umas alparcas, pedindo á velha que lhe deixasse guardar estas ali, na sua casa, ao que ella respondeu que as arremessasse para dentro de casa. Passado algum tempo, sem que apparecesse o dono das alparcas, a velha contava o succedido ás pessoas suas conhecidas, dizendo-lhes que tinha em seu poder aquellas alparcas, ainda no mesmo logar para onde as tinha arremessado o homem; que as desejava entregar ao dono, mas ignorando quem quer que fosse, se via embaraçada na realização d'essa entrega. Finalmente, passados meses, numa noite á mesma hora, achando-se ella sentada no mesmo logar, entregue ao seu habito de rezar, lhe appareceu o mesmo individuo em procura das alparcas depositadas anteriormente, ao que ella respondeu: Entre vocemercê e vá buscá-las, pois estão no mesmo logar em que as deixou. Elle, tomando-as, dissera á velha que não tornasse a ter desejos de ver os labregos, nem que estivesse por ali áquellas horas. Ao que a pobre velha assustada nada respondeu.

4. ILHA ENCANTADA

Ainda se ouve aqui [2] falar de uma ilha encantada ao lado do Pico, que já foi vista na noite de S. João, á meia noite, por mais de uma vez, por pessoas d'aquella e d'esta ilha, para descobrir a qual se precisa infallivelmente que a pessoa que a avista não levante d'ella os olhos em quanto não for pisada por outra ou outras pessoas; mas que nunca foi descoberta, pela inconstancia dos olhos d'aquellas pessoas que casualmente a tem visto naquella santa noite, porque retirada a vista, encanta-se novamente.

[1] Estas noticias sobre o lobis-homem devo-as á obsequiosidade do snr. Manoel da Silva Greaves da Horta (ilha do Faial), que me diz que algumas vezes se ouve principalmente na ilha do Pico chamar-se *labrego* a qualquer pessoa no sentido de *demonio*.

[2] Na ilha do Faial. Os numeros 4 e 5 foram-me referidos pelo mesmo cavalheiro faialense.

5. ENCANTADOS

Nestas ilhas e em certos logares tambem existem *encantados*, revelando-se a sua existencia pelo cheiro de pão quente nesses sitios.

Na ribeira da freguesia da Praia, por exemplo, ha 70 annos, pouco mais ou menos (pessoas ha que o ouviram dos proprios com quem se deu o facto), estando alguns rapazes entretidos, mesmo de dia nas proximidades d'uma rocha ou gruta, de repente viram uma alva toalha estendida e sobre ella pão, apparecendo ao mesmo tempo uma mão com gesto de chamamento ou convite dirigido aos rapazes, que assustados deram immediatamente *ás de Villa Diogo*, não esperando pelo resto.

6. VARIA

Uma mulher aleijou d'uma perna sem se saber o motivo. Um dia que ella abriu uma caixa para mostrar a uma amiga um crucifixo que alli tinha, esta lhe perguntou se ella jámais se tinha sentado sobre aquella caixa. Ella disse-lhe que sim. «Eis o que te aleijou; o peccado de te sentares sobre a imagem do senhor». A aleijada nunca mais se sentou alli, e em pouco tempo ficou perfeitamente boa.

A primeira roupa que se dá pela alma d'um defunto é a mesma com que elle se apresenta deante do padre eterno para receber a sua sentença.

Quando se ouve o primeiro tremor de terra, diz-se: Esperemos pela resposta (i. é, o segundo tremor).

IX. Respigas do vocabulario açoreano

Alhora! interjeição demonstrativa de espanto ou admiração, vulgarissima nas ilhas do Faial e do Pico. Por exemplo: alhora o home(m)! significa a admiração que causa o falar ou a acção de qualquer individuo. — Não será *olha ora?*

achê! interjeição commum na ilha das Flores significando: muito bom, magnifico. Exemplo: — Este peixe está saboroso. — Achê!

amoroso = macio, plano, sem asperezas. Diz a gente do campo: pão amoroso = fino e doce; caminho a. = bom caminho, c. sem accidentes.

arriba, adv., = acima. Ainda commum entre o povo. *Parriba* = p'ra arriba.

bilhafre = milhafre. Termo de desprezo entre os camponeses, equivalente a larapio, ladrão.

bonidéco = de boa vontade, a aprazimento. Exemplo: O casamento da minha filha com aquelle rapaz foi muito do meu bonidéco.

bosquezinho = cabana, casa pequena e ordinaria.

burro, como termo maritimo é um cabo que prende á embarcação a extremidade inferior de uma vela latina, do lado opposto á escota.

cabidar = pôr a direito, governar; ralhar com alguem. Exemplo: Aquelle homem está cabidando a sua casa, i. é, está reprehendendo os seus.

cairel (orla, debrum): entre o povo significa uma vasilha grande. Exemplo: Aquelle meu rapaz já bebe um bom cairel de vinho.

oh cavalheiro! exclamação muito usada pela gente faialense para exprimir a sua admiração.

cavallo branco, official da justiça que faz citações. Exemplo: Eu não desejo ver cavallos brancos á porta.

confesso = desobriga quaresmal.

conhecer. E' offensa perguntar ás mulheres do campo se conhecem o snr. F., pois isto, para ellas, significa ter trato illicito, e respondem logo: Eu nunca *conheci*, mas sim *destrinço* esse snr.

contrições = contribuições de estado. Parece haver aqui intenção de gracejo.

cumples, significa comprimentos, attenções, como por ex., na phrase: fazer cumples.

desancar = superabundar. Exemplo: Molhama a *desancar*,— que quer dizer grande porção de môlho; dinheirama a d.: grande porção de dinheiro.

destrinçar = conhecer.

dobrado = crescido, desenvolvido.

dolorio = perda, perjuizo, damno. Exemplo: O rocio do mar veiu fazer grande dolorio ás semeaduras.

enchareo, peixe trivial no mar dos Açores. De individuo que é muito comilão, diz-se: Aquillo é uma barriga de *encharéo*. «Estar-se *encharelado* é, estar comendo demasiadamente.

engraçado. Oh engraçado bicho! exclamação usadissima na ilha do Corvo, demonstrativa de espanto, e até certo ponto reprehensiva. Exemplo:—Então, não tens hoje um pucaro de leite para eu beber?—Oh engraçado bicho!

entrementes, adv., voz antiga que é ainda muito commum no povo, e ás vezes se ouve até a gente mais culta.

esticar a canella [1] = morrer.

folião: 1) o que dansa folias nas festas do Espirito Santo; 2) folha de canna verde.

franganito = debil, fraco, delicado.

guecho (ou **guecha**) = bezerro, novilho. Assim: Uma *guecha* alfeira é uma novilha que já póde conceber.

impaviar, comer com soffrega maneira. Diz-se por exemplo: João, toma sentido com a *impaviação* que tens nesta cesta, alguem não lhe bote o gatasio; comer grande porção: «Sou capaz de *impaviar* quanto vejo.»

ingeirar = alinhar, pôr em fila.

[1] Como me diz o snr. Leite de Vasconcellos, esta phrâse tambem se usa em Portugal.

lagarto. *Ah lagarto!* Vale o mesmo que: Ah mariola! e é exclamação bastante commum entre as classes maritimas. Não se deve confundir a significação d'esta palavra, que aqui designa um peixe, com o nome do animal reptil oviparo, que não é conhecido nos Açôres.

mar amarello. Esta expressão, que se encontra em diversas invocações populares, significa «inferno». Exemplo: Vae-te para o *mar amarello!* Cfr. *mar coalhado*, dado por Leite de Vasconcellos nas suas *Tradições populares de Portugal*, p. 83.

misericordia (pedir—). E' usada esta phrase pela gente maritima quando, durante um temporal, a embarcação não póde arrostar com a furia dos elementos e toca no vento para metter de capa. Nestas condições o panno fica a bater, e é isto ao que se chama: «estar a pedir misericordia».

moderno = brando, não rijo. Exemplo: Eu sempre dou aos meus filhos castigos modernos [1].

mysterios, chama-se nas ilhas do Fayal e do Pico aos improductivos descampados constituidos por pedra queimada ou lava solidificada. No Pico quebram aquella pedregosa crosta até encontrarem terra, e com a pedra removida vão fazendo monticulos, aos quaes chamam *maroiços* (= marouços).

pifão (tomar um—), quer dizer: embriagar-se.

requerer, invocar a sombra de qualquer defunto para apparecer ou vir dizer o que necessita para o seu descanso. A formula d'esta invocação, para a qual só certas mulheres tem poder, é a seguinte: Da parte de Deus te requeiro para que me appareças e me digas isto ou aquillo.

recuso (fazer—), fazer queixa, principalmente ás autoridades, de qualquer occurrencia menos legal.

sugigar = «subjugar». E' trivialissima maneira de dizer nas ilhas do Faial e do Pico. Diz-se, por exemplo: Sugigue-me vm. por essa escada abaixo, olhe não caia.

tamuscar. E' termo antigo usado em algumas remotas freguesias da ilha do Pico, significando dormitar, pegar levemente no somno. Exemplo: Eu estava tamuscando no matto quando me quiseram furtar o meu feixe de lenha; valeu-me isso, pois se estivesse aferrado no somno, perdia-o de certo.—Ouvi-o já a luso-americanos.

a têlo, a têlo! Na linguagem maritima é voz de commando durante a tormenta para que a embarcação vá lentamente d'encontro á vaga.

terraços. Designam-se assim, na ilha do Faial, os habitantes d'um bairro proximo do mar, na freguesia da Conceição (Horta). A linguagem d'esta gente é um português tão modificado que por vezes mal se póde entender. Conservam usos e costumes differentes dos da generalidade do povo, e até ha poucos annos viviam extremados dos

[1] [Muitas vezes ouvi na Beira-Alta dizer: «F. vem hoje muito *moderno*»,—phrase em que *moderno* significava *calado*, *socegado*, *insinuante*, etc.—J. L. DE V.]

Hortenses, casando sómente na sua propria tribu. São todos pescadores. De pessoa que falla muito e esganiçadamente, diz-se: Aquelle parece um *terraço*[1].

vaga (mandar á —), termo maritimo que significa governar uma embarcação. Figuradamente: ter a direcção de qualquer empresa.

vardasca (ser um —), é ser um moço forte e feliz, ou atrevido com as mulheres.

vento carpinteiro! o vento sueste, que não é seguro na bahia da Horta, havendo por vezes naufragios que fazem em hastilhas as embarcações. D'ahi o nome do vento.

vento esfola vaccas, é o vento oeste, chamado tambem *vento de cima da terra*, no Fayal. Sendo assaz aspero e com pancadas de neve durante o inverno, do prejuizo que causa ao gado lhe advem simillhante alcunha.

vestimenta d'alma, significa a roupa, o trajo usual de qualquer pessoa fallecida, que é de rigor dar a algum pobre logo depois do obito, para descanso do espirito do defunto.

oai! Virgem! — é exclamação peculiar da ilha das Flores e mais designadamente ainda da freguesia da Faja-Grande, e demonstra espanto. Exemplo: Quanto custam estes figos? — A vintem cada um. — Oai, virgem!

vir com os pés nas mãos, brindar com presentes. Esta locução provém do costume de a gente do campo, quando visita a da cidade, sempre lhe trazer de presente alguma ave. Cfr. em Lisboa — *bater á porta com os pés*.

zangarilhão, figura comica de velho em comedias populares.

Lisboa, 10 de Março de 1890.

H. R. Lang.

Appendice

amoroso: usado no sentido de «macio». veja «Vocabulario de Cabeceiras de Basto» no I vol. d'esta *Revista*, pag. 220.

bonideco: bono et aequo (?)

confêsso: em Lisboa diz-se «o santo confêsso» na mesma accepção; cfr. o francês *aller à la confesse*. São nomes verbaes, como *emprêgo, presse*, — de *empregar, presser*.

contrições = contribuições: cfr. em Lisboa *constuição* = constituição.

enchareo, i. é, *encharéu* por *encharel* (cfr. *encharelado)*, como *manteu* por *mantel*.

pifão: tambem usado em Lisboa no mesmo sentido.

G. V.

[1] Communicação do snr. Ernesto Rebello, a quem devo a maior parte das informações sobre o emprego das vozes que vão publicadas neste artigo.

TRANSCRIÇÃO PORTUGUESA DE NOMES PROPRIOS E COMUNS

PERTENCENTES A IDIOMAS FALADOS NAS COLONIAS PORTUGUESAS

I. — ÁFRICA

a) **Linguas bantos ou cafriais.**

Tem Portugal um dilatado dominio em África, e no interêsse da manutenção e ampliação dêsse dominio é da maior conveniencia que a lingua portuguesa ali adquira preponderancia maior do que a já alcançada. Para esse fim deve o seu estudo ser lá difundido por todos os meios de propaganda decorosa, e com esse estudo ser também divulgado o seu modo de escrita. Os Ingleses ortografam em jeral os nomes africanos segundo o valor que dão na sua lingua às letras do alfabeto latino, e assim também os de outras possessões, aonde chega a sua potente iniciativa; e se na India eles adoptaram transcrição especial, que contradiz em muito a significação usual das vogais do seu alfabeto, é isso devido a que tinham de transliterar metódicamente silabarios indíjenas de linguas cultas. Os Franceses e os Alemães procedem de modo análogo; e, com relação a estes últimos, já não são poucos em África os nomes jeográficos e étnicos escritos com feição tudesca. Cumpre, portanto, que em todas as denominações impostas ou aceitas por Portugueses avulte a ortografia portuguesa como sêlo especial, designativo da autoridade moral ou material da nação nesses pontos, continuando-se nisto a respeitar a tradição nacional.

A ortografia, pois, que convém adoptar é a tradicional, a dos nossos cronistas e dos escritores dos séculos anteriores ao actual, e mesmo dos nossos dias, e carece esta apenas de ser regularizada. Tem por base o valor que as letras do alfabeto romano adquiriram em português; é patrimonio nosso e característica da autonomia nacional; faz parte integrante da nossa fisionomia étnica, assim como outra cualquer feição especial e assinalada que nos diference dos demais povos. Não devemos dela abdicar, conseguintemente, em favor de ortografias estranhas, que não valem mais, visto que nenhuma das nações que utilizam o alfabeto latino a possui tão perfeita, que seja razoavel desnacionalizarmo-nos em proveito de outrem; ao contrario, as grafias inglesas, alemãs ou francesas são para esse efeito muito mais incongruentes do que a nossa, como fôra fácil provar claríssimamente.

Na realidade, não há uma única letra, um só grupo de letras do alfabeto histórico, na sua derradeira forma vulgar — a europeia moderna, que tenha um valor reconhecidamente constante em todas as

nações que dêste alfabeto se servem. ¿Que vantajem havería, pois, em desnaturalizarmos a nossa nomenclatura jeográfica e etnográfica com a adopção de símbolos exóticos, como *k*, *y*, *w*, impedindo assim a fusão, no tesouro comum das dições patrias, a muitos vocábulos interessantíssimos, que se tornam em breve elementos indispensáveis da linguajem de tantos conterraneos nossos, que residem além-mar? Escrever *Kongo, Kilwa, Nyassa* (os dois últimos falseando-lhes talvez a pronunciação) por *Congo, Quiloa, Nhaça* ou *Niaça* poderá ser mais pitoresco em estilo de romance campanudo, pois já Víctor Hugo disse que tais letras eram essencialmente románticas, mas não é de certo demonstração cabal de bom senso e de respeito pelas cousas da patria. Os Holandeses impuseram de vez o seu modo de ortografar nos vocábulos malaios que teem adoptado e que deturpados exportam para as outras nações, onde eles adquirem curso conservando a marca do exportador. E' necessario que façamos o mesmo, para que evitemos a bastardeação da nossa lingua. Escrevermos *kitanda* cuando nos referimos a feiras africanas, e *quitanda* cuando o mesmo vocábulo é aplicado a um pôsto de venda ambulante no continente, será tudo, menos prova de sensatez e coerencia, por isso que êste vocábulo é absolutamente o mesmo que o outro, a que se dá aspecto diferente sem fundamento.

O alfabeto português com os seus valores tradicionais e normàis adapta-se perfeitamente à representação dos sons que constitúem as linguas cafriais e ao feitío dos seus vocábulos, e portanto à escrita dos nomes étnicos, jeográficos, pessoais ou outros, que estes idiomas nos ministram: ampliado esse alfabeto com alguns poucos sinais diacríticos, já conhecidos em jeral, poderá servir igualmente para todo o trabalho lexicográfico ou gramatical que se queira executar, e para a publicação de cuaisquer textos dessas linguas, direi até que de todas as dos nossos domínios africanos.

Neste século interrompemos a tradição da escrita portuguesa, e é necessario que voltemos a ela; interrompemo-la scientemente, mas sem razão nem vantajem, preocupados por uma falsa noção — a da ignorancia dos nossos cronistas e viajantes. Os mais justamente conceituados dos nossos escritores modernos teem concorrido, concorrem ainda para a difusão dêsse êrro, namorados das grafías estranhas, que, fora de casos raros e individuais, são puros caprichos de insciencia ou de amor à novidade; cegamente namorados, direi: a mais leve reflexão levaría, em verdade, esses lúcidos espíritos a verem bem, se não cerrassem de todo em todo as pálpebras. Não cito factos nem nomes, a não ser que m'os peçam: apontarei apenas um exemplo para que fique bem patente o preconceito a que me refiro.

A letra *x* tem de tempos remotos na península hispánica o valor de fricativa palatal surda, equivalente à que no francês, no inglês e no alemão de hoje é respectivamente representada por *ch*, *sh*, *sch*. O vocábulo arábico, que os nossos antigos escritores ortografaram em português *xeque*, reaparece-nos trajado modernamente de um dos mo-

dos seguintes: *cheik*, *sheik*, *scheik*. ¿Que fundamento, que razões tiveram pois os recentes escritores portugueses para tal desfiguração? Cuando se confessam, dizem-nos que os nossos antigos escrevíam esses nomes como os ouvíam, e que os ouvíam mal.

¿E vós, que assim o afirmais, já os ouvistes? ¿E se os não ouvistes, quem vos afiança que o estranjeiro os ouça agora melhor do que eles os ouviram então?

No vocábulo de que me servi para exemplo o *i* a mais ou a menos podería ser erro de ouvido, e não entrarei agora na apreciação de cual fôra mais exacto, se *xeque*, se *xeique*; mas com relação ao som inicial, em quê são dele melhores representações do que *x* os grupos *ch*, *sh*, *sch*? Nenhum português errará o valor do *x* neste vocábulo, emcuanto que *sh*, *sch* serão um enigma para quem não conhecer o seu emprêgo em inglês e em alemão, e o *ch* induzirá em êrro um transmontano, um minhoto ou um beirão serrano [1].

Um funcionário português [2], que prestou notáveis serviços no Ultramar, ao traduzir a obra de Cameron «Across Africa», entendeu, e por isso merece franco aplauso, que devía, como fez, dar ortografia portuguesa aos nomes e vocábulos africanos, alterando a que lhes dera o autor, ou antes restituindo-lhes a forma portuguesa tradicional, que êste deturpara. ¿Porque não há de ser por todos seguido tão bom exemplo, que não é único e isolado felizmente?

Metodizar a transcrição portuguesa dos vocábulos pertencentes a linguas estranhas analfabéticas é contribuír para a sua nacionalização, e não creio que argumentos ponderosos militem em favor de cuaisquer opiniões discordes. Contra a ortografia puramente portuguesa assim aplicada havería apenas, com razão, a opôr uma transcri-

1 O snr. Vasconcellos Abreu escreveu *xeque* no seu interessantíssimo livro «A Literatura e a Relijião dos Árias na India», Paris 1885.

2 Francisco de Salles Lencastre—V. L. Cameron | Atravez da Africa | Viagem de Zanzibar a Benguela | traduzida do inglez | por | — Lisboa. Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª 1880.—Devo também mencionar aqui um trabalho, precioso por tantos titulos, e no cual foi adoptada a ortografia portuguesa para os vocábulos africanos: refiro-me ao opúsculo do Snr. Conde de Ficalho: «Plantas Uteis da Africa Portugueza». E é tanto mais de encarecer a eleição dessa ortografía, feita pelo autor, cuanto, pela natureza da obra, ele sería levado a expediente contrario, se não tivesse sobre tal objecto opinião assente.

Vemos também que no excellente mapa da provincia de Angola, publicado pela Commissão de cartografía em 1885, a nomenclatura é portuguesa, representada por uma ortografía nacional, que se podería dizer irrepreensivel, a não serem as seguintes imperfeições, que cumpre corrigir: I Manutenção inútil da jeminação de varias letras, como em *Benguella*, *Ganguella*, *Ambuella* por *Benguela*, *Ganguela*, *Ambuela*, sendo certo que tal jeminação não tem explicação nem na pronúncia portuguesa nem na dos indíjenas; II distinção entre *g* e *j* representativos de sons analogos, como em *Munjola*, *Malange*, sem fundamento etimolójico que a justifique ou motive racionalmente; III emprêgo de *qua* em vez de *cua* em *Cuanhama*, *Cuamato*, *Cuambe*, escritos *Quanhama*, *Quamato*, *Quambe*; os grupos *nd*, *ng*, etc., em que *n* faz sílaba por si só, como em *Ngola*, *Ndumbo*; IV a incerteza do sistema de acentuação gráfica, a qual não obedece a principios fixos e definidos.

ção jeral, a que se submetessem todas as nações, sacrificando-lhe as suas grafías proprias. Até que decididamente o façam, sejamos nós portugueses em Portugal e seus dominios, portugueses em tudo, que assim afirmamos a nossa valia com respeito ao que é da nação e a ela principalmente interessa. O cosmopolitismo em proveito da civilização jeral europeia é louvável e conveniente que se promova, sem quebra porém dos interêsses nacionais; e em serviço dêsse cosmopolitismo fomos nós dos primeiros a adoptar a unificação métrica dos pesos e medidas, à cual o preconceito inglês se não sujeitou ainda, com prejuízo manifesto das suas relações comerciais e científicas com os outros povos. Inglesarmo-nos ortográficamente em África nada traria a favor dêsse cosmopolitismo tão preconizado pelos que, a bem dizer, são enjeitados de patria; seria, repito, uma desnacionalização injustificável, leviana e tonta, de que os estranjeiros, que por toda a parte comnosco topam em África, tomariam prudente nota, como sendo mais um falso testemunho a invocarem de cuão pequena confiança temos nos nossos meios de acção e no nosso prestijio, para implantarmos e cultivarmos ali, por nossa conta, o arvoredo frondoso da civilização europeia, dando-lhe o tipo nacional que deve caracterizar toda a obra de Portugueses nesse importante empreendimento, para o cual, brade a cobiça e inveja inglesa cuanto a injénita perfidia lhe aconselhar, somos aínda reconhecidamente a nação mais e melhor habilitada.

As tabelas que se seguem são destinadas a estabelecer a correspondencia dos sinais gráficos do alfabeto português, quer na escrita comum em que os vocábulos africanos se encorporam, se combinam com os demais da nossa lingua, quer para a representação suficientemente fiel e clara dos diferentes dialectos bantos. Com efeito, por essas tabelas se verá que, para se passar do sistema rigoroso de escrita ao usual em que tais vocábulos são já considerados portugueses, basta suprimir certos diacriticos convencionais e regular a acentuação pela portuguesa; as letras em si permanecerão inalteráveis. Outro tanto pudessem fazer os Ingleses e os Franceses, que seguramente já haveríam adoptado êste simplicíssimo método; as tendencias mesmo das suas grafías comuns de nomes estranjeiros são em jeral dirijidas a este fim, pelo menos as mais recentes e de orijem científica [1].

Alguns dos sons nas tabelas designados são para mim de duvidosa existencia nas linguas a que me refiro, como, por exemplo, certos ditongos decrescentes de subjuntiva *u*, tais como *ío*, *íu*. Se em nenhum dos dialectos figurarem, tornar-se-há desnecessario o contar com eles. O mesmo direi do *r* vibrante, que parece não pertencer à fonética cafrial. Se além do *h* aspirado surdo, ou sonoro *(ĥ)*, existe em algum dêsses dialectos também uma fricativa gutural surda, aná-

1 Note-se a transcrição adoptada na *Revue des Patois*.

loga ao *j* castelhano *(ch* alemão), poderá ela ser figurada por *h* com um cualquer diacrítico, ħ por exemplo, que a diference do *h* comum.

Não me parece perfeitamente averiguado que existam vogais propriamente nasais; pelo menos, que eu saiba, nenhum africanista as tem até agora mencionado explicitamente, nem tampouco o dr. Frederico Müller conta com elas na sinopse que faz das vogais destas línguas [1]; a nasalização pertencerá pois à consoante seguinte, e tanto mais que não existe nasalização de vogal em fim de vocábulo, mas uma consoante nasal em alguns, o que é diferente. A nasalação da consoante póde muito bem ser representada por *n* antes de consoante que não seja *b* ou *p*, e antes destas duas por *m*: em todas as circunstancias é ela homorgánica com a articulação a que se junta. Onde haja verdadeiras vogais longas podem indicar-se, como é uso, pelo *mácron*, ou linha horizontal sobreposta *(ā)*.

Com relação a consoantes duplas ou jeminadas, não as tive em consideração, pois me parece igualmente duvidosa a sua existencia, não obstante Cannecattim haver empregado em muitos vocábulos ambundos, e mesmo em varias formas gramaticais, algumas letras dobradas, o que nos induziria a supor no dialecto de Angola essa feição fonética, visto como Cannecattim era italiano e estava portanto nas circunstancias de bem apreciar a diferença entre as consoantes sinjelas e as consoantes dobradas. O dr. Frederico Müller não faz porém a menor menção dessa particularidade, e cuando ela de feito se dê, é fácil indicá-la, como nas vogais, por meio do *mácron*, que se omitirá, com os demais diacríticos, na escrita usual.

Direi todavia que, pelo menos, a consoante nasal *n* me parece susceptível de jeminação, talvez também o *m*, as consoantes nasais, em fim. A um pretito de Angola, ouço distinctamente *sámannu*, «seis», com o acento na 1.ª sílaba e o *n* dobrado, e a mesma observação fiz em um dos que acompanharam a Lisboa o snr. Major Henrique de Carvalho, chefe da Expedição ao Muatiánvua, a cujos trabalhos adeante me referirei. O moleque é da Lunda e diz *sámbannu*, para o mesmo numeral, havendo mais a notar que esse *n* reforçado, duplo, lh'o ouço igualmente cuando inicial. E' possivel, contudo, que essas articulações nasais sejam precedidas de outra nasal homorgánica, mas atenuada, como acontece com muitas outras consoantes, e é éste o voto do competentissimo africanista a quem aludi agora mesmo.

A ortografia que proponho para as linguas cafriais entendo que pode abranjer a escrita dos dialectos críoulos portugueses, e em breve tratarei dessa aplicação, não obstante saber que estou em oposição com as opiniões mais em voga dos foneticistas e da escola contemporanea e ilustre dos que em França, Inglaterra, Alemanha, Italia, paí-

[1] Grundriss der Sprachwissenschaft, I, II, p. 340. Vejam-se ainda os trabalhos de especialistas estranjeiros, como Bleek, Grout, Steere, e os de portugueses, como Nogueira, dr. Almeida e Cunha, etc.

ses Escandinavos e nos Estados Unidos Americanos do Norte promovem, com empenho superior a todo o encomio, o estudo metódico, cientifico das minimas particularidades dialectais das linguas modernas; que vou igualmente de encontro ás idéas que sôbre tal objecto parece ter assentes de há muito o nosso mais erudito glotólogo, que é também um competentissimo crioulista, sem cujo voto não é já licito que quemquer que seja se ocupe de dialectos crioulos portugueses. Cuando, pois, a estes me referir, espero que tomará em consideração o que deixo dito e o que por essa ocasião hei de alegar em defesa da escrita rigorosamente portuguesa de tais falares, e que não duvidará de entrar na discussão que sôbre êste ponto, que se me afigura importante, abrirei nesta Revista, depois de ter feito um detido exame das diversas grafias na escrita dêsses dialectos até agora empregadas por nacionaes e estranjeiros, entre as cuais há a maior desconformidade, não tendo nós, conseguintemente, que respeitar autoridades estranhas ou tradições constantes a êste respeito.

Notação portuguesa, que sem ser cientifica é todavia muito enjenhosa, racional e sinjela, vemo-la empregada pelo Snr. Tomás Pires na representação dos falares alemtejános (p. 61 e 132 desta Revista). Poderia ela servir em muitos dos seus expedientes para a figuração dos dialectos crioulos, e tê-la hei na atenção que merece, tanto mais cuanto, com referencia sôbre tudo a acentuação, é frecuente em outras transcrições a confusão inextricável de sinais que se encontra nos subsidios, aliás valiosos, que aos especialistas são ministrados pelos seus dilijentes colaboradores portugueses do Ultramar. Dessa confusão se queixa o mais conceituado dêsses especialistas estranjeiros, o dr. Hugo Schuchardt, fazendo aliás justiça e tributando louvores merecidos a tais subsidios, que, como diz, tem em grande conta, até pela clareza e nitidez da escrita, no que fazem excepção notável aos que de outras proveniencias lhe chegam ás mãos [1].

Igualmente digno de menção, como exemplo de transcrição portuguesa claríssima e metódica, é um opúsculo, impresso em Macau (1885, Tipografia do Seminario), cujo autor é o Missionario Padre Sebastião M. A. da Silva. Intitula-se o opúsculo «Catecismo de doutrina Christã em Tétum». A transcrição é portuguesíssima e muito racional e intelijivel: as vogais longas, perfeitamente definidas a páj. XI, e indicadas pela duplicação, o *e* aberto átono por è, a explosiva farinjea por ʻ, ou vírgula voltada provam que ao autor é familiar o método científico de transcrições. Com respeito à última figuração, observarei que ʞ (K voltado), ou simplesmente *q*, seria preferivel, visto que o sinal que empregou é o jeralmente adoptado para indicar a aspiração como diacrítico, ao passo que a referida explosiva é commummente designada pelo apóstrofo.

1 Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie — 1887.

Notação rigorosa e comum para a representação dos sons, e escrita dos vocábulos, pertencentes às linguas cafriais faladas em diversos pontos dos dominios portugueses e a outras da mesma familia.

SISTEMA DAS VOGAIS

Valores exemplificados	Átonas		Tónicas	
Português	Transcrição	Escrita usual	Transcrição	Escrita usual
*d*á	à	*a*	á a	*á a*
*d*ai	àĭ	*ai*	áĭ aĭ	*ái ai*
*p*au	àŭ	*au*	áŭ aŭ	*áu au*
*d*a	ḁ	*a*	â â	*â a*
*c*ai*ar*	ḁĭ	*ai*	âĭ	*âi*
ao	ḁŭ	*au*	âŭ	*âu*
*s*é	è	*e*	é e	*é e*
*fi*éi*s*	èĭ	*ei*	éĭ eĭ	*éi ei*
*c*eu	èŭ	*eu*	éŭ eŭ	*éu eu*
*s*ê	ê	*e*	ê	*ê e*
sei (*s*ê-i)	êĭ	*ei*	êĭ eĭ	*êi ei*
seu	êŭ	*eu*	êŭ eŭ	*êu eu*
se	ę	*e*	ë ë	*ë e*
*s*i	i	*i*	i i	*í i*
*v*iu	iŭ	*iu*	iŭ iu	*íu iu*
*f*ĭ*ar*	ĭ	*i*	.	— —
*s*ó	ò	*o*	ó o	*ó o*
*s*ói*s*	òĭ	*oi*	óĭ oĭ	*ói oi*
*U*sóo	ò ŭ	*ou*	óŭ oŭ	*óu ou*
*c*ô*r*	ǫ	*o*	ô	*ô o*
*s*ôi*s*	ǫĭ	*oi*	ôĭ	*ôi oi*
*s*ôo	ǫŭ	*ou*	ôŭ	*ôu ou*
caso,	o̥	*o*		— —
caso-*a* (= ŭ)	ŏ	*o*		
*t*u	u	*u*	ú u	*ú u*
su*is*	uĭ	*ui*	úĭ uĭ	*úi ui*
*a*g*u*a	ŭ	*u*		

SISTEMA DE CONSOANTES

Valores exemplificados		Transcrição	Escrita usual
boi	(português)	b	*b*
cá	(»)	ca co cu	*ca co cu*
cuatro	(»)	cŭa cŭo cŭe cŭi	*cua cuo cue cui*
çarça	(»)	ça ço çu ce ci	*ça ço çu ce ci*
check	(inglês)	čh	*ch*
dá	(português)	d	*d*
fofo	(»)	f	*f*
gaz guerra	(»)	ga go gu gue gui	*ga go gu gue gui*
aguar argùir	(»)	gŭa gŭo gŭe gŭi	*gua guo gùe gùi*
hot	(inglês)	h	*h*
ahead	(»)	ĥ	*h*
já jente	(português)	ja jo ju je ji	*ja jo ju je ji*
jail	(inglês)	ȷa ȷo ȷu ȷe ȷi	*ja jo ju je ji*
lá	(português)	l	*l*
má	(»)	m	*m*
nono	(»)	n	*n*
tinha	(»)	ñh	*nh*
pá	(»)	p	*p*
quero quite	(»)	qu qu	*que qui*
rei carro	(»)	r rr	*r rr*
caro	(»)	r̥ r	*r*
teto	(»)	ṭ	*t*
vivo	(»)	v	*v*
xadrez	(»)	ẋ	*x*
zona	(»)	z	*z*
lampo tomba	(italiano)	m̃p m̃b	*mp mb*
stanco stanchi	(»)	ñca ñco ñcu ñque	*nca nco ncu nque*
strong	(inglês)	nga ngo ngu ngue	*nga ngo ngu ngue*
stronger	(»)	ñga ñgo ñgue	*nga ngo ngu ngue*
tondo vento	(italiano)	ñd ñt	*nd nt*
lungi cenci	(»)	ñj ñčh	*nj nch*
envy infant	(inglês)	ñv ñf	*nv nf*

Percorrendo as duas tabelas verá o leitor que, com efeito, basta suprimirem-se os diacríticos para que os vocábulos fiquem tendo feição portuguesa, conforme com a ortografia normal que se lhes atribui nos documentos oficiais, na imprensa periódica e em outras diversas publicações referentes à África.

Constituiríam a unica excepção a esta regra jeral os vocábulos ordinariamente escritos em obras didácticas com *m* ou *n* inicial seguido de consoante, grupos que formam uma das particularidades caracte-

rísticas das linguas cafriais, e aos cuais haverá que antepor uma vogal *(a, e)*, para que fiquem sendo portugueses; a não ser que se prefira, e eu para isso me inclino, iniciá-los já na escrita rigorosa por *a*, *e*, sobrescrevendo-lhes um sinal, o de breve, por exemplo *(ă, ĕ)*, sinal que, como os outros diacríticos, desaparecerá na escrita comum. Entendo que é absolutamente inútil o emprêgo do apóstrofo antes do *m* ou *n*, ou depois deles, sendo no último caso uma completa falsidade essa adição.

Repito que duvido da existencia de vogais nasais nestes dialectos; a encontrarem-se, porém, em alguns deles (os mais vizinhos dos Hotentotes, presumivelmente, pois que estes teem vogais nasais) bastará para sua indicação sobrepor-se o til (˜) ao *a* final, representando-se a nasalização do *a* inicial ou medial, ou a de outra cualquer das letras vogais, por *n*, ou por *m* antes de *b*, *p*, e sobrescrevendo-se a esse *m* ou *n* o til na escrita rigorosa, como se vê da 2.ª tabela, com respeito aos grupos de articulações nasaladas.

Devo ainda advertir que a acentuação m a r c a d a pode ser muito parcimoniosa, mesmo em texto, mas sobretudo na romanceação; para o quê basta que ela se regule pe'los principios estabelecidos nas «Bases da Ortografia Portuguesa»[1]. Para esse efeito dei na 1.ª tabela duas colunas de grafias de vogais tónicas, quer na transcrição, quer na escrita usual. Prescreve-se ali o modo de indicar a vogal tónica em conformidade pouco mais ou menos com os preceitos que sigo nesta Revista, e que se podem compendiar nas poucas regras seguintes, tanto mais fácilmente aplicáveis à ortografia dos nomes africanos, cuanto nas linguas cafriais predomina a acentuação paroxitónica, como em português. Essas regras são:

1.ª — Vocábulo polisilábico sem acento m a r c a d o tem-no p r o f e r i d o na penúltima sílaba se a última terminar em *a* [s], *e* [s], *o* [s], e na última se terminar em outra letra cualquer.

2.ª — Duas vogais átonas consideram-se em jeral pertencentes à mesma sílaba.

3.ª — Outra acentuação e f e c t i v a, que não seja esta, será m a r c a d a pe'lo a c e n t o a g u d o ´ na vogal tónica se esta for a b e r t a, pe'lo c i r c u m f l e x o ^ se for f e c h a d a *(ê, ô)*.

4.ª — Convém m a r c a r com o c i r c u m f l e x o todas as vogais f e c h a d a s que forem t ó n i c a s nos vocábulos africanos, por estes se apartarem fonolójicamente das leis que governam o emprêgo dessas vogais em português, e ser portanto ambiguo o seu valor em muitas situações.

5.ª — Convém semelhantemente que todo o vocábulo africano terminado em *i* ou *u*, tenha sempre m a r c a d a a vogal da sílaba tónica,

[1] Lisboa. Imprensa Nacional. 1885. Essa acentuação está ainda simplificada neste escrito, por se considerarem monosilábicas as terminações *-ia*, *-io*, *ea*, *eo*, *oa*, *ua*, *uo*, átonas, como é uso na medição do verso.

para se evitar toda a hesitação a êste respeito; em português é inútil essa notação, porque são cuási todos oxítonos.

6.ª — Todos os monosilabos serão acentuados gráficamente cuando não sejam átonos. E' a regra jeral portuguesa para os terminados em vogal.

Vê-se da 2.ª tabela que desterrei o simbolo *s*. O motivo desta proscrição é ser o seu emprêgo muito variável em português, variadíssimos os seus valores, não só de uns para outros falares, mas também num só dialecto, o de Lisboa por exemplo. Proponho que se substitúa por *ç (ce, ci)*, o cual não deixa a mínima dúvida sôbre a sua pronunciação. Não faço nisto mais do que imitar os nossos antigos escritores [1].

Distingo dois sons de *h* aspirado, um surdo, outro sonoro, representando este último por um diacrítico ligado à base *h (ḥ)*. Ao preto de Angola a quem já me referi [2] ouço um *h* surdo perfeitamente perceptível, tendendo para o *ch* alemão gutural. Por outra parte aos dois pretos pequenos, que acompanharam da Lunda o snr. Major Henrique Augusto Dias de Carvalho, custa-me muito a distinguir a aspiração, que é vozeada e cuási imperceptível, o que sem dúvida levou o chefe da expedição ao Muatiánvua, a quem me refiro, a considerar essa aspiração como um acidente da vogal [3]. Nos mesmos pretos notei que os seus *ee* e *oo* abertos estão cuási tão perto de *ê* e *ô* fechados, como os *ee* e *oo* castelhanos. Onde haja três sons diversos de *e* ou de *o* podem os valores médios ser marcados com um ponto só, sobreposto, *(ė ȯ)*, ponto que se suprimirá na escrita usual. Semelhantemente, nas tipografias onde não seja execuível obterem-se os poucos diacríticos que proponho, poderia seguir-se esta escrita simplificada mesmo na impressão de texto ou em cuaisquer obras didácticas, precedendo-se tais obras de breves explicações sôbre o valor das letras e das suas combinações.

Fôra também conveniente que os grupos de letras que designam sons simples, como são na tabela 2.ª *ch*, *gu*, *nh*, *ng*, *qu*, formem na composição tipográfica esmerada outros tantos compendios, nos cuais os dois elementos estejam ligados, como acontece com o *fi*, e como o eram o *ct* e *st* nos antigos tipos, ou à semelhança dos simbolos propostos por Barbosa Leão nos seus trabalhos de reforma ortográfica para *lh* e *nh*. Seria igualmente vantajoso o aproveitar-se cada um dos desenhos do *g*, êste itálico e o redondo ou elzevir g, para fins diversos, como indiquei a p. 79 desta Revista, empregando porém sempre os caracteres itálicos.

1 Veja-se *Revista Lusitana*, p. 209.

2 Criado do meu bom amigo o Snr. Z. Consiglieri Pedroso, lente de historia no «Curso Superior de Lettras».

3 Veja-se o seu «Methodo pratico da lingua da Lunda», em via de publicação e do cual me ocuparei nesta Revista. A parte teórica está incluída toda no 1.º fascículo, já publicado, e contém a p. 17 uma transcrição vulgar.

Estão em via de publicação trabalhos importantes acêrca da nossa África, e sería de veras de sentir que, como até aqui, se empregassem nesses escritos para os nomes indijenas transcrições ou ortografias que não tenham sido discutidas pelas pessoas competentes em Portugal, agravando-se por tal forma a lastimosa anarquía ortográfica de que todos se lastimam. O meu modo de ver sôbre o importante assunto da transcrição portuguesa dos nomes africanos e sua acomodação à escrita usual aqui fica exposto, para que sôbre este objecto se estabeleça a necessaria discussão, isto antes que estranjeiros nos venham impor uma deles.

São esses escritos, que eu saiba, além da obra monumental do snr. Major Carvalho, a que já alludi [1]: I Um trabalho de comparação gramatical da morfolojia dos dialectos bantos, em que, segundo me communica o snr. Héli Chatelain, poliglota suisso que residiu na África, está lidando o já conhecido africanista dr. Joaquim d'Almeida e Cunha, actual secretario geral do Govêrno de Angola, trabalho em que se conservará ortografia portuguesa, como também me informa o snr. Chatelain, que em parte a adoptou já igualmente na sua «Grammatica da Lingua de Angola», na cartilha e no Evangelho de S. João, traduzido no mesmo dialecto. O autor preferiu a cuaisquer outros expedientes gráficos, *x* (= *sh* inglês, *sch* alemão) *j* (= *zh* teórico inglês), *i*, *u* (= *y* *w* ingleses) nessas três ultissimas publicações.

Devemos estimar que um estranjeiro entendesse conveniente compor na nossa lingua a gramática do quimbundo, que assim fica sendo como que portuguesa, aumentando-se dêste modo o peculio de obras sôbre os dialectos africanos, redijidas no idioma europeu que ali predomina, peculio, que, não obstante a afirmativa do snr. Robert Cust, é bastante considerável, mesmo cuando não reputemos portuguesas as obras de estranjeiros compostas na nossa lingua, e que, se outra cousa não significarem, são, pe'lo menos, o reconhecimento tácito da nossa supremacia moral entre aqueles povos, e da confiança que eles em nós teem, como nos seus patronos, amigos, tutores e mestres naturais.

2 de Dezembro de 1888.

A. R. Gonçalves Vianna.

Êste escripto tem, como se vê, a data de 2 de Dezembro de 1888, e a falta de espaço impediu a sua inclusão no 4.º fasciculo do 1.º anno desta Revista; a sua redacção sofreu, portanto, pequenas alterações. De então para cá as publicações feitas pelo snr. Major Henrique de Carvalho, acêrca da Expedição ao Muatiánvua, teem progredido, achan-

1 Veja a nota a p. 15 e 16.

do-se já impressas a segunda parte da «Grammatica da Lingua de Lunda», a «Ethnographia», e a «Descripção da Viajem».

O seu autor tem mantido, com louvavel coerencia, a transcrição e a romanceação fixadas no 1.º fascículo da Gramática.

Sôbre essa romanceação permitta-me o autor umas pequenas observações, no intuito de simplificar as regras de acentuação adoptadas, diminuindo o número de sinais. Os vocábulos, quer nomes proprios quer comuns, que abundam nos textos da Etnografia e da Descrição, estão gráficamente acentuados todas as vezes que, sendo paroxitonos, terminam em *i* ou *u*. Ora, na romanceação, os que antes de *i* tem uma consoante palatal, *ch*, *nh*, *x*, *j* poderiam terminar em *e* em logar de *i*, sem que a pronunciação se ressentisse dessa conversão gráfica, poupando-se portanto a acentuação escrita; assim: *Calanhe, Ambinje, Cajidixe* por *Calânhi, Ambínji, Cajidíxi*. Semelhantemente, os que terminam em *u*, precedido de qualquer consoante, poderiam, sem influencia na pronuncia, acabar em *o*, e entrariam dêste modo na regra jeral dos acentuados na penúltima, que não carecem de acentuação escrita; assim *anto* por *ántu*, como *zulo* por *zúlu*.

Com isso ganharia muito o aspecto jeral de tais vocábulos, visto que raros são em português os que terminam em *i* ou *u* átonos, constituíndo essa pequena alteração gráfica mais uma regra a adoptar para o aportuguesamento dos nomes africanos, tanto mais admissível, cuanto, como o autor diz (p. 6 da gramática), o *i* e o *u* permutam fácilmente com *e* e *o* nesses dialectos: «Os sons surdos *ẹ* e *ị*, como terminação, na maior parte dos casos parecem confundir-se; ......O mesmo se dá com *ọ* e *ụ* finaes.»

G. V.

GALLEGOS E INGLESES

Num artigo que publiquei no n.º 727 d'*O Dia*, disse eu que, entre outros alvitres apresentados com o fim de responder aos recentes insultos da Inglaterra, se havia proposto «que se substituisse a palavra *gallego* no sentido pejorativo, pela palavra *inglês*,— como se uma expressão, que corresponde a um facto ethnico e antigo, e ganhou raizes profundas nos habitos da linguagem, pudesse num momento ceder o passo deante de outra que de nenhum modo lhe equivale!».

As *Novidades*, que desejam que tal substituição se faça, replicaram ao meu artigo assim: «De nenhum modo lhe equivale! Essa é boa. Então não se adapta ao *inglês* a qualificação de *estrangeiros* e *forasteiros indignos?* Pois não são outra coisa. E é precisamente por elles serem isso que convem substituir no vocabulario popular de injurias a palavra *gallego*, que alli já ha muito não tem razão de ser, pela palavra *inglês*, que é de actualidade palpitante». O mesmo jornal pertende justificar a sua asserção com estas palavras, que cita, de Herculano, *Hist. de Port.*, I, 294 (1.ª ed), a proposito das luctas de D. Affonso Henriquez com sua mãe D. Tareja, que era apoiada pelo conde gallego Fernando Perez: «A chronica dos godos, que, narrando os successos de 1128, toma o estylo do libello politico, não era provavelmente mais que o echo da opinião vulgar. *Ahi os gallegos são tratados de estrangeiros e forasteiros indignos. Esta denominação de injuria*, que, applicada vinte annos antes aos habitantes das outras provincias da monarchia fundada por Pelagio, seria inintelligivel em Portugal, estreava por uma revolução gravissima a *sua fortuna popular de sete seculos*». E o localista commenta do seguinte modo as expressões do nosso venerando historiador: «A palavra *gallego* tem estado no nosso vocabulario de injurias desde os principios da monarchia portuguesa. E é exactamente o ter essa significação nascido com a nossa nacionalidade que explica ter chegado até hoje, através de tantos seculos». Vid. *Novidades*, n.º 1:756, de 20 do corrente.

Afinal, a divergencia entre as *Novidades* e mim é pequena, porque, ao passo que eu entendo que a palavra *gallego* é insubstituivel por *inglês*, e que, se alguma alteração se quer fazer no vocabulario, a palavra *gallego* deve ser simplesmente riscada no sentido pejorativo,— as *Novidades* defendem a substituição; comtudo, vou dizer em que me fundo para pensar assim. Se dou certo desenvolvimento ás minhas ideias, não é pelo desejo vão de discutir, mas sim pelo de lançar alguma pouca luz na questão geral.

I. Todos aquelles que tem estudado ao menos summariamente a Ethnologia, sabem que não só de nação para nação, como tambem dentro da mesma nação, os povos se mofam mutuamente a cada passo, sendo muitas vezes a *estupidez* o motivo da mofa. Na antiguidade os habitantes da Beocia desempenhavam a este respeito o mesmo papel que os gallegos hoje entre nós. Na vida de Alcibiades, § 11, diz Cornelio Nepóte: «omnes enim Boeotii, magis firmitati corporis quam ingenii acumini inserviunt», pensamento que se repete na vida de Epaminondas, § 5: «namque illi genti plus inest virium quam ingenii». Horacio, na epistola 1.ª do liv. II, diz tambem:

Boeotum in crasso jurares aere natum.

E podia ainda juntar mais textos.

Para os tempos modernos basta aqui citar igualmente poucos exemplos. Em França são assignalados como beocios os habitantes da Alvérnia (Auvergne) e da Champanha, bem como, num circulo mais estreito, os de Bourg-Saint-Andéol, e os Jaguens. Nas tradições populares francesas encontrei mesmo parallelos muito notaveis da anecdota portuguesa dos gallegos que se penduraram uns nos outros para descerem ao poço: vid. *Mélusine*, II, 377 e 550; numa das versões especializa-se a circumstancia de um dos beocios cuspir nas mãos para se segurar melhor, — do que resulta cahirem todos de cambolhada á água. A's zombarias locaes chamam os franceses *blason*, e sobre o assumpto publicaram um interessante livro em 1884 os srs. H. Gaidoz e P. Sébillot sob o titulo de *Blason populaire de la France*. Cfr. um art. meu in *Rev. de estudos livres*, II, 413 sqq., onde indiquei outros trabalhos sobre a Escocia, Italia e Hispanha. — Tambem na Prussia, na Inglaterra, na Turquia, na Syria, ha terras semelhantemente chasqueadas, como Domnau, Gotham, Sivri-Hissar, Chelbum, etc.

Em Portugal as localidades apodadas são muitas. Nas *Novellas do Minho* do sr. Camillo Castello Branco, IX, *O degredado*, Lisboa 1877, leio: «Tem Portugal uns povoados sertanejos que os politicos e os litteratos exploram, mettendo a riso as coisas de lá. Aqui ha trinta annos os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos, e Freixo de Espada-á-cinta..... Depois chegou a vez á Aldeia de Paio Pires, a Maçãs de D. Maria, a Cucujães, e Ranhados. A ironia fez d'estas povoações uns symbolos de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda iscados de romantico soláo. Ninguem já ousava dizer que nasceu alli» (pag. 9 e 11). O sr. Camillo, através da sua brilhante imaginação de romancista, não viu senão sarcasmos de escrevinhadores nestas tradições ethnicas; mas o que importa é archivar o facto. O mesmo auctor accrescenta: «Hade haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan*» (pag. 12). E cita aquelles conhecidos versos de Filinto Elysio, que começam:

Sahiu da Samardan certo pedreiro,
Faminto de ouro, em busca de fortuna...

e vem a pag. 137 das *Obras*, vol. VIII, ed. 1837. A proposito do nome o sr. Camillo inventa em nota uma etymologia de máu gôsto.—Além das localidades mencionadas ha muitas mais com o triste privilegio de serem objecto de chofas e facecias, como Mófreita, em Tras-os-Montes, onde eu em 1883 ouvi contar bastantes, muitas das quaes, senão todas, tem parallelos estrangeiros.

Esta depreciação das localidades e habitantes provém d'uma causa geral, pois, assim como cada individuo gósta de sobresahir aos mais, tambem cada povo. E' naturalmente entre os paises fronteiros, ou as povoações vizinhas e os bairros limitrophes, que as facecias devem correr com mais insistencia, porque assim a rivalidade torna-se mais evidente, e porque não raro as linguas provocam a zombaria. Já se vê que para o commum das pessoas a noção de lingua é mui diversa da que os philologos tem: aquellas regulam-se pelo ouvido, e é pelo grau de supposta sonoridade ou não-sonoridade que a avaliam. De mais a mais, quando ha duas linguas da mesma familia, e muito semelhantes entre si, os que fallam uma tem tendencia para escarnecer da dos outros, por ella lhes parecer a sua propria estragada: é assim que ás vezes se moteja do latim, chamando-se-lhe *latinorio*. A estas causas accresce ainda outra: é que muitas vezes os habitantes de uma localidade, pelo seu genero de vida limitado e sem grandes relações exteriores, pelo seu isolamento, pela pouca illustração, e tambem acaso por seus misteres, prestam-se facilmente á zombaria. Não será tambem, num ou noutro caso, sem influencia o nome cacophonico da terra, como *Cucujães*, *Ranhados*, *Samardan*, e outros.

Comprehende-se agora que os gallegos, que estão em alguma das condições apontadas, possam ser em relação a Portugal o que os beocios eram em relação á Grecia, e os Alvernios são relativamente á França.—Os motejos que se dirigem aos povos da Galliza dirigem-se tambem em parte ás vezes á gente do Minho.

II. Essa minha interpretação é confirmada pelo facto de que a palavra *gallego* no sentido pejorativo é commum á Hispanha.

No proprio *Diccionario gallego* de Cuveiro Piñol, impresso em Barcelona em 1876, lê-se: «GALLEGO: nombre con que motejan á alguno, especialmente en Madrid, por la idea erronea que tienen formada de Galicia». Como se vê, a confissão não póde ser mais insuspeita. No *Diccionario gener. de la leng. castellana* de Caballero, Madrid 1865, diz-se, s. v. *gallego:* «ruin, miserable, bajo», e cita-se mais o adagio: *«a gallego pedidor, castellano tenedor»*, que significa «el desaire que deben sufrir los importunos y molestos». As razões que aos portugueses assistem, para elles depreciarem os gallegos, assistem tambem aos hispanhoes. A miseria, o servilismo dos pobres, etc. é o mesmo cá e lá. Tambem em Portugal se escarnece dos *ratinhos*, ou trabalhadores beirões: cfr. um meu art. in *O Reporter*, n.º 200, de 20 de Julho de 1888.

Ha um dictado hispanhol que diz como outro portuguès que logo citarei:

Ni perro, ni negro
Ni mozo gallego

como se póde ver in *El Eco de Fregenal*, n.º 171.

III. Discutirei agora a passagem da Chronica dos godos. As *Novidades* referiram-se a ella através das palavras de Herculano; mas o melhor é consultarmos o original que se acha por exemplo nos *Portugaliae monumenta historica*, vol. I (Scriptores), Lisboa 1856. Ora na *Chronica gothorum* diz-se que, depois do fallecimento de D. Henrique, *quidam indigni et alienigenae* pretenderam apossar-se do nosso reino, com consentimento de D. Tareja, e que D. Affonso Henriquez e os seus, não querendo ter como dominadores nem a mãe nem os *indignos et exteros natione*, lhes deu batalha. Vid. *Chronica gothorum*, pag. 12. — Aqui está pois o texto em que Herculano se funda. Nelle se vê claramente que com a expressão *indignos* e *estrangeiros* se tem em mira uma allusão encoberta ao conde gallego Fernando Perez, que, pelo seu procedimento para com os nossos maiores, merecia aquelles epithetos.

Mas o que eu não comprehendo é como numa passagem tão vaga, e onde nem sequer os gallegos se mencionam pelo seu nome, se pretenda filiar a origem da tradição do sentido pejorativo da palavra *gallego*; e não comprehendo, por tres motivos: 1.º e 2.º, porque, se por um lado a palavra se liga com uma serie de factos communs aos diversos povos e tempos, e se por outro lado, no seu sentido especial e definido, pertence tambem á Hispanha, onde tem fundamento e vida, ella não podia nascer de um facto particularissimo da nossa historia; 3.º, porque, ao passo que *indignos* e *estrangeiros* ou *forasteiros* revelam no citado documento antipathia politica, o sentido da palavra *gallego* é inteiramente diverso, e não proveiu do d'aquellas.

Gallego toma-se na nossa lingua em duas accepções pejorativas. A primeira é a de *pouco esperto, grosseiro, desprezivel, pessoa que se presta a serviços duros*, e semelhantemente, — expressões faceis de explicar pelos principios geraes que expûs acima. Esta primeira accepção justifica-se tambem com a litteratura, desde seculos. Nas obras de F. de Sá de Miranda, que viveu no sec. XVI, lê-se a pag. 48 (ed. Carolina Michaelis):

En iermos ajenos
Lloro i grito en vano,
Gallego, villano...

versos em que o poeta glosa um *cantar velho* em que tambem se diz

Villano, malo, gallego.

Camões, nos *Lusiadas*, tem:

Oh sordido gallego, duro bando...
Cant. IV, est. 10.

Um adagio recolhido por Bluteau, que viveu no sec. XVIII, diz:

Guarda-te do cão preso
E do moço *gallego*

em correspondencia com o hispanhol que citei a cima. Outro adagio que vem no mesmo A. diz tambem: «Jejua *gallego*, que não ha pão cozido». Estes dictados forão reproduzidos em 1780 na collecção de Francisco Rolland.— O typo do gallego entra frequentemente nas farças e outras peças dramaticas, a titulo de troça, fallando lingua plebleia, como se vê por exemplo nos *Encantos de Merlin*, composição representada em 1741. Um amphiguri, que anda na tradição popular, e a que já se refere Filinto Elysio, começa:

Duzentos gallegos
Não fazem um homem...

vid. *Obras*, ed. 1836, vol. II, pag. 91, not.

Attento, entre outros factos, o mister ingrato a que os gallegos se consagram na nossa terra; a pouca illustração d'esses que para cá vem prestar-se a toda a especie de serviço braçal; a feição da lingua, que, em relação á nossa, faz realçar qualquer dito menos aguisado dos pobres serviçaes: percebe-se bem o modo como se realisaria a evolução psychologica de todos esses sentidos. A Galliza, não obstante o amor dos seus filhos pelo trabalho rude a que a necessidade os leva, é berço de muitos vultos notaveis, e um país onde as lettras tem sido cultivadas com certo esmêro; basta citar para os tempos antigos as poesias dos nossos Cancioneiros medievaes, e para os tempos modernos as obras de Curros Enriquez, de Carvajal e de Rosalia. A origem da expressão pejorativa está pois mais nos gallegos de Portugal do que nos da Galliza.— Se eu aqui me refiro aos Cancioneiros antigos portugueses é porque, na época a que elles pertencem, a lingua de Portugal e Galliza era uma e a mesma, apenas com algumas variedades locaes, como sempre acontece em regiões extensas. Essas variedades locaes, a principio leves, augmentaram com o tempo, a ponto de o gallego ser hoje antes um co-dialecto do que um dialecto do português.

A segunda accepção que eu disse tinha a palavra é: no Sul do reino chama-se *gallegos* em ar de zombaria aos habitantes do Norte do Mondego. Já na sua *Orthographia*, Lisboa 1767, escreve o Padre Monte Carmello, pag. XXXVIII: «Sem fundamento chamam *gallegos* aos povos Transdurienses e Transmontanos». Tambem isto se compre-

hende bem, porque boa parte do territorio português estava d'antes incluido na Galliza, e ainda no meado do sec. XI os limites d'aquella provincia chegavam ao Mondego. Sobre esta questão vid. J. Pedro Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, IV, pag. 23 sqq.; e Cardeal Saraiva, *Mem. da Acad. das sciencias* (classe da sciencias moraes), pag. 3-6. — A noção geographica primitiva ficou, pois, na tradição popular, e com ella se fundiu a que a palavra *gallego* adquiriu no nosso vocabulario de injurias. Consolem-se, portanto, os habitantes da Galliza, visto que com elles tomam parte no insulto secular os proprios portugueses do Norte!

IV. Como a palavra *inglês*, principalmente depois do triste dia 11 de Janeiro, contém hoje para nós a dura ideia de — *traição, espoliamento, sacrilegio,* — em quanto *gallego* se toma em accepções diversas d'essas, tambem com origem em factos de outra ordem, claro está que uma palavra não póde substituir a outra. Além d'esta difficuldade sematologica ha a difficuldade do hábito; como substituir de repente, por uma pennada, um vocabulo antigo, expressivo, a que se ligam tradições oraes e litterarias, por outro que de mais a mais já adquiriu tambem significações particulares? De facto *inglês* significa na Beira, e noutras terras, *persevejo;* temos ainda a palavra *ingresía,* que significa *balburdia,* e deriva de *ingrês,* fórma archaica de *inglês:* sobre o sentido de *ingresia* cfr. uma nota de J. M. da Costa e Silva, *Poesias*, vol. II, pag. 20.

Com quanto em geral as linguas se formem e desenvolvam automaticamente, sem influencia da vontade individual, não nego que ésta ás vezes, em certos casos especiaes e restrictos, se possa manifestar: todavia, para o nosso caso, os factos apontados offerecem reaes difficuldades.

Além das mais razões psychologicas ha uma bastante grave: offenderiamos os gallegos, se trocassemos o seu sympathico nome pelo de *ingleses,* que para Portugal, n'este momento, é politicamente execrando a todos os respeitos.

Assim, resumindo agora os meus argumentos, creio ter provado, em contrário ás asserções das *Novidades*, o seguinte:

1.º) que a depreciação dos gallegos entra numa categoria de factos geraes, que só póde ser negada por quem desconhecer os principios elementares de Ethnologia, — embora as causas determinantes de se escolher a Galliza como typo sejam diversas;

2.º) que o sentido pejorativo da palavra *gallego* é commum a Portugal e á Hispanha, o que confirma o § 1.º;

3.º) que a passagem da *Chronica gothorum* nada tem fundamentalmente que ver com esta questão;

4.º) que a palavra *gallego,* em tal sentido, é insubstituivel por *inglês.*

Lisboa, 25—1—90.

J. Leite de Vasconcellos.

MISCELLANEA

I

O JUDEU ERRANTE EM PORTUGAL

(Post-scriptum ao artigo publicado nesta *Revista*, I, 34-44)

1.

No processo joco-serio sobre o collar de Vasco-Abul, que nos serões do paço corria deante da Rainha D. Leonor, ha um trechozinho interessante, no qual julgo reconhecer uma allusão a *João-d'-Espera-em-Deus*, o typo peninsular do Judeu Errante. Por ella se póde provar que esta entidade mythica ou semi-mythica era vulgar em Portugal em 1493, tendo já nesta data a fama de «saibão» legendario.

E' nos «Embargos d'Anrique da Mota pera se nom entreguar o colar a Vasco Abul, ffeitos á rraynha dona Lyanor» que o poeta allega humoristicamente como documentos fidedignos o livro de cavalleria intitulado as «Sergas d'Esprandiam» e a «Conquista d'Ultramar», citando ainda, como testemunhas do facto de que trata, uma longa lista de veneraveis pessoas, antediluvianas e postdiluvianas.— Entre ellas figuram:

Item o Dalfym de França,
e el rey de Tremecem,
e Johan Pires de Bragança.
Janes pera deos tambem
sabe muyto d'esta dança.
E damos tambem Elyas
que sabe bem d'este feyto,
e o profeta Jeremyas,
e aquelle que Huryas
fez matar, d'amor sojeyto.

(Resende, *Cancion. geral*, III, 352).

Quer-me parecer que já não póde haver quem duvide que *Janes pera deos* seja o nosso *Jan-espera-em-Deus*.

2.

Numa *cantiga de maldizer*, de origem castelhana, cheia de sarcasmos, de ironias e de allusões picantes e offensivas, que o Conde de

Paredes dirigiu ao celebre Juan de Valladolid (chamado onomasticamente *Juan Poeta) «quando lo cativaron los Moros de Fez sobre mar y lo llevaron allende»*, este infeliz trovador, que era Judeu, (como o Roupeiro e outros corypheus da Corte de D. Juan II), é tratado de *Juan de voto á dios* e apodado com esta crudelissima desfecha:

Si no aveys desesperado
á cabo de tantos dias,
es por ser acostumbrado
dell esperar del Mexias.

Vid. *Canc. Gen.* II, p. 249 e as variantes dos manuscriptos *C* e *D*, que escrevem *Juan de votadios* e *vot' á dios.*

3.

O graciosissimo bobo do Emperador Carlos V, D. Francesillo de Zuñiga, inventou, como é sabido, uma historia burlesca da Cesarea Catolica Magestade, guarnecendo-a com varios retratos-caricaturas de Grandes Portugueses. No cap. L prouve-lhe alegar entre as testemunhas de um acontecimento disparatado que elle narra, a «el virtuoso conde de Niebla, que Dios haya, y Juan de Voto á Dios, y D. Basilio, etc., etc.».

E' pouco provavel que D. Francesillo aprendesse com Henrique da Mota; portanto devemos presumir que era «a la moda» dos tempos antigos referirem-se os litteratos ao Judeu Errante como ao presenciador de todos quantos factos notaveis occorriam realmente ou na phantasia de qualquer meridional.

4.

O mesmo autor conta a seguinte anecdota apotegmica, numa carta satirica á Emperatriz sobre a sua viagem a Portugal.

«Item vi al marqués de Aguilar escribiendo sobre las Decadas de Titus Libius; y deciale su hijo don Alonso Manrique: «Pater mio, parece eso mentira». Respondióle él: «Pues soy yo Juan de Voto Á Dios? ó el regidor de Segovia?»

Dicto que equivale, no meu humilde pensar, a: Sou eu talvez o Omnisciente? Posso saber tudo? Vi por acaso tudo quanto presenciou o Velho, o Eterno Judeu?

5.

Ha ainda outra passagem relativa ao Judeu na Chronica do faceto Francesillo. No cap. 84 apparece um magnate castelhano a perguntar, cheio de malicia, ás vozes propheticas que se faziam ouvir na cova milagrosa de Atapuerca, se certa donzella, que já não me-

receria o titulo de menina e moça, havia de casar ainda, ou se ficaria para fada Morgana, ou para Juan-de-Espera-en-Dios; subentenda-se vivendo eternamente e solteira.

6.

Na Biblioteca Selecta do Conde-Duque (Caixa *E* N.º XXI) existia um exemplar da *Eufrosina* attribuida a Juan de Spera-in-Deus! — E' provavel que o cataloguista da bella livraria, ou o copista da comedia de Jorge Ferreira de Vasconcellos, extrahisse o nome do Judeu do Prologo, Argumento de que já tratei (I p. 42 N.º VI) — julgando ter encontrado o nome do autor anonymo! — V. Gallardo, Ensaio IV p. 1510.

7.

As «cinco blancas» proverbiaes vem citadas no Romance picaresco, Lazarillo de Tormes, Parte II, cap. VII, onde se lê:

«Parecia-me que aquellos veinte ducados habian de ser como las cinco blancas de Juan-espera-en-Dios, que en gastando-las hallaba otras cinco en su bolsa».

8.

O Judeu era conhecido no seculo XV na França meridional com a alcunha *bouttadeu* (*Romania*, XVIII, p. 195). Torna-se, pois, cada vez mais verosimil que o appellido passasse tambem para Hespanha, e que *bota-dios* se transformasse posteriormente pelo processo da etymologia popular em *vot' á dios* e *voto a dios*. A lenda peninsular de um *Juan-espera-en-dios* só podia desenvolver-se depois da fixação moderna do nome.

CAROLINA M. DE V.

II

EMPRÊGO DOS VERBOS AUXILIARES **estar, ir, vir,** SEGUIDOS DE JERUNDIO

Em varios artigos de bastante interêsse pelo seu assunto, publicados em números consecutivos da revista americana «Modern Language Notes», no anno de 1888, e intitulados *The Gerundial Construction in the Romanic Languages*, cita o seu autor, o sr. Samuel Garner, as frases portuguesas em que os verbos *andar* e *ir*, seguidos de jerundio em *-ndo* (e poderiá acrescentar, dos infinitos precedidos da preposição *a*, de mais frequente emprêgo do que aquelle), denotam acção «demorada, continuada», diferençando-se o primeiro dêstes auxiliares em expressar tal acção, como frecuentativa.

Funcionalmente considerado, o emprêgo da conjugação simples, ou o da conjugação perifrastica formada pelo jerundio ou pelo infini-

to, auxiliados por vários verbos, e entre eles, nomeadamente, por *estar, ir, vir*, é determinado em português pelas condições que vou expor succintamente, e que mais tarde constituirão um estudo especial, em que a função dêstes e de outros auxiliares será meudamente analisada.

Em sentido jeral pode fixar-se que a conjugação simples denota a faculdade de fazer a acção, faculdade predicada do sujeito; assim: *escrevo, escrevi*, em inglês *I write, I wrote*, e a esta função da conjugação simples podemos chamar HABITUAL ou VIRTUAL.

Cuando se pretende indicar o exercicio dessa faculdade, a efectividade da acção expressa pelo verbo, auxilia-se êste, na forma do jerundio, ou mais commummente na do infinito precedido da preposição *a*, com os tempos do verbo *estar*, ficando estas linguajens compostas correspondendo na sua função ás inglesas formadas pelo nome verbal de acção em *-ing* e o presente ou pretérito do verbo *to be*; assim *estou, estava escrevendo*, em inglês *I am, I was writing*. Esta função pode denominar-se ACTUAL.

Se, porém, a acção expressa pelo verbo principal importa a idéa de «movimento gradual», de «progressão», de deslocação successiva», os verbos auxiliares *ir, vir*, substitúem o verbo *estar* na função de designarem a efectividade da acção, o exercicio da faculdade; assim: *os peixes nadam e as aves voam* equivale a *fishes swim and birds fly* e quere dizer «os peixes teem a faculdade de nadar, e as aves a de voar». Mas a frase *the fishes are swimming and the birds are flying* traduzir-se-há por est'outra: «*os peixes vão* (ou *veem*) *nadando, e as aves voando*», conforme eles tomem direcção para cá ou para lá de quem enuncia o facto. Esta função póde chamar-se PROGRESSIVA, ou GRADUAL.

No francês moderno a função progressiva exprime-se com o verbo *aller* seguido da forma em *-ant*, jeralmente precedida de *en*, isto é, a forma do jerundio, como por exemplo: *la route va (en) se perdant dans l'horizon; un mal qui le va consumant*. La Fontaine põe na bôca do cordeiro, dirijindo-se êste ao lobo:

Sire, répond l'agneau, que votre majesté
Ne se mette pas en colère;
Mais plutôt qu'elle considère
Que je me *vas désaltérant*
Dans le courant,
Plus de vingt pas au-dessous d'elle.

Em castelhano o emprêgo do jerundio é análogo ao do português; não são porém usadas as linguajens de infinito precedido de *a*, que neste último tendem cada vez mais a substituí-lo, mormente na conversação e no estilo espontaneo.

Voltarei a êste objecto num dos proximos números da *Revista*.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

III

NOTA SOBRE UMA SUPERSTIÇÃO RELATIVA Á MOSCA

Ha uma superstição portuguesa que vê na mosca, vulgarmente chamada *Varejeira* ou *Vareja*, o annuncio de uma visita proxima. Alguns chegam a recommendar que se não afugente a mosca mensageira, porque assim se impediria a vinda de pessoa talvez cara, e muito menos se não mate o incommodo insecto, pois a morte d'este infallivelmente produziria a da pessoa que elle representava. Compare-se com isto a seguinte anecdota, narrada por Paulo Diacono na *Historia dos Langobardos (De Gestis Langobardorum*, VI, 6).

«O rei Cuniberto, irado contra dois fidalgos, Ado e Grauso, aconselhava-se a sós com o seu escudeiro sobre o melhor modo de os destruir, quando de repente vem pousar na janella junto da qual elle estava sentado uma «de maiusculis musca». Cuniberto atira-lhe com uma faca para a matar, mas só consegue decepar-lhe um pé, e a mosca foge. Entretanto Ado e Grauso, ignorando a decisão do rei, vinham a caminho do palacio, quando, ao chegarem a certa egreja, lhes vem ao encontro um homem a quem faltava uma das pernas, o qual chegando-se a elles lhes diz que, se elles se apresentarem ao rei, este infallivelmente os mandará matar. Ouvindo tal, os dois fidalgos, em vez de continuarem seu caminho, refugiam-se no sanctuario junto da qual se achavam. Cuniberto, sabendo d'isto, censura asperamente o escudeiro a quem julga traidor, mas este defende-se dizendo que nunca mais sahira da presença do rei, depois da conferencia havida entre ambos.

«Então Cuniberto manda interrogar Ado e Grauso dizendo-lhes que não lhes pode perdoar sem que lhe revelem a pessoa que os havia avisado. Ouvida a resposta, o rei percebe que a mosca á qual elle tinha cortado o pé era nada menos que um «espirito maligno» que assumira aquella forma afim de lhe atraiçoar os segredos. Necessariamente o resultado da intervenção sobrehumana é o perdão dos dois condemnados».

Com effeito, a mosca é animal diabolico, e frequentemente se encontra em pinturas e esculpturas antigas como symbolo do Espirito Immundo. Todavia, assim como na tradição langobarda o demonio encarnado na mosca — e note-se que esta é justamente uma varejeira — representa papel benefico, poupando ao rei um crime e salvando a vida aos dois fidalgos, assim tambem na superstição portuguesa, o animalculo, aliás mal visto, póde representar uma pessoa cara e desejada. A solidariedade entre a vida da pessoa e a do insecto mostra além d'isso que este não é um simples mensageiro, porém alguma coisa mais; é como que uma emanação da alma do ausente, que, impellida pela força de um desejo, precede o corpo do qual se separou.

Assim interpretada a nossa superstição, aproximam-se d'ella as

numerosas lendas das almas que saem do corpo em fórma de insectos diversos, de ratos e outros pequenos animaes, para correrem aventuras por sua conta e risco.

Tambem assim se explica que a varejeira seja — até a maior parte das vezes — nuncia de uma visita agradavel (pois que se não deve afugentar), já que só uma ardente sympathia poderá attrahir uma alma para outra com vehemencia capaz de operar o milagre.

Considerando d'este modo esta superstiçãozinha trivial, apparece-nos como uma das flores mais poeticas da imaginação popular.

Cecilia Schmidt Branco.

IV

ACHAR MENOS

O subtilissimo glottologo A. R. Gonçalves Vianna trata summariamente, nesta *Revista*, I, 203, do antigo modismo que serve de titulo a esta notazinha. Vae perfeitamente bem, traduzindo a phrase, viva na provincia transmontana como elle demonstra, com *dar por* ou *pela falta de alguem* ou *de alguma cousa* (allemão *vermissen)*, mas engana-se identificando-a com a fórmula castelhana *echar menos*, e chamando-a uma «pura imitação».

Achar menos é português velho e relho, e corresponde não a *echar menos* mas sim a *fallar menos*, como se dizia outr'ora em Castella. Tanto um (com os synonimos *ter menos* e *haver menos)* como outro, substituido modernamente por *echar menos* ou *de menos*, encontram-se centenas de vezes nas bellas prosas dos seculos XIV e XV, e ainda nos principios do sec. XVI.

Como exemplos citarei apenas um trecho de Gil Vicente (III, 239), tirado do Clerigo da Beira, e relativo ao pobre villão a quem um moço do paço surripiara uma lebre, «e Gonçalo, achando-a menos, diz etc.», e outro, castelhano, extractado dos «Castigos e Documentos del Rey D. Sancho», cap. IV, onde na Lenda de Fernan Antolinez se relata que «*nuestro Señor Dios.... mostró luego su miraglo en esta manera, que nunca aquel dia lo* FALLARON MENOS *en la facienda*». — Passagem esta que um Romance de Sepulveda versificou dous seculos mais tarde, pondo em lugar da velha fórmula a substituta moderna:

> Dios por él hizo milagro:
> por quitarlo de vergüenza
> nunca *ménos* fuera *echado.*

Podia mencionar ainda o proverbio peninsular:

Quem porcos ACHA MENOS, *em cada mouta lhe roncam*,

citado a miudo por Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcellos e Camões, e conservado pela tradição oral, em variantes mais modernas, que suppriram o modismo archaico por *buscar* e *ter medo* [1]. Baste comtudo pedir ao leitor curioso que leia o que escrevi, ácerca d'este verbo antigo, na continuação dos *Materiaes para o Refraneiro*, que será publicada em um dos proximos fasciculos d'esta *Revista*.

CAROLINA M. DE V.

V

VALDEVINOS

(Romance popular transmontano [2])

— Quedos! quedos! cavalleiros!
Que el-rei vos manda contar.
Falta aqui o Valdevinos,
Seu cavallo Iremedar.
Não o achastes vós de menos
A' ceia nem ao jantar;
Topae-lo agora de menos,
Em ponto de mau passar.

Deitaram as sete sortes
Qual o havia procurar.
A tres lhes cahiu por sorte,
A quatro por falsidade.
Mas a quem cahiu por sorte?
Ao pobre velho seu pae.

Lá se vae o pobre velho
O seu filho a procurar.
Pelos altos se vae rindo,
Pelos baixos a chorar.
Encontrou tres lavadeiras,
Em um regueiro a lavar.

1 [Na Beira-Alta é ainda hoje muito vulgar a expressão *achar de menos*. Ex.: «procurei tal objecto, e *achei-o de menos*»; isto é, *não o achei*. Tambem me affirmam que ella se usa no Alemtejo. Para Tras-os-Montes, vid. tambem os versos 5.º e 7.º do romance *Valdevinos* publicado sob o n.º v d'esta *Miscellanea*. — J. L. de V. — Tem razão a douta romanista; voltarei á questão. — G. V.].

2 Variante, mais completa, do n.º 2 do *Romanceiro Português* (Lisboa 1886) de J. Leite de Vasconcellos.

—Deus vos guarde, ó lavadeiras!
Que Deus vos torne a guardar!
Cavalleiro de armas brancas
Viste-lo aqui vós passar?
—Cavalleiro de armas brancas
Morto está no areal.
O corpo tem-o na areia,
E a cabeça no juncal.



Tres chagas tem no seu corpo,
Todas tres de homem mortal:
Por uma chaga entra o sol
E por outra entra o luar;
Pela mais pequena d'ellas
Entrava a aguia real
Com suas asas abertas,
E sem as ensanguentar».

Colhido da tradição oral em Valpassos, em 1889.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

VI

LOCUÇÕES E VOCABULOS PORTUGUESES

(Apontamentos)

O que se segue é fructo de leituras antigas, fructo que não regalará, de certo, paladares mimosos, mas que tambem não está ainda de todo bicado dos passaros, a que Camões chamou *inicos*, levado pela necessidade da rima.

Valha-nos por hoje o nosso Jorge Ferreira de Vasconcellos, com o seu *Memorial das proezas da Segunda tavola redonda:* livro para horas de ocio e de estudo, apesar de todas as suas cavallarias e encantamentos.

1. **Verão.**—O auctor do *Diccionario dos Synonymos*, entrando em contradicta com o dos *Synonymos da lingua portuguesa*, a proposito de um trecho de Vieira, faz o commentario seguinte:—«*Da primavera ao verão* (como vulgarmente se diz), ou, *do verão ao estio* (como em rigor se deve dizer)». Lembra ainda que Barros, e outros, chamaram *verão á primavera*, seguindo a etymologia latina.

Para tirar duvidas do assumpto, aqui temos o nosso Jorge Ferreira, que, descrevendo a cidade de Damasco, observa:—«*Está situada em um campo fructifero e abondoso: não menos gracioso no inverno que no verão.*» Pag. 267, 2.ª edição.—Este *verão* não está como synonymo de *estio;* mas sim de—quadra vernal, de primavera.

E para que se saiba claramente o sentido em que elle emprega o vocabulo, dei mais noutro lanço: — *«Onde a força do estio fazia tam pouca impressão, que, sendo em tal sazão o seu quarto, parecia alli morar eternamente o verão, e ser o pomareiro Zefiro com a sua amada Flora, etc.»* Pag. 332, 2.ª ed.

Se quisermos desfazer de todo nuvens que ainda possam toldar indecisos, lembraremos o horto das Hesperides e o seu estranho parque, no qual, *tam temperados eram alli os ares vitaes, que tinham o logar em eterno verão.*

2. **Bucho.** — Não significa apenas o estomago dos animaes. Antigamente dizia-se tambem da parte mais carnosa do braço ou da perna. E' como hoje se costuma dizer *barriga.* Para não citar outros abonadores, aqui temos o chronista da *Tavola:* — *«Mas, querendo abreviar o negocio, desviou-o de si com um golpe pelo braço esquerdo, que já mandava mal. E cortou-lho cérceo pelo bucho»*. Pag. 185 [1].

3. **Bandeiro.** — Voz de immensa propriedade, muito melhor que *parcial,* e naturalmente applicada a quem toma *bando* por outrem. Tres exemplos daremos: — *«Sou tão bandeiro por parte de dom Duardos, e tenho-o tanto por estremo de amor»*. — *«Estava todo bandeiro por o animoso Borgonhão»*. — *«Havendo por mais seguro fiar seu direito de suas forças, que de juizos bandeiros»*. Pag. 248 e outras.

4. **Arrunhar.** — Não é só, como alguem suspeita, vocabulo de çapateiro, significando — aparar em redor as solas das botas. Tambem quer dizer — ruir, arruinar-se, subverter-se: — *«Fundamentos que as mais das vezes arrunham, e que nunca devem admittir-se, por serem mui incertos e perigosos»*. — *«Como se fugiram de verem arrunhar a ilha»*. — *«Os telhados do aposento real estavam cobertos, em tal maneira, que arrunhou um lanço e cahio, com perigo e dano d'algumas pessoas»*. Pag. 77 e outras [2].

5. **Desenvoltura.** — No sentido trivial de descommedimento

[1] [Neste caso, creio que se deve fazer distincção entre os dois significados de *bucho,* pois esta palavra, na accepção de *estomago,* é comparavel ao hisp. *buche,* cat. *buch* e ital. *buzzo* (sobre o que se veja Diez, *Etym. Wörterb.,* s. v. *bozza),* e na accepção de «parte mais carnosa do braço ou da perna», julgo-a comparavel ao hisp. *muslo,* que, segundo o *Dicc. de la leng. cast.* da Academia española, 1734, s. v., significa tambem «la parte de la pierna, desde el quadril hasta la rodilla». Tanto do hisp. *muslo,* como do port. *bucho,* no último sentido, o etymon parece-me ser o lat. *musculus;* cf. *macho,* de *masculus.* Comquanto em port. não seja frequente *b* inicial por *m* lat. inicial, podem todavia citar-se alguns exemplos; a terminação *-sc'lu- (sculus)* não offerece difficuldade, pois dá normalmente *-cho.* A fórma hisp. tambem se explica bem. — J. L. de V.].

[2] [*Arrunhar* representa duas palavras diversas: uma, como termo de çapataria, e que corresponde ao francês *rogner* e provençal *redonhar* (do lat. *rotundus,* — podendo ter sido ésta a série: **rotundear, *rodundear, *rundear, *rundjar, *runjar, *runhar,* — o que tudo está conforme com os principios da nossa phonetica); outra, que é transformação de *arruinar* (pela palatização do *n* ao contacto do *i,* como em *moinho = molinu-,* etc., e absorpção d'este; ainda hoje no Minho se usa a fórma intermédia *arrùinhar,* que é trissyllabica). Foi o acaso que fez de duas palavras diversas uma só. — J. L. de V.].

ou travessura nunca encontrámos esta palavra em nenhum livro classico. E' ella frequente nos de cavallaria; mas sempre valendo o mesmo que — desembaraço ou agilidade. Venham exemplos: — «*Não lhe sahio que não derrubasse com tanta destreza e desenvoltura.*» — «*E vendo a animosa desenvoltura de Fidomflor, ficaram em estremo satisfeitos d'elle.*» Pag. 215. O mesmo se dá com *desenvolto*, no sentido de — destro ou desembaraçado. — «*Que se lançou da sella mui desenvolto*». Pag. 120.

6. **Penedo.** — Já escrevemos algures, citando Gil Vicente, e, melhor que todos os classicos, a auctoridade do povo, que, *penedo* não quer dizer, só, rocha ou penhasco; tambem significa — pedra grande, e, portanto, nos póde desinçar do *bloc*, hoje em voga, e tão pouco preciso. — «*No meio tinha uma boca de cova, cerrada com um grande penedo por porta*». Pag. 230. — Para se ficar sabendo, de certeza, que este *penedo* não é nenhuma penha natural, mas um pedregulho volumoso, commente-se ao deante: — «*Porque a pedra que tapara a porta era tão grande, que fazia impossivel o poder mover-se*». Pag. 230. — Isto vem no capitulo da gruta do Centauro, onde em seguida se diz: — «*E vendo-se em tal affronta desceo muito prestes a tirar o penedo por lhe acodir.*» Pag. 232. — Parece-nos que em questões de lingua portuguesa, antes Jorge Ferreira do que qualquer escrevedor moderno [1].

7. **Pá.** — Diz-se da parte mais larga e carnuda da perna das reses. Este vocabulo de açougue tem abonação quinhentista. — «*E furtando-se-lhe por baixo das mãos, metteu-lhe uma estocada por antr'ellas, que o passou da outra parte, antre a pá e o lado direito*». Pag. 233.

8. **Somma.** — Abundancia, grande quantidade. Todos se lembram d'este vocabulo na tempestade dos *Lusiadas*: «*gran somma de agua*»; mas aqui temos novo fiador. — «*E com somma de settas e o seu arco*». — Trata-se do gigante Argânçom, do qual se diz: — «*Criando somma grande de gado, de que se mantem quando lhe falta mantimento humano*». Pag. 257. — E depois, fazendo-se referencia ao mesmo monstro: — «*Foi-se com Fimbrisia mostrar-lhe a grande somma de gado que nesta serra traz*» [2].

9. **Em claro.** — Cérceo, rente. — «*O cavalleiro das armas cristallinas, que estava perto, lhe fez um revés per uma perna, que lha decepou em claro*».

10. **Querençoso.** — Desejoso, com vontade ou querença. D'este último vocabulo temos exemplo por esta maneira: — «*Fui furtando o*

1 [Na Beira-Alta, por ex., *penedo* significa — pedra de grandes dimensões; *pedregulho*, pelo contrário, significa — montão de pedras meudas. Attendendo ao suffixo *-edo*, a significação primitiva de *penedo* deve ter sido — reunião de penas (penhas). Sobre *pena*, cfr. *Rev. Lusit.*, I, 244-245. *Pedregulho* decompõe-se em *pedr-eg(=ic)-ulho*; cfr. *pedregoso* (= l. **petricosus*), *pedregal*, etc. — J. L. de V.].

2 [Na Beira-Alta é ainda hoje frequente a expressão *muita somma de gente*, e em geral «*muita somma* de qualquer cousa». Em port. arch. *somma* e *em somma* tem a significação adverbial de *em summa*, por ex. em Gil Vicente, Sá de Miranda, etc. Do lat. *summa*. — J. L. de V.].

vento desejoso de lhes fazer tiro, e com esta querença alonguei-me muito dos meus». De *querençoso* temos exemplos em barda. — «*Doristão que sempre foi mui querençoso de não faltar onde fosse necessario*». — «*Partindo Padragonte de Suz, mui querençoso de fazer bom negocio*». Pag. 137. — «*Todos mui querençosos de tal empresa*». Pag. 155. — Cf. *querencioso* e *querencia* em castelhano, «acostumado, encarreirado»; «pouso, sitio do costume».

11. **Azar.** — Occasionar, motivar, dar azo. Seria conveniente não relegar este verbo por antigo. Tem elle mui bom sabor e prestimo. — «*Não pouco contente no que Telorique azou em nome de Martes*». Pag. 89. — «*Porque assi a azou a fortuna.* — «*Isto se lhe azou melhor do que elle a pudera cuidar*». — «*E de grandes desastres pera uns azar acertas pera outros*».

12. **Caracol.** — Não se trata de nenhum mollusco gasteropodo, mas sim de um caminho em espiral. — «*E abrindo assi a porta, entrou em um caracol per que sobio*». Pag. 284 [1].

Por hoje não proseguiremos nesta leitura de cavallarias; sem ser pela razão attribuida aos leitores de Lançarote do Lago.

E. A. Vidal.

VII

SETE ALFAIATES PARA MATAR UMA ARANHA

O sr. Ad. Coelho, que é, incontestavelmente, um dos nossos mais eruditos ethnologos, occupa-se na *Revista Lusitana*, I, 256 sqq., do estudo da tradição, quasi oblitterada em Portugal, que deu origem ao proverbio vulgarissimo com que epigraphei esta nota, complementar do artigo do illustre professor.

A pag. 259, *in fine*, diz o sr. Ad. C.: «No Fundão havia um divertimento popular em que uma aranha d'arame era levada num andor, avançando contra ella os 7 alfaiates armados de tesouras. Diziam uns versos que me não foi possivel obter.» Já nas *Trad. pop. de Portugal* do sr. Leite de Vasconcellos, pag. 133, se encontra referencia, menos precisa ainda, a este facto, devéras interessante; lê-se ahi: «O meu amigo F. Adolpho Coelho disse-me ter ouvido vagamente que em certo ponto de Portugal, ia num jogo, ou cousa semelhante, uma aranha levada em andor.» Nada mais se colligira a este respeito, e isto, que era muito pouco, ficava algum tanto longe da realidade; no seguimento da exploração ethnographica no Fundão (districto de Castello-Branco), iniciada por mim, de collaboração com minha irmã

[1] [Póde pôr-se em parallelo a expressão frequente — *escada de caracol*. — J. L. de V.]

Amelia da Fonseca e Costa, na *Revista do Minho*, e despertada a attenção pela incompleta indicação do sr. Ad. Coelho, busquei com empenho recolher os versos que pareciam perdidos. E, effectivamente, ha mais de 20 annos que a tradição foi esquecida; mas, após numerosas tentativas infructiferas, consegui afinal o meu desejo.

Publicando agora esse texto, sem alterar sequer ligeiramente as fórmas da linguagem popular, taes quaes o narrador as empregou, offereço aos estudiosos um documento novo, i. é, totalmente desconhecido no mundo litterario, e salvo, quando ia já bem proximo do desapparecimento a que estava condemnado inevitavelmente. A versão que dou, alcançada directamente da tradição oral, pertence á freguesia de Aldeia Nova do Cabo, situada a 3 kilom. do Fundão: ei-la:

1

Senhor mestre-alfaiate,
Que é aquillo qu'alem vímos?
— Todos dizem qu'é arenha,
E nós della fugimos.

2

Senhor mestre-alfaiate,
Mande-nos dar de jantar;
Já temos a obra feita,
Queremos ir andar.

3

— Venham cá os meus officiaes,
Com toda a modoração.
— Acudimos ó nosso mestre
Qu'está em grande afflicção.

4

Senhor mestre-alfaiate,
Tendes cara de madama,
Tudo é aceitar a obra,
Deitar-nos em má fama.

5

Senhor mestre-alfaiate,
Nós não temos que-fazêr;
Vênha a talhar a obra,
Pára entrarmos a cozêr.

6

Senhor mestre-alfaiate,
Ninhum de nós tenha mêdo,
A arenha está metida
No *mefêdo*. (?)

7

Senhor mestre-alfaiate,
Nós não querêmos mais nada;
Queremos vêr árenha
Qu'alem está *amorfalhada*. (?)

8

(Variante do n.º 4)

Senhor mestre-alfaiate,
Tendes testa de carneiro;
Tudo é aceitar a obra
Sem nos querer dar dinheiro.

9

Senhor mestre-alfaiate,
Todos postos em campanha,
Com agulhas e tisoiras,
P'ra matar aquella arenha.

10

Senhor mestre-alfaiate,
O ruzido qu'alem vem!
Todos dizem qu'é arenha,
Qu'ella pilhada nos tem.

Nesta lição notam-se duas fórmas, *mefêdo* (c. 6.ª) e *amorfalhada* (c. 7.ª) cujas significações não posso dar; á ultima talvez seja possivel equiparar o vocabulo português *amarfanhado*. Os outros termos são de facil interpretação: *arenha* = aranha (passim nas diversas quadras): *modoração* = moderação (c. 3.ª); *ruzido* = rugido (c. 10.ª); *tisoiras* = tesouras (c. 9.ª); *vímos* por vêmos (c. 1.ª). No ultimo verso da c. 10.ª,

Qu'ella pilhada nos tem,

está tambem *pilhada* pelo plural masculino *pilhados*, mas inquestionavelmente por influencia das palavras precedentes, *arenha* e *qu'ella*, ambas no singular. Nòto tambem que, sendo o primeiro verso identico em todas as outras, differe na quadra 3.ª, em virtude de uma intercalação dialogal.

Os versos eram cantados nos *terreiros*, e nas ruas, á porta das casas das pessôas principaes, onde parava a dança, como lhe chamavam, e que se realisava só em certos dias de mais consideração no calendario popular, como por ex. o domingo de Paschoa, o dia de S. João, etc. Saíam os 7 alfaiates, i. é, sete individuos escolhidos para reprêsentar esse papel, pelas ruas da villa, com bancos e os aprestos do officio, e acompanhados por um carro pequeno, coberto, e cheio de hera, — o *andor*, aonde ia a aranha de arame; no sitio em que paravam, sentavam-se nos bancos a trabalhar, acompanhando o trabalho com as cantigas transcriptas, e quando apparecia a aranha, saindo á frente do carro enfeitado, — o *mefêdo*, — empurrada ou puxada, não sei como, pelo que levava o carro, um 8.º personagem, elles arremettiam com as tesouras para diante, continuando mais animadamente o seu canto, e parece que exclusivamente, nesta occasião, com as cant. n.ºs 9 e 10.

Tenciono colleccionar outras *danças* e *contradanças* do genero d'esta, que existem no Fundão, e de que, por ora, apenas tenho conhecimento muito imperfeito; e espero, auxiliado por minha irmã, que com enthusiasmo prosegue nestas investigações que a meu pedido empreendeu, completar o estudo demopsychologico d'esta terra, que até hoje ninguem tinha começado. O Fundão, um dos mais importantes concelhos da Beira-Baixa, é um vastissimo centro ethnologico, onde me parece descobrir, bem vivos, muitos vestigios tradicionaes que não apparecem em outros pontos do continente, nem mesmo nos Açores; póde ser que me engane, mas o que é certo é que neste campo, ainda incompletamente explorado, ha muita cousa para colhêr, merecedora de attenção.

Armando da Silva.

NECROLOGIA

PEREIRA DA COSTA

Contemporaneo de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa foi dos que acompanharam o movimento scientifico preparado pelo iniciador dos estudos de geologia e prehistoria em Portugal. A esse nucleo de trabalhadores dedicados devemos a série de valiosas monographias que hoje formam a lista de publicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos, que, obedecendo sempre a uma direcção cuidadosa, tem prestado relevantes serviços á sciencia nacional, preparando-lhe uma especializada consideração nos gruppos scientificos das nações que progridem.

Entre os trabalhos que nos deixou Pereira da Costa figuram estudos sobre geologia e archeologia prehistorica; e, particularizando estes ultimos, temos de citar os seguintes:

— *Da existencia do homem em epochas remotas no valle do Tejo:* Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço d'Arruda — 1 vol. in 4.º, 60 pag., 7 est. e uma avulsa. — Lisboa, 1865.

— *Monumentos prehistoricos:* Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal — 1 vol. in 4.º, VIII — 97 pag., 3 est. — Lisboa, 1868.

— *Noticia de alguns martellos de pedra e outros objectos que foram descobertos em trabalhos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo* (extr. do *Jornal das scienc. mathem., phys. e natur.*, n.º V, Lisboa 1868).

Não entramos aqui na apreciação do merecimento ou do methodo scientifico d'estes trabalhos. São estudos de observação, em que se expõem factos de valor real para a recomposição da ethnica primitiva, e como taes, é incontestavel a sua utilidade para os que trabalham neste campo em que se torna necessario investigar e analysar miudamente todos os factos.

Em um país como o nosso, onde é tão deminuto o numero dos que trabalham dedicadamente pela sciencia, um que desapparece d'esta pequena lista abre um enorme vazio, que torna dolorosamente sentida a sua falta entre os que ainda luctam, desprotegidos, em um meio sempre indifferente.

RICARDO SEVERO.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

GRAMÁTICAS PORTUGUESAS PARA USO DOS ALEMÃES

I **Portugiesische | Konversations | Grammatik | von | Carl Marquard Sauer |** etc. | **und** | G. C. Kordgien, | etc.

Toda a parte que se refère à pronuncia está errada, não só na exposição dos factos fonéticos, mas aínda na teoría deles, e isto apesar de haver já tantas publicações, nas cuais poderiam os autores aprender muita doutrina exacta sôbre este objecto, e de tão recentemente haver sido dada à estampa a obra valiosíssima, a que já me referi, «Grundris der Romanischen Philologie», onde, na parte que respeita ao português, a pronuncia é tida em consideração. Poderíam aínda ver os autores os trabalhos de foneticistas como Sweet («Spoken Portugueze»), e o Príncipe L.-L. Bonaparte («On Portuguese Simple Sounds» e «Portuguese vowels according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet, and Myself» *in* «Proceedings of the Philological Society», se lhes merecíam pouca confiança escritores portugueses, mesmo os mais recentes, como Lencastre («Nouvelle Méthode pour apprendre la langue portugaise, composée d'après les principes de F. Ahn. Leipzig, chez F. A. Brockhaus, 1883).

Nada disso quiseram ou souberam fazer, e dão-nos regras de fonolojía portuguesa como estas, por exemplo, sôbre o valor dos sinais de acentuação gráfica.

4) O til (˜), que indica a pronuncia nasal das vogais e ditongos, p. ex. *maçã* (pron. maszáng), *coração* (pron. koraszóng!)

5) O acento (´) que denota a acentuação ou cuantidade longa (Länge) de uma sílaba.

6) O circumflexo (ˆ), que dá a conhecer (angibt) a cuantidade e acentuação incompletamente longas (nicht vollkommene) e mostra que *ê*, *ô* são brandos (weich).

Darei uma amostra da pronuncia figurada de uma estancia do primeiro canto dos Lusíadas, escolhida entre as cinco do principio, transcritas pelos autores para os Alemães estropiarem português.

Eh wos Taschides minjas, puis creado
Tendes äng mihng uhng nowo enschenjo ardente;
szi szempre äng werszo umilde szelebrado
fui de mi woszo rio alägremente;
Dei-me agora uhng szong alto e szublimado,
uhng esztilo grandiloko eh corrente,
Porkeh de woszas aguas febo ordehne
keh nong tenjong inwescha asz de Ipokräne.

Parece groenlandês!

O resultado desta transcriçãq será proximamente o seguinte para um Allemão, na primeira linha, e assim nas demais:

E vóce táxidess míniass, púice crêádou.

A exposição da morfolojia é um pouco melhor, a da sintaxe incompleta. As frases que exemplificam as regras são muitas deste feitío.

Pag. 25. Porque esta região é deliciosa? — E' brasileirismo.
Pag. 44. Elle tem partido hontem.
Quando tem partido o commerciante?
Tem chegado vosso tio?
Sim, senhora, elle tem chegado hoje.
Pag. 114. Dizem que os allemães tem derrotado aos francezes.
Asseguram que os preliminares da paz se tem assignado.
Quando nossas traducções estiveram acabadas, serão corrigidas pelo mestre.

São bem escolhidos os trechos portugueses com que termina o compendio, que devera ter sido revisto por um português da Europa, antes que fosse publicado. Dêste modo evitar-se-ia a bárbara e estrambótica redacção de muitos dos exemplos. Pe'lo que respeita á pronuncia da lingua, tudo, ou cuási tudo que ali se diz é falso. Por exemplo, logo no comêço, a pag. 9, afirma-se em nota que o *s* final se deve cuási sempre proferir como sch *(x)*, o que é muito vago e muito jenérico para que tenha utilidade prática: que os autores não sabem cuando ele assim se pronuncia vê se da transcrição alemã que fizeram das cinco primeiras estancias dos Lusiadas, da cual demos já a amostra.

E' pois uma parte do compendio que está carecendo de inteira remodelação, assim como também a necessitam na sua maioria os exemplos escolhidos.

II **Das Meisterschafts-System zur praktischen und Naturgemäszen Erlernung der portugiesischen etc. Geschäften-und Umgangs-Sprache. Portugiesische.** Leipzig. (sem data).

O auctor, que tem por nome *Brasch*, promete ensinar pelo seu método cualquer dos idiomas que aponta, e que são muitos e de diversas familias, em dez lições semanaes, a marco cada uma, e sem auxílio de mestre. Nada mais módico.

Pe'lo que nos respeita, prevenimos daqui os incautos que a jeringonça mascavada que ali se exemplifica não é português.

Aqui vão umas amostras.

e sôa aberto, como em alemão *her*, nos infinitos em *-er*, e nos sufixos *ez*, *eza*. E' falso, nessas terminações sôa fechado, como no allemão *Schnee*, *lesen*.

ãe soa como o francês *ain*, *gain*. E' falso, *ãe* é um ditongo (= *ãi*), *ain* francês é uma vogal simples, nasal, cujo timbre é o de um *e* muito aberto (æ).

Agora umas frases tiradas a esmo, também para amostra do português que o autor pretende ensinar a quem se fiar nele.

Pag. 23. Porque não *quer Vm.ce* dar-me o gosto de ir amanhã commigo *á* casa do Sapateiro, *nosso amigo na rua da igreja?*
Pag. 27. *Quer Vm.ce* ir commigo *á* casa do meu amigo, irmão do Sapateiro?
Com gosto. (!)
Pag. 29. Hoje não, mas sim *manhã* (!)
Pag. 33. Escreve *á* miudo *á* Vm.ce? (!)
Lhe escreve hoje?
Lhe escreverei *manhã*.
Pag. 21. *De quem tem* comprado *Vm.ce* esta fazenda?
Pag. 35. Onde compra *Vm.ce* as luvas?
As compro na loja de meu irmão.
O seu cunhado *tem achado* boa casa? (!!)
Tem achado muito boa casa. (!!)

Basta! estas duas últimas, que se dizem portuguesas, nenhum português será capaz de as entender.

Se todos os outros idiomas que o autor se propõe a ensinar forem tão seus conhecidos como o português o é, podem os seus Compendios ir juntar-se ao afamado *English as she is spoke*, para ilustração ulterior dos criados de hotel falando diversas linguas.

O folheto é precedido de prólogo e da exposição do sistema seguido, o qual nada tem novo nem recomendavel, mesmo como método puramente prático. O que, em cualquer caso, porém, é necessario, é que o snr. Brasch dê exemplos mais convincentes da proficuidade do seu sistema do que êste que apresenta, e que o mais que pode provar é que quem o escreveu lançou mão de uma ou outra gramática e de um dicionário, e enjenhou umas frases em lingua que muito superficialmente conhece, e que tem de aprender antes que pretenda ensiná-la.

A. R. Gonçalves Vianna.

II

PERIODICOS

Revista archeologica, dirigida por A. C. Borges de Figueiredo, vol. III (n.os 1 a 8), 1889. Os artigos que mais interessam á *Rev. Lusit.* são os seguintes:

N.os 1 a 4.— *Antigos nomes hispanicos*, por F. Adolpho Coelho. Neste trabalho o A. estuda os seguintes nomes: **Callaecia**, derivado de *Callaecus (Callaicos)*, de origem celtica, significando *silvanus*, *lucanus*,— a proposito do que o sr. Coelho faz várias considerações sobre o methodo onomatologico e sobre outras fórmas aparentadas com aquella; 2) **Andergus**, nome de homem, que apparece numa inscripção do Minho, e que o sr. Coelho explica por **Andercos*, para cuja interpretação pelas linguas celticas propõe duas hypotheses (seria conveniente comprovar o abrandamento do *c* em *g* na passagem de **Andercos* para *Andergus*); 3) **Vipascensis**, na taboa de Aljustel, derivado de **Vipascum* ou **Vipasca*,— vendo ahi o sr. Coelho o suffixo *-asco*, a que, com o glottologo italiano Flechia, em virtude de considerações diversas, attribue origem ligurica; o thema *vipo-* seria de origem celtica. Aos exemplos modernos reunidos pelo sr. Coelho com o suffixo *-asco*, accrescentarei o alto-beirão *piasca*, que tem o mesmo thema de *pião* (= lat. *pedone-*), pois significa *pião pequeno* que se joga entre os dedos. Na *Rev. Celtique*, XI, 155 sqq., publica o sr. d'Arbois de Jubainville um artigo em que confirma a doutrina que attribue aos suffixos *-asco* e *-asca* origem ligurica.

Antiguidades de Pataias (com uma carta) por Borges de Figueiredo. Noticia archeologica extrahida de um ms. da Bibliotheca Nacional. Diz o A.: «verificando-se a existencia de monumentos architectonicos em Pataias, e tão importantes, que parecem restos de populosa povoação, não é arriscada a opinião de que este local póde disputar a Alfeizirão e a Évora de Alcobaça a posse das ruinas de *Eburobritium*» (pag. 23). Os factos adduzidos pelo A. são demasiado breves para tão momentosa conclusão; todavia merece a pena profundar o assumpto.

As thermas romanas da Rua-Bella-da-Rainha (vulgò *Rua-da-Prata*) *em Lisboa* (com estampas), pelo mesmo auctor. Excerptos commentados de um ms. da Bibliotheca Nac. de Lisboa devido ao fallecido prof. Martins de Andrade. Com este monumento appareceu no sec. XVIII uma inscripção consagrada ao deus *Esculapio*: vid. *Corpus Inscr. Lat.*, II, 175. Como o sr. Hübner pondera, e o sr. Figueiredo segue, esta inscripção devia pertencer a uma capella collocada no interior das thermas; os dedicantes são os *augustaes* do municipio olisiponense, Euporião e Daphno.

Inscripción arábica de Évora, por Eduardo Saavedra.— Monumento funerario.

N.os 5 a 7.— *Cruzeiro em Villa-Viçosa* (com uma estampa), por Borges de Figueiredo.— Explicação interessante de um cruzeiro onde, em lugar da imagem de Christo, está uma serpe: o sr. Figueiredo, fundando-se em varios textos ecclesiasticos, interpreta a serpe pelo proprio Christo.

Miscellanea epigraphica, pelo mesmo.— Noticia de várias inscripções funerarias romanas da Estremadura e do Alemtejo.

A decifração das inscripções «luzibericas» do sr. Bonança, tambem por Borges

de Figueiredo. — Quando se annunciou a publicação da *Historia da «Luzitania» e da Iberia* do sr. João Bonança, segundo a qual o português e o hispanhol são anteriores ao latim, *y muchas cosas mas*, logo a parte superficial e facil da nossa imprensa periodica cobriu de elogios o auctor da obra, — só porque ésta lisongeava o pseudo-patriotismo, e annunciava cousas estranhas que fallavam á imaginação de quem vive alheio ou quasi alheio á sciencia. Fui eu um dos primeiros, ou o primeiro, que ousou dizer que o publico se illudia com tal obra e com tal auctor, porque, a julgar dos prospectos e dos fasciculos publicados, este não tinha competencia nem seriedade, e aquella estava errada no seu methodo e nos seus factos. A epocha em que mais acceso entrei na questão foi em 1888, em artigos publicados n-*O Reporter*, de Lisboa. Esses artigos despertaram polemica, e felizmente d'então para cá a nossa imprensa, com excepção de um ou outro raro impenitente, teve mão nos elogios — e a obra vae continuando a sahir silenciosa, no meio do desânimo de muitos leitores que a assignaram incautos. O sr. Borges de Figueiredo appareceu então tambem na liça com um artigo publicado no dito jornal em 1 de Junho de 1888 em pró da verdade que eu defendia, e por tanto atacando as ideias do sr. Bonança. Esse artigo vem reproduzido na *Rev. Arch.* com o titulo que encabeça este paragrapho. — Tudo quanto se diga em desabono d'essa desgraçadissima *Historia da «Luzitania» e da Iberia* é pouco, porque ella desacredita a sciencia, deshonra a patria e tolhe o passo aos que trabalham a sério muitas vezes.

Sobre uma passagem de Aristoteles relativa á peninsula iberica, por Borges de Figueiredo. — A propósito d'este artigo lê-se na *Revue Celtique*, x, 383: «La *Revista Archeologica* de Lisbonne, n.º de mai, juin et juillet 1889 contient un article de M. Borges de Figueiredo qui croit reconnaitre des cromlechs dans les *obélisques*, *o b e l i s k o u s* de la Politique d'Aristote (livre vii, c. 2): le célèbre philosophe parlant des Ibères «race belliqueuse» dit que chez eux l'usage est de planter autour de la tombe de chaque guerrier un nombre d'*obélisques* égal à celui des ennemis que la mort a tués. M. de Figueiredo n'est pas le premier qui ait remarqué ce texte et auquel l'idée soit venue que ce passage d'Aristote pourrait justifier l'attribution des monuments mégalitiques aux Ibères. Seulement la difficulté est de savoir ce que désigne le mot *o b e l i s k o s*, *obélisques* (?). Ce peut être une broche quelconque, d'une matière quelconque, par exemple de bois, et il n'y a aucune preuve que ce soit une pierre levée» (H. d'Arbois de Jubainville). — Tambem eu me havia já referido na *Era Nova*, Lisboa 1880-1881, pag. 78, a essa passagem de Aristoteles, e lá havia citado Rougemont, *L'âge du bronze*, pag. 52, que igualmente a traz.

Sobre uma fórma do svastika, por Borges de Figueiredo. — Na *Rev. Lusit.*, i, 268, dei conta de uma sepultura romana de Tras-os-Montes em que havia um symbolo especial, que eu aproximei do suástica. O art. do sr. Figueiredo, que é em reforço de outro publicado por elle na *Rev. Arch.*, ii, n.º 4 (cfr. *Rev. Lusit.*, i, 391), e os factos que depois d'aquella minha nota observei, tanto nos museus de Portugal como nos de Hispanha, confirmam-me na ideia que eu a principio tinha apresentado um pouco timidamente. As pedras sepulcraes portuguesas (de origem romana) podem ver-se no *Museu da Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães; as hispanholas (da mesma origem) no Museo arqueologico de Madrid (no jardim). Quer numas, quer noutras, o suástica não está puro, mas degenerado em figura espiral de varios raios. No emtanto, numa sepultura romana de Cangas de Onís (Asturias), o suástica apparece na sua fórma primitiva (cruz gammada), o que representa o primeiro grau das outras fórmas: vid. o respectivo desenho in *Cantábria* (Madrid 18) do snr. Fernandez Guerra, pag. 51-52. Eu creio que a degeneração, de que fallei agora, veiu dar á roseta que se observa noutras sepulturas. No dito museu de Madrid ha sepulturas romanas com a roseta, não só associada á meia-lua, mas a outros symbolos consistentes em figuras formadas por circulos concentricos. No cemiterio christão (actual) da freguesia de S. Thomé das Lamas, concelho do Cadaval, na Estremadura, encontrei uma pedra sepulcral anepigraphe com uma roseta em cruz, no mesmo sitio em que apparecem os symbolos das sepulturas ibero-romanas. Póde ser que certas pedras avulsas e anepigraphes que ha no Museu de Guimarães e provieram, creio eu, da Citania, sejam

tambem, no todo ou em parte, pedras sepulcraes. Uma d'ellas, por exemplo, a que foi publicada in *Renascença*, pag. 44-45, sob o n.º 10, se a inverterem, de modo que a espiral fique para cima, é até muito parecida com as sepulturas luso-romanas. — Sobre outras notas ácerca do suástica vid. o meu *Elenco das lições de numismatica*, I, 5 e 6. — Temos pois neste symbolo um elemento importante para o estudo das ideias religiosas dos nossos maiores, pois que elle se relaciona na sua origem com o culto do sol e do fogo.

Noticia d'um ms. DE LAPIDE PHILOSOPHORUM, por Borges de Figueiredo. — Curiosas indicações ácerca de alchimia, dos dias aziagos, etc. O livro parece-me de origem italiana.

N.º 8. — *Cavallo de bronze da epocha romana* (com uma estampa), pelo mesmo auctor. — Este objecto, que existe no Museu de Anthropologia de Lisboa, foi achado nos trabalhos antigos da Mina de S. Domingos (Mertola). O sr. Figueiredo aventa a hypothese de elle ter servido de insignia militar, e compara-o com outro, que foi evidentemente insignia militar, e existe no Museu de Madrid, onde eu o vi em Maio de 1890 (vem publicado no *Museo español de antig.*, II, 91). A hypothese parece-me acceitavel; e tambem eu já a tinha para mim ha muito. A propósito farei aqui umas notas. As insignias militares em fórma de animaes eram vulgares na antiguidade: são muito conhecidas em Roma a *aquila* e o *draco*. Segundo Montfaucon, tambem os romanos tiveram o lobo, o minotauro, o cavallo e o javali [1]. A Gallia tinha o gallo [2] e o javali [3]. Com relação á peninsula iberica: no cit. vol. do *Museo esp. de antigüedades* vem, ao lado da insignia constituida pelo cavallo, a estampa de outra constituida pelo javali (cfr. pag. 96); nos denarios romanos da familia Coelia figura, ao lado de uma insignia com a legenda HIS*pania*, outra insignia com o javali, emblema da cidade de Clunia, em attenção a C. Coelius Caldus, que no seculo II antes de Christo realizou importantes façanhas militares na Hispania Ulterior [4]; no Museu archeologico de Madrid vi um toiro de bronze com um orificio inferior, o qual me pareceu tambem uma insignia [5]; no Museu da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha outro pequeno toiro que está em identicas circumstancias, pois tem uma abertura no ventre e outra no focinho, pelas quaes elle certamente se segurava á haste. — Em geral as insignias romanas erão de bronze e de ferro [6]; mas tambem as havia de prata [7], e até de ouro [8]. — Pois que as insignias militares tinham caracter sagrado, deve-se fallar d'ellas no estudo dos cultos peninsulares. O caracter sagrado das insignias prova-se facilmente. Temos em primeiro logar a *aquila*, cujo nome provém da ave de Juppiter, e á qual se attribuiam vários prodigios: «...ex *aquilis* una noluit cum Crasso Euphratem transire, sed perinde ac si terrae adnata esset, infixa haesit, donec tandem a multis circumstantibus vi evulsa fuit, invitataque comitata est suos» [9]; e tambem: «imminentem quippe temerario duci cladem praedixerant insidentia signis examina, et *aquilae* prodire nolentes» [10]. Por outro lado temos a seguinte passagem de Dionysio Halicarnassense: «nihil enim in romana militia signis habetur venerabilius nec minus sacra judicantur quam deorum simulacra» [11]. O referido Dion Cassio emprega mesmo a expressão: *sacra signa* [12]. As insignias guar-

[1] *L'antiquité expliquée*, IV (1.ª P.), c. 8., pg. 89.

[2] Cfr. o meu *Elenco das lições de numismatica*, I, pag. 38, not. 1.

[3] E. Hucher, *L'art gaulois*, 1868, est. 2, 3, 62 e 74. Vid. tambem *Matériaux pour l'Histoire de l'homme*, de Mortillet, IV, 514.

[4] *Descr. hist. et chron. des monnaies de la républ. rom.*, por E. Babelon, I (Paris 1885), pag. 370; vid. as moedas n.ºs 8 e 10, e cfr. n.º 7.

[5] Cfr. *Catálogo del Museo arqueológico nacional*, t. I, Madrid 1883, n.º 3062, onde esse objecto é assim descrito: «Toro. — Estatuita de excelente modelado y buenas proporciones. Tiene mutiladas las patas y parte de la cola, y horadado el vientre. Long. 0,m.10. — Colecció Miró» (E'sta collecção, segundo me informou o snr. D. José Ramon Mélida, digno empregado adscripto ao Museu, é quasi toda feita de objectos peninsulares).

[6] Montfaucon, *ib.*, *ib.*, pag. 91.

[7] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*

[8] Dion Cass., *Hist. rom.*, lib. XL, cap. 18 (pag. 236 da ed. de 1752, — Hamburgi).

[9] Dion Cass., *ob. cit.*, *ib.*, *ib.*

[10] Floro, *Hist. Roman.*, II, cap. 6.

[11] — Lib. VI, pag. 3765 da ed. de 1691 (Lipsiae).

[12] *Ob. cit.*, ib., *ib.*

davam-se nos templos [1]. Dados estes factos, que são positivos, e admittido ó caracter sagrado de vários animaes em certos cultos, deduz-se sem difficuldade que as insignias em que elles entravam tinham o mesmo caracter. Com effeito, nas da peninsula iberica vimos: o porco, o toiro e o cavallo. Relativamente ao porco, sabido é já que elle figurava na religião dos nossos maiores, como animal de sacrificios [2]. O toiro está nas mesmas circumstancias: o sacrificio da vacca apparece em inscripções peninsulares romanas [3]; em Beja ha varios bucraneos de pedra, de que já falla André de Resende, e que provavelmente se ligam com um culto local (Serapis?); em algumas collecções archeologicas do nosso país existem pequenas figuras metallicas e de barro, representando animaes do genero *Bos*, que, attenta a sua connexão com outras figuras pequenas, que representam evidentemente divindades romanas, etc., desempenhavam, me parece, papel religioso: ha por exemplo uma d'estas figuras no Museu de Guimarães, para onde foi de Tras-os-Montes [4], e ha outra no Museu do Algarve, onde o sr. Estacio da Veiga me fez o obsequio de m'a mostrar; podem ter sido ex-votos, etc. Com relação ao cavallo não me recordo agora de nenhuma passagem em que elle desempenhe na Iberia papel religioso, senão da de Estrabão, onde este diz que os Lusitanos «Marti [i. é, *a Ares*] caprum immolant, praetereaque captivos et *equos*» [5]; mas aqui os cavallos não teem caracter especial, entram no sacrificio, segundo o meu entender, por pertencerem aos prisioneiros; todavia, por analogia, e sabendo-se de mais a mais que o cavallo figura nas moedas ibericas, certamente tambem como symbolo, embora por adaptação, não me repugna admittir que o cavallo das insignias pertença á classe dos animaes cultuaes. Ainda que na insignia representada no *Museo español de antigüedades* haja a legenda *viva Christo* [6], o que mostra que ella é posterior, ou pelo menos contemporanea, de Constantino, não se oppõe isso a que o cavallo represente uma tradição antiga. Para fechar este artigo direi mais que o caracter sagrado das insignias era tão profundo, que ainda hoje as bandeiras dos nossos regimentos são benzidas, e por ellas se jura.

J. L. de V.

Circulo camoniano, revista mensal, dirigida por Joaquim de Araujo. Porto 1889-1890. N.º 1 a 8.—Esta revista destina-se a reunir documentos para o estudo da vida, obras e influencia de Camões: emprehendimento certamente util e digno de applauso; mas o sr. Araujo não está á altura de o dirigir com consciencia. Avaliem os leitores pelo seguinte trecho o estado do espirito do redactor. Diz de Camões o sr. Araujo: «Elle é com effeito um Vidente que nos apparece, dominando o seu tempo e fallando de uma fulgurosa tribuna espiritual ás idades que vão surgir e desfilar, diante desse eterno marco milliario» (pag. 6). Ou então: «...o vivo protesto do velho de Rastello, erecto e solemne nos seus cabellos brancos e nas suas palavras de bronze, assimelha-se ao echo do velho mundo que vacilla na vespera do dia em que o Homem vae triumphar da Natureza, desvendando o mysterio dos mares, etc.» (pag. 7). Tenue nariz de cera para uma obra de critica! E já é tempo de em trabalhos graves substituir a banalidade da rhetorica pelos factos scientificos. Com quanto aquella se consiga muito mais facilmente do que estes, deve comtudo cada individuo, no limite das suas posses, esforçar-se por adquiri-los com segurança. Camões merece mais alguma coisa do que phrases tão vans.—Na impossibilidade de analysar os números todos, limito-me a algumas poucas indicações. Grande parte dos artigos consta de catalogos, aponta-

[1] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*

[2] Cfr. F. Adolpho Coelho, *Sur les cultes péninsulaires antérieurs à la domination romaine* (in *Compte rendu* do Congresso d'anthropologia etc. de 1880) pag. 446; Borges de Figueiredo, in *Revista Arch. e Hist.*, I, 52-57 e est. IX (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 188-189); e o meu opusculo *O deus lusit. Endovellico* (extr. d'*O Dia* n.º 846), pag. 6. — Tambêm numa ara galla apparece semelhantemente um javali esculpido: vid. *Matériaux pour l'Histoire de l'homme*, de Mortillet, IV, 377. — Etc., etc.

[3] Cfr. o cit. trabalho do snr. Coelho, *ib.*, *ib.*, ou vid. *C. I. L.*, II, 3820.

[4] Cfr. *Rev. de Guimarães*, V, 87-88.

[5] Lib. III, III, 7.

[6] *Ib.*, pag. 96.

mentos bibliographicos a respeito do poeta, traducções d'este em linguas estrangeiras, noticias de pura curiosidade, e cartas encomiasticas ao redactor. Ha porém alguns artigos que merecem menção. A sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos publica lá muitos dados bibliographicos e criticos sobre a importancia de Camões na litteratura hispanhola, sobre os apocryphos, sobre as fontes litterarias do poeta, etc., tudo porém como simples notas, embora com a costumada erudição da autora. A pag. 124 insere o sr. Adolpho Coelho uma noticia do livro de Otto *Der portugiesische infinitiv bei Camões*. A pag. 109 e 137 sqq. dá conta o sr. Fernandes Thomás de um ms. que suppõe do sec. XVII, achado na Hollanda, com muitas composições de AA. portuguezes, entre elles Camões. — De outros artigos desejaria fallar, mas falta-me o espaço. — Ainda como amostra do pouco criterio do sr. Joaquim de Araujo, referir-me-hei á noticia que elle dá a pag. 164 àcêrca da edição das *Obras do poeta Chiado* feita pelo sr. Alberto Pimentel. Diz elle que esta obra «representa um verdadeiro serviço prestado ás lettras portuguezas». Ora o que é verdade é que tal edição está crivada de erros e de contrasensos, o que é antes um *verdadeiro desserviço* á nossa litteratura, como penna autorizada mostrará até á saciedade num dos proximos numeros da *Revista Lusitana*. Por tanto o sr. Araujo illudiu os seus leitores que não conhecessem o livro.

J. L. de V.

III

VARIA QUAEDAM

Trabalhos modernos e que tratam do mesmo assumpto da *Revista Lusitana*, mas dos quaes ésta não póde agora fallar detidamente:

— **A reforma do Curso Superior de Lettras**, por F. Adolpho Coelho. Lisboa 1889, 26 pag. (extr. da *Revista de educação e ensino*, vol. IV, pag. 513-538). O A. reconhece a necessidade da reforma d'este estabelecimento scientifico. No plano d'estudos que elle propõe entram estas cadeiras: 1) elementos de philologia sanscritica e de grammatica comparada do sanscrito, grego e latim; 2) philologia grega: 3) philologia latina; 4) philologia romanica, especialmente franceza; 5) philologia germanica, especialmente ingl. e allemã; 6) philologia portuguesa; 7) glottologia geral; 8) geographia e ethnographia; 9) historia antiga; 10) hist. medieval e mod.; 11) hist. nacional; 12) archeologia artistica e epigraphia, principalmente sobre o país; 13) ethnologia e hist. geral da civilização; 14) psychologia e pedagogia geral; 15) historia da philosophia; 16) systema da philosophia. — Não posso deixar de agradecer ao autor as phrases que me dirige. — Ao ponto em que o snr. Coelho se occupa do meu opusculo *A philologia portuguesa*, publicado em 1888, tenho de dizer porém aqui que, quando eu nesse opusculo me referi ao ensino da lingua portuguesa no Curso Superior de Lettras, não tive em mira nem os programmas que lá se executam, nem as pessoas que os desempenham, mas sim sómente a falta do ensino official e proprio da lingua portuguesa. Embora o snr. Coelho em alguns dos cursos da sua cadeira de *sciencia da linguagem* trate d'elle, e com muito conhecimento, podia não se occupar outro professor que porventura o substituisse. Foi este pelo menos o meu pensamento geral.

— **Cartas e publicações relativas ao fallecido Dr. José Barbosa Leão**, mandadas imprimir em volume por Manoel Barbosa Leão. Porto 1889, op. de 120 pag. (com um retrato do fallecido. — Documentos para a biographia d'aquelle escritor e para a historia da nossa orthographia. Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 388.

— **Ortografia simplificada da lingua portugueza** (anonymo). Porto 1889.

— **Annaes de bibliographia portugueza**, dirigidos por Joaquim de Araujo. Porto 1889, n.º 1 e 2. — Destinados a archivar noticias bio- e bibliographicas, reproduzir publicações raras ou mss. importantes, etc.

Roteiro archeologico dos coutos de Alcobaça, por M. Vieira Natividade. Alcobaça 1890. Op. de 19 pag.—O autor é um investigador diligente, que já conseguiu reunir uma importante collecção archeologica, tanto prehistorica como romana. Oxalá que vá por deante a sua louvavel ideia da creação de um museu municipal em Alcobaça. Só com museus locaes, onde se reunam abundantes documentos, é que a archeologia poderá proseguir no nosso país, com interesse do publico, e desassombro.

—**Sete annos de pastor Jacob servia**, Porto, Typographia Elzeviriana, 1889, 15 pag. Edição de 39 exemplares (extr. do *Circulo Camoneano*). —Estudo sobre aquelle soneto do nosso epico (origens e imitações).

—Com o titulo de **Collecção Silva Vieira** começou a publicar-se em Espozende uma série de volumes ethnographicos e linguisticos:

Vol. 1.º) **As Brotas**, por Soeiro de Brito. 1890, 9 pág.—Noticia do culto alemtejano da Senhora das Brotas, e versos semi-populares em honra d'ella.

Vol. 2.º) **Linguagem infantil**, pelo mesmo. 1890, 18 pág.—O snr. Brito não possue conhecimentos glottologicos, e por isso cahiu em muitas inexactidões; todavia cita alguns factos curiosos.—Agradeço-lhe o ter-me dedicado o seu trabalho.

J. L. de V.

Publicação e noticias estrangeiras a respeito de Portugal:

—**Lautlehre zweier alt portugiesischen Heiligenleben**, dissertação inaugural de Clemens Radermacher. Bonn 1889.—Estudo phonetico dos textos publicados por J. Cornu in *Romania*, XI, com os titulos de *Vida de Eufrosina* (doc. do sec. XIV), *Vida de Maria Egypcia* e *Traité de dévotion* (extractos), e reproduzidos em volume á parte.

—**Lusitania. Canti popolari portoghesi** tradotti ed annotati da Ettore Toci. Livorno 1888, VII, 181.—Collecção de romances tradicionaes.

—O sr. Henrique R. Lang, collaborador d'esta *Revista*, e que falla e escreve com sufficiente correcção a nossa lingua, esteve esta primavera em Lisboa aperfeiçoando-se nesse conhecimento e colligindo dados para a edição que vae fazer das poesias do rei D. Dinis, edição que será acompanhada de commentario philologico. O mesmo sr. tem publicado no estrangeiro os seguintes trabalhos sobre a lingua e tradições portuguesas:

a) Na revista americana **Modern language notes**, vol. III, n.º 8, dá elle um art. sobre o *Novo dicc. da ling. port. e allemã*, da sr.ª D. Henriqueta Michaelis (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 290). Addições como ésta podem fazer-se aos centos, pois constam de phrases e adagios, pela maior parte; o *Dicc.* da sr.ª D. Henriqueta é um livro manual, e só se tivesse pretensões a ser um repositorio geral da lingua poderia dar desenvolvimento aos artigos no sentido que o sr. Lang indica. Outras das addições d'este sr. consistem em vocabulos de uso não geral, ou apenas empregados por um ou outro escritor de pouco nome. Assim por ex.: **abrigoso** e **chorinco**, extrahidos das *Rosas pallidas* da sr.ª D. Guiomar Torresão, não se empregam, que eu saiba. Farei ainda mais algumas reflexões: **amphiguri** é uma poesia popular em que, para rir, as ideias se apresentam desconnexas (vid. um ex. in *Rev. Lusit.*, I, 347); **azulejar** e **resplandecer** não se empregam no sentido em que apparecem na phrase citada pelo sr. Lang, extrahida do referido livro *Rosas pallidas* «o ceo *azulejava, resplandecendo* jubilos e confortos», pois *resplandecer* é verbo intransitivo; **cabanal** é termo provinciano; **mestra** em phrase «andar na *mestra*» significa, por metonymia, a aula do sexo feminino, como *mestre* na phrase «andar no *mestre*» significa a do sexo masculino; **niágara** na phrase «um *Niágara* de ternura» é um caso isolado, como se se dissesse «um Cicero (= homem eloquente), «um Brazil» (= terra de riqueza), etc., não é palavra da lingua; **Rilhafolles** é outro caso analogo, pois tambem dizemos «ir para o Limoeiro» (= ir para a prisão), «ir para a Cruz da Regateira» (= ir para um hospital de alienados), etc.

b) No vol. IV, n.º 3, da mesma revista americana continúa o sr. Lang, sob o titulo de **Weitere Beiträge zu Michaëlis. Portugiesischem Wörterbuch**, as suas addições ao referido diccionario da sr.ª D. Henriqueta

Michaelis; éstas addições consistem tambem em neologismos, que ás vezes são empregados por um unico auctor, d'onde se vê que seria melhor que o sr. Lang désse aos seus curiosos estudos um titulo mais geral, por ex.: *Appendice aos diccionarios da lingua portuguesa.*

c) Na **Zeitschrift für rom. Philolog.** de Gröber, vol. XIII, pag. 213-216, publica o sr. Lang em português umas *Notas de philologia portuguesa*, sobre os termos que o A. colligiu na colonia açoreana de New-Bedford,—a que farei éstas observações: **allumiar**, i. é, *alomear*, não é etym. pop. por influencia de *lume (alumear)*, mas assenta no arc. *lomear*, com *a* prosthetico como em *alembrar*, *ademostrar*, etc. Todos estes verbos, incluindo *alomear*, se usam na Beira-Alta tambem. E' pois por acaso que *alomear* se confunde phoneticamente com *alumear;* **aniceto**, por *insecto*, não me parece resultar de influencia de *anizete* (i. é, *anisette)*, onde o *s* vale *z*, mas talvez do nome proprio *Aniceto;* **caridade** em vez de *claridade* tambem não o julgo caso de etymologia popular, mas sim desenvolvimento phonetico de *caridade* (cfr. arc. *craro* = claro), por dissimilação do primeiro *r;* cfr. pop. *tataruga* = **tratarúga* = *tartaruga;* pop. *tataranha* = **trataranha* = *tartaranha;* pop. (e castelhano) *propio* = *proprio*, ainda que aqui é em syllaba postonica; **chulipas**, no sentido de *chinellas*, não é termo devido á influencia inglesa da America, pois tem o mesmo sentido na Beira-Alta, por exemplo; **sestifação** não tem nada com *sésta*, é puro desenvolvimento phonetico de *sastisfação*, fórma pop. de *satisfação*, como *sestifazer* (e *stifazer)*, etc. Com relação ao conto popular *A fé é quem nos salva, nanja o pão da barca*, tanto póde elle ser a origem do dictado, como uma narração explicativa *ad hoc*.

d) Na mesma **Zeitschrif**, vol. XIII, pag. 218-224 e 416-430, sob o titulo de *Tradições populares açorianas*, insere o sr. Lang várias orações, cantigas, rimas infantis, superstições, etc., em que ha factos interessantes. Segundo as notas do sr. Lang, o nome açoreano do *lobishomem* é *labrêgo* e *lambuzão*, este último com o respectivo feminino *lambuzona*; a palavra *lambuzão* vem de *lambuzar*, e não tem nada com *lobo*, como o sr. Lang faz suspeitar a pag. 220. O collector acompanha ordinariamente de commentarios explicativos as passagens raras ou curiosas.

E' pois o sr. Lang mais um benemerito investigador que vem juntar-se aos já numerosos que no estrangeiro se occupam affectuosamente das cousas de Portugal.

—Como appendice a esta secção, devo dizer aqui que na Universidade de Leipzig, no verão de 1889, o prof. Settegast expôs no seu curso de philologia o summario da grammatica portuguesa, tomando como base os *Lusiadas* de Camões. Vid. *Literaturblatt für german. und roman. Philologie*, 1889, columna 200.

J. L. DE V.

DIALECTOS TRASMONTANOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

[Los trasmontanos] «hablan nuestro idioma con grande corrupcion».

Faria y Sousa, — *Epitome de las hist. portug.*, ed. de 1677, pag. 344.

Com estas palavras quer Faria y Sousa dar a entender que a linguagem popular da provincia de Tras-os-Montes differia, já no seu tempo, da linguagem litteraria; e é em tal sentido que eu aqui as transcrevo. Os artigos que vão seguir mostrarão que essa differença, como era natural, se dá ainda hoje, e estabelecerão em que ella consiste principalmente.

Claro está que não considero os dialectos populares como transformações da lingua culta, pois que cada um d'elles representa uma evolução propria do latim vulgar da Lusitania, ao passo que a lingua culta só começou a existir no momento em que um dos mesmos pela primeira vez recebeu fórma escrita, ao que parece no sec. XII, indo-se d'ahi em deante modificando, já sob a influencia da linguagem oral, já ao contacto de outras linguas cultas, principalmente do latim classico, do sec. XV em deante, depois que a litteratura romana foi lida e estudada com enthusiasmo, já ainda em virtude d'esta perpétua lei de evolução a que obedecem todas as coisas humanas, e cujas particularidades não é sempre facil determinar e precisar, — no caso sujeito o gôsto particular dos escriptores de nota, a moda, o estylo reinante em cada epocha, etc.

Se porém muitas vezes neste estudo, como noutros semelhantes, comparo a cada passo fórmas populares com fórmas litterarias, é por commodidade ou brevidade, e não por eu as considerar sempre derivadas d'estas, com quanto isso uma vez ou outra seja possivel, pois que, do mesmo modo que o manancial em que bebe e se enriquece a lingua culta é o povo, não raro tambem passam para este vocabulos e phrases, e mesmo modos de pronúncia, d'aquella: o que tudo indicarei no seu logar, quando possa haver dúvida.

No presente escrito não tenho por fim senão reunir, em ordem inteiramente provisoria, alguns materiaes glottologicos sobre Tras-os-Montes, — até que chegue o momento de os aproveitar methodicamente e completar num trabalho, ha muito emprehendido, sobre a *Dialectologia Portuguesa*. Não se estranhe, pois, se eu saltar de um ponto da provincia para outro muito afastado, se tratar de qualquer

localidade mais de uma vez, e se a proposito de algumas eu disser muito pouco. A maior parte d'estes materiaes foram recolhidos por mim á pressa, fortuitamente, ao fallar com um provinciano que por acaso me apparecia, ou ao percorrer de passagem a provincia, o que tenho feito por várias vezes. Devo ainda notar que, quando dou tal vocabulo ou indico tal pronúncia como de uma localidade, não pretendo assegurar que isso é privativo d'ella; mas apenas que foi lá que fiz a observação.

Das provincias portuguesas do continente é Tras-os-Montes a mais notavel pelo que se refere á linguagem, porque, além do dialecto geral, que objecto do meu estudo agora, fallam-se nella tres idiomas diversos: o *mirandês* na Terra-de-Miranda, e o *guadramilês* e *riodonorês* no concelho de Bragança [1]. De todos tres eu colhi em 1883 e 1884 lá, e ainda depois, com relação ao mirandês, em vários individuos trasmontanos que encontrei no Porto e em Lisboa, muitos e curiosos materiaes, que publicarei a seu tempo.

O *dialecto trasmontano*, ou linguagem vulgar portuguesa da provincia de Tras-os-Montes, é susceptivel de se decompôr em diversos sub-grupos que denomino *sub-dialectos* [2]; mas, só depois de haver reunido abundantes dados a respeito d'elle todo, se poderá proceder com rigor a essa decomposição.

O proprio povo da provincia tem ás vezes consciencia de que se serve de linguagem especial, pois em muitas terras, com especialidade na raia, lhe chama *fala charra* e *fala chacota*, por opposição a *falla grave (português)*. Os mirandeses tambem distinguem entre *mirandês* e *grave* [3]. Como se sabe, a *chacota* era antigamente o nome de um côro e cantiga; ainda diz Gil Vicente:

Em tanto por vida minha
Sera bem que ordenemos
A nossa *chacotazinha*,
E com ella nos iremos
Ver El-Rei e a Rainha.

E accrescenta: «Ordenárão-se todos estes pastores em *chacota*, como lá se costuma, porém a cantiga d'ella foi cantada de canto de orgão» [4]. Do sentido de *cantiga villanesca* passou-se facilmente para o de *linguagem popular* (se não se deu o inverso).

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 193-194.

[2] Cfr. o meu opusculo *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, Porto 1886, pag. 7; e *Rev. Lusit.*, I, 158 e nota (artigo do snr. Gonçalves Vianna), e 192 (artigo meu).

[3] Vid. o meu op. *O dial. mir.*, Porto 1882, pag. 9.

[4] Vid. *Obras* (ed. de Hamburgo), II, 445; cfr. pag. 419: «tornão todas a cantar a modo de *chacota*: — Por el rio me llevad — », etc.

Já varios AA. antigos e modernos se tem referido ao dialecto trasmontano:

a) A mais remota noticia que me occorre é a de Faria y Sousa (sec. XVII) no texto que tomei para epigraphe.

b) O P.e Contador de Argote (sec. XVIII), que foi, creio eu, o primeiro que entre nós esboçou, embora mui imperfeitamente, um plano de dialectologia, diz nas suas *Regras da lingua portuguesa* que os principaes «dialectos locaes» são cinco: «o dialecto da provincia da Estremadura, o da provincia de Entre-Douro-e-Minho, o da Beyra, o do Algarve, e o de Tras-os-Montes» [1], e escreve pouco mais adeante que o dialecto de Tras-os-Montes differe do da Estremadura «na pronuncia e nas palavras, que condizem muyto com as da Beyra e Entre-Douro-e-Minho» [2], — observação que até certo ponto é justa; o mesmo auctor distingue este *dialecto local* de outros que ha na raia de Tras-os-Montes [3], que, com quanto não diga quaes sejam, devem ser os que eu descobri em Miranda, Riodonor e Guadramil, ou pelo menos algum ou alguns d'elles.

c) O P.e Monte Carmelo, que cita a Argote, refere-se tambem várias vezes ao dialecto de Tras-os-Montes no seu *Compendio de ortografia*, Lisboa 1767, por ex. no prologo, e a pag. 82, 138, 144, 228, 421 e 500, onde trata da pronúncia do *e* e do *o*, da do *v* tornado *b*, do *-om*, do hiato (por ex. *a-i-arca)*, etc.

d) Numa sessão da Academia das sciencias de Lisboa, em 1790, disse Francisco Dias Gomes, citando vários textos de Fernão Lopes onde vem *feze-o* (=mod. *fê-lo*): «Esta corruptella inda agora existe no dialecto de alguns povos da provincia de Tras-os-Montes, especialmente nos de Bragança e seu termo» [4].

e) Viterbo, no *Elucidario*, não só transcreve documentos antigos trasmontanos, onde é possivel que haja elementos dialectaes, por ex. s. v. *Bemquerença*, mas cita vários vocabulos que elle dá como da provincia, a saber: *armentinhos*, *assomar*, *bacio*, *bragal*, *orreta*; cfr. ainda s. v. *bodivo*.

f) A propósito de *erros de pronúncia* e de *provincianismos*, alguns grammaticos e lexicologos tem tambem citado Tras-os-Montes [5].

g) Um ou outro philologo estrangeiro tem tambem alludido ás particularidades dialectaes da provincia, por exemplo sobre a pronún-

[1] Ed. 1725, part. 4.a, cap. 1.o, pag. 292-293. A 1.a ed. é de 1721. — Este cap. de Argote, que elle intitula *Dos dialectos da lingua portuguesa*, foi paraphraseado por outros grammaticos.

[2] *Ib.*, pag. 295.

[3] *Ib.*, pag. 295. — Ao mesmo tempo que falla de Tras-os-Montes, falla da raia do Minho, cujo idioma ou idiomas especiaes distingue tambem do dialecto local interamnense; mas não pude ainda precisamente saber ao que Argote se refere, — talvez a algum idioma de transição do português para o gallego, ou a algum sub-dialecto alto-minhoto mais *cerrado*.

[4] *Memor. de Litterat. Port.*, IV, 55.

[5] Por ex.: Constancio, *Novo Dicc.*, Paris 1844, pag. XLVII.

cia do *ch*, igual á do castelhano, Diez [1] e Ascoli [2]; Fuchs faz igualmente uma allusão ao dialecto [3].

h) O que fica mencionado são apenas simples allusões ou indicações avulsas; ha porém já um trabalho puramente analytico, não só feito com methodo, mas com certa extensão, sobre a falla de uma localidade de Tras-os-Montes: refiro-me aos *Materiaes para o estudo dos dialectos portugueses*, I (*Fallar de Rio-Frio*), do snr. Gonçalves Vianna, publicados na *Revista Lusit.*, I, 158-166 e 195-220. Eu terei de me tornar a referir a elle, adeante, quando me occupar de Rio-Frio.

Com relação á *litteratura popular* da provincia, vid. o que escrevi no prologo dos *Dialectos alemtejanos* [4]. Os sonetos feitos em linguagem vulgar, a que lá me refiro, serão publicados agora no respectivo logar.

O nome *Tras-os-Montes* tem variado na pronúncia e na escrita. Em vez da moderna fórma litteraria, lê-se ás vezes em livros antigos *Tras-los-Montes* e *Trallosmontes* (por causa da assimilação do *s* ao *l*, como em *todollos* = *todos los*); ésta última fórma é ainda hoje usada lá pelo povo. O nome gentilico correspondente é *transmontano*, *trasmontano*, *tramontano*, e creio que *stramontano* (em linguagem plebea): o suffixo *-ano* apparece tambem em *bragançano* [5], de que ha a fórma parallela antiga *braganção* [6]. De certo forão os povos do Minho que deram o nome a Tras-os-Montes, pois ésta provincia lhes fica para lá dos montes do Gerês, Cabreira, etc. Os trasmontanos deveram naturalmente chamar á sua terra *Aquem-d'os-Montes*; e em verdade num documento de Bragança, do sec. XIV, lê-se «comarca *d'aquem dos Montes*» [7]. Como mais usado, foi porém o outro que prevaleceu.

I

LINGUAGEM POPULAR DA MATELLA

A Matella, ou, como o povo lá diz, a *Amatella* [8], é uma pequena aldeia (frèguesia), de seiscentas e tantas almas, no concelho de Vimioso, a uns 4 ou 5 kilometros do rio Sàbôr. As casas são todas

1 *Gr. des l. rom.*, I, 358.
2 *Corsi di glottologia*, I, Torino e Firenze 1870, pag. 205.
3 *Die romanischen Sprachen*, Halle 1849, pag. 62.
4 In *Rev. Lusit.*, II, fasc. 1.º
5 Cfr. G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, I, 158 not.
6 Em Camões, *Rimas*, ed. 1670, soneto 21. Vid. ainda A. Herculano, *Hist. de Port.*, II, 427. Nos *Portugal. monum. histor.* (Scriptores), pag. 165, lê-se tambem *Barganções* por «os do appellido *Bargança*». — A fórma *brigantino* assenta em *Brigantia* (i. é, *Brigantium*); é puramente erudita.
7 In *Elucidario* de Viterbo, s. v. *aquadrelamento*.
8 Este nome é diminutivo de *mata*, como COVELLA de COVA, PARADELLA de PARADA, TONDELLA de TONDA, etc. O *a* inicial de *Amatella* póde ter a origem indicada por mim na *Rev. Lusit.*, I, 49, § 2.

muito pequenas e pobremente arranjadas; nenhuma é caiada, o que facilmente succede na provincia. Com quanto fique perto da Terra-de-Miranda, os seus habitantes fallam português. As particularidades que pude observar uma noite que lá passei em Agosto de 1883, depois de ter andado o dia todo a cavallo, a um sol ardente, e com pouco alimento (pelo não haver durante o caminho), forão as seguintes:

A) Phonologia

1. Como no geral das fallas raianas da provincia, o *o* é aberto em *mórro* (= morro), etc.; tambem lá ouvi *ótro* (= outro) e *nòbinho*, que suppõe *nóbo* (= novo). Do que não me lembro é se este som do *o* era igual ao do *o* castelhano, ou se ao lado d'elle existia o *ô* português. Igualmente ouvi *préto* (= prêto), talvez tambem com *e* castelhano.

2. O *s* tem o valor do da Beira, i. é, semelhante ao *s* castelhano, quanto ao mecanismo. E' provavel que ao lado exista o *ç*. — O *ch* sôa como em castelhano.

3. No ditongo *ei* a subjunctiva *i* mal se faz ouvir (muito menos que na Beira e Entre-Douro-e-Minho), ex.: *namorèime*, *queìxosa*.

4. O hiato annula-se pela intercalação de um *i* nestes casos: *a-i-águia rial*, *da-i-água*, *minha-i-alma na-i-água*, *pela-i-alma*, etc. Tambem em: «já se *vê-i-o* castello». Phrases que colhi em flagrante, como todas as mais. — Cfr. *Dial. beirões*, II, 4.

5. Em *cal'se* (= cale-se) houve sincope do *e*: phenomeno já conhecido, por ex. em Garrett, *Romanceiro*, II[3], 82-83, e na ilha da Madeira (cfr. *guar'te* em Sá de Miranda, egl. *Basto*). Tambem se diz em phrase *sque* (= des que, desde que), por ex.: «*sq'eu* vim». E' um phenomeno analogo a est'outros de vários pontos do reino: *struir* (= destruir), *smanchar* (= desmanchar. Beira-Alta), e ainda *spedir*; ha pois assimilação (absorpção) do *d* ao *s*: *s* = *d's* = *des*-.

6. Metathese do *r*: para syllaba tonica, por attracção do *d* em *drento* (= dentro), como em toda a zona trasmontana de Macedo de Cavalleiros até Miranda; para syllaba atona em *drumir* (= dormir), embora tambem se diga *druma* (= durma), que assenta no infinitivo.

7. A vogal nasal *an* é fechada, ex.: *cântaro*.

8. O *e* (*i*) inicial atono tem tendencia a nasalar-se, e o *en* a mudar-se em *in*, factos que se dão noutras fallas: *inducação* (= educação), *intrar* (= entrar), *insanguentar*. Para evitar a absorpção diz-se porém *éimmortal* (= immortal); mas tambem tenho nos meus apontamentos *desèingano*.

9. Em muitas fallas do país o *e* da preposição *de* desapparece antes de vogal; na Matella, porém, ouvi um verso em que se dizia *qui anda di amores*.

10. *a)* A palatal *x* transformou em *i* o *e* de *Alexandria* («rosa di *Alixandria*») e a palatal *j* o *e* de *jenela* (janella) que deu *jinela*, factos que tem parallellos nos outros fallares do país. O *j* faz desenvolver

um *i* em *haija* (= haja). *b*) A labial influe na vogal vizinha: *lubar* (= levar), *cubrar* (= quebrar).

11. Como no Minho, e ao contrário do que se passa na Beira-Alta, a terminação *-iu* do preterito perfeito da 3.ª conj. ditonga-se, ex.: *bestíu*, *oubíu*, que ficam assim dissyllabos.

12. O *v* pronuncia-se *b*, ex. *oubir*.

13. O dit. *ou* conserva-se, mesmo antes de vogal, ex. *oubir*, *boua*. Uma excepção notavel é *ótro* (= outro), que ouvi duas vezes.

B) Morphologia

14. **Pronomes.** *a*) O pronome pessoal complemento, *o*, *a*, toma a fórma *no na* depois de nasal, ex.: *tem-na*, *dão-no*, etc., que, como se sabe, se explicam por *la*, *lo*, em que o *l* foi assimilado á nasal precedente: cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port. element.*, 8.ª ed., § 58-*c*, nota.

b) A mesma fórma archaica *lo la* reapparece ainda tambem em phrases taes como *sé-la* (= ser la), «onde tinha-lo sentido» (= tinhas lo) «e *mái-la*» (= mais la): o que tambem se nota no Entre-Douro-e-Minho, etc., vid. *Dial. interamnenses*, III, 11-*b*.

c) Facto porém excepcional, e que é um perfeito archaismo, é a fórma isolada *lo* que se nota neste verso «préto era *lo* manto» (de um romance popular que adeante transcrevo).

d) Como no geral da linguagem popular do país, diz-se *le* (= lhe), — lat. *(il)li*; cfr. o castelhano.

e) O pronome pessoal sujeito é no masculino *el*, a que corresponde tambem *aquel*, — pelo menos antes de outra palavra, ex. *aquel magano*. Como se sabe, em livros e documentos antigos apparece com frequencia *el*, *ell* (cfr. *Rev. Lusit.* I, 64), etc., e não será difficil ouvir noutros pontos do país *aquél sujeito*, *él vai já*, etc. O que porém é notavel é que na Matella esses pronomes *el* e *aquel*, por analogia com os nomes acabados em *-el*, tenham no plural as fórmas *éis* e *aquéis*, — como succede noutros dialectos da raia trasmontana, a que adeante me refiro.

15. **Artigo.** O artigo indefinido feminino é *ũa*. Os outros artigos são como na lingua corrente.

16. **Verbos.** Fórmas avulsas: *biste* (= véste), *fai* (por *faz*) [1], *hai* (impessoal) [2], *subéra* (= soubera; noutros pontos, por exemplo na Beira-Alta, diz-se *eu sube* = *eu soube*), *dára* (= déra), por exemplo na phrase «*dára*-t'eu». Esta última fórma explica-se por analogia com o preterito mais-que-perfeito dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

17. **Particulas.** O adverbio *num* (por *não*) tóma a fórma *nu* na phrase «*nu*'entras» etc. — Em vez de *até* diz-se *inté*, e de *muito* diz-se

[1] Ha mesmo na terra um individuo que tem por alcunha o *Fai tudo*. A fórma *fai* corresponde o hisp. ant. *fay* (Diez, *Gr. des l. rom.*, II, 168). — Cfr. *O dial. mirandês*, 1882, pag. 25.

[2] Vid. *Dial. alemtej.*, II, 10-*a*.

munto. Todos estes factos se notam noutros pontos do país, por ex. na Beira-Alta. Tambem a preposição *em* tóma a fórma *im*, semelhantemente ao que succede noutros pontos do país: cfr. supra, § 8.

C) Syntaxe

18. Os verbos *ir* e *vir*, antes de infinitivo, são sempre seguidos da preposição *a*. Eis varios exemplos que colhi em flagrante: «ha-de *vir a* cear», «para *ir a* buscá-la», «fazia *ir* a moça *a* lubá-la», «fost'a fazer». Este phenomeno observei-o em toda a zona trasmontana que percorri no caminho de Macedo-de-Cavalleiros até Miranda.

19. Outra construcção interessante é: «*ir d'*apé», «*ir d'*a cavallo», etc. Cfr. *Rev. Lusit.*, II, fasc. 1.º (art. do Sr. Lang sobre os Açores).

20. Os artigos *o* e *a* tomam a fórma *ó* e *á* (i. é, *a* + *o*, *a* + *a*) quando estão repetidos em phrases coordenadas, por ex.: «o padrinho e *á* madrinha», «a garrafa e *ó* copo», «tu e *á* tua palavra», e em romances oraes que colhi tambem:

«Esta-i-água fica benta
«E *á* fonte fica sagrada».

«O corpo tem-no na areia
«E *á* cabeça no juncal».

Vid. sobre isto, *Dial. beirões*, V, 20-*a*.

D) Textos

21. E' costume, por occasião de um casamento, offerecer á noiva grandes ramos de flores e cantar versos como estes, lá chamados

Louas

a) *A' noiva:*

1. Benho de tão longe
Co'este ramo na mão,
A ber se t'incontraba,
Amiga do coração.

2. Eu num quis mais oubir,
Bim seguir minha attenção,
Já t'achei arrecebida,
Amiga do coração.

3. Já te bejo bir casada,
Debaixo de certas bandeiras:
Agora já nu'entras
No rol das solteiras.

4. O ramo é piqueno,
Bem munto mal arranjado.
Sahi hoje d-Amatella
Pela cantada do gallo.

b) *Ao noivo:*

5. Sr. José Joaquim,
Quéro-le pedir um fabor,
Que trate a minha amiga
Com caridade e amor.

c) *Outra vez á noiva:*

6. A ti te digo tamém,
Já le dei o desingano,
Que o trates, que o estimes
Até ó ultimo anno.

7. Amiga da minha bida,
Olh-ó que fost'a fazer:
Foste tomar juramento
Jurast'inté morrer.

d) *Aos padrinhos:*

8. O padrinho e á madrinha
São brilhantes neste dia,
São crabos e carabelinas
E rosas d'Alixandria.

9. O padrinho e á madrinha
Tem-no d'obrigação,
Ensiná'los afilhados,
Dar-le boua inducação.

e) *Outra vez á noiva:*

10. Toma lá esse ramo,
Na ponta leba uma passa:
Tu casada e eu sôlteira,
Já num l'acho munta graça.

Estes versos tem aspecto de não serem tradicionaes, mas unicamente de occasião.

21. Entre varios romances tradicionaes que colhi, transcrevo este por conter mais fórmas linguisticas populares do que qualquer dos outros.

Romance

Indo-m'eu a passiar
Pela tarde ás duas horas,
Bi star nũa jinella
Duas donzellas fermosas:
A maior é muito linda,
E da cara, melindrosa;
A outra é mais morena
E da cara, graciosa.
Namorei-me da morena,
Por sê-la mais graciosa:
A morena, s'qui o soube,
Logo se mostrou queixosa.

— Cal'se lá, sinhora branca,
Num se mostre tão queixosa;
De préssa l'o direi,
Quanto morena s'importa:
De préto biste el-rei
E ó padre-santo im Roma;
Préto era lo manto
Da Birgem, nossa Sinhora;
De préto são nas obelhas
A seu dóno probeitosas:
Que de branco bão-nos mortos
Q'and'os lébão para a cóba.

Este romance foi por mim publicado a primeira vez no jornal *O Penafidelense*, n.º 607, de 23 de Outubro de 1883, e depois reproduzido no meu *Romanceiro Português*, Lisboa 1886, pag. 13, onde porém, em virtude do que lá disse a pag. 12, não traz todas as fórmas populares que aqui offerece e que são aquellas com que o ouvi.

D) Vocabulario

Arada, campo lavrado.—Noutras provincias ésta fórma só a conheço na poesia popular, por exemplo no romance que começa

Vindo o labrador da *arada*,
Encontrou um probezinho etc.

e se diz na Beira-Alta [1] e no Minho. O vocabulo é um participio substantivado do verbo *arar* (= lat. arare), como *lavrada*, etc.

Arrecebida, recebida. — Vulgar noutras provincias.

Astreber-se, atrever-se. — Parece-me que ésta fórma deve explicar-se por *estreber-se* [2], que assenta em **treber-se*, representada pelo hisp. arc. *treverse*, que vem em Diez [3]. Segundo o mesmo A., o etymon está no lat. tribuere. A addição do prefixo *es* (= ex) não tem nada de anormal, pois ha exemplos semelhantes; quanto ao *a* inicial, póde por ventura explicar-se por influencia do *a* da fórma culta *atrever-se*.

Auga, agua.—Vulgar noutras provincias.

Berbeiro, barbeiro.—Usado tambem noutras povoações vizinhas. Essa fórma parece provir da assimilação do *a* ao *e*.

Bijógas, empollas nos pés.—Parece assentar ésta palavra no lat. *vesucula (= vesicula); cfr. foenuculum a par de foeniculum, peduculum a par de pediculum. Na Beira-Alta diz-se no mesmo sentido *bojéga*, que parece estar para aquella fórma como *joelho* para o arc. *geolho*, e *doésto* para o arc. *deosto*.

Boua, boa. — E' a fórma beirã e interamnense tambem. Lat. bonā.

Brilha, virilha.—Assim se diz tambem geralmente nas provincias confinantes. Do lat. virilia.

Cantada, a hora de cantar o gallo.—Vid. supra, a loa 4.

Carambélo, caramélo.—Cfr. cast. *carmelo*. Quanto ao som, cfr. açor. *primbo* (= primo) e o arc. e dial. *compeçar* (= começar = lat. cum-initiare). Entre as etymologias propostas para explicar *caramélo*, a que me parece mais acceitavel é a do lat. calamellus (**cal'mellus* ou **c'lamellus*).

Carabelina, flor (vid. loa 8). — Deve ser a mesma flor que na Beira-Alta se chama *cravina*, e que está grammaticalmente para *crava* como *carabelina (caravelina)* para a fórma representada pelo cast. *clavel*. Temos assim **clavelina* e **cravelina* com suarabacti de *a* como em *caravelha* (= cravelha = clavicula). O radical está no lat. clavus, de que as outras fórmas são successivos deminutivos.

Châiro e plâiro, chão, plano, terreno sem elevações. — Cfr. G

[1] Dei uma versão no meu *Estudo ethnographico*, Porto 1881, pag. 24.
[2] Usada, creio eu, na Beira-Alta, onde se pronuncia com *i* inicial.
[3] *Etymol. Woerterbuch*, II-b, s. v. *atreverse*.

Vianna, in *Rev. Lusit.*, I, 208, onde dá *chairo* como de Rio-Frio. O etymon não é o lat. planum, mas sim planarium (de planarius, 3), que explica sem violencia as fórmas todas; nas da Matella conservou-se a nasalidade proveniente do *n*, na de Rio-Frio o *n* desappareceu completamente: *planariu(m)*, **plãairo*, *plãiro*, *chãiro*, *chairo*.

Clérgo, clerigo. — Não é especial d'aqui este termo; tenho-o ouvido noutros pontos.

Companha, companhia. — Cfr. *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Consónte, consoante, conforme. — Esta fórma deve talvez terse produzido em proclise.

Cubrar, quebrar. — Vid. supra, § 10, e Lang in *Rev. Lusit.*, II, na *Oração de S. Silvestre*. Lat. crepare, de que o minhoto *crebar* (por ex. na cantiga «todo o fiado le *créba*») póde representar o intermédio.

Curríca (termo agricola, cuja significação ignoro).

Derruído, arruinado.—Do lat. ruere, que prefiro a de-ruere, pois temos tambem *direito* (= di-rectum), etc., onde o *r* se manteve brando.

Dezia, dizia. — Dissimilação do *i*. Fórma corrente no país todo, ou pelo menos muito vulgar.

Drento, dentro. — Vid. § 6.

Drumir, dormir. — Vid. § 6.

Éim-mortal, immortal.—Vid. supra, § 8.

Fermosa, formosa. — Apparece muito nos AA. quinhentistas, etc.; todavia não a tenho ouvido hoje noutras terras. Esta fórma não resulta, como se suppôs, de influencia do cast. *hermosa*, vem directamente de *formosa*, por dissimilação do primeiro *o*, como em *valeroso* (arc.), *guestoso* (pop.), etc.

Inducação, educação.—Cfr. supra, § 8.

Inté, até.—Muito frequente tambem na Beira-Alta. Creio provir do lat. in-tenus, como, segundo Diez[1], *até* de ad-tenus.

Intrar, entrar.—Tambem frequente na Beira-Alta, etc.

Jáli, já alli.

Jasu-Christo, Jesus-Christo. — Ouve-se muito noutros pontos. Arc. *Jesu Christo* (que ainda tambem se ouve). Cfr. o opusculo de A. Pereira de Figueiredo *Breve demonstração de como em português se deve escrever e pronunciar o nome de* Jesus, *quando immediatamente se lhe segue o nome de* Christo, Lisboa 1784 (trabalho, porém, de pouco alcance).

Jinella, janella.—Vid. § 10-*a*.

Loua, loa.—Esta palavra *loa* não provém do lat. laus, mas é um substantivo verbal do arc. *loar* (= lat. laudare), que apparece por exemplo no *Cancion. da Vaticana* (ed. de Monaci), 130; quanto ao sentido, cfr. *póda*, de *podar*. Já Garrett, in *Romanceiro*, III, 124

1 *Et. Wört.*, II-*b*, s. v. *té*.

(ed. 1853), liga *loa* a *loado*. A fórma *loua* está para *loa*, como *boua* para *boa*.

Luare, luar.—Com um *e* prosthetico para apoio.

Lubar, levar. Vid. § 10-*b*.

Manhaninha, manhãzinha.—Só a ouvi numa xacara.

Munto, muito.—Vid. § 17.

Nòbinho, novinho.—Vid. § 1.

Parba (termo agricola de que ignoro a significação).

Piqueno, pequeno.

Plãiro. Vid. chãiro.

Prèguntar, perguntar.—Muito vulgar no país.

Prèxigo, pessego.—Do lat. persicum, com deslocamento do *r* por influencia de *prexigueiro*.

Prexigueiro, pessegueiro.—De **pressigueiro* = **persigueiro* (cfr. cast. *persigo*). O *s* (*ss*), pronunciado á trasmontana, facilmente daria *x*, por influencia da palatal vizinha (*i*).

Rosmarinho, rosmaninho.—Cfr. lat. rosmarinum.

Sòldado (ou *sôldado*), soldadinho. — O *o* não é surdo por causa do *l*.

Sòlteiro (ou *sôlteiro*), solteiro.—Vid. o vocabulo antecedente.

Spalhadeira (outro termo agricola, de que não sei ao certo a significação).

Sque, desque.—Vid. § 5.

Tamem, tambem.—O *b* foi assimilado á nasal antecedente, como por ex. na Beira em *imóra*, *amos de dois*, etc.; nessa provincia usa-se igualmente de *tamem* (pronunc. *tamãi*).

II

LINGUAGEM POPULAR DE MACEDO DE CAVALLEIROS

E' muito pouco o que tenho agora que indicar àcerca da linguagem d'esta villa; comquanto eu já lá estivesse, por occasião de ferias, em 1883 e 1884, não pude colhêr mais, por ir de passagem.

1. **Phrases.** *a)* «O João e *ós* filhos do Albino e *ó* Albino». «A comê-la e *á* bubê-la». Cfr. *Dial. transm.*, I, § 20.

b) «Eu vou *a* buscar o cópo». Cfr. *Dial. transm.*, I, § 18.

c) E' muito usada a phrase *dar fé* no sentido de *reparar*. Ex.: «Não *dei fé* d'elle passar». Cfr. a expressão tabelliõa «de que *dou fé*».

Todas éstas phrases de Macedo as colhi em flagrante.

2. **Phonetica.** Diz-se *pórco* (= porco), *córno* (= corno), *grósso* (= grosso), *garóta* (= garota). Cfr. *Dial. transm.*, I, § 1.—Com quanto esse *ó* seja positivamente mais aberto que o *ô* português, não posso

porém dizer se é igual ao *o* hispanhol, se ao *ó* português.—Ouvi dizer *moléte* (= moléte, como se diz no Porto, e significa *bolo de trigo).*

3. **Vocabulario.** Tenho apenas que notar o seguinte:

Curjidosos, curiosos. — Ésta fórma assenta em *curjidade*, que se ouve tambem na Beira-Alta, etc., e provém de *cur(io)zidade*.

Intremoços, tremoços.

Mai'nada, mais nada.—Houve assimilação (absorpção) do *s* ao *n*, como em *vemo-nos* (= vemos-nos).

Mandar.—O verbo *mandar*, no sentido de «*offerecer dinheiro* em alguma negociação», usa-se não só em Macedo, mas desde alli até Miranda inclusivamente. Ex.: «— Quanto *manda* por este objecto?» «— Mando-lhe *tanto*».

Quetão, cotão.

4. **Varia.** Numa hospedaria de Macedo de Cavalleiros vi em 1883 um livro impresso que tinha escrito á penna o seguinte numa folha branca (eu faço a separação das palavras e disponho os versos em linhas horizontaes):

Este livro é de... [1]:
Quem l'o achar
Fará o favor de l'o dar,
Quando não
Ós Infernos irá a pagar [2].

Estes versos mostrão-nos *le* por *lhe* (Cfr. *Dial. transm.*, I, 14 *d*), *ós* = *aos* (como é corrente em muitas partes; noutras diz-se *âus*), e o verbo *ir* acompanhado de *a* (*ib.*, *ib.*, § 18).

No mesmo livro estavam escritos estes termos: *emté* (i. é, *inté*: vid. *Dial. transm.*, I, *Voc.*, s. v.), *chigar* (cfr. *ib.*, § 10), *munto* (*ib.*, § 17).

O pequeno ms. representava a lingua da localidade.

III

LINGUAGEM POPULAR DE FÓRNOS

Fórnos fica no concelho de *Freixo-de-Espada-á-cinta* (antigamente dizia-se *Freixo-de-Espada-cinta*). Os factos que se seguem não os observei na localidade, mas forão-me ministrados por pessoa de lá.

1 O nome do dono.
2 Como ésta, conheço outras fórmulas portuguesas e extrangeiras.

A) Phonologia

1. O *o* de *ôbo* (= ovo), *ôlho* (= ôlho), *ósso*, *pórco*, *avó* (= avô e avó) é igual ao *o* castelhano, i. é, fica entre o *ó* de Lisboa e *ô*.

2. Ha *s* (como o da Beira-Alta) e *ç* (como o inicial do Porto). Como é nesta distincção que se baseia em parte a orthographia etymologica actual, que representa ainda a pronúncia antiga, não tenho que alterar senão o *s* final quando valer *s* do Porto (*ç*), isto é, quando vier do lat. *-ce*, *-ities*, etc.; assim *s* inicial e *ss* medial valem *s* reverso (i. é, o *s* da Beira, *s* castelhano, etc.); *s* impuro (i. é, *s* + cons.) e *s* final tem o mesmo valor, só attenuado; *s* intervocalico é a sonora correspondente; *ç* (e *c* + *e*, *c* + *i*) é o *s* do Porto; *z*, a sonora correspondente: temos pois: *ósso*, *mês*, *coser* (= l. cousuere), *maçã*, *luç*, *cruç*, *vêç* (= vez), *çapato* e *cozer* (= l. coquere).

3. Ouvi dizer *mônte*, *pônte*, e não com *o* aberto.

4. Existe o som *ch* (= *ch* castelhano).

5. Não ouvi dizer o minhoto *-óum* por *-ão*. — As nasaes não são gutturalizadas; pelo menos não o são como no Minho. Cfr. G. Vianna in *Rev. Lusit.*, I, 163. — Um meu amigo informa-me de que em Lagoaça (perto de Fórnos) existe o ditongo *-êum* em terminações, como *quêum* (= cão), *ladrêum* (= ladrão), *coracêum* (= coração), etc., onde *-êum* vale por *êu* nasal; mas não posso dizer o que ha de verdade nesta informação, não porque o meu informador não fosse pessoa muito capaz, mas porque nem todos estão habituados a classificar sons.

6. **Factos avulsos.** «Ir *apús* d'elle» (*apus* = após); *tôdòdia* (= todo o dia); *bigóte* (= bigode, — como tambem se diz no Alemtejo); *ti Maria*, *ti Francisco* (*ti* = tio, tia, — em proclise, como na Beira), *lureiro* (= loureiro. — Mas *oiro*); *sôrdo* (= surdo [1]. — Assim ouvi tambem em Campo de Viboras); *Antóino* (= Antonio); *padéço* (= padeço).

B) Morphologia

7. **Pronomes.** Diz-se *aquêla* (= aquella. — Cfr. *êla* noutros pontos do dialecto). Parece que o pronome *meu*, quando antes de consoante, toma a fórma *mê*, por ex. «*mê* pai», «*mê* compadre» [2].

[1] Entra até num nome: *ti'Nácio Sôrdo* (= tio Ignacio Surdo).

[2] Ouvi dizer *mê pai* a duas pessoas de Fórnos. Ouvi igualmente assim a uma mulher de Urros.

8. **Verbos.** Fórmas avulsas:

a) *devirto-me*,
devirtes-te,
devirte-se,
devirtem-se [1].

b) *andêve* (preter. de *andar*),
andivéste,
andivérão [2].

c) *vênem* (por *véem*, o que suppõe o verbo *venir*) [3].

IV

LINGUAGEM POPULAR DE PARADA DE INFANÇÕES

A aldeia de Parada de Infanções (freguesia) fica no concelho de Bragança, a umas tres leguas de distancia da cidade. E' patria do célebre grammatico João de Moraes Madureyra Feyjó, como elle proprio diz no rosto da sua *Orthographia* [4]: «da Nobiliſſima Caſa dos Morgados de Parada, Solar dos Madureyras Feyjós deſte Reyno», — facto este que vale a pena notar aqui por causa do que tenho de dizer adeante [5]. O monumento mais notavel que existe em Parada é o *berrão do adro*, de que já fallei na *Rev. Lusit.*, I, 189, e de que eu fui o primeiro a dar noticia á sciencia, segundo creio; liga-se com uma serie de monumentos hispano-lusitanicos, que teem por typos, em Portugal a *porca de Murça*, e na Hispanha os *toros de Guisando* [6].

Estive em Parada nas *férias grandes* de 1884, demorando-me um dia inteiro e parte de outros dois; por isso os factos que estudo adeante forão todos observados por mim. Além do material linguistico, colhi tambem material ethnographico, e importante, que publicarei noutro logar. E' dever meu de grata amizade citar aqui os nomes do Rev. snr. P.e Antonio Caetano Vaz Pereira e de seu sobrinho o Rev. snr. P.e Miguel José Martins, que me deram gasalhado na sua casa de Parada durante aquelles dias, me ministraram muitos dados de estudo, e me trataram com toda a affabilidade e franqueza.

1 As tres ultimas fórmas são por analogia com a da 1.ª pessoa. Cfr. *biste* (= veste) nos *Dial. transm.*, I, 16.

2 Cfr. *Dial. alemtej.*, II, 10-*b*.

3 Informam-me de que em Lagoaça se diz *tênão* (teem), *vênão* (véem), *quérão* (querem), e ao mesmo tempo *ândãi* (andão), *jântãi* (jantão). Mas, o que ha de verdade nisto? Cfr. o que digo no § 5.

4 Sirvo-me da 2.ª edição. Coimbra 1739. A 1.ª é de 1734.

5 A casa ainda existe, e é uma das melhores da povoação.

6 Sobre a significação d'estes monumentos cfr. E. Hübner, *La arqueología de España*, Barcelona 1888, pag. 253-254.

A) Phonologia

1. O *é* em *pé, café, fé,* etc., pareceu-me um pouco mais aberto que o *e* cast. e o *e* mirandês, embora não tão aberto como o *é* da Beira-Alta.

2. A terminação *-elho (-elha)* sôa *-êlho (-êlha)*, como: *joêlho, orêlha* (urêlha). Excepto *vélho.*

3. As terminações *-ente* e *-ento* tonicas sôam *-énte* e *-énto*, com o *e* descrito no § 1, mas nasal. Ex.: *quénte, témpo, pensaménto.*

4. O *o* de *cópo*, etc. pareceu-me tambem mais aberto do que o *o* cast. e mir., mas não tanto como o *ó* da Beira. Cfr. § 1.

5. A terminação *-onte* sôa *-ónte*, por ex.: *pónte, mónte*, com o *o* descrito no § 4, mas nasal. Igualmente ouvi dizer *fómĭ, nómĭ, hómĭ.* Este *ĭ* é um *i* abafado, dito em voz baixa: Cfr. *Sub-dialecto alemtejano*, pag. 9, not. 3, e *Dial. extremenhos*, I, pag. 12.

6. As vogaes nasaes não são gutturalizadas, pelo menos não o são como no Minho, embora porém, quando mediaes, se differencem das do Sul; creio serem como as da Beira-Alta. Cfr. *Dial. trasm.*, III, 5.

7. O *j* e o *x* sôam como na Beira-Alta, isto é, um pouco mais deanteiros que os de Lisboa.—Como em todo o Norte e no todo ou em parte da região média do pais, faz-se em Parada a differença etymologica entre *x* e *ch*; isto é, ha alli uma palatal continua e uma palatal explosiva (surdas). São preciosas estas palavras de Madureira Feijó: «. . . *chave, chaminé, china, chove, chuva*: cuja pronunciação não tem similhança com outras letras; e só os oriundos de Lisbôa a equivocão tanto com o *x*, que a cada palavra trocão huma por outra, porque não só pronuncião, mas tambem escrevem *xave, xeminé, xina, xóve, xuva*» [1]. O A., que era trasmontano, percebia bem a differença entre *ch* e *x*. Hoje no Sul ninguem a faz [2].

8. O *b*, o *d* e o *g* entre vogaes são continuos. Assim ha differença entre o *g* de *gato* e o de *agora*, entre o *b* de *bóta* e o de *abade*, e entre o primeiro *d* e o segundo de *dedo*. Cfr. *Dial. interamn.*, VII, pag. 16.—O *b* e o *p* são aspirados em *sábio, princípio, ópio*. Cfr. *A evolução da linguagem*, pag. 28 e 29, e G. Vianna in *Rev. Lusit.*, I, 317 e nota.

9. Ouvi o *l* sem ser gutturalizado em *sala* (sála), *mál*ᵉ, *quintál*ᵉ, *liál*ᵉ, *carrascal*ᵉ; todavia, antes de consoante, ouvi-o gutturalizado, por ex. em *aquel ferrador.*—O *o* de syllaba terminada por *l* ouvi-o fechado em *sôldadas, bôlber*; cfr. o *Vocabulario* da Matella, s. v. *sôldado* e *sôlteiro.*

1 *Orthographia*, pag. 43 (2.ª edição).

2 O som *ch* não é desconhecido no Sul, mas quando existe, tem origem diversa da do som representado litterariamente por *ch*: vid. *Dialectos alemtejanos*, II, 12-*c*.

10. Ha differença entre *s* e *ç*; mas o que eu não posso agora dizer é se é o *ç* de Lisboa se o do Porto, o que distinguirei noutra occasião. Adoptando a mesma notação que adoptei acima (*Dial. trasmont.*, III, 2), só aqui com a incerteza de ser *ç* o de Lisboa ou o do Porto, temos assim: *certo, cima, sala, fazer, rosa, caça, çapato, asno, cozer* (c o q u e r e), *bós* (= vós), *boç* (= voz), etc. [1] — Tornarei agora a citar Madureira Feijó; diz elle: «. . . o *c* como *c* [i. é, *ç*] se pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando nos dentes quasi fechados, em quanto sahe o seu som, que he suavemente brando [2]. O *s* pronuncia-se com a ponta da lingua moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sae hum som quasi assobiando» [3]. E noutro ponto: «Se os nossos orthografos bem advertírão neste sibilo ou assobio do *s*, no som da sua pronunciação, nunca dirião que o *s* tinha o som de *c*, e que se equivoca com elle; porque pouco sabe da pronunciação portuguesa quem não percebe como soão diversamente *sa, se, si, so, su*, de *ça, ce, ci, ço, çu*» [4]. O auctor falla aqui, ao mesmo tempo com a perfeita consciencia de quem tinha a pronúncia de Parada, i. é, trasmontano-raiana, e com a auctoridade grammatical que condemna o que na pronúncia viva lhe parece anómalo; as suas palavras mostram igualmente que no povo do Sul já se dava no seu tempo a substituição do *s* pelo *ç*, que é hoje a unica pronúncia no princípio de syllaba (pois no fim de syllaba o *s* da lingua escrita sôa lá *x* ou *j*, conforme as circumstancias). E' curioso que o ouvido de Madureira não notasse parallelamente a differença entre o *s* intervocalico e *z*, pois diz o A.: «como a letra *z* senão equivoca com nenhuma outra na pronunciação, e só o *s* entre duas vogaes se pronuncia como elle. . . .» [5]. Ora, com toda a certeza, se elle differençava *ç* de *s* (*ss*), tambem differençava, embora sem consciencia d'isso, *z* de *s* intervocalico. — Indicarei aqui um facto notavel: é tão sensivel a differença entre o *ç* e o s (*ss*), que um professor de instrucção primaria de Parada ensina aos seus alumnos, e vê-se que com muito bom senso e intelligencia, que, quando elles pronunciarem em principio de syllaba *ç*, escrevam *c* ou *ç* (segundo a orthographia official) e que, quando pronunciarem *s (ss)* escrêvam tambem *s* ou *ss* (segundo a mesma orthographia); isto me referiu elle a mim, e accrescentou que dava excellentes resultados, porque nenhum alumno confundia mais na escrita *paço* e *passo*, *concelho* e *conselho*, etc., visto differençar-se tambem a pronúncia. Com ésta observação do pro-

1 Em quanto não adopto uma notação uniforme em todos os meus trabalhos dialectologicos, o que só poderei talvez fazer no estudo definitivo, sirvo-me aqui d'esta. — Em *asno, mesmo*, etc., o *s* tem o valor de *s* intervocalico.

2 Esta descripção concorda pouco mais ou menos com a descripção do *ç* do Porto (que nesta cidade substitue sempre *s* inicial e *ss* da lingua litteraria): vid. o meu livro *A evolução da linguagem*, pag. 28-29, e G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, I, 165.

3 Pag. 36.

4 Pag. 82.

5 *Ob. cit.*, pag. 96.

fessor de Parada se responde ás criticas que alguns insensatos fazem aos philologos, de que certas distincções phoneticas, que elles ás vezes acham, são tão tenues, que passam despercebidas aos ouvidos dos outros, ou mesmo são inexactas. Eu concordo que um ouvido habituado ao estudo da phonetica distinga facilmente sons que outras pessoas sem preparação prévia teem difficuldade em distinguir (foi em parte, por causa da sua dureza de ouvido, que Barbosa Leão atacou os snrs. Vasconcellos Abreu, Gonçalves Vianna e a mim no seu curioso in-folio [1]); mas isso não é motivo para que taes sons se não notem, se não descrevam e se não classifiquem. Que particularidades tão meudas não estuda o chimico? Quantas molestias não ha, por ex. na classe das dermatoses, que á observação do vulgo se confundem completamente entre si, e todavia são distinctissimas umas das outras aos olhos do clinico? Não perturbemos a sciencia no seu caminho! Um som que isolado é minimo, quando junto com outro ou com outros, constitue uma differença capital. E em todo o caso, o dever do phoneticista é assignalar o que ouve.

11. A substituição do *v* pelo *b* (com os seus dois valores) é constante: *bara, noba, biba*, etc. No Norte de Tras-os-Montes creio mesmo não existir o som *v*. — Madureira Feijó [2] diz tambem que não haveria dúvida na escrita do *b* e do *v*, «se o *vicio* patrio de algumas provincias não trocára o *b* por *v* consoante, e o *v* por *b*»; mas admira que, especializando elle «os Interamnenses, ou de entre Douro e Minho», calasse os seus trasmontanos. E' verdade, porém, que o A. imaginava que essa confusão provinha da influencia dos gregos, que, segundo elle observa, habitaram muitos annos aquella provincia; mas escusado será mostrar aqui a falsidade do argumento. Mais positivos são os dados que temos da influencia do povo grego no Sul do país [3], e comtudo é exactamente nessa região que o *v* se não substitue normalmente hoje por *b*.

12. Em palavras como *aldeia, areia, cheia*, o *e* do ditongo *ei* antes de vogal é fechado, embora não tanto como o *e* portuguès de *pêra*; teremos assim: *arẽĩa, aldẽĩa, chẽĩa*: cfr. *Dial. extrem.*, pag. 9; mas aqui a semelhança da pronúncia de Parada com a da Extremadura é puramente accidental. Com relação ao ĭ, cfr. *Dial. trasmont.*, I, 3. — Antes de consoante, ou em syllaba final, o *e* não tem essa pronúncia, pelo menos os meus apontamentos offerecem-me *ribeiro, rei* e *sei*.

13. Nos preteritos *mentíu, fugíu, partíu*, etc. *íu* é ditongo, ao contrario do que succede na Beira Alta, onde se diz *mentio (men-ti-o)*, etc.

14. A terminação *-om* (tonica) não sôa *-óum* como no Minho, mas *-óm* com o *o* descrito acima, § 4, por ex.: *sóm, tóm, bóm*. — A' terminação *-ão* da lingua litteraria corresponde aqui tambem *-ão*, por ex.:

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 289.
[2] *Ob. cit.*, pag. 34.
[3] Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 188.

fôrão, sáltão, coração, etc. Em palavras procliticas, ora se nota *-ão*, ora *-ã*, ex.: *São-Pedro, Sã-João*.

15. A terminação *-em* tonica ditonga-se como na lingua usual, ex. *bãi* (= bem), *cãi* (= quem), etc., onde o *a* é fechado,—i. é, *âi* nasal.

16. Em *ũa-i-abe* (= uma ave), *é-i-a...* (= é a...), *bou á-i-eira, a-i-águа*, etc. o hiato annula-se pela intercalação de um *i*. Em *ó-u-homem* (= ó homem), o hiato evita-se com a intercalação de um *u*. Estes phenomenos são vulgares no Norte do reino. Cfr. *Dial. beir.*, v, 5.

B) Morphologia

17. **Pronomes e artigos.**

a) Os pronomes *elle* e *aquelle* tomam as fórmas *el* e *aquel* como na Matella, com o plural *eis* e *aqueis*: cfr. *Dial. trasm.*, I, 14-*e*. Ex.: «èis fôrão», «saltemos a *éis*», «um d'*eis* era o pintasilgo»,—o que mostra *éis* tambem sem ser na proclise; «*aqueis caminhos*», «*aquel ferrador*», etc.

b) Não se usa de *aqueste* (= este).

c) Diz-se *le* (= lhe), como é vulgar no país todo ou quasi todo.

d) O pronome pessoal *o* (arc. *lo*) toma a forma *no* em *achárão-no*, como é corrente.

e) Diz-se *ambos a dois* (por *ambos os dois*). Sobre as expressões equivalentes a esta, cfr. Manoel de Mello, *Notas lexicologicas*, Rio de Janeiro 1880-1889, pag. 45 sqq.

18. **Verbos.**

a) Diz-se *dára* (= déra): num verso popular «*dára-o* ella». Cfr. *Dial. trasm.*, I, 16.

b) Diz-se *anunceia* (por *anuncía*), por causa da confusão dos verbos em *-ear* e *-iar*.

19. **Particulas.**

a) E' muito frequente *massim* (por *sim*) na affirmativa, quando se quer dar refôrço á expressão.

b) Tambem ouvi dizer *assí* (= assim), que, como se sabe, é arc.

c) Diz-se muito *d'ó p'ra trás* (em vez de *para trás*), ex.: «bão indo *d'ó p'ra trás*».

d) Diz-se *indeslado* em vez de «para o lado de».

e) Diz-se *ó dipois*, o que é frequente noutras terras do reino.

f) Deminutivos: *fontezinha* (de *fonte*), *cóbrezinha* (de *cobra*). No segundo exemplo o *a* mudou-se em *e* por assimilação ao *i* seguinte.

C) Syntaxe

20. Nestas phrases «a comer e *á* buber», «a cantar e *á* dançar», «o João e *á* Maria», «a cadeira e *ó* banco», a repetição da mesma construcção syntaxica fez com que se juntasse emphaticamente um *a* á segunda. Cfr. *Dial. trasm.*, I, 20, e II, 1.

21. Num romance popular ouvi:

Eu, ó dipois d'esses sete,
Inda outro heid' a 'sperar

onde está o verbo *hei-de* (seguido de infinitivo) construido com a preposição *a*. Para a consciencia do povo o *de* faz parte do verbo.

D) Texto

22. Entre várias composições poeticas que recolhi da tradição oral, transcrevo aqui ésta, que se canta no S. João:

Bóm pirúm e bâi assado,
De binho um cãijerão,
São coisas que nunca fáltão
Na nôite de Sã-João.

Nas outras composições não ha facto importante que não fique já citado acima, ou que não tenha de entrar no *Vocabulario*.

E) Vocabulario

Abonda!, dá cá! — Interessante evolução psychologica do lat. abundare.

Acobérta (vid. s. v. *berrão*).

Aluda, formiga com asas. — Em cast. *aluda* tambem (do lat. ala).

Ambos a dois, ambos os dois. — Vid. supra, § 17-*e*. As outras phrases que se usam popularmente no país, segundo o meu conhecimento, são: *ambos e dois*, *ambos de dois* e *ambos dois*.

Ameigar-se, amigar-se. — Por influencia de *meigo?*

Andrina, ameixa branca. — Cfr. cast. ant. *andrina*, cast. mod. *endrina*.

Antão, então. — Vulgar na Beira tambem, e noutros pontos. Cfr. Adolpho Coelho, *Questões da ling. port.*, I, 110, not.

Antrar, entrar. — Não posso porém precisar o grau de generalidade d'esta palavra.

Arbloijo, arvore pequena. — Palavra formada de *arbore* e do suffixo *-ojo*, desenvolvido em *-oijo* segundo as tendencias phoneticas locaes (cfr. *hoije* = hoje, etc.); temos assim: **arborojo*, **arbrojo* (cfr. pop. *arbre* = arbore, noutros pontos do reino), **arblojo* (por dissimilação) e finalmente *arbloijo*. O suffixo *-ojo* apparece tambem em *annojo*.

Arraiar, raiar. Ex. «arraiar o sol». — De *a* + *raiar* = lat. radiare.

Arramar, derramar, entornar qualquer liquido. — Cfr. *derramar*.

Assi, assim. — Fórma archaica que hoje só se usa, segundo creio, na raia do Norte; cfr. cast. *asi*.

Auga, água. — Muito vulgar no reino.

Azagale, zagal.

Bander, vender. — Não sei se será muito geral.

Barrasco, verrasco. — Vid. *berrão*.

Bàrrio, bairro. A povoação divide-se em diversos *bárrios*. — Cfr. cast. *bárrio*. Sobre a etymologia vid. Diez, *Et. Wört.*, I *barra*.

Berrão, varrão, porco não capado, ou *d'acobérta*. — De *verrão*, que é, com *verrasco*, um derivado do lat. v e r r e s.

Binhago, vinhago, vinhedo, muitas vinhas juntas. — A fórma arch. de *vinhago* é *vinhádego*, onde entra o suffixo *-adego* = lat. -a t i c u s: vid. Diez, *Gr. des l. rom.*, II, 286. Creio que se ha-de explicar do mesmo modo a expressão corrente no país *gentidga*.

Bonda!, basta! — Muito usual tambem noutras terras: vid. *Dial. interamn.*, VIII, s. v. *abondar*.

Brabo, bravo. — Aqui o *b* é etymologico, pois *bravo* vem do lat. b a r b a r u s, como Cornu demonstrou in *Romania*, XIII, 110 sqq.

Brègança, Bragança. — No sec. XIII dizia-se *Bregança*, como se póde ver em Viterbo, *Elucidario*, s. v. *Bemquerença*. A origem está em *Brigantia (Brigantium)*.

Breia, (f.), alto. Ex. «ũa breia» (um alto, uma altura). — Haverá relação com *vereda* (que podia dar aquella fórma)?

Buber, beber. — Fórma usualissima no país. O *u* provém da labialização do *e*.

Cãiro, dente canino. — Do lat. c a n a r i u s. Sobre outros nomes dos dentes humanos vid. *mó*. Quanto ao som, cfr. *chãiro*, in *Dial. trasm.*, I, Vocab., s. v.

Calhandrina, andorinha. — De *calhandra*.

Canhôna, ovelha. — Tambem se diz assim em mirandês. Ligar-se-ha com *canho* (em opposição ao carneiro, por ser o mais forte)?

Canina, excremento do cão. — Lat. c a n i n u s, 3; o *n* que desappareceu em *cão*, conservou-se no derivado, como succede em muitos mais casos. Cfr. *gallinhaça*, quanto ao sentido (= esterco da gallinha).

Canineiros, nome que se dá aos judeus de Tras-os-Montes. Cfr. quanto ao sentido *perro* em locuções antigas. — De *canino*.

Caniqueiro (o mesmo que *canineiro*). — Quanto á formação, cfr. *Dial. alemtej.*, II, 11.

Carís [1], semblante. Ex. «feio de *carís*». — Cfr. *cariz* da atmosphera.

Carólo, pedaço de pão a que se tirou a *côdea*. Tambem se usa na Beira-Alta. — Cfr. o termo *carolim* da lingua usual, e o gall. *carolo* e *carocho* no *Dicc. gall.-cast.* de Nuñez, s. v. Cfr. tambem G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, I, 207.

[1] Será *carís* ou *cariç*?

Cháira, terreno plano. — Vid. *Dial. trasm.*, I, s. v. *chãiro; cfr.* gall. *chaira* no Dicc. de Nuñez, s. v.

Chigar, chegar. — Frequentissimo no país.

Cóbrezinha, cobra (em deminutivo). — Vid. supra, § 19-*f*.

Crianço, creança. — E' simples masculinização. Tambem se usa em Lisboa.

Cúmio, cume. — Alongamento de *cume* (= **cuime* = lat. culmen).

Cornal (pron. *currnal*), sóga. Ex. «ũa currnal» (= uma cornal). — Derivado de *corno*, por se prender a soga aos galhos do boi.

Debagar, malhar o pão. Nunca o ouvi senão em Tras-os-Montes. — Deriv. de *bago* (correlecionado com *baga* = lat. baca, não bacca).

Diogo, Diabo. — Euphemismo. Ex. «com todos os Diogos».

Dipois, depois. — Vid. supra, § 19-*d*.

D'ó p'ra trás! para trás! — Vid. supra, § 19-*e*.

Dourida, dourada. — Nuns versos populares, e apenas ahi usado por causa da rima. Cfr. *impôlborir*.

Entrar. Esta phrase «o mês qu'*entra*» significa «o mês seguinte», «o que vae começar».

Êrrar, errar.

Escamalhar, pôr tudo em desordem, espalhar. — De *cama* (propriamente *desacamar*), com o suffixo depreciativo *-alh-*, como em *escangalhar* (de *canga;* propriamente «tirar da *canga*», desarranjar), *atrapalhar* (de *trapo;* propriamente «pôr como *trapo*», desfazer, confundir), etc. Em sentido em certa maneira opposto a *escamalhar*, diz-se na lingua usual *acamar*, o que confirma o etymon. *cama*.

Fé (dar), lembrar-se.

Feixe, lenha. Ex. «ir ó *feixe*». Tambem se diz assim em Sàmil. — E' um tropo, em que se tomou a fórma pela materia (synedoche).

Gélo, gêlo. — E' fórma de origem litteraria (cfr. *geada*, do √l. gelare).

Impéçar, começar. — Cfr. cast. *empezar*, e vid. *Dial. trasm.*, I, Vocab., s. v. *carambélo.*

Impôlborar, empoeirar. — Cfr. cast. *empolvorar*. Do lat. pulverare.

Impôlborir, empoeirar. — Esta fórma, variante de *impôlborar*, só se usa em verso, por causa da rima, como *dourida*. Cfr. os meus *Ensaios glottologicos*, III, in *Rev. Scientif.*, Porto 1883, pag. 200-201.

Indeslado de, para o lado de.

Ingaranhado, tolhido, paralytico. — Cfr. *engaranhado*.

Intigamente, antigamente.

Istrêla, estrella.

Leguòria (?).

Lũa, lua. — E', como se sabe, ainda a fórma quinhentista.

Maçãnas, maçãs. — Mas ésta fórma só apparece numa poesia popular de caracter archaico. Na lingua usual de Parada diz-se *maçãs*.

Mamóta, castanhas cozidas inteiras.

Mandar, offerecer.—Vid. *Dial. trasm.*, II, 3, s. v.

Mandonguice, mândria.—Deriv. de *mondongo*.

Manélo, manojo de estopa.—Deriv. do lat. manus, onde o *n* se conserva como em *canina*, etc.

Manhã, amanhã.—Diz-se «bou manhã» (por «vou âmanhã») e «bou passado manhã» (por «passado âmanhã»). Phrases muito usuaes em Tras-os-Montes, na raia. — Cfr. cast. *mañana* em accepção semelhante. Tambem em português do sec. XV *manhã* significa *àmanhã*, ex.: «e sabede que *manhãa*, ora de comer, seeredes aqui» (*Hist. dos cavall. da mesa redonda e da demanda do S. Graal*, ed. Reinhardstoettner, Berlin 1877, I, 1). — A etym. creio estar no lat. *maniana, de mane (por ex. *hora*, * *maniana*, etc.); cfr. *ancião* = b. l. antianus, de ante (fr. *ancien*, etc.: vid. Diez, *Et. Wört*, I, s. v. *anzi*).

Manhaninha, manhãzinha.—Creio que só se usa em poesias do genero d'aquella em que entra *maçana*. Cfr. *Dial. trasm.*, I, *Vocabulario*, s. v.

Marra, limite territorial consistente num marco de pedra, num fosso, etc. A porção de terreno assim dividida de outra chama-se *marrada*.—Ligar-se-ha etymologicamente a *barra*? A mudança de *b* inicial em *m* dá-se algumas vezes; mas tambem por ventura se podia admittir *marra* como subst. verb. de *marrar*, e este como equivalente de **emmarrar* = embarrar (cfr. *tamem* = tambem, *imóra* = embora). — Nunca ouvi este termo senão na raia trasmontana.

Marrar (vid. *marra*).

Massim, mas sim (propriamente *mais sim*).—Cfr. ital. *maisì*.

Mear, dividir ao meio. Ex.: «quando se *meia* a quaresma». Cfr. *meado* e *mês meante*.

Milhor, melhor.—Usualissimo no país.

1. **Mó** (m.), monte de pão depois de *debagado*.—Pódem propôr-se várias etymologias: um derivado do lat. moles (cfr. ital. *molo*, e a fórma grega mōlos e mōlos apud Du Cange, s. v. *moles*), ou o lat. modus.

2. **Mó** (f.), dente molar. Ex.: «as mós». — Do lat. mola.

Munto, muito.—Vulgarissimo no país.

Murça.—Assim se pronuncia, com *ç*, o nome da villa trasmontana. Esta pronúncia e a orthographia usual, bem como o hisp. *Murcia*, e o outro nome *Murça* no Alemtejo, apontam para um etymon lat. murtius (murcius), derivado de murta (myrtus), planta consagrada a Venus, que por isso tambem se chamava *Murcia*.

Ôito, oito.—E' exacto dizer-se *ôito* por *óito*? A pronúncia *ôito* é, como se sabe, caracteristica do Sul.

Ólhál, arco da ponte.—Do lat. ocularis.

Óra, agora.—Ex. nuns versos populares:

— Queres tu Alvaro *ora*?
— Quero merenda, que já é hora.

A fórma *ora* não provém de *hora*, mas da fórma arc. *ahora*.

Pafô, pessoa mascarada.

Perro.—Nome que se dá aos Judeus.—Cfr. cast. *perro*.

Pipão, pipo grande.

Pirúm, perú.—Cfr. o meu *Annuario das trad. pop. port.*, 1882, pag. 75.

Queiróga, urzeira pequena.

Raparigo, rapaz.—Masculinização de *rapariga*, como *creanço*. Dá-se o inverso em *rapaza*, que se usa em mirandês.—Nunca ouvi o termo *raparigo* senão na raia trasmontana.

Risa, riso.—Tambem se usa em mir.; cfr. cast. *risa*.—Creio que hoje é termo proprio da raia. Cfr. na lingua commum *risota* (de *risa*?).

Rodriga, tanchão a que se prende a vide.—Cfr. *rodrigar*.

Rodrigar, prender as vides aos tanchões.—Cfr. o subst. da lingua corrente *rodrigão*. Em cast. ha tambem *rodrigar* e *rodrigon*. Poderão vir de um verbo *ridiculare que assentasse no lat. ridicula (demin. de ridica)? **ridigrar*, **ridrigar*, **redrigar*, *rodrigar*. Diez, que com outros já se havia lembrado de ridica para explicar *rodrigon*, suppõe influencia do nome proprio *Rodrigo* (in *Et. Wört*, II-*b*, s. v. *rodrigon*). A isto direi que ridica, só por si, não póde explicar *rodrigon*; por outro lado ha mais casos de *re-* dar *ro-*, por ex. em *rosalgar* (= ar. *rehdj al-gâr*), *rodofolle* (= *rede* + *folle*? mas onde pelo menos entra *rede*), *rodilhar* (que me parece vir do √ l. reticulum, e não de *roda*), *rodopio* (= *redopio* = retro-pilum: cfr. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 15): salvo se em cada uma d'estas se quiser tambem achar influencia estranha.

Ronda, descante a instrumental e vozes, mas sem canto, *á volta do povo*. — Cfr. cast. *rondar*, *ronda*, *rondador*, ital. *ronda*, fr. *ronde*; a base é o lat. rotundus.

Rúim, ruim.—Esta palavra pronuncia-se á moda do Minho como um monosyllabo (*úi* nasal).

Rústico, robusto.—Como *robusto* não é termo vulgar, o povo substituiu-o pela palavra *rústico* por etymologia popular. Visto que toda a gente chama *rustico* ao povo, este conhece melhor a palavra.

Sanhas, signaes.—Numa xacara (cfr. cast. *señas*):

> Se bôcê fôr'ó meu filho,
> Outras *sanhas* m'hade dar.

Sgarrar, escarrar.

Sgarro, escarro.

Stremudar, mudar o vinho de uma vasilha para outra.—De *transmudar*, *trasmudar*.

Talanqueira, páus que ás vezes se atravessam no caminho.

Tantinho, pouco, um pouco. Ex.: «tantinho de pão». Vocabulo que eu ouvi tambem em Santa Comba, S. Pedro, etc.—Deminutivo de *tanto*. Creio ser proprio da provincia.

Tempustada, tempestade.—Póde ter havido influencia de *tempo*, ou da labial *p*, como em *repertorio* (= repertorio), etc. Com a mudança de *-ade* em *-ada* cfr. *Dial. extrem.*, I, pag. 19 e not. 5.

Termo, arredores de povoação.—Este vocabulo não se usa senão em certas localidades, comquanto na lingua antiga fosse frequente, como o prova ainda a phrase vulgar «fóra de villa e *termo*», que significa *extraordinariamente*, etc.

Tórgo, raiz ou cepo da *urzeira*.—Parece vir do lat. *toricus (de torus).

Tòrgueira, cepa.—De *tórgo*.

Tòrgueiro (adj.), montezinho, bruto, rustico, silvestre, etc. Diz-se da gente.—De *tòrgo* (por metaphora).

Urrêta, valle.—Muito usado na raia trasmontana. Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v. *orreta*.

Urzeira, urze.—Deriv. de *urze* (= lat. ulex, ulice-). Na Beira-Alta diz-se *urgueira* (= lat. *ulcaria = *ulicaria, de ulex).

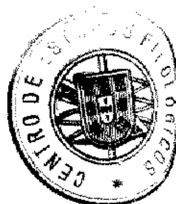
Xarda, sarda.

Xardoso, sardento.—Deriv. de *xarda*.

Xardo, alcunha que se dá aos Judeus, que, como se sabe, é tradição existirem na provincia. Cfr. o meu *Portugal prehistorico*, pag. 33.

Lisboa, 7 de Julho de 1890.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.



CALENDARIO RURAL

(Dictados relativos aos meses)

Com quanto alguns d'estes dictados estejam já publicados, poisque desde ha muito ha em Portugal adagiarios, eu publico-os de novo, não só por ficarem juntos sob um titulo, como porque, tendo eu colhido muitos d'elles agora na tradição oral do país, offerecem ás vezes variantes curiosas das já conhecidas. Afim de facilitar o estudo d'elles, estabeleço comparações com os de vários paises romanicos. As obras de que me servi para este trabalho são as seguintes, — as duas primeiras para a Hispanha, e as outras respectivamente para a França e Italia:

Cien refranes andaluces de meteorologia, cronologia, agricultura y economia rural, recogidos de la tradicion oral por Francisco Rodriguez Marin (Fregenal 1883),—e *Calendario popular para 1885*, compilado e ordenado por Luis Romero y Espinosa (Fregenal 1884);

Revue des traditions populaires, vol. I (Paris 1886);
Guida e statistica della cittá e comune di Fabriano, por Oreste Marcoaldi (Fabriano 1887).

I

O MÊS DE JANEIRO

1) Primeiro de Janeiro,
Primeiro dia de verão.

2) Janeiro
Tem uma hora por inteiro.

Variante:
Janeiro fôra
Mais uma hora.

3) No primeiro de Janeiro
Sube ao outeiro,
A ver o nevoeiro.

4) Janeiro, Janeiro,
Põe-te no outeiro:
Se vires verdegar,
Põe-te a chorar,
Se vires terrejar
Põe-te a cantar.

Variante:
Em Janeiro
Sobe ao outeiro,
Se vires verdejar
Põe-te a orar,
Se vires terrejar
Mette-te a cantar.

Outra:
Em Janeiro
Vae ao outeiro,
Se vires verdejar
Põe-te a chorar,
Se vires alnêvar
Põe-te a cantar.

Em Hispanha:
Si por Enero bieres terreguear
Échate á cantar,
Y se bieres berdeguear
Échate á yorar.
(Andaluzia).

Em Italia:
Gennaro
Sali 'l monti e mira 'l piano:
Puoco vedi, molto spera;
Molto vedi, puoco spera.
(Fabriano).

5)
Trovões em Janeiro,
Nem bom prado, nem bom palheiro.

6) Em Janeiro
Sete capellos
E um sombreiro.

Em Hispanha:
En Febrero *(sic)*
Siete capillas y un sombrero.

7) Em Janeiro,
Nem galgo leboreiro,
Nem açor perdigueiro.

Em Hispanha:
En Enero, ni galgo lebrêro
Ni azor perdiguero.

8) Em Janeiro,
Um pouco ao sol,
Outro ao fumeiro.

Em Hispanha:
En Febrero *(sic)*
Cuando en casa, cuando en el ero.

Variante hispanhola:
Febrero *(sic)* el meadero,
Cuando en casa, cuando en el ero.

9) Obreiro em Janeiro
Pão te comerá
Mas obra te fará.

10) Em Janeiro
Mette obreiro,
Mês meante,
Que não ante.

Variante:
Em Janeiro
Mette obreiro,
Do meado em diante,
Que não antes.

Em Hispanha:
En Febrero *(sic)*
Mete obrero,
De la mitad adelante
Que nó ante.

11) Agua de Janeiro
Todo o anno tem concerto.

Em Hispanha:
Agua de Enero
Todo el año tiene tempero.

12) Uma *inverna* de Janeiro,
E uma sêcca d'Abril
Deixa o lavrador a pedir.

Em França:
Janvier de pluie chiche
Fait le paisan riche.
(Aveyron).

13) Janeiro molhado,
Se não é bom p'r'ó pão,
Não é mau p'r'ó gado.

Em Hispanha:
Enero mojado,
Bueno para el tiempo,
Malo para el ganado.

14)
Em Janeiro sécca a *ovelha* (sic).
Suas madeixas ao fumeiro,
Em Março, no prado,
Em Abril as vae urdir.

Em Hispanha:
En Enero y Febrero
Saca la vieja sus madejas al humero,
En Marzo, al prado,
En Abril, á urdir.

15) Janeiro,
Geadeiro.

Em França:
Neige de Janvier
Vaut du fumier.
(Haute-Bretagne).

16) Janeiro geoso,
Fevereiro nevoso,
Março molinhoso,
Abril chuvoso,
Maio ventoso,
Fazem o anno formoso.

Em Hispanha:
Enero frio e helaero,
Febrero berdero,
Marzo pardo,
Abril yubioso,
Maio bentoso,
Sacan el año
Robusto y hermoso.
(Andaluzia).

Em França:
Janvier le frileux,
Fevrier le gresilleux,
Mars le poudreux
Font tout l'an plantureux.
(Picardie).

17) Da flor de Janeiro
Ninguem encheu o celleiro.

Em Hispanha:
De flor de Enero
Nadie hinche el granero.

18) A nodoa de Janeiro
Não a tira o anno inteiro.

19) Sol de Janeiro
Sempre anda atrás do outeiro.

20) Sol de Janeiro
Sae tarde
E põe-se cedo.

21) Janeiro quente
Traz o diabo no ventre.

Em Hispanha:
Enero caliente
Er diablo trae en er bientre.
(Andaluzia).

Em França:
Mieux vaut noir chien enragé
Que chaud soleil en Janvier.
(Basse-Bretagne).

22) Qualquer ramo em Janeiro
Torcido está quedo.

23) Luar de Janeiro
Não tem parceiro,
Mas lá virá o d'Agosto
Que lhe dará pelo rosto.

Em Hispanha:
Clara és la luna de Agosto,
Si la de Enero no le diese en rostro.

24) Se queres ser bom alheiro
Planta os alhos em Janeiro.

Em Hispanha:
Tantos dias como ban d'Enero
Tantos ajos pierde el ajero.
(Andaluzia).

25) A pescada em Janeiro
Vale carneiro.

26) O boi e o leitão
Em Janeiro criam rinhão.

Em Hispanha:
El buey y el varon
En Enero hace el riñon.

27) Pinto de Janeiro
Vae com sua mãe ao poleirô.

Variante:
Pinto de Janeiro
Vae pôr atrás do rilheiro.

Outra:
Pintos de Janeiro
Sobem co'a mãe ao poleiro.

Outra:
Os ovos que se deitam em Janeiro
Já vem a pôr no rilheiro.

Outra:
A gallinha de Janeiro
Vae pôr co'a mãe ao colmeiro.

Em Hispanha:
Los poyos d'Enero
Suben con su madre ar gayinero.
(Andaluzia).

Variante hispanhola:
Los pollos de Enero
Van con su madre al gallinero;
Los de San Juan
Al muladar.

Em França:
Le gentil Janvier dit
Qu'il est œuf dans la poule.
(Basse-Bretagne).

28) Quem azeite colhe
Antes de Janeiro,
Azeite deixa
No madeiro.

29) O madeiro
P'ra tua casa
Corta-o em Janeiro.

30) Em mingoante de Janeiro
Corta madeiro.

31) Janeiro,
Poucos em sendeiro,
Um dia,
E não cada dia.

32) Dia de S. Vicente [1]
Toda a agua é quente.

33) Vae-te embora Janeiro,
Cá fica o meu cordeiro.

34) Vae-te embora, Janeiro,
Deixar-me-has Abril e Maio.

35) O mês de Janeiro,
Como bom cavalleiro,
Assim acaba
Como na entrada.

Em Hispanha:
El mes de Enero
Es como el buen caballero.

36) Calça branca em Janeiro
E' signal de pouco dinheiro.

37) Bac'ra (= bácora) de Janeiro
Com seu pae vae ao fumeiro.

II

O MÊS DE FEVEREIRO

1) Lá vem Fevereiro,
Que leva a ovelha
E o carneiro.

2) Fevereiro faz dia,
E logo Santa Maria.

3) O primeiro [dia] jejuarás,
O segundo guardarás,
E o terceiro irás a S. Brás.

4) Se a Senhora da Luz chorar,
Está o Inverno a acabar;
Se a Senhora da Luz rir,
Está o Inverno p'ra vir.

Variante:
Quando a Candelaria chora,
O inverno está fora;
Quando a Candelaria ri,
O inverno está p'ra vir.

Outra:
Se a Candeia chora,
Está o Inverno fóra;
Se a Candeia rir,
Está o Inverno por vir.

Outra:
Quando as Candeias choram,
O Inverno vae fóra;
E quando riem,
O Inverno está p'ra vir.

Em Hispanha:
Quando la Candelaria plora
Imbierno fora.
(Andaluzia).

Em Italia:
La Canellora
Dell'inverno sema fora:
Si ce sta Sole e Soliello,
So' 40 di d'inverno;

1 22 de Janeiro.

Se ce nengue o se pioe
Ce ne so' quarantanoe.
(Fabriano).

5) Fevereiro,
Enganou a mãe ao soalheiro.

Em Hispanha:
Febrero,
Engañó á su madre en el batidero.

6) Fevereiro
Afoga a mãe no ribeiro.

Em Hispanha:
Febrero el curto
Que mató a su hermano á hurto.

Variante hispanhola:
Febrero el loco
Sacó su hermano al sol y apedreólo.

7) Fevereiro, couveiro,
Affaz a perdiz ao poleiro,
Março tres ou quatro,
Em Abril está cheio o covil,
Em Maio...pio, pio, pelo matto.

8) A castanha e o vesugo
Em Fevereiro não tem çumo.

9) Para parte de Fevereiro
Guarda lenha.

10) Fevereiro,
Fêveras de frio
E não de linho.

11) Agua de Fevereiro
Mata o onzeneiro.

Em Hispanha:
Agua de Febrero
Mata al onzanero.
(Asturias).

12)
Em não chovendo em Fevereiro,
Nem bom prado, nem bom palheiro.

Variante:
Quando não chove em Fevereiro,
Não ha bom prado, nem bom centeio.

Em França:
Pluye de février
Vaut un fumier.

13) Pelo S. Mathias,
Antes de Março cinco dias
Salta a boga na cascalheira.

14) Por S. Mathias
As noites eguaes aos dias.

Em Hispanha:
Por S. Matia
Iguala la noche con el dia.

15) Em dia de S. Mathias
Começam as enxertias.

16) Fevereiro coxo,
Em seus dias vinte ôito.

Em França:
Fevrier le court,
Et le pire de tous.

Em Hispanha:
Febrero el corto,
El peor de todos.

Variante hispanhola:
Viene Febrerillo el loco,
Con sus dias veintiocho.

Outra:
Febrero corto
Con sus dias veintiocho.
Quien bien los ha de contar
Treinta le ha de echar.

Outra:
Febrerillo el loco
No passó de veintiocho.
Sacó su padre al sol
Y después lo apedreó.

17) Fevereiro
Séca as fontes,
Ou leva as pontes.

18) Se em Fevereiro não chover,
Não terás prado abundante,
Nem centeio has de ter.

III

O MÊS DE MARÇO

1) Sol de Março
Queima a dama no paço.

Variante:
Sol de Março
Pega como pegamaço,
E fere como maço.

Em Hispanha:
Sol de Marzo
Hiere como mazo
(O' «pega como pelmazo»).

2) Agua de Março
Peior é que nodoa em pano.

Em Hispanha:
Más bien quiero en mi trigo una boyá
Qu'en Marzo una aguá.

(Andaluzia).

3) Em Março
Nem rabo de gato molhado.

4) Março, marcegão,
P'la manhã rosto de cão
E á tarde de bom verão.

Variante:
Março, marcegão,
P'la manhã cara de gato
E á noite cara de cão.

Outra:
Março, marcegão,
P'la manhã dia bonito,
A' tarde um bom borregão.

Outra:
Março, marcegão,
P'la manhã dia bonito,
A' tarde cara de cão.

Outra:
Março, marcegão,
P'la manhã focinho de cão
E á tarde sol de verão.

Outra:
Março, marçagão,
Manhã d'inverno,
Tarde de verão.

Outra:
Março, marcegão,
P'la manhã rosto de cão,
E' á tarde de bom verão.

Outra:
Março, marcegão,
P'la manhã cara de cão,
A' tarde cara de rainha,
E á noite cavar co'a foicinha.

Em Hispanha:
Marzo, marzero,
Por la mañana rosto de perro,
Por la tarde valiente mancebo.

Variante:
Marzo, marzeador,
De noche agua
Y de dia calor.

Outra:
Marzo, marzeador,
De noche llueve
Y de dia hace sol.

5) Quando troveja em Março
Apparelha os cubos e o baraço.

Em França:
Quand en Mars beaucoup il tonne
Apprête cuves et tonnes.
(Franche-Comté).

Em Hispanha:
Cuando atruena en Marzo
Apareja las cubas y el mazo.

6) Quem não poda em Março
Vindima no regaço.

Variante:
Podar em Março
E' ser madraço.

7) Temporan é a castanha
Que por Março arreganha.

8) Se queres bom cabaço
Semeia em Março.

9) O grão em Março
Nem na terra nem no sacco.

Em Hispanha:
Por Marzo er garbansá
Ni nasío ni por sembrar.
(Andaluzia).

10) Como vires a primavera
Assim pelo al espera.

11)
Março,
Pegam os olhos como pegamaço
Uga a noite com o dia,
Manoel (o sol) com Maria (a lua),
O pão com o mato,
A herva com o saramago.

Variante:
Em Março
Ouga a noite com o dia
E o pão com o sargaço.

Em França:
A la mi-mars
Le jour et la nuit sont égaux.
(Franche-Comté).

Em Hispanha:
Marzo,
Igual. *(Allude ao equinocio).*

12) Paschoa em Março,
Ou fome, ou mortaço.

Em Hispanha:
Pascua marzal,
Hambre ó mortandad.

Outra:
Pascua enmarsà,
O' jambre ó mortandá.
(Andaluzia).

13) Quando Março dá de rabo,
Nem ovelha com chocalho,
Nem pastor açamarrado.

Variante:
Se Março dá de rabo,
Nem fica ovelha parida,
Nem pastor açamarrado.

Outra:
Já o Março
Dá ao rabo.

Em Hispanha:
Allá vayas Febrero el corto,
Con tus dias vientiocho.
—Mal has burlado a mi ganado.
—Acá queda mi hermano Marzo
Que, si vuelve el rabo,
Ni deja pastor inzamarrado
Ni carnero encerrado.

Variante hispanhola:
Cuando Marzo güerbe 'r rabo
No hay obeja con peyeja,
Ni pastor esamarrão.
(Andaluzia).

14)
Em Março
Queimou a velha o maço;
Em Abril
Queimou a velha o carro e o carril;
E uma cama que lhe ficou
Em maio a queimou;
E ainda lhe ficou como um punho
Que acabou em Junho.

Em Hispanha:
En Marzo
Sale la yerba
Aunque le den con un mazo;
Y en Abril
En cada regacil.

Variante hispanhola:
En Marzo, si cortas un cardo
Nacer-te-han cuatro;
Y en Abril
Si cortas cuatro
Nacer-te-han cuatro mil.

Outra:
Ahora viene Marzo
Que no ternemos las yerbas
Con un mazo.

15)
Se não chover entre Março e Abril
Venderá el-rei o carro e o carril.

Em França:
Pluie de Mars, pluie d'Avril
Aux plantes font les bourgeons.
(Vaucluse).

16) Se o cuco não vem
Entre Março e Abril,
Ou o cuco é morto
Ou está para vir.

Em Hispanha:
Entre Marzo y Abril
Sale el cuclillo del cubil
Con la nieve non quiere venir.

Variante hispanhola:
A tres dias d'Abril
El cuclillo ha de venir,
Y si no viniere á ocho
O' és preso, ó és muerto.

17) Março ventoso,
Abril chuvoso,
Maio amoroso,
Fazem o anno formoso.

Em França:
Mars venteux, Avril pluvieux,
Rendent le laboureur joyeux.
(Vaucluse).

Variante francesa:
Mars gris, Avril pluvieux et mai venteux
Font l'an fertile et plantureux.

Em Hispanha:
Marzo pardo
Abril lluvioso
Y Mayo ventoso
Hacen el año
Florido y hermoso.

18) Março ventoso
E Abril chuvoso
Do bom colmal
Farão astroso.

19) Quando floriu o maracotão
Os dias iguaes são.

20) Tardes de Março
Recolhe teu gado.

IV

O MÊS DE ABRIL

1) No principio ou no fim
Abril sóe ser ruim.

Em Hispanha:
Al principio ó al fin
Abril suele ser ruin.

2) Abril frio,
Pão e vinho.

Em Hispanha:
Abril frio
Pan y vino.

3)
Do grão te sei contar,
Que em Abril não hade estar nascido,
Nem por semear.

Em Hispanha:
Del garbanzo te sé contar,
Que por Abril
Ni hade estar nacido, ni por sembrar.

4) Por todo Abril
Mau é descobrir.

Em França:
Au mois d'Avril
Ne quitte pas un fil.

5) Frio d'Abril
Nas pedras vae ferir.

Em Hispanha:
Frio d'Abril
A las peñas vaya á herir.

6) Altas ou baixas
Em Abril veem as Paschoas.

7) Não é cada dia
Paschoa nem vindima.

8) Não ha Entrudo sem lua nova,
Nem Paschoa sem lua cheia.

9) Se a Paschoa é a assoalhar,
E' o Natal atrás do lar;
Se a Paschoa é atrás do lar,
E' o Natal a assoalhar.

10) A rez perdida
Em Abril cobra vida.

11) Por Abril
Dorme o moço ruim,
E por Maio
O moço e o amo.

12) Em Abril,
Guarda o gado
E vae onde tens de ir.

13)
No tempo do cuco
Tanto está molhado como enxuto.

14) Em Abril aguas mil
Coadas por um mandil.

Variante:
Em Abril aguas mil
Coadas por um funil.

Outra:
Em Abril aguas mil
Coadas por um pandil.

Em Hispanha:
En Abri
Aguas mi.
(Andaluzia).

Variante:
Bien venga Abril
Con suas aguas mil.

Em Italia:
Aprile
Du' 'occe d'acqua al dine.
(Fabriano).

15) Em Abril aguas mil,
Em Maio tres e quatro.

Em França:
Quant en Avril tant il pleuvait
Que tout le monde crierait:
Tout est moyé! Tout est perdu!
Il n'aurait encore assez plu.
(Provence).

16) A ti chova todo o anno
E a mim chova Abril e Maio.

Em Hispanha:
Yueba pâ mi Abrir y Maio
Y pâ ti tô el año.
(Andaluzia).

17) As manhãs d'Abril
São doces de dormir.

18) Somno d'Abril
Deixa-o a teu filho dormir.

Em França:
Au mois d'Avrail
Un petit sonmail.
(Poitou).

19) Somno d'Abril
Deixa-o a teu filho dormir,
E o de Maio
A teu cunhado.

20)
Se não chove em Abril
Perde o lavrador o carro e o carril.

21)
Se não chover entre Maio e Abril
Dará el-rei o carro e o carril
Por uma fogaça e um funil,
E a filha a quem a pedir.

Em Hispanha:
Mas vale un agua entre Abril y Maio
Que los bueyes y el carro.

22) Se chover em Maio
Carregará el-rei o carro,
E em Abril o carril,
E entre Abril e Maio
O carril e o carro.

23) Em Abril
Vae onde hasde ir
E torna ao teu covil.

Variante:
Em Abril
Vae onde hasde ir
E volta ao teu cubiculo dormir.

24) Em Abril
Vae a velha onde quer ir
E a sua casa vem dormir.

Em Hispanha:
Sereno (= tarde) de Abril
Vete al mandao que verás a venir.

25)
Em Abril
Queima a velha o carro e o carril.

Em Hispanha:
En Abril quemó la moza el candil,
Y en Maio el escaño.

Variante:
Por Abril
Corta un cardo y naceran mil.

26)
Abril frio e molhado
Enche o celleiro e farta o gado.

27) Em Abril
Queijos mil,
E em Maio
Tres ou quatro.

28) Entre Abril e Maio
Moenda para todo o anno.

29) Quem me vir e me ouvir,
Guarde pão para Maio
E lenha para Abril.

30) Por S. Marcos [1]
Bogas a saccos.

31) Saveis por S. Marcos
Enchem os barcos.

32) Solho d'Abril,
Abre a mão
E deixa-o ir.

33) Fica-te embora mundo,
Deixar-me-has Abril e Maio.

34) Chuvinha d'Ascensão
Das palhinhas dá pão.

V

O MÊS DE MAIO

1) Primeiro de Maio
Corre o boi e o veado.

Em Hispanha:
Primero dia de Mayo
Corre el lobo y el venado.

2) Quando Maio chegar
Quem não arou hade arar.

Em Hispanha:
Are quien aró
Que ya Mayo entró.
(Andaluzia).

Variante:
Ar que ara en Abri
Su madre no lo habia de pari;
Y ar que ara en Mayo
Ni parirlo ni crearlo.
(Andaluzia).

3) Maio pardo e ventoso
Faz o anno formoso.

Em França:
Abrieu plouvignous,
Mai ventous,
An frutuous.
(Nice).

4) Maio couveiro
Não é vinhateiro.

5) Agua de Maio
Pão p'ra todo o anno.

Em Hispanha:
Agua de Mayo
Pan para todo el año.

6) Quando Maio acha nado
Tudo deixa espigado.

7) Em Maio
Onde quer eu caio.

8) Em Maio
Com somno me caio,
Em S. João
Por esse chão.

9) Guarda pão para Maio,
Lenha para Abril,
E o melhor tição
Para o mês de S. João.

[1] 25 de Abril.

Em Hispanha:
La vieja de los años mil
Guardaba pan para Mayo y leña para Abril.

Variante:
El mejor tizon
En Maio lo pon.

10) Peixe de Maio
A quem t'o pedir dae-o.

11) Pão tremês
Não o comas, nem o dês,
Mas guarda-o para Maio.

12)
A quem em Maio come sardinha
Em Agosto lhe pica a espinha.

13)
Quem quiser mal á sua vizinha
Dê-lhe em Maio uma sardinha.

14) Em Maio
Come as cerejas ao borralho.

15) A boa cêpa
Em Maio a deita.

16) De Maio a Abril
Não ha muito que pedir.

17) Em Maio
Vae e torna com recado.

18) Em Maio
A quem não tem
Basta-lhe o saio.

Em Hispanha:
En Mayo
Al que no tiene jubon basta el sayo.

19) Camaras de Mayo
Saude de todo anno.

Em Hispanha:
Calenturas de Maio
Salud para todo el año.

20) Quem em Maio relva
Não tem pão nem herva.

21) As favas,
O Maio as dá,
O Maio as leva.

22) O rocim em Maio
Torna-se cavallo.

Em Hispanha:
En el mes de Mayo
El mastin es galgo.

23) Touro galgo e barbo
Todos teem sazão em Mayo.

Em Hispanha:
El mejor tuero
Pâ Mayo lo quiero.
(Andaluzia).

Variante:
Toro y galgo y trucha y barbo
Todo en Mayo.

24) Maio hortelão,
Muita palha
E pouco pão.

Em Hispanha:
Mayo hortelano
Mucha paja y poco grano.

25) Quem em Maio não merenda
Aos mortos se encommenda.

Variante:
Quem em Maio não merenda
Aos finados encommenda.

26) Maio pardo
Enche o sacco.

27) Maio pardo
Faz o pão grado.

28) Maio pardo
Anno claro.

Em Hispanha:
Mayo pardo
Señal de buen año.

29) Maio pardo
Junho claro.

Em Hispanha:
Mayo pardo
Y Junio claro.

30) Maio pardo
Faz o pão grado
E o anno farto.

31) Enxame de Maio
A quem t'o pedir dae-o,
E o d'Abril
Guarda-o para ti.

Em Hispanha:
Enjambre de Abril para mi;
El de Mayo para mi hermano.

32) Maio come o trigo
E Agosto bebe o vinho.

33) Uma agua de Maio
E tres d'Abril
Valem por mil.

Em Hispanha:
Un agua de Mayo e tres de Abril
Valen más que los bueyes y el carril;
Una de Abril y dos de Mayo
Valen mas que los bueyes y el carro.

34) Em Maio
Deixa a mosca o boi
E toma o asno.

35) A quem não tem pão semeado
De Agosto se faz Maio.

36) Saveis de Maio
Maletas de todo o anno.

37) Agua de trovão
Em parte dá em outra não.

VI

O MÊS DE JUNHO

(Mês de S. João)

1) Em Junho
Foucinha em punho.

Em Hispanha:
Junio brillante,
Año abundante.

2) Maio pardo,
Junho claro,
Faz o lavrador honrado.

Em França:
Froid Mai et chaud Juin
Donnent pain et vin.

3) Feno alto ou baixo
Em Junho é segado.

4) Junho calmoso
Anno formoso.

5) Dia de S. Barnabé [1]
Se sécca a palha pelo pé.

6) *Em Hispanha*:
Desde el dia de S. Bernabé
Se seca la paja por el pié.

Outra:
En San Juan
Séca la raiz el pan.

7) Por S. Barnabé
Fouce no prado.

8) Agua pelo S. João
Tira azeite e vinho
E não dá pão.

Em Hispanha:
Agua por San Juan
Quita bino y nó dá pan.

9) Agua de S. João
Tolhe o vinho
E não dá pão.

10) A chuva no S. João
Bebe o vinho e come o pão.

Em Hispanha:
Hasta San Juan,
Todo viño és rabadan.

11) A sardinha de S. João
Unta o pão.

12) Os ouriços no S. João
São do tamanho d'um botão.

13) Lavra pelo S. João
Se queres haver pão.

14) Ande onde andar o verão
Hade vir pelo S. João.

15) Verão fresco,
Inverno chuvoso,
Estio perigoso.

16) No verão taberneira,
No inverno padeira.

17) A vacca do villão
Se no inverno dá leite
Melhor o dará no v'rão

18) Uma andorinha
Não faz verão.

19) Em verão
Cada um lava seu panno.

20) Nem no inverno sem capa,
Nem no verão sem cabaça.

21) O menino e o bezerrinho
No verão hão frio.

22)
S. Miguel e S. João passado,
Tanto manda o amo como o criado.

23) Em dia de S. Pedro
Vê teu olivêdo,
E se vires um grão
Espera por um cento.

24) Dia de S. Pedro
Tapa rego.

25) Até S. Pedro
Ha o vinho medo.

[1] 11 de Junho.

VII

O MÊS DE JULHO

(Mês de S. Tiago)

1) Em Julho
Reina o gorgulho.

2) Quem trabalha em Julho
Para si trabalha.

3) Em Julho
Ceifo o trigo e o debulho,
E em o vento soprando
Vou limpando.

4) Deus ajudando
Vae em Julho mercando.

5) Julho quente, secco e ventoso,
Trabalha sem repouso.

6) Quem em Julho ara e fia
Ouro cria.

7) Junho, Julho e Agosto
Senhora não sou vosso.

Em Hispanha:
En Julio, ni mujer, ni caracol.

8) A geira de Maio
Vale os bois e o carro;
A de Julho
Vale os bois e o jugo.

9) Por Santa Marinha [1]
Vae vêr tua vinha,
E qual a achares
Tal a vindima.

Em Hispanha:
Por Santa Marina
Vé á ver tua viña
Cual la hallares
Tal la vendimia.

10) Pela Magdalena [2]
Recorre tua figueira.

11) Pelo S. Thiago [3]
Cada pinga vale um cruzado.

12)
Em dia de S. Thiago
Vae á vinha, acharás bago,
Se não fôr maduro, será inchado.

13) Por S. Thiago
Na vinha pinta o bago.

Em Hispanha:
Por Santiago
Pinta el vago.

14) Por Sant'Anna [4]
Limpa a pragana.

[1] 18 de Julho.
[2] 22 de Julho.
[3] 25 de Julho.
[4] 27 de Julho.

VIII

O MÊS DE AGOSTO

(Mês de Santa Maria)

1) Primeiro dia de Agosto,
Primeiro dia de inverno.

2) Agosto,
Frio no rosto.

Em Hispanha:
Agosto,
Frio en rosto.
(Andaluzia).

3) Lá vem Agosto
C'os seus santos ao pescoço.

4) Em Agosto
Aguilhôa o priguiçoso.

5) Agosto e vindima
Não vem cada dia.

Em Hispanha:
Agosto y vendimia
No és cada dia,
Y si cada año;
Unos con ganancia
Y otros con daño.

6)
Quando chover em Agosto
Não mettas teu dinheiro em mosto.

7) Agua de Agosto,
Açafrão, mel e mosto.

Em Hispanha:
Agua en Agosto
Azafran, miel y mosto.
(Andaluzia).

8) Em Agosto
Sardinha e mosto.

9) Quem não debulha em Agosto
Debulha com mau rosto.

10) A quem não tem pão semeado
De Agosto se faz Maio.

11) Nem em Agosto caminhar
Nem em Dezembro marear.

12) Quem em Agosto ara
Riqueza prepara.

13) Cava e esterco em Agosto
Do lavrador alegra o rosto.

14) Não é bom o mosto
Colhido em Agosto.

15) Por S. Lourenço
Vae á vinha e enche o lenço.

16) A terra lavrada em Agosto
A' estercada dá de rosto.

17) Queres ver teu marido morto
Dá-lhe couves em Agosto.

18) Em Agosto
Toda a fructa tem seu gosto.

19) Em Agosto
Nem vinho, nem mosto.

Em Hispanha:
En Agosto
Uvas y mosto.

20) Por Santa Maria d'Agosto
Repasta a vacca um pouco

Em Hispanha:
Por Santa Maria de Agosto
Repasta la vaca un poco;
Por la de Setiembre
Aun que al vaquero le pese.

21) Por Santa Maria
Vae ver tua vinha,
E qual a achares
Tal a vindima.

22)
Em Agosto os montes (séccam)
Em Septembro as fontes.

23) Se não debulhas em Agosto
Terás sempre desgosto.

IX

O MÊS DE SEPTEMBRO

(Mês de S. Miguel)

1) Agosto tem a culpa,
Septembro leva a fructa.

Em Hispanha:
Agosto tiene la culpa,
Y Setiembre lleva la fruta.

2) S. Miguel das uvas,
Tarde vens e pouco duras.

3) Agosto amadura,
Septembro derruba.

4) Agosto amadura
Septembro vindima.

5) Arranja bom Septembro
Com a burra eu te ficarei.

6)
Em Septembro planta, colhe e cava
Que é mez para tudo.

7) Septembro
Ou sécca as fontes
Ou leva as pontes.

Em Hispanha:
Setiembre
O lleva las puentes
O seca las fuentes.

8) Aguas verdadeiras
Pelo S. Matheus as primeiras.

9) Pelo S. Matheus
Faz conta co'as ovelhas,
Que os borregos já são teus.

10) Para boas colheitas
Pede a Deus bom tempo
Nas temporas de S. Matheus.

11) Dia de S. Matheus
Vindimam os sizudos
Semeiam os sandeus.

Em Hispanha:
Por San Mateos
Vendimian cuerdos y sandeos.

Outra:
Setiembre
Cojecha y no siembres.
(Andaluzia).

12) Por S. Matheus
Pega nos bois
E lavra com Deus.

13) Em 29 de Septembro
Fecha S. Miguel as asas
(Acaba a fructa do verão).

14)

Para que o anno não vá mal
Hão de os rios tres meses encher
Entre S. Matheus e o Natal.

15) Febre outonal,
Ou longa, ou mortal.

Em Italia:
Febbre Autunnale,
O è lunga o mortale.

X

O MÊS DE OUTUBRO

(Mês de S. Francisco)

1) Outubro
Sécca tudo.

2) Outubro
Péga tudo.

3) Outubro quente
Traz o demo no ventre.

4) Por S. Francisco [1]
Semeia o teu trigo;
E a velha que o dizia
Semeiado o tinha.

Em Hispanha:
Por San Francisco
Se siembra el trigo;
Y la vieja que lo decia
Ya sembrado lo tenia.

Variante:
Otubre
Echa pan y cubre.
(Andaluzia).

5) Por S. Lucas [2]
Sabem as uvas.

Em Hispanha:
Por San Lucas
Bien saben las uvas.

6) Por Santa Ireia [3]
Pega nos bois e semeia.

7) Por S. Simão e S. Judas [4]
Colhidas são as uvas.

Em Hispanha:
Por San Simon y Judas
Cogidas son las uvas.

8)
Outubro, Novembro e Dezembro
Não busques o pão no mar.

1 10 de Outubro.
2 12 de Outubro.
3 18 de Outubro.
4 20 de Outubro.

XI

O MÊS DE NOVEMBRO

(Mês dos Santos)

1) De Todos os Santos ao Natal
E' Inverno natural.

2) Por Todos os Santos
A neve nos campos.

3) Pelo S. Martinho [1]
Prova o teu vinho.

Em Hispanha:
Por San Martino
Todo mosto es buen vino.

Em Italia:
A San Martinu
Ogni mustu è vinu.
(Sicilia).

4) Em dia de S. Martinho
Lume, castanhas e vinho.

5) Martinho bebe o vinho
E deixa agua para o moinho.

6) Tudo tem seu tempo,
E a arraia no Advento.

7) Tudo se quer a seu tempo,
E os nabos pelo Advento.

Em Hispanha:
Por todos Santos
Mirá tus nabos,
Si fuesen buenos
Di quo son malos.

8) De todos os Santos ao Natal
Perde a padeira o cabedal.

9) De todos os Santos ao Natal
Ou bem chover, ou bem nevar.

10) Por Todos os Santos
Semeia trigo e colhe cardos.

Em Hispanha:
Por Todos Santos
Siembra trigo y coge cardos.

11) Por S. Clemente [2]
Alça a mão da semente.

12) De Santa Catharina [3] ao Natal
Mez egual.

13) Por dia de Santo André [4]
Todo o dia noite é.

Em Hispanha:
Por San Andrés
Todo el tiempo noche és.

14) Pelo Santo André
O sette-estrello posto é.

15) No dia de Santo André
Vae á *Esquina*
E traz o porco pelo pé.

Em Hispanha:
Por San Andrés
Mata tu res.
(Andaluzia).

[1] 11 de Novembro.
[2] 23 de Novembro.
[3] 25 de Novembro.
[4] 30 de Novembro.

16) Dos Santos ao Santo André
Um mês é,
Do Santo André ao Natal
Tres semanas.

Em Hispanha:
San Andrés
Sale mes y entra mes.

17)
Dia de Santo André
Quem não tem porco mata a mulher.

Em Hispanha:
Despues de Santo Andrea
Toma el puerco por la seda;
Si tu no lo puedes tomar
Hasta Navidad dejale estar.

18) Em Novembro
Chuva, frio e sol
E deixa o resto.

19) Cava fundo em Novembro
Para plantares em Janeiro.

20) Trinta dias tem Novembro,
Abril, Junho e Septembro,
Vinte oito terá um
Todos os mais trinta e um.

Em Hispanha:
Trenta dias trae Nobiembre
Con Abril, Junio y Setiembre,
Bentiocho tiene uno
Y los demas trentiuno.
(Andaluzia).

Em Italia:
Trenta giorni hanno novembre
Con april giugno e settembre
Di 28 ce ne é uno
Tutti gli altri ne han 31.

Variante:
Chi ne ha 30 e chi 31.
Di 28 ce n'è uno.

XII

O MÊS DE DEZEMBRO

(Mês de Natal)

1) Em Dezembro
A uma lebre galgos cento.

Em Hispanha:
En Deciembre
Siete galgos a una liebre,
Y ella vase por do quiere.

2)
Outubro, Novembro e Dezembro
Busca o pão no mar,
Mas torna ao teu celleiro
E abre o teu mealheiro.

3) Por S. Nicolau [1],
A neve no chão.

Em Hispanha:
Por San Nicoláo
La nieve en la tierra.

4) Dia de Santa Luzia [2]
Mingua a noite
E cresce o dia.

Variante:
Dia de Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

[1] 6 de Dezembro.
[2] 13 de Dezembro.

Em Hispanha:
Por Santa Lucia
Crece el dia un paso de gallina.

Variante:
— Por Santa Lucia
Crece la noche y mengua el dia.
— Ni creció, ni menguó,
Hasta que el Niño no nació.

Outra:
En yegando Santa Lucia
Un parmo cresc 'r dia.
(Andaluzia).

Outra:
Por Santa Lucia
Achican las noches y agrandan los dias.

Em Italia:
S. Lucia
La piu corta giornata che si sia.
(Fabriano).

5) Do Natal a Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

Em Hispanha:
De Navidad a Santa Lucia
Crece el dia un paso de gallina,
De Navidad a los Res
Tam mala vez.

Em Italia:
Da S. Lucia a Natale
S'allunga il di
Quanto il gallo
Ha lunghe l'ale.

6)
O que se não faz em dia de S. Luzia
Faz-se noutro dia.

7) Entre o Menino e o Thomé
Tres dias é.

8) Pelo S. Thomé
O porco pelo pé.

9)
Pelo S. Thomé
Quem não tem porco mata a mulher.

10) Pelo S. Thomé
Quem não tem porco
Prende o marido pelo pé.

11)
Se queres a desgraça de Portugal
Dá-lhe tres cheias antes do Natal.

12) A festa do Natal
Atraz do lar,
A da Paschoa
Na praça,
A do Espirito Santo
No campo.

13) Por Natal sol,
E por Paschoa carvão.

Em Hispanha:
Pa Pascua de Navidad al sol.
Y la florida al tizon.

14) Pelo Natal
Bico de pardal.

15) Quem quizer bom alhal.
Semei-o pelo Natal.

16) Natal na praça
E Paschoa em casa.

17) O Natal ao soalhar
E a Paschoa ao lar.

18) Pelo Natal ao jogo
E pela Paschoa ao fogo.

Em Hispanha:
La de Navidad al sol,
Y la de flores al fuego
Si quieres el año derechero.

19) Ande o frio por onde andar
Hade vir pelo Natal.

20) Natal em sexta-feira
Por onde puderes semeia,
Em domingo
Vende os bois e compra trigo.

21) Pelo Natal,
Se hover luar
Senta-te ao lar,
Se houver escuro
Semeia outeiros e tudo.

22) No fim do Natal
Crescem os dias
Um passinho de pardal.

23) Depois que o Menino nasceu
Tudo cresceu.

24) Nem no Inverno sem capa,
Nem no Verão sem cabaça.

25)
Quem não tem calças no Inverno
Não fies delle teu dinheiro.

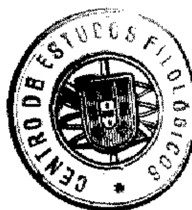
26) Quem vae ao S. Silvestre
Vae num anno e vem noutro
E nunca se despe.

27)
Dia de S. Silvestre
Quem tem carne que lhe preste.

28)
Dia de S. Silvestre
Não coma bacalhau que é peste.

Elvas.

A. Thomaz Pires.



TRANSCRIÇÃO PORTUGUESA DE NOMES PROPRIOS E COMUNS

PERTENCENTES A IDIOMAS FALADOS NAS COLONIAS PORTUGUESAS

II. — ASIA

a) Silabario devanágrico

No fascículo anterior desta Revista tratei da transcrição portuguesa que, na minha opinião, conviria adoptar uniformemente para a escrita dos dialectos cafriais falados nos nossos dominios africanos, e romanceação dos nomes e vocábulos pertencentes a esses idiomas. Tomei para base dessa transcrição a escrita usual dos nossos autores antigos, em que se encontram citações de nomes ou de textos cafriais, tradição que de todo nunca se perdeu. A tarefa era facílima, não só porque esses dialectos não teem escrita súa, mas aínda porque o seu material fonético é tão análogo ao portugnês e oferece tão pequenas particularidades em que dêste se aparte, ou que dificultem a correcta percepção de cada som, que a aplicação do nosso alfabeto à súa expressão gráfica é cuási intuitiva.

As dificuldades, porém, avultam cuando, para tentarmos regularizar a transcrição usual portuguesa de vocábulos estranhos, nos achamos em presença de escrita peregrina, com as súas feições peculiares, que é mester cuanto possível termos em consideração, mormente se essa escrita representa material fonético muito alheio àquele a que tem sido aplicado o abecedario romano na sua utilização tradicional portuguesa.

Dos povos civilizados extra-europeus, com que nos achámos em contacto por virtude das navegações e conquistas que fizemos a contar do seculo XV, são os mais conspícuos os Indios asiáticos, e os Arabes ou outras jentes de civilização islamitica. Cualquer dêstes povos tinha escrita súa, à cual os nossos escritores e cronistas pouco ou nada atenderam na representação que fizeram dos vocábulos ou nomes proprios que tiveram de mencionar; e se o árabe podemos dizer que foi suficientemente conhecido dos nossos para que nos deixassem uma base, melhor ou peor, de transliteração portuguesa, o mesmo não podemos referir com relação aos variados falares que eles encontraram na India, a grandissima maioria dos cuais tinha escritas súas, a que os nossos permaneceram, para assim dizer, de todo estranhos. Na verdade, não excede muito um decenio que os meios de estudar a preceito a principal das linguas áricas da India estão estabelecidos na capital do reino, se é que afoutamente nos é licito apelidarmos de escola

de filolojia índica os esforços desinteressados, intelijentes e constantes de um indianista de subido valor e merecido conceito entre os seus pares, mas cujo influxo, por diversas causas que não vem para o meu caso mencionar, não tem por emcuanto logrado assentar definitivamente em bases firmes essa escola, da cual diriamos que o é sem escolares, que verdadeiramente a tenham aproveitado e possam perpetuar.

Nos seus já numerosos escritos o lente do Curso Superior de Letras a quem me refiro, após algumas pequenas hesitações, fixou dois sistemas gráficos portugueses para a representação dos vocábulos escritos em caracteres devanágricos, um deles puramente científico, e o outro usual; e eu proprio timidamente adoptei um no NOMENCLATOR que acompanha a 1.ª edição da Historia Universal do Prof. Consiglieri Pedroso. Vou examinar meudamente agora os dois primeiros, e verei se de ambos se podem deduzir transcrições que, obedecendo aos principios de fidelidade ao sistema comum de escrita portuguesa, expostos no fascículo anterior, sirvam tanto para a escrita usual, como para a rigorosa transliteração do silabario devanágrico, que ainda hoje é aplicado na India portuguesa ao concani, cumulativamente com o alfabeto romano, êste, em documentos oficiais sobretudo, na citação de nomes indijenas inseridos em português, mas que também já tem sido empregado em texto.

As particularidades fonéticas mais jerais das linguas áricas da India são bem conhecidas, e pode dizer-se sem exajeração que a todas elas são comuns. Com pequenas omissões, e ampliações na maior parte artificiais e principalmente de orijem europeia erudita, os diferentes silabarios copiam-se letra a letra, são meras evoluções cursivas de um ou dois sistemas iniciais análogos, e representam os mesmos sons, com pequenas excepções apenas, locais, ou procedentes de modificações ou evoluções fisiolójicas, devidas à fonética sintáctica interna, isto é à influencia dos sons contiguos no interior do vocábulo.

A fonética das linguas áricas da India apresenta os seguintes caracteres, que a diferençam não só da portuguesa, mas também das demais áricas europeias, ao mesmo passo que de outras anáricas.

a) Uma ordem especial de consoantes LINGUAIS, ou, como quere Beames [1], a subdivisão das APICAIS *(t, d, n)* em dúas articulações, CACUMINAL e DENTAL, isto é, um *d*, *t* ou *n* proferido na depressão que das jenjivas separa o palato duro, e outro produzido na superficie interna dos dentes incisivos superiores: ao passo que o *t* das linguas conjéneres europeias é articulado num ponto cualquer intermedio dêstes dois, em umas mais dentro, em outras mais fora, compreendido sempre, porém, na parte convexa que precede essa depressão.

As apicais portuguesas e as hispanholas são das mais deanteiras, ficando o seu ponto de articulação muito próximo do das dentais indi-

[1] «A Comparative Grammar of the Modern Aryan Languages of India» vol. I, p. 231-246.

cas, com as cuais acústicamente se confundem cuási, e assim parece que são igualmente as esclavónicas; sendo as jermánicas, e também as francesas, mais fundas, e as inglesas principalmente verdadeiras subcacuminais.

b) Um grupo especial de consoantes, ditas ASPIRADAS, que compreende as explosivas de todas as cinco ordens, GUTURAIS, PALATAIS, CACUMINAIS, DENTAIS e LABIAIS, ao todo dez, visto que em cada ordem há dúas ASPIRADAS, correspondendo às respectivas TENUES, sonora e surda (*d*, *t*, por exemplo).

c) Ausencia de fricativas sonoras, orijinaria ou evolutiva, mas que parece ter sido dominante no sámscrito clássico e no védico, sendo a súa manifestação posterior em algumas das linguas modernas muito restrita, e não possuíndo os silabarios símbolos apropriados à súa expressão gráfica.

d) Constituição de todas as FRICATIVAS LINGUAIS (*ss*) em um grupo especial, ficando assim independentes das ordens orgánicas, arrumadas orgánicamente, porém, ao cabo do silabario, após as dúas semivogais, PALATAL e LABIAL, e as dúas ANCÍPITES, *l*, *r*, também consideradas semivogais, grupo que compreende a aspiração pura.

Nos trabalhos mais recentes de fonética vai-se manifestando a tendencia a constituir essas fricativas linguais em um grupo distinto, com o nome de SIBILANTES, considerando-se como as fricativas correspondentes às explosivas *t*, *d* sómente os dois valores, surdo e sonoro, do *th* inglês (*th*ank, *th*at). E' inquestionavel, todavía, que podemos proferir *t* e *d* em pontos em que sería impossivel produzir o *th* inglês. O silabario devanágrico contém três letras para essas sibilantes, correspondendo a três das ordens, PALATAL, CACUMINAL e DENTAL, e dois sinais subsidiarios que denotam mais dúas fricativas, correspondentes às dúas ordens extremas, GUTURAL e LABIAL, afora uma CONTINUA, considerada como sonora e que se transcreve por *h*, as cuatro semivogais já indicadas, e aínda dois simbolos, um designando a nasalização da vogal, e o outro uma aspiração final de vocábulo na pausa.

Para assentarmos numa transliteração dêste numeroso sistema de consoantes é necessario que examinemos primeiro a cuanto chega o alfabeto romano, na aplicação que tradicionalmente dele se tem feito em português, começando por classificar, superficialmente ao menos, as consoantes portuguesas, isto é, por distribuí-las também em ordens e classes. E' o que o leitor verá no esquema seguinte, no cual a nomenclatura empregada é a mais conhecida, e em que foi seguida em parte a distribuição devanágrica.

Sistema das consoantes portuguêsas

Ordens	Explosivas			Nasais	Semivogais		Fricativas	
					Ancípites			
Postguturais .							hah! [1]	
Guturais . . .	*cá*, a*qu*i	fi*qu*e	*g*az, *gu*ita					
Palatais . . .	*ch*á [2]			ba*nh*o	(ma*lh*a) [3]	a*i*a	*x*adrez	(*j*á) [3]
Cacuminais .					ca*r*o, car*r*o			
Dentais . . .	*t*u	a*t*e	*d*á	*n*ó	*l*á		taça	(*z*êlo) [3]
Labiais . . .	*p*á	ta*p*e	*b*oi	*m*ó		moeda	(*f*az) [3]	*v*ás
	Surda tenue	Surda aspirada	Sonora tenue	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Surda	Sonora

Examinando êste cuadro, notamos que nos falta, ao compará-lo com o que expus a respeito do silabario devanágrico, uma ordem cuási inteira, a das cacuminais, havendo desta articulação apenas o *r* (que melhor se dirá subcacuminal), compreendido na classe das semivogais; carecendo-se igualmente de símbolos para a figuração da nasal gutural, das fricativas gutural, cacuminal e [bi¿]labial, e para a aspiração final, bem como para todas as explosivas aspiradas, se bem que existam aspiradas surdas, em cuási todos os dialectos portugueses, antes de *-e*, *-io*, *-o* finais átonos.

O Prof. Vasconcellos Abreu, a quem me referi, adopta uma transliteração científica que lhe é propria: é monogramática, com excepção dos símbolos reservados para as aspiradas, a que dá como expoente o *h*; e parece-me que, à parte este último expediente e a notação de

[1] Interjeição, exclamação, designativa de cansaço.

[2] Com o *ch* proferido como em Trás-os-Montes, isto é *tx*, próximamente.

[3] Os cinco símbolos *lh*, *j*, *z*, *rr* e *f* representam sons portugueses, para os cuais o silabario devanágrico não tem letras apropriadas. No emtanto, o som *z* manifesta-se já em algumas vernáculas áricas da India, como por exemplo no marata e no concani, nos cuais é representado pela mesma letra que serve para a sonora tenue palatal, considerada jeralmente como equivalendo próximamente a *dj*, equivalencia sôbre a cual tenho muitas dúvidas, que por agora não apresentarei.

que se serve para as duas semivogais, labial e palatal, pode ser considerada irrepreensivel, levando vantajem às inglesas, alemãs e francesas. O proprio emprêgo do *h* como diacrítico designativo do segundo elemento das aspiradas, imitação dos sistemas jeralmente seguidos, tem sido por ele reprovado no curso de sámscrito, preferindo-lhe, como é de razão, a notação de Bopp, por meio da vírgula invertida (ʻ), sobrescrita ao símbolo designativo da tenue correspondente. A continuação do uso do *h* para tal fim, por parte do douto professor, é apenas devida ao respeito por uma tradição, mais inglesa que alemã, ainda mal que muito radicada, e também a coerencia com o seu modo anterior e já conhecido de indicar essas consoantes. O emprêgo da vírgula invertida, ou espírito forte da escrita grega, tem sido restabelecido por foneticistas alemães e escandinavos, e é de conjecturar que tarde ou cedo obterá a primazia.

Na transcrição scientifica do sr. V. Abreu as palatais são designadas com um ponto sobrescrito aos símbolos das guturais, em harmonía com o do *i*, vogal palatal; as cacuminais com um ponto subscrito às bases das dentais, *t*, *d*, *n*, a figuração mais aceita desta articulação desde Bopp, e à cual só fojem os modernissimos foneticistas da escola inglesa, que repelem os diacríticos, em razão de não sei que preconceito, cuja origem deve ser a ausencia de tais expedientes gráficos na ortografia inglesa, preconceito que às demais nações não importa de modo nenhum acatar. A não ser que se criem letras novas, ou se modifiquem as existentes, é sem dúvida, em principio, muito mais racional o uso de sinais indicativos de modificação sobrepostos ou sotopostos às letras, expediente que está em perfeita conformidade com a evolução do abecedario romano nos diversos povos que o teem adoptado, do que o sistema de agrupamentos de dúas ou mais letras para a indicação de um som, de que tanto usam e abusam os foneticistas ingleses, mofando desassisadamente dos que denominam *dot-makers*, os cuais, mesmo sem sobrescrito, se conhece serem os alemães. Max Müller e a sua escola designam as cacuminais com *t*, *d*, *n* itálicos, mas teem poucos ou nenhuns imitadores fóra de Inglaterra.

Às sibilantes dá o sr. V. A. por símbolo o *s*, modificado com o ponto, em conformidade com a figuração das palatais e das cacuminais, isto é sobrescrito ou subscrito, conforme a articulação que as produz, e semelhantemente às nasais, com excepção da labial *m*, e da gutural, que é representada por *n* cortado diagonalmente da direita para a esquerda, diacrítico êste último que lhe serve, inscrito no *h*, para denotar a aspiração final, denominada *visarga*. As semivogaes labial e palatal são respectivamente designadas por *v* e *j*, o que é a notação usual alemã, mas que tem seus inconvenientes em português; por isso que neste essas letras valem pe'las fricativas sonoras labiodental e palatal.

Aplicou também o Prof. Vasconcellos Abreu uma notação vulgar e metódica à transcrição do devanágrico, na romanceação dos vocábulos ou nomes proprios que teve de empregar no seu excelente li-

vro «A Religião e a Literatura das Árias na Índia», muito simplificada com relação à transliteração rigorosa de que falei agora. Consiste a simplificação nos seguintes artifícios, que estão cúasi em harmonia com a ortografia portuguesa ali seguida, a cual é, com diferenças de pouca monta no sistema de acentuação gráfica, a que eu emprego nesta Revista.

Consiste, pois, o sistema nos expedientes seguintes: 1.º supressão do ponto subscrito das cacuminais, não ficando portanto diferençadas das dentais, *t, d, n*; 2.º eliminação do *h*, símbolo da aspiração em todas as explosivas aspiradas; 3.º conservação do *h* inicial; 4.º transcrição das sibilantes cacuminal e palatal por *x*, com o valor do *x* inicial português; 5.º substituição de *ç* (*ce, ci*) a *s* medial entre vogais, para evitar a pronunciação *z*, por exemplo em *Viaça* por *Viasa*; 6.º substituição de *i* a *j* antes de vogal, do que é exemplo o nome agora citado; 7.º substituição de *k* por *c* antes de *a o u* ou consoante, e por *qu* antes de *e* e *i*, e adjunção de *u* a *g* antes de *e, i*, em conformidade com a ortografia portuguesa; 8.º representação por *ch, j* e *nh* das explosivas e da nasal palatais, com o valor que estes símbolos teem em português; 9.º substituição de *m* ou *n* ao anusuara (nasalização) facultativo.

A simplificações e modificações análogas foram submetidos os nomes gregos e latinos, para concordarem na súa escrita com a portuguesa ali empregada, e a acentuação dos vocábulos samscríticos foi regulada também pelos mesmos princípios que rejem a clássica em português, com a excepção única de se acentuarem as vogais finais longas; excepção apenas aparente, todavia, pois que os vocabulos latinos, tomados em jeral do acusativo, estão truncados em português, por exemplo *pintor*, que, como é de todos sabido, não representa o nominativo *pictor*, mas o acusativo *pictōre[m]*.

Esta transcrição e esta romanização teem bases seguras, são regulares e harmónicas, e sôbre esses expedientes apenas apontarei algumas modificações que me parecem attendíveis.

O primeiro reparo que se oferece é que na ordem das cacuminais se abre uma excepção à súa identificação com a das dentais, na romanização, com manter-se a diferença entre *s* e *x*, acumulando em consecuencia disso esta letra dúas funções, visto servir também para a sibilante palatal, ordem esta que inteira tem representantes na transcrição do autor. Por isto se me afigura que a identificação de todos os símbolos da transliteração rigorosa das cacuminais aos das dentais, incluíndo o da sibilante, tornaria mais regular a passajem de um ao outro sistema, cifrando-se ela, em tal caso, na simples eliminação do ponto subscrito.

Com respeito às palatais, o *x* é excelente figuração da sibilante, o *ch* da explosiva surda, pois está em harmonia com a tradição hispánica.

Num sistema de ortografia portuguesa etimolójica, na acepção comum em que esta denominação é tida, eu preferiria o *g* ao *j* para

expressão da explosiva branda, o que daria à transcrição grande conformidade com a evolução românica do *g* latino. Como, porém, êste símbolo por ambiguo foi desterrado da ortografia do livro no texto português, resta só o *j* para a transcrição da explosiva palatal sonora, com a pronunciação que tem em português, cualquer que seja ou haja sido a da letra devanágrica que ficará representando.

Por outra parte parece-me completamente inútil a figuração da nasal palatal por *nh*, em *Panchatantra*, por exemplo, escrito pelo autor *Panhchatantra*, não só porque o nome deixa de ficar romanceado na pronunciação, que deve ser em português *pãchatãtra*, mas também, porque tal transcrição é um desvio do método seguido pelo proprio autor, que identificou ao dental o *n* gutural; acrescendo, para mais nos aconselhar á identificação completa das nasais das cuatro primeiras ordens em um símbolo unico *n*, o facto, que nenhuma de'las pode ser inicial de vocábulo, sendo as únicas nasais iniciais em sâmscrito o *n*, dental, e o *m*, labial. Além disto todas elas depois de vogal podem ser representadas na escrita pe'lo anusuara facultativo (˙), que, a não ser final ou estar antes de labial, será sempre transcrito por *n*.

Com referencia à romanização da ordem das dentais, apenas observarei que me parece preferivel a *ç* a duplicação do *s* medial, assim *Viassa*, não *Viaça*, se é que mesmo vale a pena indicar assim a pronuncia, cuando em outros casos se não indica, isto com relação a nomes e vocábulos pertencentes às linguas literais da India. Com efeito, suposto que em todos os sistemas de leitura do grego literal em Portugal o *s*[igma] seja proferido surdo, mesmo cuando se acha entre vogais dentro de um vocábulo, ao romanizarmos os nomes em que esta letra é medial, proferimo-los em português com *s* sonoro, como por exemplo em «Beroso, Hesíodo, Ctesias», sem nos preocuparmos com a pronúncia escolar do grego.

A querer, porém, manter-se a transcrição com *ç*, fôra melhor que ela permanecesse constante, quer inicial, quer medial, transliterando-se dêste modo, a exemplo dos nossos antigos escritores, *çuaiâmvara*, *Çaraçuati*, *anumâcica* etc. Direi, não obstante, que prefiro o *s*, por isso que, e ainda mal, o *ç* representa na maioria das transliterações peregrinas, não a sibilante dental mas a palatal.

Um outro modo de transliteração, que apontarei apenas sem o aconselhar, seria o de figurar a dental por *ç* e a cacuminal por *s*, tendo-se nesse caso em atenção os valores tradicionais dêstes símbolos na Peninsula, de que é exemplo a pronuncia transmontana dêstes dois caracteres, dos cuais o *s* é subcacuminal, e o *ç* jinjival [1].

Antes que submeta à critica do douto professor a tabela de transcrição romànica do silabario devanágrico, a cual, como se viu pe'lo que deixo exposto, muito pouco diverje da sua, resta-me sómente examinar as transcrições que emprega para a notação das vogais e dos ditongos.

[1] Vid. «Positivismo», t. IV, p. 71-76.

O sistema vocálico representado no silabario devanágrico é simplicíssimo. Consta de três vogais primarias, extremas, *a*, *i*, *u*, das súas respectivas longas *ā*, *ī*, *ū*, correspondentes às três ordens de consoantes gutural, palatal e labial; e simétricamente de mais dúas, em relação com as dúas restantes ordens de consoantes, cacuminal e dental, e que costumam ser transliteradas pe'las bases *r*, *l*, modificadas com um diacrítico cualquer subscrito, em jeral um ponto, por Lepsius com o circulo ou zero, e pelo Prof. Vasconcellos Abreu com a cedilha orijinal devanágrica. Cual fôsse o valor fonético dêsses símbolos não está bem averiguado, e estas variadas transcrições são todas puramente convencionais. Rask atribuía-lhes por conjectura os dois valores do *eu* francês (fechado e aberto), de [*f*]*eu* para a vogal cacuminal, de [*p*]*eu*[*r*] para a dental. A regularmo-nos pelas leis do *samprasárana* [1] seriam elas análogas respectivamente aos grupos átonos *er*, *el* das línguas jermánicas, e é esta a teoria dos indianistas alemães; a dos ingleses considera-as iguais a *ri*, *li*, pronunciação que parece ser a mais comum na India, e dessa apreciação partiram transcrições, tais como a que deu a forma já universalmente adoptada de *Rigveda*. Além dêstes dez símbolos de vogais, pois há também longas correspondentes à cacuminal e à dental, apresenta o silabario devanágrico mais cuatro caracteres, representativos de sons que, segundo a teoria dos gramáticos hindus, resultavam das leis do guna e da vridi, isto é, da roboração das vogais dos radicais pela prefixação de um *a* ou de dois *aa* às vogais *i* e *u*, produzindo portanto essas operações *ai*, *au*, *aai*, *aau*, todos cuatro considerados ditongos, figurados por monogramas, e representados jeralmente por *ē*, *ō*, *ai*, *au*, e pe'lo Prof. V. Abreu por *e*, *o*, *æ*, *ɷ*; na súa transliteração rigorosa, por *e*, *o*, *ai*, *au* na romanceação dos nomes indios. Os dois últimos símbolos nada teem objectável como pura transliteração do devanágrico, pois que evidenciam artificialmente o processo de vridização, isto é, de adjunção de um segundo *a* às vogais *i*, *u*, ja gunizadas em *e*, *o*. A pronunciação preceituada pelo douto lente do Curso Superior de Letras para os cuatro símbolos é a de *é*, *ó*, *ài*, *àu*, e, pôsto que seja a jeralmente admitida na Europa, é meramente conjectural. O facto é que os pánditas pronunciam *ai*, *au*, cuási como nós em português o *ai* do verbo ens*ai*ar, e a contracção *ao*.

Tenho como preferíveis na transliteração rigorosa as transcrições poligramáticas *ai*, *au*, *āi*, *āu*, ou mesmo *aai*, *aau*, para os dois últimos elementos, com os valores de *ái*, *áu*, *ài*, *àu*, que muito facilitaríam as regras do guna e da vridi, desterrando-se os monogramas *e*, *o*, isto ainda cuando se conservassem os valores de *e*, *o*: é sabido que *ai*, *au* em francês valem de há muito por vogais simples, e que os seus valores de *e*, *o*, uma vez aprendidos, não oferecem embaraço algum a quem lê.

[1] Conversão da semivogal na correspondente vogal homorgánica, por supressão da vogal que a afectava; assim, *va* : *u*; *ra* : *r* vogal; *la* : *l* vogal.

Com relação aos valores de *é ó*, fechados, e não *è*, *ò* abertos, também se me afigura inútil a distinção, que provávelmente se não fazia, pois que havendo uma só dessas vogais em cada serie, *e* para a palatal, *o* para a labial, é de presumir que elas tivessem valor medio, como teem em castelhano.

Dito isto com referencia à rigorosa transliteração, bastará acrescentar que na romanceação a pronuncia admitida pelo Prof. V. A. de *e*, *o* (indiferentemente fechados ou abertos), *ai*, *au* está perfeitamente estabelecida, e que a escrita se lhe deve acomodar.

As duas semivogais palatal e labial transcreve-as o Professor na romanceação conforme os valores que lhes atribue na leitura do texto devanágrico, e que são os jeralmente adoptados, isto é, a palatal sempre por *i* e a labial por *v* cuando inicial de vocábulo ou medial entre vogais, e por *u* depois de consoante.

A um erudito Hindu me pareceu ouvir esta última, no Congresso de Estocolmo, sempre proferida como *w* dialectal alemão, isto é, como um *v* bilabial, ou *b* fricativo medial português e castelhano, e esta era justamente a pronunciação dada mesmo ao *v* dos vocábulos portugueses pe'lo falecido Prelado de Moçambique, José Caetano Gonçalves, natural de Gôa, a quem muitas vezes a ouvi, tanto nestes, como nos concanis. E' claro que não temos que atender a tal minucia na romanceação, e que é conveniente manter-se nos nomes indios a dupla transcrição por *v* e por *u*, análoga à que se dá com os vocábulos derivados do latim, por exemplo em *suave* de s u a u i s, s v a v i s, também usualmente escrito s u a v i s.

Substitúo, de acôrdo nisto, repito-o, com o abalisado indianista, ao *h*, diacrítico das aspiradas, a vírgula elevada e voltada (‘), restabelecendo uma notação que tem a autoridade de Bopp, e que é muito de sentir que haja caído em desuso.

Efectivamente, e já o disse algures [1], o emprêgo do *h* para tal efeito é improprio, não só porque dá aos vocábulos áricos da India uma extensão enorme e um aspecto híspido, mas também porque figura uma inexactidão — a frecuencia de uma letra, que ao contrario é raríssima. E se estas razões não fossem já de si ponderosas para o restabelecimento da notação primitiva dos indianistas europeus, haveria ainda a acrescentar que não está de todo averiguado que as aspiradas sonoras correspondam fisiolójicamente a ditongos consonánticos de subjuntiva *h*, e que portanto essa transcrição pode ser além de uma infidelidade gráfica, uma falsidade fonética. Por outra parte, se no hebraico parece provavel que as actuais fricativas finais de sílaba, denotadas pe'la suppressão do *dagues*, ou ponto interno, que afecta as correspondentes explosivas, *p*, *b*, *t*, *d*, *k*, *g* iniciais de sílaba, tiveram como antecedente as aspiradas destas explosivas; nas linguas da India tais fricativas, com excepção talvez da labial surda, e ainda da gutural surda, que antes é uma africata, não se produziram; e

1 «Positivismo», t. III, pag. 340.

portanto a escrita *ph*, *bh*, *th*, *dh*, *kh*, *gh*, não tem nelas a vantajem de expediente convencional, que a favorece naquela lingua semítica, para a cual aínda assim sómente os grupos formados com os símbolos das explosivas surdas, *ph*, *th*, *kh*, (*ch*) mereceram jeral aceitação, porque reproduziam a representação latina, já para eles tradicional, dos símbolos gregos das aspiradas surdas dos tres órgãos, labial, lingual e gutural [1].

A adopção pois do sinal ' tem a seu favor todas estas considerações, e além delas a de, pe'la súa eliminação, análoga à dos demais diacríticos, produzir a imediata romanceação dos vocábulos, sem mais transformação no que respeita às letras assim diferençadas.

[1] Como simples nota ao que digo com respeito às fricativas do hebraico, acrescentarei o resultado de algumas observações proprias acêrca da pronúncia adoptada pelos Judeus em Portugal, cuási todos procedentes dos Estados Barbarescos, e portanto modificada pela influencia do árabe, observações feitas sôbre a pronuncia do erudito hebraísta o sr. José Benoliel, hoje naturalizado português. Todas as explosivas que perdem o ponto interno cuando finais, ou mediais não duplicadas na pronuncia, isto é, pe'la sua ordem, *b*, *g*, *d*, *k*, *p*, *t*, em teoría passam a fricativas; o facto porém é que a última é sempre proferida como *t* aspirado, cuando final, como *t* tenue cuando medial. O k assume a pronunciação da fricativa velar surda arabica خ, *g* a da fricativa sonora correspondente غ (pontuados por cima), se bem que seja de presumir que os seus valores respectivos fossem antes os do *ch* e *g* medial do alemão do norte, isto é, o de postero-palatais, dando-se portanto à 8.ª e 16.ª letras do alfabeto hebraico, constantemente, os valores respectivos daquelas letras árabes não pontuadas, convém saber, os de faucais, conforme a nomenclatura de Lepsius. O *b* e *d* sem o ponto são pronunciados como *w* dialectal alemão (v-bilabial), e como o *th* inglês sonoro, iste é, como *b*, *d* mediais portugueses. A diferença entre consoante sinjela e consoante dupla é mantida sempre. O *t* e *s* guturo-alveolares são assimilados aos dentais, se bem que à última às vezes se dê o valor de *ts*.

O complicado sistema das vogais é de facto reduzido à extrema simplicidade do castelhano: um unico *a*, um unico *e*, um unico *o*, medios, pe'los *aa ee* e *oo* longos, breves e reduzidos; um só *u* e um só *i* pe'los dois, longo ou breve, da pontuação masorética.

A semivogal labial é proferida como *v*, no que se apartam, e bem assim na conservação do *b* e do *d* fricativos, da fonética arábica.

Aproveitei esta occasião, não obstante saber que são mal cabidas aqui estas observações, para não esperdiçar o ensejo de chamar para taes factos a atenção dos que por eles se possam interessar. Aproveito-a também para congratular-me com o público por ver afinal estabelecido, aínda que em um instituto particular — a Academia de Ensino Livre, um curso de árabe vulgar, graças ao desinteressado zêlo do talentoso e hábil hebraísta que citei, e que a todo o seu fundo conhecimento dos textos bíblicos, e á familiaridade que tem com o arabe vulgar, reúne a prenda, hoje raríssima, de ser um primoroso calígrafo, tanto na letra hebraica, cuadrada ou cursiva, como na arábica e na usual romana; acresentando aínda a êste já valioso cabedal o ser um poeta esmerado em francês e um vigoroso prosador na lingua da sua patria adoptiva, a portuguesa. Não é isto um pregão que faço, é um preito de justiça que lhe tributo, porque entendo que o merece. O curso a que me refiro, e que é gratuito, efectúa-se às terças feiras, às oito horas da noute, e repito que é inteiramente prático, tendo, porém, por base a escrita arábica.

Transcrição comparada do silabario devanágrico

FIGURAÇÃO PORTUGUESA

Classes ou ordens		Serie dos simbolos devanágricos	Valor escolar na Europa	Transcrição portuguesa					
				V. Abreu		Tradicional portuguesa	G. Vianna		
				Cientifica	Romanceação		Cientifica	Usual	Romanceação
VOGAIS		1	*a*	a	a	a, ŏ	a	a	a
		2	*aa*	ā	a	a	ā	à	
		3	*i*	i	i	i	i	i	i
		4	*ii*	ī	i	y	ī	i	
		5	*u*	u	u	u	u	u	u
		6	*uu*	ū	u	u	ū	ù	
		7	*ri*	r̥̆	ri		r̥	ri	ri
		8	*rii*	r̥̄	ri		r̥̄	ri	
		9	*li*	l̥	li		l̥	li	li
		10	*lii*	l̥̄	li		l̥̄	li	
		11	*e*	e	e	e	ai	e	e
		12	*ai*	æ	ai	ai, oi	āi	ai	ai
		13	*o*	o	o	o	au	o	o
		14	*au*	ꜵ	au	au	āu	au	au
CONSOANTES	Guturais	15	*ka*	k	c, qu (e) qu (i)	c, qu	k	c, qu	c, qu
		16	*k-ha*	kh	c, qu (e) qu (i)	qh	k‘	c‘, qu‘	
		17	*ga*	g	g, gu (e) gu (i)	g, gu	g	g, gu	g, gu
		18	*g-ha*	gh	g, gu (e) gu (i)	gh	g‘	g‘, gu‘	
		19	*nga* (alemão)	n	n	n	*n*	n	n
	Palatais	20	*cha* (transmontano)	k	ch	ch	ċ	ċh	ch
		21	*ch-ha*	kh	ch	chh	ċ‘	ċh‘	
		22	*ja* (inglês)	ġ	j	j	*g*	*j*	j
		23	*j-ha*	ġh	j	jh	*g*‘	*j*‘	
		24	*nha* (portug.)	ṅ	nh	nh	ṅ	ṅ	n
	Cacuminais	25	*ta* (inglês)	ṭ	t	tt	ṭ	ṭ	t
		26	*t-ha* (»)	ṭh	t	tth	ṭ‘	ṭ‘	
		27	*da* (»)	ḍ	d	dd	ḍ	ḍ	d
		28	*d-ha* (»)	ḍh	d	ddh	ḍ‘	ḍ‘	
		29	*na* (»)	ṇ	n	nn	ṇ	ṇ	n

Classes ou ordens		Serie dos simbolos devanágricos	Valor escolar na Europa	Transcrição portuguesa: V. Abreu — Científica	V. Abreu — Romanceação	Tradicional portuguesa	G. Vianna — Científica	G. Vianna — Usual	G. Vianna — Romanceação
CONSOANTES	Dentais	30	*ta* (portug.)	t	t	t	t	t	t
		31	*t ha* (»)	th	t	th	t'	t'	
		32	*da* (»)	d	d	d	d	d	d
		33	*d-ha* (»)	dh	d	dh	d'	d'	
		34	*na* (»)	n	n	n	n	n	n
	Labiais	35	*pa*	p	p	p	p	p	p
		36	*p-ha*	ph	p	ph	p'	p'	
		37	*ba*	b	b	b	b	b	b
		38	*b-ha*	bh	b	bh	b'	b'	
		39	*ma*	m	m	m	m	m	m
	Semivogais	40	*iá*	j	i	y, i	ï	ï	i
		41	*(pa) ra*	r	r	r	r	r	r
		42	*la*	l	l	l	l	l	l
		43	*va, -uá*	v	v, -u	v, u, o	ů	v	v
	Sibilantes	44	*xa*	ṡ	x	x	ẋ	ẋ	x
		45	*xa, sa*	ṣ	x	x	ṣ	ṣ	s
		46	*sa*	s	s	ç, s	s	s	
		47	*ha* (inglês)	h	h	h	h̰	*h*	h
anusuara.		48	nasalisação	˜	˜, m	˜	˜	˜ m̃	˜, m
visarga. . .		49	aspiração final	ḥ	s		h	h	h
		50	*ch* alemão	»	s		ḥ	h	h
		51	¿ *f*	»	s		»	f	f
l cacuminal		52	*rla* (inglês) prox.	ḷ (?)	l	ll	ḷ	ḷ	l

Pe'la inspecção da tabela se vê que a transcrição usual que proponho em pouco se diferença da científica adoptada pelo professor V. Abreu, e em parte por mim seguida, e que as dúas romanceações são cuási idénticas. O anusuara necessario, isto é, o sinal de nasalisação da vogal, terá de ser representado por *m* antes de sibilante e por ˜ cuando final, acidente muito comum no concani.

A virgula voltada suprimir-se-há, assim como os sinais diacríticos superiores ou inferiores que designam as ordens palatal e cacuminal e respectivas sibilantes, e também o do *h* sonoro (*ĥ*) e o traço que corta o v (v).

A transcrição usual que proponho, mesmo para texto, ocupa um logar intermedio entre a transliteração científica e a romanceação, e está de acôrdo com as feições da ortografia portuguesa, como a que propus para os nomes africanos.

No próximo fascículo darei alguns textos de transcrição usual e alguns nomes proprios romanceados, como exemplos da facilidade e clareza com que póde ser empregada cualquer das dúas escritas.

O acento grave nas três vogais longas, *ā*, *ī*, *ū*, (à, ì, ù) indica o som de cada uma destas vogais no alfabeto portugués, independentemente da cuantidade prosódica, em harmonia com as bases da ortografia que emprego nesta *Revista;* poderá no emtanto ser substituído pe'la linha horizontal sobrescrita, se se julgar preferível esta notação. Para a figuração das longas usou do acento agudo (´) nos seus primeiros escritos o professor V. Abreu, imitando a notação esmerada e convencional inglesa; tal marcação, porém, tem o inconveniente de designar na maioria das ortografias européias o acento tónico ou icto, função que também lhe compete em portugués, como em cuási todas as transcrições científicas, e, em razão désse conhecido emprêgo, já em trabalhos posteriores foi pe'lo douto professor ao agudo substituída a linha horizontal sobreposta.

O expediente gráfico de jeminação dos símbolos das dentais, *tt*, *dd*, *nn*, *ll*, para indicação das cacuminais deve rejeitar-se, mesmo no texto usual, porque tal notação deve ser unicamente usada para indicar a duplicação ou protracção do som figurado pela letra sinjela. O ponto subscrito é tão conhecido para aquela aplicação, que, a não ser em transcrições exclusivamente monogramáticas como a que adoptou Lundell para figurar rigorosamente os falares escandinavos, pode dizer-se que ele se tornou um diacrítico já clássico destas consoantes apicais.

A. R. Gonçalves Vianna.

ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO PENINSULAR

«Cuedan algunos omes que pueblo es llamado la gente menuda asi como menestrales et labradores, mas esto non es ansi ca... pueblo [es] ayuntamiento de todos los omes comunalmente, de los mayores et de los menores et de los medianos».

ALFONSO X, *Siete Partidas*. Parte II, 10, 1.

I

O *Romanceirinho asturiano* de A. W. Munthe e o *Romanceiro portugues* de J. Leite de Vasconcellos [1]

O distincto romanista sueco *Åke W:son Munthe*, vantajosamente conhecido como verdadeiro homem de sciencia dos leitores d'esta *Revista*, pela sua estreia litteraria — um cuidadoso trabalho ácerca de um dos dialectos das Asturias, annunciado e devidamente apreciado pelo snr. A. Gonçalves Vianna [2] — acaba de publicar uma bella contribuição para o Folklore da Peninsula, a qual interessa muito de perto este nosso Portugal, como tudo quanto se relaciona com as regiões occidentaes e septentrionaes de Hespanha [3].

Os dezasete [4] Romances populares que Munthe colligiu directa-

[1] Este artigo, escripto em Junho de 1888, ficou guardado nas gavetas da auctora porque, levada pelos attractivos incomparaveis da poesia popular, alargou e aprofundou cada vez mais o campo das suas investigações e decidiu concluir *in nuce* os seus *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* antes de principiar a sua publicação.

Por ser o primeiro de uma serie é que a Redacção resolveu publicar como *artigo* propriamente dicto o que, pela sua fórma de critica e *compte-rendu*, devia entrar na Bibliographia.

[2] A pp. 279-285 do volume 1.º d'esta *Revista*.

[3] *Åke W:son Munthe: Folkpoesi från Asturien I. Ur Språkvetenskapliga Sällskapets i Upsala förhandlinger.* Upsala, Universitets Årsskrift. 1888.—Upsala, 1888. 22 pp.

[4] Munthe conta como um só Romance as differentes versões de um mesmo thema que elle colheu: de facto offerece 19 poesias. Promettia, além d'isto, para breve, como parte segunda da sua collecção, perto de 400 poesias lyricas em verso de redondilha maior e menor — coplas, seguidillas, muiñeiras e um genero, sem nome especial de tres linhas [8 : ABA ou 5 : A 8 : BA] — e ainda umas 29 Rimas Infantis.—E já cumpriu a promessa.—No anno de 1889 publicou B : KORTA VISOR = cantigas e C. *Barnvisor och barnrim* = rimas infantis.

mente da tradição oral, nas pittorescas encostas da serra cantabrica, durante o mes de S. João de 1886, pertencem á região sudoeste da provincia d'Oviedo. A area muito restricta, escolhida intencionalmente porque ainda não fôra explorada, abrange a villa de *Cangas de Tineo* [1] e os lugarejos proximos *Posada de Rengos* [2] e *Villaoril de Bemeda* [3], ficando, portanto, a pouca distancia das raias da Galliza (Lugo) e das fronteiras do Vierzo de Leon (a 20 kilometros das primeiras e 15 das segundas).

Basta indicar esta situação geographica das aldeias que serviram de campo de exploração, para fazer surgir no espirito dos conhecedores a suspeita de que as creações poeticas ahi recolhidas se liguem estreitamente com o rico fundo de *Romances de Segada* que se cantam hoje ainda em Galliza e em Tras-os-Montes e na faixa marginal do Douro que pertence, administrativamente, á Beira-Baixa (Freixo, Numão, etc.), formando assim um elo entre o folklore *castelhano* e o *portugues* [4].

A experiencia mostra que tal suspeita é perfeitamente justificada.

O cotejo da colheita do snr. Munthe e dos thesouros accumulados, em tempos, nos mealheiros de Milá y Fontanals, Amador de los Rios e Ballesteros com as riquezas amontoadas por Almeida Garrett, Theophilo Braga, F. Adolpho Coelho, Consiglieri Pedroso e principalmente com o importante *Romanceiro Portuguez* de Leite de Vasconcellos mostra claramente, pelo facto notabilissimo de quasi todos os Romances portuguezes encontrados *apenas* em Tras-os-Montes existirem tambem nas Asturias, quão intimo é o grau de parentesco que une as tradições asturianas ás gallegas e portuguesas; e quão falsa é a theoria dos patriotas que acreditam que Portugal possue cyclos especiaes e assumptos privativos seus. Bellissimas redacções, e remodelações, e adaptações de themas universaes, ou celto-romanicos, ou exclusivamente peninsulares, sim! mas originaes que sejam propriedade só dos Portuguezes, não! [5]

Uma exploração mais demorada, mais larga e mais profunda, aquém e além das fronteiras, viria mostrar, de certo, que não ha solução de continuidade entre o Folklore de Bragança e Miranda do Douro de um lado, e Sanabria, Monterey, Orense, Villafranca, Ribadeo, e Pra-

1 A povoação de Cangas de Tineo, de uns mil habitantes, é cabeça de um partido judicial. Está situada no ponto onde o pequeno Naviego desagua no Narcega.

2 Posada de Rengos fica 15 kilometros ao sul de Cangas.

3 Villaoril tem os seus nove fogos perto do Naviego, n'uma encosta, e sobranceiros á parochia de Bemeda, a qual ladeia a estrada real que, atravessando a serra cantabrica no Passo de Leitariegos, leva a Leon.

4 É lastimavel que a provincia de Leon ainda não fosse explorada.

5 Leite de Vasconcellos aponta como de origem portuguesa apenas o romance sacro de Santa Iria e o historico do Principe D. Affonso, e eu não sei accrescentar mais nenhum. Penso até que, mesmo em estes dous casos, velhos romances já preexistentes foram simplesmente adaptados a acontecimentos e personagens locaes.

via do outro, quer pelo que diz respeito ao lado philologico, quer pelo lado folklorico do Romanceiro, Cancioneiro, Refraneiro e Patrañuelo.

Accentuo este ponto porque se me figura de importancia capital. E' facto que o povo canta em *todas* as terras peninsulares. Muitas cantigas e alguns romances estão profusamente espalhados por toda a peninsula e ainda nos Archipelagos atlanticos e nos paises americanos. Mas apesar d'isto, dá-se o caso de as Asturias e a Galliza serem as unicas provincias *hespanholas* em que ainda é costume persistente cantarem-se em côro, ao ar livre (nos largos das ruas, no campo ou na eira, em occasião de festa ou romaria e nas segadas) ou dentro de casa (durante as noites da quebra da amendoa, nas esfolhadas do milho e nos fiandões de inverno), os bellos *Romances* historicos e novelescos, como egualmente a provincia de Tras-os-Montes e a região duriense da Beira são as unicas portuguesas em que acontece o mesmo [1].

E como a melodia conserva e preserva o texto do verso, devem, pois, estas provincias — Galliza, Asturias e Tras-os-Montes, e talvez parte do Minho, — ser as regiões em que a tradição conservou e conserva mais puras e menos alteradas e adulteradas as antiquissimas cantilenas epico-lyricas.

E a conclusão? Não é preciso tira-la. Todos os folkloristas entendidos concordam em que só depois de conhecermos bem as versões fidelissimamente transcriptas (com acompanhamento das competentes musicas) de todos os Romances hoje em dia CANTADOS é que poderemos enunciar opiniões arrazoadas ácerca do valor e da genese do nosso Romanceiro; é que se poderá realizar dignamente o trabalho critico-exegetico sobre os textos que cursam nas restantes provincias, identicos na essencia mas em geral bastante estropiados, pela quasi sempre defeituosissima *recitação* popular; é que se poderá tentar a reconstrucção definitiva do Romanceiro Popular da Peninsula.

E', pois, de primeira e urgente necessidade que se recolham completos, genuinos e extremes todos os textos de Romances *cantados* ainda hoje em dia na Peninsula. E quem der uma passada firme e forte neste caminho bem merecerá do agradecimento publico, nacional.

Vejamos se o snr. Munthe deu um d'estes passos. Inquiramos como elle, depois de escolher um excellente terreno, formulou a sua tarefa e se desempenhou d'ella; e em seguida examinemos outro tra-

1 E' sabido que Almeida Garrett e Th. Braga consideravam a Beira como o centro ethnologico ou foco dos cantos tradicionaes — opinião já combatida, com razão, por Leite de Vasconcellos no *Annuario para o estudo das tradições populares portuguesas* e na *Revista da Sociedade de Instrucção*. Chamando a attenção especial dos entendidos para Tras-os-Montes (provincia cuja riqueza em cantos importantissimos de versão simples e quasi primitiva, sem postiços lances episodicos, e sem modernas introducções Th. Braga já reconhecera com aquella perspicacia que todos admiram) não tenho em mira substituir simplesmente um nome pelo outro. O que indicarei nestes *Estudos*, são factos que vale a pena aproveitar.

balho analogo, executado nestes ultimos annos em Portugal: o *Romanceirinho* de Leite de Vasconcellos.

*

Eu já disse e torno a dizer que o snr. Munthe colheu tanto os seus dezasette Romances asturianos, como tambem as poesias lyricas e infantis da sua collecção, pessoal e directamente da bocca do povo. E' elle proprio quem conta, com muita graça e simplicidade, aos curiosos, nas seis paginas da Introducção que precede os Romances, por quem e como lhe foram fornecidos todos os materiaes de que dispõe.

As suas principaes informações provieram de duas sympathicas raparigas aldeãs, Antonia Coque e Carmen Gonzalez. Munthe diz que alguns parentes das duas contribuiram tambem para a formação das suas collecções; por entre os *Romances*, porém, não encontro textos que elles subministrassem.

Antonia, oriunda de Posada de Rengos [1] — que pelo nome não perca! — mudara de residencia em 1885 para entrar, como criada de servir e de lavoura, na humilde casa de uns lavradores de Cangas — a qual serviu de quartel general ao joven Sueco durante as suas excursões cantabricas. Munthe tem, portanto, o direito de suppôr que ella já traria da terra natal os numerosos cantos que hoje sabe.

Carmen nascera, e vivia ainda, no pequenino lugarejo serrano de Villaoril, cujas nove cabanas desconhecem, com grandissima surpreza do *Norlandez*, como a maioria das choupanas de Tras-os-Montes, o luxo de uma chaminé e de vidraças.

Como era natural, custou e levou tempo até as duas ariscas moças travarem conhecimento com o sabio estrangeiro, mas, depois de ganharem confiança, cantaram e recitaram diante d'elle, e para elle, o melhor do seu vasto e ainda não exhausto repertorio.

Sentado a um cantinho do baixo lar da cozinha fumarenta dos lavradores de Cangas foi que o snr. Munthe ouviu, da bocca de Antonia, o Romance historico do *Rei Rodrigo*, e os cavalleirescos de *Gerineldo*, do *Conde Claros*, de *D. Bueso*, etc. [2] além de numerosas coplas e seguidilhas, proferidas emquanto cozinhava folhas de asphodelo em caldeiras gigantescas para os «rengos» dos seus amos, ou lavava a louça, ou varria o soalho, ou penteava, encostada talvez ao *sarego* [3] da casinha, o seu basto cabello acastanhado, reproduzindo assim uma das situações mais poeticas e predilectas dos Romanceiros populares:

Estava a bella infanta
no seu jardim assentada;
com o pente d'ouro fino
seus cabellos penteava.

1 *Rengo* em asturiano é synonymo de *larego, bacorinho, porquinho.*
2 Os n.os 1 até 7; 10, 12, 15 e 16. Total: *onze* Romances.
3 *Sarego* por *soarego* = *solarego* significa o *limiar* e os umbraes da porta.

Com relação a Carmen a situação era diversa. A obrigação d'esta ultima era esmagar e revolver os torrões pedregosos dos estereis campos onde pastava o gado da familia, obrigação em que Munthe graciosamente a ajudava. Outras vezes conversavam descansando da lida e tomando simplesmente o sol diante da cabana de Villaoril. Carmen ensinava as historias romanticas da *D. Helena*, do *Alferes matador* e as piedosas lendas de Nossa Senhora e de alguns Santos [1] e Munthe escrevia, acto continuo, tudo quanto sahia dos labios rubros de Carmen (ou de Antonia) tal qual o ouvia, publicando-o mais tarde com a maxima fidelidade, sem retoques, emendas ou restaurações, e sem collacionar a versão assim colhida com outras lições já publicadas por outrem ou ainda por publicar. Elle assevera que não alterou uma unica palavra, conservando até erros evidentissimos — o que *aliás* os seus textos attestam alto e bom som. Teem, de facto, o caracter de uma authenticidade indubitavel. Contentando-se com o honroso e arduo papel de collector consciencioso, Munthe visou sómente ao alvo da genuinidade e da exactidão, da verdade *scientifica*. E todos concordarão em como o attingiu, e repetirão, convencidos, que os dezasette Romances asturianos representam exactamente a viva tradição oral.

Segundo o meu modo de ver, que, decerto, será taxado de extravagante anti-oficial e heretico ou de demasiado exigente, ha, comtudo, ainda uma falha, um laivo, um fortissimo *senão* n'esta fidelidade, que me parece — *sit venia verbo* — um pouco exterior e material. Os dezasette Romances asturianos e outros portugueses, recolhidos pelo mesmo processo, *não representam fielmente a tradição*, i. é, não representam os verdadeiros originaes primitivos, transmittidos durante seculos de bocca em bocca, nem mesmo o estado actual da tradição: *representam apenas o estado verdadeiramente desolador em que hoje uns poucos de individuos analphabetos, ou, com mais rigor ainda, um unico certo e determinado sujeito repete*, RECITANDO-AS, *certas tradições de origem popular*. Recitações como algumas das que o snr. Munthe ouviu e archivou (n.os 1, 2 e 3), e como outras que Leite de Vasconcellos colheu em Campo de Vibora, Matella, Junqueira, Castro Laboreiro (n.os 2, 10, 11, 16, 19, 23 e 39 do seu *Romanceiro)* ou que Reis Damaso recolheu no Algarve e F. A. Coelho em Coimbra e na Foz, não merecem outro nome senão o de deturpações modernas e vulgares dos verdadeiros textos, por causa das muitas manchas que as afeiam.

Não me refiro simplesmente ás palavras deturpadas, nem aos versos mal medidos, apesar de serem frequentissimos nos textos de que fallo; refiro-me, sim, á deslocação de linhas e trechos; aos accrescentos postiços; ás omissões de partes essenciaes; á introducção espuria de phrases e rubricas em prosa, intercaladas como se tambem fossem verso; ás estranhas combinações de cantos diversos no assumpto e até no rhythmo; ás infiltrações absurdas de phrases feitas e linhas e qua-

[1] Os n.os 8, 9, 11, 13, 14 e 17. Total: *seis*.

dras convencionaes em passagens onde não têm sentido — porque erros d'estes não se encontram senão raras vezes nos textos recolhidos fóra de Portugal.

O triste, mas grande, merecimento de publicações diplomaticas de taes recitações degeneradas consiste em patentearem aos olhos dos eruditos documentos fidedignos e vivos do grau de fragmentação, obliteração, fusão e confusão a que vae chegando a poesia epico-lyrica do povo português e dos seus limitrophes, na Galliza e nas Asturias, pela acção esphaceladora de individuos que, RECITANDO *a bem do collector* o que deviam cantar despreoccupadamente, vão dissolvendo pouco a pouco em prosa incoherente e em versos estropeados o que era bellissima poesia.

O que demonstram ainda as taes publicações, talvez sem querer, e até em certa desharmonia com o seu proprio procedimento, é a urgente necessidade (a que já me referi) de se recorrer, emquanto fôr tempo, aos *textos cantados* para aferir pela bitola das redacções melhor conservadas e em geral mais primordiaes, que elles offerecem, as versões que o vulgo *a-muso* e iconoclasta deturpou e deturpa cada vez mais na simples recitação. O povo português precisa muito de obter um novo espelho de finissimo crystal que lhe mostre a vera effigie da sua physiognomia intellectual, tal como ella se apresenta nos seus dias de pristina belleza [1]. Penso nas *Cansóns de la Terra* e no *Romancerillo Catalan*; penso nos *Canti del Piemonte*; penso nas esmeradas collecções de V. Smith, E. Legrand, Puymaigre, Bladé, Arbaud, etc.; penso, n'uma palavra, nos numerosos romanceiros franceses, italianos e catalães e nos bellissimos textos ahi archivados com sciencia e arte; e lamento que a nação portuguesa ainda não possua nada igual.

Peço licença para espraiar numa pequena digressão as minhas ideias, fazendo algumas observações theoricas e doutrinarias que, apesar de se prenderem com o canon scientifico seguido pelo snr. Munthe, se dirigem e referem mais particularmente ainda ao illustre director d'esta *Revista*, o chefe dos folkloristas portugueses da novissima geração, o nosso bom amigo J. Leite de Vasconcellos, e ao seu *Romanceiro Português* [2].

*

Primeiro, duas palavras sobre as razões allegadas por Munthe para motivar e justificar o seu procedimento, cujos inconvenientes elle está longe de desconhecer.

[1] O Romanceiro de Almeida Garrett não representa fielmente a tradição; está muito emendado, retocado e aperfeiçoado. Os Romanceiros de Theophilo Braga são os melhores que Portugal possue até hoje; mas, ainda assim, estão longe de serem completos e definitivos. Muitos dos seus textos padecem de graves defeitos. As introducções e as notas devem ser refundidas. — A compilação de V. Hardung é util, mas desigual, participando dos erros das fontes em que bebeu.

[2] Lisboa, 1886. Fasciculo 128 da *Bibliotheca do Povo*.

Se nenhum dos dezasette Romances asturianos foi apanhado *in flagranti*, no fervilhar do enthusiasmo popular, em occasião de festa, quando o povo *canta em côro*, não é porque o snr. Munthe nunca presenceasse taes festas ou ignorasse a importancia d'estas manifestações, mas sim porque o acompanhamento intensivo, atordoador, das castanhetas e dos pandeiros quadrangulares, usual nas Asturias, não lhe permittiu apanhar e perceber as palavras cantadas. Os proprios nacionaes não são capazes — como experimentei pessoalmente muitas vezes — de entender cabalmente poesias cantadas de folego maior, que não conheçam já ou saibam de cór (ponto de que não duvidarão os frequentadores da opera). Dito isto, é claro que um estrangeiro, para quem toada e texto são perfeita novidade, não as póde entender.

Concordando, sinto, comtudo, que o snr. Munthe, o qual confessa com grande modestia a sua imperícia e incompetencia em assumptos de musica, lamentando as consequencias que attribue a esta imperícia, não podesse prolongar as suas ferias asturianas. Com mais vagar chegava forçosamente a um ponto em que, depois de ouvir cantar reiteradas vezes os mesmos romances, e depois de os assentar no papel como esboço de primeira mão e simples material scientifico sobre o *dictado* de Carmen ou Antonia, lhe era não só possivel, mas até facillimo, apanhar e entender tambem a *lettra cantada*, distinguindo até as mais leves particularidades da pronuncia dialectal. O que na primeira audição se lhe devia figurar incomprehensivel, tornar-se-hia forçosamente intelligivel e claro na sexta ou decima. Quem, como o snr. Munthe, reconhece e critica o mau estado e o vulgarismo dos seus textos, passaria, sem duvida, á reverificação, comparação e correcção não só dos erros de audição, mas á escolha dos seus informadores. Tendo o tempo necessario para cavar mais fundo e travar mais conhecimentos, descobriria veios de ouro mais fino. Dar-nos-hia, neste caso, ao lado das deturpações, de alto valor e interesse scientifico, redacções mais puras e correctas, i. é, ao lado dos textos recitados e dictados, os *cantados*; ao pé da verdade *realistica*, o ideal da belleza esthetica, *que não é menos verdadeiro, e que felizmente ainda existe.*

Mas como o tempo de que dispunha foi limitado, contentou-se com os materiaes incorrectos que lhe estavam á mão e eram de facil accesso, escrevendo o que Carmen e Antonia dictavam *ad hoc* e de proposito para o collector estrangeiro, i. é, fallando alto e de vagar, dando á pronuncia um som mais claro, um caracter mais retesado, e ás palavras vulgares, de vez em quando, uma fórma mais correcta. D'ahi podiam resultar, e resultaram, pequenas incorrecções e desigualdades na feição dialectal da linguagem. Acho-as, porém, de importancia secundaria, porque as *poesias* populares, na constante peregrinação que as modifica, representam poucas vezes com rigor o dialecto de uma localidade distincta. O que importa é que o desusado trabalho intellectual perturbou inquestionavelmente a lucidez de espirito das duas môças: sem o guia e sem o freio da musica e do rhytmo da toada tão bem marcado nas melodias populares e tão intensivamente accentuado

pelos instrumentos e pelo passo cadenceiado dos que dançam, sem o exemplo arrastador das outras cantadeiras e do indispensavel «Vorsänger» (entoador), claudicaram frequentemente. A memoria fallou-lhes. Ambas pertencem, se não me engano, ao vastissimo cyclo dos analphabetos ingenuos que não sabem, ou mal sabem, proferir poesia alguma sem a cantarolarem. Perdem o fio do discurso logo que se vejam interrompidos com qualquer pergunta ou pelas simples pausas exigidas pelo transcriptor, que, seja dicto de parenthesis, deveria ser um bom tachygrapho [1]. Começam e recomeçam, atrapalhando-se sempre de novo, á procura da lição-typo da sua aldeia, e modificando mais ou menos em cada nova recitação a lettra do texto, que todas conhecem em varias redacções. Deturpam o metro e a rima. Embrulham o enlace e desenlace da intriga. Ora truncam os romances omittindo linhas e ás vezes trechos maiores, essenciaes, de modo que deixam subsistir fragmentos inintelligiveis — umas meras quatro ou oito linhas que semelham cantigas narrativas; ora baralham, confundem e amalgamam troços soltos de *trobos* fundamentalmente diversos, enganados pela identidade da assonancia e por nomes proprios communs ou semelhantes, ou por incidentes identicos, forjando assim, sobre restos de tres ou quatro originaes, romances novos que são o desespêro do critico. Ora introduzem, seduzidos pela sereia *Rima*, trechos lyricos e cantigas soltas. Ora accrescentam — principalmente no principio, que esquece com mais facilidade, mas tambem no meio e muitas vezes no fim — formulas convencionaes, lugares communs que pertencem ao *Romanceiro Geral Hispanico*, assim como arrecadas, grilhões e lenços garridos pertencem ao vestuario de todas as provincias de Portugal.

Accrescento ainda que o colleccionador, pela sua parte, não é sempre capaz de distinguir na *recitação* entre as fallas em verso, que deveriam ser cantadas, e entre as curtas indicações narrativas em *prosa*, rubricas e direcções de scena, que o povo intercala constantemente quando recita [2].

E o resultado? O resultado está patente nos dezasette Romances asturianos, que offerecem exemplos de todas estas deturpações (como notarei). Está patente muito mais nos Ineditos do *Romanceirinho Portuguès*, e tambem nos textos recolhidos pelo nosso distincto amigo F. A. Coelho, e n'outros publicados por Consiglieri Pedroso, Reis Damaso, Ernesto Pires, Giner Aribau, etc., n'uma palavra, está patente em

1 E pronunciando esta palavra não posso deixar de lembrar ao publico portuguès que existe, ha annos, um livrinho ou *Curso pratico* que ensina a tachygraphia portuguesa pelo excellente systema *Stolze*, que é o mais usado na Allemanha do Norte e já foi adaptado ao inglês, francês, italiano e hespanhol. E' auctor da *Stenographia Portuguesa* Gustavo Michaëlis, professor na Universidade de Berlim, e, durante 30 annos, chefe da repartição tachygraphica da Camara dos Pares e do Reichstag, meu bom e querido pae.

2 Nos *Romances asturianos* publicados por Munthe não encontro erros d'estes, que pelo contrario são bastante frequentes nos romances colhidos em terreno portuguez.

todos os fragmentos do Romanceiro Geral da Peninsula que foram publicados modernamente, não por dilettantes, mas por verdadeiros eruditos folkloristas que, na procura da verdade scientifica e da realidade naturalista, se dão por satisfeitos logo que possam indicar veridicamente que certa poesia foi recitada em certo anno e dia por pessoa analphabeta, chamada X, oriunda de Y., de tantos annos de idade — na presença de tantas ou quantas testemunhas, e que o editor a copiou e fez imprimir com a maior fidelidade, não se aventurando a uma unica correcção, mesmo onde ella era obvia e indispensavel. Um cylindro phonographico não seria mais authentico! Mas não, deixemos o frivolo gracejo!

Estes eruditos, em cuja eschola o snr. Munthe se filia (com certas restricções) estabeleceram-se propugnadores tenazes de uns tres ou quatro dogmas, contra cuja *absoluta infallibilidade* eu me atrevo a protestar, *sem, comtudo, querer invalidar a legitimidade do principio* (o que equivaleria a uma retrogradação de meio seculo quasi — a um regresso aos primeiros tempos em que se recolheram sem criterio scientifico p. ex. as balladas escocesas).

Esses dogmas são os seguintes:

1.º As poesias chamadas populares são a obra de uma collectividade anonyma — o povo.

2.º Esta collectividade anonyma vive sem sombra de instrucção e saber. E' absolutamente analphabeta.

3.º As poesias populares por ella ideadas e executadas devem, pois, (!) ser muito incorrectas, cheias de versos errados, e vulgares em todo o sentido.

4.º Apesar de defeituosa e recheada de erros, a obra anonyma e vetustissima do povo é sagrada e inviolavel.

D'onde resulta que ao colleccionador incumbe unicamente a simples archivação de todos os textos *taesquaes*. Não está autorizado a escolhe-los, emenda los ou a corrigi-los. O seu fim é puramente *scientifico;* não tem nada de *artistico; é real* e não *ideal.*

Resulta ainda que textos relativamente correctos, puros e bellos são sempre falsificações dos respectivos colleccionadores.

Subsummando-os, podia chamar a estes theoremas: o dogma da collectividade (1.º); o dogma da imperfeição (2.º e 3.º) e o dogma da inviolabilidade (4.º).

Escuso de repetir que ninguem os póde alcunhar de *falsos*, nem eu tambem quero isso. Digo apenas que são falliveis e que se tornam *damninhos* quando *exaggerados*, como acontece na peninsula, onde alguns enthusiastas os envolveram em nebulosidades um pouco mysticas, gerando assim certos equivocos, que é bom desfazer. Sem entrar em pormenores advirto apenas o seguinte:

Ad 1.) Apesar de geralmente acceite é uma vaga abstracção dizer-se que o *povo* fez p. ex. certo Romance. Póde-se affoitamente dizer que o primeiro inventor, o poeta do typo original (por mais velho que seja) de cada uma das poesias populares — cuja protogenese se perde

na noute dos tempos — foi indiscutivelmente um só, um individuo, e não uma collectividade. Mas como os factos que elle narra (e *não* inventa), as ideias que elle formula, os sentimentos que manifesta, as palavras e formulas e figuras rhetoricas que emprega, o schema metrico por elle escolhido, e a musica, em geral já existente, á qual adapta os seus versos, não são propriedade particular nem creações espontaneas do mesmo individuo, mas sim nacionaes, e do dominio commum a todos os populares, acontece que o nucleo do Romance, quer fosse improvisado em uma hora de enthusiasmo poetico, quer fosse elaborado mais vagarosa e conscientemente, é logo repetido, sem ceremonia nem escrupulo, por aquelles que o ouvem. O recitador de uma poesia repete-a muitas vezes exactamente; modifica-a outras tantas vezes á sua maneira, conformando-a á situação em que se acha, ou que a sua memoria resuscita, ora aperfeiçoando-a, ora empanando-lhe o brilho primordial. E como os verdadeiros fomentadores da poesia popular — o céo azul e o bello sol peninsular «amigo dos heroes», o mar, a primavera, toda a natureza com o thesouro inexgotavel dos seus segredos e mysterios, o amor, os ciumes, as saudades, a ausencia — são de todos, *universaes*, o poeta attribuindo-lhes, a elles, o merito da sua inspiração, não se reserva direitos de propriedade, nem increpa de plagiarios fraudulentos os que se servem d'aquelles mesmos versos que, um bello dia, sahiram por acaso dos seus labios inspirados. O povo estima a obra, mas despresa o obreiro que considera como mero instrumento casual, quer seja poeta, ou musico, quer seja architecto, esculptor ou pintor.

Assim nascem infinitas variantes, versões muito differentes em tom, caracter e linguagem. Assim nasce a anonymidade e a instabilidade e variabilidade da poesia popular que ninguem póde ou quer negar, mas que está em opposição, se não directa pelo menos indirecta, com o dogma da inviolabilidade, o *noli me tangere* dos criticos.

Se o primeiro inventor foi um só, os rhapsodos repetidores e modificadores, i. é, os collaboradores são muitos, de onde se deve concluir: 1.º que o artista que elaborou as versões que existem hoje em dia, é, de facto, uma collectividade anonyma; 2.º que é forçoso recolher e publicar todas as redacções existentes exactamente no estado em que ellas são cantadas ou recitadas, mas não que o folklorista deva acceitar e respeitar como legitimo representante da entidade meio-mythica intitulada *povo* toda e qualquer pessoa que elle encontre por mero acaso, e muito menos que todas as versões tenham igual direito de existencia e igual força de resistencia e procreação. Nem todas as creações são legitimas. Em volta do tronco genuino rebentam ás vezes ramas bastardas — *ladrões* bravos, que é preciso desbastar. E' necessario distinguir entre a amalgamação momentanea, filha da ignorancia, desmemoria e aberração inconsciente, e a evolução natural de um thema, i. é, entre redacções natas-mortas e ephemeras, e as natas-vivas e duradouras, entre erros collectivos e erros puramente individuaes. O respeito exagerado pela soberania popular, encarnada

na *unica* pessoa que encontramos, e podemos consultar, parece-se muito de perto com um desacato leviano de todos os restantes — uns tres milhões, novecentos e nove mil e novecentos e noventa e nove de que se compõe a nação portuguesa, e aos quaes não perguntamos se conhecem a mesma poesia, em redacção superior, inferior ou igual. E a condescendencia com os modernos, nossos contemporaneos, que repetem uma obra alheia, deturpando-a ás vezes — é desrespeito (infelizmente inevitavel) para com o primeiro que a inventou e os muitos que a desenvolveram e limaram durante seculos.

Ad. 2.) E' certo que os velhos bardos que idearam as singelas poesias epico-lyricas em versos de oito ou seis compassos com rimas ás vezes perfeitas, ás vezes imperfeitas nas syllabas 15 e 16, (i. é, nas linhas impares) não foram eruditos; é muito provavel que a maioria d'elles não soubesse lêr e que a tradição oral de outros analphabetos fosse a principal conservadora e perpetuadora dos textos. [Custa pouco acreditá-lo em frente dos algarismos sobre a hodierna percentagem dos analphabetos de Portugal!] Mas isto não quer dizer que os inventores pertencessem todos, ou em parte, ao *baixo* vulgo. Nos tempos em que nasceram os romances peninsulares, os proprios fidalgos e reis nem sempre sabiam lêr!

E quanto á actualidade, tampouco é exacto que *todos* os repetidores das dictas antigualhas pertençam ás ultimas camadas sociaes, e que um romance tenha cunho de authenticidade só quando recolhido da bocca d'aquelles que nunca entraram nas aulas da mestra regia. A instrucção faz progressos mesmo aqui penetrando até aos ultimos stratos da sociedade: comtudo, apezar, ou talvez por causa d'esta generalização dos rudimentos do saber, a differença entre aquelles que aprenderam um tudonada, logrando umas leves uncturas de instrucção primaria, e entre os que não as têm, é puramente illusoria. Não ha barreiras fixas que separem uns dos outros, e est'outros dos verdadeiramente cultos e sabios. O *povo* não se compõe só dos primeiros: hoje, como nos dias de Alfonso o Sabio, consta *«de los mayores et de los menores et de los medianos»*.

Não ouvimos e aprendemos *todos*, quando crianças, não repetimos e ensinamos, quando mães e paes, os cantos, as cantigas, os proverbios, os modismos pittorescos do povo e os seus jogos infantis e nacionaes? Eu, pelo menos, reclamo como fazendo parte d'este povo, o direito de collaborar, modestissimamente, na sua obra — e duvido que exista um unico collector que rejeite um texto só pela razão de elle e só elle o saber de cór, ou porque o ouviu da bocca de pessoas da sua familia e amizade.

Quanto ao maior ou menor grau de authenticidade de poesias communicadas por analphabetos ou por «sabios», por aldeãos ou cidadãos, lembrarei ainda alguns factos, aliás bem conhecidos, mas cujo *facit* vejo desprezado e posto de lado.

1.º Nos serões alegres da descamisada do milho, da quebra da amendoa, e nos fiandões de provincia costuma haver uma pessoa, ge-

ralmente do sexo forte, que faz de mestre e ensaiador, ensinando modas velhas e novas, corrigindo erros de entoação e vicios de pronuncia e fazendo decorar lições esquecidas. Esta pessoa é em geral superior ás outras em posição social e em saber — boticario, barbeiro, mestre ou mestra — e recorre muitas vezes aos Romanceiros e Cancioneiros impressos e recorreria antigamente ás folhinhas de cordel.

2.º O morgado do lugar, ou qualquer outra familia fidalga ahi domiciliada de longa data, costuma possuir um vetusto cartapacio manuscripto de cantigas, romances, orações, ensalmos (e receitas!) que os «lidos» da aldeia lhe pedem emprestado para por elle aprenderem e rememorarem bonitos versos. Estes *lidos* transmittem depois as lições do papelorio aos outros indoutos: Th. Braga p. ex. conheceu e aproveitou taes cadernos de uso popular e eu conheço e aproveitei outros — alguns de procedencia litteraria, outros de origem popular. Se fosse preciso allegar provas, eu citaria cantigas como a seguinte:

Diabos levem os ratos,
tambem levem as formigas
que me roeram os livros
ond' estudava as cantigas.

3.º Ha cantigas, romances e fragmentos de Romances Peninsulares [1] impressos cedo, em principios do seculo XVI, em folhas soltas para uso do vulgo, e em livros para os doutos, cujo texto, por via de regra muito correcto, concorda mais ou menos com algumas redacções colhidas hoje em dia da bocca dos analphabetos, i. é, da tradição oral. Os velhos impressos baseavam-se não só em copias manuscriptas, que as vulgarizaram até á invenção da imprensa, mas tambem directamente na tradição.

Ad. 3.) Um eminente poeta, dos mais eruditos e fidalgos da peninsula, já decretára sobranceiramente no seculo XV que o «infimo povo» só fazia versos *sin ninguna regla ni cuento*, citando expressamente como exemplos *estos romances é cantares con que la gente baja e de servil condicion se alegra.* E um grammatico distincto do seculo XVI caracterizou, mais tarde, as cantigas compostas pelo povo como *«sem cabeça nem pees, sem nome ou verbo que se entenda»*. Mas porque é que homens de sciencia, do fim do seculo XIX, perfilharam esta opinião? Porque é que os colleccionadores *ex officio* julgam a incorrecção apanagio dos Romances? Porque é que exacta e especialmente os de Portugal se ufanam de apresentar textos bem authenticados por versos errados, rimas baralhadas, phrases desconnexas, lacunas, omissões e interpolações? Porque é que desconfiam da legitimidade dos que apparecem com certa correcção e pureza, duvidando do rigor scientifico dos folkloristas que se atrevem a dar taes obras de arte como lavor ge-

1 Em lingua castelhana! Infelizmente não os ha em redacção portuguêsa.

nuino do povo e motejando com certa acrimonia dos «dilettantes e ignorantes» — como Almeida Garrett, Bellermann, Hardung, Amador de los Rios, Pidal, etc. — por estes não admittirem em principio versos errados e escolherem de preferencia textos limpos e acrisolados? Porque é que só se afastam da doutrina quando tratam de *coplas* ou *cantigas*, aceitando estas e não duvidando da sua genuinidade, ainda mesmo quando se apresentem sem nodoas e imperfeições! Porque é que se publicaram n'estes ultimos dez annos centenas e centenas de *quadras* perfeitamente metrificadas, e tão poucas versões bellas e boas de verdadeiros Romances? Se o povo sabe poetar sem erros, porque é que nos romances impressos vemos maltratada a lingua, o metro, a rima, o bom gosto, e o bom senso?

Certamente, porque de facto existe grandissima differença entre o modo como o povo trata o seu Cancioneiro e o seu Romanceiro.

E' mais facil recordar uma poesia curta do que uma comprida. E' tambem mais facil sanear faltas de memoria por meio de variantes improvisadas, em coplas soltas, lyricas, do que em um conjuncto de versos epico-lyricos, onde um improviso inadequado destoa completamente. E' tambem mais facil cantar a quadra do que o Romance. E quanto ao colleccionador, terá cem occasiões de ouvir *cantar* cantigas, antes de encontrar uma unica em que possa ouvir cantar Romances; e além d'isso assenta no papel com muito mais facilidade quatro linhas do que trinta. Recorre, pois, ao meio de fazer recitar estes ultimos. Mas em geral o povo *recita* e *conta* mal, sendo notavel que muitas vezes as pessoas que recitam e contam defeituosa e infantilmente, intercalando entre phrase e phrase o insulso *bordão* do «ó depois», são as mesmas que, cantando, não estragam um unico verso, e ainda as mesmas que procedendo como *autores*, i. é, narrando acontecimentos que presenciaram, aventuras da sua propria vida, fallam uma prosa vivaz e pittoresca que tem, até certo ponto, valor poetico. Só recitando é que costumam deturpar textos. Os originaes dos Romances não continham, certamente, os erros que hoje desfiguram alguns textos impressos sobre simples recitação, porque, mesmo dado o caso que o primeiro poeta fizesse, por descuido, versos curtos ou compridos, o primeiro repetidor intelligente teria corrigido o lapso.

Os que falsificam e deterioram as bellas obras que almas privilegiadas, de tempera artistica, idearam, compoem apenas uma parte do povo. Embora o *profanum vulgus* que repete boçalmente versos mal entendidos, seja a maioria, ha ao lado dos destruidores inconscientes uma valiosa minoria, espiritos de excellente memoria, de são criterio e senso artistico que, contrabalançando e detendo a influencia dos primeiros, conservam gostosamente, e com verdadeiro interesse enthusiastico de artista, a herança dos antepassados, posto que sem submissão servil.

Cantam — e contam — com correcção sem que o seu ouvido certeiro deixe escapar dos taes versos errados, conservando aos textos a sua pureza e o cunho de primordiaes, mesmo na recitação; teem

intelligencia sufficiente para cortarem infiltrações postiças e para preencherem habilmente lacunas, sempre que a sua aliás admiravel memoria lhes falhe[1] e para modificarem, modernizando-as, phrases e incidentes archaicos, cujo sentido lhes escapa. Quando se canta em côro são elles que guiam os outros. São emfim verdadeiros artistas, continuadores dos poetas que crearam o «Liederschatz», da nação, improvisadores ou repentistas de ambos os sexos que estabelecem por meio das versões por elles escolhidas e adoptadas os textos-typos de uma certa região, creando assim o *Standardbook* de uma aldeia.

E' *tambem* esta minoria de escolhidos que o colleccionador devia consultar, em lugar de desconfiar systematicamente dos textos fornecidos por poetas populares, exactamente por elles possuirem certa cultura de que a massa rude carece. Recorrendo ás fontes limpas, ás lições *cantadas* por verdadeiros artistas, e ás recitadas sómente quando não ha outro remedio, já não se recolheriam tantos textos deturpados, e *portanto não haveria ensejo para restaurações e emendas.*

Ad. 4.) Do que disse, vê-se portanto que o proprio povo não considera a sua obra como sagrada e inviolavel. Muitos repetidores tiveram e teem ainda fecunda veia poetica e modificam o teor dos Romances. A redacção continúa. A creação é perpetua. Mas ainda que não fosse assim, não póde haver lei intransigente que mande perpetuar erros evidentes e falsificações conscientes ou inconscientes, nem ha necessidade de o folklorista erudito se fazer escravo d'um principio. Ninguem está obrigado a acceitar e imprimir *tuttoquanto!* Quem emendar um verso visivelmente corrompido ou fragmentario, em harmonia com a falla singela e popular dos romances, cumpre simplesmente o seu dever. Só quem modifica arbitrariamente e sem necesside, falsifica e estraga.

Negando que seja util recorrer no acto da colleccionação *exclusivamente* ao vulgo mais rude e ignaro, nego com muito mais insistencia que seja bom e proficuo entregar ao povo a copia exacta de textos que alguns dos seus filhos estropiaram. N'uma Bibliotheca do Povo e das Escolas, n'um Romanceiro destinado, como o de Leite de Vasconcellos á grande massa dos menos cultos, não se devia imprimir senão uma selecção das producções mais puras e caracteristicas da alma popular, em redacção limpa de todos os defeitos, afim de levantar assim pelos bons exemplos, o nivel do gosto popular, como á infancia ninguem deve offerecer senão uma selecção dos contos populares.

Eis o que me pesava sobre o coração quando lia os Romances asturianos de Munthe e os portuguezes, recolhidos por Leite, Coelho, Pedroso, Reis Damaso, Pires, Ballesteros, Giner Aribau, etc., confrontando-os com outros, catalães, italianos e franceses, recolhidos tam-

[1] Nisso são iguaes ás rendeiras de Peniche, Vianna e Villa do Conde que, tecendo, com duzias de bilros, delicadissimos desenhos de renda, são capazes de corrigir as linhas mal traçadas do pique, apesar de nunca terem pegado n'um lapis ou n'uma penna.

bem por eruditos conscienciosos, mas que, sendo de origem commum, são superiores aos portugueses. Longe de mim negar o merito de collecções de textos vulgares, recolhidos da bocca do mais baixo povo, e o interesse de lições genuinamente estragadas. Sei que quem os recolhe procura e diz a verdade, com absoluta boa fé. *Rien que la vérité! Mais toute la vérité?* Comprehendo que um exaggerado rigor scientifico era necessario na infancia dos estudos folkloricos, e que ainda o seja n'um paiz onde estudos glottologicos e folkloricos são relativamente novos e raros, e onde portanto cada um deve defender com certo exclusivismo o seu campo de trabalho, contra dilettantes e ignorantes. E senti-lo-hia e arrepender-me-hia de ter escripto estas linhas, muito sinceras, se podessem despertar em algum collector inexperiente, a infeliz ideia de começar a emendar as versões que colher, ou a colher sómente versões bonitinhas. Concordo em que toda e qualquer manifestação do sentir de um povo merece ser registada, sem exclusão do que é baixo, vil, feio, deturpado e corrupto. Todas as peculiaridades na metrificação, no estylo, no vocabulario, na construcção grammatical, todas as modificações na textura do romance, quer toquem na essencia, quer sómente na fórma, são interessantes, porque ajudam a determinar a feição mythologica, artistica, scientifica e religiosa que o povo de hoje vae tomando, caracterizando a sua evolução mental, e principalmente porque nos ensinam como as poesias populares se desenvolvem, esclarecendo um pouco o problema tão complexo da elaboração poetica popular. Vale muito a pena fixa-las e rubricar os menores vestigios que os nossos contemporaneos deixam na vetusta obra dos antepassados.

Mas o lugar para a publicação d'estes *materiaes* — destroços de um edificio meio arruinado e talvez pedras soltas para um edificio futuro — e em todo o caso contribuições para o verdadeiro romanceiro geral da peninsula é a *Revista Scientifica*, folklorica ou glottologica, que se dirige aos especialistas (como Coelho, Munthe e outros o reconheceram e como Leite de Vasconcellos o sabe perfeitamente, apesar de ter tergiversado um instante). Não é o *livro* que falla ao grande publico e que devia ser até certo ponto uma obra d'arte; e muito menos deve ser um livro destinado ao povo e ás escólas.

E quanto á justiça da lei que decreta que o folklorista nada tem que escolher, retocar, restaurar e emendar [1] digo, que ella não distingue, como devia, entre o simples colleccionador de materia prima e o editor critico de textos contestaveis, nem entre erros collectivos e duradouros e erros momentaneos e individuaes. O primeiro, sim, deve publicar diplomaticamente aquillo que encontra, apezar de ninguem

[1] Os proprios legisladores não são sempre consequentes. De vez em quando, quando bom lhes parece, lá se atrevem a leves emendas, corrigindo um erro boçal, riscando uma palavra superflua, preenchendo uma lacuna, limando um vulgarismo ou advertindo pelo menos por parenthesis, grifo, aspas e outros signaes admoestadores, de como não acham irreprehensivel tudo quanto fazem imprimir.

lho tomar a mal se amontoa em notas elucidativas as suas observações sobre o merito, a genuinidade e as falhas dos seus textos. O segundo não póde deixar de exercer o papel muito menos commodo e bastante melindroso de selector, restaurador e corrector. O primeiro póde ser apenas um erudito, o segundo deve ser erudito e artista — como Nigra, Milá y Fontanals e Grimm. Tambem tem que respeitar as manifestações da alma popular escrupulosamente, conservando tudo quanto não fôr visivelmente falseado. Mas além d'isso, longe de sanccionar os erros que reconhece, deve sanal-os tentando emendar as deturpações da medida cadencial e do consoante obrigado, eliminando interpolações inuteis, ou antes indicando onde ha lacunas e conjecturando como poderiam ser preenchidas, procurando e escolhendo até encontrar *a verdadeira* lição. Não fallo do infeliz methodo de collacionação justamente censurado, nem de retoques arbitrarios. Tal qual é praxe fazel-o nas edições criticas de auctores conhecidos, trata-se simplesmente de restabelecer quanto possivel a versão genuina do texto original.

Escusado é, portanto, dizer que o critico deverá prestar contas exactas da sua gerencia, lançando em notas, finaes ou marginaes, a lista total das deturpações por elle corrigidas como outros tantos documentos elucidativos, dando a razão do porquê das suas emendas, e fornecendo todas as variantes que recolheu. As difficuldades da empreza são relativamente pequenas, comparadas com as que offereceram p. ex. certas epopeias, os Nibelungen e Homero, desenterradas do pó dos archivos seculos depois da sua creação, quando já não pertenciam á tradição oral. Os romances, pelo contrario, nunca morreram, vivem ainda hoje em centenas de boccas: ha d'elles multiplices variantes nas differentes provincias de Portugal, em Galliza, nas Asturias e em Catalunha, e parallelas até fóra da Peninsula, na Italia do Norte, na França meridional, i. é em todos os paises romanicos e em certos casos mesmo na Escocia, Allemanha, Suecia, etc., que já foram estudadas em parte por mestres como Wolf, Koehler, Liebrecht, Nigra, Child, Grundtvig, Bugge. E quanto á lingua, o seu vocabulario é bastante restricto, o estylo sobrio e typico, cheio de fórmas tradicionaes e de phrases feitas, de sorte que muitas restituições são faceis de achar, e o que é essencial e de maxima importancia: o costume de cantar os romances persistiu em varios pontos do paiz e fóra d'elle. Ha, pois, quasi sempre um meio de aferir os textos estropiados na recitação por aquelles que acompanham a musica, i. é, de collocar ao lado de textos degenerados os textos bem-conservados.

*

Mas voltemos ao tratado do snr. Munthe. A inferioridade dos textos que elle fornece, provém principalmente do ponto de vista que escolheu, obrigado pela «dura necessidade», e não por systema. Só por

não ter o tempo sufficiente para se familiarizar com as lições cantadas em côro, é que elle se contentou com versões recitadas, uma só vez, por uma unica pessoa. E só por não poder recolher o material necessario para a reconstrucção dos textos defeituosos fornecidos pelas suas informadoras é que os publica diplomaticamente com a possivel exactidão, certo de que mesmo no estado de deturpação em que os offerece, são dignos de despertar o interesse dos curiosos. Tão conscienciosamente procedeu que, desistindo de qualquer retoque, nem quis substituir os O e E atonos por U e I, como exige o dialecto asturiano, uma vez que os escrevera com O e E no acto em que Carmen e Antonia dictavam.

No fim accrescentou, comtudo, um pequeno commentario (de duas paginas) pelo qual se vê que o auctor, partilhando até certo ponto as ideias por mim emittidas, reconhece a necessidade do trabalho critico e vae procurando nas publicações dos seus antecessores a base para o exercer [1].

Os poucos que entram n'este numero são conhecidos em Portugal.

Agustin Duran, o benemerito editor do *Grande Romanceiro Geral*, publicára já em 1854 umas cinco amostras de romances populares asturianos que lhe foram communicadas pelo marquez de Pidal [2]. Pouco depois (1858) as mesmas amostras foram repetidas por Don J. M. Quadrado na obra *Recuerdos y Bellezas de España, Asturias y Leon* (p. 236-37) e pelos traductores de Ticknor (II, 460 e I, 68). Mais tarde Amador de los Rios fez imprimir com importantes notas explicativas no *Iahrbuch* de Ebert (1861) [3] duas duzias de romances ineditos, por elle recolhidos da tradição oral, e posteriormente o mesmo sabio tratou mais amplamente da poesia popular asturiana no VII volume da sua *Historia da litteratura hespanhola*, (Parte II, Cap. XXII «*La Poesia Popular hasta el reinado de Carlos* I»), illustrando a sua dissertação com fragmentos de poesias novas que descobrira posteriormente e que tencionava coordenar n'um romanceiro asturiano — o que não chegou a fazer. Modernamente Giner Aribau (pseudonymo de D. Eugenio Olavarria y Huarte) insertou na *Biblioteca de las tradiciones populares* um estudo sobre o Folklore de Proaza de Asturias [4]. O trabalho mais proficuo é, comtudo, o riquissimo *Romanceiro asturiano* de Menendez

[1] O texto tambem dá provas do trabalho critico do collector. Munthe mette entre parenthesis o que lhe parece espurio; indica as lacunas; põe interrogação onde duvida da legitimidade de uma palavra; marca os defeitos da rima e medida; conta as linhas e explica em notas algumas fórmas dialectaes e deturpadas.

[2] *Biblioteca de Autores Españoles*, ed. Rivadeneyra, vol. X, p. LIV. — Os romances publicados por Duran são: 1.º) *O Romance de D. Bueso* (composto de 30 linhas recitadas por Pidal, assim como elle se lembrava de as ouvir em pequeno, e com mais 62 reconstruidas ou inventadas pelo mesmo para completar a aventura de D. Bueso); 2.º) *O Romance do Marinheiro;* 3.º) *Ay Juana cuerpo garrido;* 4.º) *Ay un galan d'esta villa.* — *D'onde los xastres vienen* não é Romance.

[3] Volume III, p. 268.

[4] Tomo VIII, Madrid 1886.

Pidal [1], formado com a herança de Amador de los Rios [2] e com uma collecção muito abundante que o proprio editor grangeou durante reiteradas excursões ás Asturias.

D'estes trabalhos Munthe parece desconhecer apenas o capitulo da *Historia da Litteratura*. Cita os outros occasionalmente, p. ex. no seu opusculo sobre o dialecto asturiano (p. 7) no prologo da *Folkpoesi* (p. 4) e tambem nas dezasette illustrações das notas finaes. Refere-se, comtudo, como é natural, de preferencia á collecção de Menendez Pidal, que deixou na sombra os seus predecessores. Este, pela sua parte, remette o estudioso, de vez em quando, ao «Jahrbuch» e ao «Folklore de Proaza», fazendo ainda comparações com textos extra-asturianos dos romanceiros de Th. Braga, Ballesteros, Almeida Garrett, e do vasto repertorio de Duran.

Num estudo comparativo completo não deviam faltar, além d'isso, referencias mais amiudadas aos romanceiros catalães de Milá y Fontanals e Pelayo Bríz e aos portuguezes de Leite de Vasconcellos, Coelho, etc. e aos Cantos de além dos Pyreneus.

Dos 17 romances de Munthe, só tres me parecem ineditos (os n.os 11, 12 e 16): os restantes são apenas variantes mais ou menos differençadas de poesias já conhecidas.

Pena é que Munthe não desse aos seus romances epigraphes, que indicassem *a priori* ao leitor quaes os cyclos a que pertencem, facilitando assim a confrontação com os parallelos nacionaes e internacionaes. Nas minhas observações remediarei este pequeno inconveniente, e indicarei ainda as assonancias de cada romance, que occupam um lugar tão proeminente na sua respectiva evolução.

*

N.º I. *Penitencia de D. Rodrigo.*—Variantes asturianas em Pidal, n.os 1 e 2.—Parallela castelhana em Duran, n.º 606.—Cfr. Milá y Fontanals, Poesia heroico-popular, Cap. II.—Assonancia: Í-A. Moralidade: *Per quae quis peccat, per haec et torquetur.* No cyclo carolingio ha uma lenda parecida. O monge Wettin teve, sonhando, uma visão em que viu o imperador Carlos Magno no inferno, atormentado, depois de morto, pelo mesmo castigo que os Romancistas peninsulares impozeram ao rei godo emquanto vivo — está visto que para expiar peccados iguaes. — A cobra é substituida por um animal immundo «*une bête immonde*». — V. Gaston Paris, Charlemagne, p. 36 e 426 e cfr. p. 433 onde ha observações importantes sobre a significação primitiva, mythica, da Philadelphia.—As tragicas tradições sobre a morte do ultimo

1 Coleccion de los viejos Romances etc. Madrid 1885.

2 Pertencem ao fundo antigo os n.os 12, 20, 23, 31, 32, 34, 35, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 58, 67, 69, 74, 75, 76 e 87.

Desconheço os materiaes que me consta terem sido publicados em setembro de 1870 na *Ilustracion Española y Americana* e outros publicados no volume primeiro da *Revista Iberica*.

Rey Godo ultrapassaram as raias de Portugal. A lenda historica [1] conta até que o vencido do Guadalete fugira para Portugal, e que annos depois do seu desapparecimento uns pastores de *Viseu* encontraram «em huma horta» ou «nas covas da Pederneira» a sua sepultura com um letreiro que dizia: «*Aqui yace D. Rodrigo postrimero Rey de los Godos*» ou tambem «uma caixa de pedra com hum boraco a hum canto por onde dizem que entrava a cobra de duas cabeças que com huma lhe comia as partes podridas e com outra o coração» [2]. O apocrypho Poema da Cava, indigesto producto da fabrica Leitão & Brito, só falsissimamente se póde allegar como «hum *romance* feito em memorial d'aquelle caso» [3]. Se houve romances portugueses sobre D. Rodrigo, resta ainda descobri-los; por ora só póde provar-se que o *assumpto* foi uma vez popular n'esta terra, e que a poesia palaciana se apoderou do argumento.

Garcia de Albuquerque, por exemplo, improvisando em 1498 umas estrophes humoristicas sobre a morte desastrosa de um cavallo e a salvação milagrosa do cavalleiro que o montara, alludiu á fama de «má lingua» que este gosava, dizendo que João Gomes, caso lhe quizessem applicar a medida biblica, como ao Rei Rodrigo, devia pagar *com a lingua* as suas trovas de maldizer.

Vossa pendença fareis
como fez el Rei Rodrigo;
mas **em moimento, vivo**
com cobra *não entrareis!*
Porque se assi o fazeis
pagareis
pola lingua, com rezam,
o trovar de maldiçâo!

No mesmo Cancioneiro de Resende, que conserva estes versos aulicos (vol. III p. 196), encontro uma allusão ao *presagio del Rei Rodrigo* — provavelmente á apparição prophetica da Fortuna (Wolf 5 a) e não á da Morte, referida no Romance asturiano — (vol. II p. 381); outra *á Cava* (II 4 onde em lugar de *le Tabla* é forçoso lêr *la Cava);* outra, terceira, á desfeita de Xerez de la Frontera (II 281) etc., etc. Mas ha mais ainda:

Um seculo mais tarde, na travessia da Africa, dias antes do infausto desenlace de Alcacer-Quebir, os cantores da capella real entoaram, segundo os dizeres dos Chronistas, um fragmento de um Romance castelhano — escolhendo fatidicamente a sentidissima lamentação do vencido de Xerez o qual «*nem fora achado vivo nem morto*». O

[1] *Chronica de D. Pedro* I. Año 1321. Cap. XVIII.
[2] *Livro de Linhagem*, p. 248.—*Leitão Andrada*, Miscell., Dial. VI. — *Santuario Mariano*, livro II, Bispado de Vizeu, p. 502.
[3] V. Leit. Andr.; Miscell., Dial. XVI, p. 333 da edição moderna.

Romance a que pertencem os celebres versos elegiacos cantados em occasião tão funesta:

> «*Ayer era rey de España*
> *hoy no lo soy de una villa* [1]».

era, n'aquelles tempos, dos mais afamados, e foi citado e parodiado innumeras vezes, aquém e além-raia.

O que é impossivel decidir é se Garcia de Albuquerque e os outros poetas portuguezes que se referem á lenda da cobra [2], conheciam um parallello, portuguez ou castelhano, do Romance asturiano de que tratamos ou simplesmente uma redacção em prosa do facto narrado em tantos livros peninsulares de historia e genealogia. O que é certo é sómente que o *Romance da Penitencia de D. Rodrigo* é verdadeiramente popular e antiquissimo.

A redacção, recolhida por Munthe, não é perfeita. Tem algumas linhas deturpadas (13-16). Falta-lhe uma (a 18.ª; talvez *conforme lo merecia?)* e no principio como no fim apresenta accrescentos que me parecem postiços, não da propria lavra de Antonia, mas sim bocados emprestados de outros Romances em —ia. Felizmente, não destoam, —materialmente. Idealmente, estragam, no meu sentir, o effeito tragico do assumpto.

Compõe-se o pequeno preludio combinado por Antonia de tres pares de linhas, todos tradicionaes, da categoria dos que os juglares do seculo XVI costumavam antepôr aos dialogos dramaticos com que nos Romances velhos o poeta ía immediata e muito poeticamente *in medias res*.

O primeiro par: *Don Rodrigo fué á caza, á caza como solia*, e que desenha narrativamente a situação em que devemos collocar o heroe do Romance, pertenceu originalmente ao Romance cavalheiresco

---

[1] P. ex. por Cervantes no D. Quixote (II cap. 33).

[2] Lembro ainda um trecho de uma comedia de Moreto em que, com relação á consciencia atribulada de um malvado, se prophetisa que ella será mordida

> *Como de la sierpe estaba*
> *mordido Rodrigo el bravo*
> *que le mordió por la Cava!*

E lembro igualmente duas passagens do D. Quixote, apontadas por Duran e Munthe, mas pouco conhecidas em Portugal que mencionam os *Romances*. A primeira diz: «*yo he oido decir... que... de entre los brocados, pasatempos y riquezas sacaron á Rodrigo para ser comido de culebras, si es que las trovas de los Romances antiguos no mienten;*» a segunda com declaração mais directa: «*un Romance hay que dice que metieron al Rey Rodrigo vivovivo en una tumba llena de sapos culebras y lagartos y que de allí a dos dias dijo el Rey desde dentro de la tumba con voz doliente y baja:*

> «*Ya me comen, ya me comen*
> *por do mas pecado habia*».

ou antes ao «*Mährchen-Romanze*» da *Enfeitiçada*, *Donzella encantada* ou *Infantina*. Tornadas estereotypicas, as duas linhas que formam innegavelmente uma boa introducção, foram porém, repetidas mais tarde frequentes vezes com leves ou fortes variantes, p. ex. nos Romances asturianos e catalães de *Flos e Blancaflos* e de *D. Alda;* nas *Cidras do Amor;* [1] no *Conde Claros;* no Romance da *Nodriza* [2] etc., etc.

O leitor ouça e compare:

1.	A cazar va el caballero [3] á cazar como solia.	[Duran 295; Wolf. 151].
2.	A caçar se foi D. Jorge a caçar como solia.	[Açor. 1].
3.	A caçar andava Almendo a caçar como sohia.	[Algarve p. 41].
4.	O caçador foi á caça á caça como sohia.	[Alm. Garr. II 23, Bellermann 15].
5.	Foi el Rei longe caçar a caçar como sohia.	[Madeira p. 360].
6.	D. João foi para caça foi á caça a porfia.	[Rom. Ger. 10].
7.	Indo um cavalleiro á caça á caça de altaneria.	[Rom. Ger. 11].
8.	Caçador que foi á caça na caça lhe foi o dia.	[Açor. 2].
9.	Caçador que ia á caça caçador que á caça ia.	[Açor. 3].
10.	D. Pedro se foi á caça D. Pedro á caça ia.	[Leite de Vasc. 15].
11.	Caçador que vae á caça á caça vae, vida minha.	[Coelho; Groeber III].
12.	Um cavallé s'en va à la cassa per San Miguel aquell dia.	[Milá 213].

1 Madeira p. 340, 354 e 360.

2 Milá n.º 33.

3 Costumava-se cantar esta redacção castelhana em Portugal nos tempos de D. Francisco Manoel de Mello. V. Fidalgo Aprendiz p. 248 da ed. de Leão de França.

Tudo isso pertence a redacções da *Enfeitiçada* [1]. — Temos imitações p. ex. no Conde Flor: *El Moro non fué a cazar, non cazá como solia,* ou *A cazar iba el Rey moro a cazar como solia.* (Pidal 19 e 20) ó *Lo cassador de la reyna ja n'ha cassat nit y dia* (Briz II 159); no Conde Claros: *A caza va el emperador a San Juan de Montiña* (Duran 364); em D. Alda: *A cazar va el Rey Pedro* (ou *iba D. Pedro*) *a cazar como solia* (Pidal 46 e 47) e em muitos outros, cuja lista formei.

O segundo par: *Non encontró cosa muerta nin tampoco cosa biba* não é tão vulgarizado, apezar de fazer parte de alguns dos mesmos Romances da Enfeitiçada e do Conde Flor [p. ex. em duas versões de Catalunha, Milá N.º 213 e Briz II 159]: *no trova perdiu ni dayna ni cassa morta ni biva* ou *no 'n troba llebre ni dayna ni de morta ni de viva.* Geralmente conta-se que o caçador já perdera o seu falcão, ou a furoa, e já levava os cães cançados, ou ainda o cavallo sem ferraduras — tudo isto para preparar o publico á triste sorte que o dia aziago pronosticava com os seus agouros ao heroe.

O terceiro par de linhas: *La traidora de la Muerte nel camino le salia* lembra outras apparições propheticas: a da Morte como no romance português de *D. Aleixo* [Açor. 22 e 23; cfr. Milá 211 e 238]; da *Fortuna* como em um romance castelhano de *D. Rodrigo* (Duran 602), e no texto português da *Donzella que se fina de amor* (Açor. 13); ou ainda do *Peccado* em Leite N.º 26.

Mas que arte! que singeleza! que sobriedade! que apparencia de espontaneidade mesmo nestas redacções *arranjadas* de segunda mão por recitadoras inexpertas! Não admira que taes arranjos enganem sempre de novo e passem por lições genuinas; nem admira que taes e quejandas introducções jograleseas se inculcassem no espirito dos populares modernos de tal modo que elles hoje julgam de ineluctavel necessidade o acompanharem de prologos explicativos no principio, de versos de transição no meio por entre as scenas ou os differentes actos de um drama, e de epimythos finaes, como desfecho, os romances *que recitam.* Quando os conhecem applicam phrases tradicionaes, bordões poeticos; e, na falta d'elles, enarram desenvolvidamente em prologos explicativos em **prosa** a ideia que formam da situação e dos personagens. Isto é hoje regra geral: mas applicam-na *sobretudo* quando recitam diante de senhores finos da cidade que julgam incapazes de comprehender, logo á primeira, poesias com que elles, pela sua vez, se familiarizaram muito, pouco a pouco [2].

As formulas de fecho e remate são menos convencionaes, do que os preludios: nem todos os grupos de Romances as possuem e applicam.

[1] Variam as introducções apenas na versão michaelense (Romero II p. 153) e na italiana de Monferrini, N.º 55 *La fyglia del Re.*

[2] NB. Seguia aqui um estudo sobre as principaes phrases feitas; as linhas de convenção; modismos proverbiaes, logares communs romanticos: episodios typicos etc. etc. do Romanceiro Peninsular. Por ser bastante extenso, documentado como ia com numerosissimos exemplos, ficou reservado como tratado independente para um artigo especial, posterior.

Distinguimos de entre as mais usadas tres especies:

A primeira consiste em sentenças proverbiaes, á moda das moralidades do Isopete medieval ou em forma de conselho dado ao publico para o qual o rhapsodo popular cantava ou contava. Exemplos: Açor. 22 e 23; Munthe 2 b; Duran 362 e 327; Algarve 28, 74 e 111, 117. A segunda repete como final os termos da introducção, especie de eco ou de estribilho (Leite 4, 7, 8, 9 e 12. Briz II 163). A terceira consiste em uma formula de benção, originaria de Romances sacros e de orações, e de lá transplantada para os cavalheirescos. A cadencia final do nosso Don Rodrigo:

«Dichoso de Don Rodrigo
que pa lus cielos camina!»

é quasi igual ás ultimas linhas do *Marinheiro.* (Munthe N.º 15):

Dichoso del marinero
pa los cielos caminaba!

e ás da *Agua de S. João* (Leite 3): *Ditosa da donzellinha que á fonte foi buscar agua!* Cfr. Munthe VII A 103-104; VII B 96-97.

Para Romances em *í-a* temos as formulas de benção: *Valga-me la Virgen Santa, Valga me Santa Maria!* ou *Nuestra Señora me valga! Valga-me santa Maria!* ou *Valha-me deus! deus me valha! Valha-me a virgem Maria!* [Munthe 8; Proaza 1; Pidal 77; Amador 1; Açor. 1.]; transformadas para os que assoam em *á-a* em:

Valga-me Nuestra Señora
nuestra señora me valga!
ou *Valga-me Nuestro Señor*
valga-me la virgen santa! (Munthe 10).
ou *Valga-me la virgen pura*
la bendita madre santa! (Proaza 4).

para os em *ó* em:

Valha-me nossa senhora,
valha me o redentor! (Coelho, *Groeber* 3).

para os em *é-a* em:

Nuestra señora me valga!
Valga-me la Madalena! (Proaza 3).

phrases estas que se pódem variar *in infinitum,* sobre a base do Agiologio Peninsular. A's vezes mudam de lugar, apparecendo mesmo no meado e no principio das poesias (Açor. 185; Romania III 263, etc.)

Para todos os Romances sacros em geral ha o desfecho:

Gloria seja dado ao Padre
e a deus filho tambem!
Gloria ao Espirito santo
para todo sempre: Amen!

No nosso Romance a formula de benção é, comtudo, apenas, um ultimo appendice a uma completa *scena* final postiça, na qual o peccador penitente apparece transformado em santo e martyr. O seu passamento é assignalado por alguns dos milagres typicos da morte de peccadores arrependidos: os sinos tocam *motu proprio* [1] e as velas accendem-se no altar sem que pessoa alguma lhes tocasse. As velhas chronicas, o *Flos sanctorum*, e os Romances dão muitos exemplos d'estes milagres. Lendas sobre campanas maravilhosas, não faltam em país algum e são bem acceites na Peninsula. Quando Silvaninha ou Delgadinha, a Beatrice Cenci hespanhola, morreu *«las campanas del paraiso, ellas de sou se tocaban»* (Pidal 76; cfr. N.º 1, 2 e 74). Na morte da Condessa Alarcos: *os sinos que se dobravam!* No finamento da Devota da Ermida: *ya se tocan las campanas, y nadie las ataña; ya se encienden las candelas y nadie las encendia»* (Pidal 69) etc., etc. No *«Wunderhorn»* allemão se conta o mesmo facto [2]:

Und da sie an die Kirche kamen
da fingen alle Glöckelein zu laüten, laüten an;
sie laüten so hübsch, sie laüten so fein,
sie laüten den Markgrafen ins Himmelreich hinein (p. 481).

Esta scena final do Romance parece ser apenas uma ampliação da ultima linha do romance castelhano, que diz de Don Rodrigo:

«al cielo derecho se iba!» (Wolf 7);

a não ser que a tal linha se deva considerar como reducção da scena?

(Continúa).

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

1 Phenómeno este que se deu realmente por occasião de terremotos etc., mas que impressionando a phantasia popular, passou para o repertorio dos *motivos romanticos, lyricos* ou, por outra, á mythologia poetica internacional.—Um antigo documento historico português conta como no anno de 1356 *as campaas se tangião nos campanarios de seu.*—O Infante D. Juan Manuel tambem refere no *Tractado de las Armas* (p. 259 da Ed. Rivadeneyra) como no momento de a infanta D. Sancha, filha de D. Jaime de Aragão, morrer desconhecida no hospital de Acre, onde estava servindo humildemente os romeiros, *todas las campanas de la villa se movieron á tañer por su cabo, como las tañen cuando hay algun cuerpo finado.*

2 P. S. Hoje—Setembro de 1890—posso allegar ainda do Romance italiano de *Sant'Alessio* a linha 23; *«i cióche s'bäto suné»*, remettendo o leitor português ao incomparavel livro de Nigra «Canti Popolari del Piemonte»—(Torino 1888) N.º 148.

MISCELLANEA

I

Etimolojía de Moleiro

Moleiro. E' tão rara a permanencia de *l* medial, descoberto, em vocábulos portugueses de orijem latina, popular, que a sua conservação em *oliveira*, *olival*, *males*, *valer*, *palito*, *mula*, *moleiro*, e outros, requere detido exame para ser explicada. Vou-me ocupar agora do último, e procurarei ao depois achar a razão dos outros.

E', na verdade, extraordinaria em *moleiro* a permanencia dêste *l*, que desapareceu em mais vocábulos conjéneres: *mó*, *moer*, *moínha*, *moínho*, *moenda*, não citando *moajem*, que é moderno.

Supor influencia castelhana ou raiana é inadmissivel, visto que estes diferentes termos devem ter andado sempre associados desde os inicios da lingua, sofrendo conseguintemente alterações análogas.

Para explicar, pois, como o latim molinarium deu em português *moleiro*, emquanto que molere e outros afins deram *moer*, *moínho*, etc., temos duas hipóteses a que recorrer:

1.ª molinarium *mol'narium } : *molleiro*: *moleiro*.
2.ª *mon'larium }

A 1.ª hipótese supõe simples supressão do *i* pretónico; a 2.ª, metátese das consoantes das duas silabas consecutivas, -lina-: -nila-: a forma resultante será igual, *mollario, **molleiro*, por assimilação, regressiva na 1.ª, progressiva na 2.ª, de *n* a *l*, e queda do primeiro *l*, assimilação oposta à que se deu em *no (en lo)*: [*en*] *no*, na cual prevaleceu o *n*. A metátese contraria é vulgar no vocábulo *fulineiro* por *funileiro*, talvez por influencia de *folha*.

A primeira hipótese, todavia, daría como resultado mais provável *molneiro*, como *solteiro* de solitarium, ou *mouneiro*, como *outeiro* de altarium, *poupar* de palpare, consideração que já nos levará a preferir a segunda.

Viterbo cita a forma antiga *monleiro* (sub voc. *conducteiro*), em texto do XII século, o que confirma a preferencia, isto é, que houve metátese de -lina- em -nila-, produzindo-se as outras alterações já dentro do português. Assim as formas successivas devem ter sido molinarium *monilarium *monelario *mon'lario: *monleiro (*molleiro)*: MOLEIRO: permaneceu o *l* por estar protejido pe'lo *n*; caiu êste por fim, porque o grupo *nl* deixou de ser usual no portu-

guês posterior, quer neste vocábulo o consideremos igual a *on'l*, quer a *õl:* effectivamente vogal nasal seguida de *l* só a vemos na junção consciente *en* a primitivos com *l* inicial, com *enlear*, *enlodar*, e em *conluio* e seus derivados.

Viterbo traz MOINHEIRA *ou* MOLINHEIRA no sentido de *moinho de moer pão*, exemplificando o primeiro com um texto de 1501. Entendo, porém, que tanto MOINHEIRA como o galego *moinheira*, são derivados directos de *moinho*.

Derivados directos e imediatos me parece que são igualmente o castelhano *molinero*, o italiano *molinaro*, o provençal *molinier* e o catalão *moliner* (de *molino*, *molin*, *molí*). O italiano *macinaio* tem por orijem *macina*, o latim machina. O francês *meunier*, com as mais das diferentes formas dialectais aduzidas por Littré, assenta no típo *mol'narium*, como afirma. O borguinhão *maguier*, porém, e o italiano *mugnaio*, devem provávelmente atribuir-se a um típo *mach[i]narium. Cf. *cigno*, *cigne* de cychnum.

O snr. Leite de Vasconcellos adverte-me que num texto alentejano do seculo XVI ha MOLINHEIRO = *moleiro*. Pode ser influencia do vocábulo *moinho* sobre o castelhano *molinero;* assim se explicaria o *molinheira* citado.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

II

NOMES POPULARES DOS DEDOS DA MÃO

Na *Feira dos annexins* de D. Francisco Manoel de Mello (ed. Innocencio, 1875), pg. 38, vem por este modo os nomes dos dedos da mão: «—Não são iguaes os dedos das mãos.—O senhor aqui é *o maior de todos*.—Cuidei que era o *mata-piolhos*.—A' vista de vossemecê sou o *meminho*.—E eu sou o *vizinho* [1].—Pois eu serei o *fura-bolos*.—Ora bem temos dedelhado!» Como se sabe, o auctor é do sec. XVII. Taes nomes encontram-se ainda hoje na tradição: sómente em vez de *meminho* tenho ouvido dizer: *mèndinho* (Beira-Alta), *menino* (Minho) e *maminho* (Estremadura: Obidos).

J. L. DE V.

[1] Num ms. d'este livro (lettra do sec. XVIII), que eu possuo, por compra que fiz na livraria Coelho, da R. Augusta, em Lisboa, lê-se *(Dial.* II § 6): «e eu *o seu vezinho*». O meu ms. intitula-se METHAPHORAS OU FEYRA DOS ANEXINS — *seu autor D. Francisco Manoel de Mello*, e não contém a 2.ª e 3.ª parte publicadas por Innocencio; mas tambem d'elle não consta que a obra fosse maior do que como está no ms.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

H. d'Arbois de Jubainville. *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux habités en France. (Période celtique et période romaine.)* **Avec la collaboration de G. Dottin. Paris, Ernest Thorin, 1890. 8.º** XXXI—**703.**

Esta nova publicação do eminente professor do *Collège de France* e infatigavel director da *Revue celtique* tem duas partes distinctas, como indica o seu titulo, mas ligadas por um estreito laço, pois que os nomes de logar de que especialmente se occupa derivam de nomes de proprietarios.

No prefacio, em que expõe o plano da obra, dá-nos o sr. de Jubainville (p. X-XII) uma lista de nomes de lugar da Gallia compostos d'um nome d'homem e um appellativo, e provenientes do tempo do imperio romano, como *Arganto-magus*, campo d'Arganto, *Eburo-dunum*, fortaleza d'Eburo, *Vitu-durum*, fortaleza de Vito, *Claudio magus*, campo de Claudio, *Germanico-magus*, campo de Germanico. O typo d'essas formações é celtico e encontramol-o na peninsula iberica em *Flavio-briga*, fortaleza de Flavio, *Augusto-briga*, fortaleza d'Augusto, etc. No periodo merovingio apparecem na França formações semelhantes, mas de typo germanico.

Um *Post scriptum* ao prefacio refuta uma critica infundada feita ao auctor da obra por Fustel de Coulanges, o admirado historiador, cujo notavel talento não excluiu por vezes deploravel leviandade.

O primeiro dos dois livros em que se divide a obra do sr. de Jubainville comprehende, completando-os com novos capitulos e additamentos menores, um artigo inserido na *Revue celtique* (VIII, 201-229) e parte d'outro inserido tambem nessa mesma revista (VIII, 97-104). O auctor tracta com a clareza e a larga erudição que o distinguem a questão da historia da propriedade immovel em França, buscando mostrar que os celtas, tendo se estabelecido no paiz que depois recebeu o nome de Gallia, repartiram o solo entre os seus diversos ramos, ficando este propriedade collectiva de cada povo, e que a aristocracia de cada povo subdividiu em seguimento as terras entre si e as gosou a titulo precario. Esse processo, diz o auctor, é o que parecem ter seguido, em toda a Europa, os conquistadores indo-europeus.

Uma plebe vencida, constituida dos povos pre-celticos, ficou sob o dominio d'essa aristocracia, que a tractava, ainda no tempo de Cesar, continúa elle, pouco mais ou menos como os romanos tractaram os seus escravos: *pene servorum habetur loco*. A importancia dos povos pre-celtas da Gallia é plenamente reconhecida por um historiador e philologo, como o sr. d'Arbois de Jubainville, a quem não são extranhos os resultados da anthropologia e da archeologia, comquanto não os aproveitasse, na medida do que cumpria, na sua valiosa obra *Les premiers habitants de l'Europe*, segundo a critica já notou. Mas qual seja a parte d'esses povos, que os celtas vieram dominar, no onomasticon, nas instituições, no caracter da Gallia, no momento da conquista romana, eis o que em é extremo difficil averiguar, comquanto o progresso dos estudos chegue talvez a permittir assentar demonstrações onde hoje só se apresentam hypotheses. Esses estudos mostrarão se deve ou não acceitar-se ou restringir-se muito a seguinte asseveração do auctor: «Os nomes das correntes d'agua e das montanhas (da França) que remontam á antiguidade, pertencem pela maior parte a uma ou muitas linguas anteriores á conquista celtica, e são inexplicaveis para nós». O conhecimento das linguas neo-celticas e dos vesti-

gios das linguas celticas antigas não nos parece já assás avançado para que possa affirmar-se que taes e taes nomes não são celticos e pertencem ás linguas pre-celticas. Em todo o caso não podemos deixar de pensar que tenham subsistido nas designações geographicas vestigios d'essas linguas, fundando-nos em numerosos factos analogos, comquanto d'outro lado tambem factos analogos nos permittem affirmar que uma camada nova de população modifica muitas vezes os nomes de rios e de montanhas; basta lembrar o facto de que o Baetis teve primeiramente o nome de Tartesso e que os arabes lhe deram o actual de Guadalquivir. Onde estão muitos dos nomes antigos das montanhas da nossa peninsula,—Vindius, Idubeda, Orospeda, Herminius, etc.?

O primeiro livro da obra do sr. de Jubainville é um quadro, que o auctor facilmente completaria, da organização social da Gallia celtizada, no momento da conquista romana.

Tive occasião de me referir (*Revista archeologica*, III, n.º 9, p. 138) á questão dos *oppida* dos celtas, de cuja existencia não podia duvidar-se á face dos textos antigos. O sr. de Jubainville enumera os *oppida* dos diversos povos da Helvecia, Gallia Belgica e Gallia Celtica, segundo Cesar. Os primeiros tinham doze *oppida* e quatrocentos *vici*; d'entre os segundos, os Aduatuci tinham *oppida*, cujo numero não é dado por Cesar, e *castella*: os *Bellovaci* tinham o *oppidum* de *Bratuspantium*, que devia ser enorme, pois o texto de Cesar permitte suppor que alli se reunissem quatrocentas mil almas; os *Suessiones* tinham doze *oppida* e tinham tambem *oppida* os *Nervii* e *Remi*, igualmente belgas. Na peninsula iberica muitos *oppida* foram muito provavelmente fundados pelos celtas, como attestam os nomes compostos com *-briga*, *-dunum*, *-durum* e outras particularidades. A tão afamada Citania de Briteiros, com as suas inscripções com nomes provavelmente celticos, como *Camalus* e *Coronerus*, numa região onde se encontram outros nomes da mesma proveniencia, é talvez um documento desses *oppida* dos celtas, cujos lugares fortificados na peninsula differem dos da Gallia, como d'outro lado os desta differem dos da Britannia. Comprehende-se facilmente o interesse que até no ponto de vista nacional tem para nós o primeiro livro da obra, pois os celtas foram um dos elementos ethnicos importantes da facha occidental da peninsula, em que se constituiu a nossa nacionalidade.

O segundo livro, que contem a parte onomatologica, tem para nós tambem interesse no mesmo ponto de vista, pois diversos dos nomes alli estudados ou se encontram em a nossa peninsula, ou se ligam a outros nomes que aqui se encontram.

O I capitulo d'esse segundo livro fora já publicado na *Revue celtique* (VIII, 104-149). Nelle o auctor estabelece a these de que—a divisão na Gallia em *fundi* ou propriedades immobiliarias individuaes data da epocha romana—sobre o facto de que um grande numero d'esses *fundi* conservaram nomes derivados de gentilicios romanos (p. 126). A transformação da propriedade collectiva ou da cidade em propriedade dos individuos foi um resultado do systema d'impostos que Augusto estabeleceu na Gallia e que substituiu os dizimos pagos á cidade pelo imposto pagavel ao fisco romano (p. 6 ss.). Em seguimento o auctor assenta os principios geraes relativos aos nomes de *fundi*, baseando-se principalmente em textos dos tempos da republica e do imperio romano.

O capitulo II, que fora já publicado parte na *Bibliothèque de l'Ecole des chartes* (XLVIII, 357-370), parte na *Revue celtique* (VIII, 302-345, IX, 36-63, 208-223, 301-321), é constituido por longa lista alphabetica de nomes de *fundi*, encontrados em documentos medievaes, e formados mais antigamente de nomes gentilicios romanos em *-ius* com o suff. *-acus*.

O capitulo III, de que uma parte tinha sido publicada já na *Revue des patois gallo-romains* (II, 241-256) e outra parte na *Revue celtique* (X, 153-177), tem uma ultima parte (p. 403-448) nova. E' de grande interesse a investigação de diversos nomes proprios derivados de nomes d'animaes, como *Artio*, *Artius* de *Artos*, provavelmente do appellativo *artos*, urso, derivação que dependia da ideia religiosa que se ligava a esses animaes. M. de Jubainville considera os nomes compostos asyntacticos cujo segundo termo é *genos* como exprimindo uma filiação mythologica, pelo menos num certo numero de casos, pois alguns d'esses nomes explica-

dos a p. 591 não teem por primeiro elemento o nome d'uma entidade mythica. A proposito, a obra apresenta-nos algumas particularidades relativas á divinização dos rios, dos metaes, da prova juridica que consistia em lançar ao Rheno a creança que se suspeitava filha do adulterio: se fosse legitima fluctuaria, se adulterina submergir-se-hia nas aguas do rio-deus.

O capitulo IV reune exemplos medievaes de nomes de lugares em *-acus* derivados de gentilicios romanos em *-ens*; o V de nomes medievaes de lugares identicos a gentilicios romanos em *-ens*; o VI de exemplos medievaes de nomes de lugares em *-acus* derivados anteriormente de cognomes romanos; o VII de nomes medievaes de lugares identicos a cognomes romanos; o VIII de nomes medievaes de lugares em *-i-onis*, formados anteriormente por meio de gentilicios em *-ius* e do suffixo *-o, -onis*; o IX de nomes medievaes de lugares que offerecem a desinencia *-olus* e foram formados desenvolvendo por meio do suffixo *-lo* um thema nominal em *-o, -iu, -io*; o X da desinencia *-o-iolum, -o ialum, -o-giolum, -o-gilum, -o-gelum, -o-ilum, -o-linum*; o XI do suffixo *-iscus*, que nuns casos é d'origem galla, noutros d'origem germanica; o cap. XII do suffixo gallo *-aco s*; o cap. XIII do suffixo gallo *-ico*; o cap. XIV do suffixo gallo *-ssa*; o cap. XV dos tres suffixos suppostos ligures *-ascus, -oscus, -uscus*, na antiguidade e edade media; o cap. XVI do suffixo latino *-arius*, nos nomes de lugar; o cap. XVII do suffixo latino *-etum*.

O texto da obra termina por um appendice aos capitulos 3-5 do primeiro livro, a que se seguem indices muito completos, alphabeticos e por ordem das materias.

No curso das suas discussões adduz o auctor alguns exemplos da peninsula iberica, que se desejariam mais numerosos; assim *Rectu-genus*, nome celtico de duas inscripções da Hispania no *C. I. Lat*, II, nr. 2403 (ex-voto d'um celta de Uxama ao deus Bormanico de Caldas de Vizella) e 2907 (d'um lugar perto de Burgos), o qual M. de Jubainville explica por «filho do direito»; *Medu-genus*, nr. 162 (Portalegre), explicado por «filho do hydromel». Os nomes de cidades hispanicas *Augusto-briga, Caesaro-briga, Flavio-briga, Julio-briga* conteem sem duvida o elemento celtico *briga* junto a um cognome romano; mas estará no mesmo caso *Coelio-briga*, cidade dos *Coelerni*, que parece conter na primeira parte o mesmo thema *coelo-* de que esse nome de povo deriva?

A proposito d'um nome de lugar *Turrias*, numa carta do meio do sec. XI, estuda o sr. de Jubainville uma serie de nomes a que eu liguei aqui (*Revista lusitana* I, 375) o nome de deus callaico *Turiacus*, e, considerando o thema *turo-* identico a *turro-*, como *ario-* a *arrio-*, enriquece a lista com mais algumas formas alem das que eu citei. *Turrus* é o nome d'um rei celtibero em Tito Livio (40, 49); *Turo-briga* quer dizer a fortaleza de *Turo* ou *Turro*.

A interessante serie de derivados e compostos do thema *catu-* (pp. 403-405, 474, 580-581) contem diversos nomes da peninsula: *Catuenus, Catuena* (*C. I. L.* II, nr. 431 (Freixo de Numão), *Caturus*, a que podem juntar-se *Caturonus* ou *Caturo* (nr. 639 de Trujillo; nr. 753, perto d'Alcantara; nr. 2403, Vizella; nr. 2430, Braga; 2378 Monte Baltar), *Caturis* (nr. 2685, Leão).

No meu artigo sobre *Nomes de deuses lusitanicos* nesta revista (I, 254) disse que na taboa d'hospitalidade dos Zoelas (*C. I. L.* II, nr. 2633) figuram nomes celticos. Creio que teem essa origem os nomes d'essa taboa *Arausa Bleeaeni, Turaius Clouti, Docius Elaesi, Magilo Clouti, Bodecius Burrali, Elaesus Clouti*. O sr. d'Arbois de Jubainville cita a p. 228 o nome *Docius Elaesi*, sem porém dizer se o considera celtico; mas a p. 132 dá *Magilo* como celtico e a p. 441 *Turaius* como derivado de *Turrus*. *Turus*, nome, como já dissemos, d'um rei celtibero. A importancia d'esses factos será posta em relevo noutra parte.

A obra do sr. de Jubainville caracteriza-se pois pela demonstração que dá da extensão do papel representado na toponymia franceza pelos nomes de pessoas e pela relação estabelecida entre esse facto e a historia da propriedade immovel. E' o trabalho de toponymia scientifica mais consideravel que conheço em francês. Possa o benemerito auctor dar-nos um livro sobre os antigos nomes de lugares e d'individuos, d'origem celtica, da Gallia, e apontar-nos o residuo que elle crê derivar das linguas pre-celticas.

F. Adolpho Coelho.

II

PERIODICOS

Revue des Patois (PATOIS D'EAUX BONNES). — Um notável foneticista francês, o snr. João Passy, publica no n.º 10 da *Revue des Patois*, de abril dêste ano (1890), um estudo sôbre o falar de Eaux-Bonnes, nos Baixos Pireneus. Este trabalho, minuciosissimo com referencia ao exame das particularidades fonéticas do referido dialecto, é em si uma demonstração cabal de cuanto a escola francesa moderníssima vai competindo já, no rigor da análise fonética, com as escandinavas, que são protótipo e modêlo entre todas nos resultados práticos que teem por mira.

Éste estudo, que compreende doze pájinas de observações e onze de textos orais, constitúe documento de muito interêsse, não só para o conhecimento do mencionado dialecto, mas igualmente para a fonolojia jeral, em razão dos numerosos factos auténticos e bem averiguados que encerra.

Os textos consistem principalmente em pequenas narrações e em frases de conversação ligada, diálogos verdadeiros, travados entre o analista e, cuasi sempre, um arreeiro, de nome Leopoldo, rapazito de uns quinze anos, que também fala francês, e que sabe ler.

Como o autor de vez em cuando se refere, por termos de comparação, a factos análogos da fonética portuguesa, mormente da açoriana, que bem conhece, indicarei aqui de relance algumas das suas observações e comparações, principiando por dizer que sôbre modo cativa o leitor o tom de sinceridade imparcial que êste escrito revela, e que é um dos dotes mais simpáticos, tanto do snr. João Passy como de seu irmão Paulo, bem conhecido como o primeiro foneticista francês, e cujos trabalhos já fazem escola.

— A divisão silábica vence no dialecto de Eaux-Bonnes a vocabular, cuando quem o está falando ou não sabe ler, ou se expressa despreocupadamente.

O Leopoldo separa, por exemplo, a frase *¿un èm,* «onde estamos?» dêste modo: *u nèm*; esta outra *sink òròs*, como *sin kòròs*. E', como diz J. P., «a fonética a vencer a lójica: se o rapazito não soubesse ler a vitoria sería completa.»

— O *a* tónico fica entre o *a* de *pâte* e o de *patte*. — Deve pois ser o *a* português, diferente do *a* castelhano (que é igual ao *a* andaluz, e também galego), e é frecuente em França nos pontos em que não há dois *aa* diferentes.

— Em contacto com *u* (*guarda, mau*), aproxima-se do *a* de *pâte*. — O mesmo acontece com o *a* português do sul, nas sílabas *al, au*. Diferença-se porém êste em não ser afectado pelo *u* protético. E' sabido que o *u* consoante (*w*) converteu em *o* breve muito aberto (*ɔ*) os *aa* de sílabas tónicas fechadas, no inglês moderno, quando não são seguidos de consoante gutural.

— O *a* átono tende para neutro. — Deve ter nesse caso valor análogo ao *a* átono português e inglês.

— O *o* átono parece oscilar entre *u* e *o*, isto é, um *ó* muito fechado, o que o autor indica por um zero sobreposto ao símbolo indicativo do *u*, que é um *u* modificado, conforme a notação adoptada na *Revue des Patois* (a cual, direi, me parece pecar por excesso de diacríticos arbitrarios, desligados das bases literais). — O *o* seguido do *s* dos plurais equivale a *o* aberto. — Neste último caso não concorda com o *o* português, que permanece igual a *u* reduzido.

— Há, porém, excepções a esta regra do *o* final, que em muitos vocábulos é fechado, *ô*, o que o autor representa por *ó*; assim Eaux-Bonnes diz-se no dialecto *Aigas Bonos*, com ambos os *oo* fechados.

— O *e* é medio entre *è* e *é* parisienses. — Deve ser portanto o *e* castelhano, e o algarvio de *pé*, *crer* (*middle front wide vowel* de Bell e Sweet)

— O dialecto não tem vogais nasais, á parte o *i* do vocábulo *kamî* «caminho» e as dos vocábulos franceses adoptados.

— Os ditongos decrescentes teem as subjuntivas *i*, *u* pronunciadas respectivamente cuási *ê*, *ô*, isto é, esse *i* e esse *u* são muito abertos.

— Como em português, não há distinção entre vogais longas e breves: as tónicas são mais longas que as átonas, e é principalmente por artificio oratorio, ou por emoção que se tornam decididamente longas. — E' muito sagaz esta observação; não nos diz, porém, o autor se as postónicas são, ou não, mais breves que as pretónicas, como acontece em português, por exemplo em *casaca*, *danada*, *carepa*, *dotado*, etc.

— As consoantes explosivas *g d* e também o *b* — as sonoras portanto — convertem-se em fricativas, excepto cuando estão precedidas de *n* ou seguidas de outra consoante, — isto é, na posição forte. — Como é já sabido, depois de trabalhos meus com referencia ao falar de Lisboa, e de observações do snr. Leite de Vasconcellos a respeito de outros falares provinciais, *d*, *b* assim se proferem jeralmente em português, e em alguns deles o *g* tambem é fricativo, diferente porém do γ grego moderno, o cual é velar. A descrição, concuanto brevissima, muito perspicua, feita pelo autor, do modo de articulação dessas consoantes, entre explosivas e fricativas, merece atento reparo, e a sua confirmação levará de certo os foneticistas a estabelecerem uma classe de medias, pelo menos para as sonoras, entre as explosivas ou oclusas e as fricativas ou abertas, como as observações de Brücke trouxeram a distinção, já perfeitamente caracterizada e aceita, de outras medias entre as sonoras e as surdas.

— O *r* lingual é muito vibrante — muito carregado, como nós dizemos — cuando é inicial ou dobrado no interior de vocábulo; nos outros casos consiste numa só pancada com a ponta da lingua. Precedido ou seguido de consoantes, *pr*, *rs*, etc., toma um *e* fraco intercalar. — Comparem-se-lhes os dois valores do *-r-* peninsular, e a suarabháeti de *e* em *fêvera*, e sobretudo a vulgar em *felor* por *flor*.

s parece tender para *x* cuando está seguido de consoante surda, e antes de sonora passa cuási sempre a *j*; final de vocábulo antes de vogal inicial, na fonética sintáctica, passa a *z*. — São êstes os valores do *s* português do Mondego para o sul; apenas aqui o *s* final é também *x* atenuado na pausa.

— Há jeminação de consoantes por assimilação total regressiva, exemplo: *pèrakekkamì* = *per aket kamì*. — Facto análogo se dá em português, motivado pela supressão de *e* neutro, exemplo: *ssẽta* = *sessenta*, porém, sómente, ao que parece, cuando as consoantes são idénticas; na pronunciação rápida, todavia, não é raro ouvir-se *pàkkà* = *pague cá*, isto é, dar-se a assimilação total regressiva de especie entre consoantes homorgánicas, vencendo a de maior esforço, a surda, sendo todavía, como em italiano, a primeira consoante implosiva.

O snr. J. Passy nota a analojía que existe entre a fonolojía dêste dialecto e a do português dos Açores, e diz: «Para o *o* átono e para o *s* o português concluíu já uma evolução, que no bearnês parece estar em começo. Em outros pontos, porém, a oposição é completa».

Podería, com maior exactidão, dizer do português do sul em jeral.

E' muito justa a identificação, já indicada por Sweet, do *e* neutro português à vogal, da tabela de Bell, denominada *(wide) high mixt unrounded*. Convém contudo ponderar, o que o snr. Sweet também não fez, que em conjunção com palatais esse *e* neutro átono passa a *i* reduzido, vozeado ou ciciado conforme elas são sonoras ou surdas, o que deixei bem averiguado no meu artigo sobre as Vogais ciciadas, publicado nesta *Revista* [1].

Diz-nos também o snr. J. Passy que nos Açores as terminações átonas *-go*, *-do* são ciciadas (soufflées). Em Lisboa são vozeadas; a pronúncia açoriana, pois, concorda nesse ponto com a beirã.

E' digno de leitura todo o artigo, e recomendamo-lo aos que se interessam pelos estudos dialectais e fonéticos, dando ao seu autor o aplauso que merece.

A. R. Gonçalves Vianna

[1] Vid. o 4.º fascículo do 1.º año.

Circulo camoniano. revista mensal dirigida por Joaquim d'Araujo. Porto 1890. N.os 9, 10 e 11. — Não tenho de modificar, antes tenho só de confirmar, o juizo geral que ácerca d'esta publicação formei na *Rev. Lusit.*, II, 93-94. A par de alguns estudos bibliographicos e historicos, de interesse, contém muita coisa que não passa de mera curiosidade. Já no meu citado artigo eu me referi ás cartas encomiasticas dirigidas ao sr. Joaquim de Araujo, e por elle publicadas no *Circulo;* os n.os de que estou fallando offerecem ainda outras: e o director não se contenta com publicá-las, mas acompanha-as de commentarios banaes, como elle com tanta pericia os sabe escrever. Por pouco o *Circulo Camoniano,* por este lado, se não transforma num *Novo Secretario Universal!*

J. L. DE V.

Revista do Minho (para o estudo das tradições populares), dirigida por José da Silva Vieira. Vol. IV (Esposende 1888); vol. V (Esposende 1889); vol. VI (Esposende 1890,—em publicação). Cfr. *Revista Lusit.*, I, 285.—Continúa esta *Revista* a inserir muitos documentos ethnographicos. Quem mais collabora nos volumes mencionados são, além do director, os srs. A. Thomás Pires e Armando da Silva. Um defeito material que noto na *Revista do Minho* é não ter paginação: o que difficulta as citações. Podia tambem ás vezes haver mais rigor na escolha dos assumptos: assim muitos n.os contém summarios bibliographicos estranhos á indole da publicação.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

Trabalhos diversos, cujo conteúdo interessa á *Rev. Lusit.*:

Apontamentos folkloricos famalicenses por Abilio de Magalhães Brandão *(in Revista de Guimarães,* VI, 182-207). Neste artigo o sr. Abilio Brandão reune varios materiaes colhidos em Villa Nova de Famalicão, no Minho. Uns são novos, outros são variantes dos já conhecidos; em todo o caso, teem muito interesse, e será para estimar que o sr. Abilio Brandão continue na sua tarefa, pois faz nisso bom serviço á sciencia. Outro trabalho que eu lembro ao sr. Brandão é o de recolher o vocabulario, e outros factos linguisticos ao seu alcance, da localidade em que habita. No Minho ha ainda muitos vocabulos que são desconhecidos dos philologos, e merecia a pena colleccioná-los. A *Revista Lusitana* archivaria de boa mente qualquer estudo neste sentido, tanto a respeito do Minho, como de outra região portuguesa. — O artigo do snr. Brandão comprehende o seguinte: *As maias, os farricocos, a festa do cuco, fogueiras, almas penadas, armajonas, superstições diversas, ensalmos* (sobre estes ha tambem um trabalho do sr. Ad. Coelho, *Orações e ensalmos,* publicado na *Romania,* III, 263 sqq., e outro meu intitulado *Carmina magica do povo português,* publicado na *Era Nova,* 1880-1881; vid. tambem Th. Braga, *O povo português,* indice, s. v. *fórmulas*), *lendas* e *adivinhas.* Acêrca d'estas ultimas devo notar que algumas não são populares, como por ex. a 1.ª, o *piolho* (basta ver-se que é em oitava rima, fórma desconhecida do nosso povo), a 2.ª, o *moinho* (em rima interpollada), a 16.ª, a *videira* (uma décima), etc. A's vezes é difficil separar das de origem erudita as adivinhas de origem popular, porque o genero das adivinhações foi bastante cultivado outr'ora pelos litteratos (hoje substituido pelas *charadas*), — e houve communicações mutuas entre estes e o povo.

—**Representação feita á segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa** por Delfim de Almeida, Lisboa 1890, 16 pag.—O A., que está trabalhando num *Glossario português da Idade-media e da Renascença,* publicado a expensas da Academia, requer a ésta que lhe conceda a reimpressão de algumas folhas. De passagem notarei que o sr. Delfim de Almeida possue já abundantissimo material para a sua obra, que, depois de concluida, deve

vir a prestar grande auxilio aos estudiosos. Ella é ao mesmo tempo philologica e historica.

— A *Sociedade Carlos Ribeiro*, do Porto (propagadora das sc. natur. e soc. em Portugal), além da sua *Revista*, tem publicado os seguintes trabalhos:

a) **O Museu Municipal do Porto**, de Rocha Peixoto, in-8.º, 49 pag., Porto 1888.—O A. aprecia as circumstancias actuaes d'aquelle Museu e propõe a sua reorganização. Este opusculo levantou polemica na imprensa do Porto.

b) **Paleoethnologia Portugueza**, de Ricardo Severo, in-8.º, 113 pag., Porto 1888.—O A. faz neste trabalho, que é, como livro, a sua estreia litteraria, a critica da obra de Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, cuja ordem vae seguindo. E' muito digna de elogio a rara vocação, intelligencia e enthusiasmo que Ricardo Severo mostra nos estudos da nossa paleoethnologia, vocação e enthusiasmo que redobraram de intensidade depois da visita que em 1889 elle fez a Paris, onde assistiu ás sessões do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica. Este elogio vale tanto mais, quanto é certo que o autor conta ainda muito verdes annos.

c) **As deficiencias de trabalho na Academia Polytechnica**, de Rocha Peixoto, in-8.º, 23 pag., Porto 1889.—Folheto bastante violento.

d) **A probidade scientifica do sr. João Bonança** (capitulo para o inquerito da *Historia da Lusitania e da Iberia)*, de Rocha Peixoto, in-8.º, 16 pag., Porto 1890.—Já por vezes (vid. *Rev. Lusit.*, I, 191; II, 91) notei o nenhum conceito scientifico em que tenho o sr. Bonança; por tanto louvo o sr. Peixoto pela sua tarefa, ainda que julgo que poderia ter dito mais e melhor.

— **Da Glottica em Portugal** (carta ao auctor do *Diccionario Bibliographico Português)*, por Manoel de Mello, Rio de Janeiro, 1872-1889. A impressão d'este trabalho esteve interrompida durante muito tempo, sahindo este agora póstumo.

J. L. DE V.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO:

— O excellente semanario de geographia e ethnographia «**Ausland**», editado pela casa Cotta, de Stuttgart e Munich, tem trazido desde 1887 os artigos e notas seguintes ácerca de Portugal:

1887 — N.º 2. **Uma carta do Major Serpa Pinto**, de Zanzibar, de 10 de Dezembro de 1886, á Sociedade de Geographia de Paris, e publicada no *Compte-rendu* da mesma, n.º 6 (extracto).

N.º 31. **A Africa occidental portugueza**. Summario de um artigo publicado pelo sr. Otto von Dewitz nos n.ºs 4-7 da *Deutsche Colonialzeitung*.

N.º 40. **Os meus escravos**, por Max Buchner. Excellente artigo no qual o A. narra as difficuldades que durante a sua expedição ao imperio do Muatiánvua lhe advieram do gosto inveterado que tem os negros pela compra e venda d'escravos. Descrevendo a maneira official d'alugar carregadores na Africa portuguesa, diz:

«Em parte alguma da Africa está tão bem organisado o serviço dos carregadores, como no territorio dos muito vituperados portugueses.» Accrescentando: «E' certo que isto não impede que a qualidade da gente deixe por vezes muito a desejar, e eu justamente estava destinado a não ser muito feliz neste ponto».

N.º 46. **O padrão de Diogo Cão na foz do Congo**. Noticia do descobrimento, pelo explorador sueco Barão de Shwerin, da pedra-padrão, considerada pelos indigenas como «feitiço».

Ib. **O descobrimento do Congo**. Noticia do estudo que sobre o mesmo assumpto publicou o visconde de Sanches de Baena.

1888 — N.º 1-2. **Entre os portugueses na Africa sudoccidental**, pelo Dr. Max Buchner. E' a narrativa da sua residencia em Malange pelos fins de 1878 e principio do anno seguinte, emquanto se preparava para a sua expedição ao imperio do Muatiánvua.

«As invectivas pretenciosas dos missionarios ingleses e almas congeneres tem conseguido que a pequena nação dos portugueses caisse num desdouro que

ella não merece. O insulto á grandeza decahida é sempre o que de preferencia se transcreve.

«Que povo ha, como este, de quatro milhões, de quem por toda a parte achemos tantos e tão respeitaveis vestigios de dominio benefico? Em que parte da Africa se gosa ainda a 500 km. da costa a protecção e o conforto da Europa, e onde é que, em dominio de christãos, os negros estão realmente um tanto ou quanto civilisados? Sómente em Angola, na terra dos portuguezes. E' certo que o contraste do antigo poder com a ruina de hoje se torna tanto mais flagrante. Quando os povos de 40 milhões se apresentaram em concorrencia, forçoso era que cedesse o numero dez vezes menor, e é essa a unica censura que não fere os inglezes mas sim os portuguezes.

«Na corrupção commercial pouca differença haverá entre ambos, e na feia questão da escravatura a giria hypocrita em parte alguma celebrou triumphos mais brilhantes do que entre os piedosos bretões. Ao asserto tantas vezes repetido de que os portuguezes protegiam mais que outros o commercio de escravos, póde oppor-se a tolerancia, por parte dos inglezes, do commercio dos culis no Pacifico, e só no respeito ás formulas mentirosas é que aquelles se tem mostrado superiores. Ao accusarem-se os portuguezes de facilmente descerem á condição dos negros, dever-se-hia indagar primeiramente se taes adaptações não occorrem algures. No magnifico clima da Nova-Zelandia existe a classe dos «Paquea-Maori», que vem a ser inglezes legitimos, os quaes vivem á parte dos povoados com mulheres indigenas, andando sem calças e muitas vezes sem camisa tambem, apenas, cingidos por um cobertor de lã, e com um chapeu na cabeça. Ahi effectua-se o rebaixamento da raça superior ao nivel da inferior. Na supposta barbarização dos portuguezes entre negros, sobresae a subida da raça inferior á altura da superior».

Assim principia o excellente artigo de Max Buchner, que bem merece ser lido por quem desejar conhecer a vida indigeno-portugueza na Africa. E' comica a narração que o A. faz das suas tentativas de investigação linguistica, da qual esperará fazer derivar indizivel satisfação.

«Cheio d'esta opinião antecipada, senti algum pasmo ao saber que entre os brancos, meus irmãos de raça, da minha residencia temporaria (Malange), nem por sombras reinava o mesmo interesse jocundo por aquelle objecto.» O ambundu não é mais que uma lingua de pretos, estupida e indecente, que só serve para negros; aos europeus não lhes fica bem metterem-se com isso».

«Foi pouco mais ou menos esta a resposta que recebi quando pela primeira vez revelei confiado as minhas intenções. Aquelle que me disse isto, havia mais de doze annos que vivia em Malange, e passava não só por um heroe de illustração em geral, mas ainda por uma especie de capacidade scientifica a respeito da Africa em particular, porque escrevia nos jornaes de Loanda artigos couraçados contra o governo, contra nós viajantes allemães, contra tudo... Como este pensavam os demais commerciantes. Travei conhecimento com diversos outros que tinham vivido o mesmo tempo ou mais em Angola, sem terem aprendido coisa que prestasse da lingua reinante. Até entre aquelles que pelo seu isolamento nas estações exteriores se viam obrigados a adquirir do angolense o indispensavel, que asseguravam sabe-lo bem, e que, de facto, produziam com certa volubilidade pouco natural uma torrente de palavras similhantes no som ás d'aquelle idioma, até entre esses mesmos não encontrei um unico que já tivesse descoberto o segredo palpavel dos suffixos do singular e do plural.

«Entre os brancos portanto não havia nada que fazer. Afastei-me d'elles indignado e voltei-me para os irmãos negros. Porém entre esses tambem encontrei difficuldades inesperadas. Logo o primeiro ambaquista que examinei linguisticamente sentiu-se amedrontado e deixou de me responder logo que viu que eu escrevia as suas palavras. «A nossa lingua não é para escrever; é só para fallar». Com estas palavras desappareceu para nunca mais voltar. Só mais tarde, e muito gradualmente, é que eu consegui explicar a alguns individuos mais intelligentes o sufficiente das minhas estranhas intenções para alcançar esclarecimentos. Mas a coisa ainda assim sempre lhes parecia extravagante. Alguns levavam bastante tempo até a comprehenderem o que eu queria; outros nunca me comprehenderam, só olhavam para mim espantados e cheios de medo.

«Além d'isto tornava-se muito sensivel da parte das minhas auctoridades philologicas certa incapacidade de dictar vagarosamente, sobretudo em lingua bunda. Assim como se não póde fazer com que um passaro cante devagar as suas melodias, assim tambem eu não consegui que elles pronunciassem lentamente as suas phrases. Até os que sabiam escrever o portuguès, que portanto já nem eram analphabetos, difficilmente conseguiam comprehender que tambem no seu idioma natal fosse possivel desmembrar os periodos que lhes brotavam completos do cerebro».

N.º 18. **Viagem de Silva Porto, de Bié á terra dos Bacubas.** Seg. o Bol. da Soc. de Geogr.

N.º 21. **Estudantes portuguezes,** por Gronen. Quadro fiel e gracioso da vida academica de Coimbra, em que o A. não esqueceu nenhuma feição caracteristica. O vestuario semi-monastico tão estranho a olhos allemães, a organização escolar, os exames e a *arvore do ponto*, a pasta vermelha, até a arrufada, o toucinho do ceu e os moringues de barro. Historía não só as vicissitudes por que passou a universidade, mas ainda os casos caracteristicos em que tiveram papel os estudantes, o *rancho da carqueja* [1], os desvarios inspirados pelas ideas revolucionarias no tempo da guerra civil, depois a phase poetica no segundo quartel do seculo, bem como o viver mais banal de hoje, sem esquecer as caçoadas aos caloiros, «resto de brutalidade medieval que se conservou em Portugal mais tempo que nos outros paises», e notando como coisa estranha aos usos academicos allemães, não sómente a indisciplina dos estudantes, mas, dada esta, a cobardia de reitores e senado, a incapacidade das auctoridades civis e a connivencia da policia escolar que tem impedido até hoje a repressão d'ella. Descreve enthusiasticamente a belleza poetica dos arredores de Coimbra, estranhando ao mesmo tempo a raridade, entre os estudantes, das excursões pedestres tão queridas dos seus collegas allemães, mas accrescenta que «em geral, o portuguès não tem gosto pela vida errante nem pelas bellezas da natureza». Traça um quadro brilhante da ceremonia do doutoramento quando Coimbra em festa se adorna d'esses «vistosos damascos que esvoaçando á luz do sol, sob um ceu profundamente azul, contribuem tanto para dar ás festas portuguesas um tom puramente meridional». Um pequeno glossario da giria academica e algumas cantigas conimbricenses completam este quadro pittoresco e tratado verdadeiramente *con amor*.

N.º 28. **Uma tourada em Lisboa,** por Gronen.

N.º 39. **O primeiro de Maio em Portugal,** por Gronen. Descreve as folganças tradicionaes e as practicas supersticiosas que o povo observa naquelle dia.

1889 — N.º 18. **Trajos populares de Portugal,** por Gronen.

«O desejo de produzir effeito favoravel pelo brilho do aspecto exterior é proprio, em alto grau, de todas as classes sociaes portuguesas.

«... O portuguès não usa de grande luxo quanto á sua habitação, e com respeito á alimentação é capaz de uma abstinencia incrivel, quando as circumstancias o exijam. Porém só obrigado pela extrema necessidade é que elle porá limites ao seu desejo de vestuario moderno apurado. Muitos elegantes de Lisboa contentam-se com uma chavena de chá á noite e ao almoço, ao jantar com uma sopa aguada e arroz, comtanto que tal processo emaciatorio lhes permitta apresentarem-se com vestuario primoroso, roupa irreprehensivel e chapeu-alto novo em folha. Aquelle que, desprezando este systema balofo, não teme apresentar-se com um casaco mais antigo e um chapeu fora da moda, poderá possuir elevadissimos merecimentos, porém em Portugal mais difficilmente que em parte alguma conseguirá representar o seu papel. Ora este luxo exagerado no vestuario nem sequer tem a consequencia util de fomentar a industria nacional, já que nos portos de mar as modas inglesas e francesas tem ganho o predominio, subtrahindo annualmente sommas consideraveis á nação».

[1] [Sobre o *rancho da Carqueja* vid. C. C. Branco, *Noites de insomnia*, I, 94, e a correcção d'esse art. in *O Conimbricense* de 14 de Fevereiro de 1874, acceite por Camillo in *Noites de insomnia*, II, 97. — J. L. de V.]

Só no povo rural, livre do contacto da civilização, é que se encontram no vestuario feições nacionaes. São pittorescos e originaes o trajo do alemtejano com a sua inseparavel manta, e o do proprietario rico da mesma região com a sua jaqueta chapeada de prata. E' pittoresco e prático o gabão de saragoça (a que o A. suppõe origem mourisca) «que dá aos pescadores de Lisboa quando saem á noite, de capuz para a cabeça, o aspecto de monges».

Todavia é no norte do país que se encontra mais variedade de vestuarios caracteristicos. Os trajos das camponesas do Minho são dos mais pittorescos do mundo, sendo comtudo certo que o effeito d'elles recebe um poderoso realce da formosura peregrina d'aquellas mulheres. Descreve o A. a barqueira d'Avintes, a padeira de Vallongo, a carvoeira da Maia. Todavia a feição commum no trajar feminino das provincias do norte é a profusão dos ornatos de ouro. O facto das camponesas, assim carregadas d'ouro, não temerem seguir seu caminho aos grupos, sem mais companhia, por montes e florestas, falla muito em louvor da população campesina portuguesa.

«Em condições tão favoraveis, a ourivezaria attingiu em Portugal grande desenvolvimento, sobretudo depois de affluir o ouro da India e do Brazil, e é sem duvida este o ramo da industria nacional que encontra mais applauso além da fronteira. Especialmente a filigrana portuguesa passa com razão por excellente e, segundo opinião de auctoridades, excederia até os trabalhos tão afamados dos artistas romanos e florentinos, se no extremo sudoeste da Europa a falta de modelos classicos não deixasse por vezes medrar um gosto menos puro».

A palhoça usada nas provincias do norte attrae vivamente a attenção do estrangeiro. «O inventor d'este vestuario singular, que foi seguramente um espirito altamente prático, que sabia apreciar com exactidão as condições climatericas, reconheceu a natureza por sabia mestra e tomou evidentemente por modelo as pennas das aves». Num clima chuvoso como o das provincias do norte, aquelle abrigo impermeavel e quente é simplesmente inapreciavel para aquelles cujo mister os obriga a longas andadas pela serrania inhospita, tendo além d'isso a vantagem addicional da barateza. Talvez a palhoça nos venha dos celtas. Em todo o caso é evidente que deve a sua origem a um povo no estado de natureza. «O estrangeiro crê-se transportado para fóra da Europa, a um país de civilização inferior, em circumstancias analogas ás indianas, ao ver um grupo de cavalleiros vestidos de palhoças, com o varapau nacional firmado á ilharga, similhante a uma lança, galopando pelas estradas fóra, no meio do temporal e da chuva. Assim estariam equipadas as hostes da cavallaria lusitana que sob o heroe nacional Viriato irrompiam das patrias serranias em lucta contra o dominio romano, cortando em correrias audazes as planicies da Andaluzia».

Outros trajos caracteristicos são os da gente do mar, sobretudo o dos pescadores d'Ovar, «os marinheiros mais ousados de Portugal, outr'ora audazes pescadores de baleia que se apresentavam nas aguas do norte com 60 velas e que durante muito tempo disputaram aos ingleses a posse do banco de bacalhau da Terra-Nova, hoje reduzidos á pesca da sardinha nas costas do seu país».

«Emfim, dada a grande copia de trajos nacionaes pittorescos, é tanto mais estranhavel que os pintores-de-genero portugueses não escolham com mais frequencia por modelos os elementos nacionaes tão proximos e tão attrahentes. Este desamparo do thesouro singularmente rico dos elementos nacionaes é em parte consequencia do defeituoso ensino academico que aqui ainda jaz em algemas do tempo do rabicho e que ainda mais se faz sentir no dominio litterario. Em vez de buscar as fontes da inspiração nas lendas nacionaes, contos e romances populares, a grande maioria dos poetas e poetastros portugueses d'hoje macaqueia obras francesas ou forja sonetos insulsos. Tambem os pintores estrangeiros achariam aqui um vasto campo ainda pouco explorado e fertilissimo, e poderiam levar de uma viagem d'estudo a Portugal uma pasta de valiosos esboços».

As figurinhas de typos nacionaes em barro, com imitação de varias telas, merecem muito o applauso do A., cujo artigo apenas tem o defeito de estar um pouco antiquado no que respeita a Lisboa.

1889 — N.º 28. **Os portugueses no lago Nhaça e seus primeiros descobridores.** Nota sobre o trabalho do sr. J. Batalha Reis.

N.º 30. **«Recentissima» sobre Portugal.** Nota geographica e economica.

1890 — N.º 6. **O Carneiro real português.** Descripção feita a proposito do funeral d'el-rei D. Luís.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

— Em uma correspondencia de Lisboa para um periódico do reino vizinho, segundo lemos em um jornal português, um sr. Ginés expressa a sua opinião de que o português não é lingua. Este senhor, pe'los modos, tem umas noções muito extraordinarias do que seja lingua.

Com que então, meu senhor, o português é castelhano mal pronunciado e peor escrito! Sim? y si doy yo en decir que o castelhano é português mal escrito e peor pronunciado, que me responderá sua Sapiencia?

Ora, está provado e mais que provado que a pronunciação do castelhano de há cinco, e mesmo de há três séculos estava muito próxima da portuguesa de hoje, pelo menos nos valores das letras consoantes *x*, *j*, *g*, *z*, *s*, e que a sua escrita conservava o tipo etimolójico, que ainda hoje serve de padrão à ortografia usual portuguesa, francesa, inglesa, alemã, etc.

Com relação a formas gramaticais, esse castelhano de há trezentos anos estava também muitíssimo mais perto do português actual do que o castelhano de hoje, do que se depreenderia que é êste castelhano que se corrompeu do de então; a não ser que o sr. Ginés se valha do argumento de um seu compatriota, tão entendido no assunto como sua Sapiencia: *El castellano se ha perfeccionado, y el portugués ha quedado en su rudeza primitiva!*

A respeito de vocabulario, dir-lhe-hemos que, pe'lo seu criterio, não é lingua o alemão, que chama às luvas «çapatos das mãos» *(handschuhe)* e ao dedal «chapeu do dedo» *(fingerhut)*; nem o francês, que chama ao tecto «fundo chato» *(plafond)* ainda que seja côncavo; nem o inglês que denomina as presas «dentes dos olhos» *(eye-teeth)*; nem o seu rico castelhano que dá o nome de «jemas» *(yemas)* às pontas dos dedos, de «meninas dos olhos», (como nós também) às pupilas, e que chama «mona» a uma mulher jentil, e «pêlo» (proh pudor!) aos formosos cabelos desta.

A' contemplação e profundo cojitar do sr. Ginés, a quem tanto escandaliza a expressão *barriga da perna*, oferecemos mais as seguintes endiabradas catacreses portuguesas: «asas do nariz, cabeças dos dedos, costas da mão, peito do pé, maçãs do rosto, capelas dos olhos, pé-de-vento, dente de alho, mão de nabos, ôlho de alface, etc.»

Sr. Ginés, ai vai um conselho, pôsto que saibamos que é perdido: antes que se proponha a crítico, estude, estude; com isso lucra o público, que ficará dispensado de ler disparates, e o sr. Ginés mesmo, que poupará o bestunto em os enjenhar e a tinta em os escrever.

Português é castelhano mal pronunciado! Que tal será a pronuncia portuguesa, e mesmo a castelhana, dêste castelhaníssimo articulista?

A. R. GONÇALVES VIANNA.

ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO PENINSULAR

(Continuação — Vid. fasc. II, pag. 179)



II. *Romance de* **Gerineldo**. — Assonancia: *í-o*. — Parallelas: a) *Castelhanas:* [1]) Estebanez Calderon, Escenas Andaluzas, Madrid, 1883, p. 256. — [2]) Wolf, II, 101; Duran, I, 177. — [3]) Wolf, n.º 161; Duran, 320. — [4]) Wolf, 161.ª; Duran, 321. — [5]) Pliego suelto moderno. — b) *Catalanas:* [6]) Renaxensa, III, 3. — [7]) Milá, 269, A. — [8]) Milá, 269, B. — c) *Asturianas:* [9-11]) Pidal, 3, 4 e 5. — d) *Portuguezas:* [12]) Alm. Garr., II, 158. — [13]) Braga, Rom. Ger., 6. — [14-15]) Braga, Açor., 30 e 31. — [16-18]) Azevedo, Madeira, p. 63, 66 e 69. — [19-20]) Reis Damaso, p. 184 e 235 [1]. — Os Romances muito populares de *Gerineldo* — [ou *Ge-*

[1] Para não repetir amiudadas vezes os titulos das Collecções de Romances, a que me refiro, uso de abreviações, facilmente intelligiveis. Eis os verdadeiros titulos das principaes publicações, por ordem chronologica:

1). J. B. de Almeida-Garrett: Romanceiro—Lisboa, 1851.

2). Ferdinand Wolf: Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanzen—Wien, 1856.

3). E. Geibel & A. F. von Schack: Romanzero der Spanier und Portugiesen—Stuttgart, 1860.

4). Ch. Fr. Bellermann: Portugiesische Volkslieder und Romanzen—Leipzig, 1864.

5). Theophilo Braga: Romanceiro Geral—Coimbra, 1867.

6). Theophilo Braga: Cantos Populares do Archipelago Açoriano—Porto, 1869.

7). Estacio da Veiga: Romanceiro do Algarve—Lisboa, 1870.

8). F. A. Coelho: Romances sacros, em Romania, III—Paris, 1874.

9). V. E. Hardung: Romanceiro Portuguez—Leipzig, 1877.

10). F. A. Coelho: Romances Populares, em Zeitschrift für romanische Philologie, III—Halle, 1879.

11). A. Rodrigues de Azevedo: Romanceiro do Archipelago da Madeira—Funchal, 1880.

12). Z. Consiglieri Pedroso: Contribuições para um Romanceiro e Cancioneiro Popular Portuguez, em Romania, X—Paris, 1881.

13). J. Leite de Vasconcellos: Romances populares portuguezes—Barcellos, 1881.

14). Comte de Puymaigre: Romanceiro, Vieux chants portugais—Paris, 1881.

15). Reis Damaso: Tradições Populares do Algarve, em Encyclopedia Republicana—Lisboa, 1882.

16). Sylvio Romero: Cantos Populares do Brazil—Lisboa, 1883.

17). A. Thomaz Pires: Miscellanea folklorica, em O Elvense—Elvas, 1885.

18). J. Leite de Vasconcellos: Romanceiro Portuguez, N.º 121 da Bibliotheca do Povo—Lisboa, 1886 (e não 128, como por erro se lê a p. 161).

rineldos, Gerinaldo, Gerenaldo, Girinaldo, Riginaldo, Reginaldo, Eginaldo, Generaldo (e por etymologia popular *General*); *Gerinardo, Leonardo* ou *Dom Alberto*], pertencem, como o nome-proprio do heroe o faz presumir, ao cyclo carolingio de *Eginhard e Emma* (ao qual será dedicado um dos tratados d'esta serie). — O texto asturiano de Munthe — bastante vulgar — aproxima-se da versão de Traz-os-Montes que Braga recolhera. A fórma genuina do Romance devia começar (o que Munthe não deixa de observar nas suas notas) pela linha 14.ª, modelada por um typo eminentemente popular:

«Gerineldo Gerineldo, mi camarero pulido» [*mi caballero pulido; el mi page mas querido* ou *tan querido*; — *page del Rei bien querido* ou *tan amigo, etc.*]. Temos repetição do nome-proprio do heroe de quem se falla ou ao qual se falla, acompanhado de uma apposição ora encomiastica, ora descriptiva. A lista dos Romances populares, elaborados sobre este typo, é muito extensa. Sirvam apenas de amostra os bellos Romances castelhanos de: *Fontefrida*; *Rioverde*; *Rosafresca*; *Tiempo bueno*; *Mes de Mayo*; *Moro alcaide*; *Nuño vero*; *Durandarte*; *Oh Belerma*; *Abenamar*; *Don Alonso*; *Rey don Sancho*; *Moriana*; *Aliarda*; *Oliveros*; *Montesinos*; *Espinelo*; *Lanzarote*; *Abrasmonte*; *Vaquerito*; *Oh Valencia*; *Calainos*; *Conde Claros*; *Reina Elena*; *Compañero* (varios dos quaes correm hoje impressos com introducções narrativas, que são ampliações juglarescas). — Exemplos portuguezes são os Romances: *Tristes novas*; *Canta moiro*; *Oh dom Garfos*; *Cruelvento*; *Duque d'Alba*; *Oh Lisarda*; *Conde Flores*; *Francisquinhas*; *Peregrina*; *Pinheirinho*; *Dom Rodrigo* e *Albaninha*.

Devia começar com tal allocução, e começava, se Antonia, a recitadora do romance asturiano, não considerasse entradas d'estas *in medias res*, com locução directa, como muito abruptas, inferiores e grosseiras. Ainda aqui, como no Romance de D. Rodrigo, ella delicia-se em arranjar uma exposição minuciosa e poetica, uns preliminares artisticos [1]. Esta exposição (cuja illegitimidade Munthe indica por

19). A. Duran: Romancero General—Madrid, 1854.
20). J. Amador de los Rios: Romanzen Asturiens, em Jahrbuch, III—Leipzig, 1861.
21). J. Amador de los Rios: Historia Critica de la Literatura Española, vol. VII—Madrid, 1865.
22). Menendez Pidal: Coleccion de los viejos Romances asturianos—Madrid, 1885.
23). Giner Aribau: Folklore de Proaza—Madrid, 1886.
24). M. Milá y Fontanals: Romancerillo Catalan—Barcelona, 1882.
25). F. Pelay Briz: Cansons de la Terra—Barcelona, 1866-1869.
26). M. Milá y Fontanals: De la poesia popular gallega, em Romania, VI—Paris, 1876.
27). J. Perez Ballesteros: Cancionero popular gallego—Madrid, 1885-1886.
Os «Pliegos sueltos modernos» que cito, pertencem á collecção Manuel Minuesa, Madrid, Calle de Juanelo.

[1] Ha outros exemplos de reformas identicas de romances antigos: A redacção modernizada de *«Oh Galiarda, oh Galiarda»*, abre com seis versos que pintam a heroina sahindo do banho *como la leche y la sangre* (Wolf, pag. 118 e

meio de parenthesis, em que inclue as primeiras treze linhas), compõe-se, não de dous remendos diversos (1-6 e 7-10), como Munthe declarara, mas sim de tres (1-6, 7-11 e 12-13). O que, comtudo, é força confessar, é que ainda aqui os tres elementos foram escolhidos e combinados com certa arte, muito feminina. Senão vejamos.

Em primeiro lugar, Antonia, antes de contar a aventura de amores de Gerineldo, descreve um lindo dia de Maio, aproveitando-se de seis versos do celeberrimo e melancolico Romance do *Prisioneiro* (Duran, 372, 1453 e 1454), e mostrando d'este modo que em Asturias ainda vive, com variantes notaveis, uma versão (aliás inedita) do *Prisioneiro* ou um simples *Romance de Maio*, do genero dos que foram accrescentados ao Romance do *Prisioneiro*. — Depois introduz o heroe, no acto de elle levar os seus cavallos a beber nas correntes do mar, cantando versos à Bella Infanta: o que equivale a uma caracterisação do sitio em que se passa a «historia». — Em seguida mostra, nas ameias ou nas janellas do castello de ribamar, a heroina, a qual ouve o heroe, o avista e chama: ¡GERINELDO! GERINELDO! MI CAMARERO PULIDO!

Tambem estes dous ultimos elementos foram colhidos em horto alheio, sem sombra de escrupulo, apesar de divergirem na assonancia [Á] do primeiro trecho [*ó-e*] e do verdadeiro schema do Romance [*í-o*]. São tirados de outros dous romances asturianos, chamados hoje egualmente, mas por engano, de «Gerineldo», muito embora este nome e titulo não lhes pertença de modo algum.

As linhas 7-11 pertenceram, originariamente, a um grupo de Romances, dito com mais propriedade do *Conde-Niño — Conde-Nino — Conde-Olinos — Conde-Nillo — Pedro-Menino — Pedro-Pequenino* ou *Dom Diniz* [1], cujo heroe — producto hybrido de cruzamentos entre representantes do cyclo bretão e outros do cyclo carolingio — é ao mesmo tempo tocador da maravilhosa harpa de Tristão, dono do barco celtico sem vela nem leme, e o esposo clandestino de uma das muitas filhas, esposas ou irmãs legendarias de Carlomagno! O joven *Conde Niño*, que faz de pagem ou de camareiro — «*querido del Rei*», como Gerineldo e o Conde Claros — costuma apparecer n'uma bella manhã do mez de S. João, diante das janellas do paço real, sob pretexto de levar os seus cavallos «*a las orillas del mar*», mas realmente para despertar, com o seu canto de sereia, a Infantinha Real. — O Romance existe em varias versões nas terras asturianas: é, portanto, muito provavel que Antonia o conhecesse e que as linhas, por ella adaptadas a Gerineldo, fossem apenas reminiscencias do *Conde Olinos* (Pidal, 25 e 26). Estas mesmas reminiscencias voltam, porém, um pouco mo-

119), desligados do bello Romance de *Melisanda* ou *D. Guiomar*. O principio do Romance da *Silvaninha*, que passeia pelo corredor, de guitarra de ouro na mão, serviu e serve de introducção a varios outros, fundamentalmente diversos, p. ex. ao *Conde Alberto* ou *Yanno* (na versão de Leite de Vasc., N.º XXX).

1 Almeida-Garrett, III, 19 e Bellermann, 17: Conde Nillo. — Braga, Rom. Ger., 14: Conde Niño. — Açor., 32, 33, 34. — Madeira, 118 e 122. — Algarve, 66. — Pidal, 25 e 26. — Açor., 26, 27 e 28: Pedro Menino.

dificadas em outro cantar asturiano, de assumpto completamente diverso, mas que passa hoje por ser uma *Segunda Parte* dos amores de Gerineldo [1]. A lição, a que me refiro e a que já alludi, recolhida por Amador de los Rios (Jahrb., III, 290), é uma modificação do Romance, II [b], de Munthe e V [b], de Pidal, e apresenta o pagem-menino feito homem e guerreiro, um varonil Conde Sol ou Conde-Dirlos. Ao cabo de varios annos de aventuras e guerras, passados longe da Infantinha Real (os *sete annos* tradicionaes do Romanceiro), esta dama pega no bordão das Peregrinas e vae procurar o esposo infiel que a esquecera. Encontra-o ou casado, ou em vesperas de casar, ou no proprio dia do noivado; desencanta-o, leva-o; e ambos desatam a cantar [2]. O que? a mesma allocução que em outros textos o Conde-Menino dirige aos seus cavallos na beira mar, mas muito alterada da lição primitiva, que era uma formula de benção e de bom agouro, indispensavel e usual em emprezas tão perigosas como a que o Condinho ia tentar, mas completamente disparatada na situação em que o Conde-Sol e a Infanta-Peregrina se encontram.

As linhas 12 e 13 são tiradas *ipsissimis verbis* do tal Romance, II [b], de Munthe (90 e 91), que é, como já disse, apenas uma versão da segunda parte, e de que logo tratarei.

Se o preludio, apesar de composto de tres centões e de carecer do indispensavel nexo formal da rima, tem certa graça, não se póde dizer outrotanto do falso remate das linhas 82-85, que é um erro puramente individual de Antonia. Este, nem pelo sentido nem pela fórma, jámais póde ter feito parte de um genuino Romance de Gerineldo. E' um rabo-leva postiço e muito vulgar! A' primeira vista semelha uma *copla solta* com rima nas linhas 2 e 4; mas ainda que o fosse no principio, já faz hoje parte de uma versão, inédita, da *Galancina*, cujo theor se aproxima muito da lição publicada por Duran (N.º 329. Assonancia: *é-o*). Comparem-se ainda os versos 25-28 do Romance oitavo da collecção Pidal; os 7-10 do N.º 32 no Romanceiro Geral; o N.º 321 de Duran, e como parallelos contraproducentes: Pidal, VII, 9-12 e Duran, 362, 87-91.

1 O povo gosta muito das *Segundas Partes*: A *Bella Infanta* canta-se em Traz-os-Montes como segunda parte da *Nau Catherineta*; *A Apparição* ou *a Esposa-morta*, como segunda parte do *Soldadinho* e do *Bernal Francez*; a *Peregrina*, como segunda parte de *D. Varão*; o *Conde Alarcos*, como segunda parte da *Silvaninha*; a *Donzella que morre de amores*, como segunda parte da *Enfeitiçada*, etc. etc.; a *Albaninha*, como continuação de *Floresventos*.— A *Moreninha* passa por irmã da frivola e adultera *Blancaniña* ou *Francisquinha*; *D. Helena e Santa Ereia* e *Branca rosa* são consideradas como da mesma familia.

2 Quando se estaban montando
echaron rico cantare;
las aves que iban cantando
se pararon á escuchare:
«Non bebais, caballos mios,
de las orillas del mare,
porque está el agua salada
y puede facer os male».

No meio do texto ha varias palavras e phrases espurias: *benino*, na linh. 15; *tarde*, na 16.ª; *mi* por *comigo*, na 19.ª As linhas 28 e 29 sobre as *sette voltas* dadas ao castello, pertencem á numerosa legião das phrases feitas, e foram impropriamente intercaladas n'este lugar.

II b. **A Princeza Peregrina** (e **Gerineldo**). — Assonancia: *á*.— Cfr. Duran, 327: El Conde-Sol.—Amador no Jahrbuch, III, 290; Litt., VII, 437.—Alm. Garr., III, 22 e Bellermann, 18.—Braga, R. G., 15.—Reis Damaso, N.º 3, p. 173 da Encycl. Republicana.—Pidal, 5, b. —E' util comparar o vasto cyclo da *Peregrina que se fina de amor* e o da *Noiva Arraiana*, com os quaes a fabula da *Princeza Peregrina* se misturou. Já mencionei que o pagem *muchacho y niño*, o typo proverbial da galanteria, foi transformado pelo povo asturiano, leonez e trasmontano — propenso a ouvir historias e mais historias do galan Gerineldo, ou pelo menos de um heroe que seja tão *«galan como G.»* ou ainda *«mas galan que G.»* — em protagonista de diversas aventuras de amor, que originariamente fazem parte da vida de cavalleiros bem differentes.

A introducção narrativa (86-91) lembra varias outras, p. ex. as primeiras palavras do *D. Varão*. Dos versos 90 e 91 já tratei. O 92 seria, em tempos, o verdadeiro principio. As linhas 96 e 97 repetem-se, pouco mais ou menos, no conde Dirlos [*si a los ocho no viniere, á los nueve vos casade*] e em outros [Reis Damaso, N.º 3. *se aos seis annos não vier, aos sette o mais tardar, já te poderás casar;* Rom. Ger., 15, *lá dos quattro para os cinco, e dos cinco para os seis, menina, se eu não vier, menina casar vos heis*]; 110 e 111 são bordões empregados muito a miudo; 116-119 e 120-121 são interessantes interpolações hodiernas que estão em desharmonia com o espirito medieval do texto primitivo [1]. — *Ternidá*, na linha 123, não significa *Eternidad*, como Munthe indica, imprimindo *'Ternidá*, mas sim a fórma vulgar, asturiana e trasmontana, de *Trinidad*. Ouso affirmar isto — apesar de encontrar em Pidal, mais de uma vez, a lição *por la santa eternidad* — porque a linha *por la santa trinidad(e)* pertence ás formulas feitas do Folklore peninsular e encontra-se tambem nas partes correspondentes do *Conde Sol* castelhano e na versão catalã, assente por Milá y Fontanals (N.º 244 *La boda interrompida*). — O interrogatorio dirigido pela Infanta Peregrina ao vaqueirito, sobre o dono das fazendas por que passa, recorda questionarios parecidos de varios contos e cantos nacionaes e internacionaes (*Gato com botas.* — *Marques de Carabás etc.*). Nas ul-

1
En la Carrera del Perro
en la casa principal,
númaro seis, gran siñora,
esta es la pura berdá!

Ha muitos outros modernismos nos romances colhidos da tradição oral: o *cavalleiro*, que visita a sepultura da esposa morta, transforma-se em *soldadinho* ou *lanceiro* (Reis Damaso N.º 1); a Moreninha usa *capa de moiré* (Reis Damaso N.º 5); a esposa morta vem de *touca de oleado;* o Conde Claros joga *bilhar* (Reis Damaso N.º 7) e recebe cartinhas pelo *paquete* (Coelho, Groeber, III, p. 65, N.º 6).

timas doze linhas fallam, por partes iguaes, a segunda noiva do Condinho, a Infantina Real, e o proprio Gerineldo. Este fecha o Romance com um epimytho em que se enuncia sentenciosamente, por meio de um proverbio, a moralidade da fabula: *que los amores primeros son muy malos de olvidar*. O prototypo castelhano escolhera outro rifão: *que quien lo ajeno viste, desnudo suele quedar*. [Cfr. o D. Aleixo açoriano (N.os 22 e 23), o D. Duardos portuguez (Açor., p. 334), Duran, N.º 362, Estacio, p. 74 e 111, etc.], como se a noiva, a quem roubam o noivo, fosse a gralha da fabula, enfeitada com pennas de pavão.

Alguns criticos eruditos, entre elles Duran e Wolf, assentaram cathegoricamente que d'estes e d'outros versos de romances e de cantigas, com fórma de anexim, se extrahiram, posteriormente, os respectivos proverbios. Singular illusão! O contrario é que é a verdade, como se póde *provar* sem grande trabalho, mostrando que os respectivos proverbios existem em fórma muito mais vetusta e já foram empregados nos primeiros documentos das litteraturas castelhana, gallega, portugueza e catalã, e pela existencia dos mesmos proverbios em latim, provençal, francez-antigo, antigo-allemão, etc. etc. Os menestreis populares nunca fizeram outra cousa senão aproveitar, accommodar, engastar, burilar e acrisolar ideias já formuladas, do fundo commum da nação — ou das nações —, haurindo profusamente nas phrases e formulas feitas da lingua, e no Refraneiro, Cancioneiro e Petrañuelo — ou, n'uma palavra, no *Folklore* universal. Ora citam textualmente as sentenças salomonicas do «*Sengo*» nacional, ora modificam-as, pondo-as em harmonia com as exigencias da medida cadencial e da rima, ora espraiam-se largamente sobre o curto epigramma de um dictado [1]. Citarei apenas, sem commentarios, dous dos mais frisantes exemplos, cujos modismos foram repetidos tantas vezes que a sua historia encheria bem um capitulo n'um livro sobre a peregrinação das ideias fundamentaes, dos motivos, dos themas, ou seja dos mythologemas da Lyrica popular. O primeiro exemplo, de origem biblica, é a sentença misericordiosa de

que los yerros por amores
dignos son de perdonar

i. é, *Remittuntur ei peccata multa, quare dilexit multum*, gostosissimamente acceite e espalhada por todas as Magdalenas (e todos os Mag-

[1] Exemplos: 1.º) Quien bien ama, tarde olvida.
2.º) Que aquel que bien os quiere
aquel vos quier castigar.
3.º) Que quien larga vida vive
mucho mal ha de passar.
4.º) Que ninguno por riqueza
no se debe de ensalzar
ni por pobreza que tenga
se debe menospreciar.

dalenos) peninsulares. O segundo, digno da sabedoria rasa de um Sancho Panza, reza que *«mensageiro não merece pancada»*:

Mensajero eres, amigo,
No mereces culpa, no.

III. *Romance de* **Galancina e do Conde Carlos** ou **Claros de Monte-Albar.**— Assonancia: *á*.— Ha numerosissimas versões peninsulares: a) em *á:* [1]) Wolf, 190; Duran, 362.—[2]) Alm. Garr., I, 225.—[3-5]) Madeira, p. 81, 89 e 99.—[6]) Duran, 363.—[7]) Braga, R. Ger., 31.—[8-9]) Coelho, Groeber, III, 61 e 66.—[10]) Reis Damaso, 203. —[11-12]) Pidal, 6 e 7.—[13-14]) Romero, 7 e 8.—[15]) Alm. Garr., II, 203. [16]) Braga, 59.—[17-19]) Leite, 6, 7, 8.—[20]) Açor., 25.—[21]) Madeira, 81. — b) em *á-o:* [22]) Madeira, 78.— c) em *á-a:* [23]) Milá, 258 e Briz, IV, 39. [24-25]) Açor., 25 e 24.—[26]) Rom. Ger., 33.—[27]) Brazil, 9.—[28]) Madeira, 156.— d) em *í-a:* [29]) Wolf, 191.—[30]) Wolf, 192.—[31]) Madeira, 72. — e) em *ó-e:* Braga, 32.— f) em *é-o:* Reis Damaso, 215.— De versões extra-peninsulares menciono aqui apenas, por causa da sua importancia excepcional e como amostra, o texto allemão do *«Wunderhorn»* (p. 490) [1].

A epigraphe que eu formulei, indica com bastante clareza que o Romance asturiano pertence, na minha opinião, ao famoso e popularissimo cyclo do Condinho de *Montauban* — parente de Reinaldos —, chamado *Carlos*, *Claros* ou *Cales* de *Monte-Albano* [2], *Mont-Alvan*, *Mont-Alvar*, *Mont Albar*, *Conde de Alcar* ou de *Montes-Claros* [ou por etymologia popular *de Alémmar*], appellidado só por confusão de motivos *Florencios*, *Conde Lombardo*, *Rey de Milão*. A heroina, uma das damas *o le cler vis* ou *à la clere façon* das antigas *Chansons de geste*, é parente proxima e intima [nora e afilhada?] de *Clarissa de Montauban*, cujo nome se transformou na peninsula em *Clarazinha*, *Claralinda*, *Clara-niña*, *Alba-linda*, *Alba-niña*, *Blanca-niña* [3], *Linda-Alba*, *Linda-Clara*, *Galancina*, *Tarnarina (Ternerina)*, e foi trocado ainda, por confusão de motivos, em *Aliarda*, *Galiarda*, *Liarda*, *Lizarda*, *Silvaninha* ou *Marianninha*. O principal é — *der ruhende Punct in der Erscheinungen Flucht* — que o nome, derivado das radicaes *claro* e *albo* ou do substituto synonymo *blanco (galan, terno)*, se compõe, em todas as

1 Abstenho-me em geral, n'estas notas, de comparações com os cantos populares das nações extra-peninsulares, reservando-as para os artigos especiaes que espero dedicar a cada um dos cyclos mais importantes representados aquem dos Pyreneus.

2 O *Conde de Montealbano* é appellidado em certas redacções *Conde-Nino* (Madeira), nome que dão tambem como indiquei a *Gerineldo* (Marrocos), confundindo assim em um só, tres heroes de amor: *Tristão*, o *filho de Reinaldos de Montauban* e *Eginardo*.

3 Os nomes de *Blançaniña* e *Albaninha* passaram ainda a outras bellas peccadoras, «malmaridadas» e traidoras (p. ex. Duran, 298 e 299), cruelmente sangradas pelos *«medicos de su honra»*.

redacções antigas e relativamente puras, de quatro syllabas, cujas vogaes são *a-a í-a* ou [quando a assonancia é *á-a*] *a-i á-a* com accento tonico na terceira. *Galanzuca* por *Galancina*, em Pidal, é uma modificação moderna [1].

O cyclo do Conde Claros — ou antes os circulos concentricos e oscillantes de que se compõe a sua vasta area — não é, portanto, de origem hespanhola, nem *exclusivamente* peninsular, como affirmaram Wolf, Duran e Pidal. O que este ultimo diz sobre a pureza e originalidade do diamante indigena e nativo, partido mais tarde em duzias de pedaços pelos juglares, é inexacto, e mostra mais uma vez quanto importa que os nossos folkloristas escolham outro ponto de vista, mais elevado, que lhes permitta abranger horisonte mais largo e lhes desvende os terrenos do Folklore da Provença, França, Italia, Allemanha, Escocia, Inglaterra, Suecia, Noruega, Hungria, Russia, etc.

A longa serie dos *Romances do Conde Claros* presta-se admiravelmente a um estudo comparativo, porque as differentes versões estão litteralmente recheiadas de traços e incidentes tradicionaes, communs a todas as litteraturas oraes, pelo menos das raças aricas. Não será facil, mas é muito instructivo, separar e estremar por meio de um cuidadoso cotejo dos textos, os accrescentos postiços que não podem ter feito parte do esboço primitivo, reconstruindo afinal, quando não seja a fórma, ao menos o fundo, do prototypo commum, a base historico-romantica do assumpto.

Importaria coordenar todos os nomes dados á Princeza; os nomes de seu pae e os do Conde seductor; dissertar sobre a jura, a aposta ou os desejos do Condesinho; sobre o lugar e a hora do *rendez-vous;* sobre a indiscrição do mancebo bravateador ou a accusação traiçoeira levantada por um caçador (ou por um pagem mexeriqueiro, pelo preto Francisquinho, a gente murmuradora, os proprios irmãos ou mesmo a mãe da Infanta), substituida em algumas lições pela descoberta tardia do namoro clandestino, feita pelo proprio monarcha, e talvez originaria do cyclo bretão? Daria margem a observações interessantes o castigo imposto ao indiscreto e o do verdadeiro culpado (geralmente encarcerado n'uma torre), e principalmente o da Infanta, que apparece ora em prisão, ou degollada, ora condemnada á fogueira, e encerrada n'um convento, ou n'uma capella, *de oratorio*, emquanto o supplicio se apprompta. Fallar-se-hia das visitas que a Infanta recebe da parte de pessoas que lhe querem bem e desejam consola-la ou livra-la da morte: Oliveros e Roldão, os doze pares *de consum;* as freiras de Santa Anna e da Trindade; cavalleiros nobres, damas e monjas de Santa Clara; cavalleiros da sua casa; muchachas de seu tempo; pri-

[1] O estudo da onomastica dos Romanceiros Peninsulares é muito interessante e dá margem para importantes observações psychologicas. — Quer-me parecer que no nosso caso foi *Clar*-issa de *Montalban* quem deu o nome ao heroe *Clar*-os. Em outros casos é o heroe que transmitte o seu nome á heroina: p. ex. (*Bernal Francez* a *Francisquinha*).

mos e primas; tio e primas, etc. etc. O bilhetesinho que a Infanta escreve ao Conde, com sangue de suas veias; o mensageiro que leva a carta e que ora é tratado de irmão mais novo ou primo moço, ora de rapazinho de sete annos, ora é um pombinho ou um anjo do ceu; a rapidez legendaria das jornadas, primeiro do mensageiro e depois do proprio Conde [1]; o modo estranho com que este recebe a missiva, uma vez com profunda mágoa, outra com perfeita indifferença ou com indifferença simulada, estando á janella, antes do almoço, no meio do jantar, por intervenção de sua mãe; as particularidades da viagem: o cavallo branco, o arreio com doze, trezentas ou mil e duzentas campainhas de metal fino no peitoral: as ferraduras de bronze ou ouro, postas ás avessas [2]; o disfarce do Conde, que adopta o traje de frade, confessor, abbade ou cardeal; a entrevista com a Infanta; a confissão e o reconhecimento (por via da falla, dos olhos, da barba, ou do risinho do pseudo-padre); o final, ora ironico, ora sentencioso, ora sentimental: tudo isso pede um bom commentario e glosas bem escolhidas, que nos levariam muito longe, se as quizessemos offerecer aqui.

O *bejecillo* das linhas 27, 39 e 51 é provavelmente o *pajecillo* castelhano, o *pagico* portuguez [3], o *pagecico* de Pidal e nenhum *velhosinho* ou *vejecillo!* — No verso 8 ha uma lição deturpada; 11 e 12 deviam ter o seu lugar depois de 16; as linhas 57-62 são interpolações e pertencem á versão de Pidal, 6 (cfr. Pidal, 13, 19-21), como Munthe já o disse; 63-64 são phrases feitas, um pouco alteradas (cfr., II, b, 110 e 111).

IV. **Bernardo del Carpio y la Romera de Santiago.** — Assonancia: *á-o.* — Parallelas: Pidal, 9 e 10. — Duran, 325; Wolf., 75. — Alm. Garr., I, 301. — Braga, Rom. Ger., 24, 25 e 26. — Milá, N.º 213. — Amador, Jahrbuch, III, 57.

O assumpto d'esta poesia, de rudeza verdadeiramente medieval, está em relação intima com varias occorrencias historicas, contadas nos velhos livros de linhagem e nas chronicas antigas. Todos estes documentos archivam numerosas e antiquissimas aventuras, raptos, violencias, crimes sacrilegos, commettidos no famoso «caminho francez» contra as romeiras e os romeiros de Santiago. O nome do conde preso foi estropiado no texto de Munthe (*Miguel alprado?*); e aproxima-se só pela assonancia do *Dom Garfos* da lição da Beira Baixa. — As linhas 3-4, 7-8 e 33-36 tem correspondentes em muitos outros Romances, fazendo parte do formulario romantico. A linha 9 não dá sentido que satisfaça.

V. **Don Bueso.** — Em redondilha menor. — Assonancia: *á-o.* — Parallelas em Pidal, 15 e 16. — Amador, Jahrbuch, III, p. 282 e 288. — Milá, N.º 250; Briz, II, 163. — Cfr. Duran, p. LXV e Ticknor, II, 466 [4].

[1] Parece provir da Karlamagnus-saga.

[2] Esta particularidade provém ainda da Karlamagnus-saga.

[3] Deturpado em *paquete*, em uma redacção portugueza bastante vulgar (Coelho), em Groeber, III, N.º 6.

[4] O Romance portuguez (ou antes a Xácara de *D. Bozo* e *Flordalma*) reco-

Apesar de os nomes pessoaes não serem de modo algum sempre fiadores da origem de um Romance, creio que este de *Don Bueso* é legitimamente asturiano, porque só se encontra no norte da Peninsula [1], e porque o nome-proprio de *Don Bueso*, *D. Buezo*, *D. Bozo*, ou *D. Boyso* (e *Berso*), tornado proverbial, como o do montesinho Pelayo, designou, durante seculos, o «*Junker*» asturiano, um rude heroe velho-relho, de perna-nua, um *corito* do tempo dos antigos reconquistadores das Hespanhas, «grande de cuerpo, rezio de los miembros», rustico e apoucado. Empregado primeiro encomiasticamente, o nome *D. Bueso* [2], passou a usar-se em sentido deprecativo, quando a nação, considerando como antiquado e fóra da moda, grosseiro e anti-palaciano, e até como synonymo de *gallego y villano*, o typo *asturiano*, passou a tributar todas as honras de verdadeira fidalguia a *Castilla la preciada* [3].

Nos Romances, D. Buezo é sempre Rey, ou filho de reys, ou intimo parente de reys — e como tal, heroe de aventuras *cavallerescas*. As antigas chronicas dão este nome — commum ás linguas celticas e germanicas, mas usual só na Aquitania — a um primo co-irmão do lendario Bernaldo del Carpio, o Rolando de Hespanha; e ainda a um *alto home de Francia*, que D. Bernaldo vencera em combate singular. O poeta Alvarez Gato refere-se (no sec. XV) a «Romances de D. Bueso», sem especificar o seu assumpto.

lhida no Algarve por Reis Damaso (p. 171) e repetida por Leite de Vasconcellos (Rom. N.º 42), parente do N.º VII A de Munthe, pertence a um cyclo completamente differente, o da *Má sogra*. — Os unicos pontos de contacto entre os dous são o verso de redondilha menor, e talvez por causa d'esta fórma commum, o nome do protagonista que em ambas as poesias *não* representa o papel principal — Cfr. Duran, 1710, e a Ensaladilla de Praga, que cita um Romance desconhecido com o principio: *A caza va el rey Don Bueso Por los montes á correr.*

[1] Não façam duvida os nomes topicos de Granada e Sevilla, que, mencionados no texto de Munthe, parecem dar D. Bueso como oriundo de Andaluzia. Granada e Sevilla são as duas cidades cuja belleza e riqueza o *Folklore* apregoa e cita mais a miudo. Nos 17 Romances de Munthe relevo mais duas passagens que comprovam este meu dito: N.º X, 35-36 e N.º XIV, 31 32.

[2] D. Bolso e D. Burcio só por confusão com o nome de Tiburcio. (Munthe, V, 5 e VII, 13, 26, 33, etc.)

[3] A historia e a litteratura fornecem provas *«que farte»* d'estes factos. Lembrarei apenas — para não me afastar muito do assumpto — a glorificação de Castella no antigo Poema de Fernan Gonzalez (1400); o typo do asturiano Martin Pelaez nos poemas e nas chronicas do Cid; a traição do asturiano Bellido Dolfos; e a jura ou maldição de Zamora:

«Villanos te maten Alonso,
villanos que no hidalgos,
de las Asturias de Oviedo
que no sean castellanos!»

Extrahirei ainda de obras do sec. XVI tres phrases significativas — *«en aquella edad en que el contray era gala y Don Buezo el galan»*. — *«con las espaldas miden el suelo como D. Bueso»*. — *«asturianos en piernas, haciendo penitencia por Bellido Dolfos»*. E perguntarei, se o adjectivo *bozal* = *rude* é derivado de D. Buezo, como *payo* o é de *«Pelayo o Montesinho»* (*palayo, paayo, payo*).

O argumento do Romance asturiano é o antiquissimo thema da philadelphia, tratado, p. ex., na *Karlamagnus-saga* [amores do Carlomagno com sua irmã Gille ou Guille, mulher de Milon e mãe de Rolando] e em variadissimas balladas e historias populares (principalmente suecas), de onde foi transplantado para o Novelleiro e a Comedia italiana. Os grupos de Romances peninsulares, que se apoderaram do motivo, são os da *Enfeitiçada* ou *Infantina de França*; da *Pastorinha*; e algumas versões da *Silvaninha*.

No cyclo d'este D. Bueso, o motivo misturou-se e fundiu-se com outro igualmente popular, o da princeza christã captivada pelos mouros [1] no dia de S. João, e encontrada ao cabo de sete annos pelo irmão mais novo, o qual, no entretanto, tivera tempo para reconhecer a sua missão na terra. [Cfr. o conto: *die sieben Raben* e tantos outros de assumpto parecido [2]]. Na *Rosa Pastorinha*, *Rosalinda*, ou *Linda Pastorinha*, os dous themas, um pouco modificados, apparecem apimentados com um terceiro, o da *aposta* sobre a virtude, abalavel ou inabalavel, do sexo fraco. Todas as filhas de rei, encontradas á beiramar a lavar roupa, lembram, de resto, a casta virgem germanica *Gudrun*.

Ou (na linha 24) corresponde ao castelhano e port. *aú = a + ubi*, muito vulgar em textos antigos e populares. — A pergunta: *pones-te á las ancas* (ou *á la gropa?*) *pones-te á la silla?* repete-se em *todas* as scenas onde um cavalleiro faz montar a sua dama, quer seja a Claralinda do Conde Claros, quer a Enfeitiçada, ou outra qualquer. — Na linha 51, Don Bursio apparece transformado em *hermano Bitor* (nome moderno, alheio ao Romanceiro velho) a não ser que se trate de um outro irmão (?). Parece-me que os versos 53 e 54 deviam preceder os 51 e 52. — Os ultimos periodos da conversa entre mãe e filha, privativos do texto de Munthe, e que *talvez* pertençam a outra lição, inedita, asturiana, tem correspondencia no Romanceiro catalão; não sómente no Romance das *Dos Hermanas*, recolhido por Milá (N.° 250, 10-13), mas ainda em duas poesias colleccionadas por Briz (II, 159): *mes val que la fassa anar — a rentar a la marína; — mentres anirá y vindrá — sos colors blanchs ne perdria. — Bonica quan hi anava — mes bonica quan venia!* e ib. (II, 161): *Fassa la aná á rintá — ó pamjos ó robas finas — que si hi anès á rentar — morena se tornaria. — Boniqueta quan hi va — quan tornava relluhia!*

VI. *Romance de* **Filomena**. — Assonancia: *é-a*. — Parallelas: Pidal, 23 e 24: Blancaflór e Filomena. — Amador, Litt., VII, 443. — Açor., 50 e 51: Angeliga e Florbella. — Algarve, p. 91: D. Branca. — Milá, N.° 270. — Proaza, II.

E' uma remodelação peninsular do conto classico de Progne e Philomela, o qual já originara uma poesia em francez antigo e uma

1 Romances do *Conde Flores*, *da Rainha Captiva*, *Brancaflor*, *Rosalinda*, etc.

2 Cf. ainda as poesias allemãs *Die wiedergefundene Königstochter* e *Der Staar im Badewännlein* (Wunderhorn, 483 e 485).

ballada italiana, etc. [1]. E' interessante compara-las e confronta-las com outros rifacimentos populares de contos classicos, p. ex., com o de Hero e Leandro em verso allemão: «*Edelkönigs Kinder*» (Wunderhorn, p. 467).

Em todas as versões peninsulares, o lugar do desconhecido *Thracio Tereo* foi occupado por *Tarquinio*, o atormentador cruel de outra innocente, que, pela sua vez, retrocedeu diante de um *Turco:* temos *Dom Tarquino* na lição algarvia; *Turquinos*, um *Turco*, e um *duque da Turquia* nas Asturias. *Philomela* conservou o seu nome, levemente desnaturado pela influencia estrangeira em *Filomena*, *Filomenia*, *Flomena*, *Flormena*, e reconhecivel ainda na fórma mais mudada *Florbella*, que é producto de etymologização popular. Progne trocou o seu nome, que não tinha tom nem som peninsular, contra o de Branca, Brancaflor ou Angeliga. O pobre Ithys tem por substituto uma irmã; e Pandion uma pobre viuva, a mesma viuva que, como romeirinha, costuma passear, com duas filhas pela mão, pela estrada exposta e aventurosa de Santiago. — Traços dos Romances da *Romeirinha* [2] e da *Vengança de honra* passaram para o de Filomena (p. ex., o exordio typico [3]); outros incidentes, *originaes* d'este assumpto, vulgarisaram-se de modo a fazerem hoje parte dos motivos typicos (p. ex., a lingua cortada; a carta escripta com sangue e penna de passaro, sobre estofo pouco commum; o pastor mensageiro, o cerebro do filho, dado a comer ao proprio pae, etc.). — As linhas 43 e 44: «*Que me disti, Blancaflor, Que me disti nesta cena*», concordam só por acaso com outras do cyclo de Edward, de que logo fallarei: n'este caso *não* ha, porém, confusão de motivos de parte a parte, nem emprestimo de phrases feitas. — O epimytho, que póde estar no seu lugar, ou não, mas que encontramos frequentes vezes deslocado, toma aqui, e nas versões açorianas e do Algarve, a fórma de um conselho, ou, por outra, de uma *deixa* intellectual, legada por um moribundo aos sobreviventes, tal e qual como n'um Romance catalão communicado por Briz (II, 86), e n'outros italianos e francezes.

VII. **A má sogra e a nora martyr**: Narbola e D. Bursio ou D. Pedro no Balledal. — Assonancia: *á*. — Pidal, 35: D. Arbola e D. Morcos no Valledal; 36: Marbella e D. Boyso no Valledal. — Amador, VII, 447: Arbola e Alforgo. — Leite, 29: Olindinha. — Alm. Garr., III, 53: D. Helena. — Braga, Rom. Ger., 17: D. Pedro. — Açor., 15 e 16: D. Helena. — Milá, N.º 243: D. Guilherme. — Briz, II, 221: D. Elena e D. Juan. — Ballesteros, III, 262: Arvela (ou Albuela) e D. Berso (s). — Cfr. Jahrbuch, III, 69. Ha analogia de argumento, mas não identidade, nos Romances de Flordodia, Flordalma ou Brancarosa (V. Leite, N.º 42).

[1] G. Paris, Moyen-Age, 79; Nigra, p. 28.
[2] Alm. Garr., II, 111; Braga, R. Ger., 9; Briz, I, 133.
[3] Por los campos de Malverde, se pasea una romera. Cfr. Pidal, 14, 38, 39, 40, 41, 42; Proaza, II; Munthe, XIII; Amador, VII, 452; Bellermann, 22, etc. etc.

Pelo visto, o Romance *não* é portuguez *de nascença*, como em tempos opinára Almeida Garrett (traduzido por Wolf, p. 85); o seu thema é internacional; e passou, como o de D. Bueso e de outras tragedias de familia, do solo da poesia popular para os terrenos cultos da novella e do drama. — A bella versão asturiana apresenta varios traços tradicionaes e proverbiaes: nas linhas 53 e 54 (37 B), *as tres ou sete voltas* em redor do palacio; de 72 a 75, o *Adeus lyrico;* de 76 a 79, o silencio antes da catastrophe; na 93, o milagre da creança recem-nascida que começa a fallar [1]; na 103, a formula de benção. — Podiamos desagregar larga serie de relações parallelas, infiltradas em variados Romances dos povos do meio-dia da Europa.

Entre 70 e 71 (56 e 57) falta uma linha. — B 34, está errado. Talvez: *si no digo la berdá!* — Igualmente, 94, *me lo darís* por *lo darís*. — 99 e 100. Talvez: *Triste por donde irá! Coitadita de la mía, que quedo en la escuridá.* — A palavra *rugan* (40) por RUÃO = homem da RUA ou *burguez*, é homonymo, mas não synonymo de RUGAN = *rucio* [2].

VIII. **Caballeros matadores**. — Assonancia: *í-a*. — Romance vulgar e grosseiro, cujas versões variam muito. — Cfr., para a substancia da acção, Pidal, 42, *La hija de la viudina* (que Munthe considera uma contaminação d'este seu N.º 8 e dos N.ºs 38, 39, 40 e 41, recolhidos por Pidal: *Venganza de honor*) e o *Incognito* do *Wunderhorn*, p. 431. — Braga, R. G., N.º 8, *O alferes matador*.

O principio soldou-se a outros Romances, p. ex., ao «Bernal Francez» (Braga, R. G.) e á «Margherita» italiana. — O final consiste n'uma das formulas de benção, a que já me referi.

Possuo uma lição inedita, fragmentaria, com o titulo de *Historia da Dona Anna*, cantada em Urros *(Tras-os-Montes)*, mas que eu só ouvi RECITAR por pessoa que não se lembrava da melodia. Começou a dizer que «havia uma vez um alferes que encontrara duas raparigas; e o tal alferes tinha um camarada e fallava-lhe, dizendo que a outra não lhe agradava, que queria só a do vestido azul»:

«Companheiro, companheiro,
ves aquellas raparigas? Var.: *romeirinhas*.
a do vestido azule,
aquella de azul vestida,
hei de tirála de casa,
inda que me custe a vida».
Era meia noite em ponto, Var.: *Palavras não eram ditas*.
á porta de D. Anna batia.
«Dona Anna, abre-me a porta;
dá-me cá a tua filha».
«Minha filha não stá cá

[1] Cfr. Briz, II, 222; Açor., p. 264; Leite, N.º 30.

[2] A nota de Munthe: «*Ifr. ofcan*, IV. *106*» (e que devia dizer *ifr. ofcan*, III, *106)*, está fóra do seu lugar. Pertence não a VII B, 30, mas sim a VII A, 36 e 40.

foi dormir com a sua tia».
Entrou pela porta dentro,
não lhe guardou cortesia.
Deu volta a toda a casa,
encontrála não podia.
Aonde foi dar com ella?
Foi ao quarto da cozinha
[Var.: foi ao quarto dó cozia].
«Levanta-te da costura,
arranja-te, minha filha;
quem vae para fóra da terra,
deve ir asseadinha».
Lá no meio do caminho
de amores a accommettia;
ella como vergonhosa,
disse-lhe que o não queria.
Puxou pelo seu alfange,
logo alli a degollou;
agarrou n'ella em seus braços,
á casa da mãe a levou.
«D. Anna, abre-me a porta,
aqui tens a tua filha,
honrada e virtuosa —
mas assim lhe custou a vida».

As linhas 1-4 e a 19 são duvidosas; Anna Rosa da Michaela reconstruiu-as a muito custo, affirmando que não era assim que se cantava, mas de modo *parecido*. — Como se vê, ha grande similhança entre este texto e a versão da Covilhã (Braga, N.º 8).

IX. **A Barba-azul: la Gallarda.** — Assonancia: *í a.* — Pidal, 51, 52, 53. — Desconhecido até hoje em Portugal e Castella. (Cfr. *Wunderhorn*, p. 429, Die Mordwirthin).

O facto de a assonancia regular ser interrompida (40-47) não é nada rara: cortando os dialogos, apparecem bastantes vezes trechos narrativos que destoam do schema geral. Nem sempre ha que inferir d'isso que os textos que offerecem d'estas particularidades, estejam corrompidos.

X. **Touros e Canas.** — Assonancia: *á-a.* — Pidal, 55, 56, 57: *Amor y Rejas; Toros y Cañas.* — Não ha mais parallelas conhecidas na peninsula.

As primeiras oito linhas, assim como as 15 e 17, pertencem ao Romance da *Filha do Emperador de Roma*, i. é, ao cyclo que trata de uma Infantinha orgulhosa, a qual, depois de desprezar duques e condes que a pretendiam, se namora de um pseudo-porqueiro, segador, tambor, hortelão, ou um ceguinho, o *König Drosselbart* do conto allemão [Alm. Garr., III, 111; Braga, R. G., 18 e 20; Madeira, p. 285; Milá, p. 259, etc.; Wolf, 154]. Repetem-se tambem, modificados, em

outros romances, p. ex., em Pidal, 69. — O texto asturiano conta como um nobre cavalleiro, dito D. Pedro (de Alcalá, de Toledo, ou de Jarama, a terra classica dos touros bravos), ou ainda D. Diego (de Leon), ganhara, pela sua galhardia, n'uma corrida de touros, presenciada por el-Rey, a mão da *Bella Infanta*, sua amada.

As linhas 59 e 60, sobre os papagaios (¿aves ou flores?) que o toureador levou nas mangas, talvez tenham o seu verdadeiro lugar depois da linha 30. O offerecimento de varios premios de uma parte, e da outra as recusas de todo e qualquer galardão, excepto um — que é a mão da dama adorada — tem sempre, aqui e em meia duzia de outros romances, fórma e caracter tradicional.

XI. **Casamento de amor.** — Assonancia: *á-a*. — *Inédito*, moderno, sem parallelas conhecidas; de enredo singelissimo, como Leite, 1, e Bellermann, 29 e 30.

XII. **Caso ou não caso?** — Fragmento *inédito* em *á*.

XIII. **Nossa Senhora, romeira em Santiago.** — Assonancia: *é-a*. — Cfr. Pidal, 64 e 65: La Romera; Jahrbuch, III, 281. — Leite, 18: lição de *Tras os-Montes!* — Differente da Romeirinha ultrajada, que vinga a sua deshonra. (Braga, Rom. Ger., 9; Pidal, 38, 40, 41).

As linhas 23-26 e 43-44 repetem-se no Romance do *Soldadinho*, e em muitos outros. — Sobre o principio, v. N.º VI.

XIV. **Nossa Senhora na manhã de S. João.** — Assonancia: *á-a*. — Pidal, 70, 71, 72; Jahrbuch, III, 279. — Leite, 3: lição de *Tras-os-Montes!* que se parece muitissimo com as versões asturianas.

XV. *Romance do* **Marinheiro.** — Assonancia: *á-a*. — Pidal, 77. — Proaza, N.º 5. — Variante notavel do texto publicado por Duran, LXV, repetido por Quadrado (v. s.); Ticknor, II, 766; Wolf; Jahrbuch, III, 69; e Braga, Rom. Ger., p. 194, e commentado pelos mais eruditos folkloristas. — Scena identica de *tentação demoniaca* repete-se em outros romances navaes, p. ex., na *Cathrineta*, que o proprio Theophilo Braga já não considera como genuinamente portuguez. [V. Romero, II, p. 173-179. — Rev. Lus., I, p. 325, Puymaigre, Chants port., p. 173-174, etc.].

Verso 19, errado. Talvez: *el cuerpo dejo a los peces.*

XVI. **Nascimento do menino Jesus.** — Assonancia: *é-a*. — Principia com quatro linhas de introducção em *é-o*, que, certamente, pertencem a outro romance differente. — Segue um curto preludio: quadra privativa d'esta lição, que quatro raparigas costumam cantar nas igrejas de Villaoril, nas matinas do Natal. — No fim temos outra redondilha em *í-o*, que podia ser desfecho commum de todos os Romances do Natal. E' uma especie de epilogo dirigido pelas cantoras á Imagem de N. S. no altar. — O texto de Munthe é infelizmente incompleto, porque se lhe extraviou uma folha de apontamentos, de vinte linhas, pelo que elle calcula. — Um canto quasi identico andaluz, recolhido e communicado por Fernan Caballero (*Cuentos y poesías*, p. 271, da Ed. Brockhaus), offerece, comtudo, mais sessenta.

O ultimo trecho não tem nexo. O Romance devia acabar com o verso 92. O que segue, faz parte de uma «*Adoração dos tres Reis magos*». (Cfr. Azevedo, Madeira, p. 9, N.º VI).

XVII. **Fugida de Belem.** — Assonancia: *é*. — Pidal, 90: *La fé del ciego.* — Jahrbuch, III, 231. — Leite, N.º 14. — F. Caballero, p. 286 (e não 259). — Marin, 6:505).

A lição de *Tras-os-Montes*, recolhida por Leite, demonstra sua origem hespanhola pelas palavras *niño*, *mazana*, *empeza*. — Na versão de Munthe, o principio e o fim correspondem-se por meio de certo parallelismo de phrases.

O Romance tem as suas raizes no Evangelho apocrypho da Infancia de Jesus: a palmeira oriental, que abaixa as suas ramas para offerecer as suas fructas á Virgem, a qual, cansada, se sentára á sua sombra, localisou-se na Peninsula em larangeira carregada de *pomos de ouro.*

Esta lenda sacra recorda a parabola do cego, a quem Nosso Senhor deu a vista.

*

Passemos agora á obra de Leite de Vasconcellos. Com a «obra» não quero designar aqui tudo quanto a sciencia já deve a este diligentissimo investigador, nem tampouco toda aquella importante parte da sua actividade litteraria, que foi dedicada aos estudos folkloricos em especial. Tenho em mira sómente as suas contribuições para o Romanceiro Portuguez, e, em particular, os textos por elle recolhidos da tradição oral e apresentados *em volume* á maioria do publico, na certeza de que o povo reconheceria n'elles a obra da sua alma, o fiel traslado das suas creações poeticas; refiro me, n'uma palavra, e como já indiquei (pag. 161 e 169), ao pequeno, mas significativo Romanceiro Portuguez, que fórma o fasciculo 121 da *Bibliotheca do Povo e das Escólas* [1].

Tambem o intento de querer explicar aos leitores d'esta *Revista* quem é o snr. Leite de Vasconcellos e quaes os seus meritos, seria superfluo e absurdo. Todos elles conhecem a verdadeira vocação scientifica do joven enthusiasta, cuja unica paixão é a patria, a historia d'este bemdito torrão occidental. nas multiplices e variadissimas manifestações da sua vida nacional. Todos admiraram o alumno distincto da Escola medico-cirurgica d'esta cidade, que, desde 1876, aproveitava diariamente as suas horas vagas em passeios de investigação linguis-

[1] Existe uma outra collecção, anterior, de «Romances populares portuguezes» colligidos por Leite de Vasconcellos, impressa em 1881, em Barcellos (n.º 12 da minha lista); mas por ter sido tirada em pouquissimos exemplares e nunca posta á venda, ninguem a conhece. O proprio auctor não foi capaz de pôr á minha disposição um exemplar completo: possuo e aproveitei apenas a primeira folha com 6 romances (p. 1-16) e o principio do 7.º Colhidos com o devido respeito pela tradição, são documentos vivos e fidedignos, mas incorrectos.

tica e exploração folklorica, fazendo fallar os seus camaradas da provincia, ou interrogando a gentinha do povo e assentando apressadamente, na carteira, particularidades de pronuncia, provincialismos, locuções, proverbios, superstições, costumes, lendas, contos, cantigas e romances — tudo quanto ia apanhando ás suas victimas, durante a conversa improvisada, mas habilmente dirigida. Todos sabem como, mal se fechavam as aulas que frequentava, lá ia o incansavel estudante passar as ferias na provincia, percorrer o seu paiz, caminhar de aldeia em aldeia, procurar os cantinhos mais isolados, mais afastados dos grandes centros, com absoluto desprezo de commodidades e divertimentos — com o unico intuito de aprender e continuar os seus trabalhos de colleccionação. Poucos haverá, decerto, em Portugal que pisassem e explorassem tanta terra incognita, como Leite de Vasconcellos. E não ha quem desconheça a já extensa lista das valiosissimas obras glottologicas, ethnographicas, archeologicas e folkloricas, que são o fructo d'aquellas excursões: os bellos volumes sobre as tradições populares, os dezeseis opusculos sobre dialectologia portugueza [1], os estudos sobre a evolução da linguagem em geral, a monographia sobre a ornamentação dos jugos, o Portugal prehistorico, etc., etc.

E' pasmoso o que o nosso viajante colligiu de materiaes nas suas geralmente curtas jornadas — quantas vezes, com o pé no estribo, em momentos fugacissimos! Pasmosa é tambem a rapidez, a bella furia com que, de volta das suas excursões, redigia e coordenava e fazia imprimir immediatamente, as notas lançadas a lapis em bocadinhos de papel — para não deixar escapar o instante propicio em que ainda podia archivar e subtrahir ao esquecimento o que, colhido de fresco, vivia na sua memoria. Admiro este desempeno, esta impaciencia, este bello e fecundo enthusiasmo, e, francamente, quasi que lhe tenho inveja [2]. Mas, se admiro e quasi invejo esta maneira de estudar e de publicar, que deu tão proficuos resultados, se comprehendo as razões que levaram Leite de Vasconcellos a recolher quasi sempre com pressa e a publicar immediata e integralmente todos os seus materiaes, sem escolha nem reserva, taesquaes, não desconheço o perigo que estes procedimentos podem acarretar, sempre que o assumpto sejam: textos, poesias, a litteratura popular, e não sómente assumptos scientificos, como a phonetica dialectal. E se avalio em muito os grandes serviços por elle prestados á Romanistica, não deixo, de modo algum, de desejar que ainda preste outros maiores, e que ao primeiro periodo de actividade ininterrupta e um pouco inquieta, siga outro

1 O que é muito para desejar é que o auctor das «Contribuições para o estudo da dialectologia portugueza» continue a dedicar os seus ocios a este assumpto, ampliando ainda o quadro, e condensando, em um volume, os seus resultados.

2 Talvez porque a minha individualidade me leva exactamente ao excesso contrario; porque vou accumulando montes de noticias sobre o mais pequeno assumpto antes de o dar por esgotado, e tomo muito á risca o preceito horaciano dos nove annos.

de trabalho mais pausado e socegado, em que o artista empregue, na construcção de edificios duradouros e bellos, os materiaes que colligiu e já desbastou [1].

Com relação aos Romances, o trabalho de Leite de Vasconcellos tem sido até hoje, quasi exclusivamente, de simples colheita, occasional. Seria tão util se encetasse breve uma colleccionação vagarosa, systematica, e completa, e se depois passasse á exegese critica, e á comparação com os Romances não-portuguezes! Porque, em todo o paiz, não ha ninguem mais apto para nos dar um dia o verdadeiro Romanceiro Portuguez. Elle é novo e activo; tem forças e saude; gosta de viajar; sabe interrogar e colleccionar; confessa um amor ardente por tudo quanto é poesia popular nacional; possue já um grande peculio de materiaes, muita pratica e um solido fundo de conhecimentos geraes; dispõe, como empregado da Bibliotheca Nacional de Lisboa, das obras indispensaveis de consulta, e talvez tenha, entre os collegas e discipulos de hoje e os condiscipulos de hontem, collaboradores já adestrados, que o podessem coadjuvar proficuamente, p. ex. um perito em musica que o acompanhasse nas suas digressões e fixasse as melodias tão ignoradas até hoje, e assentasse os textos empregados para o canto.

Quanto ao methodo a seguir, já enunciei as minhas ideias, fazendo bastantes reparos ás theorias absolutistas, e á doutrina orthodoxa que o meu amigo seguiu até hoje. Não os repetirei. Direi apenas que, chegada a hora da construcção definitiva do Romanceiro, depois de nova exploração vagarosa e systematica de todos os recantos do paiz (e em especial da provincia de Traz-os-Montes, onde os pastores continuam a *cantar* as antigas narrativas epico-lyricas), quando o Sr. Leite de Vasconcellos proceder á escolha e fixação da lição-typo por entre todas as variantes colhidas, os principios que elle seguirá, então, não se afastarão, provavelmente, muito d'aquelles que tentei estabelecer agora [2]. Ao começar o trabalho critico, elle talvez rebata alguma cousa do rigor com que defende por ora a inalterabilidade dos seus textos.

1 Se não me engano muito, este segundo periodo já começou: O livro sobre a «Poesia amorosa do Povo Português», que Leite de Vasconcellos publicou ultimamente (muito depois de eu ter escripto estes artigos), é um fructo maduro e muito bem sazonado, que deve agradar aos mais exigentes paladares.

2 Ha indicios e prenuncios d'este facto nas obras já publicadas pelo auctor: elle viu e explorou um livro manuscripto de poesias populares; aceitou muitissimas informações da familia e dos amigos e camaradas; declarou — poucas vezes — mas declarou, que certas poesias das que ouviu, pediam emendas; corrigiu mesmo alguns versos, e acompanhou-os de notas criticas; e se não me engano muito, reconheceu já quanto é perigoso decidirmos sobre a narração de um ou dous individuos; quanto é util fazermos repetir a mesma poesia não sómente á mesma pessoa em differentes occasiões, mas tambem a diversos informadores; e quanto importa escolher bem estes nossos informadores. Que enorme differença existe entre alguns bem-fallantes que se exprimem com facilidade e bom gosto, e outros que balbuciam, empregam termos baixos e combinam, sem escrupulo nem consciencia, bocados soltos de cantos e contos! Já deu, portanto, os primeiros passos no caminho em que nos havemos de encontrar, amigos e correligionarios.

E direi ainda que sempre aceitei, interessada e agradecida, todos os trechos de Romances que o philologo ia inserindo nos seus opusculos glottologicos e folkloricos, por mais fragmentarios, deturpados ou vulgares que fossem: porque lá estava em seu logar a verdade realista; lá os textos, ethnographica e linguisticamente interessantes, serviam, de preferencia, para exemplificar pronuncias e phenomenos dialectaes, ou usos e costumes populares, e fallavam apenas aos especialistas. As minhas objecções só começaram no dia em que Leite de Vasconcellos se lembrou de reunir em volume, e de apresentar á grande massa dos leigos, ao povo e ás creanças, os mesmos textos, colhidos occasionalmente, sem fazer escolha [1] nem pôr de parte os que estavam visivelmente incompletos e estragados, e sem rectificar, nos mais bem conservados, os erros salientes individuaes e momentaneos de certos informadores de fraca memoria e fraco gosto [2].

Se os textos, de que o Romanceiro Portuguez se compõe, apparecessem p. ex. nesta Revista, acompanhados de notas e explicações, ou mesmo sem ellas, eu applaudiria, sem duvida, juntamente com todos os amigos da litteratura popular: e os saudaria com mais prazer ainda do que os dezesete Romances de Munthe, sublinhando que não é pequeno beneficio facultar aos estudiosos trinta e cinco Romances desconhecidos; porque tantos são os que o auctor colheu pessoalmente. Só oito [3] representam o trabalho dos outros colleccionadores portuguezes, que a equidade de Leite de Vasconcellos não quiz excluir, de todo, de uma obra de generalisação como o Romanceirinho.

Dos trinta e cinco textos, pessoalmente colhidos da tradição oral [4], vinte e nove eram absolutamente ineditos [5]; os restantes seis já appareceram anteriormente nas publicações scientificas do mesmo erudito investigador [6]. Entre elles ha algumas poesias, novas pelo assumpto e pela redacção, vulgares e familiares no genero, mas não sem interesse [7]; algumas, romanticas, que ainda não eram conhecidas em

1 V. a nota 4.

2 Ha no Romanceiro algumas modificações e emendas de texto. Mas: em primeiro logar, o auctor fel-as *à contre cœur*, e contrariamente ao seu costume, como confessa; e em segundo logar, são insufficientes e só dizem respeito a certos termos e fórmas da linguagem popular.

3 O N.º 33 foi emprestado de Almeida Garrett: 27 e 40 foram tirados do Romanceiro Geral de Theophilo Braga; 25 e 26 são da colheita de F. A. Coelho; 43 pertence a Estacio da Veiga; 42 a Reis Damaso; e 41 a Thomas Pires.

4 Leite de Vasconcellos diz-nos na Introducção, que possue, contando as variantes, algumas centenas de Romances! Visto isso, talvez não tirasse á toa e ás cegas um punhado de papeis da gaveta dos Romances, como eu julguei; mas antes escolhesse. Neste caso parece-me que não se lembrou bem do destino do Romanceiro, e que pensou mais nos especialistas e conhecedores, para os quaes algumas das poesias escolhidas são, com effeito, de maximo interesse! E se houve escolha, não houve selecção.

5 São os N.os 1-24, 28 e 31-34.

6 São os N.os 29, 32, 35, 36, 37 e 39, publicados na *Excursão ao Soajo*; no *Estudo ethnographico sobre os jugos*; nos *Dialectos beirões* e nos *Romances populares* da edição de Barcellos.

7 N.os 1, 4, 5, 6, 8, 10, 12, 17, etc.

lição portuguesa e que, portanto, teem grande valor [1]; e outras que representam variantes de textos já recolhidos dentro do paiz, em mais ou menos perfeitas versões [2].

A maioria dos ineditos pertencem a uma mesma colheita, rica e feliz, feita na provincia de Traz-os-Montes, durante uma pequena excursão, em agosto de 1885, aos lugares de Matella, Campo de Viboras, Junqueira e Duas Egrejas. Vê-se perfeitamente, pelas amostras, que aquella provincia é uma mina, que ainda dará thesouros inesperados.

O que não me agradou, é, sómente, o mau estado de conservação ou de transmissão em que nos chegaram. As notas seguintes precisarão este reparo.

*

I. *Romance da* **Morena** [3]. — Assonancia: *ó-a*. — Bonito, inedito e novo, não pelo assumpto, porque ha innumeras coplas e varios despiques que fazem a apologia ou a apotheose da *Morena*, ou trigueirinha, mas sim pelo feitio especial com que este romance apresenta o assumpto. O que admira é que por entre os argumentos a favor da Morena, falte o principal dos que costumam ser allegados na peninsula: o de a Virgem ter sido trigueira. Lemos, p. ex., nas *Cansons de la Terra*, II, 179: *Tambè n'era moreneta La Verge Mare de Deu.* — As linhas 8 e 10 terminam ambas em *graciosa*; 12 e 14 em *queixosa*, licença ou descuido que não é nada raro em poesias populares, nem mesmo em poesias artisticas, mas que frequentes vezes é signal de adulteração. A linha 16 é visivelmente errada. Talvez: *quanto lo moreno importa.* — A fórma syntactica do principio: *Indo-me eu a passear*, é muito usual. *(Andando-me, Estando-me).* Póde-se comparar, p. ex., os N.os 4 e 5 d'esta collecção; a versão beirã do *Alferes matador*; as da *Bella Infanta* e a parodia do *Senhor Dom Gato.*

II. Não sei que titulo dar a este Romance, que é um singular mixto-composito, incomprehensivel para o povo, fundido como é de dous traços soltos, e fragmentarios, ligados sómente pelo nexo exterior da rima.

A primeira parcella, de duas linhas apenas, pertence, como já tive occasião de dizer, ao fundo commum do Romanceiro dos povos do meio-dia da Europa. Da historia de Gaiferos (Braga, Rom. Ger., 37 [4])

[1] N.os 3, 11, 14, 18, 20, etc.

[2] N.os 2, 7, 9, 13, 19, 21, etc.

[3] O collector adoptou para epigraphe de quasi todos os ineditos, por elle colhidos, a sua primeira linha, certamente porque a tradição não lhe indicou titulo especial (N.os 1-6, 8-13, 16-21). E' um expediente acceitavel, mas felizmente desnecessario na maioria dos casos, i. é, em todos os Romances velhos, de assumpto verdadeiramente tradicional. — Onde nem aquelles simulacros de titulo lhe foram fornecidos, Leite de Vasconcellos conserva os romances sem epigraphe alguma. (V. N.º XIV).

[4] V. Wolf, N.os 172 e 173; Duran, 377, 375 e 858.

passou para o romance de D. Pedro (ib. 17) e de D. Helena (Munthe, VII, A, 53-54 e B, 37-38; II, 28-29; Wolf, 161[a], Pidal, 50, 36, 35, 41) e para varios outros, de sorte que é impossivel dizer exactamente onde fôra colhida pela moderna recitadora.

O segundo trecho (3-16) muito popular e bem conservado, foi descozido do lance de Roncesvalles, appellidado em Portugal de *D. Beltrão* [1]. Pertenceu, segundo as apparencias, a uma lição transmontana muito parecida ao texto communicado, ha pouco, por Joaquim de Castro Lopo, n'esta *Revista* [2]. As quatorze linhas de que consta, offerecem a descripção das tres chagas de um cavalleiro morto (modernizado em *soldado* e *soldadito*), a qual, pelo exagerado das figuras, impressionou profundamente a phantasia popular dos peninsulares, e a levou a ampliações que merecem o nome de «hespanholadas». Mal se falla hoje, em verso, das feridas de um bravo, sem que lá appareçam os signaes hyperbolicos do romance carolingio:

Por uma entra o sol,
por outra entra o luar;
pela mais pequena d'ellas
entrava a aguia real,
com suas azas abertas,
e sem as ensanguentar.

O germen para estas ornamentações poeticas veio, provavelmente, para Portugal, nos romances do cyclo bretão, quer fosse com um lais poetico (perdido ou desconhecido) ou na prosa do *Romanz de Lancelot*, traduzida muito cedo do francez, como é sabido. No cap. 21 do original, ahi se conta como o traidor Mordret ficou ferido de lado a lado pela lança do proprio pae, de modo que os raios do sol traspassavam a abertura da enorme chaga mortal. «*Et dit l'ystoire que apprès l'ouverture de la lance passa parmy la playe un ray de soleil si évidemment que Girflert le veit bien.* — Dante, diz no Inferno (XXXII, 61) de Morderette: *quegli a cui fu rotto il petto e l'ombra con esso un colpo per la man d'Artù.*

A versão castelhana do assumpto carolingio de Roncesvalles, mais sobria n'este particular, como em muitos outros, contenta-se com a simples indicação do numero das feridas, que são as typicas sette:

[1] Duran, 395; Wolf, II, p. 318. — Alm. Gar., II, 245. — Braga, 34. — Bellermann, 8. — Cfr. Romero, I, p. XXI.

[2] Vol. II, p. 80. — O nome de cavallo *Iremedar* é, sem duvida alguma, simples erro de impresa, que importa rectificar. Leia-se *tremedar*, e compare-se o cavallo *tremedal* de Almeida Garrett, que Bellermann traduziu, ou antes substituiu por um cavallo preto (*und sein Pferd von Farbe schwarz*). *Tremedal*, que hoje significa, na opinião dos populares que consultei, um cavallo que treme, de fogoso e frenetico que é, designaria no principio, no estylo lapidar da epica popular, um cavallo que se afogou n'um tremedal ou lodaçal, como, p. ex., a Orelia ou Orella del Rey D. Rodrigo.

Siete lanzadas tenia
desde el hombro al calcañal.

A lição transmontana, achada por Garrett em Traz-os-Montes, nos extremos da Beira — repetida depois por Braga e Wolf, Bellermann, Hardung, Diez, e encontrada sem divergencias no Maranhão por Celso de Magalhães — desdobra a phrase e introduz-lhe o novo elemento bretão, tão predominante em Portugal:

Sette feridas no peito,
a qual será mais mortal:
por uma lhe entra o sol,
por outra lhe entra o luar,
pela mais pequena d'ellas (!)
um gavião a voar.

O fragmento ministrado por Leite de Vasconcellos e a redacção abreviada de Castro Lopo, que já citei, reforçam ainda a hyperbole: o gavião, ou a aguia, entra e sahe pela ferida, sem ensanguentar as azas!

D'este cyclo, as feridas passaram para os romances da *Bella Infanta*, onde a interpolação, inutil, despropositada e de mau gosto, é bem visivel. Algumas lições contentam-se com as sette lançadas ou facadas [1]; outras acham pouco, e transformam-n'as em vinte e cinco facadas e outras tantas estocadas: a lição de S. Jorge dos Açores [2], accrescenta, com bravateria muito plebeia, *que a mais pequena de todas era a cabeça cortada*. As mais explicitas relatam:

com *tres* chagas bem abertas,
e todas eram mortaes:
por uma se via o sol,
por outra o bello luar,
por outra tambem se via
rica bola de jogar! [3]

Os mesmos signaes servem, modificados, nas Asturias, para a descripção das janellinhas de uma ermida:

en las alturas del cielo
una hermita se facia
. . . .
con tres ventanitas de oro
forradas de plata fina:

[1] Romero; Azevedo, p. 200.
[2] Braga, Açor. N.º 41.
[3] Cfr. Puymaigre, p. 238 — Braga, 2, 3 (a p. 91 e 298).

por la una el sol entraba,
por la otra el sol salia,
por la mas chiquita dellas
entra la Virgen Maria! [1]

Não é verdade que temos aqui um bonito exemplo do hyperbolismo peninsular? Occasionalmente irei apontando outros.

III. Veja-se *Munthe*, XIV. — As linhas 5-6 e 7-8 teem para mim interesse não commum. Julgo, levada a esta conclusão por outros indicios, que o parallelismo foi primitivamente completo, e que de dous grupos de pessoas que cantavam, alternativamente [2], uma especie de canto amebeo, acompanhado das evoluções da dança [3], um se servia do texto em: *í-a*, emquanto o outro empregava os versos em: *ava*, repetindo quasi com as mesmas palavras as ideias enunciadas pelo primeiro grupo.

E' claro que n'este caso o parallelismo (de que ha restos em muitos romances) e a alternação entre as duas rimas devia abranger todo o romance, construido, se a minha hypothese tiver fundamento, sobre o typo seguinte:

por sua bocca dizia,
por sua bocca fallava:
esta agua benta fica,
esta agua fica sagrada.

Este antiquissimo e interessante typo, representado nas Asturias pelo celebre texto: *Ay! un galan d'esta villa* e *Ay Juana cuerpo garrido*, recolhido em Portugal da tradição popular pelos trovadores da côrte de D. Diniz nos seculos XIII e XIV e aproveitado para bailados e cantigas palacianas, e imitado ainda nos seculos XV e XVI pelos musicos das capellas reaes e por Gil Vicente, admitte e merece um estudo mais amplo e detalhado do que as curtas phrases que lhe foram dedicadas até hoje por Coelho, Braga, Amador de los Rios, Menendez Pelayo, Monaci, P. Meyer e Storck e mesmo que o artigo importante que o proprio Leite de Vasconcellos lhe dedicou no *Annuario*, provando que o antigo parallelismo ainda hoje vive e persiste em poesias puramente populares. —

Os *tres filhos* (da linha 23) e seus destinos, cabendo o mais nobre ao mais novo de todos, têm numerosos irmãos nos cantos e contos populares da Romania. —

IV, V e VI são romances vulgares, do genero humoristico, muito

1 Pidal, 96; Jahrbuch, III, 282.
2 Juntos sómente o estribilho, repetido de linha em linha.
3 A *danza-prima* asturiana?

usado entre os pastores de Traz-os-Montes e em Galliza [cfr. Romania, VI e *Rev. Lus.*, I, 113]. O medico-barbeiro do N.º 6 (e 11), que excitou a indignação do nosso bom amigo, arrancando-lhe uma nota de reprovação, prova apenas a pureza e antiguidade das ultimas coplas que fecham aquella xacara: o barbeiro, fazendo o papel ora de medico, ora de algoz, é frequentissimo nos Romances. Temol-o, p. ex., no Rom. Ger. de Braga, 21 e 22; Açor., 27; Milá, 147, 171, 190, 258; Briz, I, 197: *«prou barbers n'hi ha á Fransa pera curar»*, etc.

Já ouvi cantar, com pequenas variantes, como copla solta, as linhas 13-16 do N.º VI. E li no Romanceiro do Arch. Açor. (p. 13), como linhas avulsas, outro fragmento do Romance: os versos 7-12, *Rapariga tola, louca, Onde trazes o sentido? Eu não-no trago na roca, Nem tampouco no sarilho. Trago o naquelle mancebo, Que anda de amores comigo.* (Cfr. VIII).

VII. **D. Ausenia.** — Assonancia: *á.* — Dialogo dramatico sem uma unica linha narrativa. Resto valiosissimo, ainda que de redacção relativamente moderna, de um cyclo vetusto, a cujos numerosos representantes peninsulares, recolhidos n'este ultimo decennio, Th. Braga já dedicou um artigo n'esta Revista (I, p. 100 [1]), e cujos parallelos de além-Pyreneus foram já estudados e commentados magistralmente. O romance brazileiro de *Juliana e Jorge*, colhido no Ceará e em Pernambuco por Sylvio Romero; as versões da ilha de S. Miguel communicadas por Arruda Furtado com a mesma epigraphe; a lição asturiana colhida por Pidal (N.º 37, *El Convite*); o Romance catalão descoberto por Milá y Fontanals [2], cuja heroina se chama *Oriana* ou *Gudriana*, e por Briz (II, 197); e finalmente a *D. Ausenia*, que Leite de Vasconcellos ouviu em Campo de Viboras, todos estes romances, em que uma cunhada ciumenta mata o noivo da irmã, seu proprio mas desleal amante, formam um conjuncto, que não é sómente commum á Peninsula, ou ao Meiodia da Europa, mas comprehende quasi todo o continente europeu — nacionalidades arianas e turanianas. Os nomes, com que os eruditos costumam designal-o, attendendo aos typos mais famosos, conhecidos de longa data, pertencem á ballada escoceza *Edward*, publicada em Percy (*Reliques of Ancient English Poetry*), e traduzida para allemão por Herder e Platen, e o da serie italiana de *Dona Lombarda* [3]. Distingue-se tambem a parallela sueca: *Der Knab im Rosenhain* (germanisada por Mohnicke em *Volkslieder der Schweden* (Berlin, 1830); a fórma allemã: *Die Schlangenköchin* (Wunderhorn, 16). E, entre as representantes turanianas, a finnica, admiravelmente imitada pelo poeta inglez Swinburne no seu *The Bloody Son* (Poems and Ballads. Lond., 1885; o original publicou-se em Finnica Velyusmaaja, trad. por Schott. A. C. L. V. IV, 134) e as da Transilvania, dos

1 O romance póde chamar-se reduzido e incompleto, mas de modo algum *muito deturpado*, como julgára Th. Braga (Rev. Lus., I, p. 100).

2 N.º 256, *La innoble venganza.*

3 Nigra N.º 1.

Székler de Siebenbürgen, dadas a conhecer pelo bispo de Kolozsvar e por Hugo von Meltzl [1].

O *motivo* commum aos differentes grupos, é uma vingança de familia, suscitada por um crime *contra sextum* — um parenticidio por ciumes — e effectuada por meio de comida ou bebida envenenada. A fórma commum é a de um dialogo dramatico que elucida com inexcedivel laconismo de traços, em estylo lapidar, sobre a situação, rematando com palavras, em que o moribundo, ora com ironia mordaz, ora com caridade sublime, enuncia em varias deixas as suas ultimas vontades. O veneno mortal é sempre de reptil: contém os pós e a pelle de lagarto moido (port.); sangue de tres cobras e de sapo, *sangre de tres culebras; la piel de un lagarto vivo y la espinilla del sapo* (astur.); sangue de lagosta quadrupede (turan.) ou de vibora peçonhenta (allem.). São drogas fadadas, empregadas em todas as artes magicas de S. Cypriano e das bruxas, meigas e feiticeiras, de todos os tempos e de todas as nações — velhas já no tempo de Theocrito [2].

O accidente, que varia de nação para nação, e de poesia para poesia, é o grau de parentesco entre os tres antagonistas da tragedia cruenta. Os Finnos e os Suecos introduzem um fratricida; os Escocezes, um patricida; os Italianos, um sponsicida; os Trasmontanos de Siebenbürgen, uma cognaticida, em harmonia com os peninsulares. *Semper idem, sed aliter.* Na fórma relativamente moderna dos *Cantos* e dos *Romances*, falta o duplo estribilho que costuma acompanhar as balladas não-romanicas.

Em Portugal aconteceu o que ahi costuma acontecer com todos os argumentos: o thema prendeu com outras tradições indigenas sobre motivos identicos, talvez de base historica ou semi-historica.

Indicarei apenas duas poesias populares, de importancia capital, nomeando primeiro o bello Romance do *Conde Yanno* [3], (o tragico mulhericida (forçado) que se vê constrangido pela amante real que abandonara, a matar a esposa legitima e querida) porque o nome pessoal do heroe repete com singular insistencia o do protagonista da ballada hungara dos Szekler *A megétett Iános* = Yano envenenado); e a variante açoriana que o nomeia Duarte, lembrando o escocez *Edward.* — Em segundo logar temos o Romance catalão do *Testamento de Amelia*, intimamente relacionado com a ballada sueca «*O testamento*» e com a já citada «*Schlangenköchin*» allemã (Briz, II, 197; Milá N.º 146), porque encontramos n'ella, além das deixas tradicionaes, a mesma phra-

[1] Koszoru de J. Arany em A. C. L. V., IV, 134 (i. é: Acta Comparationis Litterarum Universalium).

[2] Temos no Idyllio 2.º (l. 58) «as meigas» que moem o *salamandro* como ingrediente de um filtro encantador. «*Jetzo zerreib ich den Molch dir morgen zu schlimmem Getränke* (trad. *Voss.*)

[3] Appellidado ainda: *Arnaldos, Alarcos, Albano, Auardos, Alberto* e *Albardos, Conde d'Algalia, Conde Olario* ou *Conde de Alado* — sempre com *á* tonico na segunda syllaba.

se caracteristica que distingue os romances de *Edward*, e que fórma, para assim dizer, o fóco, de onde a tragedia derrama a sua sinistra luz. A joven, ahi envenenada por uma mãe, madrasta, sogra ou avó desnaturada, exclama, ao sentir os effeitos do veneno administrado:

Matsinas me n'heu dadas | per casá ab l'espos meu!
Matsinas me n'heu dadas | mare, morta'm veureu!

assim como no texto portuguez o noivo infeliz rompe nas palavras:

Dona Ausenia, D. Ausenia
que botaste a este vinho?
ou *Que me déste Juliana*
n'esta taça com bom vinho?
ou *Que es esto Mariana*
que es esto que tiene el vino?
ou *Que me destes Mariana*
que me destes en el vino? [1]

Não sei se é muito aventurado querer descobrir no nome de *Ausenia* (por *Ausena, Ousena*) reminiscencias de *Iseo la brunda* e o seu filtro de amor? — A fórma *Ousea* figura nos velhos livros de linhagem, como já mostrei em outra parte [2]. — De outro lado a fórma *Ausenda* lembra *Alsuinda*, a filha da dona lombarda *Rosmunda* [3].

VIII. E' uma serie de coplas, com rima nas linhas pares, distribuidas entre os dous interlocutores — *Elle* e *Ella* —, de modo que a cada um compete sempre uma quadra. Uma só vez as linhas são repartidas de outra sorte, cabendo seis a cada um; costume bastante vulgar nos Cantos ao desafio e de despique, e mesmo nas *Xacaras*. Este nome generico de *Xacara* não compete ás cantigas soltas e assaz desconnexas da «*Rosa que estás na roseira*», porque da conversa não se desenvolve acção ou intriga alguma. — O *Soldado-sapateiro* ou *Sapateiro-soldado* começa o seu discurso com o verso inicial do *Rosalflorido* açoriano (N.º 14), o que quer apenas dizer que ambas as composições hauriram nas coplas *avulsas* do Cancioneiro popular. Ouvi cantar mais de uma vez como copla solta a 1.ª quadra do *Rosalflorido* [4]:

[1] Em Munthe, VI, as perguntas ou exclamações: «*Que me disti Blancaflor, que me disti n'esta cena?*» — são parecidas, mas não identicas, e referem-se, como a outras iguarias medonhas e legendarias, conhecidas e legadas por antiquissimas lendas pagãs, como o cerebro do filho sacrificado, ou o coração do amante. (Coucy — Bremberger, etc.)

[2] Uma *Ousenda* e *Ausenda* (deturpada por etym. popular em *Ausencia* e *Acenha*) de outro grupo de rom. port. é effectivamente a *Isonda* bretã.

[3] Cfr. Nigra N.º 1, e Gaston Paris, p. 25.

[4] Wolf, II, 18. Açor. 203 e 223.

Rosa que estás na roseira (ou *no rosal*)
manda-me um vintem de rosas!
as abertas não-nas quero,
fechadas são mais formosas! [1]

Sobre a «rosa branca enxertada na borragem» nada sei dizer.

IX. **Cruelvento** [2] (e não *cruel vento*, como Leite de Vasconcellos imprimiu) é uma versão *transmontana*, — de grande valor, apesar de infelizmente fragmentada, — do velho Romance de *Floresvento* (e não *Flores e Vento*, como se lê no Romanceiro Geral), do qual até hoje só tinham apparecido tres lições açorianas [3]. São interessantes, principalmente para quem procura no Folklore vestigios de costumes passados e praticas de outras edades. Admira, portanto, que Th. Braga na «*Poesia do Direito*» não se occupasse do infeliz «*Banido*», interdicto de tecto, lar e agua, por «britador d'egreja, ladrão maenfestado, forçador de donzellas, aleive ou traidor», obrigado de sahir como «homizieiro» de toda a povoação, e podendo até ser morto impunemente como lobo nocturno. Sempre duvidei que *Floresvento* e *Cruelvento (u-e-é-o)* fossem deturpações, ou por outra, localisações e nacionalisações de um nome estrangeiro, germanico, proprio de personagem historico, que padeceu como *Outlaw*, *Exlex*, *Homo forbannitus* os effeitos das disposições da *Lei salica* (58, 1), repetidas em certos fóros da provincia de Traz-os-Montes, que é a unica a conhecer e conservar ainda hoje o Romance de *Cruelvento*.

O *extorris; expulsus de pago; proscriptus; a communi jure alienus; non cibandus, non recipiendus, non jurandus; lupus et latro, coelestium spoliorum raptor*, é visivelmente parente do criminoso, de que os fóros de Freixo e Urros determinaram laconicamente (em 1152): «*exeat de Orrios pro aleive et de suo termino et derribem suas casas*» ou «*exeat de Fresno pro aleeoso et de suo termino et derribemle las casas*» [4]. E ambos são os antepassados do *roubador maioral* do Romance, que derrubou tres cidades, deshonrou tres donzellas de sangue real, e matou

[1] Confira-se: Rosa que estás na roseira,
deixa-te estar que estás bem,
mimosa e regalada
á sombra de tua mãe!
ou ainda: Rosa que estás na roseira
deixa-te estar em botão:
a rosa depois de aberta
perde toda a estimação.

A horrivel rima *bem-mãe* (em *é*), usadissima mesmo entre os poetas mais nimosos da actualidade, é signal certo da pouca idade de uma poesia. As rimas *pãe mãe frãe vãe cãe* (e *sãe* etc.) em Á ou Ãe são, pelo contrario, indicio quasi certo da antiguidade de um canto popular.

[2] *Joãosinho*, é um substituto moderno de *Cruelvento*, mas a fórma do nome com *é* ou *í* na syllaba tonica, não é casual nem indifferente.

[3] N.os 17, 18 e 19 do Romanceiro do Archipelago Açoriano.

[4] Cfr. Poema del Cid., 100-1.

um padre de missa, revestido, no altar [1]. — Procurei um dia reconhecer em *Floresvento* o *Vargus* ou *Vargr-î veum* ou *rûmelant* ou *vealdgenga* germanico: está visto que debalde e sem resultado algum. — Ha pouco que entendi que *Floresvento* não é outrem senão o *Floovent* das antigas *Chansons de geste*, i. é, *Flodovinc* ou *Chlodovinc*, o descendente de *Chlodvig*, cujas mocedades («*Enfances*») serviram no sec. XII de assumpto a um velho *trouvère* francez. Os romances portuguezes pertencem, portanto, ao vetusto cyclo *merovingio;* e talvez sejam o unico resto popular d'elle. Não entro em pormenores n'este lugar. Só direi que *Floovent* é a poetização do historico *Dagobert* «*banni par son père pour avoir gravement insulté, en lui coupant la barbe, un de ses plus hauts barons*» [2].

X. Temos aqui outro fragmento deturpado — um *rifacimento* vulgar de uma scena do bello Romance de *Duardos e Flerida*, cuja assonancia se conservou, como de costume *(í-a)*. — A linha 4.ª não está de accordo com o resto. Quem, fugindo com um jornaleiro, se despede saudosamente da casa paterna e do jardim natalicio, não tenciona metter-se freira. E' um exemplo da semceremonia com que alguns desmemoriados preenchem as lacunas dos seus textos! A linha correspondente do Romance original diz: *Flerida já se partia.* — Talvez se deva emendar no romance transmontano: *sahir* (ou *fugir) de casa queria.*

Cfr. Alm. Garr., III, 145; Gil Vicente, II, 249. — Braga, R. G., 19 (18 e 20) — Açor., 36; Azevedo, XIII, 191 e 196. — Gaspar Fructuoso, «Saudades», 769; e ainda o «Adeus», da Xacara do *Hortelão das Flores.*

XI. O *Romance do* **Duque d'Alba** e da **Menina que morre d'amores,** em *í-a,* existe nas Asturias, em variante mais desenvolvida. (Pidal, 13), e na ilha da Madeira, em duas variantes. (Azevedo, p. 103-105). A procedencia hespanhola da versão transmontana reconhece-se ainda nas rimas *benia* (venia) e *iba* e em *aquesta* [3]. Leite de Vasconcellos introduziu, por descuido, no texto, como se entrasse no quadro metrico e não interrompesse a ordem obrigada das rimas, uma das indicações que a recitadora forneceu em prosa. E' a linha 9: *Chegou elle e disse-lhe ella.* — Ha ainda no 14.º lugar, ou uma linha superflua que é preciso eliminar, ou antes uma lacuna que é preciso preencher. Em lugar de: *não é mentira nenhuma,* poderia lêr-se: *disseram-te a verdade; não é nenhuma mentira* [4]. — O verso 19 é um bordão dos mais

[1] V. Grimm Rechts Altertümer, v, 3.

[2] Cfr. G. Paris, Moyenâge, § 15, 21 e 24, Charlemagne, p. 221 e 444.

[3] Repito n'esta phrase apenas a opinião de Coelho e Leite de Vasconcellos: eu, pela minha parte, não estou bem certa do facto. — Na linguagem antiga de Portugal *vinha* e *tinha* soavam *vĩia* e *tĩia* ou *viia* e *tiia*, sendo de tres syllabas. Nas redacções modernas, os fronteiriços conservam instinctivamente, obrigados pelo canto, o trisyllabismo da palavra. — Espero voltar á questão, que precisa ser examinada.

[4] Ou: *não te nego a verdade, nem te digo a mentira* ou *eu te digo a verdade, não te digo a mentira.* (Cfr. Pidal, 1 e 2, Munthe, IIᵇ e 3).

vulgares, empregado innumeras vezes, desde os tempos do Poema del Cid até hoje.

XII. Fragmento interessante: falta a continuação, em que talvez o filho mais novo, criado pela irmã, desempenhava o primeiro papel. *Passar aguas de la mar* ou *passar las aguas del mar*, é o fadario chorado por mais de um *«muchacho y niño»* do Romanceiro. (V. Lançarote, Wolf, 147; Conde Nillo, Pidal, 25; Palmero, Wolf, 195. — Poema de Alf. XI, 358, 679 e 1876). — Em *benção* (linha 8) não é o accento (oxytono) que estorva, mas sim a falta de rima. *Benção*, antigamente *bençom*, nunca rimou com *chorar*, *crear*, *mar*, etc. — Já ouvi cantar em Traz-os-Montes, como quadra solta:

Eu estou na minha casa
como a maçã no macial;
um a quer, outro a leva,
todos a queriam levar.

variante — ou talvez original — dos versos 17-20.

XIII. Não é Romance nem Xacara [1]. São quatro coplas soltas, ligadas unicamente pelo artificio metrico do *leixaprem*, o qual é tão frequente nos desafios do nosso povo que a sua origem *popular* me parece incontestavel. A relação entre o primeiro verso de cada quadra e o ultimo da antecedente, póde ser a de absoluta identidade ou só de similaridade. Constituem uma curiosa parlenda sacra de disparates, a conferir com os versos infantis do *Arreburrinho* e outros da mesma laia. — A' linha 11 falta uma syllaba. Podia lêr-se: *vai levar uma cartinha*. — As ultimas quatro linhas constituem uma copla solta. — De passagem direi que conheço versos populares ineditos de *leixaprem*, p. ex., os *«Reis»*, de Miranda.

XIV. Cfr. *Munthe*, XVII. — A 1.ª linha serve tambem de principio ao N.º XXI. — E' preciso sublinhar as palavras castelhanas *niño*, *mazana* e *empeza*.

XV. Nova versão transmontana do Romance da **Infantina Enfeitiçada**, cheia de resaibos «castelhanos». (Como XI e XIV): *mis* e *tus* por *meus*, *minhas*, *teus* e *tuas*; e *tenia* por *tinha*. — Cfr. Duran, 284 e 285. — Garrett, II, p. 30. — Braga, R. G., 10 e 11. — Açor., 1-3. — Coelho, Groeber, IX, p. 62. — Algarve, p. 40. — Pidal, 34 e Amador, VII, 442. — Madeira, p. 360. — Brazil, II, p. 153. — Milá, 174 e 234, N.º 212. — Ensaladilla Praguense: Centão 30.

Nos textos portuguezes de Leite, Coelho, Braga e Garrett, a infantinha é irmã do caçador real, o que os aproxima do grupo de *D. Bueso* (V. Munthe, V) e da *Xácara da linda pastorinha*. — Na versão asturiana (que é derivada), a donzella aposta com seus manos *(cien vasos de plata fina)*: ronda o monte, volta com honra á villa, e ganha a aposta. — A introducção, á maneira de conto de fada, é commum ain-

[1] Cfr. Pires N.º 127 *a* e *b* (versão mais completa).

da ao Romance catalão das *dos Germanas* (Briz II, 160). — Das suas primeiras quatro linhas já tratei nas notas ao Romance da *Penitencia de D. Rodrigo* (Munthe, 1). *E eu* na linha 3.ª é provavelmente erro de imprensa ou deturpação por *Elle?* As linhas 24-26 são phrases feitas (cfr. Munthe, 29 e 31); as 27.ª e 28.ª repetem-se na Historia de D. Anna (23 e 24). — A *malatasinha* do original transformou-se no texto de Pidal em uma *malatofina* (Err.?) e no de Leite n'uma *mulata fina*; o *malato* fez-se *mulato*. O leproso é chamado *malato*, p. ex. na Chronica Rimada, 560. A mesma substituição de um termo archaico, hoje desusado, por outro, de som quasi igual, deu-se na ilha de Madeira (Azevedo, p. 354), onde, de resto, a *malata* se conservou intacta em alguns outros romances (*Captiva*, p. 213, 214, 215; *Boi Bragado*, 273; *Cidras*, 345).

Nas linhas genealogicas: *Sou filha do Rei de França, Neta do Conde de Hungria*, repetidas, *ipsissimis verbis*, ou com variantes, em muitos outros romances, haverá, antes do que uma reminiscencia das lendas, eruditas, sobre a origem do Conde D. Henrique, um ecco das historias de Carlomagno? da sua expedição contra os Avaros de Hungria e dos contos sobre BERTHA —, a filha do Rei Flor ou Philippe de Hungria, ou sobre Phila, a irmã de Pepino? O final, composto de dous versos pareados, é uma deturpação humoristica do desfecho da versão da Covilhã. E este pelo seu lado, é um accrescento postiço, uma picuinha trocista contra as más sogras que, pelo que dizem, «amargariam ainda, sendo de assucar e estando além-mar» [1]. Cfr. Munthe, v, 57-64.

XVI. E' uma parte apenas, infelizmente bastante viciada [2], de um bello Romance peninsular, de fama geral, do qual Leite de Vasconcellos apresenta ainda outra versão com o N.º XXXIX. Esta parte contém simplesmente a introducção ou seja o enlace, a primeira scena de um drama. Em Maio, no mez sacramental em que os antigos Reis peninsulares, dos seculos XII e XIV, mandavam ajuntar os seus exercitos para os levarem a guerras e batalhas fronteiriças contra mouros e christãos [3], um soldadinho, um gran cabo de guer-

[1] Cfr. «*Sogras nem de barro á porta!*» «*Diz que havia uma de assucar, além dos mares, e ainda assim fazia mal á nora*».

[2] Ahi lemos: *Quinhentos soldados leva. Quinhentos eram quintados. E os demais quintados eram* — E' indispensavel corrigir. Proponho: *Trezentos eram quintados, E os demais de leva* (ou *forçados*) *eram*. — Entre as linhas 18 e 19 falta um verso talvez: *E' por uma pobresinha*. — No fim ha o seguinte disparate: *tres dias te dou de alargo: ao cabo de quatro mezes cavalleiro para a guerra!* — originado pela mistura boçal de lições differentes.

[3] As Chronicas e os antigos Cancioneiros fornecem numerosissimas provas. Dou duas apenas: A cantiga N.º 79 do Cancioneiro da Vaticana, attribuida ao proprio Rei D. Affonso X de Castella, chasqueia de um rei, principe, ou rico-homem, por elle não se apresentar, como devia, em Maio, afim de ir batalhar na Veiga de Granada, e repete ao fim de cada estrophe o estribilho: «*Não vem al Mayo!*». Outra cantiga (N.º 1055) apoda igualmente um cavalleiro por não acudir a tempo «*ao Maio*», á cruzada dirigida contra Sevilha (N.º 1211). — No texto de Leite de Vasconcellos el rei D. Alonso e el rei D. Fernando, que fazem leva em Maio, lembram os antigos monarchas leonezes e castelhanos do seculo XIII.

ra, um cabo de quintados, ou um forçado, caminha triste e cabisbaixo, cheio de saudades. Em resposta ás perguntas do «general», o moço sentimental e melancholico confessa que está com saudades da esposa [ou amada]. E' licenciado por tres dias — sete dias — quatro mezes — ou sete annos (!) de alargo, de aguardo, de despensa ou licença.

Eis o que conta o fragmento recolhido em Traz-os-Montes por Leite de Vasconcellos. Devemos confrontar as suas 23 (em lugar de 24) linhas em *é-a* com as primeiras 16 do N.º 39, e com outra versão igualmente transmontana de identica assoante, publicada primeiramente por Almeida-Garrett (II, p. 186), reproduzida depois por Th. Braga (R. G. N.º 57), e traduzida e annotada por Wolf (Proben, 108). Os colleccionadores portuguezes asseveram que a composição (mal classificada como *xácara*) não se encontra nos romanceiros do povo castelhano, e, enganados pelos retoques das redacções modernizadas que encontraram, principalmente pelo desenlace picaresco do «*Cordão de ouro*» [1], assentam ainda, que o Romance deve datar da guerra da acclamação, i. é, de meados do seculo XVII. Ambas as affirmações são, porém, destituidas de toda a realidade: a introducção, de sabor muito mais antigo, que distingue os dous textos novamente colhidos por Leite de Vasconcellos, destroe a primeira parte da affirmação; e um parallelo, gallego, bastante deturpado, mas de origem evidentemente castelhana [2], communicado por Milá y Fontanals (Romania, VI, 69) e mais outro asturiano, colhido por Pidal (N.º 73), desfazem a outra asserção [3].

Passemos agora á segunda parte, da qual Leite de Vasconcellos apresenta só *um* texto, e este muitissimo estragado; tão estragado, que é forçoso e urgente eliminal-o, ou antes *substituil-o* por outro, haurido de fonte mais pura, i. é, colhido da bocca de quem sabe e entende mais alguma cousa da divina arte da poesia.

Esta segunda scena (N.º 39, linha 17-40), com assonancia propria e peculiar em *i*, formou, provavelmente, a principio, um Romance *á parte*. — Póde-se admittir mesmo que a primeira scena, a qual, solta, não tem nem merece vida independente, foi inventada por menestreis populares, sómente para servir de introducção explicativa á se-

1 Esta scena final, produzida por Garrett, ainda não se descobriu talqual em redacção alguma viva, entre o vulgo. Seria, portanto, possivel que o *Cordão de ouro* não fosse senão uma redacção engenhosa, em estylo popular, composta pelo auctor de D. Branca, sobre elementos tradicionaes. O fundo, comtudo, deve ser authentico, pela razão seguinte: ha um Romance catalão (Milá, 246), que faz voltar o quintado á casa da amada, abandonada no proprio dia das bodas — *casada, viuda y donzella;* lá bate á porta, mas ninguem lh'a abre. E em outras redacções, francezas e italianas, o soldadinho torna ao regimento, curado das suas saudades.

2 *Morra* e *forem* rimam com *guerra*, *terra*, *ela*, *lenha*, fallando claro a quem queira ouvir.

3 Cfr. ainda Ballesteros, III, p. 255, e Milá, N.º 246 e 227.

gunda metade [1] claro-escura, mas que contém o verdadeiro motivo ou thema: o da *Apparição*. Mas o tal Romance da *Apparição* encetava, para o gosto refinado do seculo XVI, de um modo demasiadamente abrupto.

Um cavalleiro ou soldado vae, triste e saudoso, ver a sua dama (a namorada, e não a esposa). No meio do caminho encontra uma apparição presaga ou annunciadora da morte da infeliz. Esta apparição é ora humana, ora sobrehumana: um vulto, um palmeiro, um pulverinho [2]; a morte, o demonio, ou simplesmente uma voz — a voz da sua propria consciencia despertada pelos sinos que ao longe dobram a defunctos — ou a alma penada da morta. Em seguida visita a sepultura; ou encontra o cortejo funebre da finada de amores, que morreu inconfessa, e que a poesia dá por fallecida de morte natural, ou por sangrada por quem de lei e direito era seu juiz e algoz [3]. A alma não póde repousar, e falla ao soldadinho, gemendo e chorando.

Muitos dos textos dedicados a este assumpto, identificam o cavalleiro namorado — o soldadinho quintado — com o Bernal-Francez ou Françoilo, confundindo e juxtapondo traços dos dous Romances. Julgo que principalmente por inducção da rima elegiaca em *í*, que é a mesma em ambos os Romances [4]; mas tambem porque, quem conta um «caso» romantico, lembra naturalmente outros parecidos, e conta-os em seguida, tentando combinal-os de qualquer fórma. — O vacuo que ainda assim existe entre a primeira e a segunda parte, explicado em geral pelos collectores e pelos proprios recitadores pela desmemoria do vulgo, é preenchido algumas vezes por uma curta quadra de transição, feita *ad hoc*.

Primitivamente, porém — como já observei — o Romance da *Apparição* começava simples e directamente com a pergunta dirigida pelo

1 Quer-me parecer que as perguntas do general: «*Diz-me ó soldadinho, que tão triste vas na guerra, se te lembra pae ou mãe, ou gente da tua terra*», e a resposta: «*Não me lembra pae ou mãe, nem gente da minha terra; lembra-me a minha namorada, que é bonita e donzella* (ou: *que se chama Dona Helena*) foram construidas sobre o modelo primordial do colloquio entre a *Apparição* e o *Cavalleiro*. — O accrescentador não se importou muito com o *estado* e as *condições* da namorada; de sorte que ainda hoje ha desharmonia entre a *donzella* do primeiro e a *degollada* do segundo acto, que, certamente, fôra casada.

2 O pulverinho, borborinho ou balbrinho, é um redemoinho de pó, cuja repentina apparição assusta os viandantes, que julgam reconhecer n'elle alguma «cousa má».

3 E' o que parece indicar *a gargantilha colorada* (deturpada em *acalorada* e *aclarada*), o *jaqué de carmesim*, a *saia* ou *roupinha de carmesí*, o *jaqué de carmesim*, mencionado tambem nos Romances do Bernal-Francez.

4 V. Alm. Garr., II, 135. — Braga, 57 e 13. — Açor., 8 e 9. — *Rev. Lus.*, I, p. 105-110. — Reis Damaso, p. 15-5. — Pidal, 73. — Milá, N.os 227, 254 e 255. — Briz, I, 139. — Duran, 292, 1459 e 1461. — Romania, VI, p. 65. — Guevara, Reinar despues de morir. — Cfr. ainda Pidal, 33, *La esposa infiel*, e Briz, II, 85, *La mala muller*. — Um fragmento, de 10 linhas, originario de uma versão desconhecida, foi introduzido por engano no Romance da *Pobre Viuva* (Açor., 51: *Oh de fóra até cobri*). Outros fragmentos apparecem em Munthe, XIII, 22-28.

phantasma ao soldadinho. Esta pergunta, commum a todas as versões, diz, pouco mais ou menos:

«Donde vas, el cavallero?
donde vas, triste de tí?»

Digo *primitivamente*, apesar de as mais antigas *impressões* do Romance [1] principiarem diversamente (com uma especie de prologo narrativo). E digo mais ainda. Digo que a tal introducção impressa, aliás muito mal succedida, serve até de apoio á opinião que sustento: que o velho Romance correu até 1500 sem preambulos *poeticos*.

O começo:

En los tiempos que me vi
mas alegre y placentero,
yo me partiera de Burgos
para ir a Valladolí.
Encontró con un palmero
que me habló y dijo asi [2].

é visivelmente postiço e apocrypho, porque não tem relação com o verdadeiro assumpto. E' copla e meia de um Romance meio artistico, que parece perdido, anteposta ao dialogo, só por ter tambem rimas em *í*.

Apoiam ainda a minha opinião os factos seguintes:

1.º) A Ensaladilla de Praga, composta de uns 70 centões, que representam, na maioria, se não exclusivamente, *principios* de Romances e Cantigas, cita e emprega as palavras: *Donde vas el caballero?*

2.º) O mesmo acontece no drama *Reinar despues de morir*, de Velez de Guevara (Jornada III, Escena 8), onde D. Ines de Castro ouve cantar «*dentro*» as primeiras duas quadras do Romance: *Donde vas el caballero?*

3.º) Uma versão catalã, ainda viva, intitulada «*La Condesa muerta*» (Milá N.º 254) principia: «*Ahont aneu vos el bon comte? ahont aneu tan de matí?*

4.º) Uma modernissima remodelação castelhana, adaptada ao malfadado Rey D. Affonso XII e á morte da Rainha D. Mercedes, colhida por Pidal (p. 330), começa tambem:

1 «Pliego suelto» de 1524, e Sepulveda, Romances, 1551.

2 Estas seis linhas são un singular artefacto. Principiam a fallar por *eu* (na 1.ª pessoa), mudando logo depois para a 3.ª pessoa. Bem sei que é rarissimo encontrar um Romance popular que conserve, com consequencia, o *eu* até o fim. Comtudo, é contra o uso variar logo na segunda phrase, e tão desageitadamente como aqui. Considero, portanto, *encontró* por *encontré* como antigo erro de impresa, escrupulosamente conservado até hoje. — A prova da illegitimidade das primeiras linhas está na fórma artistica da estrophe *(abba)*, que seria inaudita n'um Romance popular. O *palmeiro* póde provir de uma Introducção em *prosa*, que o povo costumava accrescentar para intelligencia do assumpto.

«Donde vas, Rey Alfonsito,
donde vas, triste de ti?[1]

Deixemos, comtudo, as considerações geraes sobre o *Soldadinho*, a *Apparição*, e o *Bernal-Francez*, que são descabidas n'este lugar, e voltemos ao texto trasmontano ou beirão de Leite de Vasconcellos, que, como já disse, é defeituoso.

Na linha 1.ª podiamos ler á moda antiga: Em-na *intrada de Maio*; na 2.ª, pelo contrario, bastaria: na *sahida da primavera*[2].—Em 8 e 10, a lição *ausencia* é possivel; comtudo, ouvi *sempre* cantar em versões trasmontanas: *ou gente da tua terra.* — 9, *Pãe*, não póde ser senão erro de imprensa. — 13-16, sahem do schema da primeira parte, andando faltos da rima em *é-a.* — 17 e 18, estão completamente deturpadas: alguns recitadores intercalam aqui um pequeno trecho em prosa: *«Então o soldadinho marchou, mas no meio do caminho encontrou um pulverinho»*. Outros, transformam estas linhas em verso, com rima especial, sua:

Estando n'estas razões (ou: *com e. r.)*
o soldadinho marchou.
e (ou: *lá) no meio do caminho*
um pulvrinho se armou.

O informador de Leite misturou esta transição e outra posterior, necessaria na passagem da estrada á sepultura, introduzindo aqui «o diabo» e só mais tarde «o borborinho»[3]. — Entre 19 e 20, falta uma linha, correspondente á segunda metade da pergunta: *donde vas, triste de ti?* — A 21 fica certa se lermos *mia* em lugar de *minha*, tratando este adjectivo de monosyllabo, como o era de facto nos secu-



1 Compare-se: Adonde vá el soldadito
a estas horas por aqui? (Pidal, p. 330).

Onde vas tu cavalleiro
tão penoso vas em ti? (Rev. Lus., 107).

Onde vais tu cavalleiro
tão enchido vas em ti? (Rev. Lus., 109).

Onde vas tu cavaleiro
tão cioso vas em ti? (Rev. Lus., 108).

Donde bas tu suldadito
[tan solo por esta tierra?] (Munthe, XIII, 43).

Wolf (pag. 127, 138, 129), parece ser da minha opinião (com relação aos exemplares castelhanos). — Na obra *Proben*, elle declara, em vista de um material muito insufficiente, que as versões castelhanas e catalãs da *Apparição* são apenas bocados incompletos e refeitos do *Bernal-Francez!* (Pag. 74-75).

2 Já chamei a attenção sobre o facto de muitos versos apparecerem hoje faltos de syllabas, que em fórma archaica estariam completos.

3 Cfr. Pidal, 80: *Al medio de la jornada col mismo demonio encuentra.*

los XIII e XIV (Canc. da Vat.). — A 23, não é verso; é phrase de transição, em prosa, aliás superflua, e que por isso falta em todas as outras versões (que eu conheço). — O verso 24 é errado: em lugar de *namorada*, costuma-se pôr *dama* ou *amada*. — O 25, é deturpado; é preciso repetir: *é morta (que eu bem na vi)*. — O 30, só póde ser interpolação moderna: tambem ouvi tal linha da bocca de populares, mas felizmente de populares que tinham intelligencia sufficiente para completarem a «*Langzeile*» (o hemistychio), accrescentando «*foi cousa que eu nunca vi*». — 32 e 33, estão viciadas. Emende-se, em harmonia com a lição que ouvi recitar: *Sette damas a choravam, o choro não tinha fim*. — Entre 33 e 35, quero dizer, entre as linhas que correspondem a estas duas, ha uma lacuna nas restantes lições. — O Romancista-inventor dera aqui um salto: e os modernos repetidores, resentindo-se d'isso, explicam: «*Pois agora aqui é que eu não sei o que dizem*». Ou contam em prosa: «*Continuou a andar e chegou aonde ella estava sepultada*». Ou intercalam um trecho lyrico, cuja origem e proveniencia ignoro: é de notar que fiz tres vezes recitar e cantar o nosso Romance pela mesma cantadeira e que de cada vez ouvi n'este sitio uma variante nova. — 36, não é muito correcto; mesmo lendo *borbrinho*, cresce uma syllaba. A boa lição diz: *um borbrinho* (ou *pulv'rinho) se armou*. — Nas partes restantes ainda ha tantas redondilhas adulteradas, de quatro, cinco e seis syllabas *(para missas — por amor de ti — por via de ti — que não se percam)*, tanta phrase fragmentaria, que não comprehendo bem como um erudito e um poeta distincto, como o meu amigo, as póde acceitar, assentar e reproduzir a sangue frio e sem vacillar. Em vez de as enumerar, apresentarei uma lição colhida tambem em Tras-os-Montes (Urros), e que se aproxima muitissimo do texto de Leite de Vasconcellos. Indico as variantes que resultaram da recitação reiterada da *Quadra do Soldadinho*, e não omitto os trechos em prosa muito tosca que commentavam a poesia.

Diz que era um soldado que andava na guerra; e andava muito apaixonado por uma menina [1]*; e depois o capitão* [2] *perguntou-lhe o que tinha:*

«Que tens tu, oh soldadinho
que andas tão triste na guerra?
se te alembra pae ou mãe
ou gente da tua terra?»
«Não me alembra pae nem mãe
nem gente da minha terra;
só me alembra uma menina
que era linda e donzella».
«Se a tu quiseres ver
sette annos te eu dera;
ao cabo dos sette annos

[1] *E estava muito triste.*
[2] *Então o general*, etc.

jura [1] armas e bandeira» [2].

Estando nestas [3] razões
o soldadinho marchou;
lá [4] no meio do caminho
um pulv'rinho se armou [5].

«Não te espantes, meu cavallo,
não te espantes ora [6] aqui [7];
eu vou ver a minha amada [8],
que ha muito [9] que a não vi».
«A tua dama [10] já é morta [11],
já é morta [12], que eu bem-na vi.
Se tu queres sinaes d'ella,
eu tos dou agora aqui:»
«Se [13] me deres sinaes d'ella
eu me fiara [14] em ti».
«Levava saia de cambraia
e jaqué de carmesim;
o cinto que a apertava
era de ouro e marfim;
uma touca de oleado
foi cousa que eu nunca vi [15];
os padres que a acompanhavam
de tantos não tinham fim».

[1] *Jugou ; jugar ; jura.* — A recitadora de cada vez confessou não entender bem esta passagem, e accrescentava que os soldados «*juram pelo bonné e pela farda*» e que talvez a quadra alludia a este costume.

[2] *Jura voltares á guerra.*

[3] *E. com estas razões.*

[4] *E.*

[5] *Então o soldadinho marchou, mas no meio do caminho encontrou um pulverinho levantado pelo vento (é a poeira que se enrodilha e d'estes pulverinhos é que se levantam os medos). O pulverinho aqui era ella que lhe fallava; por isso elle não andou mais ávante, mas parou.*

[6] *Agora.*

[7] Perguntando eu se não diziam tambem:

Onde vás oh soldadinho
onde vás triste de ti?

respondeu me que *não*, que nunca ouvira dizer assim.

[8] *Dama.*

[9] *Dias.*

[10] *Amada.*

[11 e 12] *Ja morreu.*

[13] *Se tu*, etc.

[14] *Fintava.*

[15] A recitadora dizia aqui «*que isso que não podia ser assim; que só alguma gente que não sabia, aumentava o da touca de oleado*». — Em lugar de FOI mettia então É ou tambem: *uma cousa que nunca vi.*

Continuou a andar e chegou aonde ella estava sepultada e disse-lhe: [1]

«Venderei o meu cavallo
para missas para ti;
não chegando o meu cavallo
até me vendo a mi».

E ella respondeu de dentro:

«Não vendas o teu cavallo
nem missas digas por mi:
estou mettida no inferno,
tudo por amor [2] de ti;
quanto [3] mais missas me dizes
mais penas são para mi.
Os olhos com que te via
de chorar não tenem [4] fim;
os braços com que te abraçava
já não tem vigor em si [5];
a bocca com que te beijava
já de terra a enchi.
Deus queira que vás casar
para as bandas [6] de Sandim
com uma mulher mui linda
que não te alembres de mim [7].

[1] Uma vez a minha informadora intercalou o seguinte trecho:
Quando chegou ao pé d'ella, disse:
«Fui ao cemiterio santo;
sem susto algum entrei;
adorei a sepultura;
os olhos ao céo levantei;
disse para a terra sacra: (ou: *sagrada:* ou ainda: *santa*).
Venho aqui a este fim
a ver se a minha amada
eu encontro n'este jardim».
Respondeu-lhe atribulada
cheio de amore constante: (ou: *amor inconstante!)*
«aqui estou em este canto
cheia de atribulação». (Cfr. Braga, N.º 13).
A outra vez confessava: *pois aqui é que eu não sei bem o que dizem.* A terceira vez seguia como no texto.

[2] *Por causa de ti.*

[3] *E quanto.*

[4] *(Sic!).* Foi a necessidade de conservar disyllaba a antiga palavra TEEM, que creou esta fórma.

[5] *Vigor já não tem em si.*

[6] *Para a villa.*

[7] As linhas 45-50 só as ouvi uma unica vez. — A quadra immediata foi, n'uma occasião, substituida pela seguinte:
«A mulher que tu tiveres
que se chame como a mim;
quando chamares por ella
para te lembrares de mi».

As filhas que tu tiveres
leva-as diante de ti,
que se não percam por homens
como eu me perdi por ti».

XVII. Desconhecido até hoje. [Cfr. Jahrb., III, 282 e Braga, 48].

XVIII. Redacção bonita e relativamente pura do Romance de Nossa Senhora Peregrina, que Amador, Pidal e Munthe descobriram em lições asturianas. Cfr. Munthe, XIII. — As senhas dadas sobre o traje da romeira (e em outros romances sobre os vestidos de cavalleiros e damas) teem interesse para a historia das artes e industrias peninsulares. A *touca valenciana* e a *capa* ou *tole toledana*, já tinham fama no seculo XV.

XIX. Singular deturpação de um texto castelhano que Giner Aribau ouviu recitar em Proaza, de Asturias (N.º 1, *O cautivo Lunardo*). Ambos em *ía*. Na lição de Leite ha versos errados, omissões, accrescentos, indicações dissolvidas em prosa que no Romance asturiano estão em verso, e um remate postiço. — P. ex., na linha 3 deve lêr-se *senhora* e não *senhores*; na 6, *tiraria* e não *tirara*. Entre 15 e 16 falta uma linha, tradicional, do genero das phrases, feitas e portanto de facil reconstrucção: [*Se me levas por esposa Se me levas por amiga* [1]], e outra entre 16 e 17: [*Não te levo para esposa, Que esposa eu* TENIA].

XX. Inedito em lição portugueza, mas conhecido em uma versão gallega (Romania, VI, p. 68), e em tres asturianas (Pidal, 68 e 69 e Jahrbuch, III, 279), muito mais completas e mais dramaticas. — O sexto verso está errado; leia-se: *já meia noite seria*.

XXI. Cfr. Pidal, 82 e Braga, Rom. Ger., 49.

XXII. E' a xacara popularissima do *Cego fingido*, em quartetas de redondilha menor, publicada em variadissimas versões [Alm. Garr., III, 186. — Braga, R. G., 55. — Açor., 76. — Madeira, p. 254. — Brazil, 14 e 18. — Coelho, Groeber, III, 67. — Reis Damaso, p. 202. — Milá, N.º 230, *La fuga*. — Murguia, I, 578. — Romania, VI, 53]. — Comtudo, ha ainda varias por publicar. Possuo uma de Tras-os-Montes (Urros), incompleta, que principia:

«Levanta-te, Jeluvina,
d'essa cama de dormir,
vem ouvir o cego
cantar e pedir».

1 Cfr. Wolf, 151 (Enfeitiçada): *Si quisieres por muger, sino sea por amiga*; id. 142 (Compañero): *Si la quieres por m., si la quieres por a.*; id. e Prag., 88 (Baldovinos): *Si quisieres por m., si no sea por a.* — Açor., 1 (Enfeitiçada): *Não me leves por mulher, nem mais pouco por amiga*; ib., 2: *Sem me levar por m., nem tam pouco por a.*; ib., 3: *Não me leveis por m., nem tam pouco por a.*; etc. etc. (Milá, 213 e 222).

O emprego reiterado das rimas em *inho*, e em especial da palavra *caminho*, era casual, mas foi systematizado por Almeida-Garrett.

XXIII. Esta **Oração do Dia do Juizo** — differente da que Braga publicára com a mesma epigraphe (R. G., p. 129) e de outra que Leite introduziu n'esta collecção (N.º 27) — é um embrolho enredadissimo pela semceremonia da recitadora. Começa com duas linhas «feitas», que geralmente só servem de introducção a alguns romances novellescos [1]; continúa com troços de Romances da Virgem e do Natal (Leite, 27 e 28 e Jahrbuch, III, p. 282 N.º 5); accrescenta uma copla de um Romance das *Alminhas*; e termina com uma das formulas sacramentaes com que é costume fechar as Orações (Braga, Canc., p. 72 e 174, Açor., 356, 357, 355, etc.)

XXIV. Humoristico, ou de disparates. Mas não haverá ahi dous fragmentos independentes um do outro? 4. *O que vindes cá buscar?* 10. *Dei com as costas no chão.*

XXV. Incoherente e bastante viciado: apresenta octosyllabos, como: *nem em lençoes vos imbrulharam — e mais suas amigas.* — A rima tambem não está em ordem.

XXVI. Variante do **Romance da Alminha** que vae em romaria a Santiago, publicado por Pidal (N.º 66), em texto muito superior. — «*Chegou mais adeante*» é apenas uma indicação *em prosa.* — Cfr. Bellermann, p. 148, Romania, III, 265. — A segunda metade parece verso dissolvido em prosa, ou prosa entremeada de algumas rimas pareadas: só as primeiras 16 linhas teem caracter de romance.

XXVII. O titulo **Oração do Dia do Juizo** é inconveniente. — O romance asturiano «*A touca da Virgem*» (Pidal, N.º 82) e a poesia catalã «*La intercesion de la Virgen*» representam o mesmo typo (Milá, N.º 20). — Ainda n'este texto ha muitos versos *pareados* [2]. E' bem possivel que os Romances sacros formassem antigamente um grupo especial, de feitio peculiar, directamente derivado das *sequencias* e *ladainhas* latinas. — Seria importante descobrir um exemplar que representasse o typo *puro.* — O mesmo texto existe em *quadras* quasi identicas, no fundo e na fórma, de tal modo que cheguei a duvidar se a redacção recolhida por Leite não seria uma simples deturpação da boa lição madeirense, publicada por Azevedo, com o titulo de *Alma Peccadora* (N.º x, p. 14).

XXVIII. **Romance de Natal.** — Mais uma versão d'este singelo canto, que é um dos mais populares, e dos poucos que é facil ouvir *cantar*, por occasião da festa, mesmo na cidade. — Cfr. Braga, Açor., 61, 63 e 64. — Romania, x, p. 102 e 103. — Rev. Lus., p. 113. — Madeira, p. 3-7. — Pidal, 88 e 96. — Milá, Rom., VI, p. 67. — Pires, 33. — Caballero, And., p. 271. — Aproveito a occasião para publicar duas lições por mim recolhidas. Ouvi cantar a primeira (a duas vozes) por

[1] Duran, 305, Conde de Alemanha: *Atan alta va la luna como el sol a mediodia.* Cfr. Açor. N.º 62, e Duran, 385.

[2] 1-2; 3-4; 13-14.

uma rapariga de Amarante e um moço gallego; a segunda pelo mesmo gallego só, que era da Coruña.

I

Nesta noite de natal,
noite de grande alegria,
caminhava Sam José
e amais a virge-Maria.
Caminhavam p'ra Belem
pra la chegar com de dia.
Quando a Belem chegaram,
já meia noite seria.
Sam José foi buscar lume
por ser pra virge-Maria.
Quando Sam José chegava,
já o filho da Virge nascia.
Nasceu entre umas palhinhas
que nem uns panninhos tinha [1].
Deitou as mãos á cabeça
ó toucado que trazia,
fe-lo em quatro pedaços;
o menino deus cubria.
Desceu um anjo [do ceo] á terra [2]
que panninhos lhe trazia:
uns eram bordados a ouro,
outros de cambraia fina.
Foi o anjo para o ceo
cantando ¡Ave Maria!
e no ceo lhe preguntaram:
«como ficou a Maria?»
«A Maria ficou boa,
na sua cella recolhida,
que lhe fizeram carpinteiros
da divina carpint'ria [3],
por obra do Padre Eterno [4]
por ser pra virge-Maria».
Gloria seja a deus filho
e a deus padre tambem!
Gloria seja ó sprito santo
por todo sempre! amen!

II

Natividades

Caminando vai José
caminando vai Maria,
caminando vai José
pra ver se llega con dia.
Cuando llegan a Belen
toda la gente dormia;
fueron se a arrumar
a un pie de agua fria.
[Prosa: Pasó por alli el portero:]
«Abre las puertas portero
a José y a Maria».
«Como he de abrir las puertas
si las llaves no tenia [5];
si las tiviese (sic) de oro
de prata (sic) no las daria;
estimaba de saber
cuando el niño nacia».
«Ainda (sic) no nace esta noche
ni menos la que venia».
Cuando era alta noche [6],
el niño nacido habia.
un hijo como un cristal [7]
que solo un dios parecia.

Pasó por alli San Juan
y la bendita Madlena:

1 Variante: *Panninhos de mano não tinha*. Cfr. Leite, N.º 23, 6-18 e 28.

2 1.ª lição: *do ceo;* 2.ª: *da terra,* ambas cantadas; 3.ª, recitada e falsificada: *do ceo á terra.*

3 Var.: *com toda a carpintaria.* Cfr. em Leite, 8, a *«nobre sapataria»*, e Jahrbuch, III, pag. 282: *non la fizo carpintero de obra de carpinteria, que la fizo el Rey del cielo para la Virgen Maria.*

4 Cfr. Jahrbuch, III, p. 282, N.º 5.

5 Var.: *a gente que no conocia.*

6 Var.: *medianoche.*

7 Var.: *un niño.*

«Como vais, virgen parida,
como vais, virgen doncela?»
«A mi me vai bien, San Juan;
no digo de no tener pena
por ver al hijo de dios
nado en tanta pobreza
sin tener en que lo enbolva
sino en una poca de yerba;
el buei manso se la yanta
la mula bien se la lleva».

Bajó un angel del cielo
que lindos paños traia:
unos eran de bretaña,
otros de olanda fina.

Quanto á lição do Romanceirinho, precisa de varias emendas, não arbitrarias, mas sim obrigatorias — filhas de razões imperiosas. Sempre ouvi cantar:

21-25 tal era a sua pobreza
que nem panninhos *tenia.*
e 27-28 Jesus Christo ia chorando,
sua mãe chorando ia.

Está claro que póde haver, e ha, muitas variantes; mas as phrases acceites pelo nosso amigo não são *variantes*, são deturpações, interessantes como *documentos humanos*, e inacceitaveis só n'uma obra que quer *instruir e deleitar*.—O final era desconhecido para mim; lembra pelo argumento e pela intenção as linhas 27-33 do primeiro dos meus textos.—*Almenda* podia ser o hespanhol *almena* (= ameia), desfigurado por quem ignorava a significação?

XXIX. **A má sogra**: Variante do Romance de D. Helena (ou por outra, de Narbola) do qual já fallei (Munthe, VII, A e B).—A curta redacção trasmontana de Leite, que tem feitio puramente popular, dá, nos pontos de transição, onde o poeta devia apparecer *narrando* e interrompendo o dialogo, indicações em simples *prosa*, que são substituidas em algumas versões por linhas «feitas», ou pelo menos de construcção convencional.

Temos p. ex.—como substituição da rubrica, ou direcção scenica *(Bühnenhinweis)* que dizia: *Olindinha partiu; veio o marido e perguntou* — os dous versos (a *Langzeile):*

Vae-se Olinda, vae-se Olinda
o marido a chegar;

e como substituição de—*«Foi, e disse-lhe a mãe d'ella»*—a formula:

«Tres voltas deu ao castello
sem achar por onde entrar [1]».

[1] A terceira rubrica que condensa pelo contrario, com laconismo exagerado, em tres curtas phrasinhas, tres acontecimentos de importancia capital para o desenlace do Romance (nascimento — morte e desapparecimento), parece-me um expediente posterior, inventado por um desmemoriado, que não se lembrava do trecho poetico correspondente á parte *positiva* da acção.

E' difficil decidir qual das duas maneiras de dizer seja a primitiva: a decisão depende da maneira de encarar e atacar o problema da origem dos Romances—ou o problema mais vasto das origens da *poesia*. —As primeiras duas linhas do texto de Leite deviam ter tido *originalmente* (nos sec. XIII e XIV) fórma *directa*. Talvez: *Soïdades me apertam De ir á casa da mha máe.*—As rimas *páe* e *váe* em um Romance, cuja assoante é A ou ÁE, attestam grande antiguidade.—As linhas 25 a 28 parecem-me modificações vulgarisadas e corrompidas, de outra redacção mais nobre.—A ultima quadra não está de accordo com a fórma ritmica do Romance. Não é difficil, mas inutil, entrar com hypotheses para emendá-la [1]. Quem procurar bem, sempre ha de encontrar a verdadeira lição, porque o Romance continúa vivo e são na memoria das velhas cantadeiras trasmontanas (Urros).

XXX. E' inconveniente dar a este Romance o titulo de *D. Silvana*, que não lhe pertence, e que só por confusão lhe foi applicado por recitadores inexperientes. O heroe d'este Romance portuense (?) é o *Conde Yanno* ou *Conde Alarcos* [2]. A falsa epigraphe provém do facto de o recitador ter aproveitado as primeiras linhas da Silvaninha, em que occorre duas vezes este pronome feminino (que aliás *não* reapparece no texto).

Ha na Peninsula quatro grupos de Romances, originalmente diversos — cada um com variadissimas versões, em differentes dialectos — em que uma mulher (dona ou donzella) padece tormentos sem o merecer. Todos os quatro teem a mesma assonancia grave, em *ia* (relativamente moderna). São: 1.º) D. Silvana [3] infeliz pela culpa de um pae desnaturado; 2.º) D. Helena [4] morta por causa da traição da má sogra; 3.º) a mulher do Conde Yanno [5] (Solisa Silvela e Silvana), desgraçada pela antiga amante do marido; 4.º) D. Bernarda, a menos popular das quatro, cujo nome por isso não varia, e que soffre por não consentir na deshonra da propria mãe, a amante do Conde de Allemanha. A vivissima, mas mal disciplinada phantasia do povo, confunde, mistura e amalgama estas quatro figuras, martyres da sua honra: tanto os nomes proprios das heroinas como os preludios, que prendem as quatro tragedias, e muitos traços pequenos, são hoje propriedade commum dos quatro cyclos, demonstrando claramente a tendencia po-

[1] P. ex.: Da mha mãe não tenho pena
que no ceu já está;
mas a perra da mha sogra
hoje (ou *cedo*) pra o inferno váe.

[2] Cfr. Alm. Garr., II, 47.—Braga, Rom. Ger., 27 e 28.—Açor., N.º 29.—Madeira, p. 127-135.—Brazil, 6, e p. 161.—Pires, 6 e 34.—Coelho, Groeber, III, 64.—Pidal, 48.—Romance, VI, p. 68.—Ballestero, III, 259.—Milá, 207.—Briz, III, 31.—Leite, Dialectos Beirões, Taboaço, p. 3, Montenovo, p. 8. Trad. pop., § 355.

[3] *Silvaninha Delgada Delgadinha Faustininha Aldina Claudina Galdina.*

[4] *Narbola Arbola Marbella Olindinha.*

[5] *Conde de Lombardia, ou Mayorguia; Conde Alberto; Conde Delpho; Conde Dalvos; Conde Flores; Conde Yanno; Conde Alves; Conde Alarcos; Conde Albertos; Conde Elarde; Conde Alario*, etc.

pular (inconsciente) de fundir em uma só tragedia de horrores todas as quatro (principalmente as tres primeiras).

As versões primitivas da Silvaninha teem uma introducção singela, á moda de um conto em prosa: *El buen Rey tenia una hija* (ou: *tenia tres hijas*), ou ainda: *tres hijas tenia el Rey* [Pidal, 74, 75, 76.—Jahrbuch, III, 284.—Açor., 5.—Milá, N.º 29 e 272]. Outras redacções mostram-na passeando pelo corredor, uma guitarra de ouro na mão [Açor., 4 e 6.—Rom. Ger. N.º 12, etc.]

Esta escena foi transferida para o palacio do mulericida Conde Alberto, na redacção trasmontana de Leite, como tambem para outra, minhota (Coelho, Zeitschrift, III), e uma gallega (Milá, Rom., VI, 64).

As versões açorianas de D. Helena aproveitam a mesma introducção (16) ou as primeiras linhas do Conde Alarcos, cuja amante abandonada o vate popular nos mostra chorando e acordando o pae com o seu pranto, exactamente como Silvaninha o acordára com a sua guitarra; e um dos textos (açor.) do Conde Yanno apossou-se até de todo o primeiro acto da Silvaninha, compondo assim um drama mais complicado.

Haveria muito a dizer sobre os castigos implorados pela condessa, e realmente infligidos a Silvaninha; sobre a linda Ninanana da Condessa; sobre o maravilhoso da creancinha de peito que falla; sobre a moralidade enunciada no verdadeiro final; e sobre a phrase postiça, accrescentada depois. Reservo, comtudo, as minhas notas para outra occasião.

XXXI. Mais uma versão da popularissima Xacara em redondilha menor da *Linda pastorinha* ou *Rosa pastorinha* [1]. Pertence á serie das versões que fazem da *serranilha* (ou *pastourelle)* a irmã do cavalleiro-tentador, *contra* a virtude da qual elle apostára.—Na penultima quadra é melhor dizer: *eu vou ganhá-la* (como ouvi mais de uma vez). Temos outra aposta na *Tecedeira*, que liga com o grupo do Conde Claros (Braga, R. G., 59.—Leite, Barcellos, 4, 5 e 7).

Em Tras-os-Montes ouvi outro dialogo, a modo de despique pastoril de conversados, a que se dá o mesmo titulo de *Trovas* (ou *Quadras) da Pastorinha*. Eil-as:

1 «Deus te salve, pastorinha,
e o gado que guardaes!»
«Venha com Deus, cavalleiro,
de Deus salvado sejaes!»
2 «Eu salvei e tu salvaste,
cumprimos o nosso dever».
«Foi creação que me deram
de eu a tudo responder».
3 «Entre silvas e silvais
aguas claras vi nascer;
menina, que estás na fonte
dá-me agua, quero beber [2]!»

[1] Alm. Garr., III, 207.—Braga, R. G., 51.—Açor., 77.—Algarve, 143.—Brazil, 185.—Madeira, 257 e 260.—Rev. Lus., 111.—Coelho, Gr., III.—Pires, 11 e 13.—Romania, VI, 53.—Ballestero, I, 97.—Milá, 366.

[2] Parece á primeira vista que aqui falta a resposta da pastorinha. E', comtudo mais provavel que a quadra sobre a agua da fonte seja mera interpolação.—Cfr. Açor., 132, N.º VII e Canc. Ger., N.º 53 e Romero, N.º 16 (quadra 1.ª), onde ha parallelas d'esta copla.

Deu-lhe agua. Elle bebeu e disse:

4 «Oh que linda rapariga [1]
sois só vós, linda pastora,
tão bonita e tão formosa,
falla tão encantadora!»
5 «Não venha aqui o senhor
escarnecer da innocente
que anda a pastar seu gado
na serra afeitivamente». *(sic)*.
6 «Quereis vós, linda pastora,
quereis deixar o vosso gado?
Tirar-vos-hei d'esta serra.
Vinde habitar a cidade!»
7 «Que hei de ir fazer á cidade
sendo na serra nascida?
O que hei de fazer na cidade
sem ter alli modo de vida?»
8 «Anda comigo á cidade;
alli terás um firme amor».
«Tambem aqui nesta serra
tenho amantes [2], meu senhor.
9 Vejo pastar o meu gado,
é todo meu entretimento;
não posso acreditar palavras
que são dictas ao vento [3]».
10 «Eu te prometto, pastora,
de comtigo ser casado;
quando formos ao passeio
hei de te levar ao meu lado».—
11 «Vou-me despedir do gado
dos ares do meu paiz;
para ir accompanhar
quem me a mim faz tão feliz.
12 Adeus pae! e adeus mãe
do sacramento primeiro,
que se vae a pastorinha
com um real cavalleiro [4]».

XXXII. **D. Anna** é a **Bella Infanta** (a Esposa fiel de um Navegante, que, no entender do povo, não podia deixar de ser o dono da Nau Cathrineta!) — Cfr. Alm. Garr., II, 7 e 13. — Braga, R. G., 1 e 2. — Açor., N.º 41. — Madeira, p. 202. — Brazil, N.º 1 e II, p. 141. — Coelho, Groeber, III, 63. — Pidal, 31 e 32, *La Ausencia.* — Amador, VII, 446. — Milá, N.º 202, *La vuelta del marido.* — Briz, II, 191, *Blancaflor.* — Duran, 4 e II, p. 175, o refaciamento moderno chamado *O Mambru.*

No texto de L. de V. a assonancia muda tres vezes: (de *áa* para

[1] Var.: *Uma linda rapariga*
como vós linda pastora,
[2] Var.: *Amores.*
[3] Var.: *Vejo pastar o meu gado,*
ouço cantar passarinhos;
não me quero sustentar
de abraços e beijinhos.
[4] Var.: *Vou-me despedir do gado,*
dos amores da minha terra,
quero m'ir accompanhar
quem me a mim faz tão donzella. (sic).

P. S. Vejo agora que o mesmo dialogo vive no Algarve. — Theophilo Braga colheu um fragmento d'elle (as primeiras tres quadras e *variantes* das quatro ultimas) em Lagos e introduziu-as nas Notas aos «Cantos Populares do Brazil» (II, p 185), apresentando-as como simples *variantes* das xacaras conhecidas (!) e como documento para o «phenomeno da transformação do metro de redondilha menor em maior». (!) No fim accrescenta: «esta variante afasta-se do typo conhecido e por ella se verá como sobre os velhos moldes o genio popular vae operando de um modo inconsciente a accommodação dos antigos cantos ás novas situações sociaes». A observação é justa, mas o exemplo não se presta bem á demonstração.

ou, e depois para *í*, e, além disso, apresenta tres quadras entremeadas em *é-a*, em *á* e *é-a*. Nos outros Romances só temos duas rimas: *aa* e *í*). E' possivel que tanta variação proceda da mistura de lições. — Tem ainda de sobra uma linha, a 53, e de menos outra, entre 7 e 8. — Do verso 2.º conheço a variante: *no seu estrado assentada*. — Os signaes são pouco caracteristicos: o *burro* costuma ser substituido por um cavallo branco. — Sobre as prendas offerecidas em alviçaras; sobre os tres moinhos [1], as tres filhas e o annel de sette pedras — outros tantos traços que se repetem a miudo —, era facil fazer tratadinhos digressivos. Vale, porém, mais, supprimil-os.

XXXIII. A **Nau Catrineta**: copia da bella e conhecidissima versão de Almeida-Garrett [2]. — Já mencionei que as cantadeiras de Tras-os-Montes tratam a «Bella Infanta» como se fosse uma Parte Segunda da *Nau*. O cavallo branco, as prendas offerecidas em alviçaras, e as tres filhas, a que *ambos* os Romances se referem, motivaram talvez esta combinação. Direi ainda que alguns populares cantam entre linha e linha, com toada tristissima, o estribilho *«Valha-me Deus!»*

XXXIV. **A devota da Ermida.** Variante de Braga, R. G., N.º 48. Tem alguns defeitos de recitação (l. 5 *(amanhece* e não *amanhecia)* e l. 14 e 15).

XXXV. Humoristico, copiado de Coelho. No fim ha duas quadras que tambem vagueiam como trovas soltas. Leite de Vasconcellos já publicara em tempos duas variantes d'esse Romance, uma (colhida na *Maia)* nas Tradições, § 342, e outra no seu antigo Romanceiro popular (N.º 2).

XXXVI. E' uma das numerosas poesias dedicadas a Santa Catharina. Tem a fórma irregular de certas orações, cujas rimas são ora pareadas, ora encruzadas. — Cfr. Romania, VI, 52.

XXXVII. **Jesus Mendigo.** — Cfr. Braga, R. G., 43. — Açor., 75. — Coelho, Groeber, III, 70. — Pires, 32 e 46. — Na ultima quadra ouvi dizer: *venida* e *remida*, em lugar de *chegada* e *salvada;* e acho preferivel esta lição, por causa da rima. — O remate, cuja formula acompanha quasi todos os romances sacros, sôa, quando completo:

> Gloria seja a deus filho
> e a deus padre tambem!
> gloria seja ó sprito santo
> por todo sempre Amen! (Cfr. Rev. Lus., I, p. 113).

XXXVIII.—Lição um pouco estragada da *Santa Iria (Erea Ereia*

1 Cfr. Wolf Proben, p. 51. — Jahrb., III, 56. — Puymaigre, II, 471. — Citarei apenas a cantiga: *Entre Ubeda y Baeza | hay un molino y muele | azucar, canela y clavo | lo que mi morena tiene.*

2 Alm. Garr., III, 103. — Braga, R. G., 23. — Açor., 37-40. — Bellermann, 14. — Algarve, p. 48. — Madeira, p. 238. — Brazil, I, 159 e II, 173. — Cfr. Milá, N.º 215; Briz, IV, 32 e 33. — Munthe, 15, etc.

ou, por transformação popular, *Santa Ilena)*.—Braga, R. G., 45, 46 e 47.—Açor., 71.—Algarve, 179 e 185.—Coelho, Groeber, III, 69.—Madeira, 17 e 19.—Brazil, 13 e p. 179.—Pires, 10.—Milá, Romania, VI, p. 52.—Murguia, Hist. Gall., I, 579.

XXXIX. Veja-se o que disse com relação ao N.º 16.

XL. **Flor e Brancaflor.**—Copiado de Braga, R. G., N.º 38.—Alm. Garr., II, 192.—Madeira, 211 e 214.—Brazil, N.os 22 e 23.—Milá, N.º 242.—Briz, II, 161.—Amador, VII, p. 377 e 433.—Pidal, 18, 19 e 20.

XLI. **Santa Theresa.**—Cfr. Açor., 74, e Madeira, p. 31.

XLII. **A má sogra.**—Xácara em versos de redondilha menor. Lição curiosa do Algarve, colhida por Reis Damaso em Lamego.—Sobre o nome D. Bozo releia-se a p. 202.—No paragrapho 5 (linha 3) deve lêr-se: *minha mana não está cá* (em logar de *minha mãe)*.

Como ainda não se descobriu este Romance em outras provincias de Portugal, communicarei uma variante notavel de Tras-os-Montes, que os pastores de Urros cantam, acompanhando-a com a sua flauta. Foi lá que ouvi cantar as *Quadras da Brancarosa* (em 1887). Posteriormente foram-me recitadas frequentes vezes, por uma rapariga da mesma aldeia.

«Era uma menina que casou fóra da terra. Foi viver a uma casa de campo, n'um ermo onde só tinha a sogra e uma cunhada. Estas tratavam-na muito mal. E á hora do parto não tinha quem a assistisse. Só o marido. E ella tinha vergonha, e queria empontá-lo para fóra. Por isso lhe dizia sempre:

«Vae-te d'ahi, amor,
vae-te a passear».

Mas elle respondia de cada vez:

«Como hei de ir, triste
coração e deixar-te?»

Mas ella continuava a pedir-lhe que fosse, só para o fazer sahir:

«Uma sogra que eu tenho
vae-me lá chamar,
que as dôres são tantas,
eu estou a acabar».

Então elle foi e chamou a mãe:

«Levante-se, oh mãe,
d'este seu dormir,
que a Rosabranca
está para parir».

—Se parir que para,
para um barão
que rebente logo
pelo coração.—

Elle voltou para casa e disse-lhe:

«Conforta-te, oh Rosa,
á Virgemaria,
que minha mãe não stava,
foi á romaria!»

E ella a pedir:

«Uma cunhada que tenho
vae-me lá chamar,
que as dôres são tantas
eu estou a acabar».
«Levanta-te, oh mana,
d'este teu dormir,
que a Brancarosa
ficou para parir».
— Se parir que para
uma rapariga!
que rebentem logo
a mãe e a filha! —

E elle tornou a dizer, para não a vêr mais triste:

«Conforta-te oh Rosa
á Virgemaria!
onde foi a mãe
tambem foi a filha».

E ella a empontá-lo para longe:

«Uma mãe que eu tenho
vae-me lá chamar,
que as dôres são tantas,
eu estou a acabar».

Chegou á casa da sogra e chamou:

«Levanta-te, oh sogra,
d'este teu dormir,
que a Brancarosa
está para parir».
— Sobe cá, meu genro,
sobe cá para cima!
coma alguma cousa
e beba uma pinga».
«Não quero comer
nem me demorar,
que a Rosabranca
ficou a acabar».

Então a mãe vestiu-se a toda a pressa e foi logo. Mas era muito longe. E quando chegou á entrada do ermo, já a Brancarosa estava morta. E tinham-lhe feito uma ermida onde fazia milagres, porque morrera santa. E a mãe perguntou:

«Que ermida é aquella
que stá naquelle alto?»
«E' da Brancarosa
que morreu de parto».

Portou então as mãos á cabeça e disse:

«Quem tivere filhas
case as na terra;
uma que eu tinha
bem fiquei sem ella».

Depois de recitar assim, a minha informadora deu palmadas contra a testa, confessando que não era assim, que se confundira, e que «aquillo da ermida» pertencia á Santa Ereia. E, emendando-se, contou que a mãe ouvira tocar os sinos.

«E procurou a um pastor, quem tinha morrido:

«Que signal é aquelle
que estão tocando?
«E' pela Brancarosa
que morreu de parto».

XLIII. Lindissima versão do *Conde Nillo* — cyclo de que seria preciso tratar detalhadamente. A metempsychose final não indica, de modo algum, claramente, qual a origem da poesia.

(Continúa).

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

NOTAS SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DE ALDEIA DE SANTA MARGARIDA

(BEIRA-BAIXA)

A freguesia de Aldeia de Santa Margarida, terra da naturalidade de quem subscreve os presentes apontamentos, pertence ao districto de Castello Branco, concelho de Idanha a Nova, e fica situada na linha divisoria d'este concelho do de Penamacôr.

A sua população quasi analphabeta, isolada dos centros de cultura litteraria, por falta de communicações rapidas, vivendo dos productos da agricultura, não tendo por isso necessidade de ir procurar longe os meios de subsistencia, acha-se em excellentes condicções para conservar numa fórma especial a linguagem portuguesa.

A) Phonetica

1. O *ei* tonico pronuncia-se *ái*, ex.: *ribáira*.

2. Ha dois sons palataes surdos, um explosivo, que represento por *ch*, outro continuo, que represento por *x*. São dois sons normaes no Entre-Douro-e-Minho e Beira-Alta.

3. O ditongo, que na lingua litteraria se representa por *ou*, soa *öu* com um *u* subtil; quando medial sôa *ö*; em certos casos sôa *ôi*. Ex.: *ôiro*, *vöu*, *pöco*. Sobre o valor do *ö* vid. *Rev. Lusit.*, I, 224.

4. O *a* tonico de certas palavras muda-se em *e*, ou num som proximo, ex.: *buréco*. Cfr. *Dialectos beirões* de J. Leite de Vasconcellos, III, p. 12-13.

5. O *s* e o *z* iniciaes, mediaes e finaes, bem como *c* e *ç*, têm respectivamente os valores de *s* e *z* reversos da Beira Alta e de certos pontos do Norte do país. O *z* final às vezes sôa *ze*, ex.: *vêze*, *cruze*.

6. O *u* tem o valor do *u* do Fundão *(ü)*, ex.: *tü*.

B) Morphologia

I. Artigos. — Como na linguagem litteraria. Apenas o artigo *uma* em proclise toma a fórma *'ma*, ex.: *vi 'ma mulher*.

II. Pronomes.—1. *Nos* tem a fórma *mos* quando complemento directo ou indirecto, e ainda quando intercalado entre preposições e os infinitos por ellas regidos. Ex.: *disse que mos fossemos embora*, *disse p'ra mos irmos embora*, *o jantar que mos deram*, *mandaram-mos chamar* etc.

2. *Aquelle*, *aquella* têm a fórma *asquelle asquella*; *este*, *esta* têm a

fórma *aqueste aquesta*. Em composição com a preposição *em* ou *de* tomam as seguintes fórmas:

Ex.: *Na-squelle 'stante* (instante)
Da-squella hora
Na-squeste' 'stantes
Da-squestas horas.

3. *Lhe* tem a fórma *le*.

4. Os pronomes *meu, teu, seu*, pelo menos antes de palavras que comecem por consoante, têm a fórma *mê, tê, sê*.

III. Verbos. — 1. O verbo *ser* faz no presente indicativo: *sôu* ou *são* [1], *sâmos* ou *sêmos, sêndes*; no presente conjunctivo faz *séjamos* (esdruxulo) e não *sejâmos*; a 2.ª pessoa do plural d'este tempo nunca a ouvi empregar.

2. O verbo *fazer* differe da linguagem culta nos seguintes tempos: presente ind. *fazendes*; pret. imp. *faziendes*; pret. perf. *fazi, fazeste* ou *fijéste, fazeu, fazemos, fazestes, fazerão*; m.-q.-p. *fazera, fazeras, fazera, fazeramos, fazérendes, fazeram*; fut. *fazerei*, etc.; imper. *fazende*.

3. O verbo *trazer* faz no pres. ind. *trago, tragues, trague, traguemos, tragueis, traguem*; pret. ind. *trougue, trougueste, trougue, trouguemos, trouguestes, trouguérão*; pret. p. *traguido*.

IV. Particulas. *a) Adverbios*.—O adverbio *não* tem a fórma *num* e a menos emphatica *nu*; ex. *num quero, nu vö lá*.

b) Preposições. — 1. A preposição *com* junta ao artigo definido toma a fórma *c*, ex. *c'o, c'a*. O primeiro caso dá-se tambem ás vezes no verso litterario.

Ex.: fui *c'o* home
fui *c'a* mulher.

2. *Por* e *para* antes dos artigos tem a fórma *p'r*.

c) Conjuncções. — 1. *Mais* tem o valor de *e*. Ex. *andava a guardar 'mas cabras mais 'mas ovelhas*; mas póde juntar-se a *e*.

2. A conjuncção *nem* tem a fórma *nim*.

d) Interjeições. — *Lhá-lhá!* particula exclamativa de admiração.

C) Texto com a pronúncia figurada aproximadamente

N. B. Neste texto o *s* (inicial e medial) tem o mesmo valor que o *c* (*ç*); elle é indicado no cap. A, § 5.

Estĭ âno fû' máis o mê camarada á fâira da Orca pra vêr se me chigávão a burrenca cá á minha cônta; fôi 'ma caminhéda priáda, p'ro caminho nu havia nim 'ma chisca d'ângua, só gôgos e máis gô-

[1] Antes de *uma* perde o *o*, ex.: eu *sã 'ma* boa pessoa.

gos; o' sapatos fazêrão-me 'ma rilhâira num pé, que me fazêrão um coxambêta; o que mos valêu fôi um cachopito qui andava a guardar 'mas badanas e máis uns chibérros [1], que mos deu 'ma malga de farrópas, que mos souberão a gaitas.

A fâira 'stava beim bõa, ja 'via bastantes belancias e gachos, marquémos mei' arrat'le e prantémos a desingaçar espernegados po' riba d' 'ma furda, inté qui alguem viesse ajustér a burrénca. O mê camarada dixe-me q'havia de fazer negocio.

—Màlmêntes, hóme, a modos que os burrécos nu teim hôije vênda!

—De sortes, o aliméI é bôm e faz vista c'a àlmatricha nóva.

Aquando stavamos nasquesta conversa, chêga um rico com cazaco brânco, a quaisqui [2] até ós pés, e dixe-m'assim: —ó patrão, quer vender o bicho? —Num vim p'ra ötra cösa. —O raio da burrénca parés'q'ând' ingadanhada, téim as pernas scarramanadas.

Deu-me gânas de l'arrumér 'ma tanganhada qui o fazesse ir de rângâmálho p'r'àlli fóra, mas nu dixe nada.

O'spois diz ötra veze o hóme: —qué' vòmecê duas moedas?

—Nu sinhor.

D) Vocabulario

Abêbra—Figo preto, oblongo, de que se faz uma excellente passa.—Cfr. na Beira-Alta, etc., *bêbra*.

Adufe—Especie de pandeiro rectangular com duas pelles com que acompanham os descantes.—Tambem se usa em Evora, Elvas, etc.

Abalar—Retirar-se para longe, desapparecer. E' desconhecida a significação usual de *sacudir*. Assim se diz: «fulano *abalou* para Lisboa». «Viste fulano? Parece que *abalou*». Tambem na Beira-Alta, etc.

Abêntêsma—Phantasma negro. Ha tambem phantasmas brancos (vide as minhas *Excavações litt. na Beira-Baixa*,—A Boa Hora e a Má Hora). A qualquer pessoa alta e magra tambem se dá o nome de *abentesma*. Na ling. litteraria antiga *abantesma*.

Abajoujér (a = e)—Amarrotar qualquer peça de vestuario. «Tens chapeu abajoujado». Vide *bajoujo*, na palavra *gambusino*.

Alavão—Gado miudo (cabras e ovelhas) que dá leite e que na primavera se separa do *vazio*.

Alma-négra!—Apostrophe insultante.

Acacheinér (a = e)—Matar os porcos ou qualquer animal.

Alcarroubão—Peneireiro, milhafre pequeno.

Alcòcaros—Fructo a que no Sul se dá o nome de alperces.

Adúa—Reunião de porcos de diversos donos entregues aos cuidados d'um guardador que os recebe de manhã e entrega á noite.

1 chibárros.

2 quasi que. [Por *quaise que*. Cfr. *pares'que*.—J. L. de V.]

Agôra—Expressão negativa correspondente a «qual historia! isso sim!»=«Fulano disse-me isto.—A'gora disse = não disse tal».

Afogador—Adereço de ouro, collar.

Afogador—Christão novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma communhão religiosa; pois, segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O *afogador* cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratica os actos mais santos do seu ministerio. Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os *afogadores*. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem emquanto não expirarem, horrorisados com a idéa do estrangulamento.

Agachar-se—Encolher-se para se occultar. *Estava agachado a um canto; estava agachado atrás d'uma parede.* Significa tambem «estar de cocoras».

Agachís—Pequena cabana de matto onde apenas se cabe agachado; serve para a espera da caça.

Agúdias—Formigas com azas que servem de isco para apanhar passaros.

Aldravão (de «aldravar»)—Trapalhão que burla os outros com muito palavreado.

Alimél—Em vez de «animal».

Atiçér (a = e)—Activar a combustão da lenha no lar, espivitar a torcida do candieiro.

Amorfanhar—Fanar, estar um pouco murcho; diz-se que qualquer cultura está *amorfanhada* quando se esperam fructos rachiticos, ou mesmo que não vingue.

Anágoa—Saia de panninho branco. Cant. pop.:

Tomei amores c'um padre,
Nunca melhor coisa fiz;
Logo me fez uma anagoa
Da sua sobrepeliz.

Arrunhér (a = e)—Apertar. *Arrunhar o dente*, indignar-se contra alguem. O contrario de *mostrar os dentes*. Tambem se usa noutros casos, por ex. «*arrunhar* uma cunha», etc.

Amerzêndár-se—Sentar-se para qualquer parte descuidadamente, sem se importar com coisa alguma.

Amanhar—Só se emprega em sentido obsceno.

Aprisco—Recinto limitado por caniços onde se muge o alavão. *Bardo* é tambem um recinto formado de caniços ou cancellas entretecidas de matto onde pernoita todo o gado miudo, cabras ou ovelhas, vazio e alavão.

Arreganhar—Tornar-se hirto de frio. «A creança está toda *arreganhada*».

Arrenegar-se—Encolerizar-se, indignar-se. «F. estava hoje muito arrenegado, por amor do moço (por causa do criado)».

Arremangar—Arregaçar as mangas do casaco, da camisa, etc. «Asquella moça vem toda arremangada».

Aforrar—Arregaçar as calças.

Asado—Cantaro de asas, para agua.

Assubar—Açular os cães.

Azagál—Pastor pequeno, criança que auxilia o pastor na guarda do gado.

Armetão—Eremitão: pequeno rendeiro que cultiva propriedades proximas a qualquer ermida e a quem a irmandade ou confraria que cuida do culto do santo, venerado alli, dá casa de habitação, com a condição de tratar da limpeza do templo.

Arrecender—Cheirar mal. «Esta casa arrecende qu'apesta».

Arencú—Pyrilampo.

Azínha—Fructo da azinheira, bolota do azinho.

Acincho—Arco de madeira onde se deita a *coalhada* (leite coagulado) para fazer o queijo. Cfr. *cincho* no Alemtejo.

Aúgua—Agua.

Bacro—Porco, cochino, marrano,—indistinctamente.

Badana—Ovelha velha e magra.

Bagulho—Bago da uva.

Balancé—Dança de sala, dança de gente fina. Tambem na Beira-Alta (Mondim).

Bálho—Dança na rua ou em casa de gente ordinaria.

Barraco—Porco de cobrição, varrasco.

Bardo—Vid. *aprisco*.

Bastasquessim!—Expressão exclamativa: ora essa! muito me contas!

Barda (em)—Em abundancia. «Havia lá vinho em barda».

Barranhão—Alguidar grande de barro, donde come um rancho inteiro de trabalhadores.

Bajoujo—Pouco intelligente, ingenuo, quasi imbecil. «Aquillo é um grande bajoujo».

Barruma—Verrugas que apparecem nas mãos ás vezes em grande quantidade. [Talvez influencia de *verruma*, que o povo pronuncia *barruma*. Etymologia popular.—J. L. de V.]

Bacreiro—Porqueiro, guardador de *bacros* (bacoros).

Barroca—Sulcos fundos deixados na terra pelas chuvas torrenciaes; valas que servem para livrar as terras das aguas excessivas. «Pedro-penedro, salta-barrocas, agarra-cachopas» (dito popular).

Barróco—Grande penedo granitico.

Beiçó—Moela de qualquer ave.

Benzilhão—Ou soldador: homem entendido em feitiçarias e bruxedos, que receita remedios contra maleficios, mau-olhado principal-

mente. Esta industria, que em Lisboa é exercida por mulheres, está, entre Penamacôr e Idanha, a cargo de homens, quasi sempre pastores, que, para serem benzilhões ou soldadores, é preciso terem nascido, segundo a crença, com uma cruz no ceu da boca.

Belancias—Melancias.

Brisda—Pars pudenda feminae.

Bochinca—Pustulas pequenas (i. é, vesiculas purulentas).

Bolantina—Planta de jardim, herbacea, annual, de flôres pequenas, escarlates, que apparecem em principios do outono. Em Lisboa é conhecida com o nome de *melindres*. Cantiga popular:

«Mangerico, rega, rega,
Rega o pé á *bolantina*;
Tamem eu hoje reguei
Os olhos d'uma menina».

Bom irmêo (*êo* representa aqui um ditongo *eu* nasal, com o mesmo *é* de *burréco*, etc.).—(Bom irmão). Um dos nomes por que é conhecido o entrudo; porque era costume por occasião do carnaval collocar um boneco de palha sobre uma pequena carreta, ao qual, depois de ter percorrido as principaes ruas da povoação, deitavam o fogo, gritando então o rapazio: «ai o nosso bom irmêo»!

Bonda, bonda—Basta, basta, não deites mais.

Bóichas—Matto arrancado nas terras pousías, a que se deita o fogo afim de preparar o terreno para a cultura do trigo ou centeio.

Bâicheiro—Especie de alvião que serve para arrancar as *boichas*.

Borrêga—Inflammação traumatica produzida nas mãos pelo attricto do cabo da foice, enxada, etc., com que se trabalha.

Borrêgo,-a—Carneiro e ovelha pequenos.

Bolídas—Parte da casca que se corta ás castanhas para melhor se poderem cozer.

Botêlha—Abobora ou cabaço.

Bufeira—Especie de chouriço feito de carne gorda de porco e farinha.

Burréco—Diminuitivo de burro.

Bucho—Barrigas dos braços e das pernas.

Bueiro—Abertura feita nas paredes das propriedades agricolas para dar sahida ás águas.

Burra de tirar água—Engenho muito rudimentar composto do tronco d'uma arvore, que termina em forquilha; por entre esta forquilha passa um comprido barrote suspenso por um eixo. A uma das extremidades está ligada uma pedra pesada, e á outra está suspenso por uma corda um caldeiro. Quando se quer tirar água, é preciso empregar um certo esforço para fazer descer o caldeiro até o nivel da água em virtude do peso da pedra; mas, depois de cheio, o mesmo peso

faz elevar o caldeiro até á borda do poço ou mais acima, segundo as dimensões da corda. A este engenho tambem se chama *cegonha*.

Bruxa—Panella de barro com largos orificios onde se queima carvão para servir de braseiro.

Carrapatinho (em), em carrapato, em couro—Estar nú.

Cachôpo, cachôpos—Rapaz, rapazes. *Cachopinho* (diminuitivo).

Candöu—Velha esgrouviada.

Canéco—Chapeu alto, de pello.

Casqueiro—Chapeu velho e roto.

Câgârrâpos—Massa de farinheiros, frita em azeite.

Câgâvâe—Pequeno campo, arido, de insignificante valor.

Caralhetas—Pimentos malaguetas.

Cachapim—Chapim (pequeno passaro).

Calear—Caiar.

Câgârôla—Fraco, debil, cobarde.

Caturnos—Piñgas.

Cachiça—Cortiça cachiça: a primeira casca da sobreira, sem valor commercial.

Calhandra—Cobra vulgar.

Caçóla—Caçarola.

Caibro—Pequena trave empregada nos vigamentos.

Castanhólas—Batatas (tuberculos). Tambem na B. Alta.

Chapar—Ter coito.

Chapada—Ou *pão chapado*, pão hespanhol raiano, d'uma fórma particular.

Chisca—Pequena quantidade de qualquer liquido: «beber uma chisca», beber uma pinga.

Chavelha—Cunha de madeira que liga o *jugo* com o *tiro* do carro.

Chamiceiro—O que apanha e anda a vender lenha secca; o que fuma muito.

China—Areia grossa, areia que se desagrega do granito.

Chicha—Nome que as creanças dão á carne.

Coxambêta—Individuo que arrasta uma perna quando anda.

Códão—Geada que cobre os campos nas manhãs frias de inverno. Na B. Alta *códo*.

Córna—Copo de chifre de boi.—Como no Alemtejo.

Cóicho—Especie de prato de cortiça.

Complatêia—Reunião de individuos da mesma classe social.

Cochárra—Colher feita de chifre.

Cozer meadas—Levar as meadas de linho á barrela. Para ficarem mais brancas, convém bater com ellas no posterior de qualquer homem.

Crescente—Fermento do pão. As operações da panificação são: amassar, *fintar* (fermentar), tender, dividir a massa em pães e coser.

Costellas—Armadilha de madeira e rede com que se apanham alguns passaros com as *agüdias*.

Canchoso—Pequeno campo cultivado no meio de terras incultas.

Cróstos—O primeiro leite que se tira á femea depois do parto (colostro).

De sorte—Expressão de duvida. «F. chegou hoje». «De sorte», não creio, duvido.

Desmaselar alguem—Ferir alguem de tal modo que lhe deixe as feições transtornadas.

Desmaselado (ser)—Ser descuidado, negligente no cumprimento dos deveres.

Desingaçar—Comer uvas soffregamente, e por analogia qualquer fructa. [De *engaço*, que é o que fica do cacho, depois de tirados os bagos ou *bagulhos*.—J. L. de V.]

Droga—Tecido de lã para vestidos das mulheres. E' desconhecida esta palavra na significação de «artigos que vendem os droguistas».

Eibado—Individuo macilento, com o ventre desenvolvido, etc., —devido isto ás febres paludosas endemicas na região.

Fardel—Enxoval das creanças de leite.

Farrapeiro—Homem que anda pelas povoações recebendo trapos e dando em troca agulhas, linhas, etc.

Farropas—Leite coagulado.

Festa das flores—Nome por que é designada a paschoa:

Já se nos vae o entrudo,
Cachopas deixae-o ir;
Lá virá *festa de flores*,
Que elle tornará a vir. (Cant. pop.)

Fero—Crescido, desenvolvido, de boa saude. «O seu menino está bem *féro*, benza-o Deus».

Ferrada—Vaso de cortiça em fórma de balde para onde se muge o gado.

Folía—Orchestra formada d'uma viola, uns ferrinhos e um tambor, que acompanha a bandeira do Espirito Santo durante a *festa de flores*.

Fingueiro—Cajado, cacete alto.

Folião—Qualquer dos tocadores dos instrumentos que compoem a *folia*. Figuradamente, homem alegre, folgasão.

Fosfos ou palitos—Phosphoros.

Fraita—Em vez de «flauta».

Frandesca—Faca de cozinha.

Franguinho de vintem—Rapaz com pretensões a homem.

Estes rapazes d'agora
São *franguinhos de vintem*,
Promettem dé' reis ás almas,
A vêr se l'a barba vem. (Cant. pop.)

Furda—Pocilga, cabana construida toscamente para os porcos pernoitarem.

Futriqueiro—Vendedor de objectos de pequeno valor, miudezas, dedaes, agulhas, cordões, etc.

Gacho—Cacho d'uvas.

1. **Gadanha**—Concha de tirar a sopa.

2. **Gadanha**—Foice de cortar o feno.

Gadanheiro—Operario que trabalha com a *gadanha*.

Galhete—Gasnete, pescoço.

Gamella—Especie de bacia feita de madeira, muito usada nos lagares de azeite.

Gambusino—Caça imaginaria. Enganam-se os *bajoujos* dizendo-se-lhes que em determinado sitio, á noite, ha de passar um *gambusino*, e que o póde apanhar, se tiver a persistencia de esperar até que elle chegue. Assim passam a noite ao relento os «pobres diabos» que se deixam enganar.

Ganhão—O que trabalha com uma junta de bois.

1. **Gógo**—Certa doença das gallinhas.

2. **Gógo**—Pedra rolada pela acção das aguas.

Garrúço—Carapuço das creanças.

Guápo—Bello, magnifico.

Gunfár—Gemer em voz baixa.

Ingadanhado, a—Que tem as mãos hirtas de frio. Por semilhança: estar encolhido, etc.

Insopado—Guisado de cabrito ou borrêgo.

Ingaço—Parte do cacho, onde se prendem os bagos das uvas.

Ispernegar-se—Deitar-se ao comprido descuidadamente.

Ispinhar-se—Zangar-se, resentir-se de qualquer coisa.

Istortegar—Torcer, deslocar. «Tenho um pé *estortegado*». Tenho um pé deslocado.

Istranfonear—Dissipar a fortuna em loucuras.

Iscarramanar—Ter as pernas muito abertas ou tortas; não ser aprumado.

Iscadal—Sitio muito arido, onde não ha uma gotta d'agua.

Iscadina—Falha da madeira velha que se introduz entre as unhas e a carne. Qualquer pau delgado terminando em ponta muito aguda.

Isgrumir—Extrahir o pus a qualquer ulcera.

Isgramear—Separar a lã para poder ser cardada mais facilmente.

Istafete—Individuo encarregado de recados, correspondencia, etc.

Ischambalhar—Estragar, destruir.

Istruir-se—Corromper-se, decompôr-se: «a carne *istruiu-se*», «o leite istruiu-se».

Irgadilho—Dobadoura.

Ir com as mãos á cara—Lançar em rosto qualquer falta, etc.

Intéque—Até que.

Indasque—Ainda que, posto que.

João da Cruz—Dinheiro (Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 35, nota da Snr.ª D. Carolina M. de V. ao art. *Judeu errante*).

João de Cordas—Um pobre diabo, inoffensivo.

Löra—Covil de coelhos.

Lande—Fructo da sobreira.

Machacaz—Nome injurioso, vadio sem caracter.

Marafona—Boneca para brinquedo de creanças; mulher de maus costumes.

Maranha—Tecido de lã antes de ser tinto.

Maranheiro—Que trata de «maranhas».

Mal-ruim—Doenças venereas ou syphiliticas.

Marrã—Carne de porco fresca.

Malmentes—Expressão de duvida.

Malhada—Espaço onde está o bardo e a choça do pastor. Ha tambem *malhada* de porcos, que em logar de bardo tem abrigos cobertos de colmo, que se chamam *furdões*.

Manáta—Janota ocioso que passa a vida *rua abaixo rua acima*.

> Tenho terra n'algibeira
> Para simear batatas,
> Quem quiser ouvir mentiras
> Chegue-se ao pé dos *manatas*.—(Cant. pop.)

Manteu—Saia feita de briche grosso.

Maria vae-te c'as outras—Corresponde ao adagio: «na terra de bom viver, faze o que vires fazer».

Meia-lata—Meio quartilho de vinho.

Merendeira—Um pão pequeno que se leva para o campo para merendar.

Meirgadas—Romãs (fructa).

Melurias—Vagaroso; individuo que falla baixo e emprega palavras insinuantes.

Milhano—Milhafre.

Missa—Para a missa conventual toca-se tres vezes o sino (promáira, do máio, redadáira); deve haver antes de começar a missa o *compasso das almas*, procissão em roda da egreja, cantando o padre as orações rituaes por alma dos defunctos.

Mofêdo—Silvedo entrelaçado com outras plantas, formando um forte obstaculo á passagem.

Miguélho—Migalha.

A modos que—Parece que.

Molhelhos—Panno de linhagem que se põe entre o jugo e o cachaço do boi.

Nenho—Pessoa fraca, physica ou moralmente.

Negra—Uma garrafa preta, cheia de vinho.

Nem tudo nem nada—Absolutamente nada.

Ousio (dar ousio)—Dar attenção, apoiar qualquer pessoa. «Deste-lhe ousio, agora atura-o».

Pangaluno—Que passa a vida na ociosidade, vivendo de expedientes pouco dignos.

Pantaneira—Que pouco trabalha, passando grande parte do tempo a dirigir ditos graciosos a uns e outros.

Parruma—Pão de farellos para os cães de gado.

Patrão—Tratamento que se dá a qualquer desconhecido.

Prantar-se a...—Pôr-se a... «*prantou se* a desingaçar», pôs-se a comer um cacho d'uvas.

Pelingrino—Toma-se em geral no sentido de mendigo que anda esmolando de terra em terra.

Pexêgos (com accento no *ê*)—Pêcego.

Percevelho—Percevejo.

Peneireiro—Pequeno milhafre (alcanoubão).

Penêdro—Penêdo.

Pertelinho—Muito perto.

Pintafusquinhos—Quem tem cara suja, mascarrada de carvão.

Pichorro—Vaso de barro para vinho.

Picheiro—Vaso de barro grande, para guardar as águas da lavagem dos utensilios da queijeira.

Pinchér—Dar um salto.

Pincho—Salto, a consideravel altura.

Pifaro—Flauta pastoril.

Pita—Gallinha.

Poia—Pão que se dá á forneira como paga da cozedura.

Priar-se—Damnar se, enraivecer.

Po' riba—Por cima.

Queijeira—Cabana de matto onde se fabricam os queijos.

Rabaça—Fructa ainda verde.

Rabaceiro, a—Que gosta da *rabaça*.

Rapar herva—Trazer os sapatos rotos.

Rabeira—Limpadura dos cereaes.

Rangamalho—*Ir de rangamalho*, ir aos trambolhões por uma ladeira a baixo.

Rico, a—Pessoa bem vestida.

Rilheiro—Monte de pavêas de trigo, centeio ou cevada.

Rilheiro—Vestigios das rodas do carro na estrada.

Rilheira—Ferimento ou *borrêga* feita no calcanhar pelo attricto do contra-fôrte do calçado.

Riquerer—Chamar a alma dos mortos para que expliquem o motivo porque andam a *penar* por esses montes e *váis*: em geral o motivo é a falta do cumprimento de promessa a um santo, ou a não restituição de qualquer objecto. A fórma de requerer é: «eu te *riquêro* da porta de S. Pedro e S. Paulo: se és alma do outro mundo, dize o

que queres, se és o diabo, eu te faço o signal da cruz, em nome do Padre do Filho e do Espirito Santo, Amen».

Se effectivamente é alma d'algum morto, explica o que deseja; se é o diabo, desapparece.

As «almas do outro mundo» dão-se a conhecer, perseguindo as pessoas de quem esperam o beneficio, quasi sempre parentes proximos, por meio de gemidos doloridos, ou sob a fórma de sombra.

Roupeiro—Pastor que faz os queijos.

1. **Roçar matto**—Cortar matto.

2. **Roçar as casas**—Esfregar as casas, laval-as.

Roupinhas—Corpête de chita que usam as mulheres do campo.

Samarra—Pelle de qualquer animal.

Sarangonha—Cegonha.

Sarrão—Sacco feito da pelle d'um cabrito ou d'um borrego, onde se transporta a comida para o campo.

Santoro—Brinde que os padrinhos devem dar aos afilhados em dia de *todos os santos*.

Safões—Largas tiras de pelles de cabras ou ovelhas, com que se envolvem as pernas para resguardo do matto.

Semessuga—Sangue-suga.

Sisco—Lixo.

Siguelho—Tem approximadamente o valor de *miguelho*.

Sonave—Trave que sustenta o vigamento.

Soldador—Vide o vocabulo «benzilhão».

Soventre—Toucinho da barriga do porco.

Sogas—Tiras de coiro com que se liga o tiro do carro ao jugo.

Talóca—Buraco (buréco).

Trepagatos—Nome com que são designados os passaros trepadores.

Tombo—Rede com que se apanham passaros.

Touril—Curral onde se recolhem os bois.

Travia—Especie de requeijão com sôro.

Tiro do carro—Varal.

Trombeteiros—Mosquitos melgas.

Trepeço—Assento feito de cortiça.

Vazio—Gado que não dá leite.

Vardasca—Vara flexivel; rapaz desembaraçado.

Zambana—Farropas; leite coagulado.

Neste vocabulario *ei*, *ou* e *u* devem ler-se respectivamente *âi*, *ö* e *ü* (cfr. §§ 1, 3 e 6); sobre *ch*, *s*, *z*, *c* e *ç*, vid. §§ 2 e 5. O mais lê-se como está indicado.

A. ALFREDO ALVES.

TRADIÇÕES POPULARES ALEMTEJANAS

CONTOS POPULARES

3. — Os dôos priincepis

E'éra d'uuma vêez dôos priincepis, i fôoron a corrêe' muundo. Passáados tēempos âcâbôo-se-l'o dinhêer', i o mâas môoço diisse: «O milhóor é nóos iirm's âssêentáar prâaça, nóos sabêemes lêer i vâames crecēendo póostos». O' espôois uum jáa éera capitâao ô mânjori, i o ôotre nõon passáava de soldáado. O' espôois diiz êest' p'r'ó êrmâao: «Ê eim arrecebēind' o prée vôo m' emmóora, iiste nõon me séervi, nõon páass' da cêepa tóorta». O êrmâao diisse-l'e: «Nôon váas, dêexa, qu' eê' cáa piidirêe' óos mêes amiigos». I d'ahii êell' nõon diisse naada, i uum diia chiigô á quáadr' i iia ágarraar uum caváall' i diisse-l'ôotr' assiim, qu' estáav' ó pée d'êell:» — Léeva-m' a miim, qu' êe t'acudirêe. O' espôois êell' luuvôo-o. Iia p'r' uuma 'stradiinh' adiâante, 'stáava 'm' ázinhêera carregáada de bolêeta, i êell' iia muunte séeri' â ôlháar p'r' ázinhêer' i ó mêesme tēempe váa' ôlháar p'r'ó chãa' i viiu 'ma pêenna d'ôor', i o cavaall' diisse-le que nõon a apanháasse, qu' â pêenna que le dáav' á êell pêenas. I êell' iia jáa p'râa diâante, i tuurnõo â vôoltáar p'âa tráas. — «Oóra ê iinda noon vii senã' âgóor' uum caváall' falláar i vôo-m' â buscáar â pêenna». I voltôo i apanhôo'-a. Mettêe' a pênna no bôolso. O' espôois fôoi andâando. Chigôo â 'ma cidáade i metêe' o caváall' p'â 'mâa 'stalláage, i diiss' ó hóome da 'stalláage que le trâatáasse do sê caváall' comme se fôosse d'êell' 'stállâjadêero. O' espôois êell' fôoi i assēentôo práaça n'ôotre rigimēento, i d'ahii êell', comme sabiia 'screvêer, fôoi chamáado p'áa sâcrâtariia â vêer se serviia. Déeron-l' a 'screvêer uum offiiço p'r'ó rêe. Eim q'âant' o q'aartéel méestre sahii' cáa fóora, êell' alembrôo-se da pēenna d'ôor', i 'screvêe' uum offiiço cōom éessa pēenna. Fichôo-s' o offiiço i fô, p'r'ó rêe. I o rêe diisse: «Quéer' sabêer quein 'screvê' o offiiço, i quéer' o cáa». I fôoi o soldáado. — «Fôo' vôcêe que 'screvê' o offiiço?» — «Fúui, siim sinhôor». — «Dêexe vêer a pēnna coom que 'screvêeu». I êell' amostrôo-a. — «Pôos vôcêe fiica sēende mê sâcrâtáairo praticuláar». I os meniistres ficáaron coom muunt' envéeja d'êell' i disséeron ó rêe qu' o sâcrâtáairo declaráara qu' éera capaaz d'iir a rôobáar p'r'ó rêe a prēncêeza d'Itáalia. O rêe mâandôo-o chamáar e diisse-le: «Entâa' vôcêe diisse qu' éera capáaz d'iir a rôobáar a prēncêeza d'Itáalia, i entâa' váa». — «Ê nõon diiss' iisso». — «Pôos cōon pēena de móorte háad' iir». I êell' entâa' fôo' p'r'ó pée do caváall' i entrôo a choraari, i a lamentaar-se. I diiss'o caváall': — «Entâa' que te diziia êeu? Nõon te diisse qu' a pēenna que te dáav' á tii pēenas? Nõon chóores que d'éest' aiinda nõon móorris. Diiz ó rêe que te mâande a fazêer uum vapôor

cõon sê triáato dẽentro e a côosa máas boniita qu' hôvéer e váae n'êell' p'á Itaalia, i no primêer' diia as primêeras pessôoas qu' ẽentron háade sêer o rêe i a raiinha i do seguundo háad' iir a prẽncêez' i à aáia, e tuu ein vẽend' eentráar éestas duuas mulhéer's veim fugiindo coom éellas. «Tuud' iist' assiim assucêdê' i éella diisse-le no mê' do máar:» «A'ái engráato, que me léevas rôbaada», i atirôo côon uum annéel d'ôoro cõon o sê nôome, p'r'â deentro do máar. Chigôo cáa o rêeno i entregôo â prẽnceez' ó rêe. I éella diisse: «È nõon cáase cõon Vóossa Mâestáade sẽin me trazêerem o annéel q' ê avintêei p'r'ó máar». I o rêe ordenôo ó sâcrâtáairo que fôoss' a buscaar' u annéel. Êll' fôoi p'r'ó pée du caváall' a lamentáar-se, i o caváll' diisse: «Nõon te diisse qu' a peena que te dáav' a tii pẽenas? Máas dêexa, que déest' aiinda nõon moorris tuu; diiz' ó rêe que te maand' a fazeer uum vapôor muunte grãande, tôodo chêe' de cáarn' i váai ó mê du máar, aveenta' iiss' i 'speer' ahii p'lo rêe dos pêexes». I êell' assiim fêez. Vêe' o rêe dos pêexes i agradecêe'-le múunto porqu' haviia múunto têempo qu' os pêexes nõon commiion. I êell' diisse: Jáa que nóos 'stáavames móortos de fóome i vócêe trôox' a cáarne diiga se quéer alguuma côosa de nóos. I êell' respondêeu: «Quéer' uum annéel d'ôoro que p'r'áahii me cahii' haad' havêere sêes mêezes». I êell' diisse que fôosse d'alii â dôos diias, pôos podiia sêeri que 'stivées' entarrâado n'árêeia. I êell' fôoi d'ahii a dôos diias i luvôo-le máas de commêer. O rêe dos pêexes apresentôo-l' o annéele. I êell', o priincepi vôoltôo a paláacio cõon o annéele. I a prencêeza diisse: «È nõon cáaso cõon Vóossa Mâestáade sẽin q' aquêll' engráato que me fôoi a rôobáar dáar trêes púulos dẽentre d'úuma caldêera d'azêet' a frevêeri». O rêe assiim o ôrdenôo, i êell fôoi p'r'ó caváall' a lamẽentaar-se. I o caváall' diisse: «Nõon teenhas mêedo, déest' aiinda nõon móorris. Tráaz'-me catôorze váaras i cõon éessas catôorze váaras váara-m' âtée q' êe dêet' escúuma i úunta-te tôodo múunte bẽin cõon éella». Êell' diisse que nõon faziia táal', i o caváall' respondêeu: «Fáas iiss' ôolha que senâao móorris». I êell' assiim o fêez, i depôos de múunte bein uuntáade fôoi p'r'ó suppliiço. Dêe' os trêes púules dẽentre da caldêera d'azêet' â frevêer' êein freente do paláacio i de tood' á côort' i pôovo, i nõon se quêemôo; repettii' a mêesma côosa máas dúuas vêezes i tâmẽen nõon se quêemôo. O rêe, cõon múunt' envéeja, sáaltôo tâ mẽen p'r'aa dẽentre da caldêer' i morrêe quêemaado. I a prẽncêeza diiss' ó sâcrâtáairo: «Pôos êu coontiigu' ée que cáaso». Depôos êell' fôoi á taal diit' 'staláaj' áagradecêer ó caváall', i o caváall' disse: «Péece-t' êein páaga de tuude que te teenhe fêeto que me disféerres cõon os dẽentes». Êell' disferrôo-o, i o caváall' trãansformôo-se n'uum priincepi qu' andáav' encâantáad' êein caváall'. I êell', assiim que sahiiu úum priincepi, convidôo-o p'râa iir p'r'ó páaço a sêer ajudâante d'óordes do rêe. I êell fôoi, e casôo q' a prencêeza que tiinha iid' â rôobáari.

(Recolhido em Villa-Boim — concelho d'Elvas).

A. Thomaz Pires.

LINGUAGEM POPULAR DE VALPAÇOS

(Cartas ao redactor da **Revista Lusitana**)

I

Acabo de receber o n.º 2 do 2.º anno da *Revista Lusitana.*

Li com prazer o artigo de v. sôbre os *Dialectos trasmontanos (Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa).* E' esta a segunda vez que a *Revista Lusitana* se occupa com extensão e proficiencia das fallas de Trás-os-Montes.

Hoje, a titulo de informação, envio a v. alguns termos respigados no vocabulario popular do concelho de Valpaços.

Nos *Materiaes para o estudo dos dialectos portugueses,* I *(Fallar de Rio Frio),* publicados na *Revista Lusitana,* observa o sr. A. R. Gonçalves Vianna (I, 158): «E' de notar que tanto em Bragança como em Vila-Real a pronúncia é muito mais semelhante à do centro do reino, desde Coimbra até Lisboa, do que às das suas povoações rurais, ou das cidades das duas Beiras, do Douro e do Minho». Tem isto outrosim applicação inteira ao fallar da villa de Valpaços.

Valpaços: é hoje a primeira vez que escrevo o nome da minha terra d'este modo. Tres razões me levam a isso, das quaes apenas a última entendo ser de bastante valor.

1) No onomasticon é frequente o elemento *Paço.* Tenho presente o *Diccionario da chorographia de Portugal,* coordenado por v. onde vejo a seguir: *Paço, Paço de Sousa, Paço Vedro de Magalhães, Paços, Paços de Brandão, Paços de Ferreira, Paços de Gaiolo, Paços da Serra, Paços de Vilharigues.*

2) Encontrei a graphia *Valpaços: a)* num livro manuscripto de 1694, que contem os estatutos da Confraria do Santissimo Sacramento; *b)* em documentos officiaes de 1805, 1813, 1817, 1828, 1835.

Na carta de confirmação de privilegios concedidos aos moradores d'esta villa, dada por D. Maria I, aos 12 de abril de 1796, acha-se *Val Paços.*

3) Sempre tenho ouvido pronunciar *Valpaços,* e nunca *Valpassos,* em todas as outras terras e aqui, onde, como *em grande parte* da provincia trasmontana, se póde considerar «caracteristica fonética», na phrase do sr. Gonçalves Vianna, *loco citato,* «a distinção constante entre os valores de *ç* e *s* surdo, de *z* e *s* sonoro».

O sr. Gonçalves Vianna diz (I, 162) estar informado de que geralmente em toda a provincia de Trás-os-Montes o ditongo *iu* se applica tambem á graphia *-io,* não se observando «a distinção manifesta, mantida cumummente entre [o] *río,* [eu] *río* e [ele] *rìu*». Posso afian-

çar a v. que o illustrado collaborador da *Revista Lusitana* está mal informado. Nunca no districto de Villa Real notei semelhante confusão.

Isto posto, omittindo por amor da brevidade os termos já recolhidos pelo sr. Gonçalves Vianna e ultimamente por v. , communs a este concelho, passo a apresentar-lhe, a titulo de informação, repito, alguns vocabulos populares.

Açobar, açular.

Açude. E' feminino.

Alferga, medida de semente de sirgo. No vocabulario de Rio Frio e Moimenta (I, 203) lê-se: «*alferza*, M., medida de semente de trigo: em galego *alferza*, «didal».». Nunca ouvi *alferza*, mas conheço o termo **alferga.** E' possivel que o sr. Gonçalves Vianna tomasse um *g* mal escripto no apontamento de que se serviu por um *z*, ajudando á confusão o conhecimento do termo gallego mencionado; e a ser isto assim, tambem poderia ter lido *trigo* por *sirgo*.

Argana, espinha, parte ossea do peixe.

Arrouçar, arrastar, virar.

Arrouço, arrastamento.

Ataboar, empanturrar, empanzinar.

Ato, auto. — Em Trás-os-Montes os autos fazem as delicias do povo. Em menos de cinco annos, aqui em volta de Valpaços, já assisti á representação de quatro. Em Vassal vi eu o *Marquêz de Mantua*. Os autos quasi sempre são representados ao ar livre, sobre tablados preparados para tal fim; apenas o **ramo** se representa dentro das egrejas. Os autos sacros são escutados com uma attenção e com um respeito que espantam, attendendo ao modo por que se executam. Num a que assisti nos Possacos, sobre a paixão de Christo, descuberto, como toda a gente, ninguem teve a imprudencia de sorrir-se, apesar de apparecerem a *Mater dolorosa* e a *Madanela* com vestidos de enormes *tournures*. Concumitantemente viam-se tambem graves judeus de chapeu alto de seda. O actor que fazia de Christo, se não chegou a ser crucificado, foi realissimamente martyrizado; mas com isto alcançou grandes indulgencias, e o ceu não se ganha a mãos lavadas.

Bágoa, lagrima. «As bágoas pela cara a baixo eram a quatro». Em gallego a mesma significação:

as bagoas que de el caian
por tod'a mesa corrian.

(Romance de *Doña Silvela*).

Benção. Diz-se com o accento tonico na última syllaba. Já v. o notou no *Romanceiro português*, n.º XII.

Bilhó, castanha assada.

Calheia, quelha. Cp. *canada* e *canêlha* (I, 206).
Canameira, terra de semeadura. O mesmo que *cortinha* (I, 209).
Canga, engaço (parte do cacho de uvas depois de tirados os bagos).
Cangaço, *idem*.
Carramouço, acervo, montão.
Casco, livro impresso ou manuscripto contendo um ou mais *atos* (autos).
Charangoula, predio rustico ordinario.
Choina, fagulha. O mesmo que *mochêna* (I, 213).
Chua! Serve para chamar pelos porcos.
Conservar, ter, possuir. «Conservar um cavallo». O seguinte exemplo mostra bem a differença entre *conservar* e *ter*: «—Vossemecê tem um cavallo? — Ter, tem-se elle: conservo um».
Coxo, peçonha.
Curriça, pequena casa de campo destinada a recolher gado. E' um derivado de *curro* com o suffixo *-iça*, que tambem se encontra em *chammiça*, *chouriça*, *Villariça*, etc. No vocabulario de Matella (II, 106) traz v. «**Currica** (termo agricola, cuja significação ignoro)». Estou persuadido de que v. por lapso deixou de cedilhar o último *c* d'esse termo, quando o recolheu.
Desgueiba, desavença.
Docêm, doçura.
Dolmar, dobrar, vergar.
Embeloutar, enlamear.
Endejar, vascolejar.
Esbagoar, chorar. V. *bágoa*.
Escachouçar, brincar.
1. **Espalhadeira.** Instrumento agricola para *esparger* estrume. Cp. *spalhadeira* (II, 107).
2. **Espalhadeira.** Peça do tear.
Fallar, ter relações amorosas. Cp. *conhecer* nas *Respigas do vocabulario açoreano* pelo sr. H. R. Lang (*Revista Lusitana*, II, 53), e:

Bem puderas tu, Sylvana,
Commigo fallar um dia.

(Garrett, *Rom.* II, 107).

Falmega, fagulha. Cp. *fulmega* (I, 211).
Febre. E' substantivo masculino.
Fim. E' algumas vezes feminino.
Frade, especie de cogumelo.
Furco, medida egual á maxima distancia que se obtem desde a extremidade do dedo pollegar á do dedo indicador.
Immorear, pôr em *moréa* ou *moreia*.
Lapouço, laparo.

Leguória. No vocabulario de Parada de Infanções traz v. «Leguòria (?)». As leguas em Trás-os-Montes são de 5 até 12 kilometros. *Leguoria* é um diminutivo de *legua;* será, pois, uma legua de 5 a 7 kilometros. Analogamente se diz *casoria*, etc.

Malato, malata, cordeiro, cordeira.

Manda, pedido de dinheiro para festas religiosas: «Fazer a manda para as endoenças».

Meruge, nome de uma herva de que se faz salada.

Morêa ou **moreia,** acervo, mêda.

Niscarro, especie de cogumelo.

Parrochia, parochia.

Perdente, móvito.

Pinheira, especie de cogumelo.

Ramo, auto sacro do Natal.

Rata, toupeira.

Ratinho, lapso de tempo.

Releixa, roldana.

Rijão, rinhão.

Roca, especie de cogumelo.

1. **Rogir,** fazer ruido. Cp.:

> «E nos ouvidos inda o som lhe roge».
>
> (Antonio Ferreira, *História de Santa Comba dos Valles*, t. I, pag. 285 dos *Poemas Lusitanos*, Lisboa 1829).

2. **Rogir,** apparecer, estar: «Quando entrei em casa não *rogia* lá ninguem».

Rogir (1 e 2) apenas se emprega nas fórmas em que *g* é seguido de *e* ou *i*.

Sã, verme criado na carne de porco.

Sarronca, papão.

Seitoura, foicinha.

Sóa, fórma feminina de *só*.

Tempéra, tempera. Diz-se com o accento tonico na penultima syllaba.

Terendeira ou **tarandeira,** táboa atravessada de *guiços* (paus pequenos), sobre os quaes se collocam as broas de pão centeio, e que se suspende de uma trave ou caibro.

Vestigo, cobra.

Xastre, alfaiate. Cp.:

> Mandou chamar os dois xastres
> Que tinham mais nomeada.
>
> (Garrett, *Rom.* II, 182).

Franquear a polaina, passear.

O da vista baixa, porco. Como não é decente pronunciar o nome d'este animal, os bem fallantes recorrem a circumloquios mais ou menos polidos: *o da vista baixa* é o mais usado.

Andar de Jou para Jalles, andar á matroca, andar á toa.

Honrado como a porca de Murça, desavergonhado. Dia 23 de Maio de 1890, estando de passagem em Murça, tive occasião de examinar de perto o seu precioso monumento megalithico. O monumento, porventura representação brutesca de uma porca, estava pintado de vermelho, o que me causou grande estranheza. Indagando do facto, soube que a porca vira a casaca, isto é, muda de côr como qualquer trocatintas, sempre que ha mudança ministerial. Curioso costume é este que não deixa na actualidade de ser vantajoso para interpretar o dictado vulgarissimo *honrado como a porca de Murça*, supprimindo-se d'est'arte a explicação pornographica em voga, que d'elle nesta provincia se dá.

Vejo maguado que me alonguei excessivamente nesta carta. A culpa não é, porém, só minha. Se com a leitura da *Revista Lusitana* eu não houvesse tomado gosto pelo estudo da linguagem popular, com certeza que não a teria escripto. Digne-se, portanto, desculpar quem é, de v. , etc.

Valpaços, 25 de Março de 1891.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

II

Acabo de receber a carta de v. , datada de 24 d'este mês, á qual passo a responder.

1. O ditongo *ou* pronuncia-se *ôu* = *ô* (de *avô*) + *u*.

2. O *e* antes de *m, n, nh* soa *âi* (nasal): *bem* diz-se *bêi* (nasal), quasi que *bãi* (com *â*); *lenha* diz-se *lêinha*, quasi que *lâinha*.

3. O *a* de *cama* soa *â*: câma.

4. O povo analphabeto diz sempre *abò* quer se refira ao avô quer á avó, e em geral: *òbo* (ovo), *nôbo* (novo), *fermôso*, etc.

5. Ha *è* e *ê*: *sêde* (sitis), *sède* (sedes).

6. Os analphabetos nunca empregam o *v*; mas os que sabem ler distinguem fallando, sem nunca haver equivoco, o *b* do *v*, o que nem sempre lhes acontece quando escrevem.

Se no vocabulario que mandei encontra *vestigo*, com *v* e não com *b*, é por me haver regulado principalmente pelo modo de fallar d'esta villa, onde quasi toda a gente sabe ler.

Aqui vão mais alguns vocabulos:

Arganel, argola que se colloca no focinho do porco para impedir que elle fôsse.

Asseibar, causar damno em propriedade rustica, mettendo-lhe gado.

Borno, morno.

Capar a agua, lançar obliquamente á superficie da agua uma pedra, obrigando-a a saltos successivos (chapeletas).

Capilota ou **pilota**, sova, tosa.

Troboar, trovejar.

Ha nas provincias uma especie de eruditos que tudo explicam, mas cujas informações é indispensavel examinar escrupulosissimamente, para se não cair em erro.

Assim os eruditos d'esta especie explicam a phrase *andar de Jou para Jalles* d'este modo. Jou é uma freguesia d'este concelho, composta de muitas povoações, das quaes nenhuma tem aquelle nome: o que eu já disse a v. e é exacto. Com Jalles dizem os taes eruditos succeder outro tanto; mas não é exacto. Proximo d'este concelho ha uma povoação chamada Tinhella de Jalles, que pertence ao concelho de Villa Pouca de Aguiar. Então os eruditos phantasiam uma historieta em que um individuo anda de Jou para Jalles sem nunca encontrar nenhuma d'estas povoações.

Em *andar de Jou para Jalles* não ha mais que uma allitteração.

Já que fallo em allitteração, concluo communicando-lhe uma curiosa que se dá numa phrase que ouvi a uma mulher de 65 annos e que desde muito nova é surda: *O savel poucos sabem ao que sabe.* Sou de v. , etc.

Valpaços, 26 de Abril de 1891.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.



MISCELLANEA

I

ANNEL E LETTRAS DE VIRTUDE

Percorrendo em Setembro de 1889 vários mss. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, achei no vol. n.º 214 o seguinte, em lettra, ao que parece, do sec. XVII [1]:

«As letras dalto a baixo escritas com as cruzes sam huãs letras que trazem em hũs aneis de prata feitas de dentro e de fora; sam muito prouejtozas para todos os accidentes em especial de collica e pedra, e qué [2] as trouxer se achará muito bem, e postoque as letras em si não tenham virtude, darlhaha Deos por quem he, pois nelle está toda a uirtude e bem, pois sam significadoras de lounores seus, conforme aos versos que dellas dependem; usavasse [3] dellas com duvida, em quanto se ná [4] soube a significaçam. Em S. Crus de Coimbra [5] se acharam da mesma manejra que vam escritas, iá muito antiguas, e dizem que se tinha tanta fé nellas, que as guardauam dentro no sacrario e se punham sobre os enfermos:


D — *Deus absconditus, diues, destructor mortis.*
I — *Imago Dei, intellectus inuisibilis.*
A — *Alpha et omega admirabilis.*

B — *Bonitas, bonus Messias, mediator propheta'* [6].
I — *Iesu iustus procedens iudex uiuorum et mortuorum.*

S — *Salvator sanctus splendor gloria'* [7].

S — *Salus salutaris Dei, seggregatus ab omni malo.*

A — *Altissimus agnus Dei qui tollis peccata mundi.*»

[1] Ao meu amigo o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro agradeço aqui a affabilidade com que pôs á minha disposição todos os mss. de que necessitei para os estudos que eu então estava fazendo.
[2] = quem.
[3] = usava-se.
[4] = nam.
[5] = I. é, no mosteiro ou igreja de Santa Cruz, de Coimbra.
[6] = *prophetarum.*
[7] = *gloriae.*

B — *Benignus Spiritus animarũ*[1] *sanctarum.*
N — *Novissimus sacerdos.*



S — *Serpens exaltatus in cruce*[2]*... qui credit in ipso ñ*[3] *pereat, sd*[4] *habeat vitam eternam.*



H — *Homo hostia hostium.*
C — *Candor lucis eternae, Christus, creator, consolator.*
E — *Emanuel egenus.*
B — *Bona radix Jessé, bonus et fidelis.*
E — *Excelsior caelis factus, expectatio gentium.*
R — *Redemptor rex regum.*



S — *Sancte Deus, sancte fortis, sancte et immortalis, miserere nobis —».*

Temos assim associadas as lettras magicas a um annel. O annel, portatil como é, gósa de grande importancia nas superstições populares portuguesas, umas vezes pela sua substancia, o que succede por exemplo com o annel de aço e o de coral, outras vezes por conter em si objectos de virtude, o que succede por exemplo com o annel de que se fallou acima e com o *da unha da gran-besta*. Já na antiguidade se usavam anneis feitos de pedras de virtude, e outros com figuras de deuses gravadas: por ex. os Romanos representavam frequentemente nelles as imagens de Serapis, Hygea, Mercurio, etc. Em Portugal tenho visto alguns, achados cá, da epocha romana, e contendo insculpidos em pedras vários symbolos religiosos. Véem assim muitas estampas de anneis romanos, gregos, etc., em Montfaucon[5], Duruy[6], Szendrei[7], Saglio[8] e Teixeira de Aragão[9]. Ha d'estes anneis, mais ou menos, em quasi todos os museus. Eu possuo um romano achado em Coimbra (Aeminium)[10]. — Da idade-média e dos tempos seguintes são igualmente conhecidas diversas variedades de anneis com caracter religioso e talismanico: vid. Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, pag. 12, 13, 17, 25, etc.; e Viterbo, *Elucidario*, s. v. *sortelas das vertudes.*

O uso de lettras e palavras, principalmente em lingua desconhecida, para revelarem mais mysterio, é igualmente muito antigo. Os Ro-

[1] = *animarum*. Cfr. not. 2 e 4.
[2] Cfr. o cruzeiro que ha em Villa-Viçosa com uma serpente enroscada, que representa Christo: vid. *Rev. Archeologica*, III, n.º 7, e *Rev. Lusit.*, II, 90.
[3] = *non*.
[4] = *sed*.
[5] *L'antiquité expliquée*, etc.
[6] *Hist. romaine.*
[7] *Catalogue descriptif et illustré de la collection de bagues de Mme Gustave de Tarnóczy*, Paris 1889, pag. 21, 22, 29, 97, etc.
[8] *Dict. des antiquités grecques et romaines*, I, s. v. *anulus*.
[9] *Anneis*, Lisboa 1887, est. 1 e 2.
[10] Foi-me offerecido pelo meu amigo dr. Teixeira de Carvalho. O annel é de prata, e no *centro* tem uma figura que representa provavelmente Marte.

manos escrevião nas portas das casas as palavras *arse verse* para evitarem os incendios [1]. Lembrarei aqui a proposito as *ephesiae litterae*, que eram famosas para perseverarem de todos os males, e se escreviam em várias substancias, como por ex. o barro, de que ha um exemplar curioso, que data, ao que parece, do sec. II A. C. [2] Lembrarei tambem as *abraxas*, ou pedras magicas, muito em voga nos primeiros seculos da era christã, por influencia principalmente dos gnosticos. O Christianismo, que continuou, embora ás vezes sob outra fórma, as crenças e superstições pagans, adoptou para o intento fórmulas extrahidas da litteratura sagrada (biblica, etc.), cujas iniciaes se dispunham em cruz e de mais modos, e se traziam junto do corpo ou se fixavam nas casas. O ms. de Coimbra dá um exemplo. Na *Revista do Minho*, I, 69 e 74, publiquei umas notas sobre estas fórmulas magicas, e citei um pequeno artigo do dr. Reinhold Köhler em que este subministra alguns dados para o conhecimento da origem e propagação de taes fórmulas [3]; cfr. tambem o meu opusculo *Amuletos popul. port.*, pag. 2 (extr. da *Rev. da Socied. de instr. do Porto*, vol. II). Disse eu a cima que as inscripções magicas se fixavam ás vezes nas casas: Reinhold Köhler, no citado trabalho, dá exemplos de inscripções achadas sobre portas. Em todos os tempos o homem quis defender dos males a sua pessoa e a sua habitação: é por isso que tambem os Romanos e os Gregos punham á porta as *hermas* [4], ainda que ás vezes serviam tambem de ornatos e tinham fins praticos. Com as hermas ligam-se evidentemente os nossos *frades de pedra* [5], se não na filiação historica, ao menos em parte da significação; mas ha outros meios de preservar de *coisa ruim* as casas em Portugal, uns conscientes, outros inconscientes: á classe dos primeiros pertencem ás vezes as imagens em azulejo que se vêem exteriormente em muitas casas, tanto sobre as portas, como noutros logares; á classe dos segundos pertencem os escudetes ou espelhos das fechaduras das portas da rua, quando terminados por uma cruz. Das duas classes ha numerosos exemplos aqui mesmo em Lisboa, mas eu tenho-os achado por várias partes do país. Claro está que estes meios prophyllaticos contra o mal são collocados externamente para impedirem que o mal penetre na casa, para terem mão nelle logo á porta; senão bastaria collocá-los no interior, longe das vistas do público.

O ms. de Coimbra leva-nos pois longe. E' que as superstições humanas não ficam insuladas: propagam-se a distancia, transformam-se,

[1] Vid. o *Grande Dicc. Lat.* de Freund, s. v., e os textos lá citados.

[2] *Dict. des antiq.*, já cit., s. v. *amuletum*.

[3] Aus den *Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesellschaft*, sessão de 18 de Abril de 1885, pag. 145-147.

[4] Philip Smith in *Dictionary of Greek and Rom. antiquities*, de W. Smith, Londres 1870, pag. 603-604 (s. v.).

[5] Dos *frades de pedra* fallei já num art. sobre *Cultos phallicos*, publicado in *A Vanguarda* em 31 de Outubro de 1880; e d'elles espero tornar ainda a occupar-me.

adaptam-se ás novas condições de existencia, revestindo frequentemente fórmas diversissimas das que tiveram na sua origem.

Valeria a pena procurar algum exemplar do annel a que o ms. se refere. Pela minha parte, os esforços que fiz não deram resultado [1].

J. L. de V.

II

VERÃO E ESTIO

1

O meu amigo Vasconcellos Abreu escreveu-me a carta que em seguida vae transcripta, a respeito de um artigo publicado no n.º 1, 2.º anno, da *Revista Lusitana*, no qual se pretende mostrar a differença que ha entre os vocabulos *verão* e *estio*.

Pondera o douto orientalista que é para lastimar o meu esquecimento do auto dos *Quatro tempos*, e junta a isto palavras de qualificação honrosa.

E' certo que me não occorreu a abonação de Gil Vicente; mas *prova provada* já a tinhamos em Jorge Ferreira, que não é sujeito de menor auctoridade no assumpto.

O povo, que em questões linguisticas prevalece aos mais rebarbativos classicos, só costuma fazer duas grandes divisões do tempo: *verão* e *inverno*, como quem diz: *calor* e *frio*.

Raro desce ás quatro estações ou gradações de temperatura de que resa a folhinha.

Para elle, o verão é o *ar vital temperado*, exactamente como para Jorge Ferreira.

E é tanto assim, que d'ahi procede o chamado *verão de S. Martinho*, quer dizer, aquella parte do mês de Novembro em que costumam apparecer uns dias claros e amenos, similhantes aos dias vernaes.

Tambem d'esta significação dada á palavra nasce o conhecido proverbio *uma andorinha não faz verão*, porquanto é certo que as andorinhas nos visitam por entradas da primavera, e não pelo estio,

.... no secco tempo em que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,

como escreveu o poeta.

Vê-se, pois, que o *verão*, a quadra do benefico e amoravel calor,

1 Tendo eu fallado d'este ms. da Universidade ao sr. dr. Teixeira de Carvalho, elle offereceu-me a sua dissertação *Estudos sobre a suggestão*, Coimbra 1888, onde, a pag. 195, se refere já a elle, transcrevendo algumas linhas, e dá conta de outro ms. (Mss. da Bibl. da Univ., m. 346) em que se preconiza para os possessos o uso de lettras sobre o coração ou ao pescoço.

não é o *estio*, a que Bocage, com immensa propriedade, chamou *acceso*, e depois d'elle Garrett, *queimoso*.

Saboreêmo-nos agora nalguns trechos do auto dos *Quatro tempos*, representado ao mui nobre e próspero rei D. Manoel na cidade de Lisboa, nos paços de Alcaçova, na capella de S. Miguel, por mandado da senhora sua irman, nas matinas do natal.

Diz o *verão*, quasi em remate de uns deliciosos versos:

Geminis, Toro y el Carnero
Me traen loco perdido.

Parece não haver duvida que estes tres signos se referem aos mezes de Março, Abril e Maio.

Quando entra o *estio*, lê-se na rubrica do auto, que elle é uma figura muito longa e muito enferma, muito magra, *com uma capella de palha*.

Basta isto para se saber que já estamos em quadra de sequeiro.

Cancer, Virgo y el Leon
Los registros de mis dias.

Aqui temos, positivamente, declarados os meses de Junho, Julho e Agosto.

O *verão*, quando falla a Juppiter, declara-se em optimas condições thermometricas:

Hallome fresco y caliente;

ao passo que o *estio* se queixa de aborrido e enfermo, como quem já sente a canicula nos hombros:

Señor, yo con mi dolencia,
Mis fiebres y mi flaquesa,
Mi humillo á tu altesa.

Mas de que serve tornar maior o traslado?

Só se fôr para dar de acepipe aos leitores estas bellezas espontaneas do mais original de todos os poetas portugueses.

Novembro, 1890.

E. A. VIDAL.

2

Carta a que se refere o artigo precedente

Meu amigo:

Li no último número da *Revista Lusitana* o seu artigo, em que mostra a differença entre as significações de *verão* e *estío*. Está muito

bem o que o meu amigo escreveu; mas é para lastimar que literato cultor das bôas letras portuguesas, e não literaticho, se esquecesse dum título de nobreza que é prova provada.

O meu amigo tem lido mais do que uma vez o *Auto dos Quatro Tempos*; pois lá tem as *figuras: inverno, verão, estío outono.*

Queixa-se o *verão* de que o *estío venha sempre*

... hacer paja
todo cuanto yo verdeo.

E o *estío* chama ao *verão* — *verdolete.*

O *verão* diz de si mesmo que ele é quem *pinta o campo de flores até que venha o estío;* e o *estío* diz que ele é quem *seca as aguas e torna poentos os caminhos.*

Não careço de transcrever nem de apontar nada mais.

Se quiser, pode publicar esta cartita.

S. C. aos 30 de Setembro de 1890.

Seu amigo

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

III

QUEM QUISER VIVER ALEGRE [1]

Quem quiser viver alegre
Não busque companha minha,
Que me pariu minha mãe,
Em uma escura montina.
Encontrou-me um ermitão,
Levou-me p'ra a sua ermida.
Sete annos me deu do leite
De uma leona parida,
Outros sete me deu pão
Do que rendia a ermida.
«Sete e sete são quatorze,
Já podeis ganhar la vida».
Entregou-me armas, cavallo,
Impontou-me serra a cima.
Encontrei-me com os mouros,
Puseram-me guerra viva.
Quatrocentos lhe matei,
Outros tantos lhe ferira.
Prisionaram-me e levaram-me

1 Este romance supponho-o ainda inedito.

P'ra a maior prisão que havia.
Sete annos estive eu nella,
Inda hoje lá estaria,
Se não fôra a boa gente
Que naquella terra havia.

Colhido da tradição oral em Valpaços, em 1890.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

IV

ETYMOLOGIAS PORTUGUESAS

1. Abalar

De *advallare (ad vallem), na ideia de «ir para baixo», e depois, por generalização do significado, «pôr-se em movimento, etc.». Cfr. *aventar*, cujo sentido primitivo é «deitar ao vento», e hoje tem, quer na litteratura, quer na linguagem popular, significações mais latas.

Phoneticamente nada ha que objectar: *dv* deu *v*, como em *avêsso* (=adversus), arc. *avogado* (advocatus).

Cfr. o francês *avaler*, que ainda neste verso da *Chanson de Roland* (1037)

Com il ainz pout, del pui est *avalez*

tem o sentido de «descer», hoje limitado naquella lingua ao de «descer o alimento para o estomago», «engulir».

2. Assaz

Tem-se sempre dado como etymon d'esta palavra o lat. ad satis; mas não se explica o *z* do port. *assaz*, nem do hesp. *assaz*; alem d'isso era para esperar outra terminação, como o mostrão as fórmas verbaes em -atis, etc., por ex. amatis, que deu amaes.

A expressão latina ad satiem explica perfeitamente tanto o português, como o hespanhol; cfr. port. arc. *az*=aciem, e hesp. *haz*=faciem.

Não é nada estranho que uma phrase tal como ad satiem se mudasse numa expressão adverbial, pois já no proprio latim existem adverbios formados de *ad* acompanhado de um accusativo, por ex. *admodum*, e phrases adverbiaes semelhantes, como *ad extremum*, *ad verbum*, etc.

3. Endro

A'cêrca d'esta palavra diz o Sr. Adolpho Coelho no seu *Dicc. manual etym.*, s. v.: «Parece provir do nome lat. da planta *anethum*, que daria *ãedo*, com metathese da resonancia nasal, *aendo;* cfr. *castainço, cainçada*, etc.: *r* introduzido, como noutras palavras, alem de que poderia influir *eloendro*».

O Sr. J. Cornu, no seu trabalho *Die portug. Sprache* (no *Grundriss),* limita-se a collocar *endro* ao pé de anethum (§ 123).

Parece-me que se explica melhor e mais simplesmente a palavra, admittindo o deminutivo *anethulum *anet(u)lum, d'onde **enedro* **ẽedro* **ẽẽdro* *ẽdro* (ENDRO).

O grupo *-t(u)lu-* deu *dr* em certa epocha da historia da nossa lingua, como o prova *vedro* (de vet(u)lus); o *n* cahiu normalmente, nasalando a vogal antecedente, nasalidade que se communicou á vogal seguinte, como succedeu ao citado *castainço* (de *castaniceus), *painço* (de paniceus), *maunça*, etc.; o *ae* deu *e*, como em *quenda* de arc. *caenda* de calenda, *quente* de calentem, etc.

A minha hypothese passa a ser certeza, se nos lembrarmos do hespanhol *eneldo*, que o Sr. Meyer-Lübke tambem não explica *(Grammatica*, § 70), mas que se explica perfeitamente por *anethulum, como *tilde* por titulus, *rolde* por rotulus, etc.

4. Ilharga

Os nossos lexicographos apenas indicam *ilia* como etymon de *ilharga*. Mas o resto da palavra? Parece-me que se póde explicar o vocabulo completo se admittirmos o seguinte: o adjectivo * *iliaris*, e d'este o adjectivo **iliarica*, depois substantivado. O adjectivo **iliaris* nenhuma dúvida offerece, pois está de accôrdo com as regras geraes: o adjectivo * *iliarica* formou-se, quanto a mim, como de *amarus* se formou **amaricus* (cfr. *amaricosus* em Diez, Et. W., I), que deu *amargo*.

Quanto á phonetica nada ha que observar, pois tudo é corrente.

5. Crencha

Fórma antiga, usada no plural, com a significação de «tranças de cabello».

O etymon d'esta palavra é sem dúvida **cri̇nicula*, de *crinis* (que tambem se usou no feminino). Com quanto a terminação *-ĭcula* (e *-ĭculus)* désse normalmente *-elha* (e *-elho)*, aqui temos *ch* e não *lh*, por preceder nasal [1]. Assim se explica:

[1] Cfr. Diez, *Gr. de l. rom.* I, 196; J. Cornu, in *Grundriss (ob. cit.)*, § 136; Meyer-Lübke, *Gramm.*, I, § 493.

funcho a par de FIOLHAL [1] ..... do lat. **fenuculum*;
mancha a par de *malha* .... do lat. *macula*:

é que temos de admittir **criuinc'la*, **fenunc'lu-* e **manc'la* [2], sendo devido o *n* a influencia das consoantes nasaes que antecedem [3].

6. Invès, revès, travès

A palavra *invés* é usada na Beira-Alta, etc., na phrase «ao *invés*» e outras, significando quasi o mesmo que *avêsso*; vem nos diccionarios, tambem com a fórma *envés*. A *revés* e *través* tem-se dado como etymon o lat. *reversus* e *transversus*; mas éstas fórmas produziram *revesso* e *travesso*, como *adversus* produziu *avesso*, *versata* produziu *vessada*, **Sant Tirso** produziu **Santo Tisso**, *persicus* produziu *pessego*, etc.

Os etymons de *invés*, *revés* e *través* devem buscar-se respectivamente no lat. **inverse*, **reverse* e *traverse*, adverbios formados de *inversus*, *reversus* e *traversus* (não *transversus*) como *adverse* de *adversus*.

Com quanto os adverbios latinos em *-e*, tirados de adjectivos, desapparecessem em regra das linguas romanicas [4], todavia estes e outros conservaram-se, quanto a mim, por serem ao mesmo tempo substantivos, como succedeu a *mal*, *bem* e *tarde* [5].

7. Trazer e traguer

Sobre o *z* de *trazer* diz o Sr. Ad. Coelho na *Theoria da conjugação*, pag. 109, not., que elle «foi introduzido para evitar o hiato nas fórmas que se ligam ao presente», e accrescenta: «Não se deve porém desconhecer a analogia do perfeito (*traxi* = *tracsi*), em que a sibilante provém do lat. *x*». Não vejo porque é que se escolheria o *z* para evitar o hiato [6]; por outro lado a graphia *z* parece provar que a sua origem não é *s*.

Eis aqui uma explicação que me parece mais plausivel.

Como a *dixi* corresponde o presente *dico*, o supino *dictum* e o infinitivo *dicere*, que deu *dizer*; como a *coxi* corresponde o presente

1 Nome de terra. Tambem ha **Fiolhaes** e **Fiolhoso.** Se não houve uma fórma portug. *fiolho*, houve pelo menos *fenuculosus, etc., o que para a minha demonstração tem o mesmo valor.

2 Cfr. J. Cornu, *ob. cit.*, ib. — A regra geral é *c'l* dar *ch* quando inicial, ou depois de consoante; nos outros casos, i. é, depois de vogaes oraes dá *lh*.

3 Cfr. hesp. *manzana* a par do port. *maçã*: o *n* deve-se ao *m*.

4 Cfr. Diez, *Gr. des l. rom.*, II, 427.

5 Cfr. os meus opusculos *As «Lições de linguagem» do Sr. C. de F.*, § 2.º, e *Réplica ás «caturrices» philologicas*, etc., § 2.º

6 Em palavras como *cãozinho*, etc., o *z* evita hiato; mas aqui esse som não é pura epenthese.

coquo, o supino *coctum* e o infinitivo *coquere*, que deu *cozer*: assim tambem ao verbo, cujo preterito era *traxi* e supino *tractum*, se attribuiu o presente * *traco* e o infinitivo * *tracere*, que deu *trazer*.

De * *traco* veiu normalmente *trago* pelo abrandamento de *c* em *g*; o presente do conjunctivo *traga* seguiu a mesma analogia.

E' sabido como nos verbos a analogia desempenha grande papel; por isso nada tem de extraordinario esta hypothese. Umas vezes o tempo A regula-se pelo tempo B, outras pelo tempo C. Depende isto das circumstancias do povo que se serve d'elles. Assim de *coquo* não se fez * *cogo*, como era de esperar, mas empregou-se *cozo*, baseado no infinitivo. Na raia de Tras-os-Montes não se diz *trago*, mas sim, como lá ouvi, *trazo*, por analogia tambem com o infinitivo. Por outro lado o preterito *traxi* foi posto de parte e substituido por * *tracsui*, analogico com outros verbos, o qual deu o port. *trouxe* (pop. *truxe*), como Diez, *Gramm.* II, 178, e o Sr. Ad. Coelho na *Theoria da conjug.*, pg. 109, explicaram.

Na lingua archaica havia as fórmas *trager* e *trouge*, a cujo *g* o Sr. Ad. Coelho, *ob. cit.*, *ib.*, parece attribuir o valor de palatal; mas eu creio que essas fórmas se pronunciavam *traguer* (tragher) e *trougue* (trougbe), e não *trajer* e *trouje*, pois d'onde havia de vir o *j*? O Sr. Coelho explica o *g* de *trouge* pelo *s (ss)* de *trousse*, mas o *ss* surdo, de formação portuguesa, mantem-se, não dá *g* (nem *j*); o *g* de *trager* explica-o elle pelo mesmo modo que o *z* de *trazer*.

Para eu dizer que o *g* tinha o valor de guttural e não de palatal, fundo-me em que hoje o povo, em alguns pontos da Beira-Baixa (Celorico, Foz-Coa, etc.) [1], pronuncia ainda *traguer*, com *g* e não *j*; e em que Viterbo, no *Elucidario*, s. v. *prouguer*, offerece em doc. dos sec. XIII e XIV *prougue*, *prouguer*, *prugue*, a par de *aprougy*.

Como *placere* tem o preterito *placui*, e *jacere* o preterito *jacui*, tambem *tracere*, que tinha entrado para a 2.ª conjugação, tomou o preterito * *tracui*, que explica *trougue*, como *placui* explica *prougue* [2]. Mas assim como aos preteritos *batui*, *pluit*, etc. correspondem os infinitivos *batuere* e *pluere*, que, com quanto da 3.ª conjugação, tinham passado para a 2.ª, assim a * *tracui* se attribuiu um infinitivo * *tracuere*, que explica *traguer* (pois este não assenta em *trago*).

Outros preteritos dialectaes d'este verbo são *truxe*, *trouve* e *troufe* (este ultimo tambem recolhido por Viterbo). *Truxe* está para *trouxe* como *pus* para *pôs*, *pude* para *poude* (pôde), pop. *sube* para *soube*, e noutros casos *fiz* para *fês*, *tive* para *teve*, etc., pois frequentemente se estabelece parallelismo de *u-ô*, *i-ê*, entre a 1.ª e 3.ª pessoas. *Troufe* explica-se por *trouve*, pois *v* e *f* são consoantes do mesmo orgão; cfr. ant. *femença* = l. vehementia.

[1] Cfr. tambem *Rev. Lusit.*, II, 242.

[2] Em doc. ant. tambem ha *plougue*, mas o *l* deve explicar-se por influencia erudita; cfr. ant. *regla* a par de *regra*, e moderno *fleuma* e (*fleugma!*) a par de *freuma*.

Tendo nós

* *t r a c u i*	*trougue*	*trouve*
j a c u i	* *jougue*	*jouve*
p l a c u i	*prougue*	*prouve*

podem occorrer tres hypotheses para explicar o *v*: que houve syncope de *g*, explicando-se então o *v* pela epenthese, para annullar o hiato; que o *g* se mudou em *v*; que houve qualquer analogia. As duas primeiras hypotheses parece deverem excluir-se pelo facto de que ha muitos vocabulos com *-oug-*, o que mostra que aquella combinação phonetica é persistente. — por ex. *azougue*, **Bougado, Atouguia** (repetido), **Vouga,** as fórmas do verbo *ougar*, etc. Resta a terceira hypothese. Como verbo que pudesse servir de typo no preterito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, e no futuro do conjunctivo, só existe *haver* (houve, houvera, houver); com terminação *-ve*, no preterito, existe o arc. *seve* e *teve* e *esteve*; no mais-que-perfeito do indicativo, e no futuro do conjunctivo, com a terminação *-vér*, existem tambem os dois ultimos.

Assim em resumo:

> *trago* vem de * *traco*;
> *trazer* vem de * *tracere*;
> *trouxe* vem de * *traxui (tracsui)*;
> *trougue* vem de * *tracui*;
> *trouve* vem da analogia com *houve*;
> *troufe* vem de *trouve*;
> *trazo* vem da analogia com o infinitivo *trazer*;
> *traguer* vem de * *tracuere*.

Lembrando-nos nós que ainda hoje *trazo, trouxe, traguer, troufe*, etc. pertencem a dialectos differentes, escusamos de nos admirar de tanta diversidade de fórmas, pois as leis que regulam os phenomenos linguisticos numa região não são as mesmas que regulam noutra, embora dentro de cada uma tenham geralmente uniformidade.

8. **Suffixos** -acho, -icho, -echo, -ucho

Diez, *Gramm. des l. rom.* II, 290 segg., explica o suffixo português *-acho* de *lebracho, riacho*, etc. pelo latim *-aceus*, pondo-o pois na mesma linha que o italiano *-accio*, etc.

O ital. veiu sem duvida de *-a c e u s*, mas este suffixo em português deu *-aço* e não podia phoneticamente dar *-acho*.

Parece-me que o suffixo português *-acho*, com os seus irmãos *-icho, echo, -ucho* [1], se podem e devem explicar de outro modo.

1 Ex. *rabicho, ventrecha, capucha, gorducho, cornicho, fogacho, pennacho*, etc.

São conhecidos os suffixos portugueses *-asco*, *-esco*, *-isco*, *-usco*, como em *verdasco*, *parentesco*, *rabiscar*, *farrusco*, *chammuscar*, etc. Tanto nestes, como nos de cima, ha umas vezes significação deminutiva, outras depreciativa.

Creio que os ultimos são a origem dos primeiros, nas fórmas compostas *-asc(u)lus*, *-esc(u)lus*, *-isc(u)lus*, *-usc(u)lus*. E' frequente nos deminutivos, depreciativos, etc., um suffixo composto.

Os suffixos *-acho*, *-icho*, etc., tambem se não podem explicar por *-aculus*, *-iculus*, etc., porque estes deram *-alho*, *-elho*, etc.

Ora o grupo *-sc'l-* dá perfeitamente *ch*, como o prova *macho* (de masculus), *bucho* (de musculus), *facha* (de *fascula), etc.

A minha explicação abrange o hespanhol *-acho*, pois tambem ahi -aceus não podia dar esse suffixo, como quer Diez (*ib.*, 263; cfr. Meyer Lübke, *Gramm.*, I, 463-464), ao passo que *-sc'l-* dá *ch*, como o prova *macho*, *bacha*, etc.

Isto é: tanto em português, como em hespanhol, *cl*, precedido de consoante, dá *ch*: *concha* (conc'la), *sacho* (sarc'lu-), etc. [1].

9. Pinto e pintar

Não póde *pinto* vir de *pictus*, fórma que deu na Beira-Alta *pito* (e *pita*), que significam respectivamente *frango* e *gallinha*. Creio que, ao lado de *pictus*, do verbo *pingo*, houve em latim vulgar tambem **pinctus*, formado por analogia com *tinctus*, *cinctus*, *linctus*, *exstinctus*, etc. de *tingo*, *cingo*, *lingo*, *exstinguo*, mas principalmente com *tinctus*, por causa da semelhança das ideias expressas por *pingo* e *tingo*.

Sobre **pinctus* formou-se **pinctare*, que o Sr. J. Cornu já traz no seu trabalho *Die portug. Sprache*, § 232, mas sem explicação.

J. L. DE V.

V

NOTAS SOBRE A LINGUAGEM E COSTUMES DO CEARÁ [2]

«... Aquelle *struir* [3] de varios pontos de Portugal, a tendencia do *e* inicial atono a nasalar-se, e do *en* a trocar-se em *in*, como em *inducação* e *insanguentar*, a transformação do *e* de *Alexandria* em *i*, e as expressões *preguntar*, *jinella*, *fermosura*, *hai*, *haija*, *inté*, particula-

[1] Em português ha tambem *realocho* (em Condeixa a Velha, onde significa *moeda antiga*) e *bagocho* (na Beira-Alta, onde significa *novello pequeno*), que podem vir de *real* e *bago*; tinhamos pois outro suffixo, *-ocho*, de -osc'lus.

[2] [De uma carta que me escreveu o meu amigo Sr. Dr. Guilherme Studart, do Ceará (Brazil), tomo a liberdade de transcrever este trecho, por ser de interesse geral. O Sr. Studart refere-se ao n.º 2 do vol. II da *Rev. Lus.* — J. L. DE V.]

[3] [*Rev. Lusit.* II, 100 sgg.]

ridades que v. estudou em a aldeia de Matella, e o *odipois* de Parada de Infanções [1] pertencem ao fallar do povo rude de minha terra.

As phrases *no mês que entra, para o mês que entra,* significando *o mês seguinte* [2], são tambem muito nossas, e estas até da gente boa e polida.

O que Francisco Manoel de Mello diz na sua *Feira de annexins* sobre os nomes populares dos dedos da mão, e que v. aproveitou para a ***Miscellanea*** da *Revista* [3], é entre nós um brinquedo muito usual e muito apreciado pelos meninos. O processo consiste no seguinte: faz-se o menino, com quem se vae brincar, abrir a mão, e então, a começar do dedo minimo, cada dedo é chrismado assim: *dedo mendinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolos* e *cata-piolhos.* Outros dizem *mata-piolho.* Mas o brinquedo não fica nisso. Depois da ennumeração dos cinco dedos, apontando-se para o centro da palma da mão, pergunta-se ao menino: «Onde está o toucinho que estava aqui?» Responde o menino, ou alguem por elle: «O gato comeu». Percorre-se então o braço do menino em toda sua extensão, como si em busca do gato, dizendo que o gato aqui almoçou, aqui jantou, aqui dormiu, aqui fez isto, aqui fez aquillo, até attingir a cava da axilla, terminando o brinquedo por gargalhadas, e sobretudo si o menino tem cocegas e estas despertão nelle tergeitos e momices.

Ahi tem v. umas informações transmittidas ás carreiras, desalinhadas.....».

DR. GUILHERME STUDART.

---

1 [*Rev. Lusit.*, II, 101, sgg.]
2 [*Rev. Lusit.*, ib., 117].
3 [*Rev. Lusit.*, ib., 181].

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Versos de Bernardim Ribeiro—Lisboa—Typographia Elzeviriana—1886.

Esta edição comprehende:
I as cinco eclogas (pag. 3-101);
II tres romances (pag. 105-117), a saber:
1) um romance com o titulo de «Cuidado e Desejo»,
2, 3) o «romance da ama» e o «romance de Avalor» cada um d'elles com a indicação de «extrahido do livro das *Saudades*»;
III entre «trovas, cantigas, esparsas e villancetes» quatorze poesias (pag. 121-150), trazendo a sexta (pag. 133, 134) a indicação de «extrahida do livro das *Saudades*».

Os editores (1) não advertem que na edição de Evora de 1557 a ecloga 3.ª acaba no verso «Se vos tivera quebrados», sendo os 22 versos que em seguida se leem na edição da typographia Elzeviriana (e tambem na edição da «Bibliotheca Portugueza», a qual porêm faz a competente advertencia), tomados da edição d'esta ecloga, em folha volante, de 1536 (2).

Na ecloga 5.ª omittem a rubrica apposta pela edição de 1557 «ha qual dizem ſer do meſmo auctor».

Outrosim não declarão d'onde forão tomadas ás poesias que, inseridas na sua edição, não vem na edição de 1557, nem no Cancioneiro de Rèsende.

*

No prologo da edição de que me estou occupando, lê-se: «Resolveu-se por fim respeitar a orthographia da epocha, respeitál-a mesmo nos caprichos de modalidade com que o quinhentista escreve indistinctamente *razão* e *rezão*, *para* e *pera*, *pela* e *pola*, *claro* e *craro*... *saudade* e *soidade*, etc., etc. Só não foi acompanhado o texto de 1557 no que evidentemente constitue erro typographico ou velleidade orthographica menos acceitavel».

Se os factos correspondem a esta declaração, é o que vamos examinar em primeiro lugar.

Contra a prática seguida na edição de B. Ribeiro de 1557, e tambem na do Cancioneiro de Rèsende, os editores dos *Versos de Bernardim Ribeiro* escrevem:
com *e* em vez de *i*: *melhor* (3), *peor* (4), *pequeno* (5), *desegual* (6), *edade* (7);

(1) No verso do frontispicio lê-se «Esta edição consta unicamente de cento e onze exemplares... assignados tanto pelo revisor como pelo editor. Xavier da Cunha, Alfredo de Carvalho». Não alcançando bem a parte que teve cada um d'estes cavalheiros nos trabalhos d'esta edição, designa-los-hei conjunctamente, neste artigo, pela expressão «editores».

(2) «O impressor, e simultaneamente editor d'este livro dos versos de Bernardim Ribeiro, desejou respeitar, quanto possivel, o texto que mais genuino se afigura. N'este sentido recorreu-se ao exemplar que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possue do livro das *Saudades* (impresso por André de Burgos em Evora em 1557),... e consultou-se, para as composições poeticas que n'aquelle não veem [sic], a 1.ª edição do Cancioneiro de Resende nos exemplares que tem d'esta obra rara e preciosa a referida livraria».

E' unicamente isto o que os editores nos dizem com respeito ás fontes a que recorrêrão para fazerem a sua collecção das poesias de B. Ribeiro.

(3) pag. 27, 29, 32, 73, 83 etc.
(4) pag. 8, 13, 70.
(5) pag. 12.
(6) pag. 24.
(7) pag. 32.

com *ei* em vez de *e* (tónico): *aldeia* (1), *alheio* (2), *cheio* (3), *enleio* (4), *meio* (5), *receio* (6), *seio* (7), *creio* (*creia* etc.) (8), *veio* (9).

Tambem substituem as graphias phoneticas *Felipa* e *dezia* por *Filippa* (10) e *dizia* (11).

No sul de Portugal conservou-se até os fins do seculo XVI a distincção, phonetica e graphica, entre o *s* forte (ou *ss*) e o ç, e entre o *s* brando e o z. Os novos editores porêm de B. Ribeiro tambem neste particular alterão a antiga orthographia, a qual em muitos casos é ainda a seguida por quem entende do assumpto. Assim escrevem:

com *ç* em vez de *s*: *cançar* (= lat. *quassare*) e os derivados e compostos como *canceira, descançar, descanço* (12); *assocegar* (por *assossegar*, cf. cast. *sosegar*) (13);

com *s* em vez de *ç*: *sapata* (14), *surrão* (15);

com *s* em vez de *z*: *gosar* (16), *assás* (por *assaz* = *ad satiem*, etymologia dada pela primeira vez pelo snr. Leite de Vasconcellos) (17);

com *z* em vez de *s*: *pezar* (18), *mez* (19), *quiz* (*quizera*, etc.) (20), *poz* (*pozeste*, etc.) (21).

Tambem substituem por *desejo* (*desejoso, desejar*) (22) a graphia *dessejo* (*dessejoso, dessejar*) constantemente empregada na edição Eborense de 1557, e representativa da pronuncia originaria correspondente á etymologia (do latim popular *dissidium* por *desiderium*).

Segundo se encontra advertido até em livros de escola elementares, é muito moderna (não occorre, creio eu, anteriormente ao seculo actual) a prática de pronunciar e escrever com dois *ee* a terceira pessoa do plural dos verbos *dar, crer, ler, ter, ver*. Os ultimos editores não só põem no texto do nosso poeta *de'm* (23), *te'm* (24), *teem* (25), *vê'm* (26), mas até estámpão, como plural do verbo *vir*, o barbarismo (que tal nome cumpre dar a uma fórma que nenhum grammatico autoriza) *veem* (27), *ve'm* (28).

Outrosim substituem *sc* por *ç* contrariamente á pronuncia do seculo XVI (e, pelo menos, tambem contrariamente á do seculo XVII, ainda hoje conservada na boca do povo) em *crescer* (29), *nascer* (30), *pascer* (31) (32).

Durante o seculo XVI a pronúncia das fórmas femininas de *um, algum, nenhum*, continuou a ser, como anteriormente, *ũa, algũa, nenhũa*; na edição dos *Versos de B. Ribeiro* são aquellas graphias substituidas por *uma* (33), *alguma* (34), *nenhuma* (35); só quando *ũa* é empregado na qualidade de monosyllabo é que a fórma do original é conservada (36).

Na orthographia antiga portuguesa a duplicação graphica das vogaes tem duas origens: umas vezes, e é o caso menos vulgar, serve simplesmente de indicar que a vogal era tonica (v. g. *estaa* = *está* do lat. **stat**); outras vezes correspondia á existencia de dois sons vocalicos seguidos devida á queda da consoante intermé-

(1) pag. 43.
(2) pag. 26, 37, 50, 70, 81 etc.
(3) pag. 34, 36, 64, 70, 75 etc.
(4) pag. 63.
(5) pag. 7, 23, 28, 36, 41.
(6) pag. 50, 63, 141.
(7) pag. 23.
(8) pag. 5, 8, 56, 63, 69, 81.
(9) pag. 3, 4, 8, 73, 141.
(10) pag. 68, 69.
(11) pag. 14, 36, 70, 77.
(12) pag. 4, 5, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 24, 30, 31, 36, 39, 41, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, etc.
(13) pag. 22.
(14) pag. 22, 23, 24, 29.
(15) pag. 5 (a ed. da Bibl. Port. conserva o ç).
(16) pag. 26, 100.
(17) pag. 91.
(18) pag. 9, 10, 22, 27, 29, 34, 41, 46, 47 51, 52, 53, 55 etc.
(19) pag 53.
(20) pag. 6, 28, 38, 55, 69 etc.
(21) pag. 5, 25, 71, 98, etc.
(22) pag. 5, 9, 11, 16, 22, 29, 35, 41, 44, 46 etc.
(23) pag. 43.
(24) pag. 34, 63, 82, 90.
(25) pag. 46, 48, 80, 100, 106.
(26) pag. 12.
(27) pag. 53, 54.
(28) pag. 76, 83, 108.
(29) pag. 76, 78, 86, 93, 111, 134.
(30) pag. 28, 31, 73, 75, 77, 78, 81 etc.
(31) pag. 5.
(32) Encontra-se ás vezes *sc* em lugar de ç; que porêm é graphia proveniente de pedantismo etymologico e que não corresponde á pronúncia, prova-o o achar-se por vezes em dicções em que a pronúncia era, e ainda é, ç, v. g. *anoutesci*, que os ultimos editores emendão para *anoiteci*.
(33) pag. 8, 14, 19, 21, 22, 24 etc.
(34) pag. 14, 36, 65, 147.
(35) pag. 46, 64, 65, 82, 86 etc.
(36) pag. 20, 32, 68.

dia originaria (v. g. *maa* do lat. **mala**). Que primitivamente soavão duas vogaes, demonstra-o a metrica das nossas mais antigas poesias em que as duas vogaes constituem duas syllabas. Pouco a pouco porêm forão os dois sons vocalicos condensados em um só; mas é difficil, em geral, determinar com respeito a cada categoria de palavras, quando foi que se deu esta reducção de sons (1). Tambem neste particular os editores dos *Versos de B. Ribeiro* não guardárão fidelidade á orthographia original, sendo que substituem:

aa por *a* em *má* (2);

ee por *e* em *crê* (imperativo) (3), *crer* (4), *sê* (imperativo) (5), *ser* (6), *fé* (7);

oo por *o* em *dó* (8), *dor* (9), *só* (sempre *soo* na edição antiga) (10), *avós* (11), *mór* (12);

ãa por *ã* em *vãs* (13).

Em B. Ribeiro, como nos demais poetas do Cancioneiro de Rèsende e em Christóvão Falcão, ainda occorre ás vezes na terceira pessoa do plural dos preteritos, em lugar de *ão*, a fórma antiga *om*. Os ultimos editores substituem sempre a segunda fórma pela primeira, escrevendo *vieram* (14), *moveram* (15), *desempararam* (16), *ficaram* (17), *acabaram* (18), *passaram* (19), *andaram* (20), *desesperaram* (21), *nasceram* (22), *tiveram* (23), *puzeram* (24), *deram* (25), *determinaram* (26), *fizeram* (27).

Mais graphias, correspondentes a modos antigos de pronunciar, que não forão respeitadas pelos editores dos *Versos de B. Ribeiro*, são:

detreminar (28), *outrogar* (29), *preguntar* (30), *tromento* (31), palavras em que ha a metathese do *r* tão frequente ainda no fallar do povo;

sam (32), como primeira pessoa do verbo *ser*;

peis (33), plural de *pé*, fórma ainda corrente na pronúncia algarvia;

aquècer (34) no sentido de *acontecer*, fórma (registada em Viterbo) contrahida de *acaecer* como *quente* de **caente* = lat. *calentem*, e *queda* ao lado de *cahida*;

cam (35) representante do latim *quam*. A semivogal latina *u* depois de *q* desapparecêra invariavelmente no português primitivo. E' o que demonstrão as graphias antigas *cando, canto, cantidade, casi* etc. Semelhante suppressão dava-se até nas dicções de origem erudita ou semierudita. Encontra-se, por exemplo, *propinco* (Canc. de Rèsende, fol. 92), *adecado* (ms. do seculo XVI da Bibliotheca Nacional de Lisboa), *inico* (que nos Lusiadas rima com *bico*). Debaixo da influencia da litteratura foi reapparecendo a semivogal antes de *a* e *o*. Esta restauração porêm foi lenta e sem completa uniformidade. Assim era ainda corrente no seculo XVII pronunciar *calidade*; a par de *quatro*, com *u* audivel, ha *quatorze* com *qu* = *c*; não fallando dos usos provincianos, ainda hoje a pronuncia familiar desaffectada de *quarenta* e *quaresma* é como se estivesse escrito *cor-*, e não *quar*;

comprir (lat. *complere*) (36);

(1) Relativamente ás dicções portuguesas correspondentes a dicções latinas em **-ana** (v. g. **rana**), sabemos por Fr. Luis do Monte-Carmello que a pronuncia primitiva *(rãa)* ainda existia no meado do seculo passado. Em um letreiro de uma loja de Lisboa (na rua do Ouro) ainda se vê *lãas*; não sei, porêm, se é apenas conservação da antiga orthographia, ou se representa a pronúncia de quem mandou escrever o letreiro.

(2) pag. 26, 123, 125.

(3) pag. 7, 16, 48.

(4) pag. 91.

(5) pag. 17.

(6) pag. 90.

(7) pag. 35, 121, 133.

(8) pag. 20, 52, 69.

(9) pag. 39, 95.

(10) pag. 13, 20, 41, 45, 47, 49, 51 etc.

(11) pag. 58.

(12) pag. 24, 26, 43, 53, 112, 125, 134.

(13) pag. 50.

(14) pag. 22.

(15) pag. 22.

(16) pag. 40.

(17) pag. 41.

(18) pag. 41.

(19) pag. 47.

(20) pag. 47.

(21) pag. 47.

(22) pag. 63.

(23) pag. 63.

(24) pag. 65.

(25) pag. 65.

(26) pag. 86, 97.

(27) pag. 63.

(28) pag. 86, 89, 97.

(29) pag. 143.

(30) pag. 46.

(31) pag. 55, 76, 78, 79, 85 etc.

(32) substituido por *sou* duas vezes em pag. 40.

(33) substituido por *pés* em pag. 42.

(34) substituido por *acaecer* em pag. 31.

(35) substituido por *quão* em pag. 122.

(36) substituido por *cumprir* em pag. 133, 144.

vertude (1), *esprementar* (2);
entramentes (3);
nuve (4);
oulhar (5), *moucho* (6);
onde (designando o termo do movimento, fórma ainda corrente na boca do povo) (7).

Além das graphias acabadas de mencionar, outras ha ainda, que os editores dos *Versos de B. Ribeiro* não conservárão, e que sem dúvida, segundo em outra occasião mostrarei, correspondem a pronuncias agora em desuso. São:
fogir (8), *molher* (9), *pongir* (10), *roido* (11), *sogeitar* (12), *sopportar (soportar)* (13), *sospeita, sospeitar* (14), *soster* (15).

Os mesmos editores até deixão de conservar graphias que ainda hoje são correntes, taes como:
Deos (16), *venceo* (17);
agoa (18), *lingoa* (19), *mágoa* (20);
vaca (21), *seco* (22), *seta* (23), *satisfação* (24) (escrito com *am* final na edição Eborense).

A graphia *gram* ou *grã* em que *am* ou *ã* representa o ditongo nasal *ão* (como em *tam, satisfaçam* [substantivo]) é substituida pelos mesmos editores por *gran* (25), graphia em que, segundo o uso moderno, *an* só póde representar a vogal nasal *ã* (como em *irman, lan*).

No hiato entre duas palavras tambem ás vezes a edição de que fallamos, apaga o vestigio que nas edições antigas existia da pronuncia de então, que em parte do país é ainda corrente. Assim substituem:
m'ela por *me ella* (26)
m'ys (na edição da Bibl. Port. *m'his*) por *me is* (27)
m'aveys (na ed. da Bibl. Port. *m'haveis*) por *me haveis* (28)
S'antes (na ed. da Bibl. Port. *S'antes*) por *Se, antes* (29)
com'eu vou por *como eu vou* (30).

*

No seu prefacio escreve o snr. Xavier da Cunha: «Das modificações introduzidas pelas edições posteriores á de 1557 aproveitou-se apenas o que o bom-senso indicou ser correcção razoavel a um evidente erro de copia ou a um lapso typographico; alguma vez foi mesmo preciso emendar no texto de 1557 uma ou outra incorrecção, que edições posteriores não tinham sabido resalvar, e que um justo criterio estava naturalmente aconselhando». Passemos pois a examinar o que tem de agradecer o nosso antigo poeta ao acume crítico dos editores dos seus *Versos*.

1. Na metrica precamoniana era frequentissimo a vogal ou ditongo nasal do fim de uma palavra formar com a vogal ou ditongo inicial da palavra seguinte uma só syllaba. Só no Cancioneiro de Resende colligiu J. Cornu (no tomo XII da Romania) mais de cincoenta exemplos d'esta prática. Não escasseião tambem nos versos de B. Ribeiro; mas, desconhecendo o antigo uso, os ultimos editores do poeta suppuserão que taes lugares estavão errados e alterárão (excepto em um peque-

(1) substituido por *virtude* em pag. 14.
(2) substituido por *exp'rimentar* em pag. 90.
(3) substituido por *entrementes* em pag. 35.
(4) substituido por *nuvem* em pag. 32.
(5) substituido por *olhar* em pag. 4, 23.
(6) substituido por *mocho* em pag. 30.
(7) substituido por *aonde* em pag. 32.
(8) *fugir* pag. 14, 19, 31.
(9) *mulher* pag. 8.
(10) *pungir* pag. 30.
(11) *ruido* pag. 93.
(12) *sugeitar* pag. 52.
(13) *supportar* pag. 15.
(14) *suspeita, suspeitar* pag. 135, 29.
(15) *suster* pag. 14.
(16) *Deus* pag. 58, 70, 135.
(17) *venceu* pag. 30.
(18) *agua* pag. 7, 15, 24, 22, 38 etc.
(19) *lingua* pag 64.
(20) *magua* pag. 7, 24, 26, 36, 37 etc. Em pag. 10 e 145 até occorre *moguar*!
(21) *vacca* pag. 59.
(22) *secco* pag. 133.
(23) *setta* pag. 87.
(24) *satisfação* pag. 91.
(25) pag. 79, 83, 84.
(26) pag. 94.
(27) pag. 145.
(28) pag. 147.
(29) pag. 147.
(30) pag. 135.

no numero de versos) o texto primitivo, já desnasalizando a vogal, já supprimindo a vogal nasal ou substituindo a preposição *em* por *n*, já supprimindo a vogal que se segue ao som nasal. Assim substituírão:

a) em pag. 26 *outrem olhei* por *outre' olhei*
» 14 *ninguem outrem* por *ningue' outrem*
» 33 *sabe homem aquella hora* por *sabe home' aquella hora*
» 117 *podem achar* por *pode' achar*
» 4, 8, 38, 90, 94, 107, etc., *com o, com a, com os, com as* por *co' o, co' a, co' os, co' as*
» 36 *com um* por *co' um*
» 168 *com ũa* por *co' uma*

b) em pag. 26 *hontem aqui* por *hont' aqui*
» 37 *está em outra parte* por *esta noutra parte*

c) em pag. 26 *não alevantara* por *não levantara*
» 116 *quem a vontade pôs* por *quem vontade poz.*

2. Semelhantemente erão naquella epoca admittidas outras synereses que a versificação posterior evitou. Não devião pois os editores dos *Versos de B. Ribeiro* tomar a liberdade de substituir:

em pag. 133 *não no ha hi* por *não ha hi*
» 100 *de ainda* por *de inda.*

3. No português antigo era corrente pronunciar-se *cô* e *côs* em vez de *co o* e *co os*, contrahindo-se o *o* desnasalizado da preposição com o artigo masculino. Encontra-se a prova a cada passo nas graphias das obras antigas (v. g. *co sangue* nos Lusiadas III 123, *cos yrmãos*, ib. III 131). Os editores dos *Versos de B. Ribeiro*, onde no texto primitivo se lia *co* e *cos*, escrevêrão *co o* e *co os* (pag. 94, 96, 100, 124, etc).

De modo analogo era usual pronunciar-se *cum* em vez de *co um* contrahindo-se o *o* desnasalizado da preposição com o artigo indefinido (v. g *cum saber só d'experiencias feyto*, Lus. IV 94). Os editores dos *Versos de B. Ribeiro* substituem *cum* por *co'um* (pag. 117).

4. Ainda actualmente, na conversação familiar, não é raro ouvir-se pronunciar, por contracção, *ó* em vez de *ao*. Tal prática nas proprias obras litterarias não se estranhava no português archaico. São copiosissimos os exemplos no Cancioneiro de Rèsende. Tambem se encontra em B. Ribeiro *dar ho mar*, que os ultimos editores mudárão para *dar ao mar* (pag. 93).

5. No português archaico dizia-se v. g. *crê-lo* não só, como hoje, sempre que *lo* é pronome pessoal complemento do verbo, senão tambem, por vezes, quando *lo* é artigo pertencente para o substantivo seguinte que é complemento do verbo. Não se recordando ou não sabendo d'este uso antigo, os ultimos editores substituírão:

em pag. 127 *trazê-la côr do pesar* por *trazer a côr do pezar*
» 131 *vá crel las vãas esperanças* por *va crer as vãas esperanças.*

6. Quando ha duas consoantes iguaes separadas uma da outra por um *e* surdo, na pronuncia corrida bastas vezes se absorvem as duas consoantes em uma só syllaba. Assim «*Calçada do Conde de Pombeiro*», «*Rocha do Conde d'Obidos*» frequentemente se ouvirá pronunciar em Lisboa como se estivesse escrito *Calçada do Cond'de Pomb'iro, Rocha do Cond'd'Obidos*. E', parece-me, um facto analogo ao que em latim de **consuetitudo* produziu *consuetudo*. Conformemente a esta pronuncia occorrem no Cancioneiro de Rèsende versos como:

Acerqua do que compre ser,
E que por ela se soprique,
Juro o corpo de Deos, dom frade,

onde *que com-*, *se so-*, *de Deos* valem metricamente por uma syllaba.

D'este modo foi que tambem B. Ribeiro escreveu estes versos:

A paz de Deos fique contigo,
Por isso faze por te ter,
Que quando me vejo presente,

onde *-que con-*, *te ter, que quan-* valem por uma syllaba metrica.

Os editores dos *Versos de B. Ribeiro* escrevêrão:
no primeiro lugar, supprimindo, contra a grammatica, o artigo: *Paz de Deus fique comtigo* (pag. 100),
no segundo, tambem com offensa da grammatica: *Por isso faz' por te ter* (pag. 71),
no terceiro: *Que quando me acho presente* (pag. 96).

E' tambem o que se lê na edição de 1645 feita por diligencia de M. S. Mascarenhas, na de 1785 feita na officina de D. Gonçalves (em geral, reproducção da antecedente) e na da *Bibliotheca Portuguesa*, edições que, por brevidade, d'aqui em diante designarei respectivamente pelas letras *M, G, B*.

7. Na metrica do periodo representado pelo Cancioneiro de Rèsende a elisão do *e* surdo (e do *i*) protonico dava-se em casos em que posteriormente não foi admittida, por exemplo, entre *s* e *nh*, *m* e *n*, *r* e *m*. Assim encontrão-se naquelle Cancioneiro versos como:

s(e)nhora per cujo rrespeyto,
vos fazem s(e)nhora de mym,
por mays cedo m(e) nam matar.

Tambem d'este modo escreveu B. Ribeiro:

Fizeram-se assi tão senhores,
De Florisendos (1) me lembrando,
E remedio dos tristes he.

Os editores dos *Versos* supprimirão, sem mais cerimonia, no primeiro lugar (pag. 65) o adverbio *assi*, no segundo (pag. 89), com M., G. P., a preposição *de*, no terceiro (pag. 84), tambem com M., G., P., a conjuncção copulativa.

8. Naquella mesma epoca tambem não se estranhava a elisão do *a*, do *o* e do *u* atonos entre consoantes compativeis. Os poetas do Cancioneiro de Rèsende tomão a liberdade de pronunciar *ale(a)rá, alr(o)roço, c(o)ração, epist(o)la*, etc. Segundo a edição de Evora tambem o nosso bucolico disse na ecloga III:

Era p(a)rece-me ordenado

e na ecloga I:

E quando mais atrib(u)lado.

Os ultimos editores, seguindo M., G., B., quanto ao primeiro verso, e M., G., quanto ao segundo, imprimirão:

Era parece ordenado (pag. 65),
E quando mais tribulado (pag. 17).

9. Outrosim não era rara nos verbos a elisão do *o* surdo das syllabas finaes quando seguidas de pronome enclitico, facto ainda corrente na pronúncia familiar (2). No Cancioneiro de Rèsende lê-se por exemplo:

Devem(o)-lo bem de louvar.

D'este modo disse B. Ribeiro, além de *vam(o)-nos* e *recolham(o)-nos*:

E moir(o)-me assi de cuidados.

Os ultimos editores supprimirão (pag. 25), com M., G., B., a conjuncção copulativa.

Aqui termino a resenha das pseudo-correcções devidas a conhecimento pouco amplo da nossa antiga metrica.

Nos cinco lugares de que vou fallar, as modificações do texto original são devidas ao desconhecimento de factos da syntaxe antiga.

Na ecl. quarta ha o verso:

Que tam ma hora nasceo,

(1) = Flor'sendos.
(2) Rigorosamente fallando, o que ha em taes casos, é enfraquecimento da vogal em *e*, e d'ahi, a syncope no verso.

e na poesia que principia por «Ao longo de hũa ribeira», lê-se

Que ma hora o tu viste.

Antigamente dizia-se não só *na má hora* (1), mas tambem, adverbialmente, *má hora* com o mesmo sentido (2). Os ultimos editores escrevêrão:

Que em tão má hora naseeu (pag. 69, com M., G., B.)
Que em má hora o tu viste (pag. 107).

Em uma poesia, incluida no Cancioneiro de Rèsende, lê-se:

Levay me onde desejays,

e na ecl. quarta:

Não sabendo onde me iria.

Effectivamente *onde* empregava-se (e no fallar usual ainda se emprega), como o francês *où*, tambem na designação do termo do movimento. Outro tanto se ha-de dizer de *donde* (3). Assim na edição Eborense da Menina e Moça vem o verso:

Nam tenho donde fugir.

Os ultimos editores imprimírão nos dois primeiros lugares:

Levae-me aonde desejais (pag. 135),
Não sabendo aonde me iria (pag. 67),

e no terceiro, com M., G., B.:

Não tenho adonde fugir (pag. 133).

Passemos vista ás falsas emendas filhas de errado entendimento do texto.

1. Na ultima estancia da ecl. II lê-se na edição Eborense:

Mas se ha alma e entendimento
nã morrem cõ ho corpo, a magoa
me ficara, vamonos que sento
q̃ he tempo do gado hir a agoa.

E' claro como a luz do sol, que na oração condicionada o verbo ha-de estar no futuro (ficará) e que portanto os ultimos editores devião escrever:

. . . .
fic'rá (4).

Guiando-se porêm imprudentemente pelos editores da Bibliotheca Portuguesa, suppuserão o verbo da segunda oração no mais-que-perfeito e, para endireitar o verso, supprimírão a particula causal antes de *sento*, escrevendo (pag. 38):

. . . a mágua
Me ficára. Vam'nos: sento
Que é tempo do gado ir á agua (5).

(1) «*Na má hora*, in an ill hour, unluckly, unfortunately» diz o Diccionario port.-inglês de Vieira.

(2) Na minha opinião *macchos* é um euphemismo popular da expressão adverbial *má hora*, como *diacho* de *diabo*, e em francês *diantre* de *diable*.

(3) «Donde? where? *also* from whence?» diz o já allegado Diccionario de Vieira.

(4) E' mais um exemplo das syncopes de que acima fallei.

(5) Na edição Eborense o uso ordinario é deixar na escripta as vogaes syncopadas na pronúncia (v. g. *perigo* e não *p'rigo*). A praxe de indicar a suppressão da vogal pelo apostropho, que não foi observada com regularidade pelos editores da Bibliotheca Portuguesa, foi-o sempre pelos editores dos *Versos de B. Ribeiro*. Assim estes escrevêrão:

p'rigo em pag. 9, 14, 64 (Neste ultimo lugar a elisão não é inteiramente certa por isso que no verso «*Minha vida está em perigo*» pode *-ia em* formar por synorese uma só syllaba);

esp'rar em pag. 14, 100 (Relativamente ao primeiro lugar deve notar-se que em vez de «*Sostinha-me no que esperava*», M. e G. têm a variante, porventura preferivel, «*Sostinha-me o que esperava*», adoptada tambem por B.)

off'recer em pag. 45; *temp'rado* em pag. 10; *p'ra todos* em pag. 133; *hav'rá* em pag. 116; *arr'res* em pag. 93; *vam'nos* em pag. 38; *recolham'nos* em pag. 100; *p'lo* em pag. 20, 22;

Tambem na pag. 72 escrevêrão *em' star*; mas pode muito bem ser que *em es-* forme uma só syllaba.

2. Na estancia trinta da ecl. v a edição Eborense traz:

Ho meu bẽ ẽ mal mudado
inda que me desterrey
nam desterrey ho cuydado.

«*O meu bem em mal mudado*» corresponde ao que em grammatica latina se chama ablativo absoluto. No português moderno houvera de dizer-se «Mudado o meu bem em mal»; mas a syntaxe antiga não exigia que o participio fosse primeiro (1).

Os ultimos editores, continuando a tratar o texto do poeta como roupa de Franceses, escreverão (pag. 86):

Do meu bem, em mal mudado,
Inda que me desterrei
. . . .

3. Em uma poesia, incluida no Cancioneiro de Résende, vem estes dois versos:

Esta a vida q̃ foy minha
tal que vella he crueldade,

isto é, com orthographia moderna:

Está a vida, que foi minha,
Tal, que vê-la é crueldade.

Os ultimos editores, indo pela esteira da *Bibliotheca Portuguesa*, em menoscabo da grammatica e da logica escrevêrão (pag. 148):

Esta vida que foi minha,
Tal que vêl-a é crueldade.

4. Em uma das estancias do cap. 18 da I parte da Menina e Moça lê-se:

hum dia leua outro dia
por hum mal outro conheço
soo ho fim responde ho começo
ay quam mal que me proui
que no começo ho fim vi.

O terceiro verso está são e deve ter no fim um ponto. Os editores dos *Versos de B. Ribeiro* imprimirão (pag. 134):

Se o fim responde ao começo
Ai! quão mal...

(Em M., G. e B lê-se: *Se o fim;* em G e B *responde começo;* em M *responde ò começo;* effectivamente o segundo *ho* ou *ó* é a contracção popular de *ao*).

5. No cap. 11 da II parte da mesma novella vem os versos:

Tra-la barca levam olhos
Quanto ho dia dá lugar.

Os ultimos editores corrompem o texto escrevendo (pag. 116):

Tra' la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá logar.

Não cheguei a descortinar o que induziu os ultimos editores a bolirem no texto tradicional do verso *Ca dor grande que sentia* (isto é, com orthographia etymologica, como imprimirão M., G. e B., *(Qu'a dor grande que sentia)* e escreverem (pag. 70) *Cá a dor grande que sentia* (2).

(1) Cf. O deos Apollo sendo author (Barreto, Eneida); Turno morto (id. ib. XII, 10); Adondo Alboacem sendo vencido (Castro, Ulyss. IV, 93); aquelle cruel cerco durando (C. Real, Naufr. XIII); Vossa Alteza sendo reo (Osorio, Carta a D. Sebastião).

(2) Sería impertinencia allegar textos comprovativos do emprego de *que* em sentido causal; bastará lembrar o verso dos Lus. (III 122) *Que tudo em fim tu, puro amor, desprezas.*

Tãopouco atinei com a razão imperiosa que tiverão para não escreverem, conformemente á edição Eborense:

Ólho e nenhum cabo vejo,
Em nenhũa parte me agrada,
Com ver alli tantas flores
E cantar os roussinoes,
P'ra maior desaventura,
P'ra mim só não no houve ahi,

e imprimirem:

no 1.º lugar, pag. 72 (com M., G., B.): Ólho, nenhum cabo vejo,
no 2.º » » 96 (com M., G., B.): Em nenhum logar me agrada,
no 3.º » » 93 (com B): Com ver alli tantas flores
E cantar dos rousinoes
no 4.º » » 83 (com M., G., B.): Pera maior desventura (1)
no 5.º » » 133: Pera mi (2) só não no houve hi.

As correcções de erros typographicos e de escrita, que devem ser consideradas absolutamente certas e que vem feitas nos *Versos de B. Ribeiro*, são:

em pag. 5 *tomou-te* por *temoute*
» 8 *Então vendo* por *Em tuuẽdo*
» 20 *E se um cuidado levou* por *E hum c. l.*
» 25, 88 *mesmo* por *mismo*
» 27 *grande espaço* por *grande espaçou*
» 27 *sem sentido* por *sem sentindo*
» 35 *outorgou* por *otorgou*
» 43 *que aproveita* por *que m'aproveita*
» 49 *descançarás* por *descansar*
» 50 *Lembram-me cousas* por *Lembra-me cousas*
» 59 *mais são*s por *mas são*s
» 60 *que me cega o desejo* por *que me cegas o desejo*
» 61 *De si ella o desterrou* por *De si ella desterrou* (3)
» 62 *ao derredor* por *ao redor*
» 62 *levou-me* por *leuuome*
» 67 *Alli o meu mal então* por *Alli meu mal então*
» 87 *Não tenho nenhum amigo* por *Não tenho hũ* (4) *amigo*
» 97 *Tu és agalardoado* por *Tu és galardoado*
» 99 *queiras* por *queras*
» 100 *discordia haver* por *discordias haver*
» 113 *A Dita* por *Aa Dita*
» 109 *ao mar* por *ao ar*
» 112 *Não ouvem fados rezão* por *Não ouue em fados rezão*

Todas estas correcções, menos as de paginas 35 e 60 e as duas ultimas, já estavão em M e em G e B. (As correcções de pag. 43, 49, 59 erão já as lições da edição, em folha volante, de 1536).

Na edição Eborense lia-se *E foy amarra cortar*. Os editores dos *Versos*, seguindo M, G e B., escreverão (pag. 117) *E foi a amarra cortar*. Não é propriamente correcção de texto, mas sim variante graphica. O *a* fechado do artigo e o *a* fechado inicial de *amarra* contraem-se em *a* aberto, de modo que a escritura phonetica seria *E foi àmarra cortar* (designando o accento grave syllaba aberta átona). No Cancioneiro de Rèsende até occorre *nem livros* por *nem em livros*. Semelhantemente a edição Eborense tem *Da beira do rio andar* (e assim imprimi-

(1) B. Ribeiro diz sempre *desaventura*.

(2) Não só aqui, mas em muitos outros lugares (em pag. 38, 67, 69, 73 etc.) os ultimos editores substituírão por *mi* o *mĩ* da edição Eborense. Na pag. 61 a substituição de *fremosa* por *formosa* deve de ser lapso typographico.

(3) Provavelmente a escritura primitiva era *De si ello (= elle) desterrou*.

(4) Foi lapso por *nhũ*, abreviatura de *nenhum*.

rão M, G e B). A graphia phonetica exacta é *Da beira do rio àndar*. Os ultimos editores escrevêrão (pag. 116) *Da beira do rio a andar* (1).

Não admittem dúvida, no meu sentir, ainda as emendas seguintes:
em pag. 32 *Vejo-te (dixe elle), Jano* por *Vejo-te (dixe) Jano*
» 88 *E o que mais me desbarata* por *O que mais me desbarata*
» 109 *Pois que mór dor ha na vida* por *Pois que mor dor na vida*
» 107 *pagaram* por *passaram*

As duas primeiras já estão em M, G e P., a terceira na anthologia intitulada *Parnaso Lusitano*. (A edição de 1645 tem neste ultimo lugar: *Pois houve mor dor na vida).*

Não me parece haver tanta segurança nas emendas de que passo a fallar.

1. A estancia 32 da ecl. III principia assim na edição de Evora:

Ha causa de meus cuidados
foy buscar longos desterros
leua ma meus tristes fados
de huns erros em outros erros.

A Bibliotheca Portuguesa imprimiu:

A causa de meus cuidados
Foi buscar longos desterros,
Leva-me meus tristes fados
De uns erros em outros erros.

Os editores dos *Versos* escrevêrão

. . . .
Levam-me meus tristes fados
De uns erros em outros erros.

Tenho por fóra de dúvida que se deve ler com M e G:

. . . .
Levam-m'a meus tristes fados
De uns erros em outros erros,

referindo-se o pronome *a* á «causa dos cuidados». Assim o erro da edição Eborense consistiu em imprimir-se *leva ma* em vez de *levam ma*.

2. Na ecl. V lê-se, conforme a edição Eborense (e as dos seculos XVI e XVII):

As forças tão poucas são
Tiradas do coração
Que não me pode turar.

A Bibliotheca Portuguesa emendou *turar* para *aturar*. Esta emenda, adoptada pelos editores dos *Versos* (pag. 85) não se me afigura muito feliz. Creio que a lição primitiva era: *Que não me pode durar*, ou antes: *Que não me podem durar*.

3. No verso da ecl. IV: *Minha dor o meu cuidado*, os ultimos editores acceitárão a lição de M, seguida por G e P: *Minha dor ou meu cuidado* (pag. 67). Parece-me preferivel: *Minha dor e meu cuidado*.

4. O verso do cap. 11 da II parte da Menina e Moça: *Soltou redeas a seu cavallo* acha-se corrigido em M d'este modo: *Soltou redeas ao cavallo*. Foi a lição adoptada por G e B e pelos ultimos editores (pag. 116). Visto que, segundo prescreve a critica, a emenda deve achegar-se o mais possivel ás letras que o texto offerece, tenho para mim que antes se deve escrever: *Soltou redea a seu cavallo*. (O emprego do singular *redea* nesta phrase é perfeitamente classico; v. o Diccionario de Moraes nesta palavra).

5. Tambem o verso da mesma novella: *Que tendes sob os olhos verdes* foi cor-

(1) As graphias *bẽes* e *vẽe* da edição de Evora tambem representão com maior exactidão o som do que as usuaes *bens* (pag. 121), *vem* (pag. 54).

rigido em M, G e B e na edição da typographia Elzeviriana (pag. 112) supprimindo-se o artigo *os*. Por isso que o artigo não parece que possa dispensar-se, creio que a lição primitiva era: *Que tendes sô os olhos verdes* (constituindo *sô os* por synerese uma só syllaba).

6. O lugar da ecl. II:

Hũ grã cam q̃ Frãco trazia
De grande faro...

acha-se corrigido na edição dos *Versos* (pag. 35) d'este modo

Gran cão que Franco trazia
De grande faro...

Aqui o artigo indefinido é indispensavel. Sou pois levado a ver em *grão* uma dittographia devida á existencia do epitheto *grande* no segundo verso, e assim estou em que a escritura primitiva do primeiro verso era, como se encontra em M e G:

Um cão que Franco trazia.

7. Na estancia 33 da ecl. IV a edição Eborense tem:

Agora he triste o pastor
E triste ho gado que ho guia.

No segundo verso o sentido mostra que ha erro (1). Os ultimos editores escrevêrão (pag. 73):

. . . .
E triste o gado que guia.

Mais segura talvez seja a correcção de M, G e B: *E triste o gado a que guia.*

8. A edição Eborense tem na ecl. I o verso: *Falta-lhe a ousadia*. A fórma *lhe* por *lhes* é correntissima (2); por outro lado os hiatos não escasseião em B. Ribeiro (3) e em geral na metrica precamoniana. Está pois longe de ser absolutamente segura a emenda dos ultimos editores (pag. 12):

Falta-lhes a ousadia.

9. Na ecl. V lê-se, segundo a edição Eborense:

Ó Mondego, meu amigo,
Senhor das craras agoas.

O segundo verso está certamente errado, porêm não é de todo ponto segura a correcção de M, G e B, adoptada pelos ultimos editores (pag. 88):

E senhor das craras aguas.

Parece-me que a lição originaria era:

Ó senhor das craras agoas.

10. No tempo de B. Ribeiro já existião as fórmas *deixar* e *disse* ao lado de *leixar* e *dixe*. Consequentemente não é forçoso mudar (pag. 59) *leixárão* para *deixaram* e (pag. 109) *disse* para *dixe*.

Quanto á maneira de pronunciar representada pela escrita *tam nasynha* (em B: *tão n'asinha*) que foi substituida na edição da typographia Elzeviriana (pag. 145) por *tão asinha*, não póde o texto originario ser averbado de suspeito sem que primeiro se verifique não se encontrar tal pronúncia em outro monumento litterario (4).

(1) Effectivamente não me parece de suppor que B. Ribeiro quisesse dizer que o pastor andava tão alheado de si que era o proprio gado o que o guiava.

(2) Em pag. 11:

Passa teus males com tento
Se lhe queres achar cura.

(3) Em pag. 107 Que em ma hora o tu viste.
Em pag. 108 Contino as suas faces.

(4) [Na Beira-Alta (Rèsende) diz-se ainda, ou dizia-se ha pouco, *tanajinha* (correspondente a *tanasinha*), que assenta em *tã d'ojinho*, sendo o *d* assimilado á nasal precedente, e essa nasal absorvida no *n* resultante, como em pop. *inàgora* (distr. de Leiria)=*indàgora*, e em *funil*=**fundile*. Cfr. ital. arc. *cinci*=*inde*. Por tanto nada ha que objectar contra a graphia do texto *tam nasynha*. — J. L. DE V.].

11. No que toca ás seguintes emendas da edição dos *Versos*:
em pag. 108 *paces* por *pazes*,
» 112 *Conforto, mas duvidoso* por *Conforto mais duvidoso*,
» 134 (com M, G e B) *Passa o que passo ao que sinto* por *Passa o que posso ao que sinto*,
não assento juizo sobre a sua justeza por isso que não comprehendo bem o sentido do poeta naquelles passos.

Dos lugares que a edição dos Versos deixou por corrigir, mencionarei só os seguintes:

1. Em vez de: *Quero m'ir de l'outra banda* (pag. 60), deve ler-se: *Quero m'ir d'es'outra banda* (O ſ da folha volante de 1536 onde se encontra este verso, está um tanto apagado, de modo que parece um *l*).

2. Em pag. 93 deve ler-se: *E cantar os roissinhores* (em castelhano *ruiseñores*), segundo exige a rima com *flores* e *dores*, e consoante já M e G havião imprimido (e não *rousinoes*).

3. Na ecl. III os ultimos editores escrevêrão (pag. 44) conformemente á edição Eborense:

Aquelle que vem bradando...
Se s'aqueixa ora d'alguem?
Ou com seu mal, ou seu bem,
Virá comsigo falando
Sem se aqueixar de ninguem.

No primeiro membro da disjuncção o verbo deve estar evidentemente no futuro, da mesma maneira que no segundo membro (*ou... virá*). Demais o adverbio *ora* não vem alli a proposito. Ha-de portanto seguir-se a lição da ecloga em folha volante e escrever-se:

Aquelle que vem bradando,
Se s'aqueixará d'alguem?
Ou com seu mal ou seu bem
Virá comsigo falando
Sem se aqueixar de ninguem? (1).

4. Tambem, no meu entender, não padece dúvida que na estancia 11 da ecl. III a lição da edição Eborense, dada pelos ultimos editores (pag. 43): *E vir-me-hei assentar* deve ser substituida pela da edição de 1536: *E ir-me-hei assentar*. (Na edição de Evora imprimiu-se por lapso *vir* em vez de *hir*).

5. A estancia 18 da ecl. IV tem avaria grossa, que me parece difficultoso reparar. Entretanto uma correcção tenho por certissima na primeira parte. Os ultimos editores seguindo a edição Eborense escrevem (pag. 67):

Não sabendo aonde [na ed. Eb.: onde] me iria
Que m'a mi lá não levasse
Roguei a Deus, não só um dia,
Que da vida me tirasse,
Pois me dal-a não queria:

Ninguem pede que o tirem de uma cousa que não lhe querem dar, e em «*pois*

(1) Os pontos de reticencia depois de *bradando* não tem lugar. No cabo do segundo membro da disjuncção (depois de *ninguem*) deve haver ponto de interrogação. De passagem notarel que nos versos (pag. 35):

Escontra Jano, tornou
Então Franco assi dizendo,

não deve estar virgula (como tambem está em B) depois de *Jano*, porque *escontra Jano* pertence para *tornou*. No fim do villancete de pag. 143:

Com quantas cousas perdi
Quem tanto bem me outorgára
Que ao menos eu m'enganára

deve por-se um ponto de exclamação.

me dá la não queria» ha solecismo, sendo que os pronomes *me* e *la não* podem separar-se um do outro. A lição originaria devia ser: *Pois mudá-la não queria.*

A variante de M: *E do mal que padecia* foi, no meu sentir, apenas uma substituição devida a considerações religiosas (como tambem de considerações d'esta ordem é que provêm a substituição de *Deos* por *amor* no setimo verso da estancia).

Em duas poesias, que vem no Cancioneiro de Rèsende, tambem me parecem certas duas correcções; mas propô-las-hei em umas observações criticas ao Cancioneiro Geral, que em breve apparecerão na Zeitschrift f. Rom. Philologie (1).

Algumas vezes os editores dos *Versos de B. Ribeiro* não souberão ler com exactidão o texto das velhas edições.

1. A pag. 143 escrevêrão elles seguindo tontamente a edição da Bibliotheca Portuguesa:

De mim nada me ficou;
A vida inda me leixára,
Se me lá assi não ficára.

Não é muito difficil ver que ha-de escrever-se:

. . . .
Se m'ela [=ella] assi não ficára.

Quer o poeta dizer, que se a vida tambem o não deixou, foi porque, em tal estado, ficava sendo para elle uma fonte de tormentos.

2. Continuando a nortear-se pela Bibliotheca Portuguesa, imprimírão a pag. 139 estas cousas vàdias:

Por ver sem fado um cuidado
Que me não podem fadar.

Uma pessoa não ha mister olhos de aguia para ver que devem as syllabas ligar-se d'este modo (como vem na edição allemã):

Por ver s'emfado um cuidado
Que me não pod' emfadar (2).

3. A pag. 56 está escrito:

Que aproveita tal mudar,
Pois que mudando o logar
Não são de mudar os males

E' evidente que se ha-de ler

. . . .
Não s'hão de mudar os males.

E, de feito, é como se imprimiu nas edições dos seculos XVI e XVII.

4. Na estancia 47 da ecl. III a edição Eborense tem: *ficay vos*, ou, em orthographia moderna: *ficai vós* (cf. em pag. 58 *ficae embora*). Os ultimos editores, não attentando na antithese, imprimírão (pag. 57) *ficae-vos* (ao que na orthographia antiga havia de corresponder: *ficayuos*) (3).

(1) Na ecl. IV o texto tradicional (pag. 65 dos *Versos*):

Que triste em hora mingoada
Um em tanto creamento
Vi, que depois não vi nada

está evidentemente corrompido. Talvez haja de ler-se: *U* (isto é: em que) *m'em tanto crecimento* | *Vi*—. (Esta separação do pronome *me* não é senão muito frequente na syntaxe antiga). Mas, ainda depois d'esta emenda, o texto não fica de todo sanado.

(2) No Cancioneiro de Rèsende, d'onde esta composição é extrahida, a cada passo ocorre *en* — e *om* — por *en* — e *en* —

(3) A pag. 122 dos *Versos* lê-se

Sam o que vos quero mais;
O que menos vós quereys.

O ponto e virgula obscurece a ligação das ideias. Diz o poeta, que elle, o que mais quer á dama, é a quem ella menos quer. Deve conseguintemente pontuar-se:

São, o que vos quero mais,
O que menos vós quereis.

Fecharei esta fastidiosa analyse mencionando um lugar em que não foi por estarem no texto mal divididas as syllabas ou trocadas ou apagadas as letras, que os editores dos *Versos de B. Ribeiro* attribuirão ao poeta uns desconchavos espantosos.

A formosa ecloga segunda abre apparecendo em scena o pastor Jano,—que fugindo ás fomes da região Transtagana viera trazer o que salvara do seu gado, para os pascigos do Ribatejo—, e Joana, guardadora de patos, que vivia com o pae em um casal cerca das margens do Tejo. Um dia, no immediato ao da chegada d'aquelle pastor, Joana, entretanto que os patos folgavão na veia do rio, andou a colher flôres pela ribeira, entreteceu com ellas uma capella, pô-la na cabeça, e, para melhor se certificar se lhe ficava bem, quis ir ver-se no espelho das agoas. Descalçando as çapatas e arregaçando-se entrou por um remanso do Tejo dentro, e, depois de mirar-se, soltando um ai, lastimou que formosura tal se empregasse em tão humilde mister. Jano, que d'entre as hervas tudo presenciára e que desde logo se enamorara apaixonadamente de Joana, no momento de lhe ouvir aquellas lástimas, não se poude conter mais e correu para ella. Joana sentindo o rumor da corrida foge açodada para o casal paterno deixando, com a precipitação, ficar no areal uma das çapatas. O pastor, então, encaminhando-se ao sitio onde Joana estivera a contemplar-se nas agoas, dá com os olhos na çapata, aperta ao peito, como fino amante, este despojo adorado, e desata em um frouxo de lagrimas que lhe inundão o seio e a amorosa reliquia.

Diz o texto com todas as letras:

Toda ha (= a) çapata e os peitos
Em lagrimas se banharam.

Os editores dos *Versos* imprimem (pag. 24):

Toda a sapatar os peitos,
Em lagrimas se banharam.

Não houvessem elles mais uma vez tomado para guia a Bibliotheca Portuguesa esquècendo aquillo dos Livros Santos: *Caecus autem si caeco ducatum praestet, ambo in foveam cadunt.*

Em vista do que tenho feito passar diante dos olhos do leitor, não parecerá um cúmulo de modestia e um primor de justiça para com os editores da Bibliotheca Portuguesa o escrever o snr. Xavier da Cunha no seu prefacio: «O texto de 1557,—frequentemente adulterado pelas edições posteriores e (o que mais notavel é!) pelos editores da Bibliotheca Portugueza que em 1852 se gabavam de o haver reconstituido, emtanto que (diga-se a verdade!) só conseguiram estragál-o e por vezes mutilál-o (?),—incontra-se agora restituido á sua primitiva pureza»!

Em Dezembro de 1891.

EPIPHANIO DIAS.

II

PERIODICOS

Archivo vianense, estudos e notas de L. de Figueiredo da Guerra. Vianna do Castello 1891, n.º 1 a 6.—Eis aqui um novo periodico de investigação local, no dominio das sciencias historicas. O Snr. Figueiredo da Guerra é um trabalhador incansavel no estudo das cousas da sua terra; por isso, e a julgar dos artigos já publicados, creio que o *Archivo vianense* virá a prestar valioso auxilio não só á historia do districto de Vianna do Castello, mas á historia geral do país. Nestes cinco numeros occupa-se o Snr. Figueiredo da Guerra da historia de varios conventos e igrejas, de estudos genealogicos e biographicos, de lendas romanescas ligadas com antigas casas solarengas, de noticias de fabricas (louça, algodão, etc.), do indice dos pergaminhos do archivo municipal de Vianna, etc., e a proposito de alguns assumptos transcreve documentos medievaes, alguns ainda ineditos, e dá estampas. No n.º 4 ha tambem umas curiosas indicações sobre a divisão territorial de Riba-Lima, na idade média, das quaes se vê que erão principalmente os accidentes do terreno e os rios que determinavam os limites das *terras, coutos, conda-*

dos, etc. No mesmo n.º, pag. 61-62, vem as seguintes informações de *castros* ou *crastos*:

«No monte do Castro, ramo do de Goyos (freg. de Villar de Mouros), encontramos vestigios de edificações circulares e numerosos restos de ceramica de procedencia romana: aqui deveria ter existido uma importante estação prehistorica, não inferior á do monte fronteiro de Santa Tecla, na Galliza. Se no *crasto* de alem Minho appareceu, em 1860, um magnifico Hercules phenicio, de bronze, de 0m,18 de altura, propriedade do boticario da Guardia, D. Joaquim Angel, no Castro de Villar de Mouros teem-se descoberto notaveis objectos de bronze, exemplares de machados, de varios modelos, como succedeu ha poucos annos, em 1883, que os pedreiros, que aqui cortavam pedra para a ponte internacional de Valença, acharam numa sepultura, debaixo de enorme penedo, sete machados (typo grande do Minho), e uma pequena barra de ouro». O ouro (?) e seis machados forão fundidos, escapando só um que o Snr. Figueiredo da Guerra possue.

Faz-se aqui pois menção de dois *crastos*: um, de Villar de Moiros, no Minho; outro, de Santa Tecla, na Galliza. — Não sei se com a expressão *notaveis objectos de bronze* o Snr. Figueiredo da Guerra quer indicar mais alguma cousa do que os machados prehistoricos; seria bom aclarar, e isso peço ao auctor do artigo. Tambem, se é exacta a informação de apparecerem vestigios de influencia romana, convinha averiguar as relações em que elles estavam com os machados. A respeito do Hercules de Santa Tecla, eu possuo um desenho do natural, que o Snr. Guerra ha annos teve a amabilidade de me offerecer; creio não ser um Hercules *phenicio*, mas sim de procedencia *romana*, como muitos outros analogos que existem nos museus archeologicos.

J. L. de V.

III

VARIA QUAEDAM

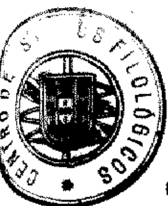
Trabalhos modernos de ethnographia e linguistica:

— Da **Collecção Silva Vieira** (vid. *Rev. Lusit.* II, 95) publicaram-se mais os seguintes volumezinhos:

3.º) **Poesia popular alemtejana** por J. Maria Soeiro de Brito, Esposende 1890, 51 pag., in-8.º pequeno.—Este vol. não trata só de poesia, como o titulo indica, mas trata tambem de musica e danças populares. Contém factos interessantes. O Snr. Brito é bom observador, embora as suas observações sáiam ás vezes um pouco desordenadamente, como a pag. 51 elle proprio confessa. A materia d'este vol. tinha já sido publicada na *Folha d'Elvas* (1889); referi-me a alguns pontos d'ella na minha *Poesia amorosa do povo português*, pag. 47 e 48, notas. Recommendo á attenção, tanto do Snr. Soeiro de Brito como do Snr. Antonio Pires, o assumpto do metro e estrophes da poesia popular alemtejana; só depois da colheita de grande número de dados se poderá julgar com segurança se effectivamente a *décima*, a *oitava*, etc., são apenas da poesia de occasião, ou tambem da poesia tradicional. Eu por mim tenho ouvido *décimas* a alemtejanos incultos; mas talvez o uso d'ellas seja muito recente. Basta attentar na fórma.

4.º) **Folk-lore e dialectologia de Esposende** (noticia bibliographica) por Armando da Silva, Esposende 1890, 32 pag., in-8.º pequeno.— E' a apreciação dos *Materiaes para a hist. das trad. pop. do conc. de Esposende* de Silva Vieira; já em parte tinha sahido no n.º 2800 do *Commercio de Portugal*. Sobre os dois trabalhos, do Snr. Vieira e do Snr. Armando da Silva, cfr. *Poesia amorosa*, pag. 80 e nota. — Neste volumezinho dá o Snr. Armando da Silva uma lista de alguns vocabulos esposendenses, a que junta várias observações e notas; elles tem interesse para o conhecimento do dialecto interamnense. A proposito de *ei-lo*, direi que esta palavra está por *eis lo* (*eillo*) e não por *eis-o* (p. 26); a proposito de *cerne* (p. 25) direi tambem que não póde tirar-se do lat. *cernere* (a palavra é talvez de origem francesa, *cerne*; em todo o caso a base é o lat. c i r c i n u s, cfr. hesp. *cercen*, ital. *cercine*).

J. L. de V.



DIALECTOS AÇOREANOS [1]

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

Os Açores forão descobertos no sec. XV; erão ilhas desertas, e por isso a lingua portuguesa, levada do continente para lá pelos colonos, não experimentou, no seu desenvolvimento dialectal, influencia alguma de linguas estranhas com que tivesse de luctar para se impôr. O que nella, comparada com a lingua mãe, houver de particular, deve explicar-se pela evolução espontanea local, com excepção de um ou outro facto accidental proveniente da influencia litteraria ou do contacto com linguas de povos que frequentão os Açores.

A linguagem popular do archipelago dos Açores já tem sido, mais ou menos, objecto de investigações philologicas. Conheço o seguinte:

1) No *Genio da lingua portugueza*, de F. Evaristo Leoni, I (1858), citão-se avulsamente varios vocabulos, que adeante transcreverei. — A elles allude tambem o Sr. Ernesto do Canto na sua copiosa *Bibliotheca Açoriana*, 1890, n.º 2847.

2) Nos *Cantos populares do archipelago açoriano*, do Sr. Dr. Theophilo Braga, Porto 1869, pag. XIV-XVI, dá-se uma lista de vocabulos extrahidos das *aravias*, ou xacaras populares, a maior parte dos quaes «são hoje *archaismos* no continente, mas ainda se falam nos Açores», como diz o collector.

3) Com o titulo de *Palavras e locuções usadas em S. Miguel e desconhecidas em Portugal ou por obsoletas ou por serem d'origem local* publicaram-se tres folhetins na *Gazeta açoriana* (n.º 5, de 20 de Fev. de 1883; n.º 6, de 28 do mesmo mês e anno; e n.º 7, de 10 de Março de 1883); os dois primeiros assignados por *N.* (i. é, pelo Sr. Henrique das Neves), e o terceiro assignado por *A.* (i. é, pelo Sr. Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque).

4) Nos *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos*, de Arruda Furtado, Ponta-Delgada 1884, p. 60-62, vem algumas considerações sobre a linguagem. No decorrer da obra apparecem ainda varios vocabulos e expressões locaes. Este intelligente investigador, tão

[1] «Dió motivo al nombre de *Açores* el averse visto muchos en ellas quando las descubrieron» (Faria y Sousa, *Asia Portuguesa*, I, 117). — Tem-se proposto como etymon de *açor* o lat. *astur* e *accipiter*, mas nenhuma d'essas fórmas serve phoneticamente. Meyer, na sua *Gramm. das ling. rom.*, I, § 531, adopta *acceptore-*. Esta fórma acho-a com effeito no *Archiv für Latein.-Lexikogr.*, IV, 141 (na lei Salica). As fórmas intermédias podem ter sido: **ac'ptor*, **aç'tor*, d'onde, ou, por assimilação progressiva do *t* ao *ç*, ou por metathese (**atçor*) seguida de assimilação regressiva, proviria *açor*. — Effectivamente no nosso lat. medieval apparece *acetores* (*Port. Mon. Hist.*, Leg. et cons., p. 364). Aqui *çt* deu *ç*, como em *rezar*, de *recitare*, através de ** recidare*, ** reç'dare*, o grupo *çd* deu *z*: houve assim correspondencia de surda a surda, e de sonora a sonora.

cedo arrebatado á sciencia (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 386), ministrou-me diversos apontamentos linguisticos açoreanos, que conservo ainda manuscritos, e que eu a seu tempo publicarei.

5) Na *Revista Lusitana*, I, 116, em appendice a um artigo do Sr. Th. Braga, publiquei uma curta *Nota sobre o dialecto açoreano.*

6) Na mesma *Revista Lusitana*, I, 223-226, deu a lume o Sr. Gonçalves Vianna umas *Notas sobre a fonetica dialectal de Ponta-Delgada*, que constituem o cap. IV dos *Materiaes para o estudo dos dialect. portug.* do mesmo auctor. Nessas *Notas* faz-se a classificação physiologica dos sons da linguagem de Ponta-Delgada.

7) Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, de Gröber, vol. XIII (anno de 1889), pag. 213 sqq. e 416 sqq., publicou o Sr. H. Lang uns artigos sobre *Philologia portuguesa* e *Tradições populares açorianas* (cfr. *Rev. Lusit.*, II, 96) onde se assignalão differentes factos dialectaes, quer em §§ especiaes, quer em notas.

8) Do mesmo Sr. H. Lang é outro artigo, tambem com o titulo de *Tradições pop. açoreanas*, publicado na *Rev. Lusit.*, II, 46-55 (1890), onde não só ha um cap. especial intitulado *Respigas do vocabulario açoreano*, mas em cujo decurso se notão expressões, vocabulos, etc. dos Açores.

9) O Sr. Armando da Silva começou a publicar um artigo com o titulo de *O Português dos Açores*, que sahiu na *Revista do Minho*, vol. V, n.º 3 e n.º 4, e noutros jornaes (*Commércio de Portugal* e *Diario dos Açores*); este artigo ficou incompleto: o A. limitou-se a algumas considerações preliminares, sem entrar ainda nos factos linguisticos. — Como epigraphe do seu artigo, transcreve o A. duas passagens, uma da *Chorographia açorica* de Albergaria e Sousa (Lisboa 1822, p. 28), outra da *Noticia do archipelago dos Açores* de A. Garcia Ramos (Angra 1869, p. 130), em que se assevera que a lingua portuguesa se tem mantido nos Açores sem notavel alteração, e que o archipelago é o local em que, excepto Lisboa, a nossa lingua se falla mais correctamente; no decurso d'estes artigos veremos se taes affirmações são rigorosas ou não.

Do dialecto açoreano já ha um como que sub-dialecto, que é a lingua fallada pela colonia açorica de New-Bedford (Estados Unidos da America): vid. um artigo do Sr. Henrique R. Lang in *Rev. Lusit.*, I, 378-379; e cfr. outro artigo do mesmo A. in *Zeitschrif. f. rom. Philolog.*, XIII, p. 213.

Como nos outros meus trabalhos sobre dialectologia, os artigos que vão seguir-se tem apenas o caracter de apontamentos.

I

LINGUAGEM POPULAR DOS ARRIFES

Por occasião de fazer uma excursão na Estremadura, em Setembro d'este anno, encontrei-me numa hospedaria em Mafra com o Sr.

Antonio Teixeira de Miranda, intelligente e illustrado moço açoreano, que então frequentava, na qualidade de alferes, a Eschola prática de tiro estabelecida naquella villa. Com elle estava um soldado quasi analphabeto, natural dos Arrifes, com o qual o Sr. Miranda me pôs em relação, para eu poder colhêr algumas informações á cêrca da linguagem dos Açores. Effectivamente colhi todas as que constituem este artigo; e, ao dá-las ao público, julgo do meu dever tributar ao Sr. alferes Miranda mais uma vez o meu profundo reconhecimento pelos serviços que me prestou.

O soldado, além do que me disse oralmente, mostrou-me um longo caderno de versos, escrito á mão por pessoa que não dominava completamente a lingua litteraria, e que por isso deixava transparecer muitas vezes a propria falla vulgar, escrevendo por ex. *baco* por *baque*, *consederar* por *considerar*, *adorogar* por *advogar*, *fou* por *foi*, etc. Aproveitei-me tambem d'este caderno como documento da linguagem açoreana; nos pontos em que poderia haver dúvida, confrontei-o com a pronúncia do soldado, o que adeante indico. Com a expressão *cacographia*, empregada neste artigo, quero designar o caderno manuscrito de que acabo de fallar. Já no prologo dos *Dialectos alemtejanos* [1] mostrei a importancia das cacographias. D'ellas tambem se tem servido muitos e notabilissimos philologos estrangeiros para os seus estudos. O conhecimento que nós hoje temos do latim vulgar é-nos em grande parte ministrado pelas *incorrecções* que pedreiros ignorantes deixárão esculpidas nos monumentos epigraphicos da epocha romana.

O auctor do manuscrito açoreano era dos Arrifes, como o soldado, meu informador.

A aldeia dos Arrifes fica na ilha de S. Miguel, e pertence ao concelho de Ponta-Delgada. A sua população orça por 5:000 almas.

Passarei agora ao estudo glottologico.

A) Phonologia

I. Vogaes e ditongos.

Notação phonetica.

ȃ...... representa um *a* um pouco labializado; mas não tenho elementos para poder indicar o seu uso; por isso pouco a elle me refiro adeante. — Cfr. Vianna, in *Rev. Lus.*, I, 225.

é...... o *e* aberto dos Arrifes tem o valor do *e* hespanhol. Indica-lo-hei adeante por *é*. Sobre o som *èm* (*èn*), vid. § 10. Quando nasal final represento-o por *ẽ* ou *èm*, embora neste caso, como digo no § 10, seja um pouco menos aberto.

ó...... o *o* aberto tem o valor do *o* hespanhol. Indico-o tambem por *ó*.

u...... tem o mesmo som que em Lisboa.

[1] Vid. *Rev. Lusit.*, II, 16.

i ...... tem o mesmo som que em Lisboa.
á ...... como em Lisboa.
ü ...... representa o som do *u* francês [1].
ö ...... representa um som proximo do do *ö* aberto allemão.
ê ...... como em Lisboa.
ĕ ...... o som do *e* de Lisboa em *se*. Indico-o adeante sem diacritico algum.

Tendo vindo a Lisboa o soldado açoreano, meu informador, eu levei-o á presença do meu amigo Sr. Gonçalves Vianna, que comigo verificou, nos exemplos citados adeante, todos esses sons. Em harmonia com o systema adoptado por este distincto glottologo e phoneticista, formo a seguinte pyramide dos sons oraes, e dos nasaes que lhes correspondem:

VOGAES ORAES

			á			
		—	â	å		
		é	—	ó		
	ê		ö		ô	
i			ü			u
			ĕ			

VOGAES NASAES

			—			
			ā			
		ē	—	—		
	—		—		—	
ī			ǖ			ū [2]
			—			

1. Ao som do *u* continental, tonico ou atono, oral ou nasal, inicial, medial ou final, simples ou em ditongo, corresponde *ü* nos Arrifes em iguaes palavras. Exemplos:

sürdo	crüx	füi	tü
müdo	bülo [3]	azüle	nü
düax	baüle	azülĩx	ijmürro
pügox	tüdo	trüce [4]	lǖa [5]
rüa	pülga	crü	ǖa
müla	süjo	lüx	fügir

1 Tanto o Sr. G. Vianna como eu tinhamos ouvido já por vezes a açoreanos um *u*, que corresponde nos Arrifes aos casos do *u* francês, mas que, segundo a observação d'aquelle Sr., era semelhante ao *u* norueguês. (Tanto nos estudos d'aquelle glottologo como nos meus em que nos occupamos d'este som, — *Rev. Lusit.*, I, 116, 224; *Evol. da ling.*, 32, — escreveu-se *«u» sueco* em vez de *«u» norueguês*). No soldado, porém, dos Arrifes nem o Sr. Vianna nem eu achamos outro *u* senão o francês. Será uma particularidade do soldado ou da sua povoação?

2 Tanto faz *ī*, *ū* e *ǖ*, como respectivamente *im* (*ĩn*), *um* (*ũn*) e *üm* (*ü̃n*). Assim com as mais vogaes.

3 = *bule*.

4 Por *trouxe* (1.ª pessoa). O povo no continente diz *truxe*, *truce*, etc. Até numa caeographia açoreana encontrei *truçe*, onde *u* valia *ü*.

5 A fórma antiga, e ainda popular, do continente é *lũa* (l. luna). Tambem assim se diz no Brasil, cujos AA. ás vezes escrevem *luma* (i. é, lum-a); já verifiquei o facto phonetico em brasileiros.

següindo	füliã [3]	mêü	üntura
pünx [1]	lüzir	Dêüx	üva
üm	fügir	fündo	tüa
püzérmox	püzéxte	ümedo	crüa
püzérum	procürar	üzo	
mülhér [2]	bülir	üntar	

2. Ao som representado litterariamente por *ou*, e que tem varias pronúncias no continente, segundo as localidades, corresponde nos Arrifes *ö*. O mesmo som *ö* corresponde ao litterario *ôi*. Exemplos:

pöco	tröcérum
möco	nöte (noite)
vö	döx (dois)
ixtô	fö (foi)
söbe	öto (ôito)
tröce (3.ª pess.)	dezöto (dezoito) [4]
tröcéxte	

Vê-se que o phenomeno se dá em qualquer posição do ditongo *ou* (ou *ôi*).

3. Ao som que na lingua litteraria se representa por *o*, com a pronúncia lisbonense de *ó*, corresponde nas mesmas palavras nos Arrifes *u*, com o som português na palavra *cru*. Exemplos:

Lijbua	andur (andor)	furmox (for'mos)	dur (dôr)
sua (soa) [5]	rejidur	furte (forte)	avúa (voa)
cua (coa)	fremuzo	tulo (tolo)	avúum (voão)
tudòdia (todo o dia)	corredur	avú (avô)	funte (fonte)
	murro (morro)	uvo (ovo)	munte
pudre (podre)	flur (flor)	ruxo (roxo)	cumprár
udre (odre)	amure (amor)	belur (bulôr)	rumper
vergunha	pur (pôr)	sinhur	bũa [6]
pecadur	duze	cur (côr)	

1 = *pus* (de *pôr*).

2 A fórma litteraria antiga é *molher*. A fórma açoreana, se não houve alguma influencia posterior á epocha da colonização, mostra que o povo do continente dizia *mulher* nessa epocha; senão não teriamos *ü*, que só provém de *u*, e não de *o*.

3 = *folião*. Faço considerações analogas ás que fiz na nota 5.

4 Talvez assente em *dezôito* e não em *dezóito*, pois não sei se ao ditongo *ói* tambem nos Açores corresponde *ö*.

5 Tambem o verbo *suar* (lat. sūdare) a que devia corresponder, em virtude do § 1, *süar*, se pronuncia *suar* (*sua*, *suas*, etc.). Assim, rima *sua* (de *suar*) com *sua* (de *soar*). A excepção explica-se pelo facto de que na epocha da colonização o povo diria realmente *soa* (por *sua*), como hoje por exemplo, em virtude de uma analogia, se diz na Beira-Alta.

6 Em muitos pontos do continente diz-se ainda hoje *bõa* (por ex. nos Saloios e no povo miudo de Lisboa). A fórma litteraria antiga é tambem *bõa*. Lat. bona.

üzum (= arc. *usom*)	undias (ondas)	punde (ponde)	cumprimêntox
cũmo (como)	sũnho	bum (bom)	untẽ (ontem)
unze (onze)	sũno (somno)	unça (onça)	
	cunde (conde)	Rũma (Roma)	

Vê-se que o phenomeno se dá tambem em todas as circumstancias (*o* oral, nasal, tonico, etc.)

4. Ao *o* ou *u* portugueses iniciaes atonos, que na pronúncia do continente tem varios valores, segundo as localidades, corresponde nos Arrifes em regra tambem *ö:*

örêlha	*öriente*	*örina*
övêlha	*ömildade* (humildade)	

Ha algumas excepções, como: *ôbrigado, ôcaziã, ôlhar, ôfficio* e *ômidade*, porque as palavras são talvez de introducção mais recente, ou nellas influiu a pronúncia culta.

Este phenomeno de *ö*=*o* ou *u* iniciaes explica-se facilmente: é que, na epocha da colonização, aquellas palavras se pronunciarião com *ou* inicial (§ 2), como ainda hoje é de regra em certos pontos raianos de Tras-os-Montes, e como a respeito de *ourina* é ainda hoje muito geral. Em Viterbo, *Elucidario*, vem *ouriente*, como do sec. XVI; mas ésta fórma tanto póde representar a pronúncia ditongal *ou*, como, por confusão entre *ou* e *ô*, a pronúncia *ô*, que já naquella epocha podia existir na região a que o documento pertence (é mais provavel o primeiro caso).

A regra do *ö* póde mesmo formular-se assim, — que a *o* português inicial corresponde *ö;* poisque *humildade* e *urina* ou *ourina* (ambas éstas fórmas se usão na lingua litteraria escrita e oral) tambem se encôntrão com a fórma *omildade* [1] e *orina* [2].

Em syllaba tonica o *ó* sôa assim mesmo *ó: óbra, óclo* (=oculo), *ólhos* (sing. *ulho);* é como no meio de palavra: *lója.*

5. Ao ditongo, que na lingua litteraria está representado por *ei* (ou só *e* na terminação *-ea)*, corresponde nos Arrifes *ê*, como em grande parte do continente (Sul):

rebêra	*rê* (rei) [3]	*jantê*
Janêro	*cêa* (ceia)	*almocê*
tercêro	*êra* (eira)	*passêo* (passeio)
sê (= sei)	*cadêa* (cadeia)	*sêx* (= seis) [3]

[1] Nos *Ineditos de Alcobaça* de S. Boaventura vem *omildoso.*

[2] No *Dicc. da ling. port.* de Fonseca & Roquete, Paris 1871.

[3] Mas no pl. *rêix*, por causa do *x*, que manteve o *i* primitivo. Todavia tambem ouvi dizer *sêx* e não *sêix.*

6. As vogaes antes de consoante nasal são nasaladas, ex.: *Rũma*, *lũme*, *cũmo* (= como), *cãma*, *lãnha*, *tãnho*, *vinho*. Esta nasalidade é porém muito tenue, como tambem cá succede, por exemplo na Beira-Alta e no Algarve. — Distinguem-se pois perfeitamente os *ii* em *vinho* e *pia*. — Cfr. G. Vianna, in *Rev. Lus.*, I, 224.

7. Todas as vogaes tonicas, oraes ou nasaes, são longas (como tambem succede por exemplo no Alemtejo, — concelho de Elvas), de modo que palavras como *tü*, *crü*, *nü*, onde o *u* é final, e o alongamento mais sensivel, sôão como *tüü*, *crüü*, *nüü*, sendo a 1.ª syllaba a tonica. Em palavras como *cêa*, *passêo*, *pêto* (= peito), o alongamento do *ê* faz que essas palavras sôem *cêêa*, *passêêo*, *pêêto*, etc., o que leva, a uma primeira audição irreflectida, a tomar *êê* por *êĭ* (i. é, o ditongo *ei* com um *i* reduzido). Em palavras como *böö*, *andöö* (boi, andou) ha igualmente o mesmo prolongamento de *ö*, sendo tonico o primeiro.

8. Entre consoante palatal e vogal tonica não se desenvolve *i*. Assim se diz por exemplo *báxa*, *cáxa*, *êxo*, *pêxe*, *igrêja*, *juêlho*, *örêlha*, *fêxo* (= fecho), *ruxo* (= roxo), *relójo*, *abêlha*, *cerêja*, *quêjo*, *vãnho*, *tãnho* (= tenho), *lãnha*, etc. — Este phenomeno é caracteristico do Sul do reino; no Norte desenvolve-se frequentemente *i*.

9. As vogaes nasaes parecêrão-me gutturalizadas, como na Beira-Alta, etc.

10. O *e* nasal (ẽ) é levemente aberto, com um som entre *é* e *è*, como tambem succede no Alemtejo, por ex.: *pènte*, *ómèm* (homem), *untẽ* (hontem), *vènder*, *ixtènder*, *mórrẽ*, *sèmpre*, *vènto*, *b'lurènto*, *vèndo*. Vê-se pois que o phenomeno tanto se dá em syllaba tonica medial como atona. Este *è* não é tão aberto como o *e* oral tonico; é um quasi nada menos aberto que elle [1].

11. O *e* tonico, antes do som palatal *nh*, sôa *ã* (nasalado, segundo o § 6): *tãnho* (= tenho), *vãnho* (= venho), *lãnha* (= lenha).

12. O som tonico que na lingua litteraria se representa por *-em*, e que cá no continente se pronuncia de diversos modos, segundo as terras, sôa nos Arrifes *-ãĩ*, como em Lisboa e na Beira-Alta (i. é, o ditongo *ãi* nasal), por ex.: *cãĩ* (= quem), *tãĩ* (= tem).

13. Em *tèmpo*, *tènda*, etc. só ouvi *e* nasal, sem ser seguido de *m* ou *n*, como em Lisboa, etc. (onde se diz *tẽmpo*, *tẽnda* [2]). Tambem em *lampada* não ouvi *ã* seguido de *m*; ahi *am* sôa como o *ã* de *lã*.

14. O *e* final não sôa *i*, como em alguns pontos do país etc., mas sôa como na Beira-Alta, etc., isto é, como o *e* da palavra *me*, ex.: *höje*, *munte* (= monte).

15. O som inicial que na lingua litteraria se representa por *em*

[1] O *em* atono final póde parecer menos aberto que o tonico medial; mas creio que não haverá differença de abertura, e que a dúvida resultará só do accento. — Eu distingo tres *ee* nas seguintes palavras: *pé pènte pêra*; o 1.º aberto (= *e* hespanhol), o 3.º fechado, o 2.º intermedio. —

Cfr. tambem o § 43 (verbo *comer* e *morrer*).

[2] Cfr. P. Passy, *Étude sur les changements phonétiques et leurs caractères généraux*, Paris 1890, pag. 180, nota.

e *en* sôa nos Arrifes ĩ (que representarei por *im* e *in*): *im elles vindo, informaria.* — Ha em geral tendencia para nasalar *e* inicial [1] ou *i*: *invangelho, inçar* (= içar). Diz-se pois tambem *ingrato*, e não (como no Alemtejo) *ẽngráto.*

16. O som do *e* antes de *s* pertencente á mesma syllaba sôa como em Lisboa, i. é, *i* attenuado (ĭ), e, se está em contacto com surdas, em voz baixa, como em: *dĭjguxto, dĭsfazer, sábĭx, málĭx.* E em syllaba inicial: *ixtŏ, ixtar, ixtemar* (= estimar: cfr. § 25), *ixtrêlla.* — No Minho diz-se simplesmente, sem *e*: *star, strélla, stimar*, etc.

17. O ditongo *ão* tonico (final) da lingua litteraria está reduzido a *ã*: *pã* (pl. *pãx*), *ocaziã, botã, irmã* [2], *Joã, mã* (pl. *mãx*), *fuliã, capitã.* Todas estas palavras rimão com *manhã* e *lã.*

18. Diz-se *ixtória, glória*, etc. com *ĭa* (onde *ĭ* fórma ditongo crescente com *a*, e é pois rapido) e não *ĕa* que existe em alguns pontos da Beira Baixa.

19. Diz-se *légua, égua, tábua*, e não com transposição como na Estremadura (vid. *Dialectos estremenhos*, I, pag. 9).

20. Em *tio, rio, frio* ha dissyllabo (*i-o*), e não o ditongo *íu*, que existe em algumas localidades do continente; isto é, ha dissyllabo como em *tia, dia, ria.*

21. O ditongo *íu* dos preteritos (*fugiu, viu, mentiu*) está nos Arrifes reduzido a *í*, como em: *fugí, ví, mentí*, que se confundem pois com a 1.ª pessoa.

22. No ditongo *au* o *u* é menos claro que na Beira-Alta; represento-o por *ŭ*: *paŭ.* — E' talvez por isso que encontro numa cacographia *má* (por *mau*), em rima com *cá.*

23. Diz-se *cadav'le*, fórma que assenta em *cadávele* (§ 30-*a*), por *cadaver.*

24. Uma cacographia offerece-me: *liro* (= *lirio*), *martiro* (= *martyrio*). Cfr. *Dial. estremenhos*, I, p. 10.

25. Dissimilação. — *a*) Como no continente, dá-se dissimilação nos seguintes exemplos ministrados por uma cacographia: *vezinho, deligente, adevinha, adevinhava, desia* (= dizia), *grandesissimo* [3]. Cfr. *ixtemar* (= istimar = estimar).

b) A mesma cacographia offerece *propio* (= proprio), onde houve dissimilação de *r*, como em hespanhol actual. Vede tambem *querá* no § 53. — *Belúr* por *bolôr*; *fremuzo* = arc. *fermoso.* — Cfr. § 61.

26. Influencia de consoantes em vogaes. — Temos varios phenomenos, todos ministrados por uma cacographia:

a) **Palatização**: *chigar* (por *chegar*), muito vulgar no continente.

b) **Labialização**: *romedio* (vulgar no continente, cfr. *tempostada*,

[1] que na pronúncia culta soa *i*.

[2] = *irmão*. O fem. é tambem *irmã*. Não ha pois differença de fórma nos generos desta palavra.

[3] Esta palavra, muito usada no continente, é um superlativo duplo: *grandississimo*. O *e* não é pois o da palavra *grande*.

tambem usado no continente), *informaria* (= enfermaria). Nesta ultima fórma póde tambem haver influencia de *informar*. — Tambem se diz *chumar* (= chamar), como em alguns pontos do continente (Algarve e Póvoa de Varzim).

c) *bataria* (= bateria), *acradito* (= acredito). As duas fórmas são vulgares no continente.

d) **Suarabacti**: *adovogar* e *adovogado*. Propriamente houve suarabacti de *e*, para evitar o encontro de *dv*, como no continente succede, e depois deu-se labialização como no § 26-*b*. Tambem se acha na cacographia *adevertir*.

27. Uma cacographia tem: *preguntar* [1] e *impordente* [2] (= *imprudente*, — várias vezes). Na mesma se lê *prigo* (syncope) e *consederar*. — Todas estas fórmas são vulgares no continente, menos talvez *consederar*.

28. Em proclise ha condensação do ditongo *eu* em *ê*. Assim ouvi: *ê tênho*, *mê pai*; mas *pai meu* [3]. Vid. tambem o § 44.

II. Consoantes.

29. O *s* tem exactamente o mesmo valor que em Lisboa, quer inicial de syllaba, quer final. O *z* está nas mesmas condições. — Assim se diz, por ex.: *sêx* (= seis), *máx*, *péx*, *mejmo*, *paxta*, *dz armax*, *trex sacox*, *trê' chavex*, *trê' jarrax*. Os dois ultimos exemplos mostrão que o *s* final (que vale *x* ou *j*, segundo as consoantes seguintes) se assimila a *ch* (*x*) e *j*, quando estas consoantes vem depois d'elle.

30. *a*) O *l* no fim das palavras não se gutturaliza, mas recebe um *e* de encôsto, como tambem succede no continente; diz-se pois: *cále*, *sále*, *sóle*, *vile*, *barrile*, *rõxinole*. — Sobre -*r*, cfr. § 39.

b) No meio das palavras tambem o ouvi sem ser gutturalizado, por ex.: *calᵉdo*, *balᵉdo*, *rélᵉva*, *pulᵉga*, *silᵉva*, *malᵉdade*, *sulᵉdadox*, *culᵉpado*. — Cfr. *Rev. Lusit.*, I, 382.

31. Existe a mesma serie de *rr* que notei nos *Dial. interamnenses*, VII, p. 17.

32. Nas cacographias acho *barão*, *brabo* e *gavar*. As duas primeiras são antigas na litteratura; a ultima porém (de *gabar*) mostrará que tambem nos Arrifes o *b* se póde substituir por *v*, como succede nos dialectos da Beira, etc.? [4]

III. Orthographia popular.

Como eu disse acima, pude obter um longo caderno de versos es-

[1] Ésta fórma é a legitima, sendo a litteraria *perguntar* a modificada. Do lat. **precontare*, e não *perc-*; se não estivesse entre vogaes, o *c* não daria *g*. — Este facto foi já tambem notado pelo Sr. G. Vianna.

[2] Deve pronunciar-se, creio eu, *impürdente*. Cfr. § 1.

[3] Cfr. *Dial. estremenhos*, I, pag. 9.

[4] [O *v* é mais uma explosiva sonora labio-dental assibilada, do que o *v* fricativo de Lisboa; assim está para êste último como *d* medial de Lisboa para *th*, *flat*, inglês. E' um *v* com pouco sibilo, quási *b* labio-dental. — Gonçalves Vianna].

critos á mão por um individuo dos Arrifes. A cada passo a pronúncia nativa fez que este individuo se afastasse da orthographia official, e representasse, pelo contrário, os sons a seu modo, de accôrdo com a phonetica açoreana, tal qual acabo de a estudar. Parece-me interessante reproduzir aqui algumas notas orthographicas que tomei do ms., pois ellas mostrão a intensidade e generalidade dos phenomenos phoneticos.

33. Em harmonia com o § 2.°, representa-se no ms. por *o* a condensação dos ditongos *ou* e *oi;* com a differença porém que, como era natural, não se usão diacriticos, estando pois simples *o* em vez de *ö:* assim, temos na cacographia *lovar*. Todavia, como quem escrevia os versos sabia que os ditongos *ou* e *ôi* da lingua litteraria sôão da mesma maneira nos Arrifes, isto é, *ö* (vid. § 2.°), estabeleceu equivalencia graphica entre *ou, oi* e *o:* por isso o ms. nos offerece *fou* [1] (muitas vezes), só, e em rima com *afragou;* mais nos offerece *outo, ourrives* (= horriveis), etc., — em todas as quaes palavras *ou* representa o som açoreano *ö*.

34. Em virtude dos §§ 5 e 28, que nos mostrão que os ditongos litterarios *ei* e *eu* podem valer *ê*, o auctor do ms. estabeleceu tambem equivalencia graphica entre *ei, eu* e *e*, e escreve: *haveides, leu* (por *lê,* 3.ª pessoa), *deiteu* (por *deitei), eude* (por *heide), leu* (por *lei)* [2], *voceu* (por *você,* muitas vezes), embora a pronúncia fosse respectivamente, como verifiquei: *havêdes, lê, dêtê, hêde, lê*. Tambem na cacographia achei *dei-lhe um baco* (por *deu-lhe um baque,* — onde o *eu* soa *ê,* como no § 28). Ha pois parallelismo entre estes factos e os do § antecedente, o que tudo se vê melhor neste resumo:

ôi < > *ou* < > *o*
ei < > *eu* < > *e*.

35. Pois que, pelo § 21, ao ditongo litterario *iu* dos preteritos (tambem aliás escrito *io)* corresponde nos Arrifes *í*, o auctor do ms. escreveu inversamente *io* por *i*, em *sentio* (embora pronunciando *senti).*

36. No § 22 mostrei que o *u* do ditongo *au* era subtil, talvez um pouco mais que em Lisboa; por isso no ms. se encontra *mau fé* (por *má fé),* embora a pronúncia fosse *má fé*. Este facto e o do § antecedente são pois tambem parallelos, e temos igualmente:

íu [3] < > *í*
áu < > *á*

1 = *foi*.
2 Esta palavra *leu* vinha até a rimar com *lei* (que se pronuncia *lê).*
3 Ou *io*, que só differe na escrita.

B) Morphologia

I. Declinação.

A) Numeros. — A phonetica imprime aos vocabulos algumas particularidades morphologicas dignas de nota.

37. O plural de *uvo* é *óvox*, o de *ulho* é *ólhox*, o de *avú* é *avóx*, o de *usso* é *óssox*, o de *bulso* é *bólsox*; como nestas palavras *u* está por *ô* originario (§ 3), dá-se aqui entre o singular e o plural a mesma metaphonia que na lingua litteraria se dá entre *ô* e *ó* [1]. Já em *fulha* (pl. *fulhax*) e *rulha* (pl. *rulhax*) se não dá metaphonia, como tambem se não dá na lingua litteraria, onde se diz *fôlha-fôlhas*, *rôlha-rôlhas*. O plural de *avó* é *avóx*, como na lingua litteraria.

38. Por causa do § 30-*a*, segundo o qual o *l* final de palavra recebe um *e* de encôsto, temos os seguintes pluraes, que destôão do que se passa no continente, pelo menos do Alemtejo para cima (apenas com excepção de uma ou outra palavra):

azüle................	pl. *azülex*
füníle	pl. *fünilex*
anéle................	pl. *anélex*
quintále	pl. *quintálex*
röxinole	pl. *röxinólex*
cadav'le por *cadávele*...	pl. *cadavelex* (ou *cadav'lex*).

Este plural é pois analogico com o singular.

39. Sobre o plural de *rẽ*, vid. § 5, not. — O pl. dos nomes acabados em nasal faz-se como na lingua litteraria: assim o plural de *jardĩ* é *jardĩx*. — O plural de *mã*, *pã*, etc. (por *mão, pão*) é pois tambem *mãx, pãx*, etc. — Os nomes em *-r* podem tambem receber um *e* de encôsto (vid. exemplos no § 3), assim *cure* por *cur (côr)*, *dure* por *dur (dôr)*, como aliás tambem succede em muitos pontos do continente, onde se diz *côre*, *dôre*, etc.; o plural é *curĩx*, *durĩx*, etc. (com *ĩ*, § 16).

B) Generos. — A phonetica imprime igualmente a alguns vocabulos uma feição digna de nota.

40. Em virtude do § 3, os nomes, que na lingua litteraria acabão em *-ôso*, acabão nos Arrifes em *-uso (-uzo)*: ora, do mesmo modo que na lingua litteraria ha metaphonia do masculino para o feminino *(-ôso — -ósa)*, tambem nos Arrifes a ha *(-uzo — -óza)*. Ex.:

fremuzo..........	fem. *fremóza*
raivuzo	fem. *raivóza*
animuzo	fem. *animóza*.

1 O Sr. Epiphanio Dias na *Gramm. port. elementar*, 8.ª ed., § 35-*a* (not.), observa que o plural litterario de *bôlso* é *bólsos* (Lisboa); todavia nos Arrifes diz-se *bôlsos*, como tambem se diz na Beira-Alta, etc. — No Alandroal: *bólsox*.

41. O feminino de *avú* (avô) é pelo mesmo motivo da metaphonia *avó*.

C) Nomes numeraes. — São os mesmos que na lingua litteraria, só ás vezes modificados no som da vogal.

42. Eis-alguns:

üm (§ 1)	öto (§ 2)	quinze
döx (§ 2)	nóve	dezasêx
trêx	déx	dezaséte
quåtro	unze (§ 3)	dezöto (§ 2, not.)
cinco	duze *(ib.)*	dezanóve
sêx	trêze	vinte
séte	caturze [1] (§ 3)	vint'i üm

D) Sobre os *pronomes*, vid. § 28.

II. Conjugação.

Como nos outros capitulos da morphologia, a phonetica especial dos Arrifes imprime á conjugação algumas particularidades.

A) Verbos regulares:

43. *Cumprar, sunhar, cumer, murrer, rumper, dever.*

Pres. do indic.:

cumpro	sũnho	cũmo	murro
cumprax	sũnhax	cômĭx [2]	môrrĭx [2]
cumpra	sũnha	côme	môrre
cumprâmox	sũnhâmox	cũmémox [3]	murrémox [3]
cumprêx	sũnhêx	}cómèm	môrrẽ
cúmprum	sũnhum	}(comẽ)	

rumpo	dêvo
rumpĭx [4]	dévĭx
rumpe	déve
rumpémos	devémox
rumpêx	devêx
rumpẽ	dévẽ

44. Ouvi dizer *vendê*, *murrê*, *bubê*, etc. (por *vendeu*, *morreu*, *bebeu*) com *ê* por *eu*; cfr. § 28.

45. A 1.ª pessoa plural do preterito-perfeito-definido acaba em *-rmox*, como: *cazarmox*, *vendermox*, *fugirmox* (na ling. litter. *casámos*,

[1] No continente diz-se tambem *catorze*.

[2] Aqui é *cômĭx* e *môrrĭx*, pois que na ling. litter. é *cómes* e *mórres*. — E talvez eu por êrro tenha *ô* e não tambem *ó*. Não posso verificar. O mesmo digo a respeito das outras flexões de *morrer* em que entra *o* tonico.

[3] Segundo o § 6, o *e* é nasalado.

[4] Aqui é *um*, segundo o § 6, porque na ling. litter. é *rômpes* e *rômpe*.

vendemos, fugímos). Este phenomeno observei-o tambem em grande parte da Estremadura (Thomar, etc.). Creio que esta fórma do preterito perfeito se deve explicar pelo mais-que-perfeito: assim

casarmos (cazarmox) = casár(a)mos
vendermos (vendermox) = vender(a)mos
fugirmos (fujirmox) = fugír(a)mos

pela syncope do *a* postonico (em palavras esdruxulas), phenomeno nada estranho á lingua popular em geral, como o mostra *cambra* (* *cam'ra*) de *camara* etc. — Este facto é pois complexo: houve primeiro o emprêgo do mais-que-perfeito pelo perfeito-definido, talvez para evitar a homonymia da 1.ª pessoa plural d'este preterito com a do presente, pois serião iguaes nos verbos regulares; houve depois um phenomeno puramente phonetico. Dos verbos regulares generalizou-se o facto aos verbos irregulares. Tambem o emprêgo da 1.ª pessoa do plural podia, como me lembra o Sr. G. Vianna, resultar da analogia com a 3.ª, pois que nesta o m.-q.-p. é igual ao perfeito-definido.

B) Verbos irregulares:

46. *Trazer: trago, trazĩx, trax, trazèmox, trazéx, trázẽ; tröce, tröcexte, tröce, tröcermox, tröcerum.*

47. *Vir: vim, viéxte, vê* [1], *viermux, viérum.*

48. *Ver: vẽjo, véx, vê-i* [2], *vêmos, vêèm; vi, vixte, vi* (§ 21), *virmox, vírum; vèndo.*

49. *Ter: tânho, tènx, tẽ, tèmox, tindex* [3], *taĩ* (§ 12); *tinde* (imperat.) [4].

50. *Fazer: fix, fizéxte, fèx, fizérmox, fizérum.*

51. *Ser: füi* [5], *fuxte* (§ 3), *fö* (§ 2), *furmox* (§ 3), *fúrum.*

52. *Dar: dê* (= *dei*, § 5), *déxte, dê* (§§ 28 e 44), *dérmox, déxtĩx, dérum.*

53. *Querer.* Numa cacographia achei *querá* por *quererá* (dissimilação); tambem assim diz o povo no continente.

54. *Saber: sê* (§ 5), *sábĩx, sábe, sabèmox, sabêx, sabẽ; sübe* (no continente diz-se popularmente *sube;* por isso aqui *ü*, segundo o § 1), *sübéxte, söbe* (§ 2), *sübémox, sübéstĩx, sübérum.*

55. *Dizer: disse, disséxte, disse, dissermox, dissérum.*

56. *Haver.* Numa cacographia achei *haveides*, que o meu informador pronunciou *havédĩx.*

57. *Pôr: pünx* [6], *puzéxte, punx* [6], *puzérmox, puzérum.*

1 Por *veu* (arc. e pop. no continente). Vid. §§ 28 e 44.

2 Ou *vêê-i* (com *êê*, segundo o § 7). Ha aqui tambem um *i* paragogico: cfr. *Dial. estrem.*, I, pag. 14; e *Dial. alemtej.*, I, 3.

3 Esta fórma achei-a numa cacographia, e tambem a ouvi.

4 Tambem a achei em cacographias. No continente ha *tindex* (Sul).

5 Nas cacographias escrito *fu* (em *fu-me*).

6 As fórmas *pünx* (pus) e *punx* (pôs) são difficeis de explicar por causa das nasaes. Querer-se-hia acaso estabelecer analogia com *pünho*, etc.? Era interessante saber qual a fórma do futuro do conjunctivo.

C) Ligação dos verbos com os pronomes.

58. Diz-se por exemplo:

tânho-a	*vêjo-a*	*cumpro-a*
tãij-la	*vêj-la*	*cumpra-la* [1]
tãi-la	*vê-la* (por *vê-a*)	
témoj-la		
tindej-la		
tãi-la		

Vê-se que, com excepção da 1.ª pessoa, o pronome retoma intacta a sua fórma archaica, sem causar assimilação da consoante antecedente (*s*, representado normalmente por *j* attenuado), nem ella mesma ser assimilada á nasal que a precede. Estes factos podem comparar-se aos que se dão em Lisboa, onde se diz *pus-lo* (puj-lo), *fiz-lo* (fij-lo), etc., em vez de *pu-lo* e *fi-lo*, que se usão na linguagem litteraria, e na popular do Norte e Centro do reino. São casos de regressão.

d) A terminação plural **-um.**

59. No português antigo (ainda no sec. xv) era vulgar a terminação *-om* na 3.ª pessoa plur. do pres. do indicativo [2]; no preterito perfeito existia tambem no plural a mesma terminação [3]. Essa terminação, pronunciada *ôm*, como ainda hoje o é no Alemtejo (com mais ou menos abertura do *o*), explica o *um* dos verbos açoreanos, em virtude do § 3. No Minho tambem se diz *cantum*, *forum*, etc., ás vezes mesmo desnasaladamente (*canto'*, *foro'*), mas é em virtude de outra lei, que só tem applicação ás nasaes e não a todo o *o* fechado como nos Arrifes.

C) Syntaxe

60. Apenas tenho de mencionar o seguinte:

a) Emprêgo da 2.ª pessoa do pres. conj. pelo imperativo nestes versos da cacographia:

«Anjo, que estás a dormir
Meus prantos *venhas* ouvir».

Na linguagem litteraria o conjunctivo só substitue o imperativo, em phrases affirmativas, nas 1.as e 3.as pessoas.

b) Na cacographia encontra-se tambem o seguinte verso

«mas *deixamos d'essas* cousas»

1 Por *compra-a* (pres. indic.).
2 Cfr. F. Adolpho Coelho, *Theoria da conjugação*, p. 135.
3 Vid. exemplos *ib.*, pag. 45, e no meu *Sub-dialecto alemtejano*, pag. 16.

onde *deixamos* está por *deixemos*, e *de* está partitivamente (Cfr. litterar. *deixemo-nos d'essas cousas*).

c) Ainda na mesma cacographia ha esta phrase «me *haveis esclarecer*», em que o verbo *haver* se emprega auxiliarmente, sem a preposição *de*. Este facto não se póde attribuir a erro, pois não só elle apparece na litteratura antiga, mas em escritores açoreanos. Referindo-me só a estes, de um me lembro agora, Anthero de Quental, que diz:

E *havia* a vida *ser* só lucta e pena [1].

Embora o metro pudesse contribuir para que se empregasse esta construcção, no emtanto, se ella não fosse usada, o poeta não recorreria facilmente a ella.

D) Texto

61. O unico texto que posso dar com transcripção phonetica é o *Padre nosso:*

«Pâdre nósso quê xtá no céu, santeficâdo sêj'ó vosse nũme, vânh-á nóz o vósso rêno, sêja fêt'à vóssa vuntâd' assim [2] na térra cũme no céü; o pâm nosso de cada dia noj dá höje, perduá-nox [3], Sinhur, aj nossaj div'daz assim cũmo nóx perduâmoz aoj nóssoj devidurij; nã [2] noj dêxêx cahir èm tèntaçã, maj livrá'-nos [3], Sinhur, de tud-ò mâl, amén[e]». — Em *vosse nũme* e *cũme no* ha dissimilação (*u — u* = *e — u*); cfr. § 25-*b*.

E) Vocabulario

Com a abreviatura *Cac.* quero indicar que a palavra foi colhida no manuscrito cacographico a que a cima me tenho referido.

Acadel-rei, — aqui d'el-rei *(Cac.)*.

Adovogado, — advogado *(Cac.)*. Vid. § 26-*d*.

Afragar, — Na phrase «meu coração *afragou*» *(Cac.)*, por «ficou com pouco alento».

Azibêra, — algibeira. — Na Madeira (Machico) diz-se *alzibéira*.

Baco, — baque *(Cac.)*.

Baldo, — balde.

Bàltizado, bàltizar, — bàtizado, bàtizar *(Cac.)*. Fórma derivada: *baltizo* (ib.)

Barão, — varão *(Cac.)*.

[1] No jornal *O Pantheon*, pag. 157.

[2] Em *assim na* e *nã noj* a nasalidade do *i* e do *a* não é a mesma que se notaria, se estas vogaes estivessem independentes; neste caso parte da nasalidade é absorvida pelo *n* seguinte, e ellas ficão reduzidas ás condições do § 6.

[3] O *i* parece cair antes de *n*: assim tambem se diz *plána* (por *plaina*). Diz-se porém *cumprái-me*.

Baüle, — bahu. Em gallego diz-se *baùl.* Cfr. litterar. *abaùlado.*

Belür, — bulôr (*Cac.*). Lat. pallorem. — Vid. §§ 3 e 25-*b*.

Blurènto, — bolorento. (Syncope de *o* por estas entre *b-l*, e se seguir outro *u*).

Brabo, — bravo (*Cac.*). A etymologia d'esta palavra é barbarus (cfr. J. Cornu in *Romania*, XIII, 110). As fórmas intermedias creio terem sido: * (*barb'ro*, * *babro* e *brabo* (cfr. pop. *Babra* = *Barbara*, e pop. *probe* = *pobre*). De *brabo* fez-se *bravo* por dissimilação; ha muitos exemplos semelhantes na lingua antiga. A fórma açor. é pois archaica.

Causante, — causador (*Cac.*). — Nome tirado de *causar*, — como *amante*, *andante*, etc.

Charamba (masc.), — baile em geral. — Este termo vem já dado como açoreano no *Dicc. Etym.* do Sr. Adolpho Coelho.

Chigar, — chegar (*Cac.*). Vid. § 26-a.

Chumar, — chamar. (Na *Cac.* vem tambem, sob a fórma *chomar*). A labial *m* fez que o *a* desse *u* (§ 16-*b*): cfr. minhoto *chumieira*, do lat. flammearea.

Cubrir, — cobrir. O dizer-se com *u* e não com *ü* mostra que a palavra, quando foi para os Açores, se pronunciava *côbrir* (cfr. § 3). Lat. coperire = cooperire.

Desisprado, — desesperado (*Cac.*). Vid. § 16.

Êl-rê, — el-rei. — Vid. § 5.

Feriozo, — furioso. Assim vem na *Cac.*, mas a pronúncia deve ser *feriüzo*. — Dissimilação: cfr. *fremuzo*.

Fim (feminino), na phrase «a minha *fim*» (*Cac.*). Na lingua antiga *fim* era feminino, como em francês o é ainda hoje. Na Beira-Alta diz-se ainda «*a fim* do mundo». Do lat. finis, que em alguns AA. era tambem feminino.

Fremuzo, — formoso. Cfr. §§ 25-*b* e 3.

Fuliã, — folião. Cantor em festas.

Galhinho, — pernada. Ex. «*galhinho* de alecrim». Em vez de *pernada*, diz-se em algumas provincias *tranca*, por exemplo no Cadaval; no Alandroal *jgàlho* e *pernada*.

Gavar, — Gabar (*Cac.*). Vid. § 32.

Höje, — hoje. E' difficil de explicar esta palavra, pois, pelo § 8, não se desenvolve nos Arrifes *i* antes de palatal; ora *höje* assenta em *hoije* (§ 2), fórma usada na Beira, etc. Necessitava de recolher mais casos em que haja *o* e *u* seguidos de *j* (ou *g* + *e*, *i*), para poder resolver o problema.

Inçar as vélas, — içar as vélas (*Cac.*). — Simples nasalação do *i* inicial; cfr. *inverno* = l. (h)ibernus.

Ixmürro, — murro. De *esmurrar*.

Liro, — lirio (*Cac.*). Vid. § 24. Esta palavra creio vir, não directamente de lilium, mas do lat. pop. *lirium (cfr. lat. līrion, do grego *leirion*).

Lũa-crix (*ü* nasal), — eclipse. E' palavra muito vulgar no con-

tinente. *Cris* vem de *eclipse*, através de **ecrisse* **eclisse*. Cfr. ital. *eclisse*.

Mais, — mas. Só encontrei esta palavra na *Cac*. (não a ouvi); mas vinha repetidas vezes.

Martiro, — martyrio (*Cac*.). Vid § 23.

M'lêxa, — troixa. Deriv. de *mala*, parece (* *malecha*, deminut.). — O etymon de *mala* está no alto allemão ant. malha.

Murrer, — morrer. Pronuncia-se com *u* e não com *ü*, porque *morrer* pronunciava-se cá outr'ora *môrrer*, e não *murrer* como hoje; por isso *ô* < *u* (§ 3).

Padaço, — pedaço (*Cac*.). O vocabulo é usual no continente.

Piügos (masc.), — piugas. O etymon deve estar num deriv. do lat. *pes*, talvez *pedūcus (cfr. lactuca, etc.), com o qual me parece se deve comparar o catalão *peüch*, a que o *Dicc. catal.-cast*. de Saura, 1859, dá a significação de «escarpin».

Pranto. Na *Cac*. lê-se esta quadra:

«Quando chegou o pe d'elle,
Já o não apanhou vivo,
Fez-lhe um pranto tão grande,
Que nem um pai a um filho».

Cfr. os conhecidos versos de Gil Vicente:

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia.

Rasto. Na *Cac*. lê-se *darasto*, isto é, *d'a rasto* ou *d'arrasto* (cfr. *arrastar*).

Refiar o nariz, — torcê-lo com desagrado. — De *re-fiar*; cfr. litter. *nariz afilado*.

Rezão, — razão (*Cac*.). Vulgarissimo no continente, e na litteratura antiga.

Rumbado, — arrombado. — Vid. § 3.

Undia, — onda. Na *Cac*. lê-se *ondias*, onde o *o* vale *u*. E' vulgar no povo do continente *ôndia*. — Vid. § 3.

Do estudo precedente conclue-se que o dialecto dos Açores, na sua fórma dos Arrifes, offerece phenomenos avulsos que parece que lhe são proprios, como o *u* por *ô*, certos vocabulos, certas fórmas verbaes, certas flexões do plural (§ 37), alguns factos de syntaxe, etc.; e offerece outros phenomenos que, como vimos, são communs aos dialectos do continente, especialmente aos do Sul, d'onde creio que teve origem a falla popular dos Arrifes, e talvez as de todo o archipelago. Do conjuncto de todos estes phenomenos resulta porém uma individualidade dialectologica para os Açores. E' digno de notar-se que o

t, a que me referi na *Rev. Lusit.*, I, 116, e que foi descrito pelo Sr. Gonçalves Vianna na mesma *Revista*, I, 226, não o ouvi ao soldado dos Arrifes, meu informador.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1891.

II

LISTA DE VOCABULOS AÇOREANOS EM LEONI

Como disse na introducção d'estes artigos, encontrão-se no *Genio da ling. port.* de Leoni, vol. I (1858) alguns vocabulos açoreanos, de que o Sr. Ernesto do Canto deu já a lista na sua *Biblioth. açoriana*. Na impossibilidade de agora tornar a ler, para este fim exclusivo, o *Genio da ling. port.*, regulo-me pela paginação indicada pelo Sr. Canto para a respectiva busca; só não acho o vocabulo *pelejar* em accepção dialectal.

Achada. «A palavra *achada* significa *planicie extensa no cume do monte*.... Esta palavra não é hoje conhecida, ou, pelo menos, vulgar em nosso continente: todavia é portuguesa e vulgarissima nas ilhas dos Açores, e nas de Cabo Verde, onde tem a mesma significação. Na ilha de S. Miguel é bem notoria com o nome de *Achadas das Furnas* a extensa planicie que fica sobranceira ao delicioso valle do mesmo nome» (*Genio da ling. port.*, I, 143, nota 3). Sobre a etym. diz: «Compõe-se da raiz *chan*, apoiando-se na preposição *a*, e da desin. *-ada*, denotando extensão» (*ib. ib.*). Seria mais rigoroso dizer: a + planata, como o mostra a fórma archaica *achaada*, que vem em Viterbo, *Elucidario*, s. v., e que devia ter passado por * *achãada*.

Bailho, archaismo por *baile*. «*Bailho* ainda hoje se diz em varias povoações das ilhas dos Açores, onde se acha conservada a linguagem quinhentista» (*Genio*, I, 100, nota 1). A esta palavra e a outras fórmas da mesma familia me referi já nos seguintes opusculos: *Dialectos estremenhos*, I, pag. 29; *As «lições de linguagem» do Sr. C. de F.*, § 9, e *Réplica ás caturrices philologicas do Sr. C. de F.*, § 9.

Bajana. «E' vocabulo popular nas ilhas dos Açores com a significação de — pateta, mentecapto» (*Genio*, I, 22). Leoni identifica-o com o lat. vesanus, e relaciona-o, embora em dúvida, com *bajoujo*; mas vesanus daria em português popular *vesão* ou *vejão* (ou com *b*), cfr. *abejão* (= visionem), arc. *cajom* (= occasionem), etc. Fica pois obscura a etymologia, como igualmente o fica a de *bajoujo*.

Caroço. «Nos Açores *caroço* significa tambem o *hymen* ou virgindade da mulher; e *quebrar-lhe o caroço* é o mesmo que desflorá-la» (*Genio*, I, 136). — E' esta uma accepção metaphorica da palavra.

Chaprão. «... vulgarissimo nas ilhas dos Açores, e que significa o mesmo que *prancha*» (*Genio*, I, 18). O A. deriva-o de *prancha*, «por inversão de syllabas», e deriva *prancha* do lat. planca (*ib.*, *ib.*); mas nada d'isto póde ser phoneticamente: *chaprão* parece effectiva-

mente ligar-se com a familia de *prancha*, mas talvez esteja por *pranchão* (usado no continente), que se tornaria **chãprão* (cfr. beirense *tanchão* a par do arc. *chantar* = lat. plantare), havendo depois dissimilação da primeira nasal (cfr. beir. *atão* = *antão* = *então*). Quanto a *prancha*, não vem do lat. *planca*, mas sim de *planc ula (* planc'la), onde *cl*, por estar depois de *n*, deu *ch*: cfr. *Rev. Lusit.*, I, 268-269; é um caso analogo a *concha*, que vem de conchula (* conc'la), como eu já disse algures. — A fórma *chaprão* acha-se tambem na litteratura antiga: vid. *Diccionar.* de Moraes e Silva, s. v.

Escanchado «é vocabulo corrente no Minho, em Tras-os-Montes e nas ilhas dos Açores em vez de *escarranchado*, de que não usam» (*Genio*, I, 78).

Estrenido, estreito, apertado. «*Estrenido* é vocabulo vulgar nas ilhas dos Açores, onde o ouvimos várias vezes, e por isso o damos como português» (*Genio*, I, 70).

Fiuza, confiança. «Esta voz é ainda hoje popularissima nas ilhas dos Açores; mas pronunciam ordinariamente *fiuses* em vez de *fiuza*» (*Genio*, I, 41). *Fiuses*, i. é, *fiuzes*, deve ser o plural. A etymologia está, como bem nota Leoni, no lat. fiducia. — O vocabulo *fiuza* ainda hoje se encontra na Estremadura (Cadaval, onde o ouvi a velhas).

Fiuzes. Vid. *fiuza*.

Grota «é vocabulo popularissimo nas ilhas dos Açores, onde designa uma excavação feita pelas aguas no terreno, menos larga e funda que o valle, e com as paredes quasi perpendiculares» (*Genio*, I, 16). O A. tira-o do lat. barbaro *crottum*, que vem no *Glossar.* de Du Cange; mas *crottum* é simples latinização de uma fórma romanica: cfr. provençal *crota*, ital. *grotta*, fr. *grotte*. A base d'estas fórmas é o lat. crypta, i. é, crupta, — *grupta: cfr. *roto* de ruptus.

Manjuca «é vocabulo popular nas ilhas dos Açores com a significação generica de comida» (*Genio*, I, 28). Elle é posto por Leoni em relação com o lat. *manducare*; mas ha difficuldades phoneticas para se acceitar essa filiação immediata. *Manjuca* parece-me ser um substantivo verbal correspondente a *manjucar* (real ou hypothetico), do radical de *manjar*, por meio de *-uc-ar*, embora pudesse ter influido tambem a terminação do português (litterario) *manducar*. A palavra *manjar*, como substantivo, é conhecida, e como verbo, encontra-se no romance popular da *Nau Catherineta*; tem talvez origem no provençal *manjar*, do lat. manducare, que na nossa lingua não podia dar tal palavra [1].

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1892.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

[1] Quem não estiver habituado aos estudos linguisticos póde achar contradicção em eu dizer a cima que *manjucar* não póde vir de *manducare*, e dizer a baixo que póde vir de *manjar*, sendo esta palavra o prov. *manjar*, do lat. manducare. Mas não ha contradicção nenhuma: pois se *manducare* póde dar *manjar* em provençal, não o póde dar em português; por tanto a origem immediata da nossa palavra não é *manducare*, embora o possa ter sido um derivado d'esta.

TRADIÇÕES POPULARES DE PENICHE

Nas ferias de Setembro de 1891, fui a Peniche e ao Cabo Carvoeiro com o fim de estudar um ponto de geographia antiga. Impressionou-me o facto de ver no estremo do promontorio duas igrejas, uma arruinada, que serve de pharol, e outra que me pareceu de muita devoção, pois estava bem aceada, e tinha em volta muitas casas que devião servir para recolher romeiros em dias de festa. Como todas ellas se achavão fechadas, e por aquelles sitios, — no fim do mundo, — não se via ninguem, e só naquella larga solidão se ouvia o bater compassado e monotono das ondas, não pude satisfazer a minha curiosidade, perguntando por lendas e costumes populares. A alguma distancia encontrei, é certo, o pharoleiro, mas d'elle nada colhi que me interessasse.

Obtendo do Revd. Sr. P.e Leal, digno Prior da Serra-de-El-Rey, um bilhete de apresentação para o Sr. Antonio Maria Cervantes, illustrado official da guarnição de Peniche, e que conhece muito bem todas essas lendas e costumes, dirigi-me a elle, e S. Ex.a teve a bondade de me enviar as noticias que adeante vão transcritas, e que publico com auctorização sua.

A ambos estes cavalheiros tributo aqui os meus agradecimentos sinceros.

Numa das cartas que o Sr. Cervantes me escreveu, diz o seguinte, que devo copiar: «..... tudo quanto contei, conhecia-o eu por meu Pae, Pedro Cervantes, e ainda hoje encontro em pequenos apontamentos que conservo, como recordação saudosa da sua amizade. Elle era muito curioso e habituou-me tambem a sê-lo; mas o trabalho de colligir estas noticias, contando-m'as e aos que conversavam sobre Peniche, de que elle gostava muito, foi todo d'elle. A historia dos *Passos de D. Leonor* appareceu em folheto intitulado *A industria de Peniche,* escripto por elle, hoje rarissimo, mas que tinha interesse local, e foi publicado por conta da associação promotora da industria fabril. — Sobre o apparecimento da Senhora dos Remedios ha uma rapida noticia no *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, que tambem recebeu grande cópia de esclarecimentos sobre Peniche, prestados por meu Pae, e até veiu aqui reuni-los. Tudo o mais não existe publicado, nem conhecido, mas colleccionava-o elle».

A lenda dos *Passos de D. Leonor* (cap. I) parece reproduzir a de *Leandro e Hero,* que é muito sabida, e que Vergilio resumiu nestes versos das *Georgicas,* lib. III, 258-263:

Quid juvenis, magnum cui versat in ossibus ignem
Durus amor? Nempe abruptis turbata procellis
Nocte natat caeca serus freta; quem super ingens
Porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant
Aequora: nec miseri possunt revocare parentes,
Nec moritura super crudeli funere virgo.

Será porém ella de origem litteraria, acaso transmittida pelos frades das Berlengas, ou será um dos muitos contos que da tradição classica passárão para a nossa, como por exemplo o do *rei Midas?*

Com o cap. II, *A filha de um pescador transformada em Sereia,* deve confrontar-se o que o Sr. F. Adolpho Coelho escreveu no seu artigo *As Sereias* (publicado no *Archivio per le tradizioni popolari,* vol. IV, p. 325 sgg.). Alem do canto melodioso, que é conhecido, e comum á tradição do resto do país (vid. as minhas *Tradições populares de Portugal,* pag. 286), ha na lenda de Peniche o seguinte de especial, e comparavel com os factos reunidos pelo Sr. Coelho:

1) As relações com o filho do ouvidor. Em Coelho, n.º 2 (Hespanha) as Sereias tem caracter impudico;

2) Cahir a creança ao mar, e sahir de lá com extraordinaria belleza. Em Coelho, n.º 5 (Bretanha) uma creança de mamma é alimentada de um liquido, semelhante ao leite, dado por uma Sereia á mãe da creança, que se torna muito valente;

3) A rapariga desprezada pelo moço. Em Coelho, n.º 7 (Irlanda), um principe tem relações amorosas com mulheres marinhas, uma das quaes, para se vingar do desprêso d'elle, lhe mata deante d'elle o filho que d'elle tivera. Na nossa lenda a vingança é de outro modo; mas, como nella, a sereia das tradições bretãs (Coelho, n.º 5) tem tambem o poder de levantar tempestades.

Vê-se pois o interesse dos dados recolhidos pelo Sr. Souto Cervantes.

Os cap. III, IV e V reproduzem factos conhecidos noutros pontos do país, sob diversas fórmas. O nome de *cirios* não se usa no Norte; é substituido por *clamor* (Entre-Douro-e-Minho), *romaria* (Beira, etc.), etc. — Nas circumstancias porém, em que elles se apresentão aqui, não são tambem sem interesse. E' sabido que nas crenças dos antigos os cabos erão divinizados: na Hibernia havia, por exemplo, um *Sacrum Promontorium;* na Sardinia um *Promontorium Mercurii;* na Corsica um *Promontorium Sacrum;* na Britannia um *Promontorium Herculis,* etc., etc. [1] No nosso proprio país são muito conhecidos por exemplo o *Sacrum Promontorium* e o *Promontorium Lunae,* aquelle identificado com o Cabo de S. Vicente, e este, segundo uns, representado pelo Cabo da Roca, segundo outros, pelo Cabo Carvoeiro (ambas as hypotheses offerecem difficuldades, mas a segunda talvez offereça mais). Comprehende-se que os Cabos fossem consagrados a divindades, entre outros motivos, por causa da protecção que estas dispensassem aos marinheiros: assim se adoravão nelles divindades maritimas, divindades do ar, divindades commerciaes, etc. As lendas que Estrabão refere do Cabo de S. Vicente creio pertencerem a esta familia, como noutro ponto tentarei mostrar. Pois que os cultos pagãos forão christianizados, nada de estranhar que nós vamos hoje achar ainda nos *cabos* e nas *pontas,* á beira-mar, igrejas e ermidas, a que principalmente concorrão os maritimos. Na Povoa de Varzim fazem os pescadores annualmente uma estrondosa festa á Senhora dos Remedios (?). A Senhora de Nazareth, com o seu veado, tão frequente, em circumstancias parecidas, nas lendas da Europa medieval [2], está no mesmo caso. Nesta categoria entra tambem a lenda e cirio do Cabo Carvoeiro. O facto de a imagem da Virgem ser achada por acaso, é muito vulgar, quer nas nossas lendas christãs, quer nas estrangeiras [3].

Acêrca do cap. VI (Corpo-Santo) cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal,* § 145.

No dictado do cap. VII parece haver cunho perfeitamente local.

O objecto do cap. VIII tem correspondente, como lá diz o Sr. Cervantes, em todo o país, e ha já publicadas muitas fórmulas ou *ensalmos,* cuja menção circumstanciada agora, por brevidade, não faço.

Os factos que se vão seguir, com quanto alguns d'elles estejão revestidos de certo aspecto historico, tem por tanto, unica e simplesmente, um caracter lendario (com excepção do do cap. V), mas nem por isso menos valioso para quem se occupa d'estudos ethnographicos, pelo que a collaboração do Snr. Souto Cervantes é muito bem recebida na *Revista Lusitana.*

J. L. DE V.

I

OS PASSOS DE D. LEONOR

Na Berlenga existia um antigo mosteiro da ordem de S. Jeronymo. Nelle habitaram os monges quasi um seculo até que as perseguições e assaltos dos corsarios Argelinos e dos Ingleses que por alli

1 Vid. Forbiger, *Handbuch des alten Geographie,* Hamburgo 1877, passim.
2 Vid. A. Maury, *Légendes pieuses du moyen âge,* Paris 1843, p. 170 sgg.
3 Vid. Maury, *ob. cit., ib.,* etc.

abordavam, os obrigaram a mudar-se para Val-bem-feito, distante tres leguas da peninsula de Peniche, onde edificaram novo mosteiro.

Quando ainda occupavam o mosteiro da Berlenga, havia em Peniche dois homens orgulhosos e ricos que reciprocamente se odiavam; ambos eram casados e tinham filhos; porém como as inimizades dos paes muitas vezes não se transmittem aos filhos, acconteceu que Leonor, filha de um, e Rodrigo, filho de outro, se queriam e amavam estremecidamente.

O pae de Rodrigo, desejando pôr termo aos sonhos dourados do filho, e estorvar uma alliança que lhe repugnava, obrigou-o a recolher-se ao mosteiro da Berlenga e a entrar no noviciado da ordem. O mancebo inconsolavel e infeliz obedeceu á ordem do pae, mas, esperando do tempo que abrandasse os odios de familia, e então pudesse unir-se á mulher a quem mais queria, procurava vê-la e fallar-lhe a occultas dos superiores.

Para este fim, em noites de ante-mão combinadas, sahia Rodrigo do convento, e, embarcando accompanhado de um velho pescador seu amigo e confidente, num pequeno bote, propriedade dos monges, atravessava o estreito que separa a Berlenga do Cabo Carvoeiro, e vinha desembarcar numa estreita quebrada aberta no rochedo e que fórma um pequeno porto do lado sul da peninsula, a que hoje chamam o *Carreiro de Joanna*.

Leonor comparecia sempre primeiro a estas entrevistas, e dirigia os seus passos a uma gruta ou reconcavo pittorescamente situado e cavado na rocha que faz frente para o lado por onde Rodrigo passava; alli o esperava debaixo das arcadas naturaes da gruta, e, logo que lobrigava o pequeno baixel, accendia uma luz para dar signal da sua presença.

Chegou porem Rodrigo uma noute, e a luz não appareceu; chamou por Leonor, mas só o echo da propria voz lhe respondeu; vê entretanto passar, juncto do barco, um objecto fluctuando, apanha-o cheio de sobresalto e reconhece a capa de Leonor. O mais que se passou na alma do pobre mancebo não o sabemos nós, ficou em segredo entre Deus e elle; o que o seu companheiro disse foi, que, apenas reconheceu a capa da amante, sem mais reflexão se arrojára ao meio das ondas, chamando por Leonor e que se submergira sem elle lhe poder valer.

O presentimento de Rodrigo realisára-se infelizmente. Leonor chegára á gruta e alli o aguardava, quando ouvindo vozes, que reconheceu serem a de seu pae e irmãos, que a procuravam, tentou fugir e occultar-se; salta de rochedo em rochedo, mas, calculando mal um passo, despenhou-se no mar onde se sumiu e pereceu.

No dia seguinte appareceu o cadaver de Leonor entalado entre os penhassos que bordam aquelle sitio. O de Rodrigo levado pelas correntes foi encontrado num banco de rochas ao Oriente dos Remedios.

Este drama transmittio-se ate nossos dias, e o theatro em que elle se passou ainda hoje conserva os nomes dos dois infelizes proto-

gonistas. A' gruta chamam *Os passos de D. Leonor*, e aos rochedos onde appareceu o cadaver de Rodrigo, *O sitio de Frei Rodrigo.*

Diz mais a tradição que Leonor fôra sepultada ao lado direito da capella de Sant'Anna, da parte de fóra, — e que era no seu tempo a donzella mais formosa de Peniche.

II

A FILHA DE UM PESCADOR TRANSFORMADA EM SEREIA

Cantavam ainda ha poucos annos os velhos maritimos uma tradição phantastica, chimerica, imaginaria.

Em epochas muito remotas succedera que na occasião em que a mulher de um pescador dava um banho de mar a uma filhinha, esta se lhe escapára das mãos, de um salto, e cheia de alegria desapparecêra na agua. O terror da mãe em breve se desvaneceu, porque a creança voltou ao cimo d'agua, risonha e parece que mais linda e animada do que d'antes.

Passaram annos sem que a mãe encontrassê differença na creança, que com a idade crescia em belleza; mas as velhas que conheciam a sua historia, encontravam-lhe mysterio e indicio de que a rapariga seria transformada em sereia.

O sobrinho do ouvidor do conde d'Athouguia, viu-a, apaixonou-se por ella e seduzio-a. Humilhada e cheia de vergonha pela sua desgraça, morreu e foi enterrada no adro da Igreja da Victoria, lá proximo do Cabo Carvoeiro.

Uma noite em que o seductor recolhia depois de uma patuscada, da aldêa, que outr'ora existiu juncto ao Cabo Carvoeiro, para o sitio da Ribeira, que mais tarde se transformou em Peniche-de-Baixo, e onde elle morava, ouviu uma voz que cantava uma canção funebre; e, aproximando-se cautelosamente, viu uma mulher formosa sentada á entrada de uma gruta que alli ha. Pareceu-lhe a sua amante; porém ella, vendo-o, desappareceu.

Na seguinte noite voltou ao mesmo sitio e lá viu a mesma mulher; aproximou-se d'ella e tentou pegar-lhe na mão, ella porem, abraçando-o, disse-lhe: «chegou a occasião da vingança».

A estas palavras levantou-se grande tempestade, e o mar embravecido chegou á altura da furna, arrebatando-os e engolindo-os.

O corpo do seductor appareceu passados dias todo pisado e moido juncto ao Medão Grande, uma duna d'areia no isthmo, onde o mar o foi depositar. A donzella seduzida, dizem que se transformou em sereia e que ainda hoje nas noutes puras de luar e mar sereno, da meia-noute ás duas horas, vem sentar-se á entrada da furna, e alli canta canções tam melodiosas e sentimentaes que fazem chorar os pescadores e aquelles que tem animo de alli passar áquella hora.

III

APPARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

1.ª versão):

Conta a tradição que em epochas muito antigas um criminoso fugido á acção da justiça, e que procurava abrigo entre os rochedos da parte mais occidental da peninsula, encontrára numa gruta a imagem da Senhora. Não podendo correr ao povoado mais proximo a dar noticia d'aquelle precioso achado, esperou que alguem se approximásse, o que effectivamente succedeu. Divulgado este facto na povoação da Ribeira, os pescadores correram alli, e encontraram uma imagem muito pequena, que pelo andar dos tempos foi substituida por outra, a actual, que tem um covado d'alto.

As offerendas e esmolas dos devotos avolumaram-se a ponto de poder construir-se um templo, onde o culto pudesse prestar-se a tam milagrosa imagem, com mais pompa. Mas a gruta ficou constituindo a capella lateral esquerda do templo, e ahi se venera em um nicho cavado na rocha, por debaixo do altar da Senhora, a imagem do Senhor morto. E é tam venerada esta imagem, tem nella tanta fé, que corre no povo religioso, que a gruta era muito pequena quando o Senhor alli foi depositado, ficando com as pernas encolhidas; mas alargando-se o nicho milagrosamente, com o correr do tempo, o Senhor tomou a posição natural de um morto, completamente estendido.

Ambas as imagens são muito veneradas, e tidas como milagrosas. Nas paredes do templo existem muitos quadros allusivos a milagres, especialmente succedidos a maritimos, a quem a Senhora tem apparecido no alto mar em occasião de perigo.

2.ª versão):

Os christãos que viviam nestas proximidades, quando os mouros invadiram este territorio, teriam occultado a imagem da Senhora numa gruta longe das vistas dos infieis, e nessa gruta realisariam durante quatro seculos as suas devoções, até que no reinado de Affonso Henriques, depois da tomada de Obidos e de expulsos os mouros, se teria começado a construir a capella onde se venera a Senhora dos Remedios. A pobreza dos habitantes de Peniche, nessas remotas epochas, não lhes deixaria fazer largas construcções e por isso as primeiras obras, di-lo o vulgo, se realisaram com madeiras arrojadas pelo mar ás praias que contornam a peninsula.

IV

AS ROMARIAS Á CAPELLA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

Os habitantes de algumas das aldeias ruraes do continente, proximas da peninsula de Peniche, vão annualmente passar tres dias no

sitio da Senhora dos Remedios, em cujo templo mandam cantar uma festa, empregando o resto do tempo em dançar, cantar, comer, beber e folgar: chamam a esta diversão annual—*cirio*—. O fim ostensivo é implorar a protecção da Virgem, Estrella do Mar; porém, o real é divertir e folgar tres dias, nos quaes todos vestem os seus melhores fatos e comem o melhor que podem.

Eis o *cirio* que se dirige para os Remedios: — na frente um homem a pé, lançando foguetes, logo atrás um outro montado em burro tocando gaita de fólles, e em seguida um rapaz que hontem guardava ovelhas na aldêa, transformado hoje em anjo, com azas postiças, um toucado de plumas na cabeça, vestindo saia de seda branca, sapatos vermelhos e meias abertas, talvez da irmã; este vae sempre montado numa egua branca e leva a bandeira de damasco encarnado, no centro da qual está collada a gravura que representa a Virgem.

Na frente da cavalgada e ladeando o anjo vão os mórdomos e juiz do cirio vestindo ópas vermelhas. Na retaguarda segue-se o resto do cortejo, montado melhor ou peor, mais ou menos numeroso, conforme a riqueza do povoado, e conforme correram as colheitas.

O *cirio* dá sempre, quando chega, tres voltas em torno da ermida, e quando terminam, o anjo, em frente da porta do templo, recita uns versos em honra de Nossa Senhora, a que se chama — lôa —, terminados os quaes se levanta um viva á Senhora dos Remedios.

Em seguida desfaz-se o cirio, e os romeiros vão occupar as casas de romagem. No dia seguinte canta-se a festa, musica de arraial, se ha dinheiro para isso, e a folgança do costume. No terceiro dia o cirio regressa á sua terra pela mesma fórma porque veio.

V

EPISODIO CURIOSO SUCCEDIDO A UM CIRIO

Os franceses occupavam a praça de Peniche, em 1807 ou 1808, na epocha do anno em que se faziam as romarias á Senhora dos Remedios; a vigilancia por esses tempos era grande e as sentinellas passavam cuidadosas sobre os terraplenos dos baluartes. De repente corre a noticia de que os ingleses, em grande força, se avistam ao longe e se dirigem para a Praça, de bandeira desfraldada.

Os corneteiros tocam á assembleia, os corpos das guardas fecham as portas da Praça e occupam o parapeito da cortina que as defende, as tropas formam nos seus quarteis e esperam instrucções do official superior de dia. Tomières, o commandante das forças buonapartistas, ordena um reconhecimento na esplanada da Praça, o vasto areal que liga Peniche ao continente. Começava a anoitecer, e numerosas forças saem em exploração: na sua frente lá ao longe avista-se um grande troço de cavalleiros vermelhos que avança destemido sobre a infantaria, que os espera.

Soldados atrevidos, cheios de heroicidade, os franceses não sabem

esperar; fraccionam-se, envolvem o numeroso esquadrão e tomam sem resistencia a bandeira — o pendão de damasco encarnado com a imagem dos Remedios —, aprisionando sem dar um tiro os cavalleiros inglêses — os pacificos romeiros que vestiam opas encarnadas.

D'então para cá, com o fim de evitar comicos equivocos, sempre que algum cirio numeroso se dirigia para o sitio dos Remedios, destacava dois dos seus mais garbosos cavalleiros, que vinham assegurar ao Governador da Praça as intenções pacificas dos romeiros.

Obtida a licença entravam na Praça.

Esta curiosa velharia acabou.

VI

UMA SUPERSTIÇÃO DOS MARITIMOS

Os maritimos de Peniche são excessivamente religiosos, para o que contribue o continuo perigo em que se encontram na sua luta constante com o Oceano.

Os seus padroeiros, aquelles a quem se dirigem com mais fervor e que se consideram como patronos de uma instituição de beneficencia e de soccorro mutuo denominada *Corpo Santo*, são os santos Pedro Gonçalves Telmo e Vicente Ferrer, aos quaes fazem pomposas festas annualmente. Invocam-nos nos perigos, depositam na sua intervenção para com Deus a mais completa confiança.

Todos os barcos, todos os pequenos e frageis bateis trazem comsigo uma pequena vela de cera, pintada de verde, que na occasião de tempestade acendem para que a Providencia os livre do raio e a bonança se aproxime. Esta velinha recebe tam virtuosas qualidades depois de se conservar por um pequenino espaço de tempo mettida na mão direita de São Pedro Gonçalves na occasião da festa, conservando-se acesa durante esse tempo. Pela mão do santo passam centenas de velinhas em quanto se canta a festa; e mal se acende uma, logo se apaga, sendo substituida por outra, e assim successivamente, para serem distribuidas aos mestres, aos companheiros e a quantos se aventuram ao mar, na luta pela vida.

Os antigos marinheiros chamavam *corpo santo* áquelles penachos luminosos que nas noites de trovoada, apparecem nos topos dos mastros — é a descarga lenta e continua da electricidade contraria que tende a neutralisar a das nuvens, debaixo da influencia das quaes a embarcação se encontra naquella occasião. — Esta manifestação da descarga electrica tambem se vê em identicos casos, nos cataventos, nas agulhas das torres, e até, diz-se, em campanha, nas pontas das baionetas.

Julgavam elles que era o corpo de São Pedro Gonçalves que vinha annunciar-lhes a bonança. Por esta razão e como homenagem ao seu protector deram o nome de *corpo santo* á sua mais util agremiação — a de beneficencia. — E não esperando que o meteoro electrico

venha annunciar-lhes o fim da tormenta, como se diz, levam na velinha benta pela mão do santo, e acesa em occasiões de temporal para se assemelhar ao ponto luminoso do topo dos mastros, o precioso remedio para tam afflictiva situação.

Esta instituição data do seculo XVI, mas a crença nas virtudes do santo deve ser mais antiga.

VII

DICTADO POPULAR

Como Peniche é fechada por uma cinta de muralhas, e para o exterior não póde sahir-se senão por algum dos portões, os antigos, cautelosos sempre, diziam:

Não sáias do portão
Sem dinheiro e gabão.

VIII

BENZEDURA DO QUEBRANTO

Ha ainda por aqui o costume de tirar o quebranto ás creanças: procede o quebranto, do máo olhado que lança sobre a pessoa, a quem deseja fazer maleficio, o individuo tido como affecto de bruxaria. Quem se sente desfallecido, adoentado, sem forças, e prevê que isso seja effeito do bruxedo, recorre logo a pessoa que saiba benzê-lo. A *benzedeira* (pois é sempre uma mulher que conhece estas artes) convence-se de que está a contas com um caso d'estes, fazendo o seguinte: benze, rezando o credo em cruz, um prato com agoa; depois, mergulha o dedo no azeite de uma lampada que se conserva acesa, e salpica tres vezes a agoa; se ficam olhos de azeite na agoa, não ha quebranto; se não ficam, ha quebranto, e então deita-se aquella agoa fóra e diz-se «vae para quem te deu». — E' o diabo que começa a retirar.

Em seguida a pessoa é defumada, por uma mestura de cinco grãos de trigo, erva do adro, palhas alhas e raspas de chifre.

Durante este tempo continua a ser benzida, e fazem-se umas orações, de certo para que o espirito máo largue o corpo de que se apossou.

Repete-se isto nove dias, e dizem que em cada dia mais olhos de azeite ficam na agoa, o que é bom signal; até que no ultimo dia já não desaparecem.

Tem o diabo sahido de todo, ou tem sahido o ultimo diabo, se eram muitos os atacantes.

E vá lá tirar-lhes isto da cabeça! O que ainda não pude saber

foram as rezas que se dizem durante as benzeduras; mas é provavel que não sejam differentes das que se conhecem noutros pontos do país onde este processo se adopta.

Peniche.

ANTONIO MARIA SOUTO CERVANTES.

FORMAS CONVERJENTES

O dr. Francisco Adolfo Coelho denominou em português FORMAS CONVERJENTES as diferentes evoluções que uma forma primordial adquire, produzindo vocábulos diversos, como por exemplo *regua* e *regra*, ambos procedentes do latim r e g u l a, sem adjunção de outro elemento de derivação, prefixo, infixo ou sufixo, e só pela acção de leis fonéticas distintas, exercidas em períodos diversos da evolução de uma lingua. A êste fenómeno dão os franceses o nome de *doublets*, e os alemães o de *scheideformen*. A denominação hoje mais adoptada é a de *alótropos*, que quere dizer, como é sabido, «varios, mudáveis», e neste sentido particular, «que tomam direcções diversas».

Assim como de um só vocábulo provém mais de um, por efeito de leis fonéticas diferentes, que nele operaram; do mesmo modo, de duas ou mais dições distintas pode resultar um vocábulo só, em que se compendiem, se reúnam, os significados de todas, porque a operação de leis fonéticas as reduziu a um único produto, identidade consecuente de forma em uma dada lingua, ou em mais, comparadas entre si. Vou referir-me aqui sómente á primeira destas hipóteses, exemplificando-a com o português. A palavra *fiar* compreende os significados das duas latinas f i d a r e e f i l a r e, e a homonimia é devida, não a processo psicolójico, a evolução de significado, mas à operação de uma lei fonética, fisiolójica portanto, a bem dizer mecânica, a queda normal de *d* ou *l* na posição fraca, isto é, entre vogais, em português, que é uma das caracteristicas que o diferença, com relação ao latim e a outros idiomas dêste derivados. Outros exemplos do efeito dessas leis fonéticas são: *se*, correspondendo ao latim s i e s e; *prego* de p l i c o e p r a e d i c o; e não já em vocábulos distintos, mas em formas diversas do mesmo vocábulo, *só* de s o l u m e s o l a m, *amava* de a m a b a m e a m a b a t, etc.

Alguns dêsses homónimos diferença-os a ortografia usual, com melhores ou peores fundamentos, como *vale* e *valle*, *pena* e *penna*, *retrato* e *retracto*, *cear* e *ciar*, *soar* e *suar*, *pus* e *puz*; outros não os diferença, devendo fazê-lo, como *concertar*, conexo com *certo*, e *concertar* = «compor» (melhor *consertar*, de c o n s e r t u s, part. pretérito passivo

de conserere); outros, concuanto homónimos na lingua literaria, não o são em alguns dialectos, como *lenho* e *lanho*, *tacha* e *taxa*, *nós* e *noz*, *passo* e *paço*, *osso* e *ouço*, *cozer* de coquere por coquere, e *coser* de consuere, e a ortografia usual avisadamente os conserva distintos.

Nenhuma lingua europeia mais do que a francesa falada apresenta dêsses homónimos; bastará citar as formas *sã* (escrita *sans*, *sang*, *sent*, *cent*), e *sẽ* (*sain*, *saint*, *sein*, *seing*, *ceint*, *cinq*): dez vocábulos reduzidos a dois.

E' no sentido de conservar distintas pe'la escrita formas que unificou a pronuncia, que se diz serem as ortografias etimolójicas essencialmente conservadoras das linguas literarias; e é facto que, pe'lo menos nas pessoas que possúem conhecimentos literarios, essas ortografias exercem certa influencia impeditiva de alterações extremas nos vocábulos.

Cuando esse criterio desaparece, ou cuando uma lingua teve larga cultura literaria antes que ele se manifestasse, o imperio das leis fonéticas determina empobrecimento no vocabulário, pela produção de muitos homónimos, e alterações fundamentais na gramática pe'la confusão das formas anteriormente diversas de um mesmo vocábulo radical. No primeiro caso temos homonimia no léxico, no segundo homonimia na morfolojia da lingua, e esta última tende a imprimir-lhe carácter diferente.

Damos a êstes fenómenos de unificação o nome de FORMAS CONVERJENTES, chamando assim àquelas que resultam de duas ou mais orijinarias. Vê-se que êste processo é o contrario do que primeiro indicámos — o de FORMAS DIVERJENTES ou ALÓTROPOS, o cual é um meio eficaz de uma lingua se enriquecer, ao passo que o outro determina a sua depauperação, como dissemos.

Este fenómeno tem sido menos examinado que o outro, e por isso lhe irei consagrando de hoje em deante nesta Revista algumas pájinas, convidando os que entre nós se ocupam a serio em estudar a lingua patria a contribuirem com o seu valioso auxilio para o inventario de tais formas, o cual me parece de sumo interêsse.

Começarei já aqui pelo exame de uma palavra muito comum, os vocábulos *fêvera* ou *febra*, tidos por idénticos.

Do mesmo modo que dois ou mais vocábulos ou formas distintas podem, como vimos, pela operação de leis fonéticas, adquirir na passajem de uma a outra lingua, ou dentro da mesma lingua, uma forma única, na cual se resumam os significados de todos eles; assim também, de dois ou mais vocábulos, procedendo de linguas diferentes, pode resultar um que compreenda as significações daqueles de que provém, figurando falsamente essa operação fonética como um produto puramente psicolójico, a evolução do significado primitivo de um deles, que se chama ACEPÇÕES DIVERSAS de um vocábulo.

Nestas circunstancias creio eu que está o que acima citei: *fêvera* ou *febra*, ao cual atribúo étimos distintos, conforme os seus dois principais significados.

Bluteau dá-lhe a seguinte serie de significações: «FEVERA, Fèvera ou Fevara, ou (como dizem os Cultos) *Fibra*. As feveras são como huns fios de carne, que se achão nas extremidades do figado, dos bofes, etc. *Fibra, æ*, Fem. *Cic.*

Feveras do açafrão... de algumas raizes que tem fibras diz Plinio...

Homem de fevera: Vid. Alentado. Valente.

Fevera, ou carne de fevera, he carne sem osso nem gordura. *Pulpa, æ*, Fem. *Pers.*»

À falta de melhor poderia talvez, com grande violencia, deduzir-se do primeiro o último dêstes significados, supondo-o uma ampliação particular de sentido, como o são os intermedios. Assim teem feito todos os etimólogos que dêste vocábulo se ocuparam, que eu saiba.

O dr. F. Ad. Coelho, no seu «Diccionario Manual Etymologico da lingua portugueza» diz o seguinte:

«Febra, fèbra; a parte musculosa dos vertebrados comestiveis. V. Fibra. Nome de diversos filamentos vegetaes. Filamento textil. Nervo, força, valor. (Lat. *fibra*)».

O «Diccionario Contemporaneo da lingua portugueza» (Lisboa 1881), que dá, além de *fibra*, três formas *fèvera, fevra, febra*, referidas a esta última as outras duas, atribui também a todas a etimolojía latina fibra.

A última significação de Bluteau é ai dada como 2.ª, e pelo dr. A. Coelho como 1.ª. Diez (Etym. Wörterbuch der Romanischen Sprachen) não traz êste último significado, e dá como étimo de *febra*, igualmente o latim fibra. Körting («Lateinisch-Romanisches Wörterbuch, n.º 3221»), que representa a última palavra sobre etimolojía románica, faz o mesmo, e é provável que a ambos passasse despercebida a definição especial que Bluteau dá como última.

João de Sousa omite o vocábulo *febra* nos «Vestigios da lingoa arabica em Portugal», e é portanto de presumir que lhe atribuisse também orijem latina.

Outro tanto podemos dizer de Dozy e Engelmann («Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'Arabe»), concuanto o primeiro dêstes orientalistas faça em outra obra [1] menção do vocábulo arábico de que me vou ocupar; vê-se porém que o não considerou representado na Peninsula Hispánica.

O sr. Eguílaz Yanguas também o não menciona no seu «Glosario Etimológico de palabras españolas......... de origen oriental», e é mesmo de supor que o arabista hispanhol desconheça o significado especial do vocábulo em português, lingua que, com as mais da Peninsula, foi incluida no Glosario.

O latim fibra, pois, tem sido para todos os etimólogos a orijem do português *febra*, em todas as suas acepções: a conclusão seria le-

[1] Citada pelo sr. Almqvist na memoria a que vou já referir-me.

jitima até facto positivo que a invalidasse; agora, porém, creio poder demonstrar que já o não é.

Convenci-me disto ao ler, com toda a atenção que merece, um excelente trabalho apresentado pelo sr. Hermano Almqvist ao Congresso dos Orientalistas, celebrado em Stocolmo e Cristiania no anno de 1889. Esse trabalho vem publicado no I fascículo dos do referido Congresso, que contém a Secção Semítica, pouco há distribuído aos membros e aderentes dêsse Congresso. Intitula-se esta importante memoria: «Kleine Beiträge zur Lexikographie des Vulgärarabischen», «Pequenos subsidios para a lexicografia do árabe vulgar», título em demasia modesto, se o compararmos á grande valia dêsse estudo escrupulosíssimo e minucioso, resultado de observações directas do seu autor, feitas durante uma residencia de trinta meses na Siria, Ejipto, Nubia e Sudão, como no-lo diz em um breve prefacio.

A páj. 371 e 372 do fascículo mencionado, no cual a dita memoria ocupa de p. 260 a 469, veem dois artigos, subordinados á epígrafe *Speisen*, «Comidas», e intitulados *'ĕras habra* e *habra mamdûda*, denominações vulgares de guisados ali usuais. Em ambos o vocábulo *habra* é definido como significando «carne sem osso nem gordura». *Das fett- und knochenfreie Fleisch... Viande sans os... Viande sans graisse.*

Cherbonneau no seu Dicionário Arábico francês (Paris 1876) diz a páj. 1302: «*hebar*, chair. Pulpe des fruits», e deriva o vocábulo do verbo *habar*, «amputer», acrescentando outro verbo derivado *ahabar*, «être bien en chair». Conclúo que ele atribui aos caracteres arábicos do substantivo indicado, e de que não dá os pontos vogais, a pronuncia *hebar*, porque no seu Dicionario Francês-arábico encontro: «Pulpe, s. f. des fruits», depois o vocábulo indicado expresso em caracteres arábicos, também sem vogais, e a sua transcrição em letra itálica *hebar*.

Em um léxico hebraico-inglês vejo *häbar*, dado como vocábulo arábico, com a significação de «that which cuts».

Vê-se pois que é êste um termo de carniceria e deles ocorrem-me de orijem arábica evidente os seguintes em português: *açougue, alcatra, magarefe, rez.*

A definição pois do vocábulo *habar, hebar, habra, hebra* [1], conforme as pronunciações, dada pelo sr. Almqvist concorda em absoluto com a aduzida por Bluteau, e tal significação continúa a ser, pelo menos no sul do reino, e em parte do dominio trasmontano, senão em todo, usualissima, com a pronunciação mais comum *febra*, como a traz o Dicc. do dr. A. Coelho já citado.

O autor da Memoria, alegando autoridades, apresenta-nos também a forma *'habra*, isto é, com ح em vez de ه *(h)* inicial, o que em nada

1 Sôbre e correspondendo na Peninsula Hispánica ao fat'ha *(a... e)*, seguido ou não de ا, veja-se «Dozy et Engelmann, Gloss. des mots espagn. et portug. dérivés de l'Arabe», p. 26 e 27.

influi na nossa inquirição. Com efeito, quer a palavra comece por uma, quer por outra destas consoantes, o facto é, que nos vocábulos que do árabe passaram ao português por mera audição o *f* é o representante de cualquer dêsses sons e também do خ, se o vocábulo foi introduzido no tempo do dominio, ou permanencia de mouros na Península, sendo esta uma das caracteristicas de que cualquer palavra árabe pertence a essa primeira importação, tanto em Portugal, como em Hispanha, onde em castelhano esse *f* e o proveniente do *f* árabe (ف) seguiu o *f* latino inicial na permutação para *h*, ainda pronunciado na Andaluzia, mas nulo hoje no castelhano do resto da Hispanha.

Digo ser essa uma das características dos vocábulos arábicos pertencentes ao fundo das linguas románicas de Hispanha, a que chamarei de primeira formação, popular ou espontanea. Há de haver outras caracteristicas fonéticas, e ao depois procurarei determiná-las, pois me parece ser êste o trabalho jeral que há a fazer com relação a vocábulos hispánicos de tal proveniencia, os cuais podem dividir-se em tres periodos:

1.º Popular. Abranje os que o povo, desde o 8.º até o 14.º século, aprendeu de os ouvir á numerosa população mourisca, que habitava na Peninsula; esses constitúem parte essencial do vocabulario peninsular; tais são cuási todos os que começam por *al* ou *a*, representativos do artigo arábico, os nomes de terras e outros proprios.

2.º Literario. Compreende as palavras que os nossos escritores e os hispanhoes, que sabiam melhor ou peor o árabe, introduziram nas linguas hispánicas, empregando transcrição consciente, ou das suas letras, ou dos vocábulos conforme os ouvíam proferir; taes são *xarife*, *turjimão*, etc.

3.º Estranjeiro. O árabe é totalmente ignorado, e os vocábulos entram por vias indirectas, com as transcrições estranjeiras, já caprichosas, já cientificas, das linguas donde são recebidos imediatamente. Nesta última categoría estão incluídos vocábulos como *sofá*, *almeia*, etc.

Voltando ao nosso tema, devo ainda dizer que a palavra *febra*, com o significado que tem o árabe *ẖebra*, *ẖabra* ou *ẖabar*, só existe em português, sendo alheia aos outros idiomas románicos. O castelhano *hebra*, antigo *febra*, sómente compreende as três primeiras acepções dadas por Bluteau, as cuais todas procedem do latim fibra; assim diz-se, por exemplo, *tabaco en hebra*, «tabaco em fio»; e dêste vocábulo se deriva o verbo *enhebrar*, significando «enfiar».

Direi mais que parece ter-se dado confusão entre os dois vocábulos *fêvera*, de fibra e *febra* de *ẖabra* ou *ẖebra* arábico, homonimia que é naturalmente moderna, e que poderia evitar-se, reservando-se esta última fórma, que a pronunciação do sul favorece, únicamente para o último significado, que coincide com o do vocábulo arábico, morfolójica e ideolójicamente.

Assim, parece-me que nos nossos dicionarios devem fazer-se as seguintes correcções:

febra (V. fêvera): carne limpa de osso e gordura, para alimento [árabe *habra* ou *hebra*, ainda hoje de uso jeral nos países de lingua arábica, e que deve ter passado ao português nos tempos da dominação maometana, como o indica a mudança de *h* para *f*. (Cf. «refem» de *rehen*).

. . . .

fêvera (ou *febra*, com o cual se confundiu, e de que deve diferençar-se); nome de diversos filamentos vejetais; filamento téxtil, etc. [Cf. o castelhano antigo *febra*, moderno *hebra*, «fio». Do latim fibra, por mudança de ĭ em *ê* (cf. *cedo* de cito), de *b* em *v*. (cf. *livro* de librum), e intercalação de *e* átono desunindo as duas consoantes consecutivas (cf. *fevereiro* de februarium)].

24-2-92.

A. R. Gonçalves Vianna.

A pag. 316, linha 7-8, em vez de «denominou em português FORMAS CONVERJENTES», deve ler-se «denominou em português FORMAS DIVERJENTES».

CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Dos tres contos que seguem, os n.os I e III provém de uma velhinha natural de um logar na margem sul do Tejo, fronteiro a Lisboa, mas foi sua neta, uma gentil e intelligente rapariga, hoje infelizmente fallecida, quem no-los recitou. As expressões foram reproduzidas com fidelidade estenographica; se porém a transcripção poude conservar o estylo da eximia narradora, o que não póde, a nosso pezar, é fazer justiça á intonação d'encantadora vivacidade com que a desditosa mocinha sabia communicar uma graça fascinante ás suas singelas narrativas.

O n.º III deriva de um homem de Villa-Franca-de-Xira, margem norte do Tejo. A phraseologia original, não poude, por varios motivos, ser conservada.

O n.º I e o n.º III são typos pouco vulgares, que por essa razão nos parece merecerem a honra da publicidade. O n.º II pertence a familia numerosa e conhecida; o valor da versão presente consiste em ser ella um especimen de narrativa folklorica, perfeito em todos os sentidos.

I

A AMA DO PADRE

«Era uma vez uma mulher que vivia com um padre e tinha duas filhas mulheres, mas eram do primeiro marido, porque ella era viuva. Vai um dia a mulher teve suas zangas com uma vizinha, aonde a vizinha lhe disse: «Vá-se d'ahi, sua mula do diabo.» — Ficou a mulher muito pasmada de lhe terem chamado semelhante nome, e quando o padre veio para casa perguntou-lhe o que é que a outra queria dizer com aquillo. Disse-lhe o padre: «Então tu não sabes que toda a mulher que vive com um padre, com'a ti, que vem, depois de morrer, a ser mula do diabo?» Ficou a mulher muito pesarosa e não quis viver mais naquelle peccado e disse ás filhas que se tirassem tambem de casa do padre e que fossem para alguma casa servir, que ella que ia para Roma tratar da sua salvação. Disse o padre, que era má pessoa e não tinha mesmo consciencia nenhuma: «Ella há-de se salvar tanto como aquelle gallinheiro se há-de encher de flores;» mas era um vão d'escada onde recolhiam as gallinhas e estava muito sujo do estrume d'ellas. Foi-se a mulher para Roma, e, mal ella voltou costas, a filha mais velha metteu-se com o padre, e a mais nova teve de ficar por creada.

Bem, agora deixemos as filhas e vamos ver o que aconteceu á mãe depois de chegar a Roma. Como chegasse a Roma, foi-se confessar ao Padre Santo do seu peccado, e o P. S. disse-lhe que não podia ser absolvida nem se salvaria emquanto não cumprisse a penitencia que elle lhe havia de dar; que em tal sitio que havia um rapaz que estava para morrer, mas que não podia ter descanso na sepultura nem a alma d'elle podia ir para o ceu emquanto certa rapariga a quem elle tinha levantado um falso testemunho lhe não perdoasse, e que elle depois de enterrado todos os dias se havia de alevantar da sepultura para que lhe perdoassem, mas a rapariga que não queria de maneira nenhuma e que era preciso que ella a levasse para ao pé d'elle para ella alli lhe perdoar, e disse mais o P. S. á mulher que por penitencia lhe dava que fosse ella fazer com que a tal rapariga fizesse isso, e que só assim é que ella se salvaria a si.

Vai a mulher foi caminhando para o sitio que o P. S. lhe disse, e quando lá chegou era noite, e foi bater a uma porta a pedir agasalho. Os da casa disseram-lhe que não tinham logar, mas depois disseram assim: «Olhe, vá vm. acolá defronte, que mora alli uma rapariga sózinha que há mais d'um anno que não sae de casa nem recebe pessoa nenhuma, por causa d'um testemunho que lhe alevantaram, mas como vm. é mulher, talvez que ella a deixe entrar.» — Foi a mulher bater á tal porta, pois quando lhe disseram aquillo, logo se alembrou que seria a mesma rapariga de que o P. S. lhe fallára. Chegou ella á janella e disse que não deixava entrar ninguem, mas a mu-

lher pediu muito e disse: «Ora tenha dó de mim, menina, que sou uma pobrezinha de Christo, estrangeira nesta terra e não tenho onde me abrigue; deixe-me arrecolher-me pelo divino amor de Deus.» Tanto pediu que por fim a rapariga disse-lhe: «Então veja lá se vai passando alguem,» e como a mulher lhe respondesse que nem viv'alma, abriu-lhe a porta e a mulher entrou. Entrou a mulherzinha, e a rapariga disse-lhe assim, diz: «Isto é um grande favor que lh'eu faço porque há um anno que eu não deixo entrar ninguem nem vou a banda nenhuma por via d'um falso testemunho que me alevantou um rapaz cá da terra, que era o meu namorado.» Elle agora está para morrer e não póde, e querem por força que eu lhe vá perdoar, mas eu não quero e é por isso que não abro a porta a ninguem para que não me venham pedir por elle, mas vm. como é estrangeira póde ficar.»

Ficou a mulher oito dias com a rapariga e crearam muita amizade uma á outra e a rapariga tratava a mulher por mãe e ella tratava-a por filha. Passados os oito dias diz a mulher assim para a rapariga: «O' filha, agora queria que me deixasses sahir para ir á missa.» Mas ella o que queria era ir saber noticias do rapaz que estava a morrer. Quando chegou lá, disseram-lhe que elle que já tinha morrido e iam-no enterrar naquelle dia mesmo, e depois a mulher acompanhou o defunto para a igreja e viu o sitio onde o enterraram com uma pedra por cima (porque naquelle tempo era costume enterrar-se a gente dentro das igrejas). Vai a mulherzinha ficou muito afflicta e disse assim, diz: «Valha-me Deus, como heide eu agora arranjar isto? não tenho remedio senão traze-la para ao pé da sepultura... Mas se ella não quer sahir de casa! Só se a trouxer enganada.» Foi o que fez. Quando chegou a casa pega assim para a rapariga: «O' minha rica filha, tenho um favor muito grande a pedir-te.» — «O que é, minha mãe, diga lá.» — «E' que amanhã há uma festa muito linda na igreja e queria que tu me acompanhasses.» — «Ai, isso é que não, minha mãe; isso é que não; tudo lhe farei menos isso. Com que cara me havia de eu apresentar ao povo d'esta terra depois do testemunho que me alevantaram?» — «Não seja essa a duvida, respondeu a mulher, que eu compro-te primeiro um veu preto muito tapado e muito grande, que te cobrirá toda e ninguem na igreja te conhecerá.»

Ao final a mulher tanto disse que a rapariga consentiu e lá foi toda embrulhada no veu para a igreja com ella. Quando lá chegaram já lá estava muito povo e a mulher, que sabia onde é que estava enterrado o rapaz, foi-se pôr com ella mesmo ao pé da sepultura. Vai, ia o padre a subir para o pulpito, levanta-se aquella lage e sae lá de dentro aquella alma toda amortalhada e diz assim em altos gritos: «Perdoa-me Maria, que eu levantei-te um falso testemunho e não posso ir para o ceu emquanto não me tiveres perdoado.» Mas a rapariga respondeu-lhe: «Não perdôo!» e voltou-se para a mulher e disse: «Então foi para isto que vm. me trouxe aqui?» — «Foi sim, filha, e

é a tua obrigação perdoar.» — A alma, então, tornou a gritar segunda vez: «Perdoa-me, Maria!» E ella: «Não perdôo!» — E a alma gritou pela terceira vez: «Perdoa-me, Maria!» — «Não perdôo!» Vai então o padre desceu do pulpito e foi ter com a rapariga aonde ella estava e disse-lhe que devia perdoar e que era muito mal feito deixar andar a penar aquella pobre alma que tão arrependida estava; e tanto fez que ella por fim disse para a alma: «Pois bem, estás perdoado.» Então a alma sumiu-se pelo chão abaixo e a lage tornou a vir ao seu logar e o padre prègou o sermão e acabou-se a missa e retiraram-se todos.

Quando as duas chegaram a casa, a rapariga ralhou muito com a mulher por ella lhe ter feito aquella traição, mas ella disse-lhe assim: «Olha, filha, tu até devias de me agradecer; pois tu não vês que era uma coisa muito feia não perdoares áquella pobre alminha? e até foi muito melhor par ti porque agora, como todo o povo ouviu que aquillo era um falso testemunho que o teu namorado te tinha alevantado, escusas já de te envergonhares de sahir para a rua e ficas livre como d'antes. Demais a mais eu não podia deixar de fazer o que fiz, porque foi o P. S. que m'o mandou e se o não fizesse não me salvava a mim.» E ao depois contou-lhe a sua vida toda e despediu-se d'ella e foi para a sua terra á procura das filhas.

Quando chegou perto da terra principiou a perguntar a uns e a outros se não lhe saberiam dizer onde é que estariam a servir duas raparigas assim e assim, porque pensava que ellas tinham seguido o conselho d'ella e que estariam a servir por aquelles arredores. Todos lhe respondiam: «Nada, não senhora; por aqui não há nenhumas raparigas como vm. diz.» Foi andando e chegou á terra mesma onde morava o padre, e lá tornou a perguntar por ellas. Responderam-lhe: «A servir não estão por estes sitios nenhumas raparigas como essas que vm. procura; o que estão são duas irmãs em casa do prior, uma que vive com elle e a outra que está por creada.»

A mulherzinha ficou muito triste d'ouvir tal coisa e foi bater á porta do padre. Quem veio abrir foi a filha mais nova, e a mãe logo a conhecêu, mas ella é que não conheceu a mãe. Vai a filha foi ter com a irmã mais velha que estava por dona da casa e disse-lhe que estava alli uma pobrezinha e se ella lhe queria dar alguma esmola. A irmã disse: «Manda-a embora, eu cá não tenho nada para dar a pobres.» Mas a outra, como tinha muito bom coração, disse assim para a pobre: «Olhe, a minha irmã diz que se vá embora, mas esconda-se vm. acolá na casa das gallinhas, que eu ao depois lhe trarei o que puder.» (Isto sempre sem a conhecer, já se sabe). A mulher assim fez e á hora do jantar a filha mais nova o que havia de ser o seu quinhão trouxe-o a ella.

Depois de comer diz a mãe assim: «Agora o que eu queria era que a menina me deixasse ficar aqui de noite, que eu não tenho para onde ir.» E a rapariga disse-lhe: «Pois sim; deixe-se ahi ficar que eu á noite lhe virei fazer companhia.» Disse ella isto e a mulher fi

cou escondida no gallinheiro que era debaixo da escada e estava muito sujo da porcaria das gallinhas, e de noite a filha mais nova em vez de se ir deitar veio fazer-lhe companhia.

Pela noite adeante principiam os sinos todos a tocar. Acorda o padre e diz assim para a mulher: «O' mulher, o que é isto que estão os sinos a tocar a estas horas?... Olha os da minha freguesia tambem! Deixa-me lá ir vêr o que isto é!» — Pega em si e vai a correr para a porta e a mulher atrás d'elle, mas quando chegou á escada já não poude romper para deante, que a escada tudo era estrellas e um clarão que cegava a gente, e depois quando chegou aonde era o gallinheiro sahia de lá uma luz muito clara que parecia a luz do sol, e por dentro estava tudo cheio de estrellas e no meio estava deitada a mãe e a filha, todas cobertas de flores. Então o padre conheceu a mulher, e a rapariga conheceu que era sua mãe, e o padre lembrou-se d'aquella palavra que tinha dito, e ambos elles cahiram em si e arrépenderam-se. Levaram d'alli por deante uma vida santa e as suas almas foram salvas.»

Observação. — O unico parallelo que conheço d'este conto foi publicado na collecção dinamarquesa de Gruntvig sob o titulo «Peccado e Castigo». O confronto d'esta versão com a nossa é curiosissimo, pela arte com que a acção, toda baseada sobre circumstancias possiveis unicamente num meio catholico, foi pelos adaptadores protestantes transportada para o seu. O padre do conto português transforma-se na versão dinamarquesa em pregador lutherano, a concubina portanto em esposa legitima; conseguintemente desapparece o peccado, tão naturalmente motivado na simples relação dos dois personagens, tendo de ser substituido por outro, com que a capacidade ecclesiastica do marido nada tem que ver. O facto d'esta ultima feição se ter conservado, a despeito da sua inutilidade, prova ser ella, como aliás é facil de perceber, a base fundamental do conto, e prova ao mesmo tempo ser a versão dinamarquesa a mais moderna das duas.

A penitencia não póde, na narração protestantizada, ser dictada pelo Padre Santo, mas, ainda que diversa e muito mais terrivel que na portuguesa, a circumstancia da heroina a soffrer tambem numa igreja, e demais a mais por ministerio de espectros, fórma um ponto de contacto para as duas. O remate é egual, com pequena differença.

II

O CAPITÃO DE LADRÕES

«Havia uma parteira que vivia com uma filha que tinha, e uma noite teve de ir a casa de uma freguesa, e disse assim para a filha: «O' filha, olha que eu esta noite tenho de te deixar sózinha em casa.» — «Pois sim, minha mãe; se vm. me der licença, chego alli a casa da vizinha

fulana a ver se a filha d'ella me quer vir fazer companhia.» — «Pois sim,» disse a mãe e sahiu. A filha deu uma corrida a casa da vizinha, e como era muito pertinho, deixou a porta aberta. Naquelle comenos entra um ladrão e esconde-se debaixo da cama da parteira. Era o capitão d'uma «códrilha» que, como a parteira tinha fama de rica, e como sabiam que ella ficava aquella noite fóra, tinham combinado para assaltar a casa e estavam escondidos alli ao pé.

D'alli a nada chega a rapariga com a filha da vizinha e principia uma assim para a outra: «O' Maria, em que é que a gente se hade entreter esta noite?» — «Olha, vamos assar castanhas e beber vinho. Vai alli debaixo da cama da minha mãe que está lá um cesto com castanhas.» — Foi a filha da vizinha buscar as castanhas emquanto a outra accendia o lume, mas quando peitou o ladrão escondido debaixo da cama, teve um grande susto e fugiu pela porta fora sem dar cavaco do que tinha visto.

D'alli a nada diz a filha da parteira: «Então, ó fulana, vens d'ahi com essas castanhas ou não?» Como a outra não respondesse, voltou-se e não a viu. «Ora esta, querem ver que aquella grande tola voltou para casa da mãe sem me dizer nada. Deixá-la. Vou assar as castanhas para mim só.» — Vai ella, pega em si e foi para tirar o cesto das castanhas debaixo da cama aonde viu lá o ladrão. «Olá, pois vm. está ahi? Saia d'ahi, homem, não tenha medo; já que aquella grande tola fugiu, venha você fazer-me companhia, comer castanhas e beber vinho commigo.» — O ladrão cahiu na esparrella e sahiu para fora. A rapariga diz-lhe assim: «Sente-se vm. ahi ao pé do lume emquanto eu vou buscar o vinho,» e o ladrão assim fez. Vai a rapariga, que era esperta, enche uma borracha de vinho e outra de agua, e depois deu-lhe a elle a do vinho e ficou com a da agua para si e disse-lhe: «Vm. vai dar cabo d'esta e eu d'esta.» — Depois sentaram-se os dois muito bem a conversar e a assar castanhas, e o ladrão dizia de vez em quando para ella: «Então vm. não bebe?» — «Eu bebo, então vm. não vê?» dizia-lhe ella e deitava á boca a borracha da agua emquanto elle ia bebendo o vinho. Bebeu, bebeu, até que ao final já estava todo emborrachado e adormeceu e cahiu do banco abaixo. Vai a rapariga, logo que o viu a dormir, pega em si, vai buscar uma esteira grande e principia a cozê-lo a barbante todo muito bem cozidinho dentro da esteira, de maneira que depois de prompto parecia um colchão enrolado. Depois pega nelle, arrasta-o até á janella e zás, atira com elle á rua.

Lá fora estavam os outros ladrões da quadrilha á espera, e quando viram vir aquelle fardo aos trambolhões por alli abaixo, julgaram que era coisa que o capitão já tivesse roubado, carregaram com elle ás costas e deitaram a fugir.

Passadas muitas horas principia elle a mexer-se e os ladrões que o levavam deram um grande grito: «Ai, que parece que vai coisa viva dentro!» E atiraram com elle ao chão. Depois foram a ver o que seria aquillo e deram com o seu capitão. Ficaram muito pasmados e

o capitão muito desesperado de lhe terem pregado aquella peça e disse assim: «Descanso não tenha eu emquanto me não vingar d'aquella atrevida que me logrou a mim e a vocês!»

Muito bem; agora vamos a ver o que fez o capitão dos ladrões para se vingar da filha da parteira.

Esperou pela terça feira, vestiu-se muito bem, que parecia mesmo um fidalgo, pegou em si, embarcou para Lisboa e foi á feira da ladra, acompanhado por um dos ladrões que ia fingindo de creado. Quando chegaram ao Campo de Sant'Anna já lá estava muita gente e depois elle chega ao pé d'um adello e diz assim: «Vm. tem algum fato para cocheiro?» — «Sim senhor, meu fidalgo; prompto.» — «Quanto é?» — «E' tanto.» Depois diz o capitão de ladrões assim para o outro ladrão: «Toma lá, fulano, vai pôr este fato no trem que eu já lá vou ter.» O ladrão que fingia de creado pegou no fato e foi-se embora, e depois elle, apanhando o adello desapercebido, escondeu-se por entre o povo e desappareceu. Depois lá mais adeante, ajuntou-se com o companheiro que estava á espera d'elle, já vestido com o fato de cocheiro e foram os dois para uma feira onde se vendiam cavallos e trens. Chegou-se a um dos que lá estavam a vender e disse-lhe assim: «Vm. dá licença que o meu cocheiro experimente estes cavallos?» — Ora essa, meu fidalgo! — Vai o ladrão vestido de cocheiro saltou para a almofada, deu umas poucas de voltas á roda da feira, cada vez mais depressa, e depois metteu o trem por uma ladeira abaixo que até as pedras feriam fogo. «Basta, basta,» gritava-lhe o dono dos cavallos, e o capitão tambem lhe gritava: «Basta, fulano, volta para trás!» — Mas elle voltou lá? Isso sim! Nem o viam já. — «Ora espere um pouco que eu vou atrás do meu creado, que os cavallos são fogosos e estou com cuidado o rapaz não faça alguma asneira.» Disse isto o capitão dos ladrões e deitou a correr por alli fora para a mesma banda onde o outro se tinha sumido com o trem, e depois ajuntaram-se no sitio combinado e foram-se muito contentes da sua vida.

Bem; agora vamos a ver o que elle fez depois d'isto.

No outro dia pega em si, veste-se muito bem vestido, mette-se no trem e foi passar por deante da casa da parteira.

A rapariga, que calhou chegar á janella naquella occasião, logo o conheceu e disse: «Ai minha mãe, que acolá vai o ladrão!» — «Vai agora, tola, não vês que é um fidalgo?» — «Não é, minha mãe; é o ladrão, que eu bem o conheci.» — A mãe não quis acreditar. No outro dia, a mesma coisa. No outro, tambem. Todos os dias passava aquelle fidalgo e bem se via que o que elle queria era namorar a filha da parteira.

A mãe, já toda vaidosa de ver que o fidalgo gostava da filha, não fazia senão dizer-lhe: «Anda, não sejas tola, olha para elle,» e a rapariga: «Não quero, minha mãe, não quero, que elle é o ladrão e não anda aqui por boa.» — «Calla a boca, rapariga, não digas tontices, que nos podes metter a ambas na cadeia! Chamar agora ladrão a um fidalgo d'aquelles!» E a rapariga cada vez mais teimosa que era o

ladrão. Ao final, um dia o ladrão vai, bateu á porta da parteira e pediu-lhe a filha em casamento. A rapariga, quando tal ouviu, não queria nem que a matassem, mas a mãe, como levava muito em gosto aquelle casamento, tanto disse e tanto fez que por fim a rapariga não teve remedio senão dizer que sim mesmo «escontra» a sua vontade.

Bem; ajustou-se o casamento. No dia marcado veio o noivo e depois de voltarem da egreja disse para a noiva que se mettesse no trem, que iam agora para casa d'elle.

A rapariga despediu-se da mãe muito triste e com muito medo, porque ella bem sabia que elle que era o ladrão (e só obrigada é que tinha casado com elle), e mais medo teve ainda quando viu que a levavam para um sitio muito deserto e que ella nunca tinha visto. Andaram muitas horas, muitas, muitas, e ao final metteram-se por uns pinhaes muito fechados e parecia que o caminho não tinha fim.

«Então ainda é muito longe?» dizia ella. «E' logo alli adeante,» respondia elle, e de cada vez entravam mais pelo pinhal dentro. Ao final chegaram a uma aberta no meio do matto e diz elle assim: «E' aqui mesmo; apeia-te.» Mas não se via casa nenhuma nem ao longe nem ao perto. A rapariga apeou-se e logo alli appareceram os ladrões todos da quadrilha que tinham estado escondidos por detrás das arvores, e depois o capitão (que era o marido da rapariga, já se sabe) disse assim para elles: «Dêem-me os parabens, rapazes, que aqui lhes trago por fim a atrevida que nos embaçou a todos nós; agora amarrem-m'a ahi a essa arvore!» — Os ladrões deitaram-se a ella e prenderam-na com cordas ao tronco d'um pinheiro.

Prenderam-na com cordas ao tronco d'um pinheiro e depois d'ella presa diz o capitão assim para um d'elles: «Agora tu ficas ahi de guarda a ella e toma cuidado ella não se solte, senão respondes-me com a vida; vocês, rapazes, venham commigo, vamos apanhar lenha e armar uma fogueira para queimar essa patifa.»

A pobre da rapariga, mal ouviu isto, cahiu-lhe o coração aos pés; principiou a puxar pelas cordas, mas quem diz lá? nem um dedinho ella conseguiu soltar. Depois quando se viu só com o ladrão que tinha ficado de guarda a ella, principiou-lhe a dizer assim: «Tenha dó de mim, senhor; não me queira ver queimada em vida! Solte-me estes nós e deixe-me fugir antes que elles voltem para me matar!» — Aquelle ladrão era de todos elles o unico que tinha bom coração; era um rapaz novo que não estava alli por sua vontade, mas só por fazer companhia ao pae que tambem era ladrão.

Como elle pois tivesse bom coração, teve dó da rapariga e queria salvá-la, mas ao mesmo tempo estava-se lembrando do que lhe disséra o capitão que o matava se ella fugisse. Vai elle diz assim para a rapariga: «Eu soltava-a, mas ao depois o que há-de ser de mim? Vm. bem ouviu o que o capitão disse, que me matava se vm. fugisse.» — «Ora tenha dó; veja se idéa alguma maneira de me livrar sem que lhe façam mal a vm.». — O rapaz poz-se a scismar um pouco

e depois disse assim: «Olhe, sabe o que me alembra? Eu vou desatál-a e depois vm. morde-me muito pelos braços e pelas costas, mas há-de-me ferrar os dentes sem dó para que deite bastante sangue, que eu depois me saberei desculpar; faça de conta que está mordendo numa coisa que não sente.» — A rapariga assim fez: o ladrão soltou-a e vae ella ferrou-lhe muitas dentadas pelos braços e pelo pescoço que o deixou todo alagado em sangue, e depois agradeceu-lhe e abalou.

Abalou e d'alli a pouco voltou o capitão com os ladrões que traziam a lenha para a fogueira, e como não visse a rapariga gritou: «Qu'é d'ella, aquella grandissima atrevida? Tu deixaste-a fugir?» — O ladrão que tinha ficado de guarda, depois da rapariga fugir tinha-se deitado no chão para fingir que estava muito mal e disse com uma voz muito afflicta: «O' senhor, deixe-me! Aquillo não era rapariga, era o diabo em pessoa que você me deu a guardar; mal vocês voltaram costas, arrebentou as cordas, nem eu sei como, deitou-se a mim como uma fera, poz-me no estado que vv. vêem e abalou; olhem para isto, olhem.» —Diz o capitão: «O que te vale é eu ver-te assim a escorrer em sangue, que senão tirava-te a vida. Mas como eu já sei que casta de bicha aquillo é, quero-me crer no que me dizes. Vamos todos atrás d'ella, que se eu até aqui lhe tinha asca então agora muito mais. Para que banda foi ella?» Diz o ladrão bom: «Foi para acolá,» e depois fingiu-se mais desesperado que nenhum, que era para não perceberem que elle é que a tinha livrado.

Agora deixemos lá os ladrões e vamos ver o que é feito da rapariga.

Depois de se ver livre dos ladrões foi a correr por alli fora, a correr, a correr até que chegou a uma casinha onde morava um velho. Bateu á porta e pediu ao velho, muito afflicta que a escondesse dos ladrões que vinham atrás d'ella para a matar. O velho disse assim: «O' filha, como queres tu que eu te esconda? A minha casinha é tão pequena que se elles vierem por aqui, logo dão comtigo e matam-te a ti e a mim tambem.» — «Esconda sempre, esconda sempre, tiozinho, talvez que elles não dêem commigo.» — «Olha, disse o velho, agora me lembra uma coisa; talvez te possas esconder num poço que tenho atrás da casa.» Levou o velho a rapariga ao poço que estava secco, já se sabe, e onde elle guardava as vides; tirou uma porção de vides, metteu lá a rapariga, e depois tapou-a por cima com vides.

D'alli a nada batem os ladrões á porta. «O' tiozinho, você esconderia aqui uma rapariga?» — «Eu, senhor, eu sei cá de que rapariga vm. falla? Eu não vi rapariga nenhuma.» — «Mentes, disse o capitão, ella não se póde ter escondido senão aqui.» Depois principiaram a revolver tudo quanto o velho tinha em casa mas não acharam nada. Ao final disse um dos ladrões: «Ella não está senão no poço.» Foram logo todos dar busca ao poço mas acharam-o cheio de vides. Principiaram a tirar vides e mais vides quando o ladrão que tinha livrado a rapa-

riga lhes grita de repente fingindo-se muito desesperado: «E estamos nós aqui a perder tempo a tirar estas malditas vides só para dar dianteira áquella desavergonhada! Onde estará ella por estas horas se fôr a andar!» — «E' verdade, é verdade, disseram os outros; não dizes mal, deixemo-nos d'isto que é tempo perdido.» E foram todos á desfilada por ahi fora, mas elle o que queria era livrar a rapariga, já se sabe.

Bem. Mal os ladrões abalaram, sahiu a rapariga do poço, agradeceu muito ao velho e continuou a marchar. Ao cabo de muito caminhar, já ella ia muito cansada, aonde encontrou na estrada um velho com um burro carregado de herva; vai diz assim para elle: «O' tiozinho, vm. deixa-me metter em um d'esses ceirões, que vem ahi os ladrões atrás de mim para me matar?» Diz elle: «O' filha, como te posso eu metter no ceirão; tu não cabes com certeza e se elles te descobrem matam-te a ti e a mim.» A rapariga pediu muito e o homem consentiu. Tirou a herva d'um dos ceirões (que eram muito fundos), a rapariga metteu-se nelle e o homem cobriu-a com a herva e elles ahi vão. De repente apparecem os ladrões. «O' do burro, o que leva você ahi? Não será um diabo d'uma rapariga que a gente anda á procura?» — «Uma rapariga! Vvmm. estão a mangar! Então não vêem que é herva?» — «Deixe ver sempre. Quem sabe se ella não irá escondida num d'esses ceirões; elles são tão fundos...» O homemzinho tremia como varas verdes e a rapariga essa então estava com o coração mais pequeno que uma pulga. Por fortuna todos os ladrões foram ver ao ceirão que estava cheio d'herva, e só o ladrão bom é que foi ao outro. Como levantasse um pouquito a herva peitou a rapariga que ia por debaixo, mas não deu cavaco e pôs-se a dizer assim: «Vocês estão doidos por mais que me digam! A rapariga cabia lá nos ceirões! O que a gente aqui está a fazer é a perder tempo. Vamo-nos andando que é o melhor.» Os outros acharam que elle tinha razão e foram procurar para outra banda e a rapariga entretanto chegou salva a casa da mãe. Chegou lá e a mãe ficou contentissima por a ver e logo que ella lhe contou tudo, escondeu-a e ficaram ambas com muito medo.

Ora o capitão dos ladrões, quando via que não encontrava a rapariga, de desesperado que estava jurou que já que não se tinha podido vingar na filha que se havia de vingar na mãe e vai o que havia de elle fazer? Pega em si e vai direito á casa da parteira com o seu fato de fidalgo; bate á porta, entra e diz assim: — «Muito bom dia, minha rica sogra, muitas saudades da sua filha.» — A mãe disfarçou muito bem, fingiu que não sabia de nada e disse assim, diz: — «Viva, senhor meu genro, então como vai a sua mulher?» — «Vai bem, e está muito satisfeita; o que ella tem, como aquelles sitios para lá são muito solitarios, é muitas saudades suas; por isso eu lembrei-me de vir cá pedir a vm. que venha commigo para passar uns diazinhos com ella emquanto ella se não acostuma.» (Mas o que elle queria era matá-la, já se sabe). — Diz a parteira assim: «Pois não, essa é boa, vou com muito gosto, mas primeiro entre vm. e coma alguma

coisinha.» — «Nada, não senhor, já jantei, não tenho vontade.» — «Ora entre, que isso é uma desfeita que me faz.» — O ladrão, com vontade ou sem ella, não teve remedio senão entrar e assentar-se. A mulher pôs-lhe pão, queijo e vinho e depois disse: «Espere vm. um bocadinho que me vou despedir dos meus parentes e volto já.» — Disse ella isto, mas onde foi, foi chamar a justiça. Veio a justiça, achou o homem lá em casa e prendeu-o, já se sabe. Depois foram levados todos a juizo, e a rapariga contou á justiça tudo conforme tinha acontecido, aonde foram presos tambem os mais ladrões. Foram presos e confessaram, e o ladrão bom tambem contou tudo, e depois o capitão foi enforcado, e os outros foram degradados, menos o que tinha bom coração, que esse casou com a rapariga.»

III

S. THOMÉ

«No tempo em que o Senhor andava pelo mundo passou elle um dia em companhia de S. Pedro por uma fazenda muito bella, e S. Pedro disse para o Senhor: «Olhae, meu divino mestre, que linda quinta que acolá está!» — «E' verdade, respondeu o Senhor, mas o dono d'ella já tem a cama feita no inferno.» — «Porquê?» pergunta S. Pedro. — «Porque tudo aquillo quanto alli vês,» responde o Senhor, «foi ganho a trabalhar ao domingo.» — «E não seria possivel elle livrar-se de tal castigo?» — «Sim, mas só por meio de uma penitencia muito terrivel; seria preciso que elle largasse o fogo ao casal e se queimasse a si mesmo com tudo quanto é d'elle; só queimado aqui em vida é que escapará de ser queimado no fogo do inferno.»

S. Pedro, com dó do homem, vai avisá-lo de tudo. Elle, aterrado, diz de si para comsigo: «Mais vale ser queimado uma vez só neste mundo do que arder no outro eternamente.» Logo faz de tudo quanto possue uma grandissima fogueira e nella se queima a si proprio com os seus haveres.

Passado um anno, voltam o Senhor e S. Pedro a passar por aquelle sitio e o Santo indica ao Senhor o logar da fogueira. Este manda-lhe revolver a cinza e trazer aquillo que lá achar. Obedece S. Pedro e acha uma maçã muito cheirosa. Seguem ambos seu caminho e vão pedir pousada a uma casa onde vivia um pobre com sua filha. De noite, esta, attrahida pelo aroma, dá busca aos alforjes dos viajantes e achando a maçã, come-a. Passados mezes, aquelles voltam á mesma casa, porém são mal recebidos pelo dono d'ella, o qual lhes mostra sua filha que, pelo aspecto, parece prestes a ser mãe. Effectivamente a donzella dá á luz, d'uma maneira miraculosa, que faz lembrar o nascimento de Pallas ou de Baccho, um menino que é o penitente resuscitado e vem a ser o apostolo S. Thomé.»

Observação. — Este conto extravagante tem um parallelo es-

clavonico, publicado na rica collecção de Krauss, *Sagen und Märchen des Südslaven* (II, 55). Ahi é S. André que substitue S. Thomé (a semelhança dos nomes merece attenção). O ponto essencial, a incarnação miraculosa, permanece tal qual na versão eslava. A unica differença importante está na motivação da cruel penitencia pelo fogo, muito menos poetica e sobretudo muito inferior em valor ethnico na versão eslava que na portuguesa. Por esta parte o conto eslavo liga-se a outro de que existem numerosas versões. Eis o principio do conto publicado por Krauss:

Outr'ora andavam pelo mundo Deus, o Mestre, S. Pedro e S. André. Chegaram onde estava um pastor. Tinham muita fome e pediram por isso ao pastor que lhes desse um carneiro. O pastor deu-lhes o carneiro pedido; o Senhor e o Mestre disseram a S. André que assasse o carneiro mas que não tocasse no coração nem nos pulmões porque o Senhor queria fazer d'elles um novo carneiro, para indemnizar o pastor. Depois deitaram-se a dormir e adormeceram, porque estavam cansados de andar. Entretanto, emquanto dormiam, S. André assou o coração e os pulmões e comeu-os. Quando o Senhor e o Mestre acordaram, perguntaram-lhe o que era feito d'aquillo, e S. André respondeu que o carneiro não tivéra nem coração nem pulmões. O Senhor e o Mestre duvidaram da verdade das suas palavras e disseram que teria de se sujeitar á prova pelo fogo. O Senhor ordenou a S. Pedro que preparasse a fogueira e S. André teve de saltar para o meio da chamma. Ardeu todo, ficando apenas incolumes o coração e os pulmões. O Senhor e o Mestre mandam a S. Pedro que revolva a cinza e guarde aquellas peças, e continuam seu caminho, indo pedir pousada á casa onde aquelles objectos são comidos como a maçã no conto português, do que resulta renascer S. André como nesta S. Thomé. — No resto há pouca differença.

Lisboa.

CECILIA SCHMIDT BRANCO.

FONOLOJÍA HISTÓRICA PORTUGUESA

I

O *s* é diferençado do *ç* ao sul do Tejo no século XII *

É conhecida a distinção permanente que ainda hoje se faz em grande parte da provincia de Trás-os-Montes entre *s* inicial ou *ss* mediais e *z* final ou *ç*, *c* (antes de *e* ou *i*) por uma parte, e por outra entre *s* medial sonoro e *z* inicial ou medial, quer no vocábulo em si, quer

na união sintáctica de vocábulo terminado por *s* ou *z* com o som inicial do vocábulo seguinte. A essa distinção se referiu esta Revista a p. 165 do seu I volume, e a p. 112 e 255 do II.

É, também sabido que tais diferenças, que teem fundamentos na historia da lingua, e às cuais correspondem ou corresponderam distinções equivalentes nas outras linguas da Península, incluindo os dialectos vasconços de Hispanha, são em Portugal confirmadas por menção expressa, pe'lo menos com relação à que serve de epígrafe a êste escrito, feita por ortoepistas e ortógrafos antigos, e muito recentes até os principios do século actual, entre eles Duarte Nunes do Leão e Madureira Feijó, que distinguem entre o valor de *ç* e o de *s*.

Está averiguado também que no francês e provençal antigos, *ç* e *s*, *z* e *s* medial não eram homófonos como o são actualmente, correspondendo a *ç* e *z* final o valor de *ts*, e a *z* medial o de *dz*. Testemunho, pois, directo de ter havido distinção entre os valores de *s* e *ç* no centro e norte do reino, é facil encontrá-lo; não já assim porém com relação ao sul. Existem contudo testemunhos indirectos, que resolvem a dúvida em sentido afirmativo, na transcrição dos nomes proprios peninsulares feita por escritores musulmanos. Um deles me occorre já, e parece-me decisivo.

Na descrição da África e da Hispanha o jeógrafo árabe Edrisi, que viveu no XII século da nossa era, escreve os nomes de terras da Península Hispánica, quer os de orijem árabe quer os románicos, em que figura o *s*, servindo-se para o designar cúasi sempre do ش ou *x̂* (o *x* de *xadrez)*, representando o *ç* por س ou por ص.

Num trecho dêste afamado escritor medieval, traduzido pelo sr. J. Benoliel em português, e que, segundo me consta, será em breve publicado [1], colhi os seguintes nomes proprios, nos cuais se dão as transcrições indicadas.

ç representado por *s* (س)	*s* representado por *x̂* (ش)
andalos, Andaluzia	*ielbax̂*, Elvas
baᴛalius, Badalhouce (Badajoz)	*lix̂bunaħ*, Lisbôa
	x̂antrein, Santarém
ç representado por s (ص)	*x̂ant māriaħ*, Santa Maria
alqasar Alcacer	*x̂aqrax̂*, Sagres
safi Çafi[m]	**x̂ebiliaħ*, Sevilha
	x̂elb, Silves
	x̂eᴛuber, Setúbal

A constancia de tal transcrição evidencia que no século XII se fa-

[1] Êste texto vem em parte citado no Apéndice A do notável livro do sr. Oliveira Martins «Os Filhos de D. João I», na tradução francesa de Dozy. A ele aludiu o dr. Leitner na conferencia feita na Sociedade de Jeografía de Lisbôa, em 7 do corrente mês.

zia no sul do reino, como ainda hoje em Trás-os-Montes, permanente distinção entre *ç* e *s*; sendo provávelmente o primeiro igual a *s* pajinal, isto é, proferido com a superficie superior da lingua, próximo do ápice, nas jenjivas dos incisivos superiores; o segundo valendo por *ṣ* subcacuminal, ou pronunciado com a parte anterior da ponta da lingua cuási no mesmo ponto, e cujo efeito acústico é muito semelhante, para ouvido estranho, ao do *ṣ*, a fricativa surda apical ántero-palatal.

É esta igualmente a diferença que se dá nos dialectos vasconços de Hispanha entre *z* (antes escrito *ç*) e *s* [1].

No dialecto literario e na maioria dos populares castelhanos, exceptuando os andaluzes e ainda talvez uma parte dos estremenhos, o *s* vale também por *s* subcacuminal, aspirado ou **não** (?); e *z*, *c* (*e*, *i*) por uma sibilante surda, muito parecida no efeito acústico com o *th* inglês de *thank*, proferida porém mais atrás, ainda nas jenjivas, e não na parte interna, ou no gume dos incisivos superiores, como o *th* inglês. Podemos conjecturar, todavia, que antes coincidisse o seu valor com o que tem o *ç* em Trás-os-Montes [2].

Vê-se pois que para os mouros da Peninsula o *ç* hispánico valia por *s*, e que ao contrario o *s* se confundia com o *ṣ* ao ouvido deles.

Isto explica o facto, que pareceria estranho, de Jil Vicente figurar a pronuncia castelhana de uma moura [3], representando sempre o *s* por *x*, cuando é certo que para os mouros, árabes ou berberes, o *s* é, e sempre foi, uma articulação conhecida, um som familiar, acrescendo que os primeiros teem não um, mas dois *ss* distintos, cualquer deles todavia muito mais semelhante ao *s* usual do sul do reino actualmente, do que ao *ṣ* (ش): é também natural que a eleição de um dos dois para figurar o *ç* procedesse da vogal que acompanhava êste [4].

---

[1] V. L. L. Bonaparte, *Le verbe basque en tableaux*, e *Initial mutations in the living Celtic, Basque, Sardinian and Italian dialects.*

[2] V.: *in* «Positivismo» vol. IV *Die Cantes Flamencos, pelo sr. H. Schuchardt*, p. 78; *in* «Romania» XII, *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*, p. 52 e 53; e também Leite de Vasconcellos, *Linguágem vulgar do Porto*, p. 7 e 8, acêrca do valor do *s* portuense.

Êste *s*, muito sibilante, pe'lo extremo apêrto dos órgãos que concorrem para a sua formação, está muito perto da africata que lhe deu orijem, *ts*, valor que o c antes de *e*, *i*, e também o *ti* antes de vogal, latinos, adquiriram, e com que passaram a varias das linguas románicas. Esse *s* muito sibilante é o som que tem o *ç* braganģano e mirandês, o cual se me afigura idéntico ao *s* do Pôrto.

No galego parece que a distinção entre *s* e *ç* se opera por um de dois modos, conforme os dialectos: *s* = *ṣ*, *ç* = *s*;

s = *s*, *ç* = § (*z* castelhano)

Esta última diferenciação dá-se igualmente em outros pontos de Hispanha, sendo frecuente ouvir-se no teatro, por exemplo em *kasa* = CASA, *ka§a* = CAZA.

[3] Côrtes de Júpiter.

MOURA. Mi no xaber que exto extar,
Mi no xaber que exto xer,
Mi no xaber onde andar, etc.

[4] V. Brücke «Grundzüge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute», Viena 1876, p. 137 a 143.

Na realidade aquele *ṣ*, português ou castelhano, subcacuminal com re-peito ao órgão passivo, e reverso em relação ao orgão activo, deve-ría ser substituido pelo *x* logo que um mouro quisesse manter a dis-tinção entre *ç* e *ṣ*, ou porque ao ouvido êste último lhe soasse daquel-modo por êrro de audição, ou porque a tentativa de o reproduzir con-exactidão lhe fôsse mal sucedida. E como êsse mau éxito désse moti-vo aos motejos de quem o escutava, aproveitou o poeta êste elemen-to cómico — recurso muito frecuente em peças teatrais de todos os tempos e nações, o de ridiculizar a pronuncia de estranjeiros. Almeida Garrett [1] repetiu a mesma particularidade, sem que provávelmente lhe désse o valor devido; e aínda hoje é usual substituir-se por *x* no sul do reino a pronuncia, que aquí é estranha actualmente, dêste *ṣ* dos provincianos do norte e dos galegos, porque também assim nos parece a nós meridionais que eles o proferem.

A esta imitação imperfeita, e à semelhança acústica entre *ṣ* e *x*, por uma parte, e *ẓ* e *j* por outra, é possivel que seja devida a palata-lização dos *ss* finais de sílaba, na pausa ou antes de consoante, que prevalece no sul do reino a partir de Coímbra. Assim, *ṣ* antigo inicial de sílaba passou no português moderno do sul a *ç*, ou *z* cuando me-dial; *ṣ* antigo final de sílaba a *x* na pausa ou antes de consoante sur-da, a *j* antes de sonora, ambos atenuados, e a *z*, como em fra- antes de vogal, alteração esta última que naturalmente não foi temporanea das outras duas. É de presumir que, como todas as dificações dos sons, estas começassem por ser individuais, infantis e que ao depois e lentamente se fôssem propagando do individuo à fa-milia, de familia em familia, em certas localidades, e de umas desta-àquelas com as cuais mantinham mais frecuentes relações. Para a maioria das pessôas do sul passa hoje despercebido que o *s* final de sílaba antes de consoante se profere por modo diferente no norte, concuanto lhes fira a atenção a diferença do *s* inicial, porque é maior (*ç* : *ṣ*), do que a de *x* : *ṣ* [2].

Vê-se porém da citação, que ao poeta cómico português não es-capou esta última diferença; vê-se também, e é esta a conclusão a que somos levados, que aínda no século XVI o *s* inicial ou final de sílaba era reverso, subcacuminal, como no XII século, facto cuja existencia, como é sabido, se deduz também do testemunho directo dos nossos gramáticos até cuási o século actual.

O sr. Eguilaz Yanguas, no seu opúsculo, a tantos aspectos inte-ressantíssimo, «Estudio sobre el valor de las letras arábigas en el al-fabeto castellano y reglas de lectura», Madrid 1874, (concuanto limite o dizer de Engelmann e de Dozy [4], que asseveraram ser o *ç* a repre-sentação constante das duas sibilantes surdas alveolares arábicas) dá

[1] «Um auto de Gil Vicente», Act. I, Cena II e IV.

[2] Veja-se Paul Passy, «Étude sur les changements phonétiques et leurs ca-ractères généraux». Paris 1890, p. 19-24.

[3] V. in «Positivismo», loc. cit., p. 77.

[4] «Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe», p. 18.

…mo averiguado [1] que essa figuração é a mais usual em documen-
…os hispanhoes, bem como que o ش representa não só o *x* hispâ-
…ico, mas muitas vezes o *s*. Em nota à paj. 42 aponta os seguintes
…omes, em que o *s* está transcrito por aquela letra do alfabeto ará-
…bico: *Barbastro*, *Setabis*, *Secunda*, *Segovia*, *Osca*, *September*, *Augustus*, *Securis*, *Scintilla*, e *Cresta*, que se encontram nos jeógrafos e historiadores musulmanos, e ainda no texto da mesma pájina *Sera*, *Canales*, *Arenales*, *Cogollos*, acrescentando: «y que este sonido primitivo del ش tenia en todas situaciones el que aún hoy mismo conserva la *x*, entre …catalanes, valencianos y gallegos (poderia dizer também portugueses), bien distinto por cierto del de la *j* actual que, de mucho tiempo á esta parte, viene reemplazándola en sendos vocablos castellanos é hispano-muslímicos, lo declaran los códices aljamiados, en los cuales la letra arábiga fué empleada constantemente por la *s* é la *x*, lo que comprueba la identidad de sonido entre las dos consonantes castellanas. Esto hizo pensar al ilustre de Sacy que los moros andaluces pronunciaban el ش como la *s* francesa fuertemente articulada: en las elegias del moro de Valencia y de Boabdil el ش se representó por la *s*».

Êste testemunho é precioso; mas há no seu enunciado dois equív…os, um do douto lente da Universidade de Granada, e o outro de …stre de Sacy, seja dito sem quebra do respeito devido ao vivo … morto. Primeiro: que havia semelhança entre *s* e *x*, prova-o a …ircunstancia de serem ambos êstes sons representados pela mesma letra arábica; mas não prova ela que houvesse identidade, isto é que *s* soasse como o *x*, e ainda menos que o *x* soasse como o *s*. Segundo: o …otabilissimo orientalista S. de Sacy desconheceu certissimamente a pronuncia especial do *s* peninsular, e êsse desconhecimento foi o que o levou à hipótese de que o som da letra arábica fôsse na bôca dos mouros andaluzes uma especie de *s*; cuando o facto é que o *s* peninsular é, e foi, em varios pontos de Hispanha e Portugal, muito provávelmente em cuási todos dantes, um som particular diferente do *s* comum, do *s* francês a que Sacy o comparava [2].

[1] P. 39 a 46.

[2] As palavras de Sacy (Grammaire Arabe, Paris 1831, I, p. 19) são as seguintes: «D'après la manière dont les Arabes d'Espagne transcrivoient l'espagnol en caractères arabes, il y a lieu de croire qu'ils prononçoient le ش comme l'*s* fortement articulée, et le س comme le ç ou le *z*».

Vimos que não é assim. Equivoco do ilustre orientalista é também a semelhança que lhe parece haver entre o *Gain* e o ñ piemontês, concuanto a descrição que faz do som árabe seja das mais perfeitas: «La manière dont les Piémontais prononcent le ñ me paroît approcher beaucoup de l'articulation du غ. Exemplos: *cañ*, chien, *boñ*, bon, *boña*, bonne». (p. 21). O ñ empregado por Pipino, (Grammatica Piemontesa) a quem citou em nota, é simplesmente *n* gutural, o *ng* das línguas e ortografias jermánicas, que o sr. Vasconcelos Abreu representa por *ṅ* na transliteração do silabario devanágrico (V. p. 153 desta *Revista*, vol. II) e pode também ser figurado por ɴ. Os judeus alemães parece averiguado que assim pro-

A p. 25 do mesmo valioso opúsculo do sr. Eguilaz Yanguas vem citado este verso aljamiado (isto é escrito com caracteres arábicos) do «Poema de José», no cual todos os *ss* castelhanos estão transcritos igualmente por ش. «Sobre todas las otras era amada ella». — Assim, não era esta letra arábica que tinha um valor especial próximo de *s* na pronuncia dos mouros da Peninsula; porém o *s* hispânico que se proferia de modo especial, semelhante a *x*, socorrendo-se os mouros do mesmo sinal gráfico árabe para expressarem os dois sons *s* e *x*.

Outros nomes hispânicos, que no citado texto de Edrisi vemos escritos em caracteres arábicos, revelam particularidades fonéticas de bastante interêsse. Tais são: *almaǵden*, Almada; *balăᴛaḣ*, Valada; *iānaḣ* [Guad]iana; *ieburaḣ*, Evora; *gibel al ǵaiun*, Gibraleón; *qolimriaḣ*, Coímbra (Colimbria, Conimbria, Conimbrica); *qorᴛbaḣ*, Córdova; *quriaḣ*, Coria; *măridaḣ*, Mérida; *mărtlaḣ*, Mértola; *mendiq*, Mondego; *montmaiur*, Monte[m-ai]or; *tabiraḣ*, Tavira; *tăjaḣ*, Tejo; *toliᴛlaḣ*, Toledo.

Examinemos estes nomes, e ainda os já citados.

Advirto que represento pe'lo simbolo *ǵ* o ج, por *ḣ* o ه, por ᴛ o ط (*t*, ou como queria Lepsius [1] *d*, gúturo-alveolar ou enfático) por *ă* o ا de prolongação. Os resultados de tal exame são os seguintes:

1) *v* e *b* são sempre representados por *b*, por faltar àquela fricativa labio-dental representação no alfabeto arábico, e provávelmente também porque aos árabes era difícil a distinção entre estas duas articulações, confundidas igualmente em cuási toda a Peninsula; assim, lemos *balătaḣ*, *ielbax*, *xebiliaḣ*, *xelb*, *xetuber*; em *qorᴛbaḣ* o *b* é originario, castelhano Córdoba, latim Corduba; é-o também em *iebŭraḣ*, oferecendo êste nome igualmente a particularidade de estar representado o *o* átono por *u* longo (و), ao contrario do que vemos em *qortbaḣ*, *mărtlaḣ*, onde foi suprimido; sem contudo me abalançar a concluir que êsse *o* fôsse tónico no português de então. Em *qolimriaḣ* o *b* desapareceu entre *m* e *r*, por ser comum em árabe o grupo *mr* não inicial. Êste nome representa a forma medieval *Colimbria*, antes da queda do *l* medial, que se tornou regra no dominio português.

2) ᴛ (ط) servindo para transcrever ora *d* ora *t*, sendo êste também representado por *t* (ت) e o *d* por *d* (د): *baᴛalius*, *balătaḣ*; *qasᴛallaḣ*, *toliᴛlaḣ*; mas *mărtlaḣ*, *xant măriaḣ*, *tăjaḣ*, *xantarein*, com *t*; e *almaǵden*, *andalos*, *mărédaḣ*, *mendiq* com *d*.

3) *q* (ق), valendo por *c* (*qu*), e por *g*, sendo de supor que nos nomes romänicos representasse esta última articulação, pois que o ق tem nos beduinos ainda hoje êste mesmo valor: *xaqrax*, *mendiq*; porém *qorᴛbaḣ*, *qasᴛallaḣ*, *qalimriaḣ*, *quriaḣ*, com o valor de *q*, ou talvez mes-

nunciam à consoante peculiar das linguas semiticas (V. L. L. Bonaparte *in* «The Academy», n.º 528 de 17 de junho de 1882); mas é fora de dúvida que tal pronunciação é defeituosa.

[1] «Standard Alphabet», p. 187. Veja-se, todavía, Brücke, *op. cit.*, p. 137.

mo de *k*, transcrição árabe muito comum de vocábulos peregrinos, tais como *glubaᴛrah́* Cleópatra, *qasdir*, κασσίτερος, talvez porque o ك tivesse pronunciação muito palatal de mais para bem representar o *c* peninsular.

4) *ǵ* (ج) representa o *j*, e, pe'la comparação com bastantes vocábulos hispánicos derivados do árabe, vê-se que os mouros da Península davam a esta letra o valor de *j*, que lhe dão em parte dos países barbarescos e da Síria, ou de *dj*, que é o mais jeral, e não o de *g*, como é proferida no Ejipto, na maioria dos vocábulos.

5) Em *lixbunah́* é talvez admissivel que o *n* seja um reflexo da pronunciação *lisbõa*, e não queira dizer que tal nome fôsse na Península aínda então proferido *lisbona*.

6) Em *mont maiur* vemos que, no século XI, aínda a forma *montemaior* não havia sido contraida em Montemor, o que também sabemos por outros documentos.

7) O alif de prolongação, aqui expresso por *ä*, representa, sem dúvida, a pronunciação *e* tónico, talvez aberto: *tägah́*, *märᴛlah́*, *märedah́*; em *qastallah́*, a vogal da segunda sílaba, subentendida em virtude da geminação do *l*, é de presumir que fôsse *e*.

O *e* fechado vêmo-lo figurado por ي *ī* nos dois vocábulos *mendiq*, Mondego, *toliᴛlah́*, Toledo.

Oportunamente analisarei a transcrição castelhana proposta pe'lo sr. Eguílaz Yanguas no opúsculo a que me referi a p. 318, pe'lo mesmo arabista empregada no seu «Glosário de voces españolas *etc.*, de origen oriental», e também adoptada pe'lo sr. R. Contreras na sua obra «Estudio descriptivo de la Alhambra, el Alcázar y la gran Mezquita de Occidente», desde p. 67, muitas das feições da cual são aplicáveis à transcrição portuguesa do alfabeto arábico.

14—3—92.

A. R. Gonçalves Vianna.

MISCELLANEA

I

REFERENCIAS A COSTUMES POPULARES EM MSS. INEDITOS

1. Bruxas e ciganos

No codice 840, fl. 46, da collecção de manuscriptos do R. Arch. da Torre do Tombo, encontra-se, entre outros versos, este soneto de D. Thomaz de Noronha († 1651), que vai abaixo copiado exactamente:

Soneto a mão de hũa señora que se queimou estando lendo hũa carta a hũa candea

Bruxa devia de ser a sirieira
que a chupar te ensinou vela meschinha (=mesquinha)
alcouyteira não Porque a mão tinha
Papel que não queimara alcouiteyra
filha da Rosa es mas albardera (sic)
e neta de hũa vilarinha
vieste ca nũ saquo por uasquynha
so porque te faltou broa na beyra
uestida de algodão agora ufana
fases da mão de Venus mão de yudas
ou a queres tratar como sal chicha
saluo se usaste lanço de sygana [1]
e cõ lingoas de fogo e voses mudas
lhe quiseste dyser a bona Dicha.

2. Usos do Entrudo

Do mesmo Archivo no cod. 818, fl. 45 v. vem apontado um uso que parece hoje não ser conhecido. «... quando se terminava o tempo do carnaval toda a louça que era finissima se quebrava e a roupa de meza toda se devedia pelos creados, o mesmo sucedia á louça, e roupa que tinha servido na Quaresma. «Reflexões áa Carta de D. Fe-

1 Com respeito aos ciganos temos leis de 1538, 1579, 1606, 1613, 1649, 1708, 1760. Quasi todas ellas prohibem que se aprenda a *geringança* ou lingua dos ciganos.

lipa de Noronha, Irmãa do Marquez de Cascaes... a quem El Rei D. João v deo escrito de cazamento sendo Princepe solteiro».

3. **Lobishomens**

Na «Informação de huma dor padecida e trabalhos, que sofreo o Paciente athe ser remediada», talvez dos fins do sec. XVII, cod. 1073, fl. 198 v., está uma curiosa referencia aos lobishomens:

«Todo o Animal de bandeyra isto he Alferes de Ordenança padece fadario de Labizome: este costuma deytarse no espojadouro de algum Irracional, o qual se foy Boy, Carneiro, ou Cabrito, e o Labisome he cazado fica com a mesma figura: Eu fuy com o meo fadario da Companhia, haverá dous annos: tomey a guarda, e toda a noute me espojey no Lugar donde o outro animal como Eu se tinha espojado; e todo o veneno, que dantecedente bicho tinha deixado na Tarima colheo a minha perna; porque desta guarda trouxe para Casa esta Commenda».

P. A. DE AZEVEDO.

II

NOTA SOBRE A LINGUAGEM DE GIL VICENTE

A' semelhança do que fizerão os comicos de todos os tempos, desde a antiguidade, o nosso Gil Vicente (sec. XVI) pôs muitas vezes na bôca das suas personagens plebeias linguagem popular, que importa não confundir com a linguagem litteraria da epocha, que elle tambem emprega, — ainda que ás vezes a distincção se torna difficil, porque expressões que hoje nos parecem só do vulgo, como *polo, frol, fermoso, no'mais, pera*, erão cultas no sec. XVI, e porque havia, como hoje, innumeros termos populares que tinhão entrado na lingua culta [1], e outros cultos que estavão a popularizar-se.

Exemplificarei com alguns *Autos* esses dois aspectos da linguagem de Gil Vicente.

No da *Mofina Mendes* [2] principia fallando um Frade, a Virgem, várias Virtudes e um Anjo, — e a linguagem d'estas personagens nada em geral destoa da que se usava na litteratura quinhentista; quando porém entrão os pastores, logo começa a apparecer linguagem plebeia, que se revela, ora no vocabulario, ora na grammatica, ora nas phrases e ditos, — como: *atás, samicas* [3], *entances, bofá, por caso, ma-*

[1] Isto é, da *lingua culta* considerada já como tal, mais ou menos fixa e opposta á do povo, pois a origem d'ella é tambem popular.

[2] Para as citações sirvo-me da edição de Hamburgo (1834). Num dos proximos fasciculos da *Revista Lusit.* publicarei algumas observações sobre esta edição.

[3] Já Fernão de Oliveira, que é tambem do sec. XVI, offerece esta palavra como archaica, posto que dê a entender que ainda com outras se ouvia no seu tempo (*Grammat.*, 2.ª ed., p. 81).

greira, dá ó Demo, deu olho mau por ella, a maleita a toma, quiçaes, nego [1] e *nega, aramá* (que alterna com *earamá*), *Andrel* (mas nos titulos *André*, pois ahi não é o povo quem falla). — No *Auto pastoril português* as primeiras personagens que apparecem são gente do povo, pelo que ellas introduzem nos seus dialogos, entre outros, os seguintes termos, que são evidentemente plebeus no sec. XVI (e muitos o são ainda hoje): *er, vonda, semos, nega, emperol, dixe, aito* (mas nos titulos tem *auto*), *sondes* (nos dialogos cultos *sois*), *bofás, casuso* e *acasuso* [2], *a ta mãe, trougue, cõmtego* e *comego, enha* [3], *Catalina* (mas nos titulos, onde falla o auctor, está *Catherina*), *som*, [4] *fige* e *quige, caiso, omagem* (noutras partes, em linguagem culta, *imagem*) etc., — o que tudo contrasta bem com a linguagem polida de que se servem os clerigos no hymno do fim da peça. — No *Auto da Feira*, em que começa a fallar Mercurio, o Tempo, um Seraphim, o Diabo e Roma, a linguagem é litteraria a principio: depois entra um lavrador e mais gente do povo, e eis que o dialogo se salpica de vozes plebeias, como *e ti* (por *e tu = comtigo*), *patornear, enha* (na ling. culta *minha*), *hétega* (cfr. *Dial. alemtej.*, IV, p. 30; e no proprio Gil Vicente, I, 341, *hetigo*), *dixeras, catar, nego, jeitar, Gerjalem* (= Jerusalem), *qués* [5], *er, Denisio*, etc. — Se agora lermos o *Auto da alma*, em que não entram personagens populares, não acharemos nenhuma das expressões plebeias que temos achado nos outros, mas deparar-se-nos-ha apenas a linguagem litteraria do tempo, embora com as suas fluetuações, como ainda hoje em parte succede. — Nos outros *Autos* que se percorrerem, ver-se-ha que os termos que destoão da linguagem usual da epocha são populares e empregados por personagens plebeias, ao passo que as personagens cultas se servem de linguagem polida. Numa edição critica que espero publicar das obras do nosso poeta distinguirei, quanto eu puder, estas duas camadas.

Sería interessante saber se Gil Vicente emprega a linguagem vulgar de uma localidade especial que elle de proposito estudou, ou se se serve apenas de um conjuncto de expressões typicas, populares sim, mas que offerecem no seu todo um cunho geral de plebeismo.

1 F. de Oliveira dá esta palavra como arc. na litteratura, mas como pop. na Beira no seu tempo (*ib.*, p. 118) — Tanto sobre esta fórma como sobre *samicas* vid. os meus *Dial. beirões*, II, pg. 8 e 11. — Sobre ellas vid tambem Fr. Gonçalo da Silva, *Livro da vida e milagres.... de São Bernardo*, 1544, no final da obra: «.. eu que não fui criado em côrte, mas nas fraldas da Beira, onde por *si* dizem *samicas*, e por *senam* dizem *nego*».

2 F. d'Oliveira dá *acujuso* (que parece ser variante de *acajuso*), como arcaismo beirão: *ib.* p. 81.

3 Cfr. *Dial estremenhos*, I, p. 10, not. 1. — Em Prestes, *Autos*, ha *inha* (= minha), na phrase *da inha terra* (2.ª ed., p 461), que deve ler-se *dái nha terra*, como ainda hoje se diz.

4 F. d'Oliveira dá tambem esta palavra como beirã (*ib.*, p. 114). Ainda hoje no campo de Coimbra (e no Cadaval) tenho ouvido *som* por *sou*, — do lat. *sŭm*.

5 Cfr. os meus *Dial. beirões*, VI, p. 15. Nesta fórma houve syncope de *e*, e assimilação de *r* a *s* (absorpção): *queres* < *quer's* < *quês*.

Com quanto o auctor mostre particular predilecção pela Beira [1], e muitos dos termos que elle usa, fossem já lá populares no sec. xvi, como vimos a cima, e outros o são ainda hoje, — fazendo elle assim d'aquella provincia o alvo das suas gargalhadas, como agora succede no nosso theatro a respeito do Minho, da Galliza e dos çaloios, o que levaria a suppor que a base da linguagem era essencialmente beirã —, todavia não posso por ora dar uma resposta decisiva.

Ao lado do conhecimento da vida da Beira, Gil Vicente revela-se tambem conhecedor da Estremadura e do Alemtejo, o que se explica pelas suas estadas em Lisboa e Evora: no Auto da *Mofina Mendes*, p. 111, ha varios termos que, se não são da Beira-Baixa (o que não pude ainda verificar), são do Alemtejo hoje; no mesmo auto, p. 101, tem *peis* (= pés), que é da phonetica do Sul (Estremadura e Alemtejo pelo menos); no *Auto da Feira*, p. 178, tem *conhecei-lo* a rimar com *marmelo*, verbo esse que, se o poeta não quis fazer uma rima imperfeita, se deve pronunciar *conhecê-lo*, segundo a phonetica meridional; igualmente no *Dialogo sobre a resurreição*, p. 345, tem *Loures* em rima com *tremores*, a que applico o mesmo raciocinio, pois no Sul se diz *Lôres*; no vol. ii, 521, tem *oufano* (onde estará *ou* pela equivalencia phonetica entre *ou* e *ô*); no mesmo vol. está *Alcouchete* várias vezes; a p. 472 e 475 tem *adés* (que parece *adeus*; cfr. *pardez* a p. 529); a p. 473 *mei amigo*, que se usa hoje no Alemtejo. Em todo o caso o estudo da linguagem de Gil Vicente dá-nos bastante luz para a comprehensão dos dialectos portugueses (principalmente da Beira e do Sul) no sec. xvi.

Na propria linguagem culta do poeta ha incertezas, como eu já disse: assim elle ora offerece *razão* (i, 194, 348, 349), *leixar* (i, 198, 199 etc.), *sou* (i, 199, 201, etc.), *ide*, *frol*; ora *rezão*, *deixar*, *sam*, *i* (fórma que não se conservou por causa da sua exiguidade), *flor*. Mas geralmente tem o cuidado de pôr na boca das personagens plebeias umas fórmas, como *estade*, *embarcade*, *amanhade*, *corregede*, e na boca das personagens cultas outras, como *passeae*, *esperae*, *andae* [2]. Muitas das fórmas que elle usa na linguagem culta estavão a desapparecer da circulação, como *entonces* (ainda nos *Colloquios* de Garcia da Orta, em Bernardim Ribeiro, etc.) e *sam*; outras estavão a entrar da linguagem plebeia para lá, como *assim* e *mim*, que o poeta emprega concorrentemente com *assi* e *mi*. Isto, juntamente com as alterações por ventura devidas á acção da linguagem dos typographos, explica as incertezas do texto.

J. L. de V.

[1] Vid. *Mofina Mendes*, *Auto Pastoril*, *A Feira*, *Serra da Estrella*, *Juiz da Beira*, *Clerigo da Beira*, etc.

[2] Cfr. Adolpho Coelho, — *Theoria da conjugação*, 1870, pg. 31; e *Bibliographia critica de hist. e litterat.*, 1875, pg. 54.

III

TROVA POPULARIZADA

Num artigo do sr. dr. Queiroz Vellozo, intitulado *Nas ferias grandes*, e que sahiu a lume em o n.º 174 do jornal *A Provincia* de 5 d'Agosto de 1887, lê-se o seguinte: «A distancia ainda, senti-lhe os passos; e ouvi-lhe depois a voz clara cantar, na dolorida musica da Senhora do Sâmeiro, aquella ingenua e encantadora trova popular, a mais bella e curiosa interpretação da virgindade immaculada de Maria:

No seio da Virgem mãe
Encarnou divina graça:
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça».

O *Diario Illustrado* de 22 de Abril 1888, na secção *Cancioneiro popular*, sob o n.º MCCCXLVI, publicou a mesma trova.

No jornal *O Tempo*, de 19 de Janeiro 1890, lê-se: «Referindo-se á Immaculada Conceição, ha uma deliciosa quadra popular que diz:

No seio da Virgem-Mãe
Encarnou Divina Graça:
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça».

Nos *Cantos populares do Alemtejo*, sahidos em folhetins do jornal *A Sentinella da Fronteira*, sob o n.º 231 (anno de 1884) publiquei uma variante dessa trova, recolhida da tradição oral, naquelle mesmo anno, em Elvas:

No ventre da Virgem bella
Encarnou Jesus por graça,
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça.

Pois tenho hoje fundamento para crer que essa trova é de origem litteraria — que não é *popular*, mas sim *popularizada*; — que não a *creou* essa entidade anonyma que se denomina povo, e sim que a *adoptou* e a *conservou*.

Tratando eu, ultimamente, de recolher, da tradição, o maior numero possivel de *Cantos do Natal*, para os colligir em volume, que em breve deve ser dado á estampa, — foram-me *ensinadas* por uma mulher do povo (d'Elvas) as seguintes quadras, em que se revela, não a litteratura dos *simples*, mas a dos *lettrados*, e que terminam pela no-

tavel e brilhante definição do Mysterio da Encarnação, tal como se encontra na trova acima transcripta, e que todos julgâvamos *popular*:

Semeei o pão da vida
Nas entranhas da Senhora,
Della nasceu uma espiga
Que sustenta a gente toda.

E esta espiga nasceu
Numa noite de Natal,
Ao pino da meia-noite
Logo o gallo quis cantar.

Assim que o gallo cantou,
Com prazer e alegria,
Nasceu o Verbo Divino
Filho da Virgem Maria;

Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça.
Pariu e ficou donzella
Maria cheia de graça.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

IV

NOTAS SOBRE CLASSIFICAÇÃO DE ALGUNS DIALECTOS ROMANICOS [1]

«... je considère comme appartenant au groupe portugais, non seulement 1.º) le *portugais* de Portugal et d'Olivença, qui était naguère une ville portugaise, — mais aussi comme dialectes distincts 2.º) le *gallego* de Galice, et 3.º) le *mirandez*. Quant au *berciano*, c'est pour moi un sous-dialecte gallego, et non pas un vrai dialecte, tandis que tous les autres parlers du Portugal, tels que le *beirão* (et probablement *l'alemtejano* [2]) ne seraient eux aussi que des sous-dialectes portugais, et non pas de vrais dialectes comme le mirandez et le gallego.

De même, selon moi, *l'asturien* est le seul vrai dialecte espagnol, car l'*andalous*, l'*extremeño*, le *léonais* en général (excepté le Bierzo) ne

[1] Como durante alguns annos mantive correspondencia aturada com o Principe Luís Luciano Bonaparte, que era muito enthusiasta pelas linguas e dialectos de Portugal e Hespanha, possuo d'elle bastantes cartas, de algumas das quaes extráio estas *Notas*. Ainda que não estou inteiramente de accôrdo quanto á nomenclatura (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 192 sqq., onde porém emprégo a sua feliz expressão de *co-dialecto*), e ainda que elle não entrou em consideração com os idiomas de Riodonor e Guadramil, nem se referiu a outros fallares da raia hespanhola pertencentes ao dominio glottico de Portugal, — no entanto o Principe viu bem este facto fundamental, que o mirandês não está para com o port. litter. na mesma relação que os outros fallares do interior (beirão, etc.); e como por outro lado elle estabelece comparações com os dialectos de Hespanha e de Italia, comparações que esclarecem o assumpto: parece-me que não é sem interesse publicar os seguintes fragmentos neste n.º da *Rev. Lusit.* em que, adeante, se commemora o fallecimento do illustre glottologo. As cartas d'onde os extráio são posteriores á publicação dos meus opusculos *O dialecto mirandês* (1882) e *Flores mirandesas* (1884), que as motivárão. — Para que a publicação tenha toda a authenticidade, o meu amigo Gonçalves Vianna ajudou-me a rever as provas em face dos originaes. — J. L. DE V.

[2] [Em 1883 publiquei eu um opusculo com o titulo de *Sub-dialecto alemtejano*; mas liguei, como ligo hoje, á expressão *sub-dialecto* uma ideia um pouco differente da que aqui lhe liga o Principe. — J. L. DE V.].

me paraissent tout au plus que des sous-dialectes espagnols». (Carta de 20 de Maio de 1884).

«Quant au dialecte *mirandez*, je le considère non pas comme un dialecte du portugais, mais comme son co-dialecte; de même que je considère l'*asturien* non pas comme un dialecte du castillan, mais comme son co-dialecte; de même, enfin, que je considère le *napolitain*, les deux *calabrais* (sept. et mérid.), le *sicilien* et le *vénitien*, non pas comme des dialectes du toscan, mais comme ses co-dialectes. Or, comme le toscan représente la langue italienne; le castillan, la langue espagnole; et le portugais de Portugal en général, la langue portugaise: quoique je n'admette ni langue napolitaine etc., ni langue asturienne, ni langue *mirandeza*, je n'en pense pas moins que *mirandez*, *asturien* et *napolitain* sont des dialectes indépendants de la langue portugaise, de la langue castillane et de la langue toscane, quoique appartenant au portugais pris dans son sens général, à l'espagnol et à l'italien, ainsi:

I — Port. génér.: 1) *portugais* partic.; 2) *mirandez*;
II — Esp.: 1) *castillan*; 2) *asturien*;
III — Ital.: 1) *toscan*; 2) *napolitain*; 3) etc.

Je n'admets, enfin, avec tous les linguistes, que ces trois langues, tout en maintenant l'existance des dialectes indépendants, qui, avec les dialectes littéraires, forment ces trois langues.

Quant au *beirão*, à l'*andalous*, au *romain* de Rome, je ne vois en eux que des sous-dialectes, en me fondant sur mes propres appreciations de leurs caractères.

Or, comme dans l'état actuel de la linguistique, chaque linguiste apprécie les caractères comme étant du premier, du second, du troisième ordre, etc., selon la manière de juger les choses, il s'en suit que les classifications linguistiques n'ont pas l'exactitude de celles de l'histoire naturelle, sciences bien plus fixées et avancées que la linguistique.

Si donc je considère le *mirandez* comme un co-dialecte ou dialecte indépendant de la langue portugaise, considérée comme dialecte partic. littéraire, je ne puis m'empêcher de le considérer comme faisant partie de la langue portugaise générale, considérée comme langue linguistique, et composée de: 1) *portugais littéraire*; 2) *mirandez*. En effet, je ne vois pas de différences assez fortes entre portugais littéraire (gallego et berciano), mirandez, etc., pour constituer des langues différentes, comme par ex.: 1) l'italien, 2) l'espagnol, et 3) le portugais littéraires. Au reste ce qui importe le plus ce sont les faits matériels». (Carta de 9 de Junho de 1884).

«Je crois que portugais ordinaire (avec ses sous-dialectes) mirandez et gallego sont trois dialectes bien distincts de la même langue. Je veux dire trois co-dialectes indépendants comme dialectes, mais aucun des trois ne constituant une langue indépendante. Presque tous les linguistes que je connais, après avoir pris connaissance du mirandez, ne paraissent pas disposés à voir en lui une langue.

Le *gallo-italique* et *l'italien du midi*, voilà vraiment deux langues néo-latines indépendantes, de même que le frioulan, qui, soit que l'on adopte les idées d'Ascoli, ou non, ne peut plus être considéré, comme autrefois, comme faisant partie des dialectes italiens.

Comparez maintenant la différence qui passe entre *italien* et *gallo-italique* d'une part, et *mirandez* et *portugais* de l'autre, et vous verrez que cette dernière est à peu près celle (tout au plus) que présentent le *vénitien* et le *toscan-italien*». (Carta de 10 de Março de 1885).

L.-Lucien Bonaparte.

V

DO ATHEISMO DOS CALLAICOS

Na *Geographia* de Estrabão (III, IV, 16) lê-se o seguinte: «Dizem alguns que os Callaicos são atheus». Por *Callaicos* entende aquelle geographo os povos do Norte do rio Durius (Doiro): *ib.*, *ib.*, *ib.*, 20.

Custa admittir tal noticia, ao saber-se pelas inscripções da epocha romana que os Callaicos tinhão muitos deuses indigenas, como *Aernus*, *Bormanicus*, *Brigus*, *Coronus*, *Cusuneneoecus*, *Durbedicus*, *Tameobrigus*, *Turiacus* [1], *Edovius* [2], *Navia* [3], etc., etc., bem como outros que forão identificados pelos Romanos aos Lares, aos Genios, ás Nymphas, etc., por exemplo: *Lares Cusicelenses* [4], *Genius Laquiniesis* [5], *Nymphae Lupianae* [6] (que são talvez divindades topicas).

Já varios AA. contemporaneos tentárão refutar ou explicar a passagem do geographo grego [7]; mas ninguem se lembrou, que eu saiba, de suppôr que o que na informação primitiva, aproveitada por Estrabão, se quis indicar foi que o que os Callaicos não tinhão era *idolos* ou *imagens*, e não *deuses*. Ainda hoje na nossa linguagem quotidiana chamamos frequentemente *santos* ás *imagens* dos santos; além d'isso o grego *theós* tambem póde significar *idolo*. Comprehende-se que numa informação d'estas, passada de mão em mão, viessem a confundir-se

1 Sobre estes vid. os artigos dos Srs. Martins Sarmento e Adolpho Coelho na *Rev. Lusit.*, I, 227 e 351.

2 *C. I. Lat.*, II, 2543.

3 *Ib.*, *ib.*, 2602.

4 *Ib.*, *ib.*, 2469.

5 *Ib.*, *ib.*, 2405.

6 No Museu da Sociedade *Martins Sarmento* de Guimarães. Este museu archeologico, graças á egide a que se ampara, e á dedicação e intelligencia d'aquella Sociedade, é um dos mais interessantes do nosso país, em ceramica, em esculptura, em epigraphia, em objectos prehistoricos da epocha do bronze, etc. — Muitas cidades e terras devião seguir o exemplo de Guimarães.

7 Aureliano Fernandez Guerra in *La Ciencia Cristiana*, Abril de 1877, p. 24; Eduardo de Hinojosa, *Hist. del derecho español*, I, p. 80; F. Martins Sarmento, in *Renascença*, p. 122, col. 2, not. 5; F. Adolpho Coelho, in *Compte rendu* do Congresso prehistorico de Lisboa (1880), p. 439.

as duas noções, aliás distinctas, de *idolos* e *deuses*, chegando a final Estrabão a tomar a segunda pela primeira. Ainda que as interpretações dos Srs. Coelho e Sarmento são engenhosas, logicamente deduzidas, e ha nellas alguns factos positivos, todavia a minha harmoniza os factos epigraphicos (onde a noção de *deus* apparece clara, como se vê em *deus Bormanicus, deus Durbedicus, deus domenus Cusuneneoecus*, etc.) com a formal noticia do geographo: o que não significa que eu a não submetta á apreciação da critica competente. Póde objectar-se que a noticia de Estrabão, interpretada á lettra, era verdadeira só para um ponto limitado da Callaecia, e que elle a generalizára; no emtanto as inscripções divinas apparecem numa área muito extensa.

Não terem os Callaicos, ou alguns d'elles, imagens para os seus deuses, em certo periodo do seu desenvolvimento religioso, não é facto unico nem raro: dava-se isso, por exemplo, nos Romanos antigos, nos Germanos, etc. [1].

Notarei mais um facto, que no emtanto tem só valor muito relativo: poucos monumentos ha, se alguns ha positivos, com figuração de divindades, da epocha e região a que me refiro; existem porém diversos symbolos religiosos, como por exemplo na Citania de Briteiros.

J. L. DE V.

VI

NOTAS PHILOLOGICAS

1. O português de Olivença

Numa excursão que no Entrudo d'este anno (1892) fiz pelo Alemtejo, proporcionou-se-me occasião de fallar com uma pessoa de Olivença, que me ministrou ácerca da lingua portuguesa d'aquella cidade os materiaes que aproveito nesta nota.

Olivença foi, como se sabe, terra portuguesa, e hoje pertence á Hespanha: por esse motivo falla-se lá português e hespanhol; isto é, é uma povoação bilingue. Socialmente, o hespanhol está para com o português nas seguintes relações: como lingua official (nas aulas, etc.) usa-se o hespanhol; como lingua familiar, usa-se em geral o português, se alguem na familia é de origem portuguesa. Frequentemente o pae, por ex., falla hespanhol, quando é d'esta origem, e os filhos, quando a mãe é de origem portuguesa, fallão português. Quando numa familia, em que o pae ou a mãe tem origem portuguesa, se ensinão

[1] Cfr. Preller, *Roemische Mytholog.*, I, 105; Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 7; Tiele, *Manuel de l'hist. des relig.*, 294; Ukert, *Germania* (1843), 234. — Sobre os Gallos, cfr. *Rev. Celtique*, I, 310; e Flouest, *Deux stèles de laraire*, 1885, p. 1-2.

por acaso os filhos a fallar habitualmente o hespanhol, as outras familias de origem portuguesa censurão aquella.

Com relação á philologia observei o que vou dizer. Os ditongos portuguêses *ou* e *ei* são reduzidos, como no Alemtejo, a *ô* e *ê*: *priméro*, *ôro*, *andô*, *sô*, *estô*, etc. As syllabas *-enho* e *-ejo* soão, como no Alemtejo, *-ênho* e *êjo*: *vêjo*, *tênho*. O *lh* português é substituido por *y* andaluz: *fiyo* (= filho), *carvayo* (= carvalho), *máyo* (= malho), *móyo* (= mólho), *môyo* (= môlho), syllabando-se mesmo: *car-vá-yo*, *má-yo*, *mô-yo*. As syllabas portuguesas *aio*, *oio*, *uio* são igualmente substituidas por *á-yo*, *o-yo*, *u-yo*, como *Mayo* (má-yo) = Maio; *moyo* (mô-yo) = môio; *cuya* (cú-ya) = cúia. São pois iguaes na pronuncia os seguintes vocabulos: *Mayo* e *mayo* (= malho); *moyo* (= môlho) e *moyo* (= môio) [1]. O *o* aberto *(ó)* e o *o* fechado *(ô)* tem o mesmo valor que em português (Lisboa, etc.); o mesmo succede com o *e* aberto *(é)* e o *e* fechado *(ê)*. Assim se distingue *póbre* (português) de *pobre* (hespanhol); *pera* (hesp.) de *pêra* (port.). O *s* e *z* tem os valores portugueses do Sul. Existem vogaes nasaes (como no Alandroal, etc.); o *ẽ* e *õ* são até levemente abertos, como no Alemtejo [2], isto é, com *e* e *o* comprehendidos entre *ê* port. e *e* hesp. de um lado, e *ô* port. e *o* hesp. do outro, como verifiquei, pois esta pessoa ao mesmo tempo fallava bem hespanhol; notando estas nasaes por *õn* e *ẽn*, temos por exemplo: *vẽnto*, *fójẽm*, *virjẽm*, onde o *e* nasal final, como no alemtejano, se não ditonga. Diz-se *tẽ'mpo*, *tẽ'nto*, *lĩ'mpo*, *lĩ'ndo*, como no geral da nossa pronúncia. Quem me informou, distinguia perfeitamente o som do hesp. *-an*, por ex. em *Juan*, do port. *-ã*, por ex. em *lã*; e assim em relação ás outras vogaes. O ditongo português *eu* sôa *é* quando coberto, e *êu* quando descoberto, — como no Alemtejo [3], por ex.: *mé fiyo*, e *fiyo mêu*. — Em virtude da acção do hespanhol, o vocabulario português salpica-se de palavras hespanholas, como: *pantalha* (pára-fogo), *ule* (oleado da mesa, hesp. *hule*), *policía* (como em hesp. *policía*, em port. *polícia*), *crabinêro* (guarda da alfandega. Tambem assim na raia trasmontana. Hesp. *carabinero*), *fidéu* (aletria. Hesp. *fideos*), e até a particula *ansi* (hesp. *asi*). Tambem se diz *àguazil* e *trinco* (aldraba. Hesp. *trinquete*), que são ao mesmo tempo termos portugueses; *acero* (aço), que em hesp. é *acero* e port. arc. *aceiro* [4]. — O tratamento usual é *Vm.ce*, e não o hesp. *Vd.*

Das conversações que tive com a pessoa minha informadora concluí que o português de Olivença pertence ao sub-dialecto alemtejano da mesma zona (Alandroal, Redondo, Villa-Viçosa, etc.), apenas modificado no vocabulario e em alguns pontos de grammatica, como no *lh* tornado *y*, se é que este phenomeno é geral, e não particular de

[1] No hespanhol de Olivença o *ll* dá tambem *y*, por ex. *yabe* (= llave), *cabayo* (= caballo). Cfr. o meu opusculo *Dialecto hispano-extremenho*, p. 6.

[2] Cfr. *Dial. alemtejanos*, II, § 4.

[3] Cfr. *Dial. alemtej.*, I, § 5.

[4] Outras fórmas de Olivença: *clisado* (por *pasmado*, do caló *clises?*), *coliflor* (couve-flor, — cfr. hesp.), *burriquete* (banco) e *quinqué* (candeeiro, — cfr. hesp.).

quem me informou, que, aliás com algum esfôrço, tambem podia proferir o nosso som, embora na conversação sempre empregasse *y*. Merece pois o portuguès de Olivença um exame circumstanciado, não só para esclarecer a dialectologia portuguesa, mas porque alguns elementos póde dar para o estudo da questão das *linguas mixtas*. Ainda que o phenomeno de *y* por *lh* seja só individual, elle é curioso neste ultimo sentido.

2. **Trager**

Ao redigir, no antecedente n.º da *Rev. Lusit.*, p. 270-271, a nota sobre *trazer*, na qual assentei o facto positivo de que existe hoje nos dialectos *traguer*, e na qual deduzi verosimilmente que *trazer* póde estar por * t r a c e r e, em virtude de analogia com d i c e r e, etc., — esqueci-me de reparar em que Diez, in *Etym. Wört.*, II-*b*, s. v. *trage*, e Körting, *Lat.-rom. Wört*, n.º 8300, tinhão já deduzido * t r a g e r e, que, a ter-se pronunciado *trajer* a antiga graphia portuguesa *trager*, explicaria o *g*. Só eu me afasto de Diez em considerar o *g* de * t r a g e r e como meio de evitar o hiato, pois elle se explica melhor por analogia com os verbos em *-gere*, de preterito em *-xi*, como *regere*, etc. A fórma * *tragere* justifica-se por outras ling. romances, mas o port. *trazer* só se póde explicar bem, creio eu, por * t r a c e r e. Em todo o caso a morphologia d'este verbo, como eu disse a pag. 271, é muito complexa.

3. **Poucachinho**

Alguns diccionarios não trazem esta palavra, e outros considerão-na como variante de *poucochinho*. Em todo o caso ella é antiga e muito usada. Outra variante é *pouquechinho*, usada na Galliza e na Beira-Alta. Temos porém aqui tres palavras diversas em que entrão os suffixos compostos *-ach-inho, -uch-inho, -ech-inho*. Assim pois: *pouc-ach-inho, pouc-uch-inho* [1], *pouq(u)-ech-inho*. Dos suffixos *-acho, -ucho* e *-echo* já tratei na *Rev. Lusit.*, II, 271-272. Em portuguès ha muitos suffixos que só apparecem agglutinados a outros; hoje, por exemplo, não se diz *poucucho* nem *poucacho*, embora se diga *pequerrucho* (peq(u)-err-ucho), e haja em gallego *pouquecho*. No Alemtejo diz-se *pertxinho*, que está por *pertuchinho*, que ainda tambem se diz, soando porém o *ch* como *x*. O suffixo *-echo*, agglutinado ao suffixo *-erro*, encontra-se tambem em gallego na palavra *pequerrecho* (e *pequerrechinho* [2]). Em resumo:

* *poucacho*	como	*riacho*,
poucachinho	»	*riachinho*;

[1] É assim que se deve escrever. Costuma escrever-se erradamente *poucochinho*, com *o*, por influencia de *pouco*; mas na juncção do suffixo, o *o* do radical cae.

[2] Tambem assim se diz na Beira-Alta, bem como *pequerrichinho*, ou por influencia da palatal, ou porque é outra palavra com o suffixo parallelo *-ich-inho*. Sobre *-icho* vid. *Rev. Lusit.*, II, 271-272.

* *poucucho*	como	* *pertucho* e *pequerrucho*,
poucuchinho	»	*pertuchinho* e *pequerruchinho*;
pouquecho............	como	*pequerrecho*,
pouquechinho	»	*pequerrechinho*.

Parece-me que se póde acceitar sem difficuldade esta explicação.

J. L. de V.

VII

FÓRMULA CONTRA O QUEBRANTO

No folheto *Sonhava o cego que via*, por Alexandre Antonio de Lima, Lisboa 1763 [1], pag. 9, lê-se o seguinte:

«... huma velha com cara de dona, d'estas que saõ *benzedeiras de quebranto*, e dizem por amor [i. é, *por causa*] das bruxas ás crianças:

Tosca, — marosca,
Do rabo da mosca...»

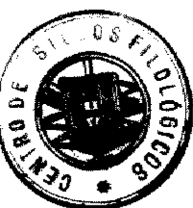
A fórmula não continúa. Como ella porém talvez ainda se encontre na tradição oral, se algum leitor a puder recolher completa e authentica, publicar-lh'a-hei com toda a vontade na *Revista Lusitana*.

J. L. de V.

---

[1] Folheto curioso para o estudo dos costumes do seculo XVIII. — Este folheto, segundo diz Innocencio no *Dicc. Bibl.*, s. v., anda tambem encorporado nos *Rasgos metricos* do mesmo auctor. Eu, para esta nota, servi-me da edição separada.

NECROLOGIA



I

BORGES DE FIGUEIREDO

Em Outubro de 1890 finou-se em Lisboa o conhecido archeologo Borges de Figueiredo, ainda no verdor da mocidade. Era director da *Revista Archeologica* e deixa um vacuo muito sensivel na sciencia portuguesa. — Como a seu respeito escrevi um artigo biographico-critico no jornal lisbonense *O Dia*, n.ºs 980 e 981 (de 1890), reproduzido em opusculo com o titulo de *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa*, Lisboa 1890, 16 pag. in-8.º (edição de pouquissimos exemplares), dispense-me de voltar ao assumpto aqui.

Sobre a *Revista Archeologica* vid. *Rev. Lusit.*, vol. I, 188, 286 e 391; e vol. II, 90.

No periodico allemão *Deutsche Litteraturzeitung*, 1890, n.º 45, de 8 de Novembro, col. 1668, publicou o notavel archeologo Sr. E. Hübner, de Berlin, uma curta noticia do fallecimento de Borges de Figueiredo, na qual, como em vários outros n.^{os} do mesmo periodico, se elogia a *Revista Archeologica*.

J. L. DE V.

II

O PRÍNCIPE LUIS LUCIANO BONAPARTE

Éste ilustre e infatigável glotólogo, que faleceu a 4 de novembro de 1891, em Fano, no Adriático, era sobrinho de Napoleão I, e o título de que usava fôra-lhe concedido por Napoleão III. Nascera em 1813, tendo vivido por tanto setenta e oito annos.

Tomou parte deminutíssima na politica, porque o estudo lhe absorveu todas as faculdades. Havendo primeiro consagrado a sua atenção às ciencias naturais, especialmente quimica e mineralojia, em breve as abandonou para se dedicar com o maior empenho ao estudo cativador e absorvente da ciencia que tem por objecto a principal faculdade humana, a fala, as linguas, estudo para o cual estava em certo modo preparado desde criança, pois que lhe eram completamente familiares a italiana, a francesa e a hispanhola.

O campo cultivado pe'las faculdades superiores de que o dotara a natureza é vastíssimo, e abranje dominios glóticos diversíssimos, tais como: o vasconço, as linguas esclavónicas, as linguas célticas,

uralo-altaicas, o albanês, os dialectos románicos de Italia, o português, os dialectos da Hispanha, etc. O seu livro sôbre o verbo vasconço dispertou a atenção dos competentes, como Van Eys e Vinson, concuanto as suas teorias não encontrassem assentimento decisivo. O Príncipe, designação pe'la cual era conhecido em Inglaterra, onde habitava há bastantes anos, e com que é jeralmente citado, ocupou-se com muito proveito em comparações fonolójicas entre aquelas diversas linguas e dialectos. A êste aspecto os seus trabalhos despertarão sempre a curiosidade dos entendidos, e serão em todo o tempo lidos com utilidade, pe'los factos bem averiguados e preciosos que conteem. É muito longa a lista das suas publicações; grande parte das cuais eu possúo, graças à sua extremada benevolencia, nunca desmentida na correspondencia científica que durante mais de dois anos com ele mantive, e que teve por principal assunto a pronuncia portuguesa e galega, mas na cual outros pontos foram tratados, em que se patenteiam os vastos conhecimentos, prudencia e lucidez d'aquelle bello espírito.

Foi colaborador assiduo do afamado periódico inglês «The Academy», e a Sociedade Filolójica de Londres, de que era membro, deve-lhe um número considerável de monografias do maior interêsse, que se acham publicadas nas suas Memorias (Transactions) dêstes últimos dez annos, e de que foram tiradas edições à parte, as cuais a sua jenerosidade profusamente repartiu por todos cuantos se ocupam dêste ramo de ciencias; nelas estão comprehendidos na maior parte os trabalhos a que acima me referi.

Editou por sua conta, além da parábola evanjélica do Semeador, traduzida em setenta e duas linguas e dialectos, em 1857, o Evanjelho de São Mateus em asturiano e galego, edição de duzentos exemplares cada uma.

A sua livraria era copiosíssima e selecta, rica sobretudo em obras da especialidade dos seus estudos. Ignoro cual haja sido o destino dela.

Foi amigo intimo de Alexandre João Ellis, já falecido, o célebre autor do livro *On Early English Pronunciation*.

Especializando o que entre as suas obras diz respeito a Portugal, por cuja lingua ele muito se interessava (e é com esse titulo que esta noticia necrolójica tem logar na *Rev. Lusit.*), mencionarei aqui:

De las terminaciones hispano-portuguesas -ez e -es;

O Evanxelio segun San Mateo, em galego;

On Portuguese simple sounds;

Portuguese Vowels according to Mr. R. G. Vianna, Mr. H. Sweet and myself.

A. R. Gonçalves Vianna.

III

ESTACIO DA VEIGA

Estacio da Veiga (Sebastião Philippes Martins) n. em Tavira, Algarve, em 6 de Maio de 1828, m. em Lisboa, em 7 de Dezembro de 1891.

Estudou preparatorios no Lyceu Nacional de Faro, seguindo na Escola Polytechnica. Collaborou em *A Nação, La America, Revista Iberica*, etc. Fez alguns ensaios no drama e na poesia.

Dedicou-se com mais attenção e intensidade a estudos archeologicos, e especialmente ás antiguidades do Algarve, região opulentissima em vestigios do passado.

Estacio da Veiga consagrou outros trabalhos á sua provincia natal, como veremos.

Era espirito muito cultivado, possuindo conhecimentos pouco vulgares de sciencias naturaes.

Iniciou, organizou, classificou o Museu do Algarve, installado na Acad. das Bel. Artes. Parte d'esta grande collecção está conhecida, parte inedita. O *Occidente* de 11 de Janeiro 1892 publicou um excellente retrato de E. da Veiga.

Em 1866 publicou um estudo interessante: *Povos Balsenses, sua situação geographico-physica indicada por dois monumentos romanos recentemente descobertos na quinta da Torre d'Ares* (Lisboa, Imp. Nac., in-8.º). Uma inscripção apresenta muitos nomes pessoaes. Outra menciona um banquete funebre. A inscr. grega de Evéno e Antioche, achada na quinta do Trindade, sitio de Santa Luzia, a meia legua de Tavira, é monumento singular no occidente da peninsula.

No mesmo anno fazia uma exploração botanica, em companhia do conde Salms-Laubach, na serra de Monchique; resultava d'essa visita o trabalho = *Plantas da serra de Monchique observadas em 1866* = publicado no Jorn. Sc. M. Ph. e Naturaes (A. R. das Sc.) em 1869, de que se tiraram separatas de 11 e 22 pag. A serra de Monchique é constituida por duas grandes alturas, Foya e Picota, geologica e botanicamente distinctas. O a. menciona grande numero de nomes vulgares das plantas. E' nas alturas da Foya que vegetam os bellos exemplares do *Rhododendron ponticum*, chamado pelos algarvios *adelfeira*.

Romanceiro do Algarve (Lisboa, Imp. de Sousa Neves, 1870, xxxviii-206 pag. in 8.º). Em duas partes, romances, e lendas christans. a) *Romances:* Dom Julião. O cavalleiro da Silva. Dom Rodrigo. Dom Aleixo. A Moira encantada. Almendo. A Nau Cathrineta. Dom Joaquim. A Captiva. Dom Diniz. O Captivo. Dona Aldonça. O Encarcerado. Dona Branca. O paladim captivo. Dom Manoel. A Noiva arraiana. Os dois amantes. A enganada. Os Calvos. A aldeana. A pastora. A ausencia. O frade. — b) *Lendas christans:* A Senhora da Piedade. A Senhora dos Martyres. Santo Antonio e a Princeza. Santa Iria (lições

do Algarve e do Ribatejo). A Senhora da Orada. Santa Cecilia. A Senhora das Angustias. A fonte das almas. — E. da Veiga faz explicações previas aos romances e lendas [1].

Em 1879 se publicou o primeiro grande trabalho archeologico de E. da Veiga = *Antiguidades de Mafra, ou relação archeologica dos caracteristicos relativos aos povos que senhorearam aquelle territorio antes da instituição da monarchia portugueza* (Lisboa, Typ. da Acad. 1879, 111 — 3 pag. in-8.º e VIII est.)

Tem muita noticia das epocas pre-historica, romana, arabe, medieva portuguesa; e alguns documentos importantes.

Refére-se a antiguidades de Lexim, Paço de Ilhas, ás tulhas de Mafra e da Raimonda. Os documentos (sec. XII e seg.) começam a pag. 89. Menciona insc. e moedas romanas. No aro de Mafra ha alguns vestigios prehistoricos. A respeito de tulhas e silos, cavidades regulares abertas em rocha, ou talhas enterradas para guarda e conservação de cereaes, é bom ter presente que ainda no sec. XVI estavam em pleno uso. Ha fóros impostos em covas de ter pão. E' pasmoso como o povo, tratando-se de *pão*, perdeu o conhecimento tradicional do uso das tulhas e silos.

Segue logo outro trabalho archeologico de importancia = *Memoria das antiguidades de Mertola, observadas em 1877* (Lisboa, Imp. Nacional, 1880, in-8.º, 189 pag. Cart. topog. Est. no texto).

A inverna de 1876-77 foi extraordinaria. O Tejo e o Guadiana encheram espantosamente. As aguas do ultimo chegaram a pontos onde havia repouso desde arabes, godos, — desde romanos! e removeram terras, e revelaram os antigos cemiterios. O sr. E. da Veiga foi encarregado officialmente do exame das ruinas e vestigios descobertos pelo escavar da torrente.

O seu trabalho é notavel, methodico e seguro. Menciona moedas e inscripções. Estuda as insc. arabes e as christans, do anno 465 a 706; estas formam a mais importante collecção d'esta época que existe no paiz.

Orchideas de Portugal (Lisboa, Typ. Acad. 1886, in-4.º). Tem XXXVI est. lithographadas. Descreve 54 especies. E' estudo minucioso. O a. conhece os botanicos nacionaes e estrangeiros. Não esquece as designações populares. E' curioso ver a exactidão com que o povo denomina as orchideas, pela fórma e côr das flores: herva abelha, aranha, borboleta, lingua, mosca, vespa, etc.

Em 1880 publica outro trabalho notavel em epigraphia, *A Tabula de bronze de Aljustrel, lida, deduzida e commentada em 1876* (Lisboa, Typ. da Acad. 1880, in-8.º). Com est. dobráveis com a leitura do fragmento do codigo Vipascence, e similes das duas faces da tabula; explicação dos differentes artigos.

Foi E. da Veiga que começou a leitura da tabula. A. Soromenho

[1] [Sobre o valor d'este *Romanceiro* cfr. *Epopeias da raça mosarabe*, por Th. Braga, p. 372, e *Annuario das trad. pop. portug.*, 1882, p. 71. — J. L. DE V.].

acompanhou-o, aproveitando-o no opusculo = *La table de bronze d'Aljustrel. Rapport par A. Soromenho. Lisbonne, 1876.*

Este monumento pertence á Commissão geologica. O trabalho de Jacques Flach (*La table de bronze d'Aljustrel*, Paris, Larose, 1879) resume os estudos de Huebner, Mommsen, Wilmans, Bruns, etc. Flach apresentou nitidamente a traducção e discussão dos artigos, de importancia capital para o conhecimento da vida numa localidade mineira da Lusitania, onde havia banhos publicos e um mestre-escola dispensado de pagar contribuições!

O trabalho de Flach foi pela 1.ª vez publicado em 1878 na *Nouvelle Revue historique du droit français.*

E. da Veiga foi encarregado officialmente de estudar a archeologia do Algarve. O primeiro resultado d'essa commissão appareceu em 1886.

Paleoethnologia. Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos. Vol. I (Lisboa, Imp. Nacional, 1886, in-8.º). Tem cartas topog. e alg. est. Descreve locaes, monumentos, objectos achados nas explorações. Ha no seu trabalho grande numero de factos ineditos.

O Algarve é uma região singular no ponto de vista archeologico. O clima suave, o solo fertil, as suas amplas enseadas prolongadas em esteiros, a situação geographica convidaram os povos antigos a demora e permanencia. Estrabão descreve já o país com muita verdade. A intensidade da vida pre-historica ali é tão admiravel como a do periodo romano.

No segundo volume (1887) o a. estuda o *neolithico*, com trabalhos minuciosos, por ex. o das *placas de schisto*, e a *craniometria.*

No terceiro volume (1889) entram os metaes, a questão do uso do cobre, as minas, a ceramica.

No quarto volume (1891) insére o *Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal.* O a. tinha o seu plano para a exploração archeologica do país, organização de museus provinciaes, etc. Tão fanatico e ingenuo que chegou a ir ao *passado* Ministerio de Instrucção publica, apresentar o seu plano!

Neste volume trabalha ainda sobre o uso de instrumentos de cobre; publica muitas estampas: escreve das sepulturas quadradas, dos monumentos epigraphicos, dos celebres estoques de bronze, das contas vitreas, etc.

Pondo de parte theorias e hypotheses, estes volumes tem grande valor pelo numero de achados e objectos que archivam.

Todos os trabalhos de Estacio da Veiga testemunham o seu espirito dedicado, enthusiasta, e por isto lhe devemos muita gratidão

GABRIEL PEREIRA.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Kreolische Studien, do dr. Hugo Schuchardt

I

Começou em 1882 os seus preciosos Estudos sôbre dialectos crioulos o abalisado professor da Universidade de Graz; e até 1891 teem eles sido sucessivamente publicados, quer nas «Memorias da Classe de filosofia e historia da Academia Imperial das Ciencias de Viena», quer no «Jornal para filolojia románica» (Zeitschrift für romanische Philologie) vol. XII e XIII, quer na Revista «Englische Studien», de 1888 e 1889.

Sería difícil encontrar um glotólogo mais competente para arcar com as dificuldades de tais investigações, que constitúem mina só muito recentemente explorada. A vastidão do seu saber neste ramo de ciencia é efectivamente assombrosa. Além do perfeito conhecimento dos rigorosos métodos de averiguação que caracterizam esta principalíssima parte das ciencias filolójicas, do que dá testemunho evidente em todos os seus escritos, possui o notavel professor um cabedal de noções práticas e de aplicação, raro de encontrar em quem com tamanha proficiencia cultiva a parte especulativa da glotolojía. Em uma carta sua, de que lhe peço venia para traduzir algumas linhas, diz-me, respondendo a uma pergunta que lhe fizera: «Deve saber que não consagrei nunca ao português estudo a preceito; nisto se diferença para mim de todas as outras linguas em que tenho tentado expressar-me por escrito (em parte publicando), como cámbrico, majiar, vasconço, hispanhol. Por outro lado nunca tive também ocasião de me exercitar a falar português, como a tenho tido com referencia às ditas linguas».

Que não é isto uma simples afirmativa provam-no os seus valiosos escritos, publicados em alemão, francês, húngaro, etc. O conhecimento que tem de outros idiomas, nos cuais mantém correspondencia assidua, como italiano, hispanhol, português, que escreve com bastante correcção, sem mencionarmos a sua proficiencia científica em linguas célticas, esclavónicas, malaias e outras, revela-se em tantos escritos valiosos, que teem sido publicados há vinte annos na «Romania» e na «Zeitschrift für Romanische Philologie», e sobretudo na memoria, de tamanho interêsse, acêrca da penetração das linguas esclavónicas no alemão e no italiano, intitulada «Slavo-Deutsches und Slavo-Italienisches», dedicada em 1883 ao ilustre Francisco de Miklosich, da cual devo à amabilidade do seu autor o exemplar que possúo, como à mesma jenerosidade também devo cuási todos os escritos seus que tenho.

Acrescentem-se a tantos títulos de sabio eminente mais outros dotes que vou enumerar: um estilo encantador, um primor de linguajem, como o que nós cativa no seu formoso livro «Romanisches und Keltisches», que no seu jenero compete com os «Mosaicos Románicos» (Romanske Mosaiker) de Nyrop; um entusiasmo fervoroso e comunicativo por êstes estudos seus predilectos, uma benevolencia serena e justa para o menor valor alheio, se nele descobre sinceridade e seriedade de intuitos, uma dilijencia infatigável para colhêr informações, e uma arte especial em as obter e aproveitar com inquebrantável tenacidade; e ter-se há um retrato do autor dos «Estudos Crioulos», nos cuais os portugueses ocupam a parte mais notável e com maior amor tratada.

O dr. Hugo Schuchardt fez-se conhecido aínda em idade juvenil pela obra monumental, «Die Aussprache des Vulgärlateins» (A pronuncia do latim vulgar), que o colocou na categoría de um dos primeiros filólogos, título que todos os seus trabalhos posteriores teem confirmado. Repetiremos, portanto, que ninguém duvida de que os «Estudos Crioulos» estejam em *boas mãos*, como disse o dr. Ad. Coelho, ao dar noticia favorável dos primeiros (1).

Não foi, porém o dr. H. Schuchardt o primeiro a tentar o exame cientifico dêsses falares especialíssimos. Já antes, em Portugal, outro professor, de erudição e capacidade extraordinarias e de dotes de espírito excepcionais, havia chamado a atenção dos romanistas e dos glotólogos em jeral para esse ramo da ciencia das linguas. Em 1881 publicava o sr. Fr. Ad. Coelho no «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», o seu primeiro trabalho sôbre o assunto, intitulado «Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America», o cual foi um verdadeiro toque de rebate, que teve eco em toda a parte. Seguiram-se-lhe outros dois até 1886 (2), e oxalá que o seu zêlo não haja afrouxado, e outros estudos o não desviem dêste, que lhe parecerá menos importante (3).

Nesses escritos, tanto mais de estimar, cuanto o material disponivel, especialmente para o primeiro deles, fôra escasso, expunha o glotólogo português a sua opinião ponderosa, que os dialectos crioulos obedeceram na sua formação a principios jerais de simplificação gramatical, exercida nas linguas de que proveem, tendo na sua constituição essencial, como formas peculiares das linguas europeias, influído muito pouco as particularidades gramaticaes dos idiomas falados pelos individuos indíjenas, ou adventicios nos logares em que tais dialectos se formaram, para servirem de meio de comunicação entre pessoas que falavam linguas distintas e mutuamente inintelijíveis, difundindo-se essas novas formações ao depois lentamente entre os colonos europeus.

Esta proposição, que produziu certo assombro, porque à primeira vista parece um paradoxo, formulou-a o dr. Ad. Coelho nos termos seguintes, no seu primeiro estudo citado:

«Os dialectos romanico-creolos, indo-portuguez, e todas as formações similhantes devem a origem á acção de leis psychologicas ou physiologicas por toda a parte as mesmas, e não á influencia das linguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos».

O que são pois os crioulos na opinião do glotólogo português? Já no-lo dissera por estas palavras duas pájinas antes: «Os dialectos romanicos e creolos, indo-portuguez e todas as formações similhantes representam o primeiro ou primeiros estadios na acquisição de uma lingua estrangeira por um povo que falla ou fallou outra».

E' porém tal afirmativa, categórica como se apresenta, um raciocinio *a priori?* Donde partiu Ad. Coelho para chegar a esta conclusão, que parece inverosímil? Do exame detido do material sôbre o cual foi elaborado o seu primeiro estudo dos crioulos, e que comcuanto insuficiente por pouco copioso, como confessa, abranjeu aínda assim um grande número de crioulos diferentes: cuatro portugueses de Africa, um tipo jeral brasileiro, o indo-português, o macaísta, o crioulo hispanhol de Coraçao, os franceses da ilha Mauricio, e da Luisiana e outros, e por fim a chamada lingua franca, do Levante.

Mais tarde o douto e sagaz professor amplìou êsses estudos e aprofundou o exame em maior número de dialectos e com maior copia de dados, e o seu primeiro juízo não mudou; e apesar de tudo cuanto em contrario se haja dito, aínda ele se impõe á convicção desapaixonada: terá talvez de ser um dia a teoría verdadeira, se os estudos de Schuchardt, baseados principalmente no exame das leis gramaticais das linguas indíjenas a não reduzirem a uma simples teoría, que os factos não comprovam e que os não explica.

A tese contraria foi abertamente sustentada por Luciano Adam, num traba-

(1) «Jornal do Commercio» n.º 8739 de 10 de janeiro de 1883.
(2) Bol. da Soc. de Geogr. de Lisb. 3.ª serie n.º 8, 6.ª serie n.º 12.
(3) Nem um momento tememos que se realize a abstenção, com que nos ameaça no «Circulo Camoniano» de dezembro de 1891, n.º 7, pag. 202.

lho de bastante merecimento, intitulado «Les idiomes Négro-aryen et Maléo-aryen», publicado em Paris em 1883, e cujo principal senão consiste na extraordinaria preocupação de conservar as feições etimolójicas, conforme a incongruentíssima ortografía francesa, não só aos vocábulos crioulos em si, mas até ás desinencias formais deles, o que torna a leitura embaraçosa e a apreciação dos factos dificílima.

Nessa tese procurou provar que os crioulos franceses de Madagascar e da Guiné são o produto da aplicação da gramática malgaxe e da dos idiomas dos negros da Senegambia, principalmente, a um vocabulario francês. Vê-se que o sabio glotólogo dá aos crioulos uma posição análoga á que ocupa o caló, ou dialecto dos ciganos de Hispanha, com respeito aos seus conjéneres da India árica; sendo todavia este último a aplicação da gramatica hispanhola a um vocabulario estranho, ao passo que nesses crioulos seria o vocabulario e não a gramática que teria orijem románica.

Os trabalhos do dr. Hugo Schuchardt, quer anteriores ao de L. Adam, e aos cuais o professor português se referira com encomio na análise rápida que deles fez em dois n.os do «Jornal do Commercio» de janeiro de 1883, conquanto ele até agora tenha limitado a sua atenção principalmente à colecção de abundante material, e exame detido das feições de cada dialecto e suas causas prováveis, tendem à demonstração da proposição contraria, que implicará a rejeição da teoria do professor português: admite pois a influencia das linguas indijenas como fundamental. Esta tese não é, em si, mais que uma face, ou antes um argumento em favor, de outra tese sua favorita — a possibilidade da existencia de idiomas mistos, produto da mutua penetração de linguas de sistemas gramaticais diversos, opinião que se manifesta expressa nestas palavras do «Slavo-Deutsches», p. 4:

«Se a alteração se funda na admissão de elementos heterojeneos, produz-se alteração propriamente dita; funda-se ela na admissão de elementos homojeneos, costuma-se chamar então misto ao produto. Assim se transformam os corpos inorgánicos física ou químicamente; assim, os organismos por selecção natural ou por cruzamento; assim finalmente as linguas, ou pela acção de todas as suas condições de existencia, em parte dependentes umas das outras, ou pela mistura com outras linguas».

Se da combinação de duas linguas totalmente distintas nos seus processos gramaticais pode resultar um idioma híbrido, uma combinação, que as compendie e elabore por forma tal que possa, reproduzindo-lhes as feições características, ter vida independente e constituição propria, — eis o que não está nem averiguado, cuanto mais confirmado. O parecer dos que mais a fundo teem dedicado a sua atenção a êsse objecto pronunciou-se até agora em sentido contrario.

Devemos confessar que a tese defendida pelo eminente glotólogo austríaco é de suma importancia para que, resolvida afirmativamente, influa consideravelmente no progresso da glotolojía, e no aperfeiçoamento dos seus meios de investigação.

Ninguém melhor que o dr. Schuchardt pode contribuir com estudos parciais, apreciar os alheios e colhêr de todos a síntese jeral que encaminhe à solução definitiva do problema; ninguém mais que ele tem com efeito em si proprio um objecto permanente de estudo, para aquilatar, com o método rigorosamente científico de que tem dado testemunho em todos os seus trabalhos, o modo e a importancia dessa lenta elaboração e transformação de elementos distintos, deduzindo as leis da sua assimilação, visto que pode expressar o seu pensamento, falando ou escrevendo, em idiomas diversíssimos, e está completamente habilitado a analisar os varios processos dessa expressão, sem se deixar levar por teorías fantasiosas.

As monografías até agora publicadas pelo dr H. Schuchardt sôbre dialectos crioulos, de que eu tenha conhecimento, formam três series, e em todas essas monografías se evidencia o estudo que o seu autor fez, mais ou menos profundo, dos idiomas que reputou haverem influído na formação de cada um dos crioulos, por serem anteriormente falados pelos indivíduos na bôca de quem se foram produzindo lentamente e regularizando aqueles dialectos.

1.ª Serie, publicada nas Memorias da Academia Imperial das Ciencias de Viena de Austria, desde 1882, contém até 1891 nove estudos, de que se fez tirajem à parte:

I. O crioulo português de São Tomé.
II. O indo-português de Cochim.
III. O indo-português de Dio.
IV. O malaio-hispanhol das Filipinas.
V. O inglês da Melanesia.
VI. O indo-português de Mangalor.
VII. O crioulo português de Ano-Bom.
VIII. O francês anamítico.
IX. O malaio português de Batavia e Túgu.

O mais consideravel déstes estudos é sem dúvida o último, que ocupa 255 pájinas, e constitui um trabalho a todos os respeitos completo, em que se tenta demonstrar com factos a possibilidade de linguajem híbrida.

2.ª Serie: intitula-se «Contribuições para o conhecimento dos crioulos románicos»; tem sido publicada no «Jornal para Filolojia Románica» e contém já as seguintes memorias:

I. Carácter jeral do português dos negros.
II. Crioulo português da Senegambia.
III. Crioulo português de Cabo Verde.
IV. Crioulo português da Ilha do Príncipe.
V. Carácter jeral do Indo-português (português da Asia).

Como se vê, estabelecem-se aqui duas divisões, e vemos que a 1.ª e 2.ª series se hão de completar mutuamente.

A 3.ª serie, publicada nos «Estudos Ingleses» (Englische Studien, órgão da filolojía inglesa, que sai á luz em Heilbronn) compreende as seguintes monografías:

I. Contribuições para o conhecimento dos crioulos ingleses.
II. Inglês da Melanesia.
III. Indo-inglês.

Desta última serie não me ocuparei senão de relance, e o mesmo farei com referencia aos crioulos não portugueses incluídos nas outras duas.

No próximo número desta Revista tentarei examinar os «Crioulos portugueses»; da análise deles todos resultará talvez o pronunciar-me decididamente por uma das duas doutrinas em voga sobre a essencia e formação dos crioulos em jeral — a do professor austríaco, ou a do professor português — ou talvez conciliá-las, procurando, cuanto possa, habilitar o leitor a proferir o seu juizo também. Se com algum cabedal puder igualmente contribuir, pe'lo menos de reflexões que a exposição dos resultados obtidos, cuidadosa e imparcial, me sujerir, constituirá ele mais um subsidio, parco e de pouco valor que seja, para o progresso dêstes estudos, cujos cultores são por emcuanto bem poucos em Portugal, e mesmo em nações estranjeiras, onde a glotolojía e a filolojía, como tudo o que à instrução e à ciencia interessa, ocupam logar eminente e são objecto principal da veneração pública, e não instrumento de rendosa especulação, ou passatempo de ignorancia vaidosa e dogmática.

A. R. Gonçalves Vianna.

Die portugiesische Sprache von Jules Cornu. — Strassburg, Trübner, 1888.

Este trabalho, que occupa 89 paginas, é uma separata do *Grundriss der romanischen Philologie* publicado pelo prof. Gustavo Gröber (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 191), e onde se estudão circumstanciadamente as diversas linguas romanicas e assumptos correlativos. Ninguem mais competente, fóra de Portugal, para o fazer, do que o sr. Cornu, que, alem dos seus solidos conhecimentos geraes da philologia romanica, de que é professor na Universidade allemã de Praga (Austria), e ácerca da qual tem publicado importantes estudos, sabe muito bem, principalmente na phonologia e morphologia, a lingua portuguesa, desde os mais antigos periodos até a actualidade.

Já por tres vezes (1878, 1880 e 1891) esteve no nosso país, com o que se habilitou na parte prática, e na exploração de textos antigos ainda ineditos. Do en-

thusiasmo com que na Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional de Lisboa se dedicou em 1878 e 1880 a ésta exploração, fallou-me elle assim numa carta: «Les jours que j'y ai passés sont au nombre des plus beaux de ma vie. Nulle part je n'ai rencontré plus de prévenance». Em 1891 o Sr. Cornu voltou a Lisboa, onde me deu o prazer de o conhecer pessoalmente; então pude apreciar as boas qualidades do seu espirito: uma faculdade extraordinaria de trabalho; uma franqueza não vulgar na conversação; uma bondade e amabilidade sem limites em responder a todas as perguntas e tratar todas as questões. D'estas duas ultimas qualidades me aproveitei eu em particular, adquirindo d'elle algumas noções da grammatica do francês archaico, e lendo juntos várias leixas da *Chanson de Roland*: o que aqui menciono como testemunho da minha gratidão.

Por occasião de me enviar a obra que constitue o assumpto d'este artigo, disse-lhe eu que com ella havia recebido a lingua de Camões uma bella consagração. O Sr. Cornu respondeu-me nestes termos, que tomo a liberdade de transcrever, porque ahi se vê alliada á maior modestia o mais vivo amor pelas coisas portuguesas: «A mon avis votre belle langue, dont j'aimais à entendre les sons comme ceux de mon dialecte natal, n'a pour cela point besoin de mon travail. En Europe, comme ont dit chez vous quelquefois, on est trop porté à oublier le portugais, parceque le castillan a une littérature si importante. Qui étudie l'époque de la renaissance portugaise, ne saurait manquer d'être saisi de la plus grande admiration pour les grands services que votre monarchie rendit alors à l'humanité. Ce que Camões dit dans de si beaux vers, chacun doit le ressentir qui aura lu les récits de vos intrépides navigateurs». Quem assim escreve, e com a sinceridade do Sr. Cornu, merece sem dúvida o nosso respeito; e é por isso que lamento que só tão tarde a *Revista Lusitana* possa dar noticia do importante livro do illustre professor de Praga.

Como trabalhos preparatorios para a elaboração d'este livro, que abrange no seu complexo a phonologia e morphologia historicas da lingua portuguesa, publicou na *Romania* o Sr. Cornu os seguintes artigos, de todos ou quasi todos os quaes se fizerão edições separadas:

1) *Portugais* ER AR = fr. RE. (Vol. IX). Neste artigo explica o sr. Cornu a antiga particula portuguesa *er* e *ar* (em phrases taes como *er avia, ar cavalgarõ*, etc., onde *er* ou *ar* precede ordinariamente o verbo) pela particula inseparavel *re-*, tornada separavel. Diez, no seu trabalho sobre a poesia medieval portug., e no Diccionario etymologico, tinha-a explicado pelo adv. *ora*. — A explicação do Sr. Cornu é engenhosa e apoiada em muitos factos.

2) *Etudes de phonologie espagnole et portugaise*, e *Etymologies espagnoles et portugaises*. (Vol. IX). Explicação do port. ant. *-dõe* (mod. *-dão)* por lat. *-tudinem* (em *dulcidõe, multidõe*, etc.); etymologia de mod. *escada*, arc. *escaada*, correspondente a hesp. *escalada*; etymologia de *escupir, despir, alavanca*, etc.

3) *Etudes de grammaire portugaise*. (Vol. X e XI). — Alem de uma introducção sobre varios textos portugueses pertencentes á *Livraria de mão* dos monges de Alcobaça, comprehende tres capitulos: um sobre a influencia das consoantes labiaes nas vogaes atonas; outro sobre o *a* prosthetico antes de *rr* em português, hespanhol e catalão; outro sobre varios nominativos que, segundo o Sr. Cornu, se conservárão em português. Comprehende ainda um appendice com algumas explicações etymologicas, como *aro, bicho, cas* (arc. *a cas del rey*, etc., onde *casa* proclitico deu *cas*; cfr. o meu *Annuario das trad. pop. port.*, p. 85), *coima*, ant. *nega nego, ninho, ontem, sarar*, etc. — Este artigo foi objecto de uma análise feita pelo Sr. Gonçalves Vianna com o titulo de *Etudes de grammaire portugaise*, publicada no *Muséon*, de Luvain, em 1884 (de que se fez edição á parte), e reproduzida em português no *Positivismo*, do Porto, IV, 493 sqq. — A etymologia de *aro* por a g r u m não me parece certa, pois a g r u m, quanto a mim, deu *airo*, conservado em *Castro-Daire*, cujá fórma antiga, que achei em foraes, é *Castro-Dairo (C.-d'airo); gr* deu tambem *ir* em *cheirar*, de f r a g r a r e (1): sem embargo temos *ne-*

(1) O Sr. Cornu para justificar *aro* por *airo*, compara *ar*, arc. *aar*, com o hesp. *aire*, do lat. a e r e m; *faro*, por **fraico* (Cfr. *Die port. Spr.*, § 217), com f r a g r a r e; *far* com f a c e r e; e *maj* com m a g i s. No emtanto o arc. *aar* está por **aer* (onde *r* mudou o *e* em *a*, como é normal);

gro, o minhoto *agra*, e no onomastico AGRELLOS, AGRELLA, etc., — diversidades que acensão epochas ou dialectos differentes. — Sobre *coima*, que o Sr. Cornu tira de calumnia, e cuja origem o A. com toda a sinceridade diz que já lhe parece haver sido prevista por Viterbo (*Elucidario*, s. v. *coomha*, Suppl.), cfr. tambem já Herculano, *Histor. de Portugal*, IV³, 385. — A proposito de *ninho* explicado, quanto a mim, muito bem por **nio* (l. nidus) por influencia do *n*, como *minha* de *mia*, diz o Sr. Cornu: «Cfr. *mim*, *mãi*, *mũito* ou *mũto*, exemples que Diez cite sans les expliquer, *Gramm.*, I, p. 383 (trad. fr. I, 357). Voir aussi II, p. 95, où *mim* l'a singulièrement embarrassé». Já eu num dos meus primeiros artigos glottologicos, na *Revista Scientifica*, 1882, p. 199, tinha explicado *mũito*, *mãi* e *mim* (e outras) por influencia do *m*: as nossas explicações forão pois independentes uma da outra. *Ninho* deve ter passado por **nio*: cfr. *vinho* = arc. *vio* (que em Viterbo se hade corrigir, em vez de *vio*): a fórma *nio*, pronunciada *niu*, existe ainda em mirandês, onde, igualmente sem nasal, se diz *mãi*, *mũito* e *mi*. Temos por tanto: nidus, *nio*, **nio*, *ninho*. O *nh* foi intercalado segundo uma lei hoje com applicação geral no sub-dialecto baixo-minhoto, onde se diz por ex.: «dá-me a mim *nh* a faca»: cfr. já tambem Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue port.*, p. 26.

4) *Anciens textes portugais*, — *Vida de Eufrosina*, *Vida de Maria Egipcia*, *Fragments pieux*. (Vol. XI). São cópias de mss. pertencentes ao mosteiro de Alcobaça (cod. 266), e hoje conservados na Torre do Tombo. — Estes textos não vem acompanhados de commentarios philologicos. — Os dois primeiros servirão de base a um estudo de Clemens Radermacker com o titulo de *Lautlehre zweier altportugiesichen Heiligleben*, Bonn 1899, ácêrca do qual o Sr. Gonçalves Vianna escreveu um artigo bibliographico que será publicado nesta *Revista*.

5) *Cancioneiro geral: phonologie syntactique et mesure des mots.* (Vol. XII). Este estudo, producto de grande paciencia e trabalho, basea-se no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, monumento litterario do sec. XV; nelle tem por fim o Sr. Cornu deduzir as leis a que está sujeito o encontro de certos sons, como vogaes tonicas com atonas, vogaes atonas com tonicas, etc., pois umas vezes se mantem hiato, outras operão-se contracções, etc. Como não posso fazer aqui observações a todo elle, limito-me a algumas poucas. Muitas vezes os poetas regulão-se não pelas syllabas grammaticaes, mas sim pelo ouvido: é assim que em versos como estes, que o Sr. Cornu transcreve,

Apostolo santo primeyro
Sam tam *asperas* em cuydar
Que sem *duvida* foy mayor

O *prinçepe* da vozaria
Nos tempos da moor *caramunha*
Vestido *como faz* mester, etc.

as palavras gryphadas pronunciavão-se *apost'lo*, *asp'ras*, *duv'da*, *prinçpe*, *c'ramunha*, *c'mo faz*, — o que ainda hoje succede na linguagem vulgar.

6) *Bravo*. Vol. XIII. Artigo muito interessante em que o A., apoiando-se em varios textos portugueses, e nas palavras de Viterbo (s. v. *barbara*, que no *Elucidario* se traduz por *bravia*), tira do lat. *barbarus* a palavra portuguesa *bravo*. As fórmas intermédias é que não me parece terem sido as que o Sr. Cornu indica, mas sim as que indico a cima, pag. 304.

7) Alem d'estes artigos especiaes, ha em outros do Sr. Cornu na *Romania* várias notas avulsas ácêrca de philologia portuguesa, por exemplo: no vol. X-589 sobre *cal'-te*, *guar'-te*, etc.; no vol. XI-119 sobre *coco*; no vol. XIII-283 sqq. (*Mélanges espagnoles*); no vol. XVI-560 sobre o debatido *andar*.

Assim preparado, e com os seus cursos escholares, que elle por duas vezes, em dois annos, consagrou inteiramente á nossa philologia, o prof. Julio Cornu pôde emprehender o trabalho generico *Die portugiesische Sprache* («A lingua portuguesa»), que passo agora a analysar. Como o livro não tem indice, nem summario, facto frequente em obras allemãs, o que obsta á clareza, e demora a consulta, aqui exponho o plano do auctor:

faro creio que se deve explicar por **farar* = **faragarar* = fragrare (suarabacti de *a*, syncope de *g* intervocalico, dissimilação de *ra*); *far* só apparece em *farei* e *faria*, o que estabelece condições phoneticas diversas; *mas* está em condições semelhantes, por ser de ordinario proclitica (e o povo ainda hoje usa muito de *mais* como conj. adversat.). — Parece-me que *aro* em expressões como «*aro* de Lamego», etc., não é senão uma metaphora do substantivo *aro* (synonimo de *arco*).

1.ª Parte: **Phonologia.**

I. Alphabeto e pronúncia.

1) *Vogaes e ditongos* (§ 1).

2) *Consoantes* (§ 2).

II. Evolução dos sons.

A) *Vogaes tonicas:* Transformação do lat. *a* (§ 3); *ĕ* (§§ 4-8); *ē* (§§ 9-11); arab. *ĕ* (§ 11 a); *ĭ* (§§ 12-15); *ī* (§§ 16-18); arab. *ĭ* (§ 18 a); *ŏ* (§ 19-23); *ō* (§§ 24-26); *ŭ* (§§ 27-30); *ū* (§ 31); *u* em posição (§ 32); arab. *ŭ* e *ū* (§ 32 a); *au* (§§ 33-39); *eu* (§ 40).

Appendice: Tratamento das vogaes tonicas no verbo, e nos substantivos verbaes desprovidos de suffixos:

1. Vogaes radicaes ou basicas dos tempos do presente: §§ 41-52;

2. Qualidade das vogaes nos substantivos verbaes sem suffixos: §§ 53-59;

3. Syllabas finaes dos verbos: §§ 60-64;

4. 1.ª e 3.ª pessoas do preterito perfeito: § 65.

B) *Vogaes atonas:*

I. *Phenomenos geraes:*

1. *Vogaes oraes:* §§ 66-78;

2. *Vogaes nasaes:* § 79.

II. *Influencia das vogaes e das consoantes nas vogaes atonas:*

1. Assimilação de vogaes a vogaes: § 81-88;

2. Assimilação de vogaes a consoantes: §§ 89-96;

3. Sorte das vogaes finaes: §§ 98-101;

4. Suppressão de vogaes atonas:

a) vogaes iniciaes: §§ 102-104;

b) vogaes protonicas: § 105;

c) vogaes postonicas em proparoxytonos: § 106;

d) conservação de numerosos proparoxytonos: § 107;

e) suppressão de syllabas iniciaes e finaes: §§ 108-109.

C) *As semivogaes* I e U: §§ 110-117.

D) *Consoantes:*

1. Preliminar: valor do L e R: § 118;

2. M, N, L (119):

a) Manutenção e mudança.

a) tratamento do M: § 120;

b) tratamento do N: §§ 121-127;

c) grupos: MR, NR, NF, NV e NS: § 128;

d) tratamento do L: §§ 129-132;

e) grupos: PL, BL, FL, TL, DL, CL, GL: §§ 133-141;

f) L seguido de consoante: §§ 142-143;

g) R: §§ 144-147; RS: § 148;

h) grupos em que o segundo elemento é a seguido de vog. + cons. em syllabas atonas (por ex. *trocer = torcer*) e syllabas tonicas: § 149;

i) LR = RL: § 150.

b) Influxo progressivo e regressivo de M, N, L, R: §§ 151-161.

3. O que succede ao P, B, V, T, D, S, Z, C, G:

a) em syllaba inicial: §§ 162-176;

b) em syllaba medial: §§ 177-238;

c) em syllaba final: §§ 239-243.

Incluem-se os casos em que esses sons são intervocalicos, ou seguidos de outras consoantes.

E) *Metatheses:* § 244.

F) *Phenomenos euphonicos:* § 245-252.

G) *Contracções:* § 253-254:

1. Vogaes oraes: §§ 255-275;

2. Vogaes nasaes: §§ 276-291;

3. Pluraes contractos dos subst. e adjectivos:

a) vogaes oraes: §§ 292;

b) vogaes nasaes: § 293.

4. Desinencias dos verbos: §§ 294-296;

5. Contracções syntacticas: §§ 297-298. — Para este § o A. remette o leitor para o *Essai de phonétique* do Sr. G. Vianna.

2.ª Parte: **Morphologia.**

A. *Substantivos e adjectivos:*

1. Genero: §§ 299-304;

2. Vestigios dos casos latinos: § 305;

3. Numero: §§ 306-308. — Com um appendice sobre os comparativos.

B. *Numeroes:* § 309-310.

C. *Pronomes:*

1. Pronomes pessoaes: *tonicos* (§ 311) e *atonos* (§ 312). — Com um appendice sobre o pronome ethico antigo *xi (xe)* = sibi;

2. Pronomes possessivos: § 313;

3. Pronomes demonstrativos e artigos: §§ 314-316;

4. Pronomes interrogativos e relativos: § 317;

5. Outros pronomes e locuções pronominaes (indefinid.): § 318.

D. *Verbo:* §§ 319-326. — Dá a explicação historica de muitas fórmas.

E aqui termina o trabalho do Sr. Cornu. O que immediatamente salta aos

olhos é que a grammatica não está completa, pois falta uma parte importantissima, que é a syntaxe, e ainda na morphologia não se trata, entre outros assumptos, da formação das palavras. Em grande numero de trabalhos contemporaneos de philologia romanica não é costume attender á syntaxe historica: o Sr. Cornu obedeceu a essa corrente. Por outro lado o A. luctava com a falta de espaço. Devido a essa escassez, foi que elle não incluiu tambem uma noticia especial dos dialectos portugueses, conforme eu lh'a tinha ministrado na *Revista Lusitana*, I, 191-194; o Sr. Cornu explicou-me assim a omissão, em carta de 26 de Maio de 1888, o que ao mesmo tempo serve tambem para justificar o acanhamento do plano grammatical: «Je ne dois pas manquer de vous dire que j'ai infiniment regretté de ne pouvoir faire usage de vos données sur les dialectes dans la *Revista Lusitana*. Voici comment cela s'est fait. D'après mon contract avec l'éditeur je m'étais engagé à traiter le portugais en 32 pages, chose impossible, comme je me suis aperçu après avoir réuni les matériaux. Au lieu de celà mes études m'en ont fait écrire plus de 80. Avant d'avoir dit tout ce que j'eusse aimé dire, j'ai dû bon gré mal gré clore ma grammaire. J'espère lors d'une prochaine édition du Grundriss pouvoir mettre à profit les renseignements.... que vous m'avez dédiés» etc.

Ainda assim como está, o livro do Sr. Cornu é particularmente interessante e util, pelo modo como os phenomenos estão agrupados, pela abundancia dos dados novos e pela intelligencia, perspicacia e rigor da exposição phonetica. O Sr. Julio Cornu, nos seus estudos philologicos, é em geral muito conciso, o que uma vez ou outra poderá acaso fazer que se lhe não patenteie por inteiro o pensamento; mas elle busca sempre apresentar os factos com minudencia, methodo e exactidão, qualidades que contrabalanção aquella.

No seu trabalho o Sr. Cornu abrange o idioma português em toda a vida historica: phase popular e phase litteraria; phase archaica e phase moderna. Toma os sons fundamentaes (latinos, germanicos, etc.,— mas sobre tudo latinos) e segue-os até aonde elles chegárão, sem se preoccupar se são antigos, se da actualidade, se forão empregados por Camões, ou se é apenas o çaloio quem os usa. Numa análise geral da lingua o methodo não podia ser outro. Para isto o A. aproveitou, quer os textos litterarios, desde a Idade-média, quer os trabalhos philologicos, realizados ácerca da lingua portuguesa, desde Fernão de Oliveira, no sec. XVI, até hoje. Neste sentido a obra é ainda uma boa fonte de noticias para quem se quiser informar da historia da nossa philologia.

Desejaria occupar-me meudamente de todos os pontos em que eu tinha de fazer observações ao Sr. Cornu, como tambem desejaria indicar todas as suas etymologias novas: uma e outra cousa porém levar-me-hião muito longe; alem d'isso, não só em vários artigos meus eu já tenho em parte feito isso, mas espero ainda continuar a fazê-lo noutros que publicar. Ainda assim porei aqui algumas notas.

A pronúncia normal de *ei* (§ 1) não é *ẽi*, mas *âi*: *râi*, *sâis* (rei, seis), etc.,— segundo a phonetica culta de Lisboa (que é tambem commum a várias regiões do Norte). — *Modelo* (§ 6) pronuncia-se com *ê* e não com *é*. — De *entrudo* (§ 23) ha ainda a fórma popular *entruído* ou *intruído* (Beira-Alta). — *Cerol* (§ 26) parece-me antes formado de *cera*, como *linhol* de linea, do que de cerotum. — Ao lado de *maiór* e *melhór* (§ 26) tambem se diz em alguns pontos do Norte *maiôr* (Chaves) e *milhôr*, com *ô*. — No § 37 deve ser: *escutar* = *escuitar* (pop.) = *ascuytar* (arc.) = ascultare (por *auscultare*). — Em *neste*, *nesse*, etc. (§ 102) não me parece que o *n* seja reflexo do *n* do lat. *in*: cfr. o meu opusculo critico *As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, pag. 43; se na *Regra de S. Bento* ha, como diz Cornu, *in este corpo*, *in esse compeço*, etc., ahi *in* é latinismo, como muitos outros de lá,—senão o *n* intervocalico teria desapparecido: alem d'isso como explicar os archaismos *em neste*, etc.? — No § 105 *açodar*, de **esubitare*, offerece difficuldade por causa do *ç*. — A questão do modo de tratar *tj* e *cj*, § 111, é muito complexa: pois, como é que temos por ex. o suff. *-ĭties* a dar, de um lado *-ice*, e do outro *-êz*? Porque é que temos *prezar* ao lado de *preço*, palavras que vem do mesmo radical, mas em uma das quaes ha *z* e na outra *ç*? Porque é que ratione(m) deu *razão* e *ração*? E' possivel que isto dependa da chronologia dos phenomenos. — *Debulhar* (§ 129) não póde vir de depilare (pois nesta o *l* syncopava-se): deve propor-se **depileare* (*li*, por *le*, + vog. = *lh*). — No § 129, em *Dalida* por

Dalila, *alquidar* por *alquilar*, *Odivellas* por *Ulivellas*, não vejo simples mudança de *l* em *d*, mas uma dissimilação: *l* — *l* < l — d. Tambem não creio que o *d* de *pàdejar* e de *adejar* seja reflexo do *l* de p a l a e a l a. Como éstas duas últimas fórmas derão *paa pá*, *aa* (arc.), tinhamos nós os participios virtuaes (substantivados) * *paada* e * *aada*, d'onde sahiu *pàdejar* e *adejar*, como de *mercado* sahiu *mercadejar*. Ainda o *a* aberto de *pàdejar* suppõe *paadejar*; tambem tenho já ouvido *àdejar*, cujo *à* suppõe *aadejar*. O *d* de *pàdeiro* tem tambem origem no *d* da desinencia participial *-ado* (*-ada*). — Para etymo de *pó* (§ 130) tem de se admittir, não *pŭlvis*, mas * *pŭlvum* (cfr. hesp. *polvo*), onde o *v* foi vocalizado por estar em contacto com o *u*: * *pŭluu*-, * *polo*, arc. *poo*, mod. *pó*. — § 187: *bafo* mal póde vir do nominat. v a p o r, embora *baforada* esteja por v a p o r a t a. Ou *bafo* será um falso primitivo, ou estará por v a p i d u s. Em todo o caso a explicação é difficil. — *Comilão* (§ 200) não póde provir de c o m e d o n e m, cujo *d* devia cahir; assenta, segundo creio, em * *comilar* (suff. demin. - i l l a r e: Diez. *Gramm*., II, 372). *Cóla* será antes palavra importada de Hespanha, pois mal póde vir de c o d a. — No § 233: entre s e c t o r i a e *sètoira* deve pôr-se o alto-beirão *seitoira*. — *Caracol* (§ 247) não me parece que esteja por * c l o c h l i o l u s: como em lat. ha c o c h l e o l a, fez-se o masc. * c o c h l e o l u s, e segundo a lei do - i o l u s, * c o c h l e ó l u s, — d'onde: * c o c l e ó l u -, * *cocleól* (cfr. *linhol*, *lençol*), * *clocól* (attracção para a syll. inic.), * *crocol*, * *kerocol* (suarabacti), *càrocol* (Madureira, *Orthogr*., — onde o *a* provém da infl. do *r*) e por fim *caracol* (1). Quando a proposito de uma palavra se indicão assim muitas fórmas intermédias, nem sempre se quer dizer que ellas tiverão existencia real, mas sim que a tiverão no espirito de quem falla. — Em *orvalho* (§ 251) o *v* parece ter sido introduzido em * *roalho* (√ r o r a l i a) para evitar o hiato, como em Ovaia e Valha (por * Ovalha); em Obidos ainda hoje se diz *rovalho*. O *r* medial da fórma lat. cahiria por dissimilação, ou immediatamente, ou depois de mudado em *l*. Temos pois: * r o r a l i u - (* r o l a l i u -) * *roalho rovalho orvalho*. — No § 252: *fagulha*, *faúlha* e *faúla* parece serem tres fórmas distinctas umas das outras: *fagulha* = * f a c u c u l a (de f a x; cfr. f a c u l a); *faúlha* = * f a u i l l i a * f a v i l l e a; *faúla* = * f a ú i l l a * f a v i l l a. — Para *viuva* (§ 253) ha-de admittir-se * v i d u v a (cfr. lat. v i d u v i u m, e ital. *védova*).

E'-me impossivel levar mais longe a minha análysе. Em summa: o trabalho do distincto professor de Praga constitue um dos mais notaveis que se tem escrito sobre a lingua portuguesa; ninguem que se occupe d'esta poderá dispensar-se de o consultar: e nelle encontrará sempre abundante lição e proveito.

J. L. de V.

Grammaire des langues romanes par W. Meyer-Lübke. Trad. fr. par E. Rabiet. Paris 1890. Vol. I. — (O titulo allemão é: *Grammatik der Romanischen Sprachen*. Leipzig 1890).

A unidade das linguas romanicas, e a sua filiação latina, já ha seculos foi enunciada e parcialmente provada. Data porém de Diez (1836-1842) a demonstração cabal d'este facto, que hoje está tão bem assente como aquelles conhecimentos scientificos que haja mais solidos; e d'elle não é licito duvidar.

Depois da publicação da Grammatica de Diez, que fez epocha na sciencia, os estudos romanicos progredírão com extraordinaria actividade em todo o sentido: a phonetica physiologica adquiriu principalmente maior importancia do que a que tinha naquella epocha; descobrírão-se dialectos que se não conhecião; muitos pontos apenas esboçados pelo Mestre forão desenvolvidos; ampliou-se o campo da etymologia scientifica, etc. Haveria pois conveniencia em que se redigisse uma nova Grammatica das linguas romanicas que expusesse o estado da sciencia, após 47 annos de constantes investigações.

O Sr. Guilherme Meyer-Lübke, actualmente professor na Universidade de

(1) Em todo o caso *caracol*, como mostra *cr-* por *cl-* não é palavra da primeira epocha da vida da lingua.

Vienna d'Austria, para onde foi da de Iena, emprehendeu esse trabalho. Não me pertence a mim, que cultivo restritamente a philologia portuguesa num país pequeno, fazer por inteiro a critica do livro, nem tambem possuo os dados sufficientes para isso; por tanto, no que se segue, vou limitar-me a pouco mais do que a algumas notas sobre o que na Grammatica do Sr. Meyer-Lübke se refere a Portugal.

O 1.º vol., que é por ora o unico publicado, comprende o seguinte:

Introducção, — em que o A. expõe o objecto da philologia romanica; a classificação, área geographica e phases das linguas romanicas; as fontes d'estas, etc.;

Capitulo I. — Vogaes. Nestas considera as *tonicas* e as *atonas*. Nas tonicas considera: manutenção, mudança e particularidades: vogaes latinas em hiato; ditongos. Nas atonas considera: lei das finaes, vogaes postonicas; vogaes protonicas; vogaes iniciaes. Aos dois §§ precedentes junta um sobre a historia das vogaes nasaes.

Capitulo II. — Consoantes. Neste cap. ha quatro §§: consoantes iniciaes; consoantes interiores; consoantes finaes de palavra; mudanças de phonemas.

Capitulo III. — Accento.

Capitulo IV. — A palavra na phrase.

Capitulo V. — Nota sobre a chronologia das mudanças phoneticas.

O A., sempre que isso é possivel, parte do latim vulgar, e tem em grande conta as fórmas dialectaes. Na sua exposição nem sempre ha porém muita fluencia e clareza; a cada passo o Sr. Meyer omitte ao lado das fórmas romanicas as correspondentes fórmas latinas, ainda quando não é facil descobrir éstas á primeira vista: assim por ex., no § 510 cita o port. *verça*, e no § 512 o port. *coima*, sem indicar o lat. virdia (de viridis) e calumnia, como se taes etymos fossem evidentes para qualquer leitor. O laconismo do A. faz que a sua Grammatica não possa servir com plena utilidade senão para quem já possuir algumas luzes do assumpto: ao passo que a Grammatica de Diez não só elucida completamente, mas attrae ainda o leitor leigo. Tambem ás vezes o Sr. Meyer-Lübke, comquanto obedeça a um methodo uniforme e geral, deixa de ser rigoroso no que diz: no § 510 assenta que *y* do lat. vulgar, em certas condições, deu em port. *j*, — e depois nos exemplos cita *moio*, *raio*, *enveja*, etc., onde ha *i* e *j*, que differem um do outro, — embora o A. adeante se refira a essa differença; no mesmo §, estatuindo que *di*, depois de *r*, passa a *z* em português e hespanhol, cita *berza* e *verça*, na segunda das quaes está, não *z*, mas *ç*, que aliás differe do *z* hespanhol, que tambem é differente de *z* português.

Passarei agora a algumas meudezas em particular.

No § 2 diz que «a philologia romanica tem por fim expor como é que o vocabulario latino, quanto á fórma e quanto ao sentido, se transformou nos diversos países em que se fallou romanço». Não me parece que a philologia romanica seja só isto.

No § 6 a classificação dos idiomas hispano-portugueses está um pouco embrulhada. Com relação a Portugal o A. podia ser mais preciso, pois na *Rev. Lusit.*, que elle conhece e cita, ha, no vol. I, 192-194, um esbôço de classificação. — A questão dos dialectos hespanhoes ainda não foi tratada no seu conjuncto. Muitos AA. hespanhoes porém, ou por falta de informações glottologicas, ou levados de falsas ideias de centralismo, negão que haja na Hespanha outros dialectos alem do asturiano e do gallego; quando muito admittem ligeiras variações provincianas do castelhano. Nas *Obras posthumas* de Fr. Martin Sarmiento, Madrid 1775, vol. I, leio: «La lengua vulgar de España es la que se llama *castellana*, y en general *romance*, y principalmente la que se habla en la corte... Antiguamente era Toledo la regla de hablar castellano culto; porque era Toledo la corte de España.... En las dos Castillas, Leon, Estremadura, las Andalucías, Aragon, Navarra, y Rioxa, con las Montañas de Burgos, es vulgar dicha lengua: se escribe, se entiende, y se habla con mas ó menos cultura, y con estos, ú otros idiotismos, ó de voces, ó de pronunciacion, ó de accento, que acá llamamos *tonillo;* pero sin llegar á hacer diferente dialecto de la castellana, en que se escribe.... En Asturias, Galicia, Por-

tugal, Valencia y Cataluña no es vulgar dicha lengua castellana (1)». Sobre dialectologia hespanhola vide tambem Amador de los Rios, *Histor. critica de la literat. española*, II, 402 (nota), 403 e 584-594: apesar de elle negar que haja dialectos hespanhoes em Navarra e Aragão, conclue-se porém dos factos apresentados que algumas variações dialectaes existem. No *Programa de la asignatura de gramática historico-comparada de las lenguas neo-latinas* da Eschola superior de Diplomatica de Madrid (lithographado) citão-se como dialectos hespanhoes: *verciano* (que aliás se liga ao gallego), *asturiano ó bable*, *navarro* e *castellano-aragones*. Sobre o aragonês publicou Peralta y Borão *Vocabulario de voces aragonesas*. Diez menciona o *asturiano* (I, 87, not. 1) e o *leonês* (I, 90): sobre o asturiano ha, entre outros trabalhos secundarios, o importante estudo de W. Munthe, analysado pelo Sr. G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, I, 279 sqq.; sobre o leonês é conhecido o estudo de Gessner, *Das Altleonesische*, Berlin 1867, e o art. de Morel Fatio in *Romania*, vol. IV. Num interessante trabalho do Sr. Morel Fatio publicado na *Encyclopedia Britannica*, vol. XXII⁹, 1887, s. v. *Spain*, considera este A. como dialectos hespanhoes o asturiano, o navarro-aragonês e o andaluz, ao qual liga as variações dialectaes do Sul da America: sobre a independencia do leonês, porém, apesar do artigo que lhe consagrou na *Romania*, faz suas reservas. O mesmo A. publicou neste periodico, vol. X, 239 sqq., algumas observações ácêrca da lingua popular fallada nos arredores de Salamanca no sec. XVI, para o que se baseou na ed. de 1867 das *Farsas y eglogas* de Lucas Fernandez. Nos *Estudos filologicos de la lengua española* de Tinajero Martinez, Madrid 1886, cita-se um espécime do dialecto *sayagués*, fallado entre Zamora e Ciudad-Rodrigo, a que eu tambem já me referi no opusculo *A philologia portuguesa*, p. 57. Está em via de publicação a seguinte obra (que sae por series): *Dialectos castellanos* por Pedro de Mugica; vi já o 1.º fasciculo, — *montañés, vizcaino, aragonés*, Berlin 1892. Sobre outras fallas provincianas de Hespanha e da America, etc., sei dos seguintes trabalhos, por os ver citados na *Monografia sobre los refranes* de D. José Maria Sbarbi, Madrid 1891: *Diccionario de voces gaditanas* de D. Adolfo de Castro (que faz parte dos *Nombres antiguos de las calles y plazas de Cadiz*, Cadiz 1857); *Diccionario de andalucismos* do proprio Sbarbi (ainda inedito): *Diccionario provincial casi razonado de voces cubanas* de D. Esteban Pichardo, Habana 1875 (4.ª ed.); *Vocabulario rioplatense razonado por D. Daniel Granada*, Montevideo 1890 (2.ª ed.); *Refranes o proverbios españoles de los judiós españoles* do Dr. Kayserling, Budapest 1889, que Sbarbi (p. 330) diz ser parte em «el lenguaje chapurrado que siempre usaron los judios de descendencia hispana». Ainda ácêrca de alguns dos assumptos tratados nestas obras citadas por Sbarbi conheço estudos especiaes: sobre o andaluz, além dos numerosos textos contidos no periodico *El Folk-Lore andaluz*, Sevilla 1882-1883, publicou o dr. Schuchardt em um jornal hespanhol (2) um artigo intitulado *Fonetica andaluza*, que supponho que ficou incompleto, e outro muito importante in *Zeitschrift für Roman. Philologie*, vol. V (1881), com o titulo de *Die Cantes Flamencos* (3), que foi analysado pelo Sr. Gonçalves Vianna in *O Positivismo*, vol. IV (1882), — e publicou F. Wulf um opusculo intitulado *Un chapitre de phonétique andalouse* (extr. de *Recueil de Mém. philolog. prés. à M. G. Paris*, 1889); sobre a America temos o valioso volume *El lenguaje bogotano* (Apuntaciones criticas) de Rufino José Cuervo, Chartres 1885 (4.ª ed.), e um artigo intitulado *Sur quelques singularités phonétiques de l'espagnol parlé dans la campagne de Buenos-Ayres et Montevideo* de G. Maspero, publicado in *Mémoires de la Soc. de linguistique de Paris*, t. II, p. 64, — alem de notas avulsas num ou noutro livro ou periodico; sobre a lingua dos judeus hespanhoes publicou o prof. Sanchez Moguel, a proposito de um texto de litteratura tradicional, algumas observações no *Boletín de la Acad. Real de la Historia*. Sobre o fallar da Estremadura, que creio pouco differe do da Andaluzia, sahirão na revista *El folklore frexnense y betico-extremeño*, Fregenal 1883-1884, dois artigos, a p. 34 e 37, e eu escrevi um pequeno folheto com o titulo de *Dialecto hispano-extremenho*, Bar-

(1) Pag. 94. — A pag. 142 cita *enzallo* como vocabulo de Rioxa. — Consultei este livro na Bibliotheca Nacional de Madrid em 1890.

(2) Conservo este jornal, mas não o tenho agora á mão, para poder verificar o titulo, local da impressão, etc. Parece-me que é sevilhano.

(3) Começado a ser traduzido in *El folk-lore andaluz*, p. 35.

cellos 1884. Alem d'estes estudos àcêrca do hespanhol propriamente dito ha outros sobre os creoulos hespanhoes, publicados pelos Srs. Emilio Teza, Hugo Schuchardt e Adolpho Coelho. Devo tambem mencionar aqui a serie de artigos de D. Joaquim Costa *Los dialectos de transicion en general y los celtiberico-latinos en particular*, no *Boletin de la Institucion libre de enseñanza* de Madrid (1879). — Independentemente do castelhano e mais dialectos hespanhoes, do gallego, que com o berciano, etc., pertence ao dominio glottologico lusitanico, da lingua de Olivença, que é a portuguesa, e do vasconço, que ainda se não classificou genealogicamente, falla-se tambem na Hespanha o catalão, que tem relações com o provençal, e comprehende na Hespanha as variedades da Catalunha, de Valença (ou *valenciano*) e das Baleares, e na Sardenha a variedade de Alghero, estudada por G. Morosi na *Miscellanea de Filologia*, p. 313 sqq. — Pondo pois de parte o vasconço, o gallego, o oliventano, o catalão, poderei estabelecer provisoriamente, em vista dos dados que acima reuni, o seguinte quadro da dialectologia hespanhola:

I. CO-DIALECTO ASTURIANO;

II. CO-DIALECTO LEONÊS, com as peculiaridades sayaguesas e salamanquinas, — e outras raianas;

III. CO-DIALECTO NAVARRO-ARAGONÊS;

IV. CASTELHANO, como lingua nacional, que comprehende os seguintes dialectos:
 a) *estremenho-andaluz*, — e outras fallas populares do continente;
 b) *os dialectos da America* (Montevideo, Bogotá, etc.);
 c) *a falla dos judeus* de origem hespanhola;
 d) *os crioulos* (Curaçao, Philippinas, etc.).

Os dois primeiros estabelecem transição do dominio hespanhol para o lusitanico; o terceiro estabelece transição para o dominio catalão. — Se as diversas fallas populares de Hespanha fossem submettidas a um exame minucioso, de certo se havião de descobrir, alem das que já se conhecem, particularidades dialectaes tão caracteristicas como em Portugal; na raia hespanhola confinante com Tras-os-Montes encontrei eu algumas; com relação aos dialectos antigos o prof. J. Cornu fez na Hespanha em 1891 importante colheita, que conta publicar para breve. O que é pena é que o estudo scientifico da dialectologia hespanhola mereça menos attenção aos do proprio país do que aos de fóra, como o provão os trabalhos de Gessner, Fatio, Schuchardt, Munthe, Wulf, Cornu, etc.!

Permitta-me o Sr. Meyer-Lübke ésta pequena digressão.

§ 31. Liga o port. *faisca* com o friulano *fallisk'e*, fazendo-os remontar ao lat. * *fallisca* (por f a l l i v a = f a v i l l a), mas o grupo *ll* não cahiria em port., d'onde a comparação com o friul. me não parece rigorosa, preferindo eu como etymo * f a v i s c a, por troca de suffixos (- i s c a = - i l l a).

§ 44. Diz-se por erro *escrevir*, em vez de *escrever*.

§ 47. Ao *ū* lat. corresponde em alguns dialectos portugueses (Beira-Baixa, Portalegre, Açores) *u* francês e *u* norueguês, que é vizinho d'aquelle.

§ 67. A fórma *Duero*, em port. *Douro* (e *Doiro*), pode remontar não a *Durius*, mas a *Dorius*, que vem em Marciano Heracleense (*Dorios*, — II, 13); a fórma hesp. *Duero* passou por * *Dueiro*.

O A. ás vezes confunde fórmas hespanholas com portuguesas, como ha pouco vimos com *escrevir* (hesp. *escribir*); outras vezes não menciona as portuguesas, quando éstas tem o mesmo aspecto graphico que as hespanholas, embora não tenhão a mesma pronúncia; outras finalmente deixa de mencionar fórmas da nossa lingua, que poderião preencher quadros que ficão vazios, por ex. no § 70, sob i n v i d i a, onde podia pôr *enveja*.

§ 70. Sobre hesp. *eneldo*, cfr. *Rev. Lusit.*, II, 268.

§ 79. A par do port. *fiz* ha a fórma pop. *fez*.

§ 82. O que diz sobre *esto* e *isto* está confuso. Em port. arc. *esto* correspondia ao mod. *isto*. Em gallego diz-se *iste, ista, isto* a par de *este, esta, esto*: vid. Saco Arce, *Gramat. gallega*, 1868, p. 58 e 232.

§ 97. Com o emilian. e piemont., onde se diz *teimp, inteint*, etc., é comparavel o baixo-duriense, onde todo o *en (em)* medial se ditonga em *ein (eim)*: cfr. *Dial. interamn.*, III, 3, etc.

§ 102. Emendar port. *viuda* em *viuva*.

§ 116. O hesp. *obispo* e *Domingo* parece que não remontão ao primeiro periodo da vida da lingua.

§ 128. Em gallego tambem ha *moito* a par de *muito*: vid. *Dicc. gallego* de Cuveiro Piñol. Do tempo de D. Dinis temos em português igualmente *moitas*: vid. Viterbo, *Elucidario*, s. v. *aacima*. — No mesmo § emendar *Outubre* em *Outubro*.

§ 144. Aqui, como noutras partes, o A., referindo-se ao Entre-Douro-e-Minho, põe *interamna* em vez de *interamnense*.

§ 146. (Pg. 147). Com hesp. *boj*, ital. *bosso*, etc., cfr. porém port. *buxo*, cujo *u* se póde explicar pelo § 128.

§ 147. Emendar *rega* em *rêgo*.

§ 148. Sobre *louça* vid. J. Cornu, *Die portug. Sprach.*, § 33. — O *u* de *choupo* póde explicar-se por: **choipo *chopio *chopo* = l. *ploppus* (cf. § 577), de p o p u l u s. A' fórma *chopo* corresponde no baixo-duriense *chopro*. E' em virtude d'este alongamento da vogal final, seguido de metathese do *i* para formar ditongo com a vogal tonica, que temos em port. antigo *ventuira* (= * ventúria), e que eu ouvi a gente das margens do Doiro *túido* (= **tudio* = *tudo*). — Com *poupa* cfr. mirand. *boubela*, onde tambem está o ditongo *ou*. A base será * p u p u a = u p u p a (metathese)? Mas é preciso explicar esta metathese, e porque é que o *p* intervocalico não abranda, segundo a regra (talvez por causa do *u* semi-vogal).

§ 150. Emendar *mêto* em *mêdo*. Accrescentar *neto*.

§ 184. Emendar *fóras* em *fóra*, *móre* em *morre*, *hórto* em *hôrto*, *nôstro* em *nósso*, *côllo* em *cóllo*.

§ 239. A pronúncia *âi*, por *ei*, não é commum ao país todo, só existe em Lisboa, na Beira-Alta, etc.; noutros pontos é *ê*, *éi* (ou com um som proximo de *é*, etc.). — Comparavel ao hesp. *hecho* = *fecho* = **feicho* = *feito* (representado ainda pelo port.) = * faito = f a c t u - é o hesp. *noche* (= ** noiche* = *noite* = n o c t e -), etc. — Tambem creio que *fecto*, por *feito*, seja uma fórma, meia popular, meia erudita; encontrão-se muitos casos semelhantes nos doc. lat. e port. da Idade-Média, por ex. *ovelia* (por *ovelha*), *estrata* (por *estrada*), etc.

§ 253. Na orthographia antiga o *l* gutturalizado era, segundo creio, representado por *ll*: assim *all*, *ell*, etc.: cfr. § 476, onde o A. acceitou o que escrevi na *Rev. Lusit.*, I, 64.

§ 274. O apul. *some* e o port. *estrume*, cuja filiação em s t r a m e n o A. acha extraordinaria, podião explicar-se por * s t r u m e n, com uma troca de terminações: - a - m e n < > - u - m e n, tanto mais que em port. ha os suffixos *-ame* e *-ume*. A hypothese do A., que de *estrume* podia vir de *estrumar* = ** estramar*, era acceitavel, tanto por haver tambem *estrumeira*, como por se dizer em algumas regiões *chumar* = *chamar*, e *chumieira* = f l a m m e a r i a (nas quaes o *m* labializou o *a* atono); mas como explicar então a fórma apuliana? Por isso talvez a minha hypothese seja preferivel.

§ 282. O hesp. *palabra* e port. *palavra* devem explicar-se por ** paravra* (dissimilação de *r — r*); uma variante do port. ant. é *parávoa* = p a r a b o (l) a, que representa uma epocha posterior da evolução latina.

§§ 325 e 338. Em port. a syncope do *i* nos proparoxytonos tem suas epochas: assim, em quanto *golpe* veiu de c o l p u (colaphus), *polvo* só póde ter vindo de p o l y p u s, através de ** pólebo*, *polbo* (senão não teriamos *b* = *p*, que só abranda entre vogaes). Nos nomes em - i n e (m), o *i* não cahiu mas deu *e*: *homem* = *homẽe* = * h o m e n e - *(hominem)*; *nome* = *nomẽe* = * n o m e n e - (** nominem* por *nomen*); *imagem* = *imagẽe* = * i m a g e n e *(imaginem)*. Já no hesp. temos duas series: *hombre* = * h o m ' n e -, *nombre* = * n o m ' n e, etc., — e *virgen* = * v i r g e n (e) -, i m a g e n = * i m a g e n (e) -. De modo que, por ex., *homem* e *hombre* accusão entre o hespanhol e o português differenças fundamentaes muito antigas. — A fórma *creito* (dada por D. Carolina Michaëlis, in *Miscellanea di Filologia*, § 16) e *créto*, comquanto sejão populares, creio que são modernas: assim *creito* = *cre(d)ito* (dissimilação), e *creto* = *cred(i)to* (assimilação); ora *eido* = ** aido* = ** adido* = a d i t u (m) deve ser muito antiga.

§ 340. Ha muitos casos modernos de attracção do *i* na nossa lingua popular: por ex. *gloira*, *memoira*, *primáiro* (= primario), *rosairo*, etc.

§ 354. *Sàdío* não vem de **salutivus,* mas de * s a n a t i v u s ; ainda o *à* accusa dois *aa : saadio.* — Não se diz *sàudade*, mas sim *saúdade, sôudade, soudade* e *soidade.* — Tratando da transformação do *au* latino, o A. omitte o português, onde temos : *ouvir, pousar ; orelha* vem de o r i c l a (= auricula).

§ 356. Em *mezinha* e *sediço* o *e* é aberto *(mèzinha, sèdiço)* : cfr. Epiphanio Dias, in *Rev. Lusit.*, I, 175. Em *remir* o *e* é surdo.

§ 357. Em Miranda (não *Mirandola*) é de regra *an-* = *en-* atono ; mas ha factos avulsos na lingua portuguesa, como *Aurique* (= Henrique), *antre* (= entre), que são populares ; cfr. *amparar* — *emparar* = *imparar* (esta ultima ainda usada no povo de Lisboa).

§ 358. Ha outros exemplos de *e — o* : *o — o,* como arc. *fermoso,* arc. *valeroso, relogio, redor* (que não vem de * r o t a t o r i u m , mas de r o t a t o r e m), *tesoira* = * t o s o r i a = t o u s o r i a .

§ 359. Em *sarão* e *caramunha* o *a* provém da influencia do *r*.

§ 371. Creio que *sezão* está para o arc. *sazão,* como pop. *rezão* para *razão* (s a t i o n e m , r a t i o n e m) . Com a s c u l t a r e cfr. port. arc. *ascuytar,* mod. *escutar ;* com *abscondere* o port. *esconder ;* com *hospital* o port. arc. *hostao* e *estao* (= * h o s p i t a l u m) .

§ 381. Ao fallar da annullação do hiato pela introducção de um som intermédio, diz que *lũgar*, de *lunar*, e *ũga,* de S. Lourenço de Sande, não são claros. O A. colheu estes exemplos nos meus *Dial. interamn.*, v, 8, e vocabulario, s. v. *luπar.* Mas em primeiro logar, eu não tenho *lũgar*, nem *ũga*, tenho *lũπar*, e *ũπa*, onde, como digo no § 8, *π* representa o *n* guttural germanico, que é um som differente do de *g*. A explicação não me parece difficil, pois que, dado o facto de haver na lingua popular várias especies de nasaes, a germanica é a que melhor annulla o hiato ; o facto é alem d'isso muito corrente em Tras-os-Montes, etc.

§ 383. Fallando da prosthese de vogal, podia indicar o caso em que o artigo português se junta, e o em que o *o* inicial se destaca, por confusão com o artigo. Os estrangeiros (ingleses, etc.) dizem *Oporto (= o Porto)*, e na Beira-Alta diz-se *liado* = *oleado ;* cfr. *Rev. Lusit.*, II, 100 e nota 8. — Emendar *alampado* em *alampada.* — A fórma *acabo* póde provir de *acabar.*

§ 384. A paragoge do *e*, como em *amare, sole, juncale,* etc. (em varios pontos do país é *i)* tem grande extensão. E' um *e* «de apoio», como eu já disse nos *Dial. beirões,* v, 2. Tambem existe em gallego e castelhano antigo : vid. Saco Arce, *Gram. gallega*, p. 21 e nota. As observações do A. para mostrarem que este *-e* não remonta ao latim, são muito boas. De facto, se por exemplo, o *e* da fórma pop. *sole,* fosse o mesmo que o do lat. s o l e - , o *l* teria cahido no singular, como cahiu no plural : *soes* = s o (l) e s ; assim, cahiu no plural, por ser intervocalico, e manteve-se no singular, por ser final, em virtude da apocope primitiva do *e*. Não ha contradicção em primeiro ter cahido, e ter-se depois juntado : entre um e outro facto mediárão seculos, e por tanto cada um dos phenomenos se realizou em condições especiaes suas.

§ 386. O A. explica, com outros AA., *joelho* por metathese de *giolho ;* devia antes dizer de *geolho* (archaica) ; cfr. *doesto* = arc. *deosto.* — Alem da fórma, que cita, de *prestumeiro,* ha em port. ant. : *pestrumeiro, prostumeiro* e *pustumeiro* (1), cuja base é o lat. * p o s t r e m a r i u - , mais directamente representado nos *Foros da Guarda* por *postremeiro.* Não houve metathese d'esta para aquellas, como quer o A. : o que houve, foi labialização do *e* ao contacto do *m*, e attracção do *r* para o *p*, d'onde *pro-*, e por fim *por-* por causa d'estas syllabas alternarem frequentemente em português. *Pustumeiro* está por **porstrumeiro,* com assimilação *(rs = ss)*, como em *cossario* (= corsario), *pessoa* (= persona), etc. As fórmas com *pe-* e *pre-* provierão das outras por dissimilação (cfr. § 358).

§ 399. Quando o A. se refere ás vogaes nasaes, e lhes chama palataes, deve entender-se que se refere ao Sul, pois no Minho, por exemplo, são gutturalizadas. Diz elle que no fim a vogal nasal subsiste. A's vezes não subsiste : assim no Norte e Centro do reino diz-se *bô ;* na Beira-Alta diz-se *manhê* (vid. *Dial. beir.* v, voca-

(1) Viterbo, *Elucid.*, s. v. *pestrumeiro.*

bular.). A fórma *bô* está por *boo* e ésta por *bõo* (arc.), correspondente a *bõa* (arc.): ora, como em *bõa* se perdeu a nasal, a fórma resultante *boa* arrastou tambem comsigo o desnasalamento de *bõo*, d'onde *boo*, e por condensação normal *bô*. A difficuldade estava só em explicar o desnasalamento de *bõo*, pois ésta fórma assenta em b o n u -, como *bõa* em b o n a -. No co-dialecto gallego temos tambem: *bon* (dialecto septentrional), *bò* (dialecto meridional), *bõu* com o plural *bóos* (berciano). A fórma *manhê* assenta em *manhêm* (ainda agora usada em Lisboa) = *manhã*: o -*êm* lisbonense provém da influencia da palatal precedente; este -*êm* desnasalou-se na Beira-Alta, porque lá não se admitte *ê* nasal no fim de palavras (1). — Nas nasaes atonas finaes a desnasalização é a regra geral no Minho: vid. *Dial. interamn.*, vi, § 9, que o A. conhecia. Esta desnasalização é facil de explicar, porque a nasal nessas palavras é muito sumida. — Muitas fórmas, que nos periodos archaico e prehistorico da lingua erão nasaladas (em virtude da preexistencia de um *n* lat.), deixárão posteriormente de o ser. Assim: 1) em vogaes tonicas, excepto *i*, seguidas de outras de differente natureza, temos *lua* = *lũa*, *Lisboa* = *Lisbõa*, *coroa* = *corõa*, nas quaes houve desnasalamento, ainda porém não generalizado a todo o país; 2) em vogaes tonicas, seguidas de outras iguaes, temos *bom* = *bõo*, *lã* = *lãa*, *bem* = *bẽe* etc., nas quaes houve condensação; 3) em *i* tonico, seguido de -*o* e -*a*, temos *vinho* = *vĩo*, *minha* = *mĩa*, etc., onde houve intercalação, de *nh*; e seguido de -*e* temos *fim* = f i n e m; 4) em vogaes atonas, em syllabas interiores, temos *ter* (teer) = *tẽer*, *vir* (viir) = *vĩir*, *moeda* = *mõeda*, *jejuar* = *jejũar*, etc., onde houve desnasalamento, ainda porém não generalizado a todo o país; 5) em vogaes atonas finaes, houve desnasalamento em fórmas avulsas, como *vime* = *vimem*, *pente* = *pentem*, *ade* = *ádem* etc. (mas litter. *homem*, pop. *home*, etc.), e manutenção em palavras que constituem classes, como nos verbos, na terminação -*igem*, -*agem* (*imagem*), etc. Nisto que digo, refiro-me á linguagem litteraria principalmente. — O povo de Lisboa diz ainda *bõa* (embora não diga *lũa*), talvez por influencia de *bom*; é um motivo da mesma natureza (embora opposto) d'aquelle pelo qual, segundo a minha hypothese enunciada ha pouco, da analogia com *boa* se fez *boo*. — Cfr. o que digo adeante, a proposito dos §§ 450 454.

§ 407-C. — A' semelhança de varios diccionaristas portugueses, o A. tira de j e j u n i u m o port. *jejum*. O etymo é impossivel, pois a terminação - n i u m deu -*nho*, como em *sonho* (s o m n i u m), *abrunho* (*p r u n e u s), *cunho* (c u n e u s). No mesmo caso está o hesp. *ayun*; cfr. *cuño*, *sueño*, etc. A base d'estas palavras é pois o lat. j e j u n u s, d'onde, em relação ao português, *jejũu jejum*; cfr. *um* = *ũu* = u n u s.

O A., como o Sr. Cornu (*Die port. Spr.*, § 110), tira *deitar* do arc. *jeitar*, «por influencia de *deixar*». Não se vê muito bem a razão d'esta mudança de *j* em *d*. A palavra *deitar* é tão antiga como *jeitar*: Viterbo, in *Elucidario*, s. v., cita-as ambas em varios documentos do sec. xiii. Parece-me que ambas, por dialectos diversos ou em epochas differentes, podem ter vindo de d e j e c t a r e (d i e c t a r e), como já Diez aponta in *Etymolog. Wörterbuch*, i, s. v. *gettare*. Assim, de um lado, d e i e c t a r e daria **deieitar *deeitar deitar*; do outro lado, **d'ieitar *djeitar jeitar*. No primeiro caso houve dissimilação (*ei-ei*); com o segundo caso cfr. *jornal* = d i u r n a l i s, etc. Não é preciso recorrer a j a c t a r e, como quer o Sr. Cornu, ib., not. 2. De *jeitar* fez-se *enjeitar*. Sem embargo, o hesp. *echar* explica-se melhor por j a c t a r e (cfr. *Enero* = J a n u a r i u s).

§ 416. Emendar *gulpilha* em *golpelha*. — Diz o A. que o port. *a* exige *b* depois de si, e não *v*, mas ha na nossa lingua muitas palavras nessas condições, como *haver*, *Aveiro*, *cavar*, *lavar*: com quanto nessas palavras o *v* soe *b* no Norte, não soa no Sul. — Outro caso de dissimilação é *bravo*, de b a r b a r u s.

§ 422. O A. estabelece que *cl*, *pl*, *fl* iniciaes, antes de vogal accentuada, dão em português *ch*, e que em syllaba atona mantéem o *l* ou o mudão simplesmente em *r*. Effectivamente temos *chave* de c l a v e -, e *cravelha* de c l a v i c ' l a. Mas o A. confundiu aqui AS EPOCHAS DA LINGUA, que são um dado importante a que nem

(1) A passagem de -*ã* para -*êm* deve ter-se dado em epocha relativamente moderna, senão -*em* passaria, tanto em Lisbôa como na B. Alta, a -*ãim*, que é o som que se ouve em *bem*, *tem*, *alem*, etc., embora a orthographia usual encubra a pronúncia verdadeira.

sempre se tem attendido muito. Os grupos *cl, pl, fl* forão differentemente tratados, segundo as epochas da sua introducção no nosso povo: nas epochas mais antigas derão *ch*; em epochas mais modernas derão respectivamente *cr-cl, pr-pl, fr-fl*,—ou mantiverão-se intactos. Com *cr-cl*, etc. quero dizer que a fórma *cr*, etc. póde ser, por influencia litteraria, reduzida á originaria *cl*, etc. — Sobre o assumpto, cfr. as excellentes observações do Sr. J. Cornu, in *Die port. Spr.*, §§ 133-142. — Isto explica as fórmas divergentes *chavelha*, a par de *cravelha* e *clavicula*; *chantar* a par de *prantar* e *plantar*; *chumbo* a par de *prumo*; *chumaço* a par de *pruma*; *chamma* a par de *frama* e *flamma*; *chão* a par de *prãino* e *plano*, etc. Quem desconhece as leis linguisticas, acha nestes factos contradicções; mas não ha nenhumas, pois as palavras obedecem a leis diversas, conforme o momento da sua introducção. Se temos *flamma* e *chamma*, é que uma é muito mais moderna que a outra. — Para mostrar ao Sr. Meyer que nem sempre *cl, pl, fl* dão *ch* antes de vogal tonica, aqui cito alguns exemplos, alem dos já indicados: *crelgo, frol, prea-mar* (*plena-mar*, pois *mar* era femin. (1); cfr. ainda o hesp.; o fr. *mer* parece estar por * m a r a), *praça, pranto, prata, prancha, prazo, cravo, Creto* (= *Cleto*, de *Anacleto*), ant. *craro, crasta, frauta, freima* (= freuma = f l e g m a), *frecha* (german.), *fraco*, arc. *Frandes* (= Flandres), *froxo*, etc. Pelo contrário temos em syllaba atona: *chumaço, chavelho*, e os verbos *chamar, chegar, cheirar, chorar* (nos quaes porém se podia dizer que havia influencia da syllaba tonica do presente); os exemplos de palavras nestas condições são pouco numerosos. — Com relação a *flor*, arc. *fror* (e por dissimilação *frol*, como em *priol*, de *prior*), creio que esta palavra é de data relativamente moderna, pois temos *ch* por *fl* em palavras da familia de *flor*, como arc. *chorecer* = f l o r e s c e r e, e, quanto a mim, nos nomes de terras CHOROSA, CHOROSEIRA, CHORIDO (2) e talvez CHORENTE (arc. CHORENTI < > florente). A fórma primitiva correspondente a *flor* sería acaso *rosa*, se não houve um * *chôr*; a palavra *flor* podia ter sido introduzida posteriormente, embora muito cedo, por influencia da Igreja, onde ella tanto se usa.

§ 426. Que quer o A. significar com «o port. *zarzeta*»? Será CERZEDA?—O nosso onomastico offerece, entre outras, as seguintes fórmas da familia de q u e r c u s: CERCAL, CERCOSA, CERQUEDO, CERQUEIRA (e deriv.), CERQUIDA (e deriv. CERQUIDELLO), etc.

§ 427. O ital. *gracidare* explica-se melhor por g r a c i t a r e, que existe em latim, do que, como o A. faz, por c r o c i t a r e, que aliás explica o it. *crocidare*. Sobre *grasnar* cfr. Cornu, *ib.*, § 199. — O A. propõe para explicar o abrandamento do *p* em *b* na palavra *abrunho* (que não vem de p r u n u s, como diz, mas de * p r u n e u s: vid. J. Cornu, ob. cit., § 164) a influencia de *bruno*; não lhe vejo fundamento. Tambem propõe para explicar *bolor*, de p a l l o r e m (etymo que eu já indiquei em 1884, *Dial. beir.*, v, p. 12) a influencia de *bolha*, mas isto é impossivel: 1.º) porque a fórma anterior de *bolor* é *balôr* (ainda na B.-Baixa) e *valor* (gallego), — cfr. D. Carolina Michaëlis, *Studien z. hisp. Wort.*, 1885, § 8); 2.º) porque não ha parecença nenhuma.— Sobre outros casos de *b* por *p* inicial, vid. D. Carolina Michaëlis, ib. ib., e Cornu, ob. cit., § 164. — Effectivamente é preciso explicar cada caso em separado: a ligação do artigo, que faz que numa palavra, que comece por *p* seguido de vogal, o *p* fique intervocalico, e por tanto sujeito ás condições normaes do abrandamento, é em verdade ás vezes boa para explicar este. Outras vezes é um *a* prosthetico, como parece succedeu com *abrunho*. Outras vezes é um derivado: assim talvez o *b* de *bolor* venha do verbo *abolorecer* (e variantes), de * *apallorecer*. — De passagem noto que não sei como é que o A. justifica *balisa* por p a l u s. — Emendar hesp. *verdulaga* em *verdolaga*. — Quanto a *gritar*, ésta palavra não póde vir immediatamente de c r i t a r e (cfr. § 372), pois *t* intervocalico abrandaria; a fórma anterior a *gritar* terá sido * *ghirtar* (* *kirtar*).

§ 430. Diz que o astur. *dir* não é claro. Como não dá mais explicações, não sei se se refere ao verbo *ir*. Se fôr, tem pouco que explicar: *dir* = *d'ir*, onde a prep. *de* se soldou ao verbo. Creio ter encontrado um facto semelhante num dialecto portuguës, mas não posso agora verificar.

(1) Em gallego *mar* é ainda feminino: «E *na mar* e no rio» (ap. S. Arce, *Gr. gall.*, p. 291).

(2) Cfr. tambem no onomastico FLORIDA, FLORIDO e FLORIDOS, — que, na minha hypothese, são de outra data.

§ 432. Tira de p r o p o s i t u s o fr. *prévôt*, it. *prevosto*, port. *preboste*. Não será antes p r a e p o s i t u s?

§ 442. Se for exacta a lei de que *b* secundario dá em pg. *v* só antes de *a*, como em *escova* (= s c o p a) e *estiva* (= s t i p a), a excepção que o A. aponta de *povo*, póde explicar-se por *dissimilação* (*p* — *b*, ambas labiaes explosivas, — embora hoje *b* intervocalico seja geralmente fricativo), e no mesmo caso estaria arc. *prove* (= pop. mod. *probe* = pobre).

§ 443. Emendar *Colúmbriga* em *Colímbriga*. — A explicação de *Setubal* por *Caetobrigae* é seductora, mas tem dois contras: a manutenção do *t* intervocalico, e a passagem de *C* a *S*, — que seria preciso explicar primeiro. — A fórma m e d i p s i m u s é justificada pelo port. arc. *meesmo*; se a base fosse *metipsimus*, o *t* tinha dado *d*, que se teria conservado.

§ 449. — O hesp. *nombre* não vem de n o m e n, mas de *nomne*, por * n o m i n e m; cfr. *lumbre*, *hombre*, *alambre*, etc.

§§ 450-454. — Sobre as nasaes, cfr. o que eu já disse a proposito do § 406. Ao lado de *miudo* temos em port. *miunças* e *esmiuçar*. A fórma *esmiuçar* está por * *esmiuçar* (cfr. o que eu disse no § 406, — n.º 4); a fórma *miunças* está por * *miuça* (= l. m i n u t i a), tendo-se communicado a nasal á vogal seguinte, como em *castainço*, *painço*, etc. (cfr. *Rev. Lusit.*, II, 268). O periodo de desnasalação na nossa lingua foi muito lento: assim nos *Lusiadas* temos, de um lado *pessoa* e *boa* (anteriormente *pessõa* e *bõa*) a rimarem com *voa* = v o l a t, e do outro lado *lũa* (em rima com *algũa*), fórma que hoje se não usa litterariamente. Assim tambem na lingua arcaica se acha *moensteiro* (= mõesteiro), e depois *moesteiro*, — hoje *mosteiro*. — Os co-dialectos portugueses offerecem muitos factos á consideração a proposito das nasaes. Não posso aqui tratar esse ponto; dou só alguns exemplos. O gallego septentrional tem *chan*, *man*, *uns*, *cans*, *ilusions*, ao passo que o meridional tem *chao*, *mau*, *us*, *cas*, *ilusiós*: vid. Saco Arce, *Gr. gall.*, § 244, e cfr. § 260, etc. Emquanto o port. diz *tens*, *vens*, o gallego diz *tés*, *vés*. Como no minhoto, diz-se em gallego *nube*. O poeta gallego Curros Enriquez (in *Aires d'a miña terra*, 3.ª ed., p. 7) escreve *virxe*, e Lamas Carvajal (in *Espiñas e frores*, 3.ª ed., p. 108) escreve *virxen*. Em berciano (vid. *Ensayos poeticos* de Fernandez y Morales, Leon 1861) diz-se *ereacion*, *razon*, ao passo que temos os pluraes *ladróis*, *condicióis*, *algúis*, onde o *n* intervocalico cahiu. O co-dialecto riodonorês, que eu descobri em Tras-os-Montes, offerece *chãneiro* (= p l a n a r i u s), *cũneio* (1) (= c u n i c u l u s), *irmá* (= g e r m a n a), *rá* (= r a n a), *maçá* (= m a t i a n a), *máu* (= m a n u s), *hóme*, *melóm* (pl. *melóns*), *bintém* (pl. *binténs*, — e nasal?). O co-dialecto guadramilês, que eu descobri na mesma provincia, tem: *chéno* (= p l e n u s) e *chéna*, *rana*, *manhana*, *ermana* e *'rmana*, *maçana*, *chaneira* (= p l a n a r i a), *melóm* (ou *melón?*) com o pl. *melones*, *facẽm* (ou *fácẽn?* — com ẽ denoto o *e* surdo como no port. *de*). O mirandês diz *bõno*, *chena*, *chano*, *bezinas* (= v i c i n a s), mas *ũna*, *curaçóum*, etc.: vid. as minhas *Flores mirandesas*, — *passim*.

§ 455. Sobre varios sons do *r* português, cfr. G. Vianna, *Essai de phonétique*, p. 20, e os meus *Dial. interamn.*, VII, p. 16-17.

§ 457. O lat. m u l a deu em port. arc. *mua*, não *mu*. — Alem dos casos de manutenção do *l* intervocalico, que o A. aponta, ha outros: cfr. G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, II, 180. — A fórma *calor* não deve ser pop.; o povo diz *quente*. A fórma *valer* não recebeu influencia de *valgo*, que não é port. (o A. queria talvez dizer *valho*), mas está por * v a l u e r e (formado sobre v a l u i, como b a t t u e r e; cfr. o pret. arc. *valvi*), onde a semivogal *u* protonica protegeu o *l*, como em *janella* (* j a n u e l l a) e *Janeiro* protegeu o *n*; havia alem d'isso *valho*, *valha* e *val* (= vale) a lembrarem o *l*. Outro caso difficil é *oliveira* do lat. o l i v a r i a, que talvez se possa explicar por *olveira* (no Alemtejo ouvi *olvêra* e *olval*), com suarabácti posterior de *i*, como em pop. *Selivestre* (= Silvestre) e *Selivana* (= Silvana). — Sobre a influencia de *cabello* em *pelo* = p i l u s, vid. J. Cornu, ob. cit., § 131. — A fórma *velar*, de v i g i l a r e, através de * *veg'lar*, parece-me bem explicada, e eu assim a explicava para comigo; mas tambem ha *vigiar*. — A fórma *alegre* não parece de origem popular. — A par de *feliz* ha a fórma arc. *Fiiz* = F e -

(1) O ñ representa o n guttural.

licem (nome proprio), a que corresponde, creio eu, o moderno appellido *Fiz* ou *Fins*, e o nome de terra *S. Fins* ou *Sanfins* (a fórma litter. de *Fins* é o nominativo *Félix*). — *Baleia*, a par do hesp. *ballena*, suppõe um etymo ballaena, e não balaena senão o l ter-se-hia syncopado, como o *n*; effectivamente, fazendo eu estas considerações ao distincto latinista, e meu amigo, o Sr. Epiphanio Dias, elle mostrou-me uma edição de Plinio (de Detlefsen, Berlin 1866-1882), onde mais de uma vez se lê ballaena. — Assim, á proporção que os factos se vão meudamente estudando, vae-se vendo o rigor das leis linguisticas.

§ 458. Porque é que o port. *caixa* (na *Gram.* sahiu por êrro *caissa*) ha-de ter vindo do fr., e não de capsa? Cfr. *queixo* (= capsus), *baixo*, etc., onde *i* se mantem antes de *x*.

§ 459. Representantes arc. de fructus e de exsuctus são *fruito* e *enxuito* (ainda em Camões). O ditongo medial *úi* foi simplificado depois em *u* (*fruto*, *enxuto*, — que se devem escrever pois sem *c*), como em *abutre*, *chuva*, *Entrudo*, *truta*, respectivamente de *abuitre* (arc.), *chuiva* (pop.), *Entruido* (id. = Introitum) e *truita* (id.).

§ 473. A etymologia de *ameixa*, por *damáscina, já tambem dada por Cornu, ob. cit., § 176, tem a seu favor o gallego *ameijenda* (*Dicc.* de Cuveiro e *Dicc.* de Valladares) e a fórma latino-barbara de doc. port. do sec. x (*Port. Mon. Hist.*) Ameixenedo, que talvez já se pronunciasse *ameixẽedo*, d'onde mod. Meixedo, etc. A fórma gallega suppõe *damascineta; a portuguesa suppõe *damascinetum.

§ 474. De ursus ha tambem o port. arc. *osso* com o fem. *ossa*. O nome da serra d'Ossa tem talvez aqui a sua origem. — A proposito direi que o lat. hordeum tem como representante em port. arc. *orjo*, dado no *Elucidario* de Viterbo sob as fórmas *orgo* e *orio* (onde *g* e *i*, = *j*); o mesmo A. cita *orgho* (= *orgio*, pois neste e em casos semelhantes *h* = *i*), *orge* e *ordo*. Todas ellas necessitão de discussão.

§ 494. Com *cadeira* = gr. *cathédra* cfr. o port. *coirella*, = arc. *quairella* = *quadrella (por quadrula, pois o suffixo *-ulus* foi muitas vezes substituido por *-ellus*).

§ 499. A queda do *v* em hesp. *Gonzalo*, que o A. achá notavel, póde talvez explicar-se pela vocalização do *v*; assim: * *Gonzalvo* * *Gonzaluo*.

§ 509. A regra, segundo a qual, *ti* protonico dá *z*, não se confirma no português, onde, ao lado de *razão*, etc., ha o frequentissimo suffixo *-ção*, por exemplo.

§ 527. Exemplos da tolerancia do grupo *nr* são as fórmas port.: *tenro* (a par de *terno*), *honra*, *cenrada* (= *cinerata), *genro*, etc. Em alguns dialectos intercala-se um *l* gutturalizado: *tenlro* (i. é, *tẽl-rro*).

§ 545. Com quanto haja dialectalmente *míola* talvez o A. quisesse dizer *miôlo*. — A fórma betula (por *betulla*) é justificada pelo port. commum *vidoeiro* (= *betulariu-), e pelo onomastico Bidoedo, Vidual, etc.: vid. um art. meu in *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, III, 510 (1884). — Sobre *faisca*, vid. o que eu disse acima, a proposito do § 31. — A fórma *enguia*, pop. *enguía*, deve vir de *anguila (por anguilla), senão teriamos em hesp. *ll* em vez de *l*: cfr. já Cornu, ob. cit., § 130. No Minho diz-se *ánguia* (esdruxulo), que parece assentar em anguis (como *véstia*, *hástia*, etc.).

§ 549. — A fórma *sob* diz o A. que é talvez semi-erudita; todavia no onomastico encontra-se Sob-Costa, Sob-Herdade, Sob-Outeiro, Sobrego (= Sob-Rego), etc.

§ 550. — Fallando das linguas que para a negação no interior da palavra tem uma fórma, e como particula negativa absoluta tem outra, diz que o port. só conhece *não*. Mas, se isto é verdadeiro na lingua escrita, não o é na lingua fallada: assim, no Sul, *não* é a fórma accentuada, *nã* e *na* as fórmas atonas; na Beira, *não* é a fórma tonica, *num* e *nu* as fórmas procliticas. Assim, por ex. em Lisboa diz-se «*nã* vô, *não*», ou menos emphaticamente «*na* vô, *não*»; em Lamego, por ex., diz-se «*num* bôu, *não*», ou menos emphaticamente «*nu* bôu, não». Mesmo antes de vogal se diz na Beira *nu*, por ex. *nu é nada* (1). A fórma *num* explica-se pela ar-

(1) Em gallego «no' e certo» (= non e certo): Saco Arce, *Gr. gall.*, p. 148.

caica *nom*, tornada proclitica; assim em doc. ant. (sec. XIII) da Beira se acha tambem *Dum Bento* (= Dom Bento, — in *Elucidario* de Viterbo, s. v. *dum*); a fórma *nã* explica-se por *não*, tornado igualmente proclitico, como *mãcheia*, de *mão cheia*, e *Sã João*, de *São João*. As fórmas desnasaladas resultão da grande atonia d'estes adverbios, em virtude da sua coalescencia com as palavras a que se juntão, nas quaes recae toda a emphase; não será mesmo difficil na Beira ouvir um simples *n* (1), — que é o grau extremo a que a negação proclitica podia ser reduzida. — E assim factos, que a muitas pessoas parecerão ridiculos ou extraordinarios, recebem á luz da analyse philologica uma explicação cabal.

§ 581. O port. *pargo* creio vir do lat. p a g r u s (de origem grega).

§ 583. No hesp. *frol*, *peligro* e *milagro* não ha simples trocas de *l* por *r*, como diz o A., mas ha dissimilação: assim *frol* = *fror* (fórma justificada pelo port. arc.); *peligro* = * *perigro* = p e r i c ' l u m; *milagro* = * *miragro* = m i r a c ' l u m. Outros ex. de *cl* e *gl* darem *cr* e *gr* vem em Diez, *Gr. des l. rom.*, I, 197. O ital. *grolia* póde ter a mesma explicação; em port. ant. ha tambem *grolia* = *groria*.

§ 585. Com a fórma leonesa *todolos* e o hesp. *amamolos* são comparaveis as fórmas port. *todollo* (arc.), *amamo-lo*, etc., onde houve absorpção do *s* no *l*.

§ 602. Exemplo interessante de deslocamento de accento offerecem os verbos portugueses no preterito imperfeito, etc.: *amávamos* = l. *amabámus*, etc.; houve aqui influencia do accento das fórmas do singular, — ficando pois todas as fórmas com o accento na 2.ª syllaba: *amáva amávamos*, etc. Em alguns dialectos mantem-se ainda o accento primitivo. — E' por motivo semelhante que o povo diz *séjamos* e *ténhamos* (esdruxulos). — Podia tambem notar-se aqui o que succede nos verbos portugueses: *princípio* e não *principio*; *início* e não *inicio*, etc., — todos com accento na penúltima; ha só *resfólego*, que aliás soa tambem *resfolgo* (em *resfolgar* = resfolegar; — cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port. element.*, § 80-*b*, e *nota*.

§ 609-610. — O accento tonico tem tanta importancia em português, que as syllabas postonicas da palavra, quando nellas entrão consoantes surdas, pronuncia-se com voz cochichada; em algumas regiões do país pronuncia-se mesmo em voz baixa toda a parte final da palavra, para lá do accento. Cfr. a minha *Evolução da linguagem*, p. 37, e Gonçalves Vianna in *Rev. Lusit.*, I, 312 sqq. — Em português o accento secundario recae: 1) nas palavras compostas, no logar do accento tonico da palavra subordinada, por ex. *vàrapáu*, que porém se pronuncia tambem *vârâpáu*, em virtude da perda de consciencia de que a palavra era composta de duas, *perda de consciencia* que deu origem ao plural *varapáus*, — não *varas-paus*; 2) nas palavras simples, na syllaba que resulta de condensação de um digrapho primitivo, por ex. *prègadôr* = arc. *preegador*; 3) nas palavras derivadas, no logar do accento tonico do radical, por ex. *pèdrínha*; 4) em palavras de certa extensão, ex. *còmprimênto*, principalmente quando ella parece composta de duas. Estas leis estão porém sujeitas a variações locaes

§ 612-634. Nestes §§ trata o Sr. Meyer das modificações phoneticas que experimentão as palavras consideradas juntas em phrase, e divide o assumpto em tres partes, divisão que aliás não é muito nitida: palavras atonas; syllabas finaes e iniciaes de palavras que constituem um todo; palavras muito usadas. Esta parte do seu livro é particularmente interessante. Juntarei algumas notas a proposito da *phonetica syntactica* do português:

1) *Palavras atonas.* — As preposições *por* e *para* são ás vezes reduzidas a *pr*, e *pra*, por ex.: *pr'um dia*, *p'ra mim*. A preposição *em* sôa *im*; até na Beira, por exemplo, se diz *imóra* = embora. Em português, *que* é atono quando proclitico, e soa *quê* quando final, por ex. «*que vês?*», «o quê?». No Brazil *se* sôa *si*, ainda litterariamente, o que talvez tem origem em casos de juncção de *se* a uma palavra que comece por vogal, pois nesse caso *se* reduz-se normalmente em português a *si*, por ex. *si é*, *si era*, — mas *se foi*, *se sou*, etc., — embora antes dos artigos possa dar tambem *s'* em pronúncia mais descuidada, por exemplo *s'o*, etc. Na lingua familiar póde dizer-se *cumo kemo c'mo*; na culta é *cómo*, por ex.: «*cumo vai?*» «*c'mo vai?*», «cômo?». O adv. *ora* foi reduzido a *ara*, *era*, etc., ex. «aramá», «eramá» (G. Vicente, etc.). *Quasi* é reduzido a *quais* em *quáisque*; *muito* foi reduzido a *mui*

(1) Cfr. gallego *n'é* em Saco Arce, *ib. ib.*

em proclise. Os pronomes possessivos em port. ant. erão no feminino ma (por *mha* = *mia*), *ta*, *sa*, quando procliticos. De *minha* ha tambem variações dialectaes: *enha* (G. Vicente), *'nha* (no Sul do reino). *Elle*, quando proclitico escrevia-se *ell* e *el* em port. antigo. O antigo *o* sôa *u*, creio que pelo menos já desde o sec. XII. A palavra «é *um* hora» (Beira-Alta) deve entender-se «é *ũ(a)* hora», onde o *a* do ant. *ũa* foi absorvido na vogal seguinte. *Uma* dialectalmente póde ser reduzido a *'ma*. O adj. *mau* em proclise póde ser reduzido dialectalmente a *má*, ex. «má' typo». O lat. *dominus* deu *dom* em proclise, e *dôno* quando independente; dialectamente *dona* póde tambem (em procl.) ser simplificada em *d'na*.

2) *Inicial e final de palavras que fórmão um todo.* — Cfr. o que fica dito nas notas ao § 427 sobre a influencia do artigo ou do prefixo *a* na consoante inicial de certas palavras. — Em port. ant. ha *em que* (= *ainque* = *ainda que*), hoje conservado ainda na phrase «*em que* te pese», «*em que* seja», etc., e que o Sr. Adolpho Coelho, in *A lingua portug.*, 2.ª ed., p. 175, creio não ter interpretado bem, chamando-lhe por isso «pouco logica»: cfr. D. Carolina Michaëlis, in *Zeitsch. f. rom. Philolog.*, VII, 109-110. No § 628 diz o A. que o hesp. e o port. parece conhecerem pouco estes phenomenos, se não é que isto depende da insufficiencia dos dados. Assim é. Aos exemplos que juntei sobre o port., muitos outros podia juntar. O adj. *bello* reduz-se a *bel* em «a seu *bel* prazer», onde é proclitico. O subst. *Castello* simplifica-se no appellido «*Castel*-Branco», pelo mesmo motivo. Em vez de *Maria*, seguido de um appellido, diz-se na Beira-Alta *Mâr*. Os nomes proprios estão particularmente sujeitos a muitas mudanças: *Zé*, *Manel*, *Jaquim*, etc. Em vez de *José Osorio* diz-se na Beira-Alta *Zéu-zório*. A palavra *Mondim de Baixo* (nome de terra) póde ser reduzida a *Mim de Baixo*; igualmente se diz *Remaior* = *Rio Maior*, e *Apremoniz* = *Pero Moniz* (povo no Cadaval). O nome *Mem* vem de *Menido*, devido a este ser seguido de um appellido, onde ao mesmo tempo houve talvez confusão com a preposição (e artigo) *do*. Em port. ant. ha *sol* (= s o l u s) em proclise; e *todol'mar*. — Com relação ao hiato, o A. passa muito de pressa. No português o hiato dá logar a muitas observações, algumas das quaes já forão feitas pelos Srs. G. Vianna, J. Cornu e por mim. O hiato póde evitar-se de várias maneiras: por syncope (ex. *ess'outro*, pl. *ess'outros*; mir. *soutro*), por epenthese (ex. «dá-m'a mim *ũh* a *ĩ* água», Minho), por crase (ex. «*éum* dia», «minhâmiga»), etc. Sobre o *hiato* em gallego, vid. Saco Arce, *Gram. gallega*, p. 146. — Exemplos devidos a analogia, de que o A. trata no § 633, são em port. *neste*, *nisso*, etc: vid. o meu opusculo critico *As «Lições de Linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, pag. 43. Em gallego diz-se *vai-n-o* (= vai-o), *pidirei-n-os* (= pidirei-os); não é muito claro se este *n* resulta do *l* do artigo, por influencia do ditongo precedente, se da analogia com *saben-no*, etc.

3) *Contracção de palavras muito usadas.* — Começa por fallar da transformação de *senior* e (cfr. § 617) *dominus*. D'esta já fallei acima. Quanto a *seniorem*, ésta palavra experimentou, quando proclitica, muitas modificações na nossa lingua popular: de um lado *siôr*, *sôr*, *sô*, *sê*, *seu* (por confusão com o pronome, creio eu) *se*, *s'*; do outro lado *nhôr*, *nhô*, e talvez tambem *nhê*, *nhe*, *nh'*; no primeiro caso ligou-se importancia á syllaba inicial; no segundo caso, toda a importancia recahiu na syllaba tonica. — Sobre *em cas de*, vid. supra pag. 360. O verbo *haver* é reduzido a *hemos*, *heis*; cfr. tambem *hei* e *hão*. — Nos nossos dialectos ha muitas contracções d'esta especie: *dois'tôis* (= tostões, i. é *testões*, que é a fórma pop. e primitiva, — de *testa*; cfr. fr. *teston*, ital. *testone*), *stafeira* (= sexta feira), *umasmana* (= uma semana. — Porto), *or'vá* (= ora vá), etc. Em *dois'tôis* e *stafeira* deu-se dissimilação.

§ 635-653. O A. nestes §§ trata da chronologia das principaes mudanças phoneticas, e da influencia que puderão ter tido no desenvolvimento do romanço os systemas phoneticos dos povos anteriores aos Romanos. No primeiro caso chega a deduzir algumas idades relativas. No segundo caso refere-se ás influencias dos antigos dialectos italicos, do celtico, do grego e do etrusco, juntando por fim umas notas sobre o germanico; ao proprio A. porém não se esconde quanto o assumpto é difficil e escabroso. — Já a proposito do § 422 toquei na questão da chronologia. Ella é particularmente interessante para se poderem determinar as fórmas intermedias no desenvolvimento morphologico das palavras. A's vezes dá-se o caso de uma palavra, que passa de uma lingua para outra, conservar um som primitivo que no país originario se modificou: na *Rev. Lusit.*, I, 182, citou o Sr. Adolpho Coelho

um caso curioso de conservação da ant. pronuncia *oé* do fr. *oi* nas palavras portuguesas *toesa* = fr. *toise*, *framboesa* = fr. *framboise*, *oboé* = fr. *hautbois*; posso aqui referir-me tambem ao caso de conservação do som *ch* explosivo (quasi *tx*) do francês archaico no port. *charrua*, *chapeu*, palavras que são de origem francesa e que no Norte se pronuncião com aquelle som, e não com *x*, como no Sul; outro exemplo notavel é o da conservação do som *j* (analogo ao nosso moderno) do hespanhol antigo em certas palavras portuguesas, como *botija*, *cornija*, etc., que parece serem de origem hespanhola (1).

E este artigo vae já muito longo, para que eu tenha de o continuar. Aqui o termino pois. Nas notas que reuni a cima não deve ver o Sr. Meyer-Lübke senão uma prova do interesse que a sua Grammatica despertou em mim.

J. L. de V.

II

PERIODICOS

Mélusine, *recueil de mythologie, littérature populaire, traditions et usages*, dirigée par H. Gaidoz. Tome v, 1890-1891.

Na impossibilidade de dar conta meuda dos assumptos de todos os numeros, referirei alguns factos que se correlacionão com os portugueses (fasciculo 1.º ao 8.º).

Les saints pour rire. — O Sr. Gaidoz cita (col. 12 sqq.) os nomes de varios santos ficticios, taes como: *Sanctus Nemo* (na Allemanha, na idade-média), mais tarde *Niemand*, como quem dissesse *S. Ninguem* em português; *Saint Lundi*, representado em feições de çapateiro-remendão, porque «faire le lundi des savetiers» é não trabalhar á segunda-feira; *Sainte Touche*, do verbo *toucher* no sentido de *receber*, «patronne du jour où l'on reçoit ses appointements», etc. — Com a primeira expressão é comparavel a phrase «dia de S. Nunca á tarde», que se usa no Minho. Tambem se lá diz «dia de S. Cerejo», creio que no mesmo sentido. No Porto os çapateiros deixão de trabalhar á segunda-feira, mas não me consta que personifiquem o dia num santo. De personificações de dias apenas conheço a do Entrudo, pois na Beira (Alta e Baixa) o povo diz, para se rir, «dia de *Santo Intruido*».

Le basilic. — E' um art. do Sr. Tuchmann, onde se reunem vários dados ácerca da crença muito espalhada (Allemanha, Dinamarca, França, Hespanha, etc.) de que o gallo de certa idade põe um ovo, d'onde sae um basilisco, etc. A crença tambem existe em Portugal, como o A. diz reportando-se a um livro meu.

Livros feitos de proverbios. — Na columna 48 dá conta o Sr. Gaidoz de alguns livros escritos todos com proverbios, como *Sermon en proverbes* (facecia), *Tout est bien qui finit bien* (comedia) e *Le roman des proverbes en action*. — Entre nós ha tambem um livro de D. Francisco Manoel de Mello (cfr. *Rev. Lusit.*, ii, 181 e nota), do sec. xvii, *Feira dos annexins*, escrito com o fim de reunir em fórma de linguagem de conversação muitos proverbios e locuções familiares.

A operação de Esculapio (col. 97 sqq.). — A este cyclo de contos, que remonta ao sec. v antes da E. C., pertence o seguinte que eu ouvi na minha infancia contar a um velho na Beira-Alta: «Quando Jesus andava pelo mundo, fazia muitos milagres, e entre elles o de pôr os velhos a queimar numa forja para os tornar moços. Um ferreiro, que viu isto, pegou na mãe, já idosa, e, apesar dos gritos d'ella, collocou-a tambem na forja, morrendo ella queimada. O ferreiro, afflicto, foi logo a correr atrás de Christo: — O' homem, ó homem, venha cá! dê-me vida á minha mãe! — O ferreiro não sabia que fallava com Nosso Senhor. Então Jesus veiu, e perguntou ao ferreiro se queria que a mãe ficasse velha como esta-

(1) Isto é, o *j* que hoje em hesp. é guttural-aspirado, era antigamente palatal-continuo-sonoro, como hoje em português, pouco mais ou menos. Cfr. J. Cornu in *Romania*, x, 588-589, e Diez, *Gr. des l. rom.*, i, 345. Quando *botija*, por ex., veiu para cá, tinha este ultimo som; depois o som *j* na Hespanha transformou-se, mas continuou a existir em português: por isso *botija* soa hoje em hespanhol com um *j* muito diverso do nosso.

va, ou ficasse nova. O ferreiro disse que já se contentava com que ella ficasse como estava d'antes. E Jesus assim fez». — Como mostra o Sr. Gaidoz, a mais antiga fórma que se conhece dos contos a que este nosso pertence, acha-se num milagre attribuido a Esculapio, facto que, como tantos outros, passou da religião greco-romana para o Christianismo, adaptando-se ás novas ideias. E' com o conto B dos italianos que o Sr. Gaidoz cita, e com a narrativa inglesa publicada por Hazlitt, e tambem citada no art. da *Mélusine*, que o conto português se parece mais.

Etymologia popular. — Segundo as notas do Sr. Gaidoz, na Allemanha *S. Agostinho* é invocado contra as doenças dos olhos, em virtude da analogia phonetica entre a palavra *auge* (que em allem. significa *ôlho)* e o nome *Augustinus*. — Em Portugal (Norte) ha um facto semelhante com S. Ovidio, que o povo pronuncia *Santo Ouvido*, attribuindo-lhe poder curativo nas doenças dos ouvidos.

Les cheveux rouges. — Já na *Mélusine*, III, 415 etc., se citão proverbios e várias tradições espalhadas em muitos paises a respeito de homens ou animaes ruivos. Neste tomo V, col. 207, continúa o estudo do assumpto. — Nas minhas *Trad. Pop. de Port.*, p. 256, transcrevi o ditado popular:

Home de bàrba ruiva
Uma faz, oitra cuida...

isto é, faz uma coisa com a intenção noutra. O Sr. Th. Braga, transcrevendo-o no seu livro *O povo português*, I, 45, e juntando outro, viu aqui um vestigio de antigas antipathias ethnicas, de conflictos de raças que em epochas remotissimas habitárão a Lusitania; mas a origem do dictado é bem mais simples: «Les hommes à cheveux rouges sont chez tous les peuples une exception et il suit de là que le peuple attribuait à ce signe quelque chose de particulier et lui associait la présence de mauvaises qualités» (R. Andree, *Mélusine*, III, 415). Isto explica de um lado a universalidade da tradição, e do outro o haver ditados semelhantes, como

Ruço de má pello,
De má casta
E de má' cabello,

que eu publiquei in *O Penafidelense*, n.º 508, e que o Sr. Th. Braga tambem transcreveu, *ib.*, *ib.*, dando porém *ruço* como synonimo de *ruivo*, quando *ruço* significa (na Beira, etc.), «cabello loiro esbranquiçado». Sobre outros ditados vid. *Trad. pop.*, p. 257.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

Publicações que podem interessar aos leitores da *Rev. Lusit.*:

— **Compendio da grammatica portugueza**. compilado por Augusto Freire da Silva, S. Paulo 1891 (6.ª ed.). — Noutra occasião fallarei d'esta obra.

— **Antiguidades monumentaes do Algarve** por Estacio da Veiga, Lisboa 1886-1891, in-8.º. — Cfr. supra, pag. 355.

— **Lições praticas de linguagem portugueza** por Candido de Figueiredo. Lisboa 1891. — 2.ª edição na mesma data com o titulo de **Lições praticas da lingua portugueza**. — O auctor é inteiramente hospede em assumptos philologicos, o que não obsta a que escreva com muita filaucia, querendo ousadamente impôr de sabio e de engraçado; por isso esta obra contém erros crassissimos, quer no methodo, quer nos factos, tornando-se prejudicial a sua leitura a quem d'ante mão não possuir já conhecimentos de philologia. Das *Lições praticas* fiz uma anályse critica em artigos do jornal lisbonense *O Dia* (Agosto —

Setembro de 1891) a que o Sr. Figueiredo respondeu, provocando da minha parte novos artigos, que pelo seu lado forão ainda objecto de tréplica. Os artigos sahiram em volumes á parte, e eis aqui as séries:

1) **As «Lições de linguagem do Sr. Candido de Figueiredo»**, por J. Leite de Vasconcellos. Lisboa 1891. Edição de 60 exemplares.

2) **Tosquia de um grammatico**, por Candido de Figueiredo. Lisboa 1891.

3) **Réplica**, por J. Leite de Vasconcellos. Lisboa 1891. Ed. de 60 ex. Folheto de 7 paginas, reproduzido em 2.ª ed., modificada e ampliada, com o titulo de:

4) **O gralho depennado**, por J. Leite de Vasconcellos. Lisboa 1891. Ed. de 300 exemplares.

5) **O golpe de misericordia**, por Candido de Figueiredo. Lisboa 1892.

O Sr. Figueiredo na *Tosquia* pôs por fóra «2.ª edição», sem ter sabido primeira em folheto; e no *Golpe* pôs «3.ª edição», sem ter sahido em folheto 2.ª nem 1.ª! E' que, para armar ao effeito, contou como *edição* a publicação dos artigos no *Dia* e no *Reporter!* Mas ha aqui uma deslealdade bibliographica.

No opusculo *O gralho depennado* refutei completamente, creio eu, todos os erros que o Sr. Figueiredo accumulou na *Tosquia*. O opusculo *O golpe de misericordia* não o li, mas, pelo que me disserão, o auctor mantém os erros primitivos e junta muitos mais, empregando alem d'isso, o que elle já em parte tinha feito na *Tosquia*, uma linguagem chula, sem dignidade, e tocando por vezes no obsceno. Claro está que, desvirtuada assim por elle a polemica, que encetei e sustentei séria e scientificamente, eu não podia continuar a discutir com um adversario d'estes.

J. L. de V.

Portugal no estrangeiro:

— **Os portuguezes de New-Bedford.** Em New-Bedford (America) ha uma importante colonia portuguesa, de origem açoreana, a qual no dia 1.º de Dezembro se não esquece de tambem festejar o anniversario da independencia da sua longinqua patria. Segundo se lê no *Evening Standard*, de 2 de Dezembro de 1890, os festejos consistiram num concêrto e baile no *Club Lusitano*, onde se tocou o hymno de 1640, «Restauração de Portugal», de J. Sullivan. Aquelle jornal consagra mais de meia columna á commemoração de alguns dos factos da nossa historia. Depois de se referir á grande emigração das ilhas dos Açores para a America, que elle attribue á falta de producções do solo açoreano, devida á inactividade dos habitantes, diz o seguinte, que traduzo:

«A diversidade do clima, e talvez o exemplo da nossa activa população da Nova Inglaterra, parece haverem effectuado mudanças nos portuguezes que vieram estabelecer-se entre nós. Agora assemelham-se mais ao industrioso povo da mãe-patria, do que aos inertes habitantes das ilhas tropicaes. Aqui são diligentes, poupados e commedidos, e formam um valioso supplemento á nossa laboriosa população; e se na vizinhança da cidade ha um pedaço de terra brava que deixou de ser esteril, é provavel que na maioria dos casos isso se deva a um português. Quando as suas condições melhoram, elles, mais que nenhuns outros d'entre a nossa população estrangeira, gostam de ter casas bonitas e cêrcas deleitosas. A sua linguagem, que ás vezes ouvimos pelas ruas a grupos de mulheres, é tão musical como o gorgeio das aves».

Ainda em commemoração do 250.º anniversario da revolução de 1640, realizou o Sr. Henrique R. Lang na *Swain Free School* uma conferencia pública em que leu e commentou o canto IV e varios trechos dos *Lusiadas* de Camões. O sr. Lang, que é de nação suissa, mas que vive em New-Bedford, onde se dedica ao professorado, esteve ha pouco em Portugal para se aperfeiçoar no conhecimento da nossa lingua (que elle porém já sabia como poucos estrangeiros a sabem), e para preparar uma edição critica das poesias do rei D. Dinis: por isso é de presumir que a sua prelecção fosse feita com muita consciencia, tanto mais que este senhor tem já escrito varios artigos sobre coisas nossas, e sabemos que está elaborando outro para ser publicado em Portugal, na *Revista Lusitana*, a proposito do dialecto português de New-Bedford, do qual já aqui deu uma ligeira amostra no vol. I, pag. 378-379. — Pois que ao sr. Lang merecem tanto affecto e inte-

resse os assumptos da nação portuguesa, receba elle cá de longe o tributo do nosso respeito e da nossa gratidão sincera (1).

— Segundo vi em alguns jornaes do nosso país, o Sr. Sant'Anna Nery, escritor brazileiro, ha muito residente em Paris, conseguiu ahi que a lingua portuguesa fosse equiparada á italiana, hespanhola, etc., como preparatorio para o bacharelato em lettras.

— **Tales of Old Lusitania**, *from the Folk-Lore of Portugal*. Trasl. by Henriqueta Monteiro. London, Ywan Sonnenschein, 8.º (2 shell. 6). — Não vi ainda este livro, mas creio que os contos traduzidos são das collecções do Sr. Adolpho Coelho. — A Sr.ª D. Henriqueta Monteiro já traduziu tambem para inglês, sob o titulo de *Portuguese Folk-Tales* (Londres 1882), varios contos pop. colhidos pelo Sr. Consiglieri Pedroso.

— A respeito do livro de Richard Otto, **Infinitiv bei Camões** (cfr. *Rev. Lusit.*, I, 394) sahiu uma noticia bibliographica in *Roman. Forsch.*, VI, 299-398.

— A respeito da *Grammatica Portuguesa* de Julio Ribeiro (S. Paulo 1881), vid. critica bibliographica in *Rev. de linguist.*, XXII, 203.

— **Folk-Lore brésilien** por F. J. de Sant'Anna Nery, Paris 1889, in-8.º. Sobre elle vid. critica in *Journal of Amer. Folk-Lore*, II, 79-80; *Polybiblion*, Agosto de 1889 (art. de Th. de Puymaigre); *Rev. du monde lat.*, Março de 1889 (do mesmo); *Rev. des langues romanes*, 4.ª serie, II-472. Elogios em todos os artigos.

— Sylvio Romero, **Ethnographia brazileira**, *estudos criticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theophilo Braga, e Ladislao Netto*, Rio de Janeiro 1888 (vid. critica d'este trabalho in *Revue Critique*, nova serie, XXVII, 141). — Cfr. do mesmo auctor: *Uma esperteza*, Rio de Janeiro 1887.

— **Spanish and Portuguese Bull-fighting** (corridas de toiros), — por Oswald Crawfurd. In *Fortnightly Rev.*, Agosto, nova serie, XLVI, 263-270.

— A respeito dos **Dialectos crioulos-portugueses** de A. de Paula e Brito (publicados no *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1887, n.º 10), sahiu um art. critico pelo dr. H. Schuchardt in *Literaturbl. f. germ. u. rom. Philolog.*, X, 452-458.

— **La arqueologia de España** por Emilio Hübner, Barcelona 1888. — Magnifico manual ácerca das fontes do estudo da archeologia hespanhola e portuguesa: geographos e historiographos antigos, inscripções, moedas, monumentos, e respectiva bibliographia. O Sr. Hübner, alem de ser um epigraphista distinctissimo, conhece em particular muito bem a archeologia de Portugal e Hespanha; por isso o seu livro é um guia seguro. — Lamento que o livro se não intitulasse, como devia ser, **La arqueologia de España y Portugal**, pois, como o Sr. Hübner sabe perfeitamente, *España* não representa hoje o nome da peninsula; e dizer *España* por *Portugal e España* é uma inexactidão geographica, ainda mesmo em relação á antiguidade, porque nessa epocha a peninsula se chamava *Hispania* ou *Iberia*.

J. L. de V.

---

(1) Esta noticia tinha-a eu já publicado n'O *Dia*, de 23 de Dezembro de 1890, d'onde foi transcrita para outros jornaes portugueses.

CHRONICA

Na *Academia de Estudos Livres* de Lisboa realizou no anno lectivo de 1891-1892 o sr. F. Adolpho Coelho, professor do Curso Superior de Lettras, algumas conferencias sobre anthropologia geral, como introducção á ethnologia portuguesa, de que elle tencionava occupar-se.

*

Na mesma Academia deu tambem o signatario d'estas linhas algumas lições públicas sobre a origem da lingua portuguesa, grammatica historica d'esta, e latim barbaro dos nossos documentos do sec. x em deante, como introducção a um curso de lingua portuguesa archaica.

*

Durante a publicação do 2.º vol. da *Rev. Lusit.* o museu archeologico da Bibliotheca Nacional de Lisboa foi enriquecido com muitos objectos, uns adquiridos pelo Estado, outros que lá forão depositados. Entre os primeiros avulta a collecção que se refere ao culto do antigo deus *Endovellico*, e consta de inscripções, estatuetas, etc.: cfr. os meus opusculos *O deus lusitano Endovellico*, Lisboa 1880; e *Novas inscripções de Endovellico*, Barcellos 1890-1891.

*

A *Associação dos archeologos* installada no Museu do Carmo de Lisboa está reformando os seus estatutos, e vae recomeçar a publicação do seu *Boletim*, tornando-o periodico. Este ultimo facto póde preencher uma grande lacuna, poisque, com o fallecimento de Borges de Figueiredo, terminou a *Revista Archeologica* do mesmo auctor, e não ha em Portugal nenhum jornal consagrado exclusivamente a taes estudos.

J. L. de V.

INDICE

Artigos desenvolvidos:

Miscellanea:

Necrologia:

Bibliographia:

I. Livros:

II. Periodicos:

III. Varia quaedam:

Portugal no estrangeiro: